ALFREDO PEREIRA TAVEIRA
CORONEL DO ESTADO MAIOR

A DEFEZA
DE
PORTUGAL

SUMMARIO HISTORICO
(1640-1815)

LISBOA
Typ. da Cooperativa Militar
—
1906

DEFEZA DE PORTUGAL

PRIMEIRA PARTE

AS LUCTAS PELA INDEPENDENCIA NACIONAL

A victoria é dos mais aptos.

Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/summariohistoric01tave

SUMMARIO HISTORICO

SOBRE A

DEFEZA DE PORTUGAL

CONSIDERADA SOB O PONTO DE VISTA
DA PREPARAÇÃO DA GUERRA

PRIMEIRA PARTE
(1640-1815)

PELO CORONEL DO ESTADO MAIOR

ALFREDO PEREIRA TAVEIRA

SEGUNDA EDIÇÃO
Revista e augmentada

LISBOA
Typ. da Cooperativa Militar
—
1906

A Sua Excellencia

O Ministro da Guerra

Sr. Antonio Carlos Coelho de Vasconcellos Porto

Homenagem de sincera consideração
e de antiga amisade de

A. P. Taveira.

2208392

Ao

Dignissimo e Illustradissimo Coronel

Ex.mo Sr. Conselheiro

Sebastião Telles

Em testemunho de consideração pelo seu relevante merito e conhecido talento

O D. C.

O auctor.

Meu prezado coronel

As demoras inherentes á publicação dos meus artigos na *Revista do Exercito e da Armada* têem feito com que só agora possa gostosamente cumprir a promessa de dedicar este trabalho a V. Ex.ª, feita por occasião da minha saída de Lisboa para vir exercer as funcções de chefe do estado maior da 2.ª divisão militar.

Apesar d'essas delongas, apesar do meu cargo me absorver a melhor parte do meu tempo e attenção, e apesar de me ver tão afastado da capital, onde melhor e mais depressa poderia ter levado a cabo esta improba tarefa, não se me quebrantou o animo a ponto de desistir do trabalho.

Comtudo não continuarei a publicar em artigos a segunda parte da mesma obra, que trago já entre mãos. Apparecerá a seu tempo um outro volume como aquelle que agora sáe á luz, abrangendo as materias que tenho colligido desde 1815 até á actualidade.

A ninguem melhor do que a V. Ex.ª, que tanto e tão sabiamente tem contribuido para a resolução dos grandes e difficeis problemas da defeza do paiz, podia eu offerecer o livro resultante das minhas pacientes investigações.

Attestam irrefutavelmente esta minha asserção os notaveis livros publicados por V. Ex.ª em 1884 e 1894, podendo considerar-se este segundo como a ultima palavra sobre o assumpto da defeza do paiz. Comprovam-a tambem os seus desvelados trabalhos e assiduos esforços como secretario da commissão superior de guerra. Affirmam-a ainda a racional organisação do exercito, posta em execução em 1899, e os convenientes regulamentos que immediatamente a seguiram. Comprovam-a, finalmente, os proficientes discursos de V. Ex.ª na camara dos dignos pares do reino, a proposito das modificações ultimamente introduzidas n'aquella organisação.

Em homenagem, pois, ao desvelado interesse que V. Ex.ª sempre tem manifestado pela defeza do nosso paiz, como um bom portuguez amante da sua patria, faço esta dedicatoria, esperando que que V. Ex.ª receberá com indulgencia este meu atrevimento de lhe consagrar como tributo de amisade e reconhecimento pessoal um trabalho imperfeito e deficiente.

Sou, com a mais alta consideração e estima

De V. Ex.ª

Sincero amigo, venerador e muito grato

Vizeu, 16-6.º-1902.

A. P. Taveira.

INTRODUCÇÃO

E' muito curioso e interessante seguir passo a passo o que se tem feito e escripto sobre a defeza do nosso paiz, ainda que seja summariamente.

E' tambem muito instructivo recordar as operações militares realisadas no nosso territorio nas passadas campanhas para a salvação da independencia nacional e para a conquista da liberdade politica.

Se bem que os exercitos mais numerosos da actualidade, as vias de communicação rapidas, as novas armas de fogo, e os modernos systemas de fortificação, differem muito do que eram n'esses tempos, não deixa de ter alguma utilidade o estudo d'essas campanhas, como subsidio historico para o estudo estrategico do paiz, e para os estudos e trabalhos da preparação da guerra e da defeza do reino, que andam sempre intimamente ligados.

Não é preciso comtudo remontar aqui aos primeiros tempos da nossa monarchia, nascida em plena edade media.

Os reinados dos nossos primeiros monarchas foram um continuo batalhar, já para tornar livre e independente o pequeno *feudo*, que o conde D. Henrique alcançára da real munificencia de D. Affonso VI, rei de Leão, já para alargar os seus dominios com as terras conquistadas aos mouros.

Mas essas batalhas foram, segundo o modo de fazer a guerra na edade media, a expressão mais explendida do individualismo humano. Cada guerreiro combatia de por si só. A batalha era o conjuncto de todos os combates singulares. Manobras tacticas,

movimentos estrategicos, e combinações bellicas, quasi se não descortinam n'essas epochas.

A arte da guerra mal seguia então os preceitos tacticos e estrategicos dos antigos capitães da Grecia e de Roma. E' só a partir do seculo XVII que se vêem taes preceitos applicados em mais larga escala por Gustavo Adolpho, Turenne, Frederico e Napoleão.

São por isso pouco instructivas para o nosso fim as operações militares das dùas primeiras dynastias portuguezas. Apenas offerece algum interesse a invasão de 1385 que terminou com a celebre batalha de Aljubarrota, e a invasão de 1580 de que resultou o captiveiro de sessenta annos sob o insupportavel jugo de ferro castelhano.

Ainda assim o bom resultado d'esta invasão foi mais um effeito da corrupção e do desalento geral dos portuguezes do que da força das armas castelhanas.

Começaremos, pois, este estudo na elevação ao throno portuguez da actual dynastia da serenissima casa de Bragança.

Para maior clareza de exposição, dividiremos este longo espaço de dois seculos e meio em duas partes correspondentes ás luctas com os estrangeiros, e ás luctas internas, e cada uma d'estas partes em cinco periodos, tomando para base d'esta subdivisão os grandes acontecimentos que deram a cada periodo um cunho especial.

Taes foram com relação á primeira parte a restauração da nossa independencia depois do dominio hespanhol, as grandes reformas do insigne estadista marquez de Pombal, a influencia da revolução franceza em todas as nações da Europa, o dominio de Junot e a guerra peninsular que d'ahi resultaram.

I PERIODO

A RESTAURAÇÃO

DA

INDEPENDENCIA PORTUGUEZA

(1640 — 1750)

I PERIODO

CAPITULO I

Guerra da acclamação de D. João IV

(1640—1668)

Preparativos da guerra.—Senhores de Portugal pela injusta invasão de 1580, os reis de Castella, usaram d'um pessimo systema governativo, tendo por alvo reduzir o reino a provincia de Hespanha, contrariamente ao acto constitucional de 1582. Empregaram todos os meios para o reduzir á ultima extremidade, de modo que não tivesse forças para se libertar do seu jugo. Todos os nobres, tropas regulares, dinheiro, armas e cavallos eram enviados para fóra do paiz, afim de engrandecer os exercitos castelhanos nas guerras que por então tinham com a França e a Hollanda. As terças dos concelhos que os povos pagavam para reparo das fortificações do reino eram enviadas para Madrid, de sorte que as nossas fortalezas cahiam em ruinas por falta de recursos.

Não havia exercito, e para o organisar faltavam soldados, armamentos e munições. Os arsenaes estavam vasios. Carecia-se de tudo e a urgencia do perigo exigia promptidão de recursos. As circumstancias não podiam ser mais criticas.

Assim se tinham aniquilado todos os nossos elementos de defeza, como convinha á Hespanha. Todavia levantou-se uma forte resistencia nacional n'um rasgo sublime de desespero.

A gloriosa restauração da independencia de Portugal em 1640, e a restituição da corôa portugueza ao seu legitimo herdeiro, o duque de Bragança, deu inevitavelmente logar á longa guerra,

chamada da acclamação, e tambem da restauração, ou da independencia.

Por felicidade nossa, a Hespanha não podia então dispôr de grandes forças contra Portugal, por isso que andavam empenhadas nas guerras com as outras nações, e na sua propria provincia da Catalunha, completamente rebellada, por influencia da França.

Acclamado el-rei D. João IV, tirou logo partido d'essa feliz circumstancia, apressando-se a preparar-se para a guerra.

Uma das suas primeiras providencias foi a creação do *conselho de guerra* permanente, especialmente incumbido de dar parecer sobre os negocios da milicia e da guerra [1]. Foi composto de dez conselheiros escolhidos entre os militares mais notaveis e d'um secretario, e devia reunir-se immediatamente em uma das salas do paço sem dependencia de regulamento, que depois se lhe daria. As consultas deviam ser submettidas a el-rei em maços cerrados, baixando resolvidas na mesma forma, assim como quaesquer ordens e papeis de expediente ordinario.

Para o serviço e defeza das fronteiras instituiu tambem el-rei uma *junta*, formada de seis membros e um secretario, que devia reunir e funccionar todos os dias em um dos aposentos do paço com o dito conselho de guerra.

A' creação d'estes corpos consultivos se deveram muitas e acertadas providencias, que ainda hoje se podem consultar na collecção dos decretos e livros de registo que devem existir hoje no archivo da Torre do Tombo [2].

A actividade e patriotismo com que se andou para a defeza do paiz foi tal que em pouco tempo as fronteiras se acharam não só seguras de todo o insulto mas capazes de poderem apoiar os nossos ataques offensivos.

«Em todos os logares do reino se viam os povos á porfia «trabalhar nas fortificações, levantar gente, comprar cavallos, e conduzir armas.» [3]

Para obter *dinheiro*, que é o nervo da guerra, resolveu-se nas côrtes, que por vezes se reuniram, «mandar que se lançasse o «imposto da decima em todas as propriedades, e em quaesquer «rendimentos provenientes de officios ou mercês e de commercio. «Por sua parte, D. João IV cedeu para as despesas da guerra «todas as joias, baixellas, e rendimentos da casa de Bragança,

---

[1] Decreto de 11 de dezembro de 1640.

[2] **Chaby**, «*Synopse dos decretos remettidos ao extincto conselho de guerra.*»

[3] *Portugal Restaurado*, pelo **conde da Ericeira**, t. I, pag. 215.

«reservando apenas os que eram estrictamente indispensaveis «para o sustento da sua pessoa e familia.

«Com estes e outros impostos e com os grandes donativos «da casa de Bragança se foram custeando as immensas despesas «de armamento e munições de guerra, da organisação do exer-«cito e da armada, da reparação de praças, e das primeiras cam-«panhas.» [1]

Houve tambem muitas offertas patrioticas para remediar a necessidade de meios pecuniarios, como foram o *real d'agua* para conservação das fortificações locaes, e os soccorros promptificados pelos povos para manutenção e armamento das milicias e ordenanças.

O exercito, um dos principaes elementos da defeza d'um paiz, foi reorganisado, segundo o systema creado anteriormente por el-rei D. Sebastião.

Dividia-se em 3 partes: *tropas pagas*, destinadas a sahir em campanha; *terços de auxiliares*, que deviam acudir ás fronteiras, e terços ou companhias de *ordenanças*, destinadas ás guarnições das praças e fortalezas.

O recrutamento obedecia já aos principios do serviço obrigatorio, hoje tão preconisado. «Não se exceptuava pessoa alguma «desde a maior esphera ás de inferior qualidade, desde os moços de 15 annos até aos decrepitos de 60.» [2]

A infantaria compunha-se de: *piqueiros*, levando cada soldado um pique e espada; *arcabuzeiros*, levando cada um seu arcabuz, que era uma especie de espingarda curta e de boca larga; e *mosqueteiros*, armados de mosquete (que era uma espingarda reforçada), de espada, e adaga. [3]

Os cavalleiros iam armados de lança.

A força do exercito foi variavel nas differentes campanhas da guerra da restauração.

As côrtes de janeiro de 1641 fixaram a força armada em 26:000 homens e 4:000 cavallos.

Havia, com effeito, em 1641: 24 a 25:000 homens de tropas pagas, egual numero de auxiliares que serviam sem soldo algum, e um numero indeterminado de ordenanças, que só em Lisboa era de 15:000 homens. [4]

Em 1652, o numero de tropas pagas reduziu-se a 18:000

---

[1] **Vilhena Barbosa**, «*Estudos Historicos*».
[2] «*Portugal Restaurado*», t. I, p. 216.
[3] «*Memoria Estatistico-Historico-Militar*», de **Gouvêa Pinto**.
[4] *Ibidem*.

homens. Em 1665 era o mesmo numero elevado a 20:000 homens. [1]

Nas principaes acções da guerra combateram contra forças inimigas muito superiores em numero: [2]

	Infantes	Cavallos	Peças d'artilheria
Na batalha de *Montijo*	6:000	1:100	6
Em soccorro de *Olivença*	10:000	2:000	14
No sitio de *Badajoz*	14:000	3:000	20
Nas linhas de *Elvas*	10:500	2:500	7
Na batalha do *Ameixial*.....	12:000	3:000	15
Na batalha de *Castello-Rodrigo*..	2:500	500	2
Na batalha de *Montes-Claros*....	15:000	5:500	?

Como a instrucção militar da nossa gente era nulla, fizeram-se pedidos de tropas estrangeiras, e officiaes para as instruir e commandar, e alguns contingentes vieram da França, Inglaterra e Hollanda.

Compraram-se tambem cavallos no estrangeiro, pela grande falta que d'elles havia no paiz, organisando-se entretanto caudelarias nacionaes para facilitar as remontas.

Ordenou-se o armamento de navios de côrso, o apresto de armadas, e a nomeação de officiaes para ellas.

Procedeu-se sem demora ao provimento dos governadores das armas para as provincias, dos governadores para as praças de guerra, dos mestres de campo para commandar os terços de auxiliares, os capitães-móres para as ordenanças, e outras nomeações d'auctoridades militares e civis.

Entre os estrangeiros ao serviço de Portugal houve dois que merecem aqui uma menção especial. Um foi o jesuita Cosmander, de nação flamengo, insigne mathematico, e que foi aproveitado na direcção dos trabalhos de muitas fortificações do reino. [3]

O outro foi o *conde de Schomberg*, allemão de origem e general experimentado nas campanhas de Flandres, que pelo seu saber e posição foi nomeado mestre de campo general do nosso exercito, e pelos seus sabios conselhos e habil direcção prestou tão valiosos serviços na provincia do Alemtejo, que póde dizer-se que foi elle a *alma do exercito*, e um terrivel inimigo contra a

---

[1] *Ibidem.*

[2] *Conde da Ericeira, «Portugal Restaurado».*

[3] Na *Consulta do conselho de guerra* n.º 222, de julho de 1642, vê-se que foi encarregado de reformar a fortaleza de Outão, na barra de Setubal.—Na *Revista Militar* de 1853, pag. 450, encontra-se uma nota d'outros serviços d'esse consumado engenheiro.

Hespanha. [1] «Este homem singular, que alistando-se em empre-«zas arriscadas foi ao mesmo tempo marechal na França, grande «em Portugal, depois duque, par e generalissimo na Inglaterra, «foi o *salvador de Portugal*, e a elle deve a casa de Bragança «ter firmado na sua cabeça a corôa do reino.» [2]

Fortificações do reino.—Quanto ás fortificações, elemento passivo da defeza, e que, segundo o fim que levamos em vista n'este estudo, deve ser tratado aqui com mais particularidade, «ordenou-se que se reparassem os castellos, fortalezas e muros, «e se fizessem outras de novo, e todas fossem guarnecidas e pro-«vidas, como fosse possivel, applicando-se para este objecto o «rendimento das terças dos concelhos, como estava determi-nado:» [3]

Muitas d'essas fortificações eram os antigos castellos dos mouros, collocados em sitios elevados e avistando-se mutuamente, podendo assim servir de atalayas e de communicações telegraphicas por meio de luzes e signaes. Outras fortificações eram do systema feudal, isto é, povoações com castellos fortes, servindo de reducto, e cercadas de muralhas, muitas das quaes foram mandadas levantar pelos nossos reis da primeira dynastia, especialmente D. Diniz e D. Fernando. No reinado de D. João IV, começou-se a applicar (sob a direcção de Cosmander) o systema abaluartado, em voga na Europa por esse tempo. Foi assim que se levantou o forte de Santa Luzia e se melhorou principalmente a praça d'Elvas, a mais consideravel da fronteira.

Eram muito numerosas as fortificações que se mantiveram durante este periodo, defendendo, segundo as doutrinas d'aquelle tempo, e ainda do seculo XVIII, todos os pontos da costa de facil desembarque, e as passagens mais accessiveis da fronteira terrestre, ou d'onde melhor se poderia partir para atacar o paiz vizinho.

Vamos fazer a sua enumeração, tendo á vista uma obra d'aquella epocha [4], em que se acha um capitulo curioso, com o seguinte titulo:

---

[1] Vide o capitulo a respeito do *conde de Shomberg*, devido á penna do illustre professor **Christovão Ayres**, na sua «*Historia organica do exercito portuguez*», vol. 2.º, pag. 26.

[2] **Calderon**, «*De la Conquista y Pérdida de Portugal*», t. II, pag. 11.

[3] «*Memoria Estatistico-Historico-Militar*».

[4] «*Memorias Militares*», de **Antonio do Couto Castello Branco**, impressa em 1719, mas escriptas muito antes, como se deduz na introducção do livro.

Das praças, cidades, castellos, fortes, reductos, onde el-rei de Portugal tem artilharia de guarnição, e das de Castella, que fazem frente ás de Portugal

1.º — *Sobre o rio Minho* havia: as praças de Caminha (frente á Guardia), Villa Nova da Cerveira (frente a S. Payo), Valença (frente a Tuy), Monção (frente a Salvaterra) e Melgaço (frente a Marreco).

Valladares tambem é citada pelo auctor, mas não como praça.

2.º — *Na raia secca desde o Minho ao Douro* havia: Castro Laboreiro no alto da serra entre os rios Minho e Lima, e as praças de Lindozo, Montalegre, Chaves com os fortes annexos incluindo o de Villarelho da raia, Monforte de Rio Livre, Vinhaes, Bragança e Outeiro; mais o castello de Vimioso (frente a Alcaniças).

3.º — *Sobre o rio Douro:* as praças de Miranda (frente a Zamora), e Freixo de Espada á Cinta.

4.º — *Sobre o rio Côa,* que constitue uma importante linha defensiva natural na fronteira da Beira Alta: as praças de Almendra, Castello Rodrigo (frente ao castello de San Felicis), Almeida (frente a Ciudad Rodrigo), Castello Bom, Castello Mendo, Villar Maior e Alfaiates.

5.º — *Na fronteira da Beira Baixa,* em primeira linha: a praça de Penamacôr (entre a serra das Mezas e a ribeira d'Erges); e sobre esta ribeira que marca a fronteira, as praças de Penhagarcia, Salvaterra do Extremo (frente ao castello de Penafiel), Segura, Zibreira e Rosmaninhal (frente á praça de Alcantara). — Em segunda linha, marcada pelo rio Ponsul, havia as praças de Monsanto, Idanha a Velha, Idanha a Nova e Castello Branco.

6.º — *Na fronteira do Alto-Alemtejo,* entre o rio Tejo e a serra de S. Mamede, havia: as praças de Castello de Vide, Marvão (frente a Valencia d'Alcantara), Portalegre e mais á rectaguarda o Crato. Entre a serra e o Guadiana, como esta zona de terreno é muito aberta, havia um xadrez de praças e castellos da maneira seguinte: em primeira linha as praças de Arronches, Campo Maior e Elvas já com o forte de Santa Luzia separado da praça; em segunda linha as praças de Estremoz, Villa Viçosa e Juromenha; fechando alguns intervallos entre todas essas praças havia os castellos de Alegrete, Ouguella, Barbacena, Monforte e Veiros. A' rectaguarda de todo o systema a praça de Evora com o forte de Santo Antonio. Sobre o rio Tejo, assegurando as communicações entre as duas zonas precedentes, havia a praça de Abrantes.

7.º — *Sobre a fronteira do Guadiana* havia na margem esquerda: as praças de Olivença (hoje em poder da Hespanha), Mourão, Moura e Serpa; mais o castello de Nodar, proximo de Barrancos. Na margem direita do Guadiana havia, além de Juromenha já citada, as fortificações de Terena, Monsaraz, e as praças de Mertola, Alcoutim e Castro Marim (frente a Ayamonte). A' rectaguarda da linha do Guadiana, a meia distancia entre Juromenha e a foz do rio mantinha-se a praça de Beja.

8.º — *Na costa do Algarve* e do poente até ao Sado havia: as praças de Faro e Lagos com seus fortes e fortalezas annexas na barra e costa

do mar; mais as fortalezas de Cacella, barra de Tavira, Quarteira, Albufeira, Pera, barra de Portimão, Alvor, Sagres, Cabo de S. Vicente, Carrapateira, Villa Nova de Milfontes e de Sines.

9.º — *Na costa e porto de Setabal* havia; os fortes de Nossa Senhora do Cabo, do Cavallo, de Cezimbra, da Arrabida, do Outão na barra do Sado, de Nossa Senhora da Ajuda sobre o rio, o castello de S. Filippe e a praça de Setubal.

10.º — *Na costa e porto de Lisboa:* as praças de Cascaes e de Lisboa; *na costa,* os fortes de S. Braz, de S. Jorge, de Nossa Senhora da Guia, de Santa Martha, de Nossa Senhora da Luz, dos Innocentes, de S. Roque, da Cruz de Santo Antonio, de S. Theodozio, de S. João, de Santo Antonio, de S. Domingos de Rana; *na barra do Tejo,* a fortaleza de S. Julião, a torre de S. Lourenço ou do Bugio, e os fortes de Santo Amaro e de S. João das Maias; *na margem direita do rio,* os fortes de S. Pedro d'Arcos, de Porto Salvo, de S. Bruno, de Nossa Senhora do Valle, de S. Francisco da Boa Viagem, de Nossa Senhora da Boa Viagem, de S. José, de Nossa Senhora da Conceição de Pedrouços, a fortaleza de S. Vicente de Belem, o forte de S. Pedro de Belem, de S. João da Junqueira, do Sacramento, de S. João de Deus, do Terreiro do Paço, de Santa Apolonia, de S. Francisco de Xabregas, e o castello de S. Jorge dentro da praça de Lisboa [1]; *na margem esquerda do rio,* os fortes da Trafaria, a Torre Velha cruzando com a de Belem, da Fonte da Pipa, de Cacilhas e o castello de Almada.

11.º — *Na costa desde o cabo da Roca até ao Douro:* os fortes da Roca, de Santa Maria Margueira, da Ericeira, de S. Pedro de Milregos, do Porto Novo, de Nossa Senhora dos Anjos, de Nossa Senhora da Consolação, da Nazareth, e a praça de Peniche; as fortalezas da barra da Figueira, de Buarcos e da barra d'Aveiro.

12.º — *Na costa do Douro ao Minho:* a praça do Porto, o castello de S. João da Foz na barra do Douro, os fortes de Mattozinhos e de Leixões, o castello de Villa do Conde, o forte de Espozende, o castello da barra de Vianna, os fortes de Montedôr, de Porto de Cam, de Rio de Fontes, de Ancora, e a fortaleza da Insula na barra do Minho.

Nas ilhas adjacentes e nas colonias havia tambem bastantes fortificações do mesmo genero, de que o citado livro faz menção.

*

Sobre a importancia de tantas fortificações, e da sua construcção, armamento, abastecimento e guarnições, durante o periodo que aqui tratamos, encontram-se muitos documentos na collecção dos decretos, livros e consultas do *conselho de guerra,* já referido.

---

[1] O que era esta cidade n'aquelles tempos póde vêr-se na planta levantada em 1650 por João Nunes Tinoco, com o titulo *Planta da cidade Lisboa e suas fortificações,* que foi lithographada em 1853.

E' uma mina importante a explorar pelos estudiosos, que quizerem dedicar-se não só á historia especial da fortificação e defeza do nosso paiz, como em geral á historia militar de Portugal.

Reproduzimos, por exemplo, aqui um interessante trecho ácerca da fortificação de Lisboa, que nos dá um illustrado auctor, [1] fundado n'esses documentos:

«Cingida por toda a parte pelo mar e pela dilatada fronteira castelhana, não ignorava *(el-rei D. João IV)* que a estreita orla de terra, que constitue Portugal, estava aberta por todos os lados á invasão das armadas e das tropas hespanholas, e curando do perigo antes do infortunio, não descançou, estimulando a organisação de forças regnlares e sufficientes. Tudo faltava e tudo instava pela brevidade.

«Estar preparado era condição essencial e para isso carecia-se de crescer com os muros desmantelados das praças de guerra, formar depositos e arsenaes, e nada d'isto se podia fazer sem grossos cabedaes, que são o nervo das armas. Formou el-rei para se ajudar de seus votos n'este empenho o *conselho de guerra* e a junta do provimento das fronteiras e uma das primeiras propostas do conselho foi a da *fortificação de Lisboa,* exposta aos insultos navaes e patente ao golpe repentino d'uma invasão. Pedia a obra despesa larga e dilação de tempo. Muitos a condemnaram logo por inutil; recordando que a cidade já por duas vezes rompera o cinto de suas muralhas, e sustentando que os verdadeiros baluartes d'essa capital eram os peitos dos muradores. Não prevaleceu, comtudo, esta oqinião. Mudados os tempos, não podiam consentir os progressos da arte da guerra, que continuasse indefensa uma terra, que sua riqueza e posição tinham feito cabeça da monarchia. Vencida a rasão de utilidade, restava só a discussão dos meios. Não havia dinheiro, nem engenheiros capazes da empresa. Sobre estes dois pontos se concentraram os debates...

«Adoptou-se um systema que continha 32 baluartes e a circumvallação desdobrava-se, abraçando sem necessidade para os methodos de expugnação da epocha immensa área.. Porem apenas se fizeram alguns aterros, fossos e paredões... *Lisboa ficou descoberta,* e Elvas, Olivença, Cascaes e outros presidios foram, com o braço valoroso dos soldados portuguezes, os unicos padrastos em que sua defeza se estribou.»

*

Travaux de Mars, ou l'art de la guerre, par Manesson Mallet

E' este mais um dos antigos livros que tratam da fortificação do reino na epocha da restauração. [2] O seu auctor foi um dos estrangeiros que vieram para Portugal com o conde de Schomberg, no posto de sargento mór de artilharia.

Durante a guerra foi encarregado de levantar plantas e reali-

---

[1] **Rebello da Silva**, «*Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*», vol. 4.°, p. 220.

[2] E' citado por *Christovam Ayres,* (*Op. cit.*)

sar modificações e obras em muitas fortalezas. Entre outras levantou as plantas de quasi todas as fortalezas do Alemtejo, como tambem as de Lisboa e de S. Julião da Barra, e modificou e corrigiu as praças de Arronches, Estremoz e Evora.

O livro apresenta algumas plantas e perspectivas de algumas das praças do Alemtejo.

Planos de defeza do reino. — A proposito dos apercebimentos para a defeza do paiz n'esta guerra mostra-nos *Rebello da Silva* [1] que se devia considerar como mais provavel *a invasão pelo Alemtejo.*

«Dividia-se então o reino em seis provincias, Algarve, Alemtejo, Extremadura, Beira, Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes. Differentes no relevo e accidentes do terreno, na densidade da população, e no caracter e industria dos habitantes, eram diversas tambem as suas condições em relação ás facilidades da invasão. Alemtejo, toda planicies rasas na parte que olha ao Guadiana, foi o theatro, onde a lucta encrueceu e onde as grandes occasiões se proporcionaram frequentes. Ahi necessitava-se de cavallaria e de numerosa artilheria abundante e bem servida. Entre Douro e Minho, cortada de montes, de passos difficultosos, e de tractos asperos, pedia mais infantaria e defendia-se com menor esforço. Na Beira e Traz-os-Montes as difficuldades naturaes oppunham ainda maior resistencia. O Algarve pouco sentiu a inquietação das armas, e a Extremadura, o coração do paiz, nunca foi alcançado do ferro dos inimigos.

«A invasão pelo sul tinha de caminhar por entre *Elvas* e *Castello de Vide* para desembocar no valle do Tejo perto de *Abrantes,* ou para correr pela margem esquerda até defronte de Lisboa. Em ambas as direcções, reparadas as praças fronteiras, que um exercito n'aquelle tempo não se atreveria a deixar nas costas, haviam os castelhanos de encontrar, como de feito encontraram sempre, poderosos embaraços na dilação dos cercos e das marchas, na estreiteza dos fornecimentos e no soccorro efficaz das forças nacionaes colligidas no interior do paiz.

«A aggressão pelo norte só podia ser tentada com esperança abaixo de *Almeida* no plano alto que se estende até aos primeiros morros dos Córregos do Zezere, nos tres pontos fracos de *Rosmaninhal, Salvaterra* e *Alfaiates.* Os hespanhoes, comtudo, limitaram sómente a entradas e corridas as hostilidades por este lado, sem nunca se alongarem da raia.

«As serranias e terrenos alpestres de Traz-os-Montes tão faceis de guardar com poucos soldados desanimaram os seus generaes. Por *Castello Branco* ao longo do Zezere, rio fundo e caudal, bordado de ribas fragosas, tambem nenhum d'elles ousou nunca penetrar, assustado pelas ameaças d'aquella corrente entalada entre montanhas despenhadas e cumieiras rotas de precipicios, onde um punhado de homens resolutos bastaria para deter e aniquilar exercitos.

---

[1] Obra citada.

«Não admira, portanto, que o maior peso da guerra opprimisse o Alemtejo, e que os esforços do governo de Madrid convergissem para romper por esta parte o caminho de assoberbar Lisboa, e com ella o resto do paiz.

«Sem levantar mão de outros pontos, voltou el-rei D. João IV para aquella fronteira suas primeiras diligencias, certo de que seriam por ali os rebates mais fortes e repetidos do inimigo».

As seguintes obras dão tambem esclarecimentos sobre os planos de defeza e operações da guerra.

*

Memoria da disposição das armas castelhanas, que injustamente invadirão o reino de Portugal no anno de 1580; despertadora do valor portuguez para não temer; da prudencia e conselho para ordenar o presente; da prevenção e cautella para dispôr o futuro. — *Lisboa, 1655*

E' uma das obras mais antigas concernentes á defeza do reino [1]. Foi seu auctor **Frei Manuel Homem**, dominicano e mestre de theologia na sua ordem, e examinador das tres ordens militares.

Os capitulos 11.º a 18.º d'essa obra são consagrados á defeza do paiz, investigando e assentando os meios de frustrar os intentos dos castelhanos, se, como era natural por lhe ter sido tão efficaz em 1580 seguissem outra vez o plano de invasão do duque de Alva, que, como é sabido, consistiu n'uma combinação de operações por terra e por mar [2].

O exercito, partindo de Badajoz, effectuou uma marcha facil pelo Alemtejo até Setubal, porque as praças d'esta provincia tinham fracas guarnições, e alguns dos seus governadores estavam comprados pelo invasor, de maneira que logo lhes abriram as portas.

A esquadra, partindo de Cadiz, entrou no porto de Setubal com identica facilidade, e recebeu a bordo uma boa parte do exercito, que foi desembarcar em Cascaes.

D'ahi, emquanto o exercito ia tomando as fortificações da margem direita do Tejo, a esquadra entrou a barra, e foi subindo

---

[1] E' muito rara. Fez-se segunda edição em 1763. Ha um exemplar na bibliotheca do estado maior.

[2] Sobre esta invasão póde consultar-se a citada «*Historia*» de *Rebello da Silva*.

o rio, até que os desastres do combate de Alcantara, e do combate naval dentro do rio, lhes ahriu as portas de Lisboa.

O auctor, deixando de parte a entrada pelo Alemtejo, toma em consideração a tomada de Setubal e seu porto, e assenta que se deve ter grande cuidado com a sua defeza. Nota que esses factos não se teriam dado, «se as torres, que defendem a barra «de Setubal, tivessem a prevenção necessaria para rechaçar a «armada inimiga, e lhe impedir a entrada. Nem tambem os cas«telhanos ganhariam a praça, se estivesse fortalecida com fortes «muros. Faltou esta fortificação tão necessaria, e queira Deus «que hoje não falte».

Accrescenta que importava muito mandar reformar a torre do Outão na entrada da barra de Setubal, e «tambem prover os ba«luartes do rio d'esta cidade de tão boa artilheria, que se não «atreva o inimigo a commetter a sua entrada».

O novo invasor que se apoderar de Setubal, em logar de seguir o partido tomado pelo duque d'Alva, póde adoptar outros meios de chegar a Lisboa, o que não deixou de ser bem considerado pelo conselho de guerra que o duque reuniu em Setubal, e «posto que, por então se não seguisse, devemos nós cuidar que «em algum tempo se pódem pôr em exercicio.» São dois os alvitres que considera. «Diziam uns, que o mais acertado parecia «voltar as armas contra a villa de Santarem, por ser populosa, «fundada em sitio imminente e forte, e pela grande estreiteza do «Tejo ao pé d'ella, ser facil a passagem da gente de guerra para «a conquistar; e subjugada e rendida se fortificassem n'ella, d'on«de com pouco trabalho podiam descer sobre Lisboa, com grande «esperança de a ganhar com brevidade, pela grande commodidade «do rio, por onde podiam vir as vitualhas castelhanas, e impedir «o passo aos portuguezes, que das outras partes do reino acudis«sem ao soccorro de Lisboa».

Achando o auctor «ser muito possivel que o inimigo se apro«veite d'este alvitre tão bem fundado, entende que é forçoso cui«dar muito em *fortificar a cidade de Santarem*, e abastecel-a de «tudo. O mesmo pede a villa de *Abrantes*, onde podem occorrer «os proprios accidentes.»

«A outros pareceu mais conveniente que o exercito devia «marchar de Setubal para a villa de Almada, e do castello d'ella, «canhonear e bombardear Lisboa, e passar a ella a gente em «barcos da outra banda, para sitiar a cidade.» Este alvitre parece com effeito o meio mais rapido, se fôr ajudado por uma esquadra que consiga forçar a barra e apoderar-se dos nossos navios surtos no Tejo.

A defeza contra este modo de ataque está pois intimamente ligada com a segurança maritima de Lisboa, a respeito da qual o

auctor é de opinião que se precisa primeiro que tudo de uma boa *armada*, forte e poderosa.

Se em 1580 houvesse no Tejo «uma boa armada que fôra cortar o passo á castelhana», não teria sido tão bem succedido o desembarque em Cascaes, «feito com tão evidente risco e perigo, «que pareceu loucura e temeridade.»

Deduz-se d'esta experiencia da guerra «a grande necessidade «que este reino, e principalmente Lisboa, tem de armadas e mais «mais armadas. Pouco necessita d'ellas um reino situado no ser«tão e mettido pela terra dentro; mas Portugal com tantas bar«ras e portos maritimos abertos tem d'ellas grandissima necessidade.»

«Na defensão de um reino maritimo a fortificação primeira «(que até os meninos entendem) são armadas de grande poder e «forças, e estas feitas com tempo; porque se as reservarmos para «quando chegar o inimigo, mal se podem preparar e dispôr, e «pouco nos aproveitará o muito dinheiro; porque este, dispen«dido a seu tempo, apparece, campeia e luz; e retido e guardado «é muitas vezes causa da ruina e destruição d'um reino».

Alem da organisação d'uma boa armada o auctor propõe a organisação defensiva da costa, da barra e do porto de Lisboa. Para esse fim julga importanre se façam bem fortes «todos os «reductos que correm desde Cascaes até S. José, plantando-lhes «mui boas peças de artilheria, que serão de grandissimo effeito.»

O mesmo se deve fazer nas torres da barra, isto é, S. Julião e *Cabeça Secca*, hoje torre do Bugio.

A ultima resistencia a oppôr, dentro do rio, é uma especie de ponte artilhada entre a torre de Belem e a Outra Banda. Eis como o auctor se exprime a esse respeito:

«Da torre de Belem até ás areias da outra banda da Trafaria «se devem pôr quantos navios couberem n'aquelle canal, com as «prôas ao mar, todos sobre ferro, e o mesmo nas pôpas, e assim «muito unidos e seguros se podem fazer nas pôpas umas plata«fórmas de madeira todas povoadas de artilheria, cavalgadas em «suas carretas, com as bocas ao mar, acompanhadas de seus «cestões de terra na fórma que se usa e pratíca.»

«Esta cadeia é mui forte e segura, e nunca a armada inimiga «a póde cortar e romper; porque a muita artilheria, que póde «esta ponte jogar, é poderosa bastante para destruir as maiores «armadas do mundo...»

Tem só dois inconvenientes: «um é a pouca firmeza d'esta «cadeia nautica e naval, pois o fundamento sobre que assenta é «o mar, symbolo e figura da inquietação e inconstancia.»

«O outro é os *navios de fogo*, que postos na veia da agua na «enchente da maré, necessariamente hão-de vir marrar com esta

«cadeia, e topar com esta ponte, com o que se abrazará infalli-«velmente.»

Comtudo, entende o auctor que esses dois contras são muito contingentes e falliveis. O primeiro porque era de crêr que as esquadras inimigas viessem no verão, *tempo deputado para as guerras*, e assim «era de crêr que o tempo nos ajudasse, e que a «ponte dos navios durasse por muito tempo firme e segura para «os effeitos de que tratamos.»

Cita aqui como exemplo a ponte de navios, mandada construir pelo imperador romano Cayo Caligula, na enseada do porto de Bayas, em Campania.

Quanto ao segundo inconveniente lembra o auctor «que nem «sempre esses navios de fogo são de effeito, como em muitas «occasiões se tem visto, e em particular n'aquelle famoso cerco «da cidade de Anvers, em Flandres, no anno de 1585,» em que os cercados intentaram queimar por meio de navios de fogo, a ponte sobre barcas que o principe de Parma mandára fazer sobre o rio; mas o principe fel-os desviar da ponte de maneira que não sortiram effeito.

Cita ainda em apoio um outro facto da historia da India.

Resta-nos notar uma proposta do auctor, relativa a um outro facto da historia da epocha de que se trata, isto é, o desembarque em *Peniche*, no anno de 1589, das tropas inglezas com que o prior D. Antonio veiu em vão tentar a sua desforra.

O desembarque foi facil, porque foi defendido apenas por 200 homens contra 12:000 que vinham na esquadra ingleza. Para evitar a repetição de factos semelhantes entende o auctor que «em Peniche fôra de grande importancia um forte no logar de «Nossa Senhora da Consolação, porque com elle se impedirá «desembarcar o inimigo na praia, divertido com a artilheria do «forte e da fortaleza da villa; e se houvera esta prevenção, nunca «ali desembarcaria o inglez.»

Taes são em resumo as principaes idéas concernentes á defesa do reino, e mais particularmente de Lisboa, que se encontram no livro acima citado.

*

Portugal Restaurado, por D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira — Impressa em 1751-59

Póde considerar-se esta obra como um subsidio importante para o estudo da defeza do reino, pelas muitas noticias que insere do estado das nossas fortificações, e do papel que desempenharam nas diversas campanhas da dilatada guerra da acclamação.

Seguindo as suas minuciosas narrações, vê-se, em resumo, que as operações activas reduziram-se, em harmonia com a arte militar d'aquelles tempos, á guerra de sitios, atacando-se e defendendo-se as praças da fronteira, tanto do lado de Portugal como do lado de Hespanha.

Vê-se tambem que não ficámos reduzidos á guerra defensiva, como hoje se preconisa. Os nossos generaes tomaram por vezes a offensiva, como o attestam a batalha de Montijo (1644), o sitio de Badajoz (1658), a tomada de Valencia de Alcantara (1664), a entrada do conde do Prado na Galliza (1665), e a entrada do conde de Schomberg pelas terras de Niebla (1666), além do Guadiana. Vê-se mais que Estremoz foi a base das operações defensivas no Alemtejo, e Elvas a base das nossas operações offensivas na fronteira de Hespanha.

Uma das campanhas que melhor mostra a importancia das praças fronteiras do Alemtejo foi a de 1663, em que da parte de Castella houve o intento de repetir o plano d'invasão do duque d'Alva, que foi tão bem succedido em 1580. Mas as circumstancias eram outras; as praças do Alemtejo, e das localidades visinhas de Lisboa, já não estavam desguarnecidas nem arruinadas; o exercito disciplinado e experimentado nas campanhas anteriores, já não era a plebe desordenada que seguia o prior do Crato; e em logar dos governadores do reino affeiçoados a Filippe II, e os de varias praças vendidos ao mesmo monarcha, todos os portuguezes odiavam então o jugo hespanhol, que tão pesado e tyrannico lhes foi durante 60 annos. Assim o resultado d'um tal plano de campanha foi desgraçado, como se vê pelo seguinte resumo da narrativa do erudito conde da Ericeira.

O general dos hespanhoes, D. João d'Austria, desprezando as praças fronteiras, penetrou até Evora, de que se apoderou, e d'ahi enviou algumas tropas até Alcacer do Sal. Depressa, porém, conheceu o desacerto ou imprudencia d'esta operação, pois em breve lhe faltaram os viveres para o seu exercito, e não via meio de arranjal-os: não podia compral-os nem requisital-os no nosso territorio, porque o corpo de tropas do conde de Villa Flôr, que defendia o Alemtejo, tomou posição sobre a ribeira de Dejebe, proximo de Evora, e lhe impedira a entrada na praça de todos os soccorros; não podia tambem fazel-os vir de Badajoz, porque as guarnições das nossas praças fronteiras lhe cortariam os comboios de viveres. Procurou então retirar-se em segredo, deixando uma guarnição em Evora; mas sendo seguido pelo conde de Villa Flôr, foi alcançado e derrotado no campo do Ameixial (*8-junho-1663*), ao nor-oeste de Extremoz.

A esquadra que devia auxiliar as suas operações não chegou a sahir de Cadiz, senão em junho de 1666, por causa dos seus

preparativos terem sido muito vagarosos; e n'esse anno nada fez de importancia, limitando-se a umas demonstrações na costa do Algarve e nas Beriengas á vista de Peniche.

*

Parecer do conde de Schomberg sobre as fortificações de Lisboa em 1886

Terminada a guerra da restauração, ainda no reinado de D. Affonso VI, se projectou defender a capital por uma linha de fortificações terrestres, que partindo do forte do Sacramento em *Alcantara,* seguia pela ermida de N. S. dos *Prazeres*, *Arco do Carvalhão* e *Campolide*, e d'ahi continuava rodeando a cidade até ao forte da *Cruz da Pedra*, apoiado no Tejo, projectando-se em toda esta extensão 32 baluartes.

O marechal *Schomberg*, convidado a dar parecer sobre esta linha de fortificações, não a approvou, [1] achando que era uma vasta empreza, pois que dentro da linha ficavam terrenos onde se podia fundar outra Lisboa, e que a linha estava mal traçada, não occupando bem as alturas d'onde se descobriam os valles.

Parecia-lhe que seria mais util e seguro fazer uma cidadella de 5 ou 6 baluartes, junto á *ponte de Alcantara.*

---

[1] Vide o parecer por extenso na citada obra de *Christovão Ayres* (v. 2.º, p. 132).

CAPITULO II

Guerra da successão á corôa de Hespanha [1]

(*1700 - 1713*)

Causas da guerra. — Na primeira decada do seculo XXIII, a successão de Filippe de França, duque de Anjou, ao throno de Hespanha, por ter fallecido seu tio Carlos II sem geração *(nov. 1700)*, levantára uma coalisão europeia contra a França e Hespanha, a favor do archiduque Carlos da Austria, filho do imperador Leopoldo I.

Fizeram parte d'essa alliança a Allemanha, a Inglaterra, a Hollanda, a Saboia, e mais tarde Portugal pelos motivos que vou resumir.

Entre o novo rei de Hespanha, que assumiu o titulo de Filippe V e seu avô Luiz XIV da França foi ajustado um tratado, em virtude do qual o primeiro cederia ao segundo os Paizes Baixos, e em compensação a França auxiliaria á Hespanha a conquistar Portugal.

Era, pois, boa politica, para evitar essa agressão, ser reconhecido Filippe V pelo nosso rei D. Pedro II. E assim aconteceu. Sendo el-rei avisado d'aquelle ajuste pelo seu ministro na Hollanda, concluiu um tratado de alliança com Filippe V *(18-junho-1701)* reconhecendo os seus direitos ao throno, e compromettendo-se a combater os seus inimigos [2].

---

[1] Bibliographia especial sobre esta guerra: «*Mémoires de Berwick*», Paris, 1778; «*Memorias militares e politicas*», de *Antonio do Couto Castello Branco*, Lisboa, 1740, vol. 3.º; «*Viagem militar*», em que se referem todos os successos da guerra desde 1704 até 1710, por *José Freire de Monterroyo Mascarenhas*, 5 volumes.

[2] **Soriano**, «*Historia de el-rei D. José*», vol. 1.º, p. 110.

A Inglaterra, porem, a quem não convinha que a Hespanha e a França tivessem qualquer influencia em Portugal, taes suggestões produziu, que D. Pedro, contra a boa razão, a boa politica, e a boa fé, abandonou aquelle tratado e assignou outro (*16-maio-1703*) entrando na liga contra a Hespanha.

Portugal obrigou-se por este tratado a armar um exercito de 28:000 homens, dos quaes 13:000 deviam ser mantidos pelos alliados, incluindo 2:000 de cavallo, devendo a cavallaria montar ao total de 5:000 cavallos. [1] Pela sua parte o archiduque Carlos prometteu, por um artigo secreto, que logo que fosse constituido na posse do throno de Hespanha, cederia para sempre a Portugal as cidades de *Badajoz*, *Albuquerque* e *Valencia* na Extremadura, bem como *Bayona*, *Vigo*, *Tuy* e *Guardia* na Galliza.

Assim viu-se Portugal envolvido n'uma guerra europeia que teve cinco theatros: 1.º Italia e Alpes; 2.º Rheno, Danubio e Allemanha; 3.º Paizes Baixos; 4.º Hespanha e Portugal; 5.º Oceano e Colonias.

Operações militares. — A primeira campanha em Portugal teve logar no anno de 1704, em que chegou a este reino o archiduque Carlos, a bordo d'uma esquadra ingleza e hollandeza, trazendo 10:000 homens d'essas nações para se reunirem ao nosso exercito.

Emquanto isto succedia em Lisboa, Filippe V passava de Madrid a *Placencia*, onde (*30-abril*) declarou guerra a Portugal e ao archiduque, acto a que se seguiu publicar tambem D. Pedro II um manifesto em que mostrava os motivos que tinha para declarar guerra á Hespanha.

De *Placencia* passou o monarcha hespanhol a *Alcantara* (*5-maio*), sendo o seu exercito commandado pelo duque de *Berwick*, marechal de França.

Foi este general que tentou pela primeira vez uma — *invasão pela margem direita do Tejo sobre Lisboa* [2]. «Dirigiu-se de *Zarza* para *Salvaterra* e *Ladoeiro* sobre *Castello Branco*, pretendendo avançar sobre *Abrantes;* porem teve de fazer alto nas montanhas e na entrada dos desfiladeiros que principiam desde *Villa Velha* e *Sarzedas* até ao curso inferior do *Zezere*, esperando que o prin-

---

[1] Coteje-se: *Soriano, Ibidem;* e **Bruno**, «*Historia de Portugal*» (v. 4.º p. 566) — No reinado de D. Pedro, compunha-se o exercito, no anno de 1698, de 18:000 infantes, e 3:600 soldados de cavallaria.

[2] **Neves Costa**, «*Analyse critica da memoria de Dumouriez*», publicada no «Exercito Portuguez», n.º 288 de 1890.

cipe de Tesclala com um corpo do exercito avançasse pela *margem esquerda do Tejo.*

«Este ultimo general não ousou executar este movimento porque tinha de se apoderar das praças de *Castello de Vide* e *Portalegre*, que então se achavam em estado de defensa, e receava deixar na sua rectaguarda o nosso exercito que se juntaria em *Estremoz.* Berwick para desvanecer estas difficuldades, e parece que bem convencido da impossibilidade de penetrar com segurança até ao Zezere, resolveu passar o Tejo para fazer a conquista das sobreditas praças que deviam assegurar a marcha pela esquerda do Tejo.»

Passou com effeito o rio em *Villa Velha* e foi occupar *Montalvão*, *Marvão* e *Portalegre.* O conde de S. Vicente, que era então o governador das armas do Alemtejo, procurou com grande actividade segurar esta provincia das incursões do inimigo, e recuperar aquellas localidades, [1] que o inimigo desmantelou ao abandonal-as.

«Entretanto o marquez das Minas (que governava na provincia da Beira) marchava de *Almeida* sobre o Tejo, e bateu e cortou em *Monsanto* o corpo do exercito hespanhol que occupava a Beira Baixa.» [2]

«O duque de Berwick achando-se por este modo reduzido a principiar de novo a campanha e ameaçado de se vêr cortado pelos nossos exercitos da Beira e Alemtejo se continuasse no projecto de avançar ao longo do Tejo, resolveu voltar para Hespanha.»

Esta campanha mostra-nos assim um exemplo de como a defeza do Tejo estava dependente das posições das nossas tropas em *Estremoz* e *Almeida*, e a grande consideração que mereceram a Berwick as difficuldades das montanhas (*as Talhadas*) entre Villa Velha e o Zezere.

Na segunda campanha de 1705 o conde das Galveias reuniu em *Estremoz* o exercito, com que intentava atacar as praças da Extremadura castelhana. Contava o exercito portuguez 15:000 infantes, 5:000 cavallos, 20 peças de artilheria e 6 morteiros com as munições e bagagens proporcionadas [3]. As tropas inglezas

---

[1] «*Fragmentos d'um inedito de historia militar*», publicados na «Revista Militar», de 1853.

[2] *Soriano* (Op. cit. p. 115) diz que D. Pedro II e o archiduque Carlos se reuniram em *Almeida,* d'onde passaram com o exercito a fazer uma incursão em Hespanha, depois da qual tornaram a entrar em Portugal, e como se approximasse o inverno, assentou-se em terminar as operações n'aquelle anno de 1704.

[3] Referido inedito.

auxiliares eram commandadas pelo conde de *Galloway*, e as hollandezas pelo barão do *Fagel*.

Saíram estas tropas de Estremoz em abril e marcharam por *Arronches* para a fronteira, que atravessaram, e foram tomar as praças de *Valença de Alcantara* (*8-maio*), e *Albuquerque* (*20-maio*). O conde das Galveias intentou depois sitiar *Badajoz*, para onde se poz em marcha no principio de junho; mas não o fez por vêr a animosidade de alguns generaes contra elle. Por conseguinte retirou-se com o exercito para *Elvas*, e partiu para Lisboa a pedir a sua demissão de governador das armas do Alemtejo.

Foi substituido pelo governador das armas da Beira, que era o *marquez das Minas*; o qual passando logo a *Elvas*, saíu com o exercito (*3-out.*) a sitiar *Badajoz*. Esta praça estava a ponto de ser assaltada e tomada, mas continuou a desunião entre os generaes, e entretanto os hespanhoes tiveram occasião de introduzir na praça um soccorro de 3:000 homens [1]. Vendo o marquez das Minas que a estação estava adiantada, e que as chuvas seriam favoraveis aos sitiados, fez retirar o exercito para *Elvas*, d'onde foi dividido por differentes praças do Alemtejo, em quarteis de inverno.

Entretanto fallecera (*5-maio*) o imperador da Allemanha, Leopoldo I, e veiu entrar no Tejo uma outra armada ingleza e hollandeza, que deixando em Lisboa 15 naus, fez-se de vela com as outras para o Mediterraneo. As anteriores forças navaes inglezas, que se achavam em Lisboa foram postas á disposição do archiduque Carlos, que com ellas se fez tambem de vela para a *Catalunha* (*28-junho-1705*), indo a 22 de agosto dar fundo defronte de *Barcelona*. Effectuado o desembarque d'essas tropas, começou o sitio de *Barcelona*, que no dia 9 de novembro se rendeu. [2]

Para favorecer as operações do archiduque n'aquelle principado, começou o exercito alliado as suas operações na campanha de 1706. O plano era penetrar em Hespanha até se unir ás tropas do archiduque. Ajuntou-se o exercito em *Elvas* no mez de março, compondo-se não sô das tropas do Alemtejo, mas egualmente dos partidos fornecidos pela Beira, Minho e Traz-os-Montes, e das tropas alliadas, montando tudo á força de 40:000 homens, sob o commando em chefe do marquez das Minas. [3]

---

[1] Referido inedito.
[2] *Soriano, Ibidem.*
[3] *Ibidem.*

Começando a marcha (*25 - março*), foi alojar-se o exercito na *Fonte dos Sapateiros*. Indo depois encontrar em *Brozas* (*9 - abril*) o duque de Berwick, que por ordem de Filippe V viera fazer rosto aos alliados, ali o derrotou, e foi tomado o castello de *Brozas*.

A este feito seguiu-se a tomada da praça de *Alcantara* (*14 — abril*), que se rendeu, apesar de estar guarnecida por 5:000 homens. Não podendo Berwick soccorrer essa praça, procurou fazer uma diversão de Badajoz sobre Elvas, de que foi encarregado o marquez de Bay, e que appareceu de facto em frente de Elvas (*15 - abril*), retirando-se, porém, sem resultado no dia seguinte.

O exercito alliado continuou a sua marcha para o centro de Hespanha, por *Coria*, *Caceres*, *Trujillo*, *Placencia*, onde esperou pelas noticias das operações da Catalunha. Comtudo, para não ficar em inacção, foi o marquez das Minas pôr cerco a Cidade Rodrigo, que se lhe entregou no dia 26 de maio.

As noticias vindas da *Catalunha* foram que Filippe V, tendo cercado *Barcelona*, se vira obrigado a levantar o sitio, achando-se na mais critica situação os negocios d'este soberano.

A' vista, pois, d'isto pozeram-se os alliados em marcha para *Madrid*, onde entraram (*26 - junho*), tendo rendido na sua passagem as cidades de *Salamanca* e *Toledo*.

Unindo-se a 8 de agosto com o archiduque Carlos, continuaram a militar no interior da Hespanha, chegando sem muita resistencia até aos confins do reino de *Valencia*, logo nos principios do mez de abril de 1707. Em soccorro de *Valencia* veiu o duque de Berwick, «o qual, pelejando na planicie de *Almansa* com os alliados no dia 25 de abril uma rija e sanguinolenta batalha, teve por si a victoria, sendo desbaratado o nosso exercito com a perda de 13 regimentos.» [1]

No principio d'esse anno foi acclamado em Portugal el-rei D. João V, por fallecimento de el-rei D. Pedro II (*9 - dez. - 1706*). Não obstante ser o novo rei pouco affeiçoado ás coisas militares, resolveu continuar a guerra encetada por seu pae.

Logo no primeiro anno do seu reinado, principiou D. João V a dar nova e melhor forma ao exercito portuguez, dando um regimento ao *provedor do exercito* (*9 - maio*), promulgando as *novas ordenanças* (*15 - nov.*), e estabelecendo o *regimento* de 20 de fevereiro de 1708, por onde se devia regular o exercito, tanto em campanha, como aquartelado. Seguiram-se outras me-

---

[1] *Ibidem.*

didas importantes, durante o seu reinado, uma das quaes foi a reedificação do *arsenal do exercito.*

Emquanto a maioria das nossas tropas, juntas com os alliados, militavam no interior da Hespanha, formou-se no Alemtejo um outro pequeno exercito (10:000 infantes e 2:500 cavallos), que depois foi augmentando, e com essas tropas se continuaram as operações na fronteira, sendo a mais notavel a gloriosa defeza da nossa praça de *Campo Maior,* [1] sitiada pelo marquez de Bay em 1712.

No congresso de *Utrecht* em 1713 celebrou-se o tratado de paz com a França, ao qual só em 1715 veiu juntar-se o da paz com a Hespanha.

Reducção do exercito. — A primeira consequencia d'estes tratados foi a reducção do exercito ao cstrictamente indispensavel para a guarnição das praças fronteiriças. [2]

Determinou-se que dos 34 regimentos de infantaria, da lotação de 600 peças, que cada um então tinha, se formassem sómente 20 regimentos de 500 homens cada um, alem dos 2 regimentos da armada real, e da junta do commercio, e do regimento da cidade do Porto, montando por este modo toda a infantaria a 12:600 homans. [3]

Emquanto á cavallaria, ordenou-se que dos 20 regimentos que d'esta arma havia, da força de 480 cavallos, se formassem só 10 regimentos de 300 cavallos cada um, e ficando aquartelados: 2 na côrte, 4 no Alemtejo, 2 na Beira e 2 em Traz-os-Montes. Da arma de infantaria, 5 regimentos deviam ficar na côrte, 7 no Alemtejo, 2 na Beira, 2 no Minho e 2 em Traz-os-Montes.

O exercito caíu depois em completo abandono até ao reinado de D. José I, em que, graças ao energico impulso do grande estadista marquez de Pombal, as instituições militares attingiram um notavel desenvolvimento, como se verá no seguinte periodo.

Terminamos aqui esta exposição dos factos e das obras que nos pareceu mais importante apontar sobre a defeza do reino no periodo de 1640 a 1750, em que é para admirar, na critica situação em que estavamos, o constante valor, os grandes esforços e o nobre enthusiasmo que inspirou aos portuguezes a causa da sua liberdade, que afinal tão gloriosamente alcançou.

---

[1] Vide os pormenores no referido inedito.
[2] Decreto de 20 de agosto de 1714.
[3] *Soriano* (op. cit. p. 127).

II PERIODO

A GERENCIA POMBALINA

(*1750—1777*)

A direcção superior dada aos negocios da guerra pelo marquez de Pombal, a par das outras grandes reformas que fez, marca um progresso notavel na nossa evolução militar, já pelo impulso que o grande ministro soube dar á guerra inevitavel de 1762, já pela remodelação da força publica e da defeza do paiz, que elle confiou aos talentos militares do conde de Lippe.

D'ahi vem o titulo que damos a este periodo e a sua divisão nos dois capitulos que contem.

II PERIODO

CAPITULO I

Campanha de 1762

Preparativos de guerra. — A historia patria demonstra á evidencia que Portugal nunca tem sido previdente e cuidadoso no que hoje se chama a *preparação da guerra.* E' notorio que em tempo de paz se esquecem quasi inteiramente os negocios militares e se deixa cair a força publica em grande abatimento.

Só quando a guerra se avisinha, reverdessem os brios militares e principia a resgatar-se por expedientes da ultima hora a negligencia com que se deixaram desamparadas as instituições militares.

Foi o que succedeu ao principiar o periodo de que vamos tratar.

Quando Portugal, pela arrogante imposição da França e da Hespanha, ligadas pelo famoso *pacto de familia,* se viu forçado a romper a neutralidade que a todo o custo queria conservar na lucta que essas potencias traziam com a Inglaterra, as forças defensivas da nação tinham chegado ao maior extremo de decadencia, proveniente da grande incuria governativa durante os longos ocios de meio seculo de paz (*1713-1762*), que se seguiram á guerra da successão á corôa de Hespanha.

O systema de recrutamento, a disciplina militar, a instrucção dos generaes, officiaes e soldados, os meios de subsistencia do exercito, o valor moral das tropas, o material de guerra existente nos arsenaes, e as fortificações do reino, raiavam na ultima degradação.

Os pormenores sobre essa situação deploravel do reino em

quanto a recursos militares, e sobre os apercebimentos bellicos para entrar na iniqua guerra que nos ameaçava, encontram-se expostos d'uma maneira brilhante e bem documentada em duas obras de **Latino Coelho**, tão illustre official e professor, como distincto litterato, notavel publicista e erudito historiador.

Uma d'ellas é a *Historia militar e politica de Portugal* [1], que é pena ter ficado incompleta.

A outra é uma serie de artigos, que tem por titulo: *As operações da campanha de 1762 e as reformas militares do conde de Lippe.* [2]

E' de ambas essas obras [3] que vamos extractar, n'uma succinta resenha, os *preparatiros da defeza* para resistir á invasão dos hespanhoes e francezes, que já se antevia imminente pelos fins do anno de 1761.

O celebre estadista marquez de Pombal, que por aquella occasião presidia aos negocios da guerra, «era por indole e systema pouco propenso aos assumptos militares, e adverso a toda a ostentação de força nas suas relações com as potencias estrangeiras.»

Comtudo, logo desde a sua entrada no governo da nação (*1750*), embora não houvesse ainda receios de guerra, não lhe agradou o *estado miseravel* [4], em que encontrou o exercito.

Assim, no simples intuito de beneficiar as coisas militares, empenhou-se em acudir com as primeiras e mais urgentes providencias a tamanha miseria e desamparo do exercito. Ordenou e fez methodisar as despezas com as obras das fortificações do reino, que passaram a merecer vigilante attenção; [5] mandou recolher aos seus regimentos os officiaes que, em grande numero, d'elles andavam affastados, e ordenou que ali permanecessem continuamente, restaurando a disciplina, e adextrando os seus soldados

---

[1] Veja o capitulo I do tomo III d'essa obra.

[2] *Revista das Sciencias Militares,* anno de 1885.

[3] Existem outras obras portuguezas, recommendaveis a este respeito: a «*Historia do reinado d'el-rei D. José*», por *Soriano;* e a «*Historia de Portugal*» de **Pinheiro Chagas.**

[4] «Sebastião de Carvalho achara as instituições militares de Portugal no extremo abatimento, o exercito reduzido a uma escassa horda indisciplinada, *miseravel,* com a apparencia enganosa da força e disciplina, desdenhada e envilecida a profissão, havida em pouco amor pelos officiaes, em grande parte ausentes dos seus regimentos».—(*Revista das Sci. Mil.,* anno 1885, p. 72).

[5] Alvará de 7-fev.-1752.—*Gouveia Pinto,* (op. cit.)

com frequentes exercicios; [1] ordenou que o serviço nas praças de guerra se executasse com o maximo rigor; occorreu por uma grande promoção ás numerosas vagaturas de officiaes para completar os quadros dos regimentos; regulou as attribuições dos cargos superiores dos directores de cavallaria, infantaria e governadores das armas das provincias; [2] reorganisou o regimento de artilharia do Alemtejo; [3] augmentou as forças de cavallaria com 5 companhias de dragões, no Algarve, onde não havia regimento algum de cavallaria; [4] modificou a divisão territorial, estendendo a area do partido do Porto ao longo da costa até Coimbra, para melhor se poder ordenar a defeza dos logares maritimos d'essa costa. [5]

A despeito de taes providencias, decretadas logo desde o principio do seu governo, era ainda lastimosa a força, a condição das tropas portuguezas, e os recursos da defeza artificial, nos fins do anno de 1761, «quando a vista perscrutadora do ministro descortinara já os signaes da proxima tormenta». O que fazer n'este lance para defender o estado?

Não é quando o inimigo avança já sobre as fronteiras que o mais próvido talento póde fundar e robustecer as instituições militares e os recursos defensivos d'um paiz. O grande ministro «só podia recorrer a expedientes de occasião, e era necessario que o vigor do seu espirito e a audacia do seu animo supprissem o que a duras penas se póde effectuar em longos annos de paz, previdentemente aproveitada em organisar a defeza da nação». Comtudo não descreu da salvação do paiz, e com a sua indomita energia apercebeu, quaes as circumstancias lhe consentiam, os meios necessarios para a defeza, de maneira tal que fomos ainda potentes para manter a independencia da patria e conservar intacta a honra portugueza.

Como consequencia de antigos tratados, o marquez de Pombal reclamou do nosso tradicional alliado auxilios de tropas e de navios.

Mas o governo britannico, levado, como sempre, pelo seu egoismo proverbial e mercantil, dilatou com argucias diplomaticas o acceder ás suas instancias, de sorte que foi pequeno e tardio o

---

[1] Decreto 12-jan.-1754, e aviso 12-dez.-1755.
[2] Decretos de 24-março-1757, e 10-março-1761.
[3] Decreto 26-julho-1757.
[4] Decreto 29-out.-1757.
[5] Decreto 19-julho-1759.

auxilio que nos prestou na campanha de 1762. [1] E «não houve, escreve *Dumouriez*, nenhum genero de excesso, que não commettessem aquellas tropas auxiliares, que eram peiores que as inimigas». Triste, mas inevitavel consequencia de que um povo deixe á mercê de extranhos a defensão dos proprios lares.

Esta opprobiosa dependencia de estrangeiros nas coisas da guerra revelou-se ainda tristemente na falta de material e na carencia de generaes experimentados.

Como nos nossos arsenaes não havia nada que prestasse, tratou o ministro de fazer comprar na Inglaterra «o mais urgente material de artilharia. O armamento e equipamento para infantaria e cavallaria, a polvora de que o reino estava desprovido, e até as tendas para o acampamento».

Emquanto á carencia de generaes [2] e officiaes instruidos para o commando nas suas diversas graduações, o que constitue *a alma dos exercitos*, carencia de que principalmente teem padecido sempre as instituições militares de Portugal, e mais do que nunca na epocha a que nos vamos referindo, procurou o marquez de Pombal alcançar tambem da Inglaterra um general de grande capacidade para que viesse commandar o exercito portuguez, e outros generaes e officiaes de excellente reputação, que se obrigassem a a servir em Portngal.

Alcançou assim a vinda para Portugal do conde de **Lippe—Schaumbourg**, senhor d'um pequeno estado soberano da Allemanha, e que por aquelle tempo servia como general no exercito britannico. Era um militar illustradissimo, cujo nome se fizera justamente celebrado nas guerras da Allemanha, e cujo espirito

---

[1] «Antes que as forças britannicas houvessem aportado, já os hespanhoes tinham dado começo ás operações. Consistiam essas forças em 8:000 homens que, segundo authenticas testemunhas contemporaneas, não eram, principalmente, as dos regimentos irlandezes, por extremo exemplares na disciplina e no respeito pelos habitantes do paiz, a quem vinham ajudar».—(*Revista Sci. Mil.*, 1884, p. 74, 76).

«As tropas britannicas eram o regimento de dragões do brigadeiro general Bourgoyne, os regimentos de infanteria (*Old buffs*) 67, 83, 85, 91, e os voluntarios reaes (dois batalhões), um total de seis regimentos. O commandante em chefe era o general lord London».—(*Historia militar e politica*, p. 72).

[2] «Não existiam generaes que podessem exercitar o commando n'um exercito moderno. Os que havia em grande numero eram homens da mais alta fidalguia portugueza, capazes de serem soldados, mas totalmente desprovidos do saber e da experiencia das modernas guerras europêas, generaes, que passaram os seus annos mais no paço como gentis-homens da camara e cortezãos, de que nos campos de manobra ou nas grandes e severas guarnições».—(*Revista Sci. Mil.*, 1885. p. 12).

era largamente illuminado pelo estudo das sciencias militares, quasi de todo o ponto ignoradas por então no nosso paiz.

Muitos outros generaes e officiaes, os mais d'elles aventureiros, inglezes, escocezes, suissos, allemães, acceitaram o serviço com vantajosas condições [1] sob as bandeiras de Portugal.

Prevendo-se que seriam insufficientes as forças portuguezas e as auxiliares inglezas, contractaram-se dois batalhões suissos mercenarios (1.600 homens). [2]

O grande atrazo de pagamentos de que soffriam os soldados portuguezes, [3] começou a ser remediado pelos fins do anno de 1761, mandando o ministro pagar-lhes logo seis mezes, e decretando providencias salutares com que d'ahi por diante fosse prompto e regular o pagamento.

Não havia n'aquella epocha em Portugal, nem tão pouco nas mais cultas potencias militares, a idéa da methodica *mobilisação*, esse processo regular, mas complicado, pelo qual o exercito reduzido da paz assimila com rapidez os elementos que o elevam ao pé de guerra. Era forçoso fazer improvisadamente as levas de recrutas, distribuil-os pelos corpos, instruil-os, disciplinal-os e adextral-os para a guerra, já quasi na vespera dos combates.

Procedeu-se logo em novembro de 1761 com grande actividade ao recrutamento de gente, e á compra de cavallos [4] por todo o reino. Em abril de 1762, para que se podesse incluir nos quadros das diversas armas a grande copia de recrutas, eleva-se o effectivo e o numero das companhias de cada regimento existente, e desdobram-se os segundos batalhões de muitos d'esses regimentos, para servirem de casco á organisação de novos corpos. [5]

As *fortificações* do reino, que continuaram a ser numerosas e dispostas pelo systema de cordão que vimos no periodo ante-

---

[1] Decreto de 3-junho-1762, publicado na *Synopse de Chaby*.

[2] Decreto de 27-junho-1762, *Ibidem*.

[3] «Emquanto se despendiam com uma prodigalidade babylonica os grossos milhões das minas do Brazil em fabricar a basilica de Mafra e em conquistar para Lisboa um patriarcha, reflexo e imitação da grandeza pontifical, decorriam longos mezes sem que se pagassem aos soldados os seus tenues vencimentos, e o exercito era apenas uma turba de mendigos disfarçados nas apparencias do uniforme ..»

«... os soldados, ainda mesmo estando de sentinella, estendiam a mão á caridade».—(*Revista das Sci. Mil.*, 1885, p. 8 e 9).

[4] Na compra dos cavallos, para obstar á exorbitancia dos preços que os donos pediam por elles, decretou-se que fosse precedida d'uma avaliação feita por mestres alveitares nomeados a contento das partes, e pelos generaes das armas das armas das provincias, no caso de discordancia entre esses louvados; com tanto que nenhum dos cavallos podesse avaliar-se em mais de 80$000 réis.—(*Decreto de 2-abril-1762*).

[5] Decretos de 16 e 21 de abril de 1762.

rior d'este estudo, estavam quasi inermes na sua maior parte [1] por falta de material e de boas guarnições, alimentadas geralmente pelas ordenanças e tropas irregulares, e poucos artilheiros de profissão. Para ministrar as guarnições ás fortalezas nas cercanias de Lisboa, e a dos navios da armada, havia os corpos irregulares, chamados *pés de castello*, *presidios* e *troço de artilheiros*, especie de ordenanças improvisadas em arma technica. Extinguem-se esses imperitos artilheiros, e substituem-se por um novo regimento de artilharia, [2] a dois batalhões de 720 praças cada um, e com o seu quartel na praça de S. Julião da Barra.

Com taes e tão expeditas providencias, elevou-se o numero de tropas pagas a 48:000 homens, sendo 40:000 de infantaria (incluidos os 2 batalhões suissos), 2:160 de artilharia, e 5:880 de cavallaria, pouco mais ou menos. [3] «Era coisa nunca d'antes vista em Portugal, emquanto a tropas pagas».

Juntando-lhe as tropas auxiliares (8:000 homens), attingia o exercito a cifra total de 56:000 homens. Mas se era consideravel em numero, a qualidade das tropas deixava muito a desejar; era uma gente collecticia e sem robusta cohesão, constituindo um fraco elemento para a defeza do paiz. [4]

Nas citadas obras de Latino Coelho, encontram-se alguns esclarecimentos interessantes sobre as operações da campanha de 1762, e sobre as principaes medidas do conde de Lippe, tomadas depois da guerra para levantar o nosso exercito á altura da epocha.

Deixamos de parte o illustre auctor n'esses assumptos, porque, segundo o nosso duplo ponto de vista historico e bibliographico, não podemos omittir aqui a seguinte obra e escriptos devidos ao proprio conde de Lippe, onde essa materia se acha exposta com mais desenvolvimento.

---

[1] Nos *Preleminares* do volume V da *Synopse de Chaby*, encontram-se alguns esclarecimentos relativos ao estado das praças de Castello Rodrigo, Extremoz, Evora, Campo Maior, Castello de Vide, Olivença, Marvão, castello de Villa Velha.

[2] Alvará de 9 de abril de 1762. — *Historia militar e politica*, p, 79. —*Revista Sci. Mil.*, 1885, p. 10.—*Gouveia Pinto*, (op. cit.)

[3] *Ibidem.*

[4] « .. o conde de Lippe, com o peior de todos os elementos defensivos, um exercito colligido á ultima hora, auxiliado por tropas extrangeiras, sem fraternidade militar e sem robusta cohesão, soube, por milagres de bom senso, enfeixar na sua mão as forças divididas por funestas emulações, enfraquecidas pelo attricto do governo o do commando, e fazer d'ellas o seguro antemural da independencia e liberdade portugueza».—(*Revista das Sci. Mil.*, 1885, p. 193).

*
* *

Mémoire de la campagne en Portugal l'an 1762, écrite par le maréchal général comte de Lippe-Bücheburg. [1]

Esta memoria tem servido de base e subsidio aos auctores que teem escripto sobre a historia d'essa breve campanha de 7 mezes, e merece toda a confiança pela respeitabilidade do seu illustre auctor.

Não é de certo uma obra especial sobre a defeza do reino, mas elucida-nos muito sobre o plano de defeza que sabiamente foi adoptado pelo conde de Lippe, e que é muito interessante para este nosso estudo, não só debaixo do ponto de vista geral, como da defeza da Beira Baixa em especial.

Resumiremos apenas o que mais se relaciona com a importancia e estado das nossas fortificações por aquelle tempo, e com as operações campaes do elemento activo da defeza.

O systema de guerra dos hespanhoes e seus alliados consistiu principalmente, como no periodo anterior, no ataque das nossas praças fronteiras, com a differença que o theatro principal da lucta não foi o Alemtejo, mas sim a zona da Beira entre o Douro e o Tejo.

A guerra principiou na provincia de Traz-os-Montes, passando uma boa parte do exercito inimigo (30:000 homens) a fronteira a 5 de maio, e indo sitiar a nossa praça de *Miranda do Douro*, a qual teve de render-se dentro de pouco tempo (*9-maio*) pela terrivel explosão d'um seu paiol. [2]

Depois d'isso as praças de *Bragança*, de *Chaves*, e *Torre de Moncorvo*, cujos meios defensivos eram desproporcionados á minima opposição, renderam-se sem resistencia.

As operações defensivas do elemento activo foram mais felizes. Uma columna hespanhola que intentou passar o Douro, de

---

[1] O original d'esta memoria deve existir no *Archivo militar* da engenharia. Saiu á luz, por varias vezes, traduzida em portuguez: em 1812, no *Investigador Portuguez*, em Londres; em 1846, no *Jornal Militar Portuguez;* em 1840, na *Revista Militar*. Em 1890, foi publicada em francez, como copia do original, na *Revista das Sciencias Militares*.

[2] Um documento publicado na *Synopse* de *Chaby* (vol. V) dá os pormenores d'essa explosão, acontecida no dia 8 de maio, pelas 7 horas e meia da tarde, em que arderam mais de 1:500 arrobas de polvora, fazendo duas grandes brechas na praça e arruinando quasi todo o castello. A cidade estava cercada por um exercito de 30:000 homens, que tomou posse d'ella no dia seguinte.

Moncorvo para Villa Nova de Foscôa, foi repellida por uma pequena força, bem disposta na margem esquerda d'esse rio, que por ahi é muito difficil de passar. A uma outra columna, que pretendeu passar de Chaves á provincia do Minho para avançar contra o Porto, succedeu-lhe o mesmo nas alturas de *Mantalegre*, que foram bem defendidas por algumas partidas de paizanos armados (*ordenanças*).

O invasor, reconhecendo que não era tão facil como reputara, saír da provincia de Traz-os-Montes para ir correr a Beira e o Minho, retrocedeu para Hespanha, evacuando todas as praças que tinha tomado, excepto a de Chaves, cuja guarnição foi formada por um destacamento das tropas que tinha postadas na Galliza.

Vê-se assim que estas operações do inimigo na zona ao norte do Douro, não lhe deram a minima vantagem estrategica, embora se apoderasse das nossas praças, tendo pelo contrario perdido os dois mezes de maio e junho em operações estereis, dando-nos tempo a que aportassem as tropas inglezas a Lisboa e o general conde de Lippe, que, apenas desembarcado, foi logo nomeado marechal general do exercito portuguez [1].

A esse tempo a disposição das tropas inimigas era tal, que dava já a prever o que tencionavam fazer.

Além das forças que deixara na guarnição de Chaves e na Galliza, o grosso do exercito combinado da França e Hespanha, sob as ordens do marquez de Sarriá, estava concentrado nas visinhanças de Ciudad-Rodrigo, na força de 42:000 homens, com um trem de artilharia de campanha de 93 peças; estas tropas e o trem estavam bem armadas e providas de tudo o que era necessario.

Ao mesmo tempo, o inimigo formava armazens e depositos de viveres e munições na zona da sua Extremadura, raiana do Alemtejo, que era coberta por 3:000 a 4:000 homens, dispersos por varios quarteis, principalmente nas visinhanças de Alcantara e de Valencia.

Tudo isto indicava plenamente que a verdadeira intenção do inimigo era invadir o Alemtejo; mas como nos mezes de verão ha grande falta d'agua n'esta provincia, convinha-lhe adiar essa invasão, e entretanto fazer uma diversão pela Beira-Alta, apoderando-se ao menos das praças fronteiras d'esta zona.

As tropas que o marechal general conde de Lippe, podia oppôr ao inimigo, em operações de campanha contra o grosso do seu exercito, eram apenas 14:000 a 15:000 homens, incluindo as

---

[1] Decreto de 3-julho-1762, publicado na *Synopse* de *Chaby*.

tropas inglezas [1]. Era a quarta parte das forças que acima vimos se apromptaram em Portugal. Tudo mais estava repartido pelas guarnições das fortalezas mais expostas, e formara um corpo consideravel [2] na provincia do Minho para observar as tropas adversas ao norte.

Essa inferioridade numerica de forças e a sua fraca qualidade, de que já falámos, exigiam que a campanha fosse conduzida segundo principios differentes do costume da epocha: contrabalançar a escassez do nosso exercito com os obstaculos do terreno, «que deviam considerar-se aqui como constituindo os principaes meios de defeza»; evitar cautelosamente o empenhar-se em acções geraes com o inimigo; cansar o adversario por uma serie de operações de pequena guerra, dirigidas sobre os flancos e retaguarda, e mesmo sobre a fronteira inimiga, se fosse possivel. Em resumo, era uma verdadeira *defensiva activa*, apoiada nos obstaculos naturaes e *artificiaes* do terreno.

Tal foi a base do plano de defeza do conde de Lippe, cujo desenvolvimento vamos vêr.

Na fronteira da Beira-Alta, os postos na margem occidental do rio Côa não estavam guarnecidos senão com ordenanças.

A praça de *Castello Rodrigo*, situada n'uma posição forte pela natureza, tinha alguma artilharia, mas faltava-lhe gente, munições de guerra e mantimentos [3].

Almeida, que era então uma das primeiras e mais fortes praças fronteiras de Portugal, bem fortificada, bem provida de grossa e boa artilharia, d'uma guarnição de 3:000 homens [4], das munições e subsistencias para uma defeza dilatada, podia sustentar um sitio regular e deter os movimentos do inimigo por bastante tempo.

O invasor apoderou-se facilmente dos postos do Côa (*29-ju-*

---

[1] «Comme il nous fallait laisser un corps dans le nord du royaume à cause des troupes espagnoles qui se trouvaient en Galice, et qu'il fallait des garnisons dans les forteresses les plus exposées, il ne restait pour s'opposer en campagne á cette puissante armée des ennemis que 14 ou 15 mille hommes au plus, y compris les troupes anglaises».—(*Revista das Sci. Mil.*, anno de 1890, p. 225).

[2] Eram 8 regimentos portuguezes e 6 companhias francas de cavallaria, ás ordens do marquez de Marialva.—*Ibidem*, p. 224.

[3] Um documento publicado na *Synopse* de *Chaby* (vol. v, p. xxi) mostra que a praça de Castello Rodrigo não se achava em estado de defeza. Rectificamos por isso n'este ponto a *Memoria* do *conde de Lippe*.

[4] «La garnison était composée de 2 bataillons du regiment d'Almeida, de 100 chevaux du regiment du même nom; du *terço d'auxiliares*, et des compagnies franches de canonniers, ce qui formait prés de 3 mille hommes».—(*Memoria* na *Revista das Sci. Mil.*, p. 225).

lho) e da praça de Castello Rodrigo, sem dar um unico tiro, e logo seguidamente principiou o investimento de Almeida.

Entretanto o marechal Lippe tinha ordenado a concentração das forças disponiveis que se achavam dispersas pelas provincias da Extremadura, Alemtejo e Beira Baixa, nos arredores da praça de Abrantes (*9-agosto*), que figurou em toda a campanha como base das suas operações.

Em vista das operações na fronteira do Còa, e das informações que havia sobre a pouca precaução dos inimigos na sua zona fronteira do Alemtejo, o marechal general determinou-se a fazer alguns esforços, senão para salvar a praça de Almeida, marchando sobre ella, ao menos para retardar a sua perda, tentando uma incursão na referida zona, para ahi destruir os depositos de viveres e munições, e cortar a communicação de Badajoz-Merida-Caceres-Ciudad Rodrigo, por onde continuamente passavam diversos comboios.

O bom successo d'esta tentativa, que á primeira vista parece temeraria, traria as grandes vantagens de reanimar o espirito das nossas fracas tropas, de obrigar o inimigo a dividir e destacar do seu exercito uma parte das suas forças contra nós, e por consequencia a affrouxar as suas operações contra Almeida, e a transtornar o seu futuro projecto de invasão pelo Alemtejo.

Antes de tentar essa empreza, era essencial tomar algumas precauções. Se a praça de Almeida capitulasse antes do meado de setembro, o inimigo podia dirigir-se em força contra as nossas tropas que entrassem em Hespanha. Deram-se por isso ordens terminantes ao governador de *Almeida* para que não se rendesse antes que o inimigo tivesse aberto no corpo da praça uma brecha capaz de dar passagem a uma columna de 30 homens de frente.

O exercito gallo-hispanico, logo que conseguisse tomar Almeida, podia avançar para Celorico, tendo por objectivo o Porto ou Coimbra. Deixaram-se por conseguinte forças consideraveis no valle do Mondego, sob as ordens do general *Townshend*, para assegurar as passagens principaes, até que podesse ser apoiado pelo grosso que regressasse de Hespanha.

Essas forças postaram-se principalmente nas visinhanças de *Vizeu* e em *Celorico*, cujo castello foi reparado.

Era conveniente cobrir tambem a Beira Baixa contra as incursões do invasor, e para isso foi ordenado ao marechal de campo conde de Santiago que marchasse d'Abrantes para os lados da *Guarda* com 2 batalhões de infantaria e 2 regimentos de cavallaria que se lhe reuniram em Castello Branco.

O marechal general teve ainda o cuidado de mandar reparar e prover a praça de *Salvaterra do Extremo*, fortificada á moderna e situada vantajosamente sobre a ribeira d'Erges, que limita

a fronteira da Beira Baixa, e era importante não só para a defeza da entrada por esse lado, mas tambem para assegurar a direita e retaguarda das tropas do conde de Santiago. O commandante de Salvaterra teve ordem de se defender até á ultima extremidade.

Tomadas estas precauções, marchou o exercito d'Abrantes (*24-agosto*), para a fronteira hespanhola entre Valencia e Alcantara.

Um destacamento de cavallaria e infantaria, ás ordens do brigadeiro *Bourgoyne*, seguiu por *Castello de Vide* sobre Valencia d'Alcantara, que atacou e subjugou facilmente (*26-agosto*).

O grosso do exercito (17 batalhões e 4 regimentos de cavallaria) foi forçado a demorar-se no *Gavião*, por causa do mau serviço de viveres, e só chegou a Niza no dia 28 d'agosto, tempo a que se recebeu a noticia da rendição d'Almeida, contra toda a espectativa da sua prolongada resistencia, o que foi devido á fraqueza do seu octogenario governador [1].

Deploravel foi sem duvida a entrega da praça de Almeida, não só pelo facto em si, mas tambem porque a sua demorada resistencia era condição essencial ás operações do marechal general na fronteira hespanhola do Alemtejo. Assim, ficou esta empreza frustada, e as tropas retrocederam de Niza para Abrantes, excepto as de Bourgoyne, que ficaram encarregadas de cobrir a fronteira entre *Portalegre* e *Villa Velha*.

Alguns dias depois da entrega de Almeida, o exercito franco-hespanhol avançou pelo caminho de *Celorico*, de cujo castello se apoderou. Este posto de Celorico abria-lhe a estrada de Coimbra pela margem esquerda do Mondego, e interrompia a communicação entre as nossas forças postadas em uma e outra Beira. O marechal Lippe dispõe então (*9-set.*) as suas forças disponiveis em escalões desde a praça d'Abrantes até ao rio *Alva* (Ponte da

---

[1] «... une partie considerable de la garnison desertérent la place dés le commencement du siège par la nèglicence, ou connivence du gouverneur...»

«... le gouverneur avait capitulé le 26 août, les ennemis n'en étant encore qu'à leur première parallèle. Les bombes avaient détruit quelque maisons de la ville; les bateries à canon n'avaient fait encore que peu d'effect contre les défenses, ne voyant que la crête des ouvrages à une distance de plus de 250 toises».—(*Revista Sci. Mil.*, p. 225, 229).

«O fraco e decrepito governador capitulou a 26 d'agosto, quando o inimigo ainda apenas trabalhava na primeira parallela, e a sua artilharia, situada a grande distancia, nenhum damno havia produzido nas obras exteriores ou no recinto. Almeida rendia-se ao inimigo sem ao menos, ao que parece, perturbar com os seus canhões e as suas sortidas os trabalhos do sitiante».—(*Latino Coelho*).

Murcella) tendo como pontos intermedios *Cabaços* e *Foz do Arouce*, ficando assim prompto a tomar o partido que as circumstancias exigissem. O conde de Santiago teve ordem de se sustentar quanto possivel na Beira Baixa, e no caso de necessidade ir postar-se nas montanhas que se levantam entre o Tejo e o Zezere, afim de assegurar as principaes passagens, especialmente a de *Sobreira Formosa*, por onde os destacamentos inimigos podiam penetrar na Extremadura e incommodar as nossas communicações com Abrantes, emquanto o exercito se achava disposto em escalões, como vimos.

Entretanto dá-se uma substituição no commando em chefe do exercito inimigo, e o novo general commandante, o conde de Aranda, muda a direcção das operações, passando por *Sabugal* e *Penamacor* para a Beira Baixa, e pela estrada da fronteira hespanhola para Alcantara. As tropas do general Townshend, que estavam na Beira Alta, seguem esse movimento retrogrado até ás proximidades de *Almeida* e *Pinhel*.

O conde de Lippe faz retroceder os escalões para Abrantes (*15-set.*) e manda retirar tambem para ahi o general Townshend, que, deixando uma brigada a observar a guarnição d'Almeida, fez uma marcha de 50 leguas, desde *Pinhel* por *Celorico, Ponte da Murcella* e *Cabaços*, á *barca do Codes* (affluente do rio Zezere). As tropas que conduzia n'essa notavel marcha eram oito regimentos de infantaria e um de cavallaria.

Na sua passagem para a Beira Baixa, o invasor fez atacar as praças de *Salvaterra* e *Segura*, que, presidiadas por escassas guarnições, promptamente se renderam á primeira intimação; e ficando assim aberta a communicação entre Alcantara e Castello Branco, o exercito franco-hespanhol reuniu-se todo n'esta cidade e suas vizinhanças pelo meado de setembro. D'ahi podia proseguir as suas operações, indo passar o Tejo em Villa Velha para manobrar no Alemtejo, ou atravessar as montanhas a que acima nos referimos, para chegar a *Abrantes* ou *Thomar* e seguir em direitura á capital.

A primeira d'essas hypotheses era a mais perigosa para nós, porque n'um paiz aberto como é o Alemtejo, o nosso exercito, tão inferior em numero, não poderia fazer-lhe frente; as praças fronteiras do Alemtejo ficavam torneadas, e, mal guarnecidas como estavam, caíriam infallivelmente dentro de poucos dias em poder do inimigo. D'ahi resultaria afinal perdermos nós todo o Alemtejo, e ainda mesmo o Algarve.

A segunda hypothese era pelo contrario mais desfavoravel ao invasor. Porquanto, nos poucos desfiladeiros que atravessam a cadeia de montanhas, ha posições muito fortes, que é facil defender com pouca gente, chegando de sobra a que tinhamos; e

sendo facil fazer internar para a nossa Extremadura os poucos recursos que havia em tão esteril e agreste terreno, o inimigo, uma vez mettido por elle, tinha necessariamente de receber as suas subsistencias de Hespanha, e não seria de todo impossivel cortar-lhe os comboios. Resultaria, por consequencia, apparecerem em breve tempo as fadigas, a fome, as doenças e deserções, e portanto a aniquilação do exercito invasor, ou a sua retirada para Hespanha.

O nosso habil e previdente general em chefe anteviu tudo isso com uma grande certeza, e soube aproveitar d'uma maneira notavel as vantagens naturaes que o terreno offerece, tanto na margem esquerda do Tejo, como entre este rio e o Zezere, para impedir a passagem ao inimigo, o que constituia agora o fim essencial das suas operações.

E' aqui que se vê bem como os principaes obstaculos do terreno constituiram os principaes meios de defeza n'esta campanha, segundo o plano anteriormente indicado. E' um modo de defeza digno de ficar aqui bem registado, e por isso não podemos fazer melhor que reproduzir com todos os pormenores o proprio texto da memoria do conde de Lippe.

Eis, em primeiro logar, o que diz respeito ás medidas defensivas para se oppòr á passagem do Tejo, que mais se receava.

«Les bords du Tage, depuis sa jonction avec le Sever jusqu'à l'endroit où le grand chemin de Castello Branco à Niza traverse cette rivière au passage de Villa Velha, ont plusieurs circonstances trés avantajeuses pour défendre la rive méridionale, de sorte que par la difficulté des bords, l'ennemi en se conduisant suivant ce qui est ordinaire, se trouve réduit au seul point de Villa Velha, pour y passer un corps d'armée. Le comte fit marcher Mr. Burgoyne pour barrer ce passage avec ordre de faire en même temps observer le Sever avec le plus grand soin, pour assurer sa droite qui par sa nouvelle position, prés du bord méridional du Tage était la seule partie par où il paraissait vraisemblabe qu'on pourrait entreprendre sérieusement contre lui. Il fortifia sa positíon sur la rive se servant de tout l'avantage du local, il établit des batteries, qui voyaient le grand chemin qui passe vís-à-vis entre le pied de la montagne de Villa Velha et le bord septentrional du Tage, formant un défilé long et etroit jusqu'à l'endroit du passage.»

Pelo que respeita á defeza da linha de montanhas, que hoje é designada pelo nome de linha ou *posição das Talhadas,* a memoria diz o seguinte:

«Plus bas (do sitio de passagem), vers le couchant derrière la montagne, que prend son nom du bourg de Villa Velha, est un rideau au

sommet duquel se trouve le château de Villa Velha, [1] bati du temps des maures. Ce n'est plus qu'une mauvaise enceinte de murailles d'une épaisseur inègale, moindre de trois pieds; l'accès en est trés-difficile; on ne peut sans de grandes difficultés s'etablir avec du canon pour le battre des hauteurs voisines. Cette double montagne de Villa Velha est à l'extrémité de la chaine des montagnes dont on a parlé plus haut; cette chaine est contiguë à la Serra d'Estrella, si élevée qu'on y trouves des neiges pendant tout l'été; depuis Villa Velha tirant vers le nord il ne se trouve dans une ètendue de 18 lieues que deux grands chemins (encore sont-ils trés mauvais): l'un de ces chemins passe de Sarzedas à Sobreira Formosa, et l'autre par la montagne de Saint-Simon (Sarnadas); le premier se partage en deux, aprés avoir passé à Cortiçada, et ses deux branches se réunissent à Abrantes; le second conduit au passage du Zezere, en passant par Oleiros et Certã; ces chemins ménent ensuite par Santarem à Lisbonne»..... ....

«Le comte de Lippe trouva convenable, pour déterminer l'ennemi au dernier des deux partis d'ont on vient de parler, de faire occuper les montagnes entre Saint-Simon et Villa Velha, d'une manière, qu'il parût aux ennemis qu'il nous importait beaucoup d'en défendre sérieusement le passage, et l'entrée de l'Estremadure, mais qui en même temps leur laissât entrevoir des faibles, qui en quelque sorte les invitassent à en tenter l'avènement.»

«Le corps de troupes aux ordres du comte de Santiago, qui après l'arrivée de l'armée ennemie en deçà de Castello Branco ne pouvait plus se soutenir dans la Beira *(para a parte da Guarda)*, eut ordre de repasser l'Alvito, et vint occuper les passages de ce torrent traversant la grande route qui méne à Sobreira Formosa: le passage de Saint-Simon fut occupé par un dètachement de 300 hommes aux ordres d'un major; un autre détachement de la même force fut posté au debouché de Perdigão, et un lieutenant-colonel du regiment de Faro, nomè Silva, avec 500 hommes, [2] etait chargé de la défense du château et des hauteurs de Villa Velha. On rendit impraticable un chemin d'*almocreves,* qui passe de Sarzedas à Sobreira Formosa par Alvito au pied de la Serra da Venda du coté du nord: le poste qu'occupait le comte de Santiago avec 1:000 hommes, 200 chevaux et 8 pièces de canon, est fort par son front et sa droite, tant qu'on est maitre des hauteurs de Perdigão et de Villa Velha, et d'un passage ordinaire de l'Ocreza près du confluent de ce torrent avec celui d'Alvito;

---

[1] «Era um torreão quadrado, descoberto, formado por 4 paredes de pedra e barro de insignificante espessura, tendo apenas, pelo menos em alguns pontos, 3 palmos de altura, com varias e grandes arrombadas até ao alicerce, fechando um espaço abundante de matto e pedras, no qual eram notorios alguns cimentos, indicando ter sido em tempo povoado; espaço sem abrigo algum para habitação de tropas, nem condições algumas de defensa».—*(Chaby*, *Synopse dos decretos,* vol. v).

[2] Segundo *Chaby*, a força ás ordens do tenente coronel Silva compunha-se do 2.º batalhão do regimento do conde d'Aveiras, na força de 300 praças, incluindo os officiaes; mais um destacamento de pouco mais de 100 praças, ao mando d'um tenente do regimento de Olivença, bem como um alferes e 4 soidados de cavallaria. Esta força devia ser augmentada com duas peças, que do campo de Bourgoyne chegaram a passar o Tejo, mas pelas difficuldades de conducção não foi possivel havel-as nas alturas de Villa Velha.—*(Synopse dos decretos*, vol. v).

mais il pouvait être tourné par sa gauche; on y etablit quelques mauvaises redoutes d'une terre sèche mêlée de beaucoup de pierres. Ces postes laissaient entre eux le long des montagnes de trés grands intervalles, qu'à la verité aucun grand chemin ne traverse, mais ces montagnes, quoique trés hautes, sont presques partout accessibles à l'infanterie, que avec un peu de peine les peut passer».

«Le gros de notre armée vint camper à Mação, [1] pour paraite s'approcher afin de soutenir les postes dans les montagnes, mais en effet pour être à portée de faire marcher des détachements pour assurer le repliement des troupes placées d'ans les montagnes de Saint-Simon, Alvito et Villa Velha, l'orsqu'il en serait temps, aussi bien que pour gagner du temps en y chicanant plus longtemps les ennemis, lorsqu'on les verrait sérieusement engagés.»

O inimigo intentou primeiro a passagem do Tejo, e para este fim dividiu em tres columnas as forças destinadas a effectuar ou auxiliar esta operação. A primeira, de cerca de 6:000 homens, estabeleceu-se junto de Villa Velha, defronte dos postos de Bourgoyne e do flanco direito da linha de montanhas. A segunda, de 4:000 homens, postou-se entre Sarzedas e Montegordo para observar os postos do centro, ás ordens do conde de Santiago. A terceira, de 3:000 homens, acampou em frente do desfiladeiro das Sarnadas de S. Simão, no flanco esquerdo da linha.

Foram vãos todos os esforços empregados pelo inimigo para desalojar da sua bem fortificada e defendida posição o brigadeiro Bourgoyne, e por isso determinou-se a forçar a passagem das montanhas.

Para esse effeito, o ataque foi dirigido nos primeiros dias de outubro sobre toda a linha, mas principalmente sobre o posto de Villa Velha. Um destaçamento avançou para o desfiladeiro de S. Simão, afim de o reconhecer, e atacou os postos avançados que por ahi havia; um outro destacamento de 600 homens passou o Alvito, torneando pelo norte o posto do centro; uma grande parte (3:000 homens) das forças que se approximaram do Tejo atacou as alturas de Villa Velha.

O commandante d'este posto resistiu rijamente a esse ataque, até á ultima extremidade, durante um dia inteiro (*2-outubro*), apesar da critica situação em que se viu, [2] proveniente da des-

---

[1] Deve ter sido a 26 de setembro, pouco mais ou menos.

[2] A respeito da occupação, ataque e defeza do posto de Villa Velha, ha inexactidões na *Memoria* do *conde de Lippe,* que parece foi illudido por intrigas d'um engenheiro francez, encarregado de restaurar o castello de Villa Velha e que nada fez para isso; mas soube escapar-se depois do combate, para não ficar prisioneiro do inimigo. Rectificamos, pois, o que diz a *Memoria*, fundando-nos na exposição documentada que traz a *Synopse dos decretos*, vol. v.

proporção das forças (*1 para 6*), das ruinas do castello, da falta de munições e mantimentos, e do abandono em que o deixaram o brigadeiro Bourgoyne e o conde de Lippe sem o soccorrerem. Afinal o commandante capitulou na manhã do dia 3 de outubro, ficando prisioneiro com toda a gente que lhe restava (*338 homens*).

Respondendo a essas disposições e movimentos do inimigo, o marechal-general mandou reforçar as tropas do conde de Santiago com 2 batalhões enviados do campo de *Mação;* enviou tambem alguns regimentos d'este campo para Cardigos, e fez avançar 4 regimentos inglezes para as alturas das Talhadas, a nordeste do posto do centro, tudo afim de assegurar a retirada dos postos para Cortiçada (hoje *Proença a Nova*), Cardigos e Mação.

A perda do posto de Villa Velha acarretava necessariamente a das alturas de Perdigão, que por isso foi logo abandonada pela pequena força que o occupava. O inimigo para ahi se dirigiu sem perda de tempo, e passou a serra em *Porto Cabrão* com 6:000 homens (*3-outubro*), deixando ficar na povoação de Villa Velha, por causa da difficuldade dos caminhos, a sua artilharia (6 peças) guardada por uma força sufficiente (200 granadeiros e 100 cavallos).

Não escapou a Bourgoyne a occasião de surprehender esta gente, fazendo passar o Tejo, n'um vau a montante de Villa Velha, a uma parte das suas tropas, que acommetteram os hespanhoes de improviso, conseguindo aprisionar uma grande parte d'elles e encravar-lhe a artilharia.

O posto do centro, já torneado, como vimos, pelo seu flanco esquerdo, ficou torneado tambem pelo flanco direito com a passagem em Porto Cabrão; e sendo ameaçado de frente, no mesmo dia 3 de outubro, pelas forças inimigas que até ahi acampavam em Sarzedas, o marechal Lippe ordenou que se retirasse para Sobreira Formosa. Travou-se um pequeno combate de retirada, bem protegido pelos regimentos inglezes postados nas *Talhadas*, que impediram o avanço do inimigo, e os nossos retiraram em boa ordem para Sobreira e d'ahi para o campo de *Mação*, que continuou a manter-se até 12 de outubro. [1]

Desguarnecida toda a linha das montanhas, o grosso do exercito gallo-hispanico avançou de Castello Branco para *Sarzedas*, onde estabeleceu o seu quartel general (*5-outubro*). As forças avançadas que ahi tinham estado marcharam para as visinhanças da Cortiçada, d'onde enviaram destacamentos até Cardigos. As

---

[1] Veja na *Revista das Sci. Mil.* (anno de 1880, p. 21) a reproducção d'uns apontamentos do barão de *Wiederhold* sobre «*as ordens expedidas pelo quartel general do conde de Lippe, desde 2 de agosto de 1762 ate 28 de maio de 1763.*»

outras forças que se dirigiram para S. Simão avançaram d'ahi para Oleiros. No principal caminho de Sarzedas para Abrantes, os soldados da infantaria inimiga, á falta de paizanos, trabalharam sem descanço para o pôr em estado de passar a artilharia e outras viaturas. A cavallaria inimiga era tambem fatigada por continuos destacamentos para procurar viveres, que era difficil de encontrar, porque o conde de Santiago tinha feito retirar para a provincia da Extremadura tudo o que podesse servir á subsistencia e ás marchas do inimigo; além d'isso os habitantes, para se esquivarem ás crueldades do invasor, que saqueava e incendiava as povoacões, fugiam com os seus haveres para outras provincias ou escondiam-se nas montanhas menos accessiveis.

Para augmentar estes embaraços do inimigo, o conde de Lippe arriscou-se a fazer contramarchar as forças do general Townshend, que acabavam de chegar ao *Codes*, com o encargo de seguir pela margem direita do Zezere a juntar-se para os lados da Guarda á brigada que ficara nas visinhanças de Almeida, e tentar cortar por *Belmonte* e *Penamacor* as communicações do exercito inimigo com essa praça e a de Ciudad Rodrigo, impedindo-lhe assim receber subsistencias por esse lado.

Esta marcha de 40 leguas por asperrimos caminhos, logo em seguida a outra de 50 leguas, foi uma das manobras mais notaveis de toda a campanha, não só pelo incommodo que devia causar ao inimigo, mas porque foi pontualmente executada, graças á prodigiosa adaptação do soldado portuguez ás maximas privações e aos mais duros e asperos trabalhos, o que o marechal general não se cançou de elogiar.

N'este meio tempo, o invasor parecia querer avançar sobre *Abrantes* e *Thomar*, enviando fortes destacamentos para a passagem do Zezere proximo ao Codes.

O conde de Lippe mudou então o campo de *Mação* para o *Sardoal* (*12-out.*), a fim de approximar as suas forças d'uma posição singularmente forte que tinha escolhido para ahi esperar e bater o inimigo.

Essa posição tinha a esquerda apoiada na confluencia do Codes com o Zezere e seguia por *S. Domingos*, serra de *Santa Clara*, e serra de *Lercas*, quasi até á confluencia dos ribeiros Frio e Cordeiro com o Tejo. Cobria portanto Abrantes a duas leguas de distancia, na direcção de N.O. a S.E. Era dominante, pouco accessivel dos lados do atacante, e offerecendo boas posições para a artilharia. E' muito menos extensa que a linha das *Talhadas*, e, sendo escarpada em varias partes, não exige muita gente para a sua boa defeza.

O exercito franco-hespanhol não chegou a atacal-a. Pelo meado de outubro a sua situação tornava-se cada vez mais em-

baraçada, pelas fadigas, a fome, e as deserções; e vendo que se teimasse em seguir pelas montanhas chegaria antes á sua ruina do que á conquista de Portugal, tomou o partido de retroceder para o seu primeiro campo de Castello Branco, e d'ahi para Hespanha, em duas direcções: por Segura a Alcantara, e por Malpica a Herrera e Valencia.

Esta retirada fez-se já no principio de novembro, em que o inverno começava a tornar cada vez mais penosas e difficeis a ambos os contendores as suas operações campaes. N'aquelle tempo era pratica seguida o tomar quarteis de inverno, e suspender as operações até á primavera seguinte. O marechal Lippe assim fez, tendo em consideração o muito que as nossas tropas tinham soffrido, bivacando continuamente por falta de tendas. Dividiu as tropas por diversos e espalhados acantonamentos na fronteira da Beira Baixa, Sardoal e fronteira do Alemtejo.

Ainda que era de esperar que o inimigo fizesse o mesmo, segundo os boatos que para nos illudir espalhara e as fadigas que padecera no mez de outubro, o conde tratou de melhorar a situação das guarnições das praças fronteiras do Alemtejo entre os rios Tejo e Guadiana. E não teve que arrepender-se, porque o inimigo, que parecera suspender as operações, tentou ganhar por surpreza Campo Maior, e por intimação desejou render as praças de Marvão. Em ambas as tentativas lhe sahiu, porém, frustrado o intento. Ao mesmo tempo, o marechal general mandou passar as tropas da Beira para o Alemtejo, reunindo-as no campo de *Fortios* (*12-nov.*).

O inimigo, agora acampado nas cercanias de Valencia, dava mostras de querer penetrar no coração do Alemtejo, o que seria para nós a mais seria crise da campanha. Porquanto, se elle conseguisse apoderar-se das entradas da fronteiras, a topographia no interior da provincia não dava esperanças de poder resistir-se a um inimigo tão superior em forças, temporizando com a guerra de postos, como se fizera na Beira Baixa; por outro lado, as fortalezas da fronteira não se achavam em estado de ser abandonadas ás suas proprias forças.

Era forçoso, pois, disputar-lhe bravamente a passagem na fronteira, onde o terreno é mais accidentado. A este empenho accomodou o conde as suas novas disposições, fazendo concentrar a maior força possivel nas vizinhanças de *Portalegre* e na *serra de S. Mamede* [1].

---

[1] A *Memoria* dá bastantes pormenores a este respeito, bem como os apontamentos sobre «*As ordens expedidas pelo quariel general do conde de Lippe*», atraz citados.

Emquanto estas disposições se tomavam, tentou o inimigo apoderar-se da pequena praça de *Ouguella*, que apesar de pouco defensavel, fez honrosa resistencia (*19 nov.*), graças ao valor do capitão *Braz de Carvalho*, seu governador, dando assim uma amostra da velha energia portugueza.

Esta notavel defeza, bem como as de Campo Maior e de Marvão, e ainda a posição vantajosa das nossas forças para se oppôr á passagem das entradas na fronteira, fizeram vêr aos hespanhoes que não podiam apoderar-se das praças do Alemtejo com a mesma facilidade que tinham achado nas da Beira, e Traz-os-Moutes. Resolveram-se por isso a levantar os seus acampamentos proximos a Valencia, e, deixando bem guarnecidas as praças de Badajoz, Albuquerque e Alcantara, tomaram quarteis na sua Extramadura.

Entretanto (*3-nov.*), assignavam-se em Fontainebleau os preliminares da paz entre as nações que andavam em guerra ha 7 annos, em consequencia do que, um *armisticio* foi logo contractado (*22-nov.*), entre os condes de Lippe e de Aranda.

Assim terminou esta celebre campanha, em que os movimentos das tropas foram mais frequentes do que os encontros. Vê-se que durante ella foram atacadas quasi todas as nossas praças fronteiras desde Chaves até Campo Maior, e quasi todas cairam facilmente em poder do atacante; umas porque o seu estado de defeza e guarnição não permittia a menor opposição a forças consideraveis; outras por desastres lamentaveis; outras ainda por desanimo cobarde dos seus governadores. São circumstancias accidentaes e secundarias, que nada depõem contra a utilidade d'essas praças por aquelle tempo, em que a guerra era principalmente de sitio.

Vê-se mais que o conde de Lippe abandonou todas essas praças ás suas proprias forças, sem as soccorrer directamente, procurando pelo contrario — *a guerra de postos em terreno accidentado*, — o que era racionalissimo, dada a grande inferioridade numerica das suas tropas.

Tal foi a physionomia especial da defeza do reino na notavel campanha de 1762.

CAPITULO II

Noticia bibliographica concernente á organisação militar do conde de Lippe e á defeza do paiz durante este periodo

Apenas terminada a guerra, o marechal-general, d'accordo com o insigne ministro, marquez de Pombal, tratou de proceder a uma bem meditada e regular organisação da defeza nacional.

Foi assim que se creou o exercito moderno portuguez, como se vae ver.

Logo em 1763, appareceu uma larga serie de providencias e regulamentos destinados a aperfeiçoar as nossas instituições militares, a que se adaptou o que de melhor então se conhecia praticado nas outras nações, principalmente na Prussia, pelo grande Frederico II.

No mesmo anno de 1763, o conde reconheceu a grande importancia militar da montanha da *Senhora da Graça*, proxima e sobrancelra á praça de Elvas. Uma boa fortaleza ahi estabelecida constituiria, conjunctamente com a praça e o forte de *Santa Luzia*, um systema defensivo inexpugnavel, attendendo á technica da engenharia e da artilharia d'aquelle tempo.

Foi essa a origem do *forte da Graça*, que ainda hoje cuidadosamente se conserva, e que primitivamente se chamou *Forte de Lippe*, porque foi o proprio conde que fez o projecto da fortaleza, entregando depois a planta ao engenheiro Valleré, que dirigiu a construcção, [1] fazendo-lhe muitos addicionamentos com a approvação do conde.

---

[1] A construcção levou 15 annos, de 1763 a 1778, e custou 767 contos, mas ficou uma obra prima de architectura militar, segundo a opinião dos entendidos na materia.

*

A par dos trabalhos da nova organisação militar, o conde de Lippe procedeu pessoalmente ao reconhecimento de todas as praças e fortalezas do paiz, em varias jornadas, [1] que fez ao longo de toda a costa e da fronteira terrestre, na primavera de 1764. Resultaram d'ahi alguns trabalhos manuscriptos por elle, dois dos quaes teem os seguintes titulos: [2]

1—*Journal d'un voyage dans le royaume d'Algarve, avec des observations sur la rivière de Guadiana et les places de la province d'Alemtejo.*

2—*Indications des différents routes du royaume, avec des notes de la main du comte Guillaume, sur la nature de ces routes, considérées sous des rapports militaires.*

Parece que durante as suas jornadas de reconhecimento foi escrevendo á pressa, para enviar ao ministro, um outro trabalho, tendo talvez por titulo:

3—*Reflexões sobre as fortificações que se devem construir ou reparar ao longo das fronteiras ou das costas.*

Deprehende-se isto d'uma *Memoria* elaborada pelo mesmo conde que felizmente foi impressa, [3] e é a que segue.

*

4—Observações militares dirigidas ao marquez de Pombal pelo marechal general conde de Lippe em 5 de setembro de 1764.

Começa este trabalho por uma breve apreciação do estado do exercito, nas seguintes palavras:

---

[1] Os itenerarios d'essas jornadas encontram-se na *Revista das Sci. Mil.* (vol. VIII, p. 41).

[2] A noticia da existencia d'esses dois trabalhos encontra-se na *Relação dos papeis* que depois do fallecimento do conde em 1777, vieram para Portugal — (*Apontamentos para a defeza do reino*, pelo barão de *Wiederhold*).

[3] Vide p. 115 do folheto *Alguns factos militares portuguezes no seculo* XVIII, distribuido com a *Revista Militar* de 1873, e devido ao general *Palmeirim*.

«O essencial da obra está feito. Existe um exercito. Ha leis e artigos de guerra. Um regulamento [1] sobre a organisação, a composição, a disciplina, o serviço, a instrucção, a justiça, o pagamento e o recrutamento da tropa. Estas leis acham-se em execução, e são observadas habitualmente em quasi tres quartas partes dos regimentos.

«São disposições completas, inquestionavelmente novas e de especies differentes pelo que poderiam encontrar maiores difficuldades na adopção, Tudo se acha, todavia, em pratica e removidos os seus obstaculos. Actualmente ainda é preciso *o sempre necessario,* isto é, uma vigilancia incansavel no fazer cumprir escrupulosamente as ultimas leis, regulamentos e artigos de guerra. Para o conseguir convirá.....»

(Seguem-se varias recommendações para esse effeito, muitas das quaes ainda hoje se acham por providenciar ou mal constituidas).

O final d'essa memoria é concernente ás fortificações e por isso, não podemos deixar de o transcrever tambem:

«Nada disse das fortificações que se devem construir ou reparar ao logo das fronteiras, ou das costas. Já o tinha feito nas minhas *reflexões* sobre esta materia, á pressa, mas por escripto, nas viagens que fiz nos mezes de março e de maio d'este. E' assumpto vastissimo, e, posto que de grande alcance, menos importante todavia e urgente que a maior parte dos apontados n'esta memoria. O trabalho é calorosamente feito no levantamento do forte de Lippe em Elvas, e na reparação de Almeida. Uma modica despeza beneficiará a de Valença do Minho. O restabelecimento de Salvaterra e a reparação de Jerumenha parecem ser as mais necessarias. Tudo isto dará obra para algum tempo. Independentemente d'isto são sempre necessarias algumas pequenas despezas de conservação em Olivença, Campo Maior, Castello de Vide, Marvão e tambem em Elvas, Almeida e Valença. E' preciso conservar Monsão, Castello Rodrigo, as fortalezas das costas, as das entradas das barras, e mais algumas. Emquanto ao que conviria fazer em Abrantes, sobre as alturas de Lagos, em Castro Marim, bem como a respeito do novo forte proposto em frente de Segura sobre a altura de Guerreiros na passagem do Erges, a construcção d'uma boa praça em Traz-os-Montes (porque a de Chaves não é susceptivel de o ser), a reparação solida de Peniche, e outros trabalhos da mesma especie, não póde ser emprehendida senão d'aqui a algum tempo, porque retardaria as outras indicações da presente memoria, que são inquestionavelmente de maior urgeucia, como essencialmente necessarias á mobilisação do exercito.»

*

A 20 de setembro do mesmo anno de 1764, partiu o conde para a Allemanha, onde a sua assistencia se tornava necessaria por causa dos seus negocios. Por essa occasião, ao que parece, levou comsigo muitos documentos concernentes á defeza e á cam-

---

[1] E' o regulamento approvado pelo alvará de 18 de fevereiro de 1763. O general Fræser foi encarregado de analysar este regulamento 20 annos depois.—*Ibidem*.

panha de 1762, que lhe poderiam servir de subsidio para a continuação dos seus estudos, embora estivesse ausente do paiz. Eram plantas originaes das nossas praças de guerra, copias de plantas e cartas do paiz, relatorios, itinerarios e reconhecimentos originaes feitos durante a campanha, etc. [1]

Em 1767 voltou a Portugal por pouco tempo, afim de observar o resultado das suas medidas, e prover em outras coisas, sendo geralmente festejado.

Do seu castello de Buquebourg continuou em intimas relações com o grande marquez de Pombal, e dedicou-se ao estudo sobre a defeza do reino, como se vê pela seguinte relação de papeis, [2] que se encontraram depois do seu fallecimento em 1777, no mesmo anno em que se finou el-rei D. José, a quem tantos serviços prestou.

5—*Additions faites au forte de Lippe par ordre du comte Guillaume, en date du 10 fevrier 1768.*

6—*Brouillon de la main du comte Guillaume, ou il donne des details sur la conduite á tenir en cas d'attaque de différents places de Portugal, dont il indique le fort et le faible, notamment de Lisbonne, Porto, Elvas, Almeida, Valença do Minho, Beja, Evora, Abrantes, Campo Maior, Olivença, Castello de Vide, Castro Marim, Chaves, Miranda, etc., etc.*

---

[1] Na «*Relação dos papeis*» que vieram para Portugal depois do seu fallecimento, encontra-se noticia dos seguintes:

a—Un carton contenant 60 plans originaux de différents fortifications et parties du royaume de Portugal.

b—Un carton contenant 72 copies de plans et cartes du Portugal d'après les originaux.

c—Une liasse contenant em très grand nombre de rapports militaires, ordres, itineraires, reconnaissances, accompagnées de plusieurs lettres et dessins.

d—Deux liasses très considerables de lettres et projets ecrits en portugais, ainsi que des comptes rendus par des officiers généraux et autres.

e—Idem en anglais.

f—Resultat du conseil de guerre tenu par des officiers généraux sur les moyens de défense de Portugal en 1762.

[2] *Soriano* na sua *Historia da Guerra Civil em Portugal* (1.ª Ep., t. II, p. 127) dá noticia das diligencias que se empregaram para esses papeis virem para Portugal, e da boa quantia que custaram, 24:000 cruzados.

O mesmo *Soriano* (t. III, p. 297) dá a relação dos papeis.

Encontra-se tambem nos apontamentos do barão de *Wiederhold*, a copia da correspondencia a que se refere *Soriano*, e relação dos escriptos e papeis de que se trata, d'onde extraimos os concernentes á defeza, acima mencionadas.

7 — *Lettre du comte Guillaume au marquis de Pombal, en date du 9 juillet 1774, contenant quatorse articles sur la défense de Portugal.*

Por um extracto d'esta carta que se acha impressa [1], vê-se que não é concernente á defeza do reino, propriamente dita; mas sim a certas propostas relativas á *mobilisação* [2], feitas 10 annos antes *(Memoria de 5 de setembro 1764 atraz citada com o n.º 4)* e que o governo, ao que parece, não fôra sollicito em seguir.

8 — *Extrait d'une lettre au marquis de Pombal, contenant quelques additions á la précédente, principalment de nouveaux moyens de défense pour Lisbonne et le Portugal, avec un dessein, en date du 25 mai 1776.*

9 — *Projet du comte Guillaume sur la defense de Elvas, 1776.*

10 — *Mémoires pour servir á l'etat de la guerre défensive, destinés a former un systéme de la défense pour le Portugal, et dont la Cour pesséde le prospectus et quelques extraits.*

11 — *Plans de campagne concertés avec la cour de Lisbonne.*

12 — *Systémes particuliers de défense pour le Portugal, savoir:*

Défense du *port de Lisbonne* (lettre du 20 abril 1776).
Défense de *Elvas* (lettre du 2 mai 1776).
Défense de *Valença* (lettre du 10 mai 1776).

13 — *Mémoires générales sur la défense du Portugal, a Mr. de Pombal le 26 mai 1776.*

---

[1] Veja o já citado *folheto do general Palmeirim*, p. 129.

[2] Recommenda a necessidade de estabelecer a remonta da cavallaria; d'um parque de artilharia; de comprar peças *falconetes;* do aprovisionamento em munições das praças de guerra (pelo menos Elvas e Almeida); de fazer provisão de cereaes e farinhas, calculados para um anno e para todo o effectivo de guerra; do armamento e utensilios que deve haver sempre de reserva; de ter os quadros dos officiaes e sargentos completos; de instruir os *auxiliares* (as nossas reservas d'então); de colher informações precisas e circumstanciadas da fertilidade de cada provincia «para o regulamento das medidas que se devem adoptar no aprovisionamento das fortalezas e a subsistencia do exercito»; de ter conhecimento exacto do numero de cavallos, bois, muares e burros existentes em cada provincia; «de estar attento e procurar noticia dos preparativos que se fazem na Hespanha, e obter todas as informações possiveis a respeito das suas praças, guarnições, depositos, e fertilidade das provincias limitrophes de Portugal».

*

Os escriptores allemães, biographos do conde de Lippe, affirmam que elle escreveu uma memoria ou *plano defensivo de Portugal*, «*digno de um Fabio* [1].» Seria o n.º 10, 11 ou 13 d'esta relação? Não o podemos apurar, nem tão pouco analysar a materia dos trabalhos importantes que acabamos de relacionar, os quaes desappareceram, segundo affirma o general Palmeirim, dos nossos archivos militares, onde deviam existir; sendo inexplicavel a facilidade com que isso tem acontecido não só para estes mas para outros trabalhos de muita consideração [2]. Se taes documentos se fossem dando á luz, nas nossas *revistas militares*, com a vantagem de não acarretar despezas para o estado, todos poderiam facilmente conhecel-os, embora se extraviassem os originaes ou fossem consumidos com o andar do tempo por falta de uma boa installação ou da conveniente sollicitude.

Na epocha do conde de Lippe, houve, além d'elle, mais alguns militares distinctos, que com os seus trabalhos e escriptos contribuiram mais ou menos para a defeza de Portugal.

Citaremos as obras que se seguem, embora algumas não se possam ler, por se ignorar onde existem.

*
* *

Observações topographicas relativas ás provincias da Beira Baixa e do Alemtejo, com indicação das estradas de communicação das posições e dos pontos proprios para acampamento de tropas, colligidas em resultado do reconhecimento a que procedeu em 1762, o coronel Rainsford, por ordem do conde de Lippe.

Deprehende-se d'este titulo que o auctor esteve ao serviço de Portugal durante a campanha de 1762, e que esta memoria foi um subsidio para a direcção da mesma campanha.

---

[1] Veja o citado folheto (p. 13) do general *Palmeirim*.

O general *Stochler* informa tambem «ter ouvido dizer a pessoa muito instruida e muito veridica que o conde de Lippe escrevera um plano geral de defeza de Portugal, e que até o fizera imprimir em numero de seis exemplares».

[2] Encontra-se uma noticia historica de nosso *Archivo militar* n'um artigo da *Revista militar* de 1863, devido ao barão de *Wiederhold*.

Affirma um infatigavel investigador, [1] que contem um plano de defeza para o caso de que Portugal fosse atacado pelos hespanhoes, como de facto foi n'aquelle anno.

*
* *

Memoires on the present state of Portugal, addressed to. H. S. H. the count Schaumbourg Lippe, by colonel Lloyd, 1765.

O auctor era um homem de genio e de talento provado em varias obras de historia militar que depois escreveu.

Esteve em Portugal pouco depois da campanha de 1762. N'esta memoria ha uma parte que trata do nosso exercito, e faz menção da dita campanha. Não temos a certeza se foi esta ou outra memoria aquella a que se refere o general Stockler, [2] indicando que ella serviu de precioso auxiliar para o plano geral de defeza que o conde de Lippe depois elaborou. Não é facil encontrar essa ou outra memoria relativa a Portugal elaborada pelo auctor. [3]

*
* *

Etat present du royaume de Portugal en l'année 1766, par Dumouriez. [4]

Este pequeno livro ainda hoje se lê com interesse, e é citado por *Latino Coelho* e outros auctores nas suas obras historicas.

Dumouriez era n'aquelle tempo capitão d'infantaria do exercito francez e já se tinha tornado bem distincto na guerra dos sete annos (1756-63). Terminada esta guerra foi enviado em commissão [5] pelo seu governo á Italia, Hespanha, e Portugal, afim de estudar o estado militar d'essas nações.

---

[1] O barão de *Wiederhold*, nos apontamentos sobre a defeza do reino, que existem na secretaria do corpo de estado maior.

[2] Veja o folheto *Alguns factos militares*, etc. do general *Palmeirim*, (*Rev. Mil.*, 1873, p. 12).

[3] O barão de *Wiederhold* diz que não foi encontrada nem nos archivos, nem nas livrarias de Inglaterra, onde se procurou em 1861, na supposição de ter sido impressa. Comtudo sabia-se que o conde de Oeynhausen possuia, em 1797, uma copia d'essa memoria com anotações da sua mão. É possivel que a tenham os herdeiros d'esse conde.

[4] Foi impresso em *Lausanne* em 1775, e traduzido em inglez, hespanhol e allemão. Encontra-se em varias bibliothecas.

[5] *Dumouriez* nas suas «*Memoires*» escriptas em 1794 dá outro caracter a estas viagens.

Esteve no nosso paiz, que percorreu em differentes direcções, nos annos de 1765 e 1766, tomando notas, consultando obras dos auctores nacionaes, e por fim consignou as suas observações n'uma memoria que dirigiu ao ministro francez *Choiseul*. Este ministro de combinação com a Hespanha procurava então subtrair Portugal á influencia ingleza, o que já tinha dado origem á campanha de 1762.

Foi essa memoria que serviu de base á obra acima citada, e a outras que mais tarde escreveu relativamente a Portugal, como veremos no sitio competente.

Um auctor francez d'um livro recentemente publicado [1] assevera que Dumouriez escreveu pelo mesmo tempo uma outra memoria intitulada: *Systéme d'attaque et de défense du Portugal*, [2] que remetteu ás duas côrtes de Paris e de Madrid, e que não foi impressa.

O livro «*Etat present*» acima referido contem bastantes pontos concernentes ao ataque e defeza do nosso paiz, e parece-nos interessante resumir aqui as opiniões do auctor acerca dos pontos príncipaes.

Com relação aos verdadeiros pontos d'ataque entende Dumouriez:

«Que Lisboa e Porto são os dois unicos pontos onde a guerra seja perigosa para Portugal. Ainda que todas as provincias estejam conquistadas, se Lisboa e Porto se conservarem livres, a guerra ficará no mesmo estado para as negociações de paz, como se nada se tivesse feito.

Mas é sobretudo em Lisboa onde os hespanhoes devem procurar a paz. É preciso todavia um plano d'ataque bem firme, fundado n'um perfeito conhecimento do paiz e executado com muita promptidão.»

Em consequencia d'isso Dumouriez regeita a guerra por provincias e a guerra de sitio das praças fronteiras.

«O desatino e a ignorancia que os hespanhoes teem empregado no ataque de Portugal e que os portuguezes têem empregado na sua defeza offerecem scenas ridiculas e lastimaveis, e fazem apparecer no sul a arte da guerra atrazada pelo menos dois a tres seculos em relação ao resto da Europa.»

«A tomada d'algumas praças que se restituem ao tratar da paz, depois de se terem consumido muitas vidas e dinheiro para as tomar e guardar não tem importancia para as negociações; é o que os francezes, mais que nenhuma outra nação, reconhecem cada vez que têem guerra com os allemães.

---

[1] **Guillon**, «*Nos ecrivains militaires*», p. 307, (Paris 1898).

[2] Nos apontamentos do barão de *Wiederhold* encontra-se tambem a noticia do mesmo facto, extraido d'uma obra franceza (que não indica) contendo um artigo biographico relativo ao general Dumouriez.

«Os portuguezes não devem occupar-se uuicamente a arranjar um systema de praças que leve os hespanhoes a este genero de guerra dispendioso e indeciso.»

«Os rios e cadeias de montanhas indicam um genero simples e pouco dispendioso de fortificação, por meio do qual se podem pôr a coberto Lisboa e Porto.»

Examinando a maior ou menor facilidade de ataque e defeza de cada uma das nossas provincias em separado, chega a deduzir que a entrada mais conveniente é pelas duas margens do Tejo.

«A provincia de *Entre Minho e Douro* tem muitas defezas naturaes, sendo difficil de atravessar e muito facil defender com as proprias milicias, e dois ou tres batalhões de guarnição ao longo do Minho e no Porto.»

«A provincia de *Traz-os-Montes* é de nulla importancia n'uma guerra entre a Hespanha e Portugal; e é mesmo perigoso para os hespanhoes quererem penetrar por essa provincia, como experimentaram com muita perda em 1762.

«A provincia da *Beira* dividida em alta e baixa pela serra da Estrella não deve ser atacada pelos hespanhoes senão do lado do Tejo e de revez, caindo ella então naturalmente por si. Querendo entrar pela Beira Alta é preciso fazer o sitio d'Almeida, e esta empreza affasta-os de Lisboa, dá aos portuguezes tempo de tomar uma resolução, e aos inglezes de chegaram em seu auxilio. Depois de tomada a praça avançando pela Beira, depara-se com a serra da Estrella formando uma barreira que cobre a capital por esse lado. Deve-se contar com o encontro d'um exercito de 20:000 portuguezes bem disciplinado e de 7 a 8:000 inglezes: imagine-se o que se poderá emprehender contra um tal exercito entrincheirado nas montanhas, e auxiliado por 30:000 paizanos bravos e crueis.

«A parte da Beira Baixa é muito difficil de penetrar, porque se entra ahi por portellas quasi impraticaveis, mesmo sem serem defendidas. A parte mais essencial a guardar é *Zibreira,* onde se projectou a construcção d'um forte, *Idanha, Penamacor* e *Alfaiates.*

«A *Guarda* domina toda a Beira e forma um excellente campo para 15 a 20:000 homens. Milord *Galloway*, em memorias particnlares, decide que é o posto mais proprio para a defensiva que podem tomar os portuguezes para cobrír Lisboa, porque guarnecendo adiante de si as portellas de Sabugal, Penamacor e Castello Branco, cobre ao mesmo tempo a Beira, o Douro, e o Tejo.»

«A provincia do *Alemtejo* tem sido o theatro predilecto das suas perdas. Enganam-se imaginando que o Alemtejo conduz a Lizboa. O rio Tejo guarnecido d'um exercito para impedir as suas passagens não pode atravessar-se. Um exercito que entre no Alemtejo não faz a guerra senão a esta provincia e quando muito ao Algarve: a tomada d'estas duas provincias não conclue nada, e não abala a monarchia portugueza que reside toda em Lisboa e Porto».

«O Alemtejo está coberto de praças de guerra, que são susceptiveis de se tomarem; mas além da despeza e o tempo perdido, o clima é ahi tão funesto que um exercito que ousasse estabelecer ahi os seus quarteis morreria de fome, de sede, e de doenças epidemicas, ainda que tome todas as precauções, e estabeleça os armazens e os hospitaes possiveis; esta razão apoiada n'uma experiencia funesta e vergonhosa, bastou para levar a Hespanha a não dirigir mais os seus esforços por este lado. O que

os portuguezes mais devem desejar é ver os hespanhoes começar a guerra por essa provincia.»

«O *Algarve* é quasi impenetrvel aos hespanhoes, e a sua entrada n'esta provincia seria sem objecto. Pelo lado do mar é sujeita a alguns ataques».

Um outro ponto importante é o das nossas praças de guerra. Dumouriez dá noticia das que existem em cada provincia, do numero e natureza das suas obras, e da sua importancia. Pode-se resumir no seguinte:

«Portugal não tem falta de praças fortes, tem mesmo mais do que precisa, e não pódem ser todas guarnecidas de tropas sufficientes sem enfraquecer o exercito.

«Não se póde destínar para essas praças mais de 8:000 a 10:000 homens de tropa regular, se se quizer ter um exercito para as operações de campanha.

«A posição das tropas que defendem a fronteira não é sempre o ponto determinante dos ataques, o que se prevê pelo exame das praças de Portugal; muitas d'estas praças estão bem situadas para a defeza do paíz, outras são inuteis.

«A praça mais forte e mais importante de Portugal é *Elvas*. Os hespanhoes não pódem penetrar no Alemtejo deixando esta praça atraz de si. Comtudo os fortes de Santa Luzia e de Lippe não são isentos de defeitos, e as fortificações da praça são mediocres.

«A praça de *Almeida* é assaz forte, e, sendo bem defendida póde occupar o invasor durante uma campanha inteira.

«Os hespanhoes consideram estas duas praças como as chaves de Portugal.

«*Castello de Vide, Villa Velha, Abrantes* e *Santarem* são posições excellentes que convém ter bem fortificadas.

«A praça de *Estremoz* não vale nada, porque todas as suas obras são velhas, mal feitas e em mau estado.

«*Campo Maior*, é uma praça importante e forte sobretudo depois que o conde de Schomberg augmentou as suas fortificações com um forte destacado muito bom.

«As outras praças entre o Tejo e o Guadiana, e as que estão na margem d'este rio umas são fortificadas á antiga, outras não valem nada.

«A praça de *Setubal* e o seu porto estavam bem fortificados.

«O porto de Lisboa tambem.

«No rio Minho a praça de *Caminha* está bem fortificada á moderna, mas era dominada por toda a parte. As praças de *Valença* e *Monsão* eram importantes, mas estavam mal fortificadas, comtudo seriam melhoradas segundo um novo plano.

«As praças de *Traz-os-Montes* não eram capazes de defeza, por estarem em sitios baixos, dominados por toda a parte; taes eram: *Miranda, Outeiro, Bragança* e *Chaves*.»

Emfim, Dumouriez faz referencias a alguns officiaes que prestaram a sua contribuição para a defeza do paiz. Taes são:

«*Simão Fraeser*, que estava ao serviço de Portugal desde 1762, e fizera um reconhecimento nas provincias do norte, mas que levára comsigo só desenhadores, e era duvidoso que visse o terreno com *olho de mestre*.

«O coronel *Funck*, que foi encarregado de *desenhar* todas as fronteiras, e apresentou ao ministro um systema geral de fortificação, de que se dizia muito bem, e que julgára ter sido bem acceite.

«*Galloway*, que escreveu algumas memorias, e de quem já se fallou, a proposito da posição da Guarda.»

Decadencia militar. —Depois da campanha de 1762, houve em Portugal um longo periodo de paz, durante o qual a disciplina militar se foi affrouxando, as novas leis e regulamentos estabelecidos pelo conde de Lippe deixaram pouco a pouco de se cumprirem em muitas das suas disposições, e afinal o exercito recaiu na decadencia d'onde tinha saído.

«Sómente durante os breves annos do commando exercido immediatamente pelo conde de Lippe o exercito prosperou e floresceu, e se igualou ás boas tropas europeias.» [1]

Depois da sua saida do reino, ainda continuou em correspondencia com o marquez de Pombal; mas este, absorvido por gravissimas questões de estado, que nada tinham com a guerra, já não se preoccupava tanto, como em 1762, com a reformação e melhoria das forças e o systema defensivo da nação. Assim, nos ultimos annos da sua larga gerencia de 25 annos «o exercito havia quasi retrocedido ao estado em que jazia em tempo do reinado de D. João V». [2]

Em 1777 houve mudança de imperante, de ministro e de politica. Com a morte de el-rei D. José deu-se a queda do ministro marquez de Pombal, seguida d'uma violenta reacção contra a sua grande obra administrativa e organisadora em todos os ramos da economia e administraçao do Estado.

O ministerio da infeliz rainha D. Maria I, cujo fraco animo os inimigos das reformas perturbaram a ponto de a fazerem enlouquecer, fez retrogradar a nação no impulso do progresso que o grande marquez lhe déra, e o exercito não podendo deixar de partilhar essa retrogradação, caminhou desde então com uma enorme acceleração para o seu derradeiro abatimento.

Isto prova mais uma vez que, nos ocios da paz em Portugal, pouco ou nada se cuida das coisas militares; e prova tambem que, embora as organisações militares sejam excellentes, é preciso que não falte a mão vigorosa e firme do commando para as fazer cumprir, e manter a sua instrucção e disciplina.

---

[1] *Latino Coelho, Historia militar e politica de Portugal*, (t. III, p. 82).
[2] *Ibidem* (p. 83 e 86).

III PERIODO

A GUERRA Á FRANÇA REVOLUCIONARIA

(1789 — 1801)

III PERIODO

CAPITULO I

Campanhas do Roussillon e Catalunha [1]

(1793-95)

Politica europeia.—A grande revolução politica e social da França nos fins do seculo XVIII, uma das mais espantosas que se tem visto no mundo, proclamando os direito do homem e o principio da soberania nacional em contraposição ao chamado *direito divino* dos reis, não podia deixar de ter grande influencia em todos os estados da Europa, incluindo Portugal.

Logo no berço da revolução, as primeiras crueldades commettidas por occasião da tomada da Bastilha *(14-julho-1789)*, mostraram á evidencia que as tropas de Paris romperam os laços da disciplina para seguirem as bandeiras populares. Não prestaram fidelidade á monarchia. A democracia invadira as fileiras.

Tirando lição d'esse exemplo, decretaram-se em Portugal varias medidas, tendentes mais a attrahir por favores concedidos

---

[1] Biblíographia especial sobre estas campanhas: «*A divisão auxiliar portugueza á Hespanha*», *por* **Abel Botelho** (Saiu no *Exercito Portuguez*, n.º 137 de 1884).—«*Memoria dos successos da guerra dos Pyrineos orientaes*,» por um anonymo.—*Latino Coelho*, e *Soriano*, nos capitulos respectivos das suas obras geraes já citadas.—*Chaby*, 1.º volume dos *Excerptos historicos*.

aos militares a sua affeição á dynastia, do que dictadas pela necessidade de corrigir e melhorar a sua decaída situação. [1]

Todavia, o governo, conhecendo que o exercito carecia de grandes melhoramentos, convocou uma junta militar de revisão, [2] destinada a tratar da organisação do exercito. Faziam parte d'esta junta todos os militares portuguezes experientes e que pela sua posição se reputavam mais competentes. Era presidente o duque de Lafões, e vogaes todos os generaes do conselho de guerra, os inspectores geraes do exercito, e o proprio ministro da guerra. A imperfeição e a natureza indeterminada das instrucções dirigidas á junta, foram a causa do nenhum exito havido da mesma. [3]

Os progressos da revolução, precipitando-se com vertiginosa rapidez e inauditas crueldades, a ponto de ser guilhotinado o desgraçado monarcha Luiz XVI *(21-jan.-1793)*, infundiram nas côrtes europeias o maximo terror e receio, incitando-as a concertarem-se sobre os meios efficazes de reprimirem no seu curso o terrivel inimigo, — a democracia — que ameaçava destruil-as pela base, de que resultou colligarem-se em varios grupos e por diversas vezes contra a nascente republica franceza.

Uma das coalisões foi formada pela Hespanha com a Inglaterra *(25-maio-1793)*, em que a côrte de Lisboa quiz tambem tomar parte, [4] mas não lhe sendo isso acceite pelas duas potencias, limitou-se a fazer duas convenções, uma com a Hespanha *(15-julho-1793)*, outra com a Inglaterra *(26-set.-1793)*, em que se compromettia a prestar-lhes *auxilios militares contra a França*, devendo ellas, em compensação, proteger a metropole portugueza e as suas colonias no caso de ataques por parte da França.

Foi uma *estulta politica* [5] do nosso ministro Luiz Pinto de

---

[1] Acha-se na citada *Historia* de *Latino Coelho* (t. II, p. 203 a 206), a exposição d'essas medidas que consistiram principalmente: na reducção do tempo de serviço, no augmento dos soldos, em levantar o prestigio das ordens mllitares, na creação da «Academia de fortificações e desenho» (hoje *Escola do Exercito*), e em alguns exercicios de tropas em certos campos de manobras.

N. B. — O barão de *Wiederhold* colligiu umas *Notas sobre algumas manobras do exercito portuguez no seculo passado e no actual*, em que dá minuciosa conta d'esses e outros campos de manobras. (Veja a *Revista das Sci. Mil.* n.os 43 a 47).

[2] Alvará de 31 de maio de 1792.

[3] Barão de *Wiederhold* (artigo na *Revista Militar* de 1863, p. 341), com o titulo: «*Crise do exercito portuguez no anno de 1801, e sua organisação em 1806.*»

[4] *Historia* de *Soriano* (1.ª Ep., t. I, p. 439, 465 e 474).

[5] *Ibidem.* (T. II, p. 42).

Sousa, que por aquelle tempo presidia aos negocios da guerra e dos estrangeiros.

Portugal viu-se assim envolvido no grave conflicto europeu contra a França, só pelo louco desejo de querer abafar as idéas liberaes que de lá podiam vir contagiar o reino. A nossa independencia não foi ameaçada pela republica franceza. Muito pelo contrario a França enviou a Portugal Mr. *Darbeau* na qualidade de agente diplomatico, afim de offerecer ao nosso governo vantajosas condições para se conservar neutral na lucta com a Inglaterra. O *Directorio* era pois o primeiro a indicar-nos a politica que mais nos convinha seguir. Era indubitavelmente mais sensato e mais prudente, conservar em tal estado de circumstancias uma perfeita neutralidade, como fez a Suecia e a Dinamarca, apesar de todas as diligencias em contrario da parte da Russia e da Grã-Bretanha.

Na impossibilidade d'isso, devia-se ao menos fazer uma alliança em condições vantajosas com a Inglaterra e a Hespanha, nações que precisavam mais do nosso apoio, do que nós d'ellas.

A natural e immediata consequencia d'aquella nefanda politica foi a França começar com toda a razão, a considerar-nos como potencia belligerante contra si; e sem declaração de guerra, rompeu, desde logo, as suas hostilidades contra o nosso commercio e navegação mercantil, auctorisando os corsarios francezes ao aprisionamento de quantos navios portuguezes a sorte lhes fosse deparando, emquanto a guerra que trazia com as outras nações no centro da Europa, lhe não permitisse voltar as suas armas contra Portugal.

Tal foi a origem da prolongada lucta internacional, em que Portugal se viu envolvido desde os fins do seculo XVIII até á paz geral em 1815, com grave risco de perder a sua independencia.

Passemos a considerar os factos principaes d'essa memoravel contenda, sem perdermos de vista o caracter succinto que é proprio d'um *summario*, nem o objecto principal do nosso estudo, qual é a *defeza de Portugal.*

Auxilios á Hespanha.—Em cumprimento das convenções estabelecidas com a Hespanha, deu-se pressa o governo portuguez em ordenar o apercebimento d'uma pequena divisão de exercito para ir auxiliar as tropas hespanholas, que já em março de 1793 tinham começado as suas operações na fronteira dos Pyreneus; [1]

---

[1] A guerra principiou pelo combate de Viella, a 31 de março de 1793. (*Historia* de *Latino Coelho*, t. III, p. 103).

e em mandar apromptar os nossos navios de guerra para se unirem ás esquadras inglezas, todas as vezes que o governo britanico assim o exigisse.

Era diminuta a força d'esta divisão auxiliar: 6 regimentos de infantaria e uma brigada d'artilharia, tudo na força escassa de 5:000 homens. [1]

Comtudo gastaram-se quatro mezes a apromptal-a, á custa de grandissimos esforços, o que denuncia as circumstancias lamentaveis em que por então se achavam as forças militares do paiz. [2]

Como esta divisão ia combater em paiz extranho, por causa de uma cega diplomacia, um inimigo de quem a nação não havia recebido affronta alguma directa, era geralmente debil nos soldados portuguezes o fervor e o enthusiasmo pela guerra.

Por outro lado a divisão auxiliar foi tratada com muito desamor pelos hespanhoes a quem ia soccorrer, e mal aproveitada nas suas operações militares, considerando-a mais como tropas mercenarias, do que como seus hospedes e auxiliares.

Apezar de tudo as tropas portuguezas distinguiram-se em todas as acções a que assistiram. E ao cabo de dois annos de guerra, constantemente activa, mesmo no pino do inverno, voltou á patria, onde chegou em dezembro de 1795, consideravelmente desfalcada pelas fadigas e combates. [3]

Foi essa vinda devida á perfida conducta da còrte de Madrid, influenciada então pelo nefasto e valido ministro Godoy. Vendo este que as armas francezas se mostravam victoriosas sobre todas as nações, tratou de se pôr logo ao seu lado. guardando a esse respeito o maior sigillo para com as còrtes de Lisboa e Londres, suas alliadas, contra as quaes assim se voltou. Só depois de firmado o tratado de Basilêa *(22-julho-1795)*, em que a Hespanha negociou as condições da sua paz com a França, é que se rompeu o segredo, e se viu o desprezo com que nos tratára.

Esta foi a recompensa que Portugal tirou dos seus generosos auxilios á còrte de Hespanha, não obstante o proximo parentesco que havia entre as duas familias reinantes.

Soccorros á Inglaterra.—Pelo que respeita aos soccorros prestados á Inglaterra, o nosso governo, annuindo ás insinuações

---

[1] *Ibidem* (t. III, p. 95)—Veja tambem *Soriano* (1.ª Ep. t. I, p. 513) e o documento n.º 39-D (t. III, p. 154).

[2] *Historia* de *Latino Coelho* (t. III, p. 88 e seguintes).

[3] A *Historia* de *Soriano* (1.ª Ep., t. III, p. 236), avalia o desfalque em cerca de 2:000 homens, mortos pelas inclemencias do serviço, durante 2 invernos successivos nos Pyreneus, ou pelas balas do inimigo.

que o gabinete de Londres lhe manifestára, poz á sua disposição, em 1793, uma esquadra composta de sete navios.

E pediu-lhe que no plano das suas principaes operações comprehendesse a defeza das còrtes do Brazil e de Portugal, e bem assim a protecção do commercio e navegação mercantil em que os corsarios francezes tinham já causado gravissimos prejuizos.

Essa esquadra voltou ao Tejo passados dois mezes, sem nada ter feito, por causa d'uma molestia epidemica que se desenvolveu a bordo. [1]

No anno seguinte de 1794 enviou-se outra esquadra de 8 navios, que prestou melhores serviços, regressando ao Tejo passado quasi um anno, em março de 1795. [2]

Estava assim terminado o primeiro acto da nossa lucta contra a França (1793-95), de que Portugal não colhera mais fructos do que o esteril sacrificio de muitas vidas, a perda de muitos navios mercantes, [3] e alguns de guerra, e o dispendio consideravel de cinco milhões de cruzados approximadamente. [4]

Não seria mais proveitoso empregar essa enorme quantia em armamentos, navios e fortificações para fazer respeitar a nossa neutralidade, caso fosse violada por alguma das potencias belligerantes? Quer-nos parecer que sim.

E diziam então que não havia dinheiro para as disposições defensivas do reino!

---

[1] *Historia* de *Soriano* (1.ª Ep., t. II, p. 10).

[2] *Ibidem*, p. 11.

[3] O valor das presas feitas aos navios mercantes até 1796, chegou a mais de 10:000 contos de réis. (*Ibidem*, t. III, p. 252).

[4] *Historia* de *Latino Coelho* (t. III, p. 529).

CAPITULO II

Negociações de paz mollagradas

Mediação da Hespanha. — Para bem se comprehender o que se fez e escreveu ácerca da defeza nacional, no intervallo entre as duas campanhas de 1795 e 1801 é preciso saber-se qual era então a situação politica de Portugal em relação ás outras potencias belligerantes.

A Hespanha, constituida por seu proprio arbitrio em nossa tutora, nos termos do artigo 15.º do tratado de Basilêa, [1] offereceu ao governo portuguez a sua mediação para o restabelecimento da paz com a França, o que foi acceite na melhor boa fé *(13-out.-1795)*.

Levantaram-se, porém, grandes difficuldades para a paz se conseguir, sendo a principal d'ellas a firmeza e fidelidade da nossa amisade e alliança com a Inglaterra. [2] Era condição *sine qua non* fechar os portos do reino aos inglezes, além d'outras condições de paz iniquas, humilhantes e por conseguinte inacceitaveis [3].

---

[1] Eis o texto d'esse artigo 15.º: «A republica franceza, desejando dar um testemunho de amisade a S. M. catholica, acceita a sua mediação a favor do reino de Portugal, do rei de Napoles, do rei da Sardenha, do infante duque de Parma, e dos mais estados da Italia para o restabelecimento da paz entre a mesma republica e cada um dos ditos principes e estados». — (*Historia* de *Soriano*, documento n.º 44 a p. 220 do t. III).

[2] *Ibidem* (1.ª Ep., t. II, p. 69).

[3] As condições que a França propunha pelo meado do anno de 1796 eram fundadas nas seguintes bases: 1.ª inteira separação da Inglaterra; 2.ª fechar os portos do reino aos navios inglezes, permittindo n'elles a entrada sómente aos francezes; 3.ª concessão da livre navegação do rio Amazonas; 4.ª finalmente uma indemnisação pecuniaria pelos prejuizos soffridos pelos subditos francezes.

Esta indemnisação, além de exorbitante, porque montava a 4:000 contos de réis, era iniqua, ignorando-se com que direito se devia pagar, ainda em cima do enorme prejuizo de cerca de 10:000 contos que os corsarios francezes fizeram ao nosso commercio. (*Ibidem*, t. II, p. 59 e 76).

Portugal não podia por então infringir os seus tratados de alliança com a Gran-Bretanha, sem se expôr a uma total ruina com a perda das suas colonias. Por outro lado a Hespanha e a França, que a todo o custo queriam aniquilar a Inglaterra, firmaram um tratado de alliança offensiva *(19-agosto-1795)* contra ella, em que Portugal seria cruamente victimado, se não quizesse separar-se da sua alliada. Não havia pois meio termo. O dilemma era terrivel: *a perda das colonias* ou *a perda da independencia.*

Em tão criticas circumstancias não era para estranhar que as negociações politicas da paz tomassem um caracter interminavel, embora as duas potencias adversas instassem pela sua conclusão com ameaças de guerra. Era assim que a Hespanha, em logar de nos soccorrer contra os ataques da França, segundo o tratado de alliança de 1778, e a convenção de 1793, fazia causa commum com ella para invadir Portugal.

Depois da sua alliança offensiva com a França *(19-agosto-1796)* o governo hespanhol não só ordenou o augmento do seu exercito, [1] «*mas até mandou pôr em marcha sobre differentes pontos da fronteira de Portugal muitas das suas tropas*», [2] não obstante a perfida promessa de que não nos atacaria, nem daria passagem ás tropas francezas pela Hespanha para que nos atacassem por terra, na conformidade do tratado de 1778.

Preparativos de guerra em 1796.—Em vista pois disso o governo portuguez não podia deixar de se precaver para as eventualidades da guerra. Eis em resumo algumas das medidas preventivas que tomou.

Mandou recrutar mais de 4:000 homens na cidade de Lisboa e seu termo. [3]

Decretou que fossem augmentados os effectivos dos corpos do exercito. [4] Reorganisou os *terços auxiliares*, que desde então passaram a denominar-se *regimentos de milicias*, na força de 800 homens cada um. [5] Creou uma «*Legião*» de tropas ligeiras, composta de um batalhão de infantaria, 3 esquadrões de cavallaria,

---

[1] O exercito hespanhol elevou-se a 98:000 homens de infantaria (tendo metade licenciada), com 14:000 de cavallaria e 6:000 artilheiros. (*Ibid.*, t. II, p. 84.)

[2] *Ibidem*, p. 85, 86 e 88.

[3] Aviso de 18-julho-1796. (Documento n.º 53 da *Historia* de *Soriano.*)

[4] Decreto de 1-agosto-1796, fixando em 1:200 homens o effectivo dos regimentos de artilharia, em cerca de 900 o dos regimentos de infantaria, e de 600 o dos regimentos de cavallaria. (Veja *Synopse* de *Chaby*).

[5] Decreto de 7-agosto-1796. (*Idem*).

e uma bateria de artilharia ligeira a cavallo, na força total de 1:379 homens. [1] Determinou que no caso da guerra entre as potencias nossas alliadas e amigas, se observasse o systema de neutralidade nos portos do reino e seus dominios, não admittindo os corsarios nem as suas prezas. [2] Ordenou a extincção dos privilegios que isentavam do serviço do exercito. [3]

Mandou modificar a organisação da infantaria, constituindo todos os regimentos a dois batalhões de 800 homens cada um. [4]

Com taes disposições as forças de 1.ª e 2.ª linha chegaram a um total de 60:400 homens, [5] em novembro de 1796, estando ainda longe do effectivo completo calculado segundo os quadros estabelecidos.

Em quanto ás guarnições das praças e pontos fortificados já desde o anno de 1795 se lhe tinha dado melhor organisação. [6]

Foi por esse tempo que se instou com a viuva do conde de Lippe para a acquisição dos seus escriptos e papeis relativos á defeza de Portugal, a que nos referimos no periodo antecedente, [7] e de que então tanto se sentia a falta.

Recorreu-se ainda ao antigo uso de pedir á Inglaterra auxilios de tropas, navios e dinheiro.

Mas esta respondeu que no caso, aliás pouco provavel d'um rompimento entre Portugal e a Hespanha no outono ou no inverno d'aquelle anno 1796, como o governo portuguez presumia, lhe era extremamente difficil fornecer-nos subsidios pecuniarios e inteiramente impossivel mandar-nos tropas de terra; mas quanto a auxilios navaes que os poderia prestar. [8]

Assim nos abandonou por essa occasião, a nossa amiga e fiel alliada, aos nossos proprios recursos de terra contra a Hespanha. Felizmente não foram precisos, porque a nação visinha em logar de romper comnosco nesse anno como parecia, rompeu com a Inglaterra, declarando-lhe guerra por meio d'um manifesto publicado em Madrid *(8-out.-1796)*.

Era a consequencia necessaria do tratado de alliança offensiva que a Hespanha tinha negociado com a França.

---

[1] Decreto de 7-agosto-1796. (*Idem*).
[2] Decreto de 17-set.-1796. (*Idem*).
[3] Decreto de 24-out.-1796. (*Idem*).
[4] Decreto de 30-out.-1796.
[5] Officio de Luiz Pinto de Souza (*26-nov.-1796*), citado por *Soriano* (1.ª Ep., t. II, p. 127).
[6] Veja os decretos de 1-julho-1795, 4-abril-1796, 2-janeiro e 31-março de 1797.
[7] *Historia* de *Soriano*, (1.ª Ep., t. II, p. 127).
[8] *Ibidem*, p. 94.

Desde então as instancias do governo hespanhol redobraram de energia para que Portugal fechasse os seus portos de mar aos navios inglezes, instancias que apoiava com os movimentos de tropas, que estava fazendo nas nossas fronteiras, pedindo á sombra d'ellas uma prompta e decisiva resposta.

Negociações directas.—Entretanto o gabinete de Lisboa, decidido a saltar por cima da falsa mediação hespanhola, procurou ajustar directamente um tratado de paz com a republica, nomeando *(julho-1796)* para esse effeito o distincto diplomata, Antonio d'Araujo (depois conde da Barca).

Quando este nosso ministro chegou a Paris *(out.-1796)*, o governo inglez tinha tambem mandado para ahi um ministro seu para abrir uma negociação de *paz geral*, a fim de pôr termo ás calamidades que affligiam a Europa.

Se esta paz geral se firmasse, n'ella se acharia incluida a de Portugal, e por isso o nosso ministro tinha ordem para na sua negociação particular se pôr d'accordo com o ministro inglez. [1]

Mas as condições de paz propostas pela Inglaterra não foram acceites pela França, de que resultou o ministro inglez ser mandado sair do territorio da republica dentro de 48 horas, o que assim executou, chegando a Londres a 24 de dezembro. [2]

Com esta saida ficava o ministro portuguez auctorisado, segundo as instrucções que tinha, a tratar da paz de Portugal em separado. Mas o ciume que as côrtes de Madrid e de Londres conceberam a esse respeito, levou o nosso governo a mandar suspender a negociação directa pelo seu ministro em Paris, e a confial-a novamente á mediação da côrte de Madrid com quem não convinha indispôr-se pelas razões seguintes, que para aqui transcrevemos do expositor a que estamos recorrendo: [3]

«A defeza de Portugal, abandonado como então se achava pela Gran-Bretanha, só podia repousar com alguma probabilidade de segurança nas disposições pacificas do governo hespanhol para com elle, em cujo caso a França o não podia atacar, nem por mar, pelo grande risco que os seus transportes corriam de serem apanhados pelas esquadras inglezas, nem por terra, pelo obstaculo que lhe opporia a Hespanha, quando se não achasse em guerra com Portugal. Conseguintemente era forçoso a este reino levar a côrte de Madrid a se constituir sua alliada e amiga. Foi para conseguir esta vantagem que não só se entregou ao arbitrio da mediação hespanhola, mas chegou até mesmo a ter entabolado um tratado com a Hespanha, por meio do qual esta potencia se obrigava a não ata-

---

[1] *Ibidem*, p. 104.
[2] *Ibidem*, p. 103.
[3] *Ibidem*, p. 112.

car Portugal, nem tambem a deixar passar pelo seu territorio qualquer corpo de tropas francezas que o viesse atacar: este tratado levar-se-ia a effeito, depois das satisfações que se deram ao principio da paz pelas negociações de Antonio de Araujo em Paris, se não houvesse a exigencia da côrte de Madrid para que as suas esquadras podessem entrar nos portos portuguezes em maior numero de que os inglezes, condição que se não pôde acceitar, não só por ser offensiva da alliança que havia com a Gran-Bretanha, mas tambem pelo grande risco em que com isto se ia pôr a tranquilidade do paiz, porque parando por então grande numero de tropas hespanholas sobre as fronteiras, nada mais facil do que serem as suas operações de terra auxiliadas pelas suas esquadras, quando em força se lhes permitisse estacionarem dentro dos portos do reino.»

Preparativos de guerra em 1797.—Desde a ruptura da negociação da *paz geral* proposta pela Inglaterra, esta potencia activou as suas hostilidades contra a França e a Hespanha; e por vezes nos comprometteu terrivelmente com esta ultima nação, pelos continuados apresamentos que os cruzadores inglezes faziam nas embarcações hespanholas, entrando com ellas nos nossos portos. [1]

A acção naval do cabo de S. Vicente *(14-fev.-1797)* acabou de exacerbar no mais alto grau os odios da Hespanha contra Portugal.

Um tal conjuncto de factos da politica e da guerra deram em resultado a Hespanha pedir officialmente, com as mais vivas instancias, ao *directorio* francez, «um exercito de 45:000 homens, commandados por um general de nome, que depois se designou ser o general *Augereau*, e além disso uma esquadra de 25 navios, para de commum accordo atacarem e occuparem Portugal.» Para este fim chegou a assignar-se uma convenção, cujas condições se não fizeram publicas. [2]

Era assim que a Hespanha em vez de activar a negociação da paz em favor de Portugal, só cuidava em concertar com a França o plano de o invadir e conquistar.

Aggravára mais esta critica situação de Portugal, o saber-se em Madrid que o imperador da Austria, sem attenção alguma para com a Inglaterra, sua alliada, fizera a sua paz com a republica franceza *(18-abril-1797)*, e que o ministro portuguez fôra obrigado a sair de Paris *(27-abril)*.

Desde então activaram-se as disposições militares da Hespanha nas nossas fronteiras; e na França preparou-se uma numerosa expedição maritima, «que se por um lado se dizia destinada contra a Gran-Bretanha, tambem por outro se julgava ter por

---

[1] Ver o attentado da fragata *Aurora*, citado por *Soriano*, (t. II, p. 113).
[2] *Ibidem*, p. 118.

objecto vir contra Portugal, por isso que a Hespanha, não querendo que as tropas auxiliares francezas se internassem no seu paiz, reclamava que fossem conduzidas por mar ao porto de Vigo, pouco distante já das nossas fronteiras, para d'ali invadirem a a provincia do Minho, marchando depois sobre a cidade do Porto». [1]

O governo portuguez recorreu novamente ao governo britannico, «reclamando d'elle com a mais viva instancia todos os auxilios com que podesse valer a Portugal, n'uma melindrosa conjunctura».

Foi então que vieram para Lisboa *(21-jun.-1797)* cerca de 6:000 homens sob o commando do marechal de campo, sir Carlos Stewart, e se concedeu a Portugal um subsidio de 200:000 libras sterlinas. [2]

Para a defeza do porto de Lisboa cuidou-se na reparação das fortificações do Tejo, e o governo inglez mandou para ahi estacionar a esquadra do Almirante Jervis, que sendo reforçada por 5 naus da nossa, attingiu a força total de 22 embarcações de guerra. [3]

Segundo os calculos do nosso governo esses auxilios, exceptuando as forças navaes, eram insufficientes para a defeza do reino, contra duas nações tão poderosas como a Hespanha e a França. Era preciso, alem das nossas forças proprias, «um corpo de 20:000 homens de tropas sempre completo, e fornecido de todas as equipagens competentes, comprehendendo-se no sobredito corpo a porção de 3:000 cavallos effectivos». [4] Era preciso tambem em vista do grande *deficit* que havia, um emprestimo pelo menos de 600:000 libras sterlinas [5] para fazer face ás primeiras despezas da guerra, incluindo a compra d'armas, munições e petrechos de guerra, cavallos e até subsistencias, porque a escassez de viveres tinha sido grande no reino.

Para occorrer a estas despezas o governo portuguez tinha feito da sua parte o que lhe era possivel, no meio dos embaraços financeiros em que se via: «estabelecêra uma decima ecclesiastica e nas commendas; tirára os privilegios das sizas; creára o papel sellado em todo o reino; e finalmente emittira uma grande porção de moeda papel circulante *(13-julho)*. [6]

---

[1] *Ibidem*, p. 123.
[2] *Ibidem*, p. 124 e nota a p. 193.
[3] *Ibidem*, p. 126.
[4] *Ibidem*, t. III, p. 274.
[5] *Ibidem*, t. II, p. 192 e 195.
[6] *Ibidem*, p. 190.

A par d'isso o governo mandara proceder com vigor ao recrutamento dos corpos do exercito; fornecer ás praças de guerra a artilharia e munições necessarias, trabalhando-se para isso no arsenal de dia e de noite; recensear as bestas de carga para o transporte da artilharia, hospitaes e bagagens. [1]

No Alemtejo reuniram-se bastantes tropas, para observar as dos hespanhoes, sob o commando do marechal general *duque de Lafões*, fidalgo muito illustrado e parente da familia real. [2] Por essa occasião o duque conheceu de perto o estado das nossas praças fronteiras, os defeitos da organisação militar, e sentiu a falta d'uma *carta topographica* que podesse auxilial-o na direcção das operações da guerra que nos ameaçava. As suas representações sobre esses pontos foram pouco attendidas em consequencia da nossa situação politica.

Tudo o que elle poude conseguir foi que se levantasse uma *carta topographica da nossa fronteira, desde as margens do rio Guadiana até ás visinhanças de Penamacôr*, em escala assaz grande para o fim a que era destinada; [3] que se reparassem as praças de *Campo Maior* e *Juromenha;* e que não se removessem de *Abrantes* para o arsenal de Lisboa o trem e effeitos militares, que n'aquella villa se tinham depositado para o serviço effectivo da campanha, que por esta vez não tivera effeito.

Ao lado do duque de Lafões, contrariamente ao principio da unidade absoluta do commando em chefe reconhecido na sciencia da guerra, foi collocado um outro «*marechal dos reaes exercitos encarregado do governo das armas de todas as tropas, em toda e qualquer parte d'estes reinas*». [4] Era o principe Christiano de Waldeck, general de cavallaria dos exercitos allemães, que gosava de boa reputação pelas suas eminentes qualidades e pelos acertos de que havia dado provas nas guerras da Europa em que fôra empenhado. Foi ajustado em Vienna d'Austria *(10-março-1797)* em condições vantajosas. [5]

Veio com elle um notavel official que tinha servido no exercito da Hollanda, no posto de coronel de infantaria, [6] que depois

---

[1] *Ibidem*, p. 191,

[2] Vidé na *Revista Militar de 1853*, p. 408, a biographia do duque de Lafões, e no *Archivo Pittoresco* de 1866, o «*Elogio historico*» do mesmo duque, por **Mendes Leal**.

[3] *Garção Stockler*, «*Cartas ao auctor da invasão geral dos francezes em Portugal*, (carta III, p. 17).—Existe no *Arc. Mil.* pasta 3 C. n.º 8.

[4] Decreto de 19-abril-1797.

[5] As condições do ajuste podem ver-se no documento n.º 61 da *Historia* de *Soriano*, t. III, p. 301. O soldo era de 26:000 cruzados.

[6] Decreto de 10-junho-1797.

foi nomeado seu ajudante-general. [1] Era o barão de *Wiederhold*, pae do que foi depois commandante do corpo do estado maior.

Como se precisava mais d'um general habil para commandar a artilharia, d'um outro para a direcção do corpo de engenheiros, e finalmente d'um terceiro com as qualidades proprias para um bom quartel-mestre general, recommendou-se ao nosso ministro em Londres «que fosse lançando as suas vistas sobre alguns marechaes de campo allemães de boa reputação e nome, que quizessem passar ao serviço portuguez no posto de tenentes generaes, e o soldo de 9:000 cruzados, na certeza de que a parecer-lhes pouco este vencimento o governo portuguez não se desaviria no ajuste». [2]

Temos assim a repetição do que se fez em 1762, a respeito da mingua de generaes habeis, o que convém notar para comprovar o costume opprobioso e caro de *confiar a extranhos a defeza da patria nos momentos de angustia.* Se o dinheiro que n'essas occasiões se dispende ás mãos largas, fosse racionalmente applicado em tempo de paz a desenvolver as qualidades indispensaveis ao commando dos exercitos, não seria necessario chamar ao nosso serviço officiaes estrangeiros, muitos dos quaes teem sido de pouco proveito e alguns até prejudiciaes.

Ultimas tentativas de pacificação.—Em agosto de 1797, tendo-se reatado *(terceira vez)* as nossas negociações de paz com a republica franceza, poude obter-se um tratado em condições soffriveis, graças á rara habilidade de Antonio de Araujo em desfazer os muitos embaraços em que se achou, á custa de dinheiro [3] e da sua diplomacia.

A noticia da conclusão d'esta negociação, chegando a Madrid, fez com que o governo hespanhol afrouxasse o seu arreganho bellico, chegando a mandar retirar o exercito da Extremadura. [4]

A Inglaterra fez uma injusta opposição a esse tratado, a pretexto de que era contrario ao antigo tratado de 1703, na parte em que fixava o numero de navios inglezes que podiam estar nos portos do reino.

O nosso ministro, Luiz Pinto, sempre submisso aos dictames do gabinete inglez, não quiz ratifical-o, senão fazendo as modi-

---

[1] Decreto de 22-set.-1797.

[2] *Soriano*, (1.ª Ep., t. 2.º, p. 97.)

[3] A importancia das despezas secretas para se conseguir esse tratado andou por um milhão de francos, e a indemnisação a pagar á França era fixada em 10 milhões de francos, ou seja um total de 1:800 contos de réis *(Soriano, t. 2.º, p. 142).*

[4] *Ibidem*, p. 143.

ficações por elle impostas, e que seriam tratadas pelos seus plenipotenciarios com o directorio francez na negociação da paz geral.

Mas esta negociação foi rompida, com o que Luiz Pinto não contara; e vendo que depois d'isso a França continuava mais encarniçadamente com o apresamento dos nossos navios mercantes, e que pelo seu lado o governo hespanhol dizia á França que, *se a côrte de Lisboa não quizesse ratificar o tratado, el-rei de Hespanha estava prompto a tudo quanto d'elle quizesse o directorio,* [1] instou com o gabinete de Londres (*out.-1797*) para que permitisse que se acceitasse o tratado como estava negociado, ou que lhe mandasse soccorros de tropas e dinheiro para o custeamento da guerra. O governo inglez annuiu á ratificação do tratado sem modificação no fim de novembro de 1797. Mas já era tarde, porque o directorio francez, tendo como insulto não se ratificar o tratado dentro do prazo marcado, pura e simplesmente, por suggestões da Inglaterra, não só o annullou *(decreto-26-out.)*, mas até mandou prender o seu negociador *(dez.-1797)*.

Por este modo ficaram infructiferos os esforços do nosso embaixador e os sacrificios pecuniarios, ficando além d'isso perdida a melhor occasião que tivemos de negociar a paz com a França.

Nos principios do anno de 1798 o governo francez fez uma exigencia categorica e terminante ao governo hespanhol para dar passagem pelo seu territorrio a um corpo de exercito, destinado ao ataque de Portugal, o qual, segundo corria em Lisboa, seria commandado pelo general *Augereau.*

O governo portuguez enviou logo um commissionado para Madrid, afim de penetrar bem quaes as verdadeiras disposições da côrte hespanhola a esse respeito; e bem assim para lhe offerecer uma paz com a Inglaterra, segundo a auctorisação que esta para isso lhe dera; e ainda para tentar *(quarta vez)* debaixo da mediação do rei de Hespanha, a negociação da nossa paz com a França, tendo por base o tratado de 10 d'agosto de 1797, com a differença de se augmentar a somma de dinheiro a pagar. [2]

Emquanto ás medidas de defeza, o governo portuguez limitou-se a instar com a Inglaterra para que lhe mandasse soccorros, fazendo-lhe uma *brilhante* descripção dos preparativos belli-

---

[1] *Ibidem*, t. 2.º, p, 164.

[2] Offerecia-se mais um *milhão em diamantes;* arriscando-se a ruptura da negociação, offerecia-se mais 500:000 cruzados em dinheiro e recusando-se a França ainda a esta proposta, mandaram-se offerecer mais 500:000 cruzados em diamantes, de modo que o total da somma novamente offerecida fossem mais *dois milhões*, sendo milhão e meio em diamantes.—(*Historia* de *Soriano*, p. 210).

cos já feitos, em que ella não acreditou, segundo as informações em sentido contrario, que lhe enviara o general Stwart; [1] por isso se mostrou pouco disposta a nos auxiliar efficazmente, allegando os grandes embaraços em que se via para a sua defeza propria.

Apesar d'essa recusa, e de se estar tratando da paz com a França em Madrid, o nosso governo mandou pôr á disposição da Inglaterra, em maio de 1798, a pequena esquadra do marquez de Niza, que depois de presencear a acção naval de *Aboukir (1 a 3 d'agosto)* em que a esquadra ingleza de Nelson destruiu a esquadra franceza que sahira de Toulon com a expedição do Egypto, foi bloquear a ilha de Malta durante mais de 50 dias, o que foi muito proveitoso para os nossos alliados, e prejudicial para nós, [2] porque tornou mais difficeis e complicadas as nossas negociações de paz.

Por aquelle tempo dava grande cuidado aos francezes a guerra com a Italia, por falta de numerario para pagar ás suas tropas [3]. O *directorio* recusou-se terminantemente a acceitar de novo o tratado de 10 d'agosto, que aliás *estimava muito não se tivesse ratificado*, [4] e propoz novas condições, em que apparecia a *exorbitante somma de dez milhões de cruzados.* [5]

A còrte de Hespanha julgou pela sua parte estas proposições muito favoraveis aos nossos interesses, e instou pela sua acceitação, com ameaças de guerra certa e inevitavel.

Para decidir a questão, um novo negociador de paz sahiu de Lisboa para Madrid *(9-julho)*, e d'ahi para Paris *(28-agosto)*, onde devia tratar com o directorio por intermedio do ministro hespanhol Azara, o qual lhe recommendara *que fosse habilitado para alguns gastos que eram a essencia da coisa.* [6] Porém o governo portuguez não lhe deu plenos poderes para a sua negociação, e modificou até as instrucções que lhe dera, em vista da nova attitude militar da Europa, em que por então se começava a formar uma nova coalisão de todas as potencias contra a França. Assim

---

[1] *Ibibem*, p. 129.

[2] Bonaparte, quando soube da cooperação da nossa esquadra com a de Nelson, prognosticou: «Tempo virá em que a nação portugueza pagará com lagrimas de sangue o *ultrage* que está fazendo á republica franceza.»

[3] *Ibidem*. p. 223.

[4] *Ibidem*, p. 222.

[5] *Ibidem*, p. 214.

[6] Estes gastos eram os regalos que tinham de ser repartidos por *Talleyrand, Barras*, a sua amiga *Merlin*, e a sua mulher, bem como ao ministro *Azara*, que estava muito individado. Montaria tudo a 800:000 cruzados. (*Ibidem*, p. 221).

o nosso commissionado foi obrigado a sair de Paris *(4-out.)* sem nada conseguir. Tal foi o desfecho d'esta 4.ª negociação de paz.

No anno de 1799, o nosso governo, vendo organisada a segunda coalisão, teve esperanças de que as armas francezas fossem vencidas; e conservou-se inactivo e indolente, quanto á promtificação dos meios de defeza do reino, ate que as noticias da derrota dos alliados na Hollanda e Suissa, a da repentina volta de Bonaparte para Paris *(16-out.)*, e da sua elevação a primeiro consul depois de derribar o directorio *(10-nov.)*, vieram tiral-o d'esse longo socego.

Uma das propostas de Bonaparte, arvorado em verdadeiro dictador da republica franceza, foi a invasão de Portugal, [1] nada se decidindo por então, ou fosse por causa da estação invernosa, que começava, ou por causa dos embaraços, em que o *consulado* se via.

«Pela sua parte a Hespanha nenhuma mudança tinha feito a nosso respeito, decidida sempre a guerrear-nos, não só por obediente ás ordens da França e docil instrumento da sua politica, como por vistas da propria ambição e conquista, que tinha sobre este reino». [2] Não cessavam os seus preparativos bellicos, ordenando pelo contrario «um armamento geral em todo o reino, um recrutamento para o exercito, armazens de deposito na raia, e nomeação de generaes para o mesmo exercito». [3] O nosso governo avaliava por então a força d'esse exercito em 70:000 homens, e attribuia-lhe o seguinte plano d'ataque:

«Uma columna de 20:000 homens devia penetrar no Alemtejo, e de lá seguir direito a Lisboa, deixando um corpo de 8:000 homens para ameaçar as guarnições de Elvas e Campo Maior. Uma segunda columna de igual força devia penetrar pela Beira Baixa, para proteger as operações da primeira. Duas outras, de 8:000 homens cada uma, tinham por incumbencia penetrar pela provincia do Minho e Traz-os-Montes, e depois seguirem direitas ao Porto, ficando um corpo de 4:000 homens para ameaçar a praça de Valença, e outro de 2:000 a 3:000 homens para conter a de Almeida». [4]

Além d'isso dava-se já como existente em Perpignan um exercito francez na força de 28 a 30:000 homens. [5]

«O nosso reino achava-se em estado de oppôr 75:000 homens

---

[1] *Ibidem*, p. 243 e 260.
[2] *Ibidem*, p. 244.
[3] *Ibidem*, p. 249.
[4] *Ibidem*, p. 246.
[5] *Ibidem*, p. 249.

ás emprezas dos seus inimigos, nunca se tendo feito maiores esforços; mas os meios de os sustentar eram o que lhe faltava». [1]

Faltavam-lhe mais duas coisas essenciaes, a *disciplina* [2] e a *instrucção*, sem as quaes era mais prejudicial do que util.

N'estas circumstancias, Luiz Pinto, deixando de parte o natural recurso de se dedicar inteiramente á organisação da fazenda e á disciplina e instrucção do exercito, repetiu para Londres as suas instancias por soccorros de gente e dinheiro, e acrescentava o pedido d'um general de merito para vir commandar o nosso exercito, em logar do fallecido principe de Waldeck. [3]

Mas o governo britannico, bem longe de annuir ás suas instancias, começou a *retirar de Portugal as poucas tropas inglezas que lhe mandara em 1797*, allegando não só a desinquietação da Irlanda, a nova guerra do continente com a França, e a que tinha de sustentar na India, mas tambem a impossibilidade em que a França se achava de poder destinar contra este reino qualquer pequeno exercito. [4]

A total sahida das tropas inglezas para fóra de Portugal veiu a ter logar no principio do mez de dezembro de 1800; ficando só o refugio da divisão auxiliar, constituido pelos regimentos francezes, «compostos de soldados desertores e de má conducta, homens que de certeza abandonariam as fileiras logo que tivesse logar o primeiro choque, sendo muito melhor prescindir d'um soccorro tal, que em occasião de perigo podia ser funesto». [5]

Eis ahi o que se pode confiar das allianças: que importam os tratados que ligam uma potencia poderosa a uma potencia pequena, quando os seus particulares interesses a isso a não conduzem? Os nossos direitos a auxilio eram legitimos; a nossa rethorica nos pedidos era excellente; mas o seu effeito foi nullo.

Durante o anno de 1800 a Hespanha, alentada com a victoria das armas francezas, nada mais fazia do que *procurar pretextos para declarar guerra a Portugal*, [6] que da sua parte em nada a tinha offendido, sendo pelo contrario da maior gravidãde possivel, e de natureza a nunca se poderem esquecer, [7] as offensas que Portugal tinha da Hespanha.

Tal era a situação geral das nossas relações politicas nas ves-

---

[1] *Ibidem*, p. 211.

[2] Para se fazer ideia do estado em que se achava o exercito, basta ler as tres paginas 329 a 331 da *Historia* de *Soriano*.

[3] Falleceu em Cintra em outubro de 1798.

[4] *Ibidem*, p. 195.

[5] *Ibidem*, p. 195.

[6] *Ibidem*, p. 251.

[7] Veja a enumeração d'essas offensas na *Historia* de *Soriano*, p. 255.

peras do *ultimatum* de 29 de janeiro de 1801, [1] e da declaração de guerra que se lhe seguiu a 2 de março em Madrid. [2]

Commentarios.—A synthese de tudo isto é que Portugal, por uma cega diplomacia do seu governo, viu-se envolvido no turbilhão da guerra de dois alliados poderosos contra um inimigo commum, que não era menos poderoso que elles; e que sendo nosso alliado nos abandonou aos nossos proprios recursos que, por falta de cuidadosa preparação, appareciam ineficazes para a defeza da nossa independencia.

Temos-nos demorado um tanto na rememoração dos factos politicos d'esta quadra da nossa historia, porque vemos n'elles um incontestavel argumento a favor dos que pensam, como nós, que—*Portugal não deve descuidar-se da preparação da guerra em tempo de paz, e deve procurar estabelecer a sua defeza sobretudo nos seus proprios recursos*—tendo os alliados como cousa accessoria e não principal.

Se assim se tivesse feito durante os 5 annos decorridos entre a campanha do Roussillon e a de 1801, ou ao menos se se procedesse em 1797 com a energia e actividade que se viram em 1640 e 1762, não seria Portugal *abandonado* pela egoista Inglaterra, oppondo uma denegação absoluta aos auxilios que se lhe tinham pedido em conformidade dos tratados de alliança; não seria *ludibriado* pela duplicidade da Hespanha, offerecendo-lhe amigavelmente a sua mediação por um lado, e tratando traiçoeiramente por outro de se alliar com a França para o invadir e conquistar; não seria emfim *humilhado* pela altiva França, impondo-lhe condições de paz inacceitaveis.

Em logar de Portugal se vêr constituido em miseravel joguete da politica d'essas tres potencias, seria mais respeitado pelos seus inimigos, que procurariam então antes a sua alliança do que a sua conquista; e seria mais auxiliado pelos seus alliados, que não poderiam allegar, como sempre teem feito, a nullidade dos nossos esforços para a defeza.

Quem não tem força para se fazer respeitar é desprezado até pelos proprios alliados. E' uma triste verdade, mais do que uma vez comprovada pela historia do nosso paiz.

A cega confiança que o governo portuguez tinha posto nos auxilios da Inglaterra, contrasta singularmente com o total aban-

---

[1] A *Historia* de *Soriano* (p. 314) dá na integra o tratado entre a Hespanha e a França, em que se nos impunham as condições de paz por *ultimatum*.

[2] *Ibidem*, p. 321,

dono em que ella nos deixou ao abrir a campanha de 1801. A este respeito pode dizer-se como o nosso patriota Araujo de Azevedo: «*a Inglaterra nunca se sacrificou por Portugal, nem de taes sentimentos é capaz, e bem pelo contrario, o que tem feito é sacrificar Portugal aos seus interesses*». [1]

Emquanto á insistencia do nosso governo na dilatada negociação de paz, que tanto o fez desprezar a preparação da guerra, occorre-nos dizer aqui que, embora se concluisse a paz, esta não podia ser solida nem permanente, porque a França não andava de boa fé nas negociações que se fizeram, e porque sendo *comprada a dinheiro*, seria um novo incentivo para segunda e terceira guerra, afim de nos extorquir mais dinheiro.

De mais, uma paz comprada a dinheiro é sempre ignominiosa. Basta lembrar a proposito a seguinte maxima de Montesquieu:

«Il vaut mieux courir le risque de faire une guerre malheureuse, que de donner de l'argent pour avoir la paix; car on respecte toujours un prince, lorsqu'on sait qu'on ne le vaincra qu'après une longue resistance.»

Esta maxima só por si era a critica mais concisa e severa que se podia oppôr á politica então seguida pelo nosso governo, e que não trouxe senão infortunios a Portugal.

Finalmente, mesmo que fosse obtida a paz, era melindroso e difficil Portugal poder-se conservar n'um rigoroso estado de neutralidade no meio d'uma guerra da França e da Hespanha contra a Inglaterra, sem ter força sufficiente para se fazer respeitar.

Assim, pois, era forçoso prepararmo-nos seriamente tanto para as eventualidades da guerra como da paz com a França.

---

[1] *Ibidem*, p. 173.

CAPITULO III

Noticia bibliographica de varios planos de operações escriptos n'este periodo

*

* *

Plano de defeza, ou das posições que devem occupar os exercitos de observação, feito em 4 de setembro de 1796. [1]

Começa este plano por mostrar a conveniencia de escolher e occupar posições, á rectaguarda da nossa extensa fronteira terrestre, de modo que possa facil e promptamente occorrer-se a repellir as forças inimigas que intentarem penetral-a nas diversas direcções d'ataque; munindo e guarnecendo tambem as praças de guerra, que, pela sua situação e pelas suas fortificações, forem de maior importancia.

As posições que escolhe são:

Abrantes, junto da qual acampará o exercito principal (20:000 homens); tem a vantagem de cobrir Lisboa, e póde facilmente occorrer á invasão, que os inimigos intentem na provincia do Alemtejo, seja pela fronteira de Elvas, seja pela de Castello de Víde, para o que é necessario que logo se lance uma ponte sobre o Tejo; de occorrer á invasão que se intente na provincia da Beira pela fronteira de Castello Branco, marchando a atravessar a *linha das Talhadas*, e outras posições até á confluencia do Zezere, que convém fortificar no sitio da egreja de N. S. da Conceição, e lançar tambem uma ponte sobre o mesmo Zezere para communicação com a provincia da Extremadura. Do exercito em

---

[1] Este trabalho, cujo auctor se ignora, acha-se impresso nos *documentos* da obra de *Soriano* (1.ª Ep., t. 3.º, p. 450).

Abrantes é necessario que se avancem dois destacamentos, um de 1:500 homens para observar a fronteira da Beira-Baixa, indo tomar posição sobre o rio Ponsul ou Aravil; outro de 300 homens para observar o rio Sever na visinhança de Castello de Vide e Marvão.

Vizeu, em cujas visinhanças acampará uma força de 4:000 homens, necessaria para proteger a Beira-Alta, e observar os movimentos do inimigo, se intentar sitiar a praça d'Almeida e penetrar na provincia, dirigindo-se á Ponte da Murcella, a cuja invasão póde tambem occorrer o exercito de Abrantes, marchando por Thomar e Miranda do Corvo a occupar a posição que parecer conveniente, conforme a direcção da marcha do inimigo.

Uma posição entre Braga e a Ponte da Barca (6:000 homens), necessaria para cobrir a cidade do Porto e proteger a provincia do Minho, occorrendo á invasão que o inimigo intente fazer n'ella, passando o rio Mínho, ou penetrando pela fronteira entre a praça de Melgaço e o castello de Lindoso.

Lisboa, onde é necessario haver 6:000 a 7:000 homens para guarnecerem as torres e baterias do rio e costa, afim de obstarem a algum desembarque na enseada de Cascaes, e evitar que o inimigo se assenhoreie do seu porto e da capital.

O auctor dá o detalhe da composição d'essas tropas.

Não podendo o exercito dilacerar-se mais que nos tres referidos corpos e guarnição de Lisboa, é forçoso que se abandonem as provincias de Traz-os-Montes e do Algarve, ás suas proprias milicias e ordenanças, o que aliás não tem grande risco, por não ter consequencia interessante a invasão por essas provincias, como a experiencia tem mostrado.

Havendo tropas alliadas reforçarão os sobreditos corpos de observação, como parecer conveniente.

Emquanto ás praças de guerra, o auctor da memoria entende que, aquellas que se devem principalmente guarnecer e pôr em estado de vigorosa defensa, são: *Elvas*, *Almeida*, *Valença* e *Melgaço*. Não individúa a força das guarnições d'estas praças, mas entende que devem ser constituidas principalmente pelos regimentos de milicias, com alguma infantaria regular, e um regimento de cavallaria na praça de Elvas, outro na de Almeida, e um destacamento da mesma arma na de Valença, para o serviço de observação da fronteira nas visinhanças d'essas praças.

As outras praças do reino serão guarnecidas só com milicias e ordenanças como fôr possivel.

O auctor conclue dizendo que, «occupadas as referidas posições pelos sobreditos *exercitos de observação*, se está em medida de obstar a qualquer invasão nos differentes pontos mais importantes da fronteira, por onde os inimigos se proponham penetrar

no reino, logo que seja conhecido o seu plano de invasão, para conforme elle se concertar o das nossas operações defensivas ou offensivas como os successos fizerem necessario».

Pelos detalhes que ficam substanciados se vê que este plano se limita á primordial disposição das forças disponiveis antes de começarem as hostilidades, ao que hoje se chama *plano de concentração*. Vê-se mais que ha uma concordancia quasi completa com as disposições do conde de Lippe na campanha de 1762.

*
* *

Annotações feitas ao dito plano, ao que parece pelo general Forbes ou pelo coronel Stockler. [1]

Constituem uma apreciação critica d'esse plano.

Uma d'essas annotações ou observações é relativa á occupação da posição de *Abrantes*, que acha muito acertada para a defeza da provincia da Extremadura, mas accrescenta que não se devem desprezar certas circumstancias a que o marechal Lippe attendeu como são: o estabelecimento d'um campo volante em *Niza*, d'uma ponte de barcas em *Belver*, do posto entrincheirado em *Villa Velha* para defender o vau, da cabeça de ponte e entrincheiramentos que defendiam a margem esquerda do Tejo desde a passagem de Villa Velha ao Sever, da ponte de barcas que se lançou em Abrantes, da fortificação e entrincheiramento com obras de campanha do castello de Abrantes, para ahi se estabelecerem armazens para os exercitos, que operassem na Beira Baixa e na parte do Alemtejo, que fica ao longo do rio Tejo. [2]

Outra observação ácerca da defeza da Beira-Baixa, é entrincheirar *Castello Branco* com obras de campanha, «já que não ha tempo para disposições de fortificação mais solida». No caso d'uma retirada nossa de Castello Branco, concorda que merecem toda a attenção n'um plano de defeza, as posições que o conde de Lippe mandou occupar, isto é aquellas a que temos dado o nome generico de *linhas das Talhadas*.

D'outra observação, concernente á posição de *Vizeu*, infere-se que o auctor não acha rasoavel esta posição. Porquanto, para auxiliar *Almeida* á distancia de 16 leguas em que se acha, seria impraticavel, como tambem para fazer levantar um cerco, uma

---

[1] *Ibidem*, p. 456.

[2] Parte d'estas circumstancias estão hoje satisfeitas d'uma maneira permanente.

vez sitiada a praça, o que pede um exercito muito superior em forças ao que ali tinhamos.

Para obstar ás tentativas, que o inimigo fizesse por aquelle lado para atacar a cidade do *Porto* tinha vantagem, mas não lhe parecia provavel, por ser mais curta a distancia do Minho ao Porto, do que pela Beira ou Traz-os-Montes.

Emquanto ao ataque pela provincia do Minho acha o auctor das *Annotações* que «o exercito postado entre a *Ponte da Barca* e *Braga* lhe obstaria muito, comtanto que parte d'aquella tropa deveria occupar a garganta da *Portelinha*, que vem dar a Melgaço, e a garganta denominada *Portella dos Cavalleiros*, sendo as unicas entradas junto com a da *Ponte da Vargem* consideraveis por onde um corpo de tropas poderia vir da Galliza penetrar por este lado da provincia pela fortaleza de *Lindoso*, que se deveria reparar quanto possivel; porém, a de *Melgaço* não é praça que possa fazer resistencia, por ser dominada e de pouca consideração, pelo que julgo ser sufficiente reparar-se-lhe qualquer ruina que haja n'ella, para que simplesmente sirva o seu castello em tempo de guerra de posto de aviso».

Ficam pois apenas tres praças de guerra consideraveis: *Elvas*, *Almeida* e *Valença*, nas quaes bastará uma porção diminuta de cavallaria para alguma sortida, e não regimentos d'esta arma.

Nos outros pontos o auctor das *Annotações* concorda perfeitamente com o do plano.

*
* *

Séconde mémoire — Sur la conduite de la guerre actuelle — *1.er Juillet 1797.*

Esta memoria, [1], toda escripta em francez e sem assignatura, é talvez devida a algum dos officiaes emigrados então ao serviço de Portugal.

O illustre general barão de *Wiederhold* que a leu em 1863, assevera que é muito interessante, contendo considerações judiciosas e disposições importantes que convém consultar em toda a occasião que se tratar da defeza do reino.

A memoria é fundada na hypothese de Portugal ser invadido pelas tropas francezas e hespanholas alliadas. Expõe o meio de

---

[1] E' um caderno de 12 paginas de papel grande, que existia no *Archivo Militar* em 1863. (Maço 5 — R. 2 — n.º 118) — *Wiederhold.*

lhe oppòr uma energica defeza, tanto em relação á força de que se poderá dispòr, como a respeito da defeza de cada uma das nossas provincias, convergindo tudo para a idéa principal de cobrir Lisboa, por ser o ponto de que o inimigo procurará apossar-se para dominar o paiz.

*

* *

Réflections interminales et sommaires sur un plan de défense pour le Portugal dans les circonstances actuelles. Apresentado em 1798 pelo marechal do exercito principe de Waldeck.

Não se encontra o original nem uma copia completa d'esta memoria. Existe apenas um *resumo*, [1] cujas idéas principaes vamos reproduzir aqui.

O plano é fundado na hypothese d'uma invasão, feita só por 35 a 40 mil homens (francezes ou hespanhoes), que se dividiriam em dois corpos para dirigirem outros tantos ataques, um sobre o Porto, outro sobre Lisboa.

Por consequencia, tratando das disposições que se deviam adoptar para resistir a essa invasão, o principe divide tambem o nosso exercito em dois corpos, um para a Beira, outro para o Alemtejo.

O primeiro devia acampar junto a *Vizeu*, e ser composto com os regimentos das provincias do norte e 2:000 milicianos, o que tudo montaria a cerca de 11:000 homens. *Almeida* é a unica praça da Beira que guarnece com tropa de linha e que põe em estado de resistir a um sitio. Comtudo quer destacamentos em *Trancoso*, *Celorico*, *Guarda*, *Belmonte* e *Alpedrinha*, para se poder communicar livremente com Almeida. Estabelece ainda outro destacamento em *Castello Branco*, na força de 3:300 homens, entrando 2:000 milicianos.

O outro corpo, composto das tropas das provincias do sul, chegaria a perto de 23:000 homens, entrando 2:000 milicianos, e tomaria quarteis de acantonamento em *Castello de Vide*, *Portalegre*, *Crato*, *Villa Viçosa* e *Extremoz*. Além d'isso a praça d'*Elvas*

---

[1] O general *Palmeirim*, no seu folheto «*Alguns factos militares, etc.*» diz que este resumo existia no *Archivo Mil.* com o n.º 144. Mas pelos annos de 1848 ou 1849 sahiu d'este archivo para as mãos do ministro da guerra, dos quaes nunca mais voltou á referida estação. Todavia o barão de *Wiederhold* diz que existia em 1863 (Março 5—R. 2.ª—n.º 144) e tirou copia, d'onde extrahimos a noticia acima.

seria bem provida para uma prolongada resistencia, e teria uma guarnição de 7:000 homens, incluindo 4:000 milicianos e uma bateria de artilharia montada. As outras praças do Alemtejo — *Arronches*, *Campo Maior*, *Juromenha* e *Olivença* — deixa-as unicamente guarnecidas por algumas milicias e ordenanças para resistirem sómente a um golpe de mão.

A provincia do Algarve ficaria entregue ás suas proprias forças e á protecção d'uma esquadra ingleza.

Na provincia de Entre Douro e Minho, devia ficar alguma tropa regular em *Vianna*, *Valença* e no *Porto*.

Os armazens para o abastecimento do exercito seriam estabelecidos em *Abrantes*, como armazem geral dos dois corpos do Alemtejo e Beira, em *Extremoz*, como armazem particular do corpo do Alemtejo, e em *Coimbra* para o da Beira.

Estas disposições serviriam tambem no caso do inimigo, em logar de se dividir em dois corpos, emprehendesse um só ataque com todas as suas forças reunidas sobre Lisboa. N'esse caso o principe de Waldeck suppõe que a invasão teria provavelmente logar pelo Alemtejo, o que facilmente se conheceria pelo estabecimento dos armazens do inimigo.

N'esta hypothese de invasão pelo Alemtejo prevê ainda dois casos. Se Badajoz fôr o logar dos seus depositos, então a invasão se faria pelas visinhanças de Arronches; e o nosso exercito devia concentrar-se, e observar o exercito inimigo emquanto elle fizesse o sitio d'Elvas (que decerto não deixaria atraz de si), e vêr se se offereceria occasião favoravel de atacar o inimigo.

Antes d'isto se deveriam retirar todos os viveres e meios de subsistencia dos logares abertos para cá do Tejo.

Se o logar dos depositos fosse Sevilha, a invasão se faria por Serpa e Beja, o que o principe considerava muito arriscado para nós, em razão das planicies que ha junto a essas povoações, da pouca confiança que lhe merecia a nossa cavallaria, e da grande abundancia de cereaes que havia nas comarcas de Beja e Evora. N'este caso aconselhava a passagem do Tejo, e que se tomasse posição junto a Abrantes. Antes d'este movimento devia o destacamento de Castello Branco vir occupar as montanhas proximas a Villa Velha para proteger a ponte que ali devia estabelecer-se; e o corpo da Beira devia approximar-se ao Tejo para se reunir com o do Alemtejo.

Como se vê, estas disposições geraes parecem rasoaveis para aquelle tempo; a guerra de sitio apparece já posta um tanto de parte, limitando-se ás duas praças de *Almeida* e *Elvas;* tudo o mais seria guerra de campanha. Vê-se tambem que este plano de defeza tem alguns pontos de semelhança com as disposições defensivas do conde de Lippe na campanha de 1762; o que não

admira, sabendo-se que o principe de Waldeck consultou as memorias e papeis que existiam, devidos ao referido conde.

Os detalhes para a execução d'este plano foram estudados e estavam promptos já em 1798 para quando fosse preciso pol-o em pratica.

Felizmente não foi necessario porque a invasão foi ainda sustada n'esse anno e nos dois seguintes por uma serie de circumstancias politicas e militares, como já vimos.

*

* *

Plano de defeza da cidade e porto de Lisboa. — Feito em 1799, e attribuido ao general Gomes Freire de Andrade. [1]

O auctor era um benemerito e illustrado general, tendo-se já salientado entre outros officiaes na campanha do Roussillon, como coronel commandante d'um regimento de infanteria. [2] Mais tarde escreveu um plano geral da defeza do reino, de que falaremos a seu tempo.

Segundo o modo de vêr do auctor, é na entrada do porto de Lisboa que se devem accumular todos os obstaculos possiveis para destruir ahi a esquadra inimiga que intentar apoderar-se da capital por meio d'um ataque maritimo.

Nota que o fogo das fortalezas maritimas construidas segundo os systemas d'aquella epocha, era muito inferior á massa dos fogos d'uma armada bem conduzida; «e esta desvantagem das baterias de terra contra as dos navios ainda lhe parecia mais sensivel quando se tratasse de passar no espaço de alguns minutos por diante das suas muralhas.»

Lançando um golpe de vista sobre as fortificações de que dependia a segurança da capital do reino, diz: «a torre do *Bugio*, além da sua construcção circular, que offerecia muito poucas bocas de fogo e a maior parte de pequeno calibre, fica assás remota do canal por onde deve correr a frota do inimigo». A fortaleza de *S. Julião* é a que offerecia alguma resistencia, mas podia ser arruinada pela artilharia da esquadra.

«Forçada a passagem da barra, offerecia-se a bateria das *Ma-*

---

[1] Existe uma copia d'este plano nos apontamentos do barão de *Wiederhold*.

[2] A biographia d'este benemerito general póde ver-se na *Historia* de *Soriano*.

ries, e o forte das *Maias*, situados muito longe do mar para poderem causar damno a quem ali não quizesse desembarcar. Seguiam-se depois outros fortes, ainda mais defeituosos e por ultimo apparecia da banda do norte a bateria da *Arêa* e a torre de *Belem*, e da parte do sul a torre *Velha*», que tinham o defeito de poderem ser tomadas de revez, logo que o inimigo se queira aproveitar dos muitos pontos de desembarque que as praias adjacentes lhe offerecem.

O meio que propunha para tirar partido d'estas fortalezas defeituosas era o emprego das *balas vermelhas* ou incendiarias, porque o effeito d'estas balas era o mesmo desde a boca do canhão até o seu maximo alcance. O navio que recebesse alguma d'estas balas seria incendiado, e se fosse na frente da esquadra, poria os outros em debandada.

Propunha mais que se augmentassem as fortificações com outras na terra firme, e sobre as aguas (em barcas artilheiras, baterias fluctuantes). Indica os pontos onde se deviam estabelecer essas baterias e as vantagens que d'ahi podiam advir, imaginando o que succederia á esquadra inimiga que tentasse a passagem em taes condições.

Por ultimo, mostra que o ataque maritimo do duque d'Alva (1580) e o do almirante Drack (1589), não provam nada a favor das fortificações que então defendiam a entrada do Tejo, como se tem pretendido, porque essas fortalezas não foram atacadas por mar.

Como se vê pelo titulo, não ha certeza que este trabalho seja de Gomes Freire. *Soriano* [1] diz que lhe parece ter lido em algum dos documentos que vira nos archivos publicos, que em 1799 fôra apresentado ao governo portuguez um *plano detalhado da defeza de Lisboa* pelo general inglez sir *Carlos Stuard*, commandante da divisão auxiliar, que a esse tempo estava no Tejo; e assevera que o mesmo general levantara *plantas do terreno*, que mais tarde serviram de muito a lord Wellington, quando desembarcou na costa de Lavos em 1808, [2] e quando tratou de defender Lisboa em 1809. [3]

Comtudo diz tambem que lhe parece que o general Gomes Freire apresentara igualmente em 1801 um plano de defeza de Lisboa.

---

[2] *Historia*, (2.ª E., t. 2.º, p. 523.)
[2] *Ibidem*, p. 535.
[3] *Ibidem*, p. 524.

*
* *

Memoria sobre o ataque e defeza de Portugal. — Apresentada em 1800, pelo general Dumouriez.

É o mesmo official de que já demos noticia. A esse tempo era general, e tinha-se tornado bem distincto na campanha de 1792, em *Valmy* e *Jemmapes*. Mas depois, sendo perseguido pelos seus, fugiu para a Allemanha e andava emigrado desde esse tempo.

O governo portuguez mandou consultal-o no anno de 1800 sobre as opiniões expressas nos seus anteriores escriptos em relação ao ataque e defeza do reino, remettendo o general n'esse anno a referida memoria escripta em francez, [1] na qual insiste sobre o que já dissera.

Esta memoria começa por um *exame dos differentes ataques executados contra Portugal nas precedentes guerras*, isto é, desde o reinado de D. João I até 1762. O exame tende a demonstrar que o fim da guerra é chegar depressa a Lisboa, e que para isso *não é vantajosa a entrada pelo Alemtejo*, como os hespanhoes teem feito geralmente, e é um vicio os portuguezes «terem coberto esta provincia com um numero desproporcional de praças de guerra em relação á força do seu exercito.»

O auctor passa depois a avaliar as *forças respectivas da Hespanha e Portugal*. Calcula que o governo hespanhol, attendendo ás guarnições que precisava manter no campo de Gibraltar, no interior do reino, nas embarcações e colonias, não poderia dispôr de mais de 50 a 55:000 homens, incluindo o auxilio francez de 15:000 homens.

D'este exercito poderiam destinar-se 15:000 homens a fazer diversões sobre as nossas provincias ao norte do Douro, e por consequencia o corpo principal que devia operar sobre a fronteira de leste desde Cidade Rodrigo até Badajoz, seria de 40:000 homens.

Emquanto ás nossas proprias forças, avali-as em 40:000 homens pelo menos em tropa de linha, sendo 6:000 de cavallaria, e incluindo os soccorros dos nossos alliados. Além d'isso acha que o governo podia e devia organisar, com homens escolhidos entre os seus numerosos corpos de milicias, 100 companhias de caçadores, armados de carabinas á similhança dos tirolezes, «com-

---

[1] No archivo militar existe uma copia da traducção d'essa memoria. Ha outra nos apontamentos de *B. Wiederhold*.

panhias que seriam muito mais uteis que as de infantaria de linha para a guerra de postos ou *chicana* a que se presta a natureza do paiz.» Além da artilharia necessaria para os parques julga que «seria necessario formar 12 companhias de artilharia a cavallo de 60 homens cada uma, para o serviço d'uma bateria de 4 peças de calibre 4 e 2 obuzes. Os batalhões de milicias seriam destinados a defender as suas respectivas provincias, a occupar as suas praças fronteiras de menor importancia e a completar batalhões de infantaria de linha.

A distribuição que dava a estas forças pode-se resumir no quadro seguinte:

Provincias	Grupos de tropas	Infantaria	Cavallaria	Artilharia (companhias)	Caçadores	Somma
Norte	Divisão	5:000	600	2	2:000	7:720
Beira.	Corpo d'exercito	18:000	2:000	6	3:000	23;360
Alemtejo .	Corpo d'exercito	15:000	3:009	3	3:000	21:180
Algarve ..	Brigada.	–	–	1	2:000	2:060
	Somma..	38:000	5:600	12	10:000	54:320

Segue-se o *plano d'ataque de Portugal.* Consiste em dirigir o ataque principal, partindo de Cidade Rodrigo em direcção á Guarda, descendo depois pela bacia do Zezere e Beira Baixa sobre Thomar e Castello Branco, e em fazer ao mesmo tempo demonstrações falsas sobre as provincias do norte e do Alemtejo, para nos obrigar a dividir as forças da defeza n'uma grande extensão de territorio, sem que o mesmo succedesse ás do invasor. Assim, destina para o ataque principal um corpo de 30:000 homens, que podia marchar em 3 columnas, pelos caminhos que atravessam a fronteira entre *Alfaiates* e *Almeida*, passando ao lado d'esta praça, sem perder tempo a sitial-a. «O principe *Souvaroff* tinha já demonstrado que se podia passar entre as praças e mesmo deixal-as na retaguarda observando-as».

Tomada a cidade da Guarda, seria esta arranjada para lhe servir de praça d'armas e deposito geral do exercito invasor, ficando ahi uma guarnição de 6 a 8:000 homens para observar a guarnição de Almeida, e assegurar a marcha dos seus comboios de toda a especie. O exercito avançaria d'ahi em 2 columnas, uma por *Belmonte* sobre *Sarzedas* e *Castello Branco*, procurando o exercito portuguez para lhe dar batalha onde o podesse en-

contrar, outra pela margem direita do Zezere procurando torneal-o e forçal-o a retirar-se para traz do Zezere e a abandonar *as excellentes posições que lhe offerecem as montanhas.* (As mesmas do conde de Lippe).

Durante este movimento um corpo de 15:000 homens, até então estacionado em Zamora, para nos fazer acreditar no sitio das praças de Traz-os-Montes, como em 1762, marcharia rapidamente para Cidade Rodrigo e seguiria o caminho do corpo principal, unindo-se a elle.

Um outro corpo de 10:000 homens reunidos em Badajoz, faria demonstração de pretender sitiar Elvas; 5.000 homens escolhidos avançariam rapidamente sobre *Montalvão* para tomarem este ponto e assegurar as passagens do Tejo abaixo d'elle, levando para isso um trem de pontes; logo que tivessem conseguido isso, o corpo reunido em Badajoz marcharia por Valencia d'Alcantara a reunir-se a elles, e passando o Tejo seguiria para Abrantes e d'ahi sobre Santarem, constituindo então a columna da esquerda do exercito invasor, cuja columna da direita por movimentos successivos devia ter avançado até Leiria, e a do centro até Ourem.

Chegados a estas localidades «*podiam os hespanhoes julgar-se senhores de Portugal*, e *dictar a lei á côrte de Lisboa*» [1].

O auctor, passando ao *plano de defeza de Portugal*, diz que *Abrantes e Guarda são os dois eixos da defeza de Lisboa.*

Como o ataque pela Beira (ou direita do Tejo) está ligado com os movimentos do corpo hespanhol estacionado em Badajoz (esquerda do Tejo) é egualmente necessario que «a defeza esteja tambem combinada nas duas margens do mesmo rio.»

O corpo principal da defeza, que é o destinado á Beira, seria concentrado na *Guarda*, tendo por pontos avançados Alfaiates e Almeida: era sómente entre estas duas praças que o exercito hespanhol podia penetrar com artilharia e parques. Os batalhões de milicias da Beira são sufficientes para defenderem as pequenas praças entre Alfaiates e o Tejo, e ao norte as de Pinhel, Sabugal e Sortelha.

O corpo encarregado da defeza do Alemtejo, ou, para melhor dizer, de cobrir a margem esquerda do Tejo, deve estabelecer-se na «*retaguarda de Portalegre*, depois de destacar uma sufficiente força para guarnecer Elvas.»

---

[1] Convem lembrar que a esse tempo ainda não era conhecida a importancia das posições que cobrem Lisboa pelo norte, e que depois serviram para as linhas de Torres Vedras.

O general Demouriez achava que esta disposição satisfazia a todas as hypotheses. Por quanto, se a invasão começasse por Traz-os-Montes e sitio de Almeida, como em 1762, as forças do norte acudiriam á praça que fosse atacada, e o corpo da Guarda podia reforçar essas tropas, inquietar o sitio d'Almeida, e tentar uma diversão em Hespanha pela margem direita do Tejo de combinação com o corpo do Alemtejo.

«Se os hespanhoes seguissem a antiga rotina de tornarem o Alemtejo o theatro da sua guerra, o corpo da Beira podia egualmente reforçar por Abrantes a força destinada a defender as praças de Montalvão, Castello de Vide, Portalegre e Elvas; um corpo de 12 a 15:000 homens estabelecido em *Montes Claros* é sufficiente para cobrir as praças de segunda linha.

Se, finalmente, a invasão fôr dirigida como suppõe, e como propoz á côrte de Madrid em 1767, o perigo seria immenso para Portugal, «se não estivesse prevenido para semelhante ataque, ou se se tivesse deixado enganar pelos fingidos movimentos do exercito hespanhol a ponto de desguarnecer o principal ponto da sua defeza, que é a *Guarda.*»

Se o exercito hespanhol pretender atacar o corpo do Alemtejo, este deve evitar o combate e retirar-se para *Castello de Vide*, onde deixará uma guarnição sufficiente, e *Montalvão*, indo occupar as alturas entre este posto e o Sever; «esta posição é forte, e a sua retirada segura, lançando se pontes sobre o Tejo entre Montalvão e Villa Velha.» Esse corpo, que suppõe reduzido a 9:000 homens de infantaria e 2:000 de cavallaria, por isso que deve ter deixado 9:000 homens de infantaria e 1:000 de cavallaria nas praças de Elvas, Castello de Vide, Evoramonte e Extremoz, póde entreter por muito tempo os hespanhoes, na forte posição que escolher, fazendo assim falhar o plano d'elles n'esta parte do ataque.

Se o progresso do inimigo da parte da Guarda obrigar a concentrar ahi todas as forças regulares da Beira, as milicias da Extremadura reunidas em Abrantes e Castello Branco são sufficientes para apoiar a retirada do corpo do Alemtejo para a margem direita do Tejo.

Emquanto ao progresso da invasão para além da Guarda, a natureza do paiz é de tal ordem que se pode esperar um resultado feliz para a defeza.

A memoria termina aconselhando-nos a fazer algumas *diversões em Hespanha* em dadas circumstancias. A esta parte seguem-se em separado, como addicionamento, umas considerações especiaes sobre as praças e a defeza particular de cada provincia, onde se encontra mais claramente expressa a opinião predominante do auctor que—«*a defeza particular da Beira constitue*

a parte essencial da defensiva geral do reino, e que o ataque pelo Alemtejo não é o meio de se chegar mais facilmente á capital.»

*

* *

Analyse critica da memoria militar, escripta pelo general Dumouriez no anno de 1800, sobre o ataque do reino de Portugal, por José Maria das Neves Costa. [1]

O auctor d'esta obra, habil e benemerito official de engenharia, o qual no seu tempo foi seguramente uma das maiores illustrações da sua arma, pois que do seu talento e merito existem irrefragaveis provas nos seus numerosos escriptos, levantamentos de cartas e reconhecimentos militares a que procedeu, [2] foi promovido a 2.º tenente engenheiro aos 23 annos de edade e desde logo empregado no corpo de tropas do commando do duque de Lafões, que no anno de 1797 se reuniu no Alemtejo. Serviu ahi, ora na secretaria d'esse general, ora na brigada d'engenheria. Foi então que, parecendo-lhe descobrir que as opiniões expendidas por Dumouriez no *Etat present de Portugal* influiram bastante no modo de pensar dos nossos generaes, procurou, como ensaio de estudos estrategicos, deduzir á vista do terreno a conclusão do systema defensivo que Dumouriez apontava, [3] e não podendo conformar-se com elle, especialmente na opinião de — *desprezar por inutil a linha d'operações pelo Alemtejo*; — redigiu em 1800 uma memoria em que combatia as ideias do sobredito general, tendo por titulo:

Observações sobre o plano de ataque e defeza do reino de Portugal, em relação á sua geographia e topographia. [4]

O desaire por que passámos na campanha de 1801, confirmando desagradavelmente todas as previsões do opusculo de Neves da Costa, o induziram a escrever a segunda parte d'essas *Observações*, dando maior desenvolvimento ao systema defensivo do Alemtejo; trabalho em que fez reluzir a sua grande habilidade

---

[1] Embora esta *Analyse* fosse escrípta em 1810 é conveniente pol-a a par da memoria que critica.

[2] A *Revista Militar* de 1849, p, 36, dá uma noticia biographica do benemerito official e dos seus principaes trabalhos. A mesma *Revista*, a p. 201. acrescenta mais um artigo relativo ao mesmo assumpto.

[3] Consta isto do appendice a uma Memoria escripta pelo mesmo Neves Costa, e impressa em 1822 com o titulo «*Exposição dos factos pelos quaes se mostra ter sido portugueza a iniciativa do projecto para a defeza de Lisboa*, etc., e no preambulo da *Analyse critica*.

[4] *Revista Militar* de 1849, p. 39.

scientifica, e auctoridade critica da experiencia, que adquirira nos repetidos estudos do terreno. [1]

No fim da campanha de 1809, vindo-lhe ter casualmente á mão uma copia da memoria de Dumouriez atraz extractada, ampliou as suas antigas *Observações* em uma outra memoria escripta em 1810 com o titulo acima escripto.

Esta *Analyse*, [2] é bastante extensa, fazendo conhecer os erros envolvidos nas opiniões seductoras do general Dumouriez, acreditadas e respeitadas por muitos dos nossos officiaes.

Cada uma das razões e propostas produzidas pelo general Dumouriez, mal baseadas em erros historicos e topographicos, são completamente refutadas por Neves Costa com provas irrecusaveis, como vamos mostrar.

Neves Costa concorda com Dumouriez em que — *o objectivo principal de toda a invasão de Portugal deve ser a conquista de Lisboa* —, e que por consequencia todo o ataque pelas duas provincias do norte só augmenta as difficuldades, e não conduz directa nem vantajosamente a este fim.

Quanto á — *reprovação do ataque pela Beira Alta* — isto é, da parte do Douro e de Almeida sobre Coimbra, Neves Costa observa que Dumouriez suppõe erradamente que — *a invasão por esse lado encontraria difficuldades quasi invenciveis tendo de atravessar a serra da Estrella* — quando na realidade «sómente teria de atravessar alguns ramaes que da sobredita serra se derivam para o norte, e que certamente não são mais difficultosos (se é que o não são muito menos) do que aquelles que se destacam para a parte do Tejo. É verdade que o caminho pela Beira Alta é mais longo do que pela Beira Baixa, mas esta desvantagem é compensada pela maior facilidade do terreno e das subsistencias.»

Em prova d'isso cita Neves Costa a invasão de 1385 que teve logar por *Almeida*, *Celorico*, *Coimbra* e *Leiria*, e não como erradamente diz Dumouriez — *pela margem direita do Tejo!*

A opinião de Dumouriez — *de que os hespanhoes deviam evitar os ataques pelo Alemtejo* — fundada em que esta provincia era coberta por muitas praças fronteiras e em que encontrariam a grande difficuldade de *passar o rio Tejo*, a menos que não dispozessem d'uma esquadra como o duque de Alva em 1580, o auctor da *Analyse* refuta-a, observando que o *Tejo não é barreira invencivel*, podendo passar-se abaixo de *Abrantes*, e que «se as praças do Alemtejo faziam tão difficultosa a conquista do terreno d'aquella provincia tão facil de invadir, e o mais proprio para aproveitar a

---

[1] Foi depositada no *Archivo Militar* da engenharia.

[2] Foi publicada no *Exercito Portuguez* n.os 288 e 289 do anno de 1890.

superioridade da cavallaria e artilharia hespanholas, quantos maiores obstaculos não achariam os inimigos de Portugal nas outras provincias que além de um grande numero de praças tinham a seu favor a maior aspereza do terreno? Verdadeiramente este era o motivo bem natural que induzia os hespanhoes a dirigirem os seus ataques pelo Alemtejo.»

Em 1800, o estado das praças do reino era deploravel, o que sendo ignorado por Dumouriez, o leva a «affirmar erradamente que no Alemtejo as praças são demasiadas.» Desde 1762 tinham-se abandonado muitas nas diversas provincias por se considerarem inuteis para a defeza, que devia ser principalmente feita pelas operações militares apoiadas nas difficuldades naturaes do terreno. «Por isso, diz *Neves Costa*, o *Alemtejo* é actualmente considerado como *indefensavel*, e o ataque da Extremadura portugueza e de Lisboa por aquella provincia só encontraria o obstaculo da *passagem do Tejo*.

«Este obstaculo é consideravel, mas é unico, e vencido elle pelo inimigo, as suas vantagens *são decisivas*. É o *unico*, porque o Alemtejo privado das antigas praças, não permitte conservar no seu *centro* um exercito que embarace ao inimigo a passagem do Tejo; digo no seu *centro*, porque na guerra, acontece muitas vezes que a verdadeira defensa de um ponto, consiste na defensa de um outro muito distante.»

«*As suas vantagens são decisivas*, porque passando o inimigo o Tejo abaixo do Zezere, evitam-se as difficuldades do terreno da Beira; as forças portuguezas que guarneceram as diversas fronteiras e uma parte do curso do Tejo, ficarão separadas da capital, e serão atacadas de revez...»

«Acautelemo-nos, pois, contra a *falsa segurança da protecção que o Tejo procura a Lisboa*, e que o referido general tão demasiadamente exalta.»

Em seguida rebate Neves Costa o erro de Dumouriez dizer— «*que a fronteira entre Alfaiates e Rosmaninhal, é quasi impenetravel e só propria para incursões de tropas ligeiras*»—bastando para o provar lembrar a entrada das tropas do duque de Berwick por essa parte da fronteira na campanha de 1704, de que Dumouriez mostra ter ignorancia.

E a proposito lembra mais o nosso critico que, tanto n'essa epocha como em 1762, deve-se attribuir «a retirada dos hespanhoes ao conhecimento das grandes difficuldades do paiz, desde *Villa Velha* e *Sarzedas* até ao curso inferior do *Zezere*, e a persuasão bem fundamentada, de que as poucas tropas que o marechal Lippe tinha reunidas *(em 1762)* eram sufficientes para com a vantagem do terreno lhes inutilisar os seus esforços e os seus progressos.»

Passando Neves Costa a examinar o artigo em que o general Dumouriez expõe a sua opinião sobre o plano de *ataque* mais vantajoso contra Portugal, nota ainda outros erros topographicos, como o de suppôr a *serra das Mezas ao longo do rio Erges*, [1] o que tornava a fronteira da *Beira Baixa* impenetravel, quando ella *é aberta* e facil de invadir até Castello Branco, quer pela estrada de *Cilleros* a *Penamacor*, quer pela de *Zarza* a *Salvaterra*, *Zibreira*, *Ladoeiro*.—«Só o *Ponsul* é capaz de fornecer uma linha de defensa a qual porém se póde tomar de flanco, vindo por *Monsanto*, *Idanhas*, ou *Penamacor*.»

Assim Dumouriez, «em logar d'uma invasão directa e facil da parte de *Cilleros* e *Zarza* sobre *Castello Branco*, propõe que se marche da parte de *Ciudad Rodrigo*, fazendo um grande rodeio e atravessando as montanhas que bordam as margens do *Meimoa* e do *Zezere* para chegar a *Sarzedas*, onde julga terem-se evitado os grandes obstaculos, quando seria então que elles se principiariam a encontrar.»

Pelo que respeita ao movimento da columna inimiga, com que o general francez propõe «ameaçar a fronteira do Alemtejo, marchando repentinamente da parte do rio *Sever* com um trem de pontes, e procurando surprehender *Montalvão* e passar o *Tejo* abaixo d'esta villa para seguir a margem direita até *Abrantes* e *Santarem*», mostra Neves Costa que elle é ainda induzido a erro por falta de conhecimentos topographicos. Pois que: «As margens do *Sever* na metade inferior do seu curso não dão passo a carros senão com difficuldades quasi invenciveis. As margens do Tejo nas visinhanças de *Montalvão* ainda são mais impraticaveis, e até *Abrantes* os carros só podem atravessal-as pela estrada que de *Niza* vae a *Villa Velha*. Porém, o inimigo passando por esta estrada para a margem direita do Tejo, não terá rodeado nem tomado de revez as posições que cobrem a Beira Baixa, e que Dumouriez erradamente suppõe existirem a leste de *Castello Branco*.»

N'esta altura entra Neves Costa a examinar as reflexões que faz Dumouriez sobre a consideração que merecem certas posições e praças do reino. E por ser muito interessante o que o auctor nos diz a esse respeito, fazemos extractos mais completos.

«*Abrantes*, diz Dumouriez, *é infinitamente importante*.»

«Observaremos que n'um ataque pela Beira Baixa, *Abrantes* não domina, nem defende directamente a importante estrada da serra d'*Isna*, e a das *Talhadas*; não cobre o *Zezere* que o inimigo póde atravessar diri-

---

[1] E como se achava marcado na *carta* de *D. Thom Lopes* que n'aquelle tempo servia de guia aos militares.

gindo-se pelas ditas estradas, sem lhe importar a conquista de *Abrantes* que elle poderá mascarar, e onde elle póde reduzir á inacção defensiva qualquer exercito ali postado, uma vez que occupe a linha do *Codes*, e as montanhas de *Bando dos Santos*, reduzindo por este modo o exercito defensor ou a uma defensiva inutil, ou a não ter outra retirada senão pelo Alemtejo ou a abandonar precipitadamente a sua posição de *Abrantes* para vir disputar a passagem do *Zezere* ao inimigo. Por consequencia *Abrantes* só pode ser um posto de defensa secundario, e não a *chave da defensa* do importante terreno entre o *Tejo*, *Zezere*, *Ocreza* e a *serra da Estrella*.»

«Examinemos se a importancia que Dumouriez e outros generaes parecem dar a *Abrantes*, será fundada sobre as suas relações com a defensa do Alemtejo e principalmente d'aquella parte vizinha á margem esquerda do Tejo.»

«Se as posições das montanhas vizinhas a *Portalegre* e *Castello de Vide*, fossem capazes de obstar efficazmente á invasão do Alemtejo, na verdade *Abrantes* sendo a base ou praça de armas d'esta defensa, seria de grande importancia. Mas no estado actual d'aquella provincia, *Elvas* é a unica praça de consideração que ali existe, mas que por ser a unica póde ser facilmente observada pela guarnição de *Badajoz* e é insufficiente para embaraçar que um corpo de exercito inimigo penetre no interior da provincia entre *Elvas* e *Arronches*, ou da parte de *Juromenha*, *Villa Viçosa* e *Estremoz*; pontos, dos quaes se corta a communicação de *Elvas* com *Lisboa* por *Aldegallega*, e d'onde se pode tambem avançar para cortar a linha de operações entre *Abrantes* e as posições de *Portalegre*. Se as nossas tropas, pretenderem embaraçar que o inimigo consiga este ultimo fim, precisam largar as referidas posições para combater n'um terreno desvantajoso para o menor numero. Se ellas persistem nas suas posições, serão ali atacadas de revez depois de cortada a sua retirada sobre *Abrantes*.

«As posições de *Portalegre* seriam de maior consideração para a defensa do Alemtejo, ou cobririam melhor a margem esquerda do *Tejo* se um corpo das nossas tropas se achasse no interior d'aquella provincia, como aquelle que Dumouriez acertadamente propõe que haja de ser postado da parte de *Montes Claros*. Então o inimigo não poderia avançar entre *Elvas* e *Portalegre* sem expôr os seus flancos, nem atacar um dos dois corpos, sem correr o perigo de ser atacado de revez pelo outro. O *Tejo* se acharia então mais seguramente defendido, pois o inimigo não ousaria atravessal-o, deixando na retaguarda o nosso exercito. Todavia ainda esta disposição teria o inconveniente de dividir forças que já se suppõem inferiores, e por este motivo eu preferiria antes o reunil-as da parte de *Villa Viçosa* e *Estremoz*, se fortificações naturaes e artificiaes podessem alli protegel-as efficazmente contra os ataques do inimigo. N'este caso, *Setubal* e *Lisboa* seriam as principaes bases da defensa do Alemtejo. Porém, a falta de fortificações naturaes, e a ruina das artificiaes que n'outro tempo favoreceram este systema de defensa no interior do Alemtejo, fazem impraticavel actualmente aquella disposição defensiva.»

«Isto demonstra ao mesmo tempo a sem razão com que Dumouriez reputa demasiado o numero de praças do Alemtejo, quando bem pelo contrario é a falta d'ellas que augmenta hoje o perigo e facilita as operações do inimigo contra Lisboa por aquella provincia.»

Segue-se na *Analyse* a demonstração de que — *é impraticavel* — a retirada que Dumouriez propõe das posições de *Portalegre*

e *Castello de Vide* por *Montalvão*, para a margem direita do Tejo e por conseguinte a pouca importancia d'esta ultima povoação, e bem assim de *Castello de Vide*, «que apesar de fechar um dos valles principaes por onde as estradas de Valença e Albuquerque atravessam as montanhas de *Portalegre*, não póde comtudo ser fortificada por ser submettida e dominada pela encosta da serra de S. Paulo.»

Do que fica assim exposto ácerca da importancia de *Abrantes* em relação á defeza do Alemtejo, conclue Neves Costa:

«Se as posições de Portalegre não são capazes de obstar a que o inimigo penetre no interior do Alemtejo, e se elle avançando sobre as planicies do Crato, pelo lado de Arronches, póde ali cortar a nossa linha de operações ou de communicações entre *Abrantes* e *Portalegre*, então as referidas posições não são vantajosas para a defensa d'aquella provincia e para cobrir a margem esquerda do Tejo, e por consequencia a sua base, isto é, *Abrantes*, não póde ser *infinitamente importante*.»

Ha realmente exagero; mesmo na actualidade em que os caminhos de ferro de leste e da Beira Baixa têem augmentado a importancia estrategica da posição de *Abrantes*, não se póde dizer que ella seja *infinita*. Mas é incontestavelmente grande, e seria de grande vantagem uma *boa testa de ponte*, que facilitasse as operações offensivas e defensivas a partir d'essa posição para o Alemtejo ou para a Beira.

Outro trecho interessante de Neves Costa:

«A opinião em que se póde estar de accordo com o general Dumouriez, é a que se refere á importancia que elle dá á *posição da Guarda*, ainda que elle trate mui ligeiramente d'esta importancia na sua *Memoria*. Porém, no livro de «*l'Etat present du Portugal*» (onde elle confessa que esta opinião não é sua, mas sim de milord Galloway) diz que a referida posição — é a mais propria para a defensiva do reino, e para cobrir Lisboa. — Este juizo certamente é justo, e é derivado da influencia geographica da *serra da Estrella*, a qual, proxima á fronteira, e prolongando-se para a Extremadura portugueza entre o curso superior do *Zezere* e o *Mondego*, domina e ameaça de flanco e de revez todos os ataques do inimigo pela Beira Baixa, ou pela Beira Alta. O conhecimento circumstanciado de todas as communicações atravez e ao longo d'esta serrania, e d'ella para a parte do *Tejo, Douro* e *Vouga*, conhecimento que ainda hoje infelizmente se não tem procurado obter com exactidão, deveria facilitar os meios proprios para tirar vantagem d'este *grande baluarte do reino*.»

Por fim, notando o abalisado critico que as *diversões* propostas por Dumouriez nas diversas fronteiras do reino seriam mais prejudiciaes do que uteis a Portugal, que apenas pode ter forças necessarias para combater ou observar de perto o exercito de invasão e cobrir a capital, conclue: «Ter estas forças dispersas até que o inimigo deixe perceber a principal direcção do seu ataque,

e sabel-as *reunir promptamente* para o atacar de frente e de flanco, quando elle se achar dividido para executar o plano das suas operações offensivas, *eis o unico systema que me parece o mais seguro e favoravel para nós.*»

*

* *

Plano de defeza, delineado pelo duque de Lafões, desde 1797 a 1800.

O marechal general duque de Lafões, de quem já falámos atraz a proposito da guerra com a Hespanha que em 1797 se julgava imminente, mas que por fortuna nossa foi evitada, começou desde essa epocha, a fim de obstar a alguma nova aggressão hespanhola, que não tardaria a apparecer em vista da politica tortuosa de Bonaparte e da desmarcada ambição de Godoy, a pensar nos meios de levantar o nosso poderio militar do lastimoso estado em que o via.

Eis como um illustre official portuguez [1] pinta a critica situação do nosso estado militar por aquelle tempo. «Portugal sempre descuidoso dos seus interesses repousava na indolencia que por muitos annos o tem caracterisado: as praças fortes desguarnecidas, as de menos importancia desmoronadas, os arsenaes desprovidos, os artefactos mal confeccionados, falta de munições de guerra, e de communicações faceis, com um exercito mal disciplinado e pouco numeroso, corpos de milicias mal organisados outros de ordenanças, monstruosos na sua formação: tal era a situação de Portugal quando a guerra lhe batia á porta».

Devemos advertir que se não encontra nada escripto pela mão do proprio duque ácerca da defeza de Portugal, nem da campanha de 1801, que elle dirigiu na qualidade de commandante em chefe.

Ha, porém, uma obra que muito interessa consultar sobre esses assumptos, devida a um auctor muito illustrado e que esteve muito bem collocado para nos dar informações veridicas sobre as principaes idéas e medidas adoptadas pelo marechal general duque de Lafões. Falamos do coronel de artilharia, Francisco de Borja Garção Stockler, que foi o encarregado da correspondencia militar do quartel general do commando em chefe durante a campanha de 1801. Tinha grande amisade e intimidade com o

---

[1] **Souza Pinto**, *A campanha de 1801 e o duque de Lafões*, publicada na Rev. Mil. de 1851

duque de Lafões, que com a mais inteira franqueza lhe manifestou sempre os seus projectos e os seus pensamentos corcernentes á defeza do paiz.

Pelo titulo da obra — *Cartas ao auctor da historia geral da invasão dos francezes em Portugal e da restauração d'este reino* [1] — parece que se trata dos acontecimentos que tiveram logar em 1807 e 1808. Comtudo este assumpto toma ahi poucas paginas e o auctor occupa-se essencialmente em apresentar a correspondencia official que comprehende as medidas adoptadas pelo duque para obstar á aggressão hespanhola effectuada em 1801, e o plano geral de defeza do reino, para justificar o mesmo duque das injustas accusações que se lhe fizeram perante o tribunal do publico, pelo facto da campanha ter sido *desastrosa*, como não podia deixar de ser, tendo em vista a critica situação das nossas relações politicas e do nosso estado militar.

É sobretudo na *Carta V*, escripta em Lisboa a 16 de novembro de 1810, que o auctor traça, n'um resumido quadro, mas fiel quanto lhe permittia a sua memoria, as idéas do duque de Lafões relativas ao restabelecimento do systema militar que se propunha fazer, e á defeza geral do paiz que as nossas circumstancias de então permittiam estabelecer.

Pelo que respeita á reforma da constituição militar, limito-me a fazer aqui a enumeração dos principios geraes a que o duque julgava necessario subordinal-a.

1.º Que a nação devia ter uma constituição militar de tal forma estabelecida que, todos os individuos capazes de pegar em armas, estivessem sempre adestrados no manejo d'ellas, isto é, que a nação portugueza fosse uma nação de soldados.

2.º Que não achava divisão mais acertada das forças nacionaes, do que a das tres classes de — *tropa regular, milicias* e *ordenanças* — em que D. Sebastião as dividira; mas que era necessario modificar a constituição particular de cada uma d'estas classes.

3.º Que as modificações a introduzir na tropa regular eram:

a) Mudar a fórma do seu recrutamento procurando augmentar o numero de voluntarios, e fixar quanto possivel a permanencia dos *violentados* que em todo o caso devia ser curta;

b) Augmentar o numero das nossas tropas ligeiras tendo em vísta o genero de guerra que o nosso paiz permitte, e por conseguinte instruir as tropas de maneira que o soldado de cavallaria fosse ao mesmo tempo cavalleiro e caçador, o de infantaria mais caçador que fuzileiro, e o de artilharia juntamente cavalleiro para acompanhar as evoluções da cavallaria;

---

[1] Estas cartas foram escriptas no fim do anno de 1810, impressas no Rio de Janeiro em 1813, e incluidas mais tarde na obra em 3 tomos do mesmo auctor, publicada pela *Academia das Sciencias de Lisboa.*

c) Que a todos os officiaes se dessem nas escolas militares reformadas os principios necessarios para depois, pelo seu proprio e particular estudo, poderem adquirir os conhecimentos mais extensos em todos os ramos da arte de guerra.

4.º Que os corpos de milicias constituiriam o segundo grau do serviço militar a que todas as praças seriam obrigadas depois de curto tempo de serviço na tropa regular, e bem assim todos os officiaes que por edade ou deterioração de saude começassem a sair de gráo de actividade indispensavel na tropa regular, os quaes em vez de serem reformados, passariam com o accesso e vantagens que lhes competissem para os corpos milicianos.

5.º Que era necessario reformar radicalmente a constituição da classe das ordenanças (pelos modos que indica) para se recorrer á *massa nacional*, quando occorresse a necessidade de equilibrar ou exceder as forças inimigas que entrassem no nosso paiz.

6.º Que era da maior importancia para as nações menos fortes em forças physicas augmentar quanto lhe fosse possivel a sua *força moral*, sobretudo nas tropas regulares, por meio d'uma disciplina rigorosa e d'uma instrucção adequada que désse a pericia individual aos homens, e a illustração de entendimento á mocidade destinada a occupar os postos elevados e á qual algum dia seria confiado o commando das diversas armas e a direcção da defeza do paiz. Mas a força moral, não poderia elevar-se ao seu maior auge, sem que por meio d'uma educação popular bem entendida se regenerasse o *espirito nacional* e o *amor da patria*, virtudes hoje tão raras, quanto em outros tempos foram communs entre os portuguezes, e que incontestavelmente são as mais solidas bases do estabelecimento, conservação e defeza de toda a ordem social.

Extractemos agora mais detidamente, por ser de maior importancia para o nosso estudo, o que tem mais intima relação com a defeza do paiz.

«O principio de que o marechal partiu, foi a consideração de que toda a nação deve organisar o plano da sua constituição militar segundo a *especie de guerra*, a que pela sua situação, circumstancias e relações politicas póde ser obrigada; e que não sendo verosimil que a nação portugueza se ache jamais em guerra senão com potencias muito mais poderosas do que ella, a sua guerra deverá ser sempre defensiva».

Todavia, o duque de Lafões estava tambem convencido que uma defensiva *puramente passiva* é sempre funesta para o exercito e para a nação que adopta este methodo de guerra geralmente reprovado.

D'estes principios concluiu os seguintes pontos ou bases para o seu systema defensivo:

I—Que sempre que fossemos ameaçados d'uma invasão, deveriamos ser nós quem começasse prompta e efficazmente a guerra, procurando estabelecer e manter pelo maior tempo possivel o theatro d'ella nas terras limitrophes do paiz visinho.

II—Que logo que fossemos obrigados a retirar-nos para o proprio territorio ou nos considerassemos em necessidade proxima de o fazer, todos os gados, viveres, e mais propriedades moveis de maior conside-

ração dos moradores do paiz exposto a ser verosimilmente occupado pelo inimigo, se deviam fazer recolher para as praças centraes ou mesmo para as de primeira linha, se assim se julgasse mais conveniente. As familias que fossem obrigadas a abandonar as suas habitações, deveriam antecipadamente estar instruidas de quaes eram as praças ou povoações de abrigo para onde deviam recolher, e a sustenção e alojamento d'estas familias deveria ser providenciada pelos governos municipaes.

III—Que, emquanto os exercitos defensores, continuamente reforçados pela concorrencia da *massa nacional,* não tivessem recebido uma força addicional capaz de as pôr em estado de superar a dos exercitos invasores que, pelo contrario iriam diminuindo, as ordenanças das terras situadas sobre os seus flancos, só por si ou combinadas com as tropas que os generaes para esse fim determinassem, deveriam sem cessar incommodar o inimigo pelos seus flancos e pela sua retaguarda: atacando os seus comboios, os seus pequenos destacamentos, as suas patrulhas, e interrompendo assim as communicações, quanto lhes fosse possivel.

IV—Porém, logo que os exercitos defensores chegassem a um ponto de superioridade decidida, devia-se sem demora forçar o inimigo a uma acção geral, a qual se procuraria sempre decidir pelas armas brancas.

Taes eram as idéas do duque ácerca do methodo de guerra seguir. Quanto ás *fortificações* elle estava persuadido pelos factos que presenciára durante seis annos, que esteve na guerra dos austriacos contra os prussianos, que as *obras de fortificação*, geralmente falando, valem de pouco contra o valor das tropas e contra a pericia dos generaes habeis.

Apezar d'isso reconhecia que ellas são indispensaveis em um systema defensivo e que Portugal não poderia oppôr uma resistencia efficaz aos projectos dos seus inimigos sem o soccorro da arte de fortificar.

O marechal desejava, portanto, que além das praças e fortalezas que seria necessario construir ou reedificar nas visinhanças da fronteira, com o duplo intento de servirem de apoio e augmento de força ás primeiras linhas de defeza, assim como de base para as expedições offensivas, que sempre deviamos tentar nas provincias limitrophes de Hespanha, se deviam estabelecer e fortificar praças no interior das nossas provincias para servirem de deposito aos viveres e propriedades moveis dos habitantes dos territorios circumvisinhos e constituirem uma segunda linha de defeza de fortificações permanentes.

Desejava tambem que o nosso systema de defeza fosse combinado da maneira mais propria para facilitar e dispôr o governo inglez a prestar-nos soccorros mais efficazes.

Este desejo o fez olhar as nossas praças maritimas como sendo de primeira importancia, devendo por conseguinte repararem-se e melhorarem-se; e lhe suggeriu o projecto de formar d'ellas a nossa ultima linha de defeza, com o duplo objecto de facilitar-nos a reintegração da posse do nosso territorio, se tivessemos a desgraça de perdel-o até á borda do mar, e a segurança das es-

quadras britannicas bem como a protecção efficaz do embarque das suas tropas, quando o mal se tivesse tornado sem remedio.

O systema das fortificações fronteiras e centraes, devia ser bem combinado e disposto com antecipada prevenção pelo aproveitamento opportuno das grandes vantagens physicas que para a guerra defensiva offerece o nosso paiz.

O coronel Stockler desenvolve este assumpto n'uma rapida descripção das linhas e posições naturaes de defeza existentes no nosso territorio, cujos pontos principaes convem transcrever para aqui.

O duque de Lafões entendia que Portugal deve considerar-se dividido em tres grandes regiões, [1] limitadas pelos quatro principaes rios— *Minho, Douro, Tejo* e *Guadiana.*

O **rio Minho** sendo a barreira natural da provincia, a que dá o nome, marca pela parte do norte de Portugal a primeira linha de defeza d'aquella provincia. E como a difficuldade da sua passagem na presença de corpos destinados a defendel-a seja por extremo ardua, o que parece ser mais de temer, relativamente a esta parte do reino, é a entrada pela raia secca. Comtudo, como esta não offerece transito commodo para a marcha d'um exercito com trem de artilharia e bagagens, fortalecendo-se convenientemente *Melgaço, Valadares, Castro Laboreiro* e *Lindozo*, poucas tropas ligeiras além das guarnições d'estes fortes, parece que seriam bastantes para pôr aquella parte da provincia do Minho ao abrigo de todo o insulto.

Mas logo que o inimigo penetre em **Traz-os-Montes** pela Veiga de Chaves, as passagens da portella do *Homem, Salamonde* e *Mondim* ficam sendo outros tantos pontos dignos do maior desvelo dos defensores da provincia do Minho. D'esta consideração deduziu o duque que a defeza das duas provincias do Minho e Traz-os-Montes era tão intimamente connexa que jámais se deveria separar. As serras do *Gerez* e *Marão* lhe pareceram constituir a base natural de todo o systema defensivo commum áquellas duas provincias. A difficuldade do seu transito facilita a guarda de todas as passagens a poucas tropas e deixa o grosso do exercito defensor em liberdade de operar, observando de perto o inimigo, sempre em medida de occupar as posições das ditas serras, ou de descer d'ellas sobre o flanco ou sobre a rectaguarda do mesmo inimigo, no caso que elle penetre por uma só ou que não se adeante em ambas egualmente.

Porém, como em Traz-os-Montes se póde tambem *entrar por Bragança* com direcção a *Mirandella*, ou costeando o rio Sabor em direcção a *Moncorvo*, e ainda mesmo por entre *Outeiro* e *Vimioso*, ou por entre *Vimioso* e *Miranda*, elle julgava a *serra de Rebordãos* como uma posição de grande importancia para servír de centro ás operações do corpo de tropas destinado a defender a parte oriental da provincia na qual, por isso mesmo, considerava sempre a necessidade da existencia de duas divisões, cujos movimentos deveriam ser combinados entre si, e com os das tropas do Minho e Beira Alta, a fim de reciprocamente se protegerem.

---

[1] Veja o *Alvará de 27 de fevereiro de 1801* que regulou as brigadas do exercito.

A divisão natural da **provincia da Beira** pela corrente do Zezere em Beira-Alta e Beira-Baixa, mostra que a defeza das duas porções d'este grande territorio deve ser confiada a dois corpos distinctos, bem que subordinados ao mando d'um mesmo chefe. As margens dos *rios Coa* e *Erjes* parecem ser as primeiras linhas naturaes de defeza d'uma e outra: assim como parece que os apoios naturaes da linha do Côa são as nossas antigas fortalezas de *Castello Rodrigo, Alfaiates, Sabugal* e *Sortelha,* as quaes em tal caso deveriam restabelecer-se.

Da mesma sorte, parece que, deveriam tambem restabelecer-se as fortalezas de *Penamacôr, Monsanto, Penhagarcia, Salvaterra, Segura* e *Rosmaninhal* para fortalecerem a frente e o flanco esquerdo da linha do Erjes, e para servirem de base ás nossas operações offensivas na Extremadura hespanhola e no reino de Leão.

A estas primeiras posições se seguem as segundas, e quasi inexpugnaveis da *serra da Estrella* e suas ramificações principaes relativamente á Beira-Alta; e das serras que decorrem desde *S. Vicente da Beira* até *Villa Velha de Ródão,* ou mais propriamente desde a margem esquerda do Zezere á direita do Tejo; umas e outras em repetidos valles e quasi intransitaveis desfiladeiros, facilitam os meios de defeza mais efficazes, que talvez existem em parte alguma do mundo.

Como esta asserção parecerá exaggerada o auctor apresenta aqui uma extensa nota tendente a mostrar que as vantagens que o territorio offerece por este lado para a defeza do reino são superiores a tudo quanto a natureza offerece por quasi todo o resto do mundo. Não despresemos essa nota que se póde considerar como uma succinta descripção da importante posição a que temos chamado *linha das Talhadas.*

Não duvido asseverar que estas montanhas constituem uma triplicada muralha construida pela natureza na disposição mais propria para impedir a passagem da Beira-Baixa para a Extremadura.

As gargantas, onde póde atravessar-se a primeira e mais oriental d'estas tres muralhas, são a *portella da Ameixoeira*, a *portella da Milhariça*, a foz do *Cabrão*, e o desfiladeiro das *Talhadas.* Assim este como os outros são de facilima defeza.

Um corpo mediocre de tropas ligeiras, munido com algumas peças de artilharia de montanha, e a construcção de algumas baterias nos pontos convenientes para bater de frente e para flanquear os desfiladeiros, seriam mais que sufficientes para impedir por aquelle lado o transito para a Extremadnra ao exercito mais numeroso.

Os caminhos ou mais propriamente as veredas que atravessam aquellas serras, são impraticaveis a todo o genero de carros; e por tanto só artilharia ligeira, montada em reparos que se *despecem* e possam ser conduzidos em bestas de carga, póde ali ser levada pelo inimigo. A cavallaria difficultosamente poderia passar; e ainda assim sómente sendo os cavallos em muitas leguas conduzidos á mão, e a um e um; mas não encontraria uma só situação onde podesse formar e combater regularmente, nem o paiz lhe offerece meios de subsistencia. Porém, ainda quando o inimigo tivesse a facilidade de forçar alguma das indicadas passagens, o terreno poderia continuar a ser disputado palmo a palmo; pois que a sua disposição facilita todas as proporções para uma semelhante defeza; e ainda assim lhe restaria a difficuldade de forçar os desfiladeiros dos ou-

tros dois ramos da serra, a passagem da ribeira da *Paracana*, e a passagem ainda mil vezes mais difficil da *Ocreza*.

É verdade que em consequencia da estrada nova que o marechal de campo marquez de Alorna fez construir em 1801, e que conduzia de Belmonte a Cardigos, podia o inimigo que se apoderasse da primeira de aquellas villas, e das posições de *Cebola*, *Covilhã* e *Sortelha*, evitar todos esses difficeis transitos. Mas além de que é impossivel que uma estrada, que desce por uma tão grande extensão de serrania, não offereça em todo o seu decurso alguma situação onde o estabelecimento de reductos ou fortins convenientemente dispostos e bem guarnecidos não bastem a fazel-a impraticavel, sempre restava o recurso de arruinal-a em sitios que era facil escolher, e certamente menos difficil de executar do que refazer a sua construcção. A estas considerações accresce que nas disposições defensivas da serra da Estrella se deve desde logo ter conta com a possibilidade do restabelecimento d'esta estrada, suppondo-a arruinada.

Entretanto como o flanco direito da *linha do Erjes* seja o mais fraco, e o *Tejo* seja o seu apoio natural, é indispensavel que as operações das tropas que defendem a Beira-Baixa, sejam *combinadas* com os movimentos das do Alemtejo, que postadas na margem do *rio Sever* devem ter toda a vigilancia em que o inimigo, atravessando o Tejo não torneie o flanco das da Beira, e por um ataque opportunamente executado na rectaguarda não facilite aos corpos postados em frente do Erjes a sua passagem.

Esta consideração e a necessidade de manter livre a communicação entre ambas as provincias fez crer ao duque que as tropas, que operassem em uma e outra, deveriam ser subordinadas ao general, que commandasse n'aquella por onde o inimigo dirigisse o seu principal ataque.

A primeira linha de defeza da parte septentrional do *Alemtejo* é a corrente do *Sever*, e as montanhas que decorrem desde *Castello de Vide* até ás visinhanças de *Arronches*, fronteira dobradamente importante por si e pela protecção que as tropas n'ella situadas devem prestar ás que na Beira-Baixa guarnecem a linha do Erjes. Desde *Montalvão* até *Castello de Vide* a natureza do terreno exige que a maior força da divisão, que guarnecer esta parte da linha de defeza, seja de cavallaria, por isso mesmo que os passos onde o *Sever* [1] é transitavel, sómente são commodos para a passagem de infantaria, a qual não podendo lisongear-se de ter bom jogo nas planicies, que da parte de Portugal existem ao longo do dito rio, não se atreverá nunca a passal-o na presença de tropas destinadas a defender o seu tranzito.

---

[1] As passagens mais attendiveis do Sever são: o porto de *Sesmo*, o porto da *Retorta*, o porto dos *Cavalleiros*, e o porto do *Moinho*. O primeiro e o terceiro são os de mais consideração. (Nota do auctor).

A parte da linha formada pelas serras de *Marvão, Portagem Serrafria, Lagoa* e *S. Julião;* e por detraz d'estas pela serra de *Nossa Senhora da Penha* e *S. Mamede*, etc., é de sua natureza fortissima, uma vez que n'ella se occupem os postos competentes, como são *Gallegos*, *Pitaranha*, *Penha Alta* ou *Cazal Pino*, *S. Julião, Porto da Espada* e *Rebeladas;* e que estes sejam competentemente fortificados e guarnecidos; mas tem o defeito de ser isolada, por isso que por nenhum lado se acha em contiguidade com alguma outra corda de montanhas. O monte que lhe fica mais vizinho é a serra de *S. Miguel*, que a pouco mais de uma legoa da villa de *Niza* se levanta em consideravel altura, e continua com diversas ondulações até ás portas de *Ródão.* O duque considerava esta eminencia como digna de aproveitar-se para n'ella se estabelecer uma fortificação permanente de alguma consideração, a qual facilitando a communicação de *Portalegre* com a Beira-Baixa por *Villa Velha* e *Montalvão*, e dominando até uma certa distancia o terreno circumvizinho, tornasse o isolamento d'aquella posição menos arriscada.

Da parte do sul, a primeira linha natural de defeza do Alemtejo é o *rio Guadiana*, e por isso o duque desejava que *Juromenha*, *Monsaraz*, *Mourão*, *Serpa* e *Mertola* se restabelecessem, ou se edificassem na sua proximidade novas fortalezas, se ahi houvesse alguma situação mais propria para fazer respeitavel esta linha, que indispensavelmente precisa ser fortalecida pela arte. Pela mesma razão desejava elle que se melhorasse quanto possivel *Alcoutim* e *Castromarim*, que na provincia do Algarve formam a continuação d'esta linha de defeza.

Aqui convém observar que o duque não pretendia que n'estes pontos se construissem praças fortes de 1.ª ordem, as quaes exigissem uma consideravel guarnição militar, mas fortalezas mediocres destinadas a dar consistencia a esta linha de defeza e que bem como todas as outras achariam nos seus habitantes a mais consideravel parte dos seus defensores, uma vez que o systema da constituição das milicias e das ordenanças, que o marechal se propunha estabelecer, tivesse generalisado na nação o espirito e a aptidão militar.

Demais a *linha do Guadiana*, com fortalezas em uma e outra margem, reuniria á vantagem de dar ao paiz situado além d'aquelle rio a maior protecção possivel, a de segurarmos á sua navegação e de facilitar o estabelecimento do corpo de tropas destinado á sua defeza n'aquella das suas margens onde fosse mais conveniente, segundo o programma que o inimigo tivesse feito na sua invasão.

Além d'estas attendiveis razões, o restabelecimento das indicadas fortalezas faria desnecessaria a existencia da divisão des-

tinada á defeza d'esta parte do Alemtejo precisamente na linha do Guadiana.

A posição das serras que dividem o *Algarve* do Alemtejo, naturalmente indica para a defeza da primeira d'estas duas provincias, e da parte occidental da segunda, um systema analogo ao que o duque tinha por mais proprio para a defeza das provincias do norte. *Caldeirão* e *Monchique* seriam com pouca differença para umas o que o *Gerez* e *Marão* eram para as outras.

As tropas do Algarve e a divisão occidental do Alemtejo pódem e devem formar um só corpo, que situado nas montanhas (que constituem o limite commum das duas provincias) guardando os seus desfiladeiros, esteja sempre em medida de occorrer em força á parte da linha de defeza que fôr ameaçada, e de atacar em flanco o inimigo, que rompendo em qualquer ponto a mesma linha, penetrasse em uma das provincias sem adiantar-se egualmente na outra.

Não fala Stockler na situação das *praças centraes*, porque este objecto existia ainda muito indeterminado nas concepções militares do duque, tanto a respeito d'esta como das outras provincias do reino; limita-se a dizer relativamente ao Alemtejo que elle olhava *Evora cidade*, *Evora monte*, *Vimieiro*, *Estremoz* e *Aviz*, como pontos dignos de attenção para se aproveitarem convenientemente, depois que o *reconhecimento militar do paiz* mostrasse perfeitamente qual é a sua verdadeira indole topographica militar, se me é licito explicar-me assim. [1]

Na *Extremadura* contava o duque estabelecer praças de deposito em Abrantes e Santarem, e semelhantemente em Leiria ou Ourem, segundo se achasse mais conveniente depois do exame mais circumspecto de suas respectivas localidades.

Julgava tambem que *a nossa costa* devia fortificar-se por

---

[1] O plano geral de defeza que o duque imaginou, diz *Stockler* n'outra parte, foi formado pela maior parte sobre cartas puramente geographicas e assim mesmo assás imperfeitas, e portanto, sem exacto conhecimento da nossa topographia, nem dos recursos estatisticos do paiz; conhecimentos sem os quaes só casual ou milagrosamente se poderia atinar com o projecto de defeza mais apurado e perfeito em todas as suas partes. O duque de Lafões reconhecia isso muito bem, e por conseguinte desejava que se fizesse uma *visita militar*, physica e economica de todo o reino; se levantasse a carta topographica d'elle, addicionada com memorias illustrativas, mostrando miudamente as vantagens e desvantagens das posições militares que o terreno offerece; e que por fim se assentasse sobre elle, com prudente reflexão e madureza quaes eram os pontos que deviam fortificar-se nas fronteiras; quaes os que se deviam adoptar para praças centraes, e por que modo se devia levar ao maior auge a força das extraordinarias defezas que a natureza nos liberalisou.

toda a sua extensão nos pontos convenientes, não só para obstar ás tentativas do inimigo por mar, e para proteger o commercio e estação dos navios nacionaes e alliados, mas para facilitar todos os movimentos e operações de nossas tropas por agua, já dirigidas a estabelecerem-se sobre os flancos do inimigo, já a leval-as em soccorro das praças maritimas por elle atacadas.

A praça de *Setubal* e as fortalezas a ella adjacentes lhe pareciam de summa importancia para a segurança da capital e do seu porto, e pretendia que se cobrisse a peninsula de Setubal por uma linha de fortificação tendo a direita apoiada n'esta praça e a esquerda em *Coina*, ou suas visinhanças, ficando *Palmella* como um *posto forte*, destacado na frente d'ella.

Na consideração de que esta linha poderia ser forçada, queria que se construisse e se guarnecesse outra, a qual deveria correr desde o logar de *Moinho* ou da visinhança do rio *Judeo* até á *Costa*, cuja força seria augmentada por baterias e reductos construidos nas eminencias que lhe ficam sobranceiras.

Ligava tambem muita importancia á praça de *Peniche*, que pretendia pôr ao abrigo de qualquer ataque do inimigo e até estabelecer um porto artificial, á maneira do porto de *Cherburgo* entre a praça e o forte da Consolação.

CAPITULO IV

Summario da campanha de 1801

Forças disponiveis. — Expostas com sufficiente individuação quaes eram as idéas geraes e opiniões do marechal duque de Lafões relativamente ao importante assumpto da defeza de Portugal, as quaes foram plenamente approvadas par um conselho de 23 generaes que se achavam em Lisboa, e que elle convocára no seu palacio do Grilo pelo fim do anno de 1800, passemos, agora a ver como as poz em pratica para repellir as hostilidades dos hespanhoes que só começaram em maio de 1801, como adiante veremos, embora a declaração de guerra tenha a data de 27 de fevereiro. [1]

No principio do anno de 1801 a força total do exercito portuguez em pé de guerra, segundo os quadros da sua organisação, devia ser de 64 generaes, 51:262 homens de 1.ª linha, e 34:400 de milicias. [2] Mas o effectivo real da 1.ª linha andava por 30:000 homens, [3] e não era facil eleval-o ao pé de guerra, por ser impossivel recrutar de repente 20:000 homens. [4]

Além d'esta força havia mais uma brigada estrangeira commandada pelo tenente-general *Simão Frazer*, e composta de um regimento de cavallaria ingleza com alguns artilheiros, mais 3 regimentos de emigrados francezes, resto da divisão auxiliar que a Inglaterra nos enviára em 1797, e que depois, alegando falsos pretextos, como já vimos, fizera retirar em fins de dezembro de

---

[1] *Soriano* dá o texto d'essa declaração (Doc. n.º 89).

[2] *Soriano* (Doc. n.º 87).

[3] *Ibidem* (2.ª E., t. 2.º, p. 310). A infantaria regular contava no effectivo 25:600 homens. (*Ibidem*, p. 330).

[4] *Ibidem* (Doc. n.º 93).

1800, quando nos era mais precisa e já se antevia a guerra como inevitavel. [1]

As medidas para melhorar essa fraca situação do exercito limitaram-se a pouca coisa: mandou recrutar 2:000 homens na capital, [2] o que foi executado á razão de 5 homens por cada 100 fogos; [3] augmentou o regimento de artilharia da côrte com mais 2 companhias de *artilheiros cavalleiros*, cada uma composta de 72 praças; [4] creou as brigadas de infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia, declarando os logares dos seus quarteis; [5] e creou mais um regimento de infantaria de linha denominado *regimento de Lisboa*. [6]

Disposições defensivas. — As medidas concernentes á distribuição das forças nas differentes partes da nossa fronteira, e bem assim ao melhoramento do estado de defeza das praças segundo o grau da sua importancia, começaram a ordenar-se tambem no mez de fevereiro, expedindo-se para isso as convenientes ordens e instrucções aos governadores das armas das provincias, [7] como vamos summariar.

Provincias de além Douro — Recommendou-se a ambos os seus governadores que o objectivo primario da defeza que houvesse de adoptar-se, tanto na provincia do Minho como na de Traz-os-Montes era obstar a que o inimigo podesse penetrar até ao Porto, ficando para isso á disposição d'elles as tropas das suas provincias e aquellas que para lá estavam marchando (*19-fev.*.); e deviam estar promptas a surprehender algum dos quarteis mais proximos do inimigo, esperando comtudo ordens ulteriores (*5-março*).

Ao tenente-general Caldas, governador da provincia do Minho, ordenou-se em especial que tivesse em vista:

1.º A defeza da passagem do *rio Minho;*

2.º A defeza das entradas pela *portella do Homem* e *Lindoso;*

3.º No caso de ser forçado a retirar-se da fronteira aproveitar as posições defensivas que offerecem os rios *Lima*, *Cavado* e *Ave;*

Ao tenente-general Sepulveda, governador das armas da provincia de Traz-os-Montes foi em especial recommendado que attendesse:

1.º Á defeza da entrada pela *veiga de Chaves*, para o que faria estabe-

---

[1] *Soriano* (p. 195, 247 e 321).

[2] Aviso de 21-fev.-1801, expedido pelo duque ao intendente geral de policia.

[3] *Soriano* (Doc. n.º 93).

[4] Decreto de 22-fev.-1801, citado pela *Memoria-Estatistico-Historico-Militar*.

[5] Decreto de 27-fev,-1801. (*Ibidem*).

[6] *Ibidem*.

[7] Vida a serie de documentos que *Stockler* apresenta no fim da sua obra já citada.

lecer um campo de tropas entre Chaves e *Monforte de Rio Livre*, (*5 março*) que depois (*7-abril*) se mandou transferir para outra posição entre Chaves e *Montalegre;* porque além de proteger d'ahi a veiga de Chaves, podia manter melhor a communicação com as tropas da provincia do Minho, reforçando-as ou sendo reforçadas por ellas segundo as circumstancias o exigissem;

2.º Á defeza das entradas ao SE. de Bragança, fazendo estabelecer outro campo de tropas [1] n'uma posição entre *Outeiro* e *Vimioso*, com o rio de Maçãs pela frente e convenientemente fortificada, com o tripulo objecto de defender as entradas por entre Miranda e Outeiro, cobrir os depositos de subsistencias que se mandaram estabelecer em *Mirandella* e *Villa Real,* e conter as correrias de tropas ligeiras que por este lado podiam aventurar-se a penetrar na provincia e communicar atravez do Douro para a Beira Alta;

3.º No caso que por desgraça o inimigo se adiantasse tanto pela veiga de Chaves em direitura a Villa Real, que tornasse impossivel a juncção dos corpos em que o marechal mandára dividir as tropas das provincias de Traz-os-Montes, devia ter tudo prevenido para retirar-se por *Moncorvo* e passar a unir-se com as tropas da Beira Alta. Para isso era necessario que não deixasse postar corpo algum inimigo entre o seu flanco direito e o rio Douro, e que tivesse barcos promptos para passar este rio no *Pocinho* ou em S. João da *Pesqueira.* Era em previsão d'esta retirada que a posição escolhida entre Outeiro e Vimioso parecia mais vantajosa do que a occupação da serra de *Rebordãos (Nogueira)* a SO. de Bragança.

Vimos anteriormente que o duque era de opinião que a defeza de ambas as provincias do norte devia ser combinada e reciprocamente sustentada pelas tropas, que operassem em uma e outra. Era, pois, necessario confiar o commando d'ellas a um só general, que dirigisse e regulasse todas as operações relativas á sua defeza. Foi escolhido para isso *(março-1801)*, o general **marquez de la Rosière**, que estava ao serviço de Portugal na qualidade de quartel mestre general. [2] Era elle um emigrado francez, que servira no seu paiz durante a guerra dos sete annos, debaixo das ordens do marechal conde de Broglio, e que n'aquelle tempo passava por ser o officlal de estado maior mais instruido do exercito real da França. [3]

Nas instrucções [4] que lhe foram expedidas pelo duque de Lafões *(21-março)* faz-se a indicação das forças que eram confiadas

---

[1] Eram o regimento de cavallaria de Miranda, os 2 batalhões dos regimentos de infantaria de Bragança, e um regimento de milicias. (*Officio de 5 de março*).

[2] *Soriano* (E. 1.ª t. 2.º, p. 310).

[3] *Ibidem* (p. 311) e *Dumouriez.*

[4] Podem vêr-se na obra de *Stockler* (*Doc. n.º 17*) ou na de *Soriano* (*Doc. n.º 96*).

ao seu commando; [1] marcam-se os limites em que deveria considerar circumscripta a sua auctoridade em relação á dos governadores das duas provincias de além Douro e do partido do Porto; e prescreve-se qual o plano geral de defeza que deveria ter sempre em vista, assim nas operações puramente defensivas, como nas offensivas.

Este plano não é mais que a confirmação e o desenvolvimento de alguns dos pontos que o duque indicára antes aos referidos governadores e que já resumimos. As instrucções terminam recommendando ao marquez toda a actividade no reconhecimento do terreno para d'ahi deduzir a adopção dos meios mais efficazes da defeza, e a melhor distribuição das tropas, o que ficava inteiramente ao seu arbitrio dentro do plano que se lhe prescrevia.

Em additamento a estas instrucções o duque de Lafões expediu ainda um officio, [2] recommendando-lhe muito a defeza da passagem do rio Minho, sobretudo entre *Monção e Melgaço*, por onde o inimigo podia cortar as communicações das tropas das duas provincias.

O marquez de *la Rosiére* a quem desde então cabe a responsabilidade directa da defeza do norte, estabeleceu o seu quartel general em *Braga* e distribuiu as suas tropas em 4 divisões e 4 destacamentos, como se vê d'um mappa que acompanha as instrucções (*20-maio*) que deu aos generaes seus subordinados. [3]

A 1.ª divisão era destinada a defender a entrada da fronteira desde Montalegre até Chaves, devendo estabelecer um campo entre estas duas villas, ou, se o terreno não offerecesse posição conveniente, escolher um campo proximo de *Ruivães*, proprio para cobrir este ponto e o de *Salamonde* que são as entradas por onde a communicação das tropas de Traz-os-Montes devia ser mantida e defendida obstinadamente. N'este caso devia-se occupar *Villa Pouca* por um bom destacamento para cobrir *Villa Real* do lado de Chaves.

O destacamento que occupava a posição entre Outeiro e Vimioso (*campo de Santolhão*), ficava então muito affastado da 1.ª divisão, podendo ser envolvido e separado d'ella; e por conseguinte devia ser retirado para uma posição mais proxima de *Mirandella*, e no caso de esta ser for-

---

[1] Falta o mappa das forças a que se referem as instrucções tanto nos dois auctores como no *Archivo Militar*.

[2] *Stockler* (Doc. n.º 24).

[3] Estas instrucções existem no *Archivo Militar* (Relação 2.ª n.º 198 e 199). O effectivo real das forças não vem ahi designado, mas vê-se qual era a composição de cada divisão e destacamento, em que ao todo entravam as seguintes unidades:

Infantaria, 27 batalhões (sendo 16 de milicias), e algumas companhias de voluntarios;

Cavallaria, 8 esquadrões;

Artilharia, 460 artilheiros e 44 boccas de fogo de 9, 6, 3.

çada, o destacamento effectuaria a sua retirada sobre Villa Real e *Amarante*, onde sustentaria uma longa defeza até ser soccorrido pelas tropas da provincia do Minho. As differentes passagens do Tamega seriam occupadas em postos escolhidos e fortificados pela 1.ª divisão.

As outras tres divisões eram destinadas pelo marquez á guarda e defeza do rio Minho, uma desde a foz do rio *Trancoso* até *Ponte de Mouro*, outra desde este ultimo ponto até *Valença* inclusivé, e outra desde Valença a *Caminha* e foz do Minho. Um destacamento em *Fiães* (proximo a Melgaço) apoiaria os postos da ponte das Vargens, Alcobaça e Castro Laboreiro; outro em *Britello*, sobre o rio Lima, apoiaria o posto de Lindoso, e um terceiro em *S. João do Campo* soccorreria o posto da portella do Homem.

A estas disposições accrescentou o marquez as cautellas que os generaes commandantes das divisões deviam tomar para preparar a defeza do rio, e a maneira de proceder no caso de que o inimigo viesse a forçar a sua passagem em algum ponto.

Provincia da Beira.—A defeza da fronteira da Beira, desde o Douro até ao Tejo, n'uma extensão de 27 leguas, foi primeiramente confiada ao marquez d'Alorna, e depois *(11-abril)* ao tenente general Dordaz, governador das armas da provincia da Beira. Eis as disposições geraes que se contêem nas ordens e instrucções [1] que lhe foram expedidas:

1.º—A fronteira da Beira devia ser defendida por modo analogo ao do conde de Lippe, isto é, por dois corpos distinctos, dispostos de maneira que, devendo um ter por objecto essencial a defeza da Beira Alta, manter as suas communicações com Traz-os-Montes e Minho, e cobrir a cidade do Porto, tivesse o outro por objecto essencial a defeza directa da Beira Baixa e manter a sua communicação com o Alemtejo.

2.º—O objecto secundario de cada um d'estes dois corpos devia ser conservarem-se em medida de poderem acommetter pelo flanco o corpo inimigo que obrasse directamente contra o outro ou operarem sobre ambos os flancos e retaguarda do corpo que tentasse penetrar por entre elles.

3.º—A disposição das forças na Beira Alta seria principalmente em *Vizeu, Guarda, Almeida* e *Sortelha*, não deixando de attender á defeza da margem esquerda do Douro, onde o inimigo poderia penetrar por *Longroiva*, *Almendra*, *Castello Melhor* e *Villa Nova de Foscôa* em direitura a *S. João da Pesqueira* e *Lamego*, o que se devia impedir na margem esquerda do Côa e do rio Lamegal, seu afluente.

4.º—Na Beira Baixa devia cuidar sobretudo na defeza dos desfiladeiros das montanhas que se estendem desde *Villa Velha de Rodão* até *Sobreira Formosa*, e d'ahi até *S. Vicente da Beira.*

5.º—As passagens do rio *Erjes*, especialmente em *Salvaterra* e *Segura*, deviam tambem ser disputadas ao inimigo. Apesar das suas fortificações se acharem reduzidas a um deploravel estado, como não havia tempo de se reedificarem, desejava o duque que se levantassem ahi algumas fortificações passageiras proprias para facilitar a nossa entrada

---

[1] *Stochler* (Doc. n.os 7, 12, 20, 21 e 22).

por esse lado no paiz vizinho, e para servirem de apoio aos postos que por ahi se estabelecessem.

6.º—Seria conveniente que por toda a extensão da nossa fronteira atacassemos rapidamente alguns dos quarteis do inimigo ainda dispersos.

7.º—N'esse sentido foi-lhe recommendado especialmente que se preparasse para atacar o *forte da Conceição*, onde o inimigo estava juntando polvora e munições, para o sitio de Almeida *(mez de março)*, e estava guardado apenas por 4 companhias de milicias e alguns artilheiros. Este ataque seria combinado com outro de que foi encarregado o general Gomes Freire. Comtudo devia esperar ordem positiva para isso.

O marquez de Alorna, que era um distincto e intelligente official general, soube encarar a defeza da Beira com um tino superior, e sem se affastar das ordens e instrucções recebidas, imprimir-lhe uma direcção conveniente, imaginando e pondo em execução um **projecto de defeza**, que foi tomado em muita consideração pelo marecha!, [1] e cujas ideias principaes se podem resumir no extracto que segue. [2]

A forma geral da fronteira da Beira, constituida por uma faxa de terreno aberto e ondulado, sobre a qual se levanta a oeste de Castello Branco uma corda de montanhas que reina do Tejo ao Douro e que em tres partes se adianta para o lado de Hespanha, formando tres grandes saliencias em *Villa Velha*, *Guarda* e *Castello Rodrigo*, foi considerada pelo marquez de Alorna como uma fortificação abaluartada, cujo parapeito era essa corda de montanhas, os baluartes essas saliencias e a explanada o terreno chato.

Esta consideração do terreno desde logo mostrava que o fundo da sua defeza devia consistir em organisar fortemente esses tres baluartes, princípalmente o do centro, que era o mais exposto e o mais importante.

A situação da cidade da *Guarda* n'uma altura quasi isolada e não dominada é forte, e tinha n'esse tempo um bom recinto de muralha e um castello, ainda que bastante arruinado. Para se pôr esta cidade em estado de defeza e artilhal-a, seria preciso grande obra, muito tempo para se fazer e muita gente para a defender, e, uma vez tomada, ficariam as gargantas da serra da Estrella accessiveis ao inimigo.

Imaginou-se portanto a defeza d'outra maneira. Nos cumes dos contrafortes da montanha, em que assenta a cidade e d'onde se descobre melhor a campanha, estabeleceram-se algumas peças d'artilharia cobertas por flexas de caracter passageiro. Para oeste da Guarda, sobre a communicação que vae ter a Manteigas, preparou-se a posição de *Porcas*, que fica no ponto da divisão das aguas do Côa, do Mondego e do Zezere, e por consequencia é o centro d'onde sáem todas as montanhas sobranceiras a estes rios, o que faculta aos seus defensores, por qualquer parte que sejam atacados, uma retirada segura, quer pelo cume dos montes, quer pelos valles oppostos aos pontos de ataque. Entre esta posição e a

---

[1] *Ibidem* (Doc. n.º 20, datado de 31-março).

[2] *Soriano* (Doc. n.º 98-A, e p. 342 a 343).—O barão de *Wiederhold* tirou copia d'uma memoria e varios documentos relativos a este assumpto.

Guarda estabeleceu-se um *forte* apoiado a um rochedo inaccessivel, que era difficil atacar e minar.

D'este modo o inimigo que viesse atacar semelhante posição era obrigado a trazer trem de sitio e a atacar separadamente primeiro a cidade da Guarda, depois o forte, e por fim a posição de Porcas. É provavel que em vista da desvantagem do terreno para o atacante e da força d'esses tres pontos, elle soffresse perdas consideraveis a ponto de não poder continuar as suas operações, emquanto não fosse reforçado. E da nossa parte era muito facil fazer communicar as nossas forças entre os mesmos pontos, e em ultimo caso fazel-as retirar pela *Corujeira* para a serra da Estrella, ou por *Valhelhas* para a Cova da Beira, e d'ahi subir para a *posição de S. Simão*, que é uma das passagens da cordilheira que se estende de Villa Velha até ao Zezere.

As outras passagens d'esta linha de montanhas, em que o marquez julgava necessario ter cautela, eram *Villa Velha*, desfiladeiro do *Perdigão*, desfiladeiro da foz do *Cabrão* e a portella das *Talhadas*.

Para a defeza da primeira, cuja posse nos era muito importante para conservar a communicação da Beira com o Alemtejo, julgava absolutamente preciso que fosse ajudada da margem esquerda do Rio Tejo, occupando-se com duas peças de grosso calibre a cabeça do monte de S. Miguel, que fica ao norte de Niza. Na margem direita deviam pôr-se outras duas peças tambem de grosso calibre na cabeça do *Gavião*, com o fim de embaraçar a occupação d'um alto que por ahi domina o castello de Villa Velha. Este, que fica sobranceiro ao Tejo, precisava de duas peças ligeiras e uma guarnição de 600 homens.

A passagem do Perdigão, parecia-lhe ficar bem defendida, pondo ahi 200 homens e 3 peças de artilharia.

Para a foz do Cabrão julgava sufficientes 200 caçadores.

A defeza da portella das Talhadas carecia de cinco a seis mil homens e doze peças de artilharia em alguns reductos, por ter 800 braças de abertura. Mas como não podia ser tomada de flanco, e pela frente servia-lhe de fosso a ribeira de Alvito, muito funda e enterrada, esta posição assim defendida não podia ser forçada por um corpo inferior a 25:000 homens.

A posição de S. Simão *(Sarnadas)* tinha grande força natural, e por isso entendia que bastava ser guarnecida por pouca gente e alguma artilharia ligeira, emquanto não fossemos obrigados a occupal-a com o exercito.

A saliencia de Castello Rodrigo, constituida pela montanha da *Marofa,* que se levanta na margem direita do Côa, offerecendo tres cabeços elevados, n'um dos quaes está situado o castello, era considerada pelo marquez de grande importancia para ter em respeito qualquer corpo inimigo que intentasse penetrar, pelo paiz aberto que o rodeia. Era pena que se não tivesse reedificado o castello desde que os hespanhoes o minaram e fizeram saltar em 1762, e que não houvesse tempo para o fazer. Comtudo entendia elle que ainda por entre as suas ruinas se poderia fazer alguma defeza n'aquelle posto.

Como entre o baluarte do centro, que é a Guarda, e os dos extremos, sobretudo Villa Velha, ha uma grande distancia, julgou que era preciso buscar meios de flanquear a Guarda de mais perto, e para isso mandou fortificar a montanha de *Monsanto*, de que se podia fazer um posto inexpugnavel, e fez guarnecer a praça de *Almeida* com 3:000 homens.

Para facilitar as communicações, pediu que se estabelecesse uma ponte volante no Tejo, que de facto foi lançada no sitio de *Fratel*, e fez abrir caminhos de Abrantes para a Cova da Beira, passando por *Cardigos*, que era o armazem principal para as tropas da Beira, e iam dar á posição de

S. Simão, e d'ahi ao Castellejo e Fundão. D'este modo podiam os movimentos das suas tropas ser livres e seguros por traz das montanhas.

O armazem principal para as tropas na Beira Alta seria estabelecido em *Coimbra*, d'onde os generos partiriam embarcados até á foz do Alva, e d'ahi seguiriam pelos caminhos de carro para Celorico, que eram bons.

Na Guarda, Trancoso e Fundão mandou estabelecer algumas reservas de mantimentos, constituindo assim os depositos secundarios.

A fronteira no Erjes e no Côa foi guarnecida por alguns postos. Pelo que respeita ao systema geral das operações a mente do marquez era que se devia usar d'uma *defensiva activa*, como o duque lhe recommendara. Para esse effeito julgava que os pontos que tinha preparado para a defeza e todos os pontos da raia por onde se podesse retardar ou enfraquecer o inimigo deviam ser guarnecidos com as tropas de segunda linha.

A tropa regular, na força competente de 12:000 homens *(uma divisão)*, devia antecipar o inimigo no ataque, entrando no seu territorio para fazer contribuições e devastar ou retirar as subsistencias, de modo que o exercito contrario não podesse ahi viver. Ou, conforme as circumstancias, devia-se conservar a divisão da Beira nas posições fortes que temos, para aproveitar algum erro do inimigo, ou procurar cortar-lhe as suas communicações.

N'esta segunda hypothese a primeira posição que a divisão devia occupar seria *entre a Guarda e a serra de Alpedrinha*.

Se, vencidos todos os obstaculos que a *guerra de chicana* podia oppôr ao inimigo, (para a qual tinha formado companhias francas, avisado todos os troços de ordenanças da Beira, e ás quaes tinha destinado os postos da raia e do terreno chato), o invasor o atacasse em força por *Castello Branco*, podia passar por montanhas até *Monsanto*, e cortar-lhe as communicações sem arriscar a sua posição, por ficar mais perto d'ella que o inimigo.

Se fosse atacado pelas planicies de Almeida em direcção a Trancoso e Celorico, podia offerecer-lhe alguma *resistencia no Côa*, guarnecido por ordenanças a quem a guarnição de Almeida protegia; e dirigir-se com parte da divisão do Sabugal para cortar-lhe as communicações e tentar mesmo um golpe em Cidade Rodrigo.

Se fosse atacado por ambos os lados indicados, como n'este caso o inimigo se dividia, poderia bater em separado uma das suas divisões, ficando a outra necessitada a retirar-se.

Outro partido que o inimigo podia tomar era dirigir-se logo á *Guarda*. N'esta hypothese, se vier com grande força, não poderão ser consideraveis os corpos de observação que deixar para lhe conservar as suas communicações, e então a divisão do Alemtejo poderia batel-os, ou, se elles atacassem as Talhadas, defendel-as. Se os corpos de observação fossem fortes, não o seria o corpo atacante e a divisão da Beira poderia defender a forte posição da Guarda; mas no caso de o forçarem a largar esta posição, se o invasor se metesse na serra da Estrella, como por ahi não poderia levar artilharia, nem combater em ordem, seria facil aos defensores d'estas montanhas conservar-se n'ellas, e se o inimigo tomasse o caminho do valle do Mondego para se dirigir a Coimbra, arriscava-se a que a divisão descesse da Estrella para o atacar pela retaguarda, nos desfiladeiros que o terreno offerece, ou a que sendo reforçada com tropas do Alemtejo o fosse combater no interior do nosso paiz, d'onde já não tinha nenhuma retirada para Hespanha.

Pelo que respeita ao sitio de *Almeida*, entendia que o inimigo não o poderia tentar com menos de 30:000 homens (20:000 para o sitio e 10:000 de observação). Deviam primeiramente apoderar-se da margem esquerda

do Côa, que havia de ser disputada; e n'isso gastariam tempo, gente, munições e dinheiro, e chegariam com menos força aos pontos onde melhor nos poderiamos defender.

Finalmente, emquanto ao ataque pela margem esquerda do Douro, apesar de haver por ahi uma entrada facil, que é a de *Sam Felices* por *Almendra* até *Valle de Ladrões*, não podia dar-nos grande inquietação; porque podia ser disputada na passagem do Côa, do Lamegal, e do Massoeime; além d'estes obstaculos, o terreno a oeste de Marialva e Langroiva era tão cortado e levantado que se poderia defender com muita facilidade, sobretudo nas margens da ribeira *Teja;* e se apesar de tudo, um corpo inimigo penetrasse por este terreno, arriscava-se a perder as suas communicações e a retirada, que lhe podiam ser cortadas partindo da Guarda.

As forças que o marquez tinha á sua disposição montavam a cêrca de 12:000 homens entre tropas de linha e milicias. As companhias de voluntarios da Beira subiam a perto de 1:500 homens e as ordenanças eram em numero indeterminado. Das primeiras tropas: 3:000 homens eram destinados á guarnição de Almeida, 800 para o posto de Monsanto, 800 para varios postos da fronteira, 1:000 estavam doentes. Restavam para o corpo destinado ás operações em campo 6:500 homens.

Era esta força considerada insufficiente, mas o marquez podia contar com os soccorros que lhe seriam enviados do Alemtejo, quando se visse em aperto.

Provincias do Sul.—A defeza do Alemtejo e Algarve tinha por principal objecto cobrir Lisboa e todos os estabelecimentos existentes na Extremadura.

Ao marechal de campo Gomes Freire de Andrade, que em fevereiro se achava no Alemtejo com uma porção de tropas da Extremadura, [1] foi ordenado que occupasse *Portalegre,* [2] *e a primeira linha de defeza* constituida pelo rio Sever e a cadeia de montanhas de que atraz se falou. Gomes Freire mandou fortificar e guarnecer o *posto de Cavalleiros,* que fica sobre o Sever, os *postos de Pitaranhas* e *Gallegos*, que ficam na raia sobre o caminho de Valencia d'Alcantara, o *Porto da Espada*, mais á retaguarda sobre o mesmo caminho, *Alegrete*, e a *altura de Nossa Senhora da Esperança*, entre Alegrete e Arronches. Eram os postos mais importantes, depois das pequenas praças de Marvão e Castello de Vide, que foram tomadas em consideração, e bem guarnecidas depois *(18-abril).*

A defeza do terreno aberto que medeia entre Arronches e o Guadiana seria apoiada nas praças que ahi existem e cujo estado de defeza se mandou melhorar quanto possivel. *Elvas* e *Campo Maior* achavam-se *(14-maio)* em estado de poderem resistir a um sitio por algum tempo. [3]

Em Campo Maior havia uma guarnição de 4:000 homens e era tal a quantidade de munições e outros petrechos de guerra existentes, que,

---

[1] *Stockler* (Doc. n.º 10 de 27-fev.)—*Soriano*, p. 538.

[2] *Portalegre* é uma posição forte e das mais defensaveis do Alemtejo. Por toda a parte a rodeiam serras, matas espessas, despenhadeiros terriveis e passagens difficeis, mesmo nas vizinhanças da cidade, em que um só batalhão é força bastante para deter um exercito. Na guerra da aclamação apenas se empregaram na sua defeza as ordenanças da cidade. Em 1762. o conde de Lippe entendeu que podia bem defender-se com 500 homens que n'ella havia (*Soriano*, p. 368).

[3] *Stockler* (Doc. n.º 27 de 14-maio).

além do consumo feito durante o sitio de 18 dias que a praça sustentou, os hespanhoes gastaram cêrca d'uma semana a transportar para Badajoz em muitas galeras o que ainda lá encontraram. [1]

A praça de *Olivença* tinha as suas muralhas em bom estado, e tendo além d'isso gente e munições sufficientes, [2] podia fazer uma resistencia, senão heroica, ao menos honrosa e digna. [3]

A praça de *Juromenha* podia soffrer um sitio de muitas semanas, tanto em razão da sua natureza, como por ter uma boa guarnição, com abundancia de viveres e munições de guerra. [4]

A praça de *Arronches* tinha lanços de muralhas totalmente destruidos, e faltava-lhe guarnição, polvora e artilheria, [5] que provavelmente não se lhe deu por não haver tempo de reparar a praça, como succedeu ás outras fartalezas da Beira a que já nos referimos, e ás da costa maritima de que adiante falamos.

O tenente general *Teive*, governador das armas do Alemtejo, foi avisado de que ia receber tropas do Algarve e da Extremadura, [6] e que convinha escolher um campo entre Arronches e Monforte para *assembléa geral* de todas ellas e as do Alemtejo. [7] Era o que hoje se chama base ou zona de *concentração* para o corpo principal de tropas destinadas á defeza do Alemtejo.

As tropas marcharam com effeito de Lisboa e da Extremadura para o Alemtejo, pouco a pouco, durante o mez de março. [8]

A base de concentração escolhida offerecia grandes vantagens para a defeza, podendo-se d'ahi sustentar e fazer respeitar as praças de Elvas e Campo Maior, se o inimigo tentasse penetrar por entre ambas, ou abrir a campanha pelo sitio d'alguma d'ellas. Além d'isso o corpo de tropas ahi reunido ficava com o seu flanco esquerdo apoiado na primeira linha de defeza da fronteira, guarnecida como fica indicado, e podia apoiar os postos da mesma linha, se o inimigo preferisse atacar-nos nas montanhas. Permittia ainda cobrir os nossos depositos de subsistencias que se mandaram estabelecer em *Alter do Chão* e *Crato*, e as communicações com a Beira e a Extremadura.

Apesar de todas essas vantagens, declarou-se ao general Teive, que a escolha d'esse campo não era de tal modo perfixa, que a não podesse alterar conforme as circumstancias. Se, por exemplo, o inimigo entrasse pelas terras de além do Guadiana, e pretendesse passar este rio entre Juromenha e Mertola, seria forçoso que elle general se pozesse em medida de disputar-lhe essa passagem, e que por conseguinte tomasse outro campo na margem direita do dito rio. [9] Em todo o caso deviam-se estabelecer alguns postos entre Juromenha e Mertola para repellir qualquer deatacamento de vir lançar contribuições no nosso paiz. E sendo informado o duque de Lafões que a praça de *Mertola* se achava sem portas e

---

[1] *Soriano* (E. 1.ª, t. 2.º, p. 365).
[2] Só em polvora havia lá 1:600 arrobas (*Ib.* p. 355).
[3] *Ibidem*, p. 349.
[4] *Ibidem*, p. 350.
[5] *Ibidem*, p. 363.
[6] *Stockler* (Doc. n.º 10 de 27-fev).
[7] *Ibidem* (Doc. n.º 13 de 8-março).
[8] *Soriano* dé os pormenores d'estas marchas, e a sua *morosidade* serve-lhe de argumento contra o duque!
[9] *Stockler* (Doc. n.º 13).

com notaveis ruinas nas suas muralhas, foi mandada restaurar promptamente e guarnecida por um destacamento. [1]

Ao governador da provincia do Algarve, que era o conde de *Castro Marim* (depois marquez de Olhão), como não era provavel que essa provincia fosse o objecto primario dos ataques do inimigo, deu-se ordem para mandar uma boa parte das suas tropas para reforçar as do Alemtejo, e para mandar exercer toda a vigilancia no Guadiana desde a praça de Alcoutim até á foz.

Como não havia tempo de fazer reparar as praças maritimas do reino, sobretudo nas vizinhanças de Lisboa, onde era preciso estar prompto a repellir algum insulto directo por mar, mandou-se estabelecer uma grande bateria no *Bom Succssso*, organisaram-se barcas canhoneiras e baterias fluctuantes, e mandaram-se apromptar todos os navios de guerra. [2]

Sendo, como vimos, opinião do duque que a defeza do Alemtejo e da Beira deviam estar intimamente ligadas, nomeou para commandante do exercito de entre o Douro e o Guadiana o general *Forbes*, que gosava de bons creditos como militar, e que foi tomar o commaudo das tropas em Estremoz *(21-março)*, tendo por ajudante general o coronel Forjaz, que já tinha sido seu ajudante de campo na campanha do Roussillon.

O general Forbes devia guiar-se pelas ordens e instrucções dadas aos governadores das provincias emquanto não lhe chegassem as que o duque lhe prometteu e enviou a 14 de maio [3] nas quaes se confirma o que anteriormente fica indicado com mais alguns pormenores. Assim, emquanto á base de concentração, foi-lhe recommendado que procurasse uma, ou diversas posições fortes nas *vizinhanças de Arronches*, nas quaes se estabelecesse com o grosso do exercito; e que convencionasse com os governadores das praças de Elvas e Campo Maior um systema de signaes, pelo qual se podessem entender, assim de dia, como de noite, afim de poder ser informado do estado de aperto em que ellas se achassem para soccorrel-as, sendo possivel, ou para proteger a evacuação das ditas praças, tentando algum ataque, a favor do qual as guarnições podessem sahir d'ellas e salvar-se, ou fosse unindo-se ao exercito, ou procurando ao longo do Guadiana ganhar as montanhas que separam o Alemtejo do Algarve, ou finalmente recolher-se ao interior da provincia pelo caminho que fosse possivel.

A respeito da primeira linha de defeza constituida pelo Sever e as montanhas, recommendou-se-lhe que se obstinasse em conserval-a mais ou menos, segundo as circumstancias em que se achasse a divisão da Baira, a qual devia trabalhar sempre de maneira que podesse soccorrer a do Alemtejo, ou ser por esta soccorrida, e até mesmo effectuar a sua juncção,

No caso de ser forçado a abandonar essa linha devia procurar posições vantajosas, em que successivamente se mantivesse, cobrindo sempre os depositos de *Abrantes* e *Santarem;* para isso devia mandar reconhecer todo o paiz, situado entre os rios *Sor*, *Tejo* e *Ervedal.* Na linha do Tejo os seus principaes desvelos deviam ser impedir que o inimigo effectuasse a sua passagem entre *Abrantes* e *Vallada*, porque a passagem do Tejo de Vallada para baixo é quasi impossivel.

---

[1] *Stockler* (Doc. n.º 18).— *Soriano* (p. 331) reproduz este documento e serve-se d'elle como prova da incapacidade militar do marechal!

[2] *Soriano* (p. 333).

[3] *Stockler* (Doc. n.º 27) — *Soriano* (Doc. n.º 96-A).

Emquanto ao genero de guerra a fazer, foi-lhe muito recommendado que, como a defensiva puramente passiva é quasi sempre funesta, operasse *offensivamente*, sempre que se lhe proporcionasse occasião de atacar os comboios e destacamentos inimigos, de destruir os seus depositos e armazens, e de tentar todo o genero de diversão para o consumir lentamente por uma guerra de postos e chicana, evitando sempre acções decisivas que podiam causar a nossa ruina em um só dia, e tendo sempre em vista a conservação dos nossos depositos e armazens. [1]

O general *Forbes* que era sem contestação um bom soldado, ainda que um menos que mediocre estrategico, [2] em logar de fazer a concentração entre Arronches e Monforte, como se lhe recommendou, distribuiu as suas tropas em acantonamentos por toda a frente de defeza entre Juromenha e Villa Velha, divididas em 3 divisões, chamadas *da direita*, *centro* e *esquerda*.

A divisão da direita ficou com o seu quartel general em *Monforte*, onde se acantonou tambem a artilharia e a maior parte da cavallaria. A outra parte da cavallaria ficou em Villa Viçosa, e a infantaria foi distribuida por Barbacena, Santa Eulalia, Arronches e Assumar.

A divisão do centro ficou com o seu quartel general em *Portalegre*, posição em que se acantonou tambem a artilharia e 4 batalhões de infantaria. O resto da infantaria foi distribuida em batalhões e companhias pelos postos de Alegrete, S. Julião, Porto da Espada, Aramanha, S. Salvador, Escusa, e as praças de Marvão e Castello de Vide.

A divisão da esquerda ficou com o seu quartel general em *Alter do Chão*, bem como dois esquadrões de cavallaria, e o resto d'esta arma em Fronteira e Cabeço de Vide. A infantaria foi acantonada no Crato, Alpalhão e Niza, villa em que ficou tambem a artilharia d'esta divisão.

O quartel general do exercito foi estabelecido em Estremoz, com dois esquadrões de cavallaria e o parque de artilharia. As guarnições de Juromenha e Olivença foram reforçadas. [3]

Mais tarde *(18-maio)* tendo o general Forbes representado ao duque que a villa de Estremoz estava desguarnecida, e que at-

---

[1] Já vimos referencias aos depositos de *Alter do Chão*, *Crato, Abrantes* e *Santarem*. Estabeleceram-se ainda outros em *Niza* e *Extremoz*. (*Soriano* p. 338, 367).

[2] *Latino Coelho* (Hist. v. 3.º p. 178)—Era official escocez, que tinha vindo para o serviço de Portugal antes de 1793, em que foi nomeado commandante da divisão auxiliar á Hespanha.

[3] *Soriano* (p. 339) pormenorisa a composição das 3 divisões. O barão de *Wiederhold* informa que isso foi determinado por uma ordem de 18 de abril, expedida do quartel general de Extremoz pelo coronel Forjaz.

tenta a sua má situação não podia sustentar-se por muito tempo, senão emquanto a parte montuosa que lhe fica ao alcance fosse occupada, o quartel general do exercito foi mudado para Portalegre e estabeleceu-se em Alegrete um campo consideravel de tropas. [1]

A esse tempo foram ainda enviadas de reforço para o Alemtejo, as tropas que tinham ficado da divisão ingleza ás ordens de Frazer, e alguma infantaria e cavallaria da côrte, [2] cuja marcha se tinha mandado sustar por se terem reatado as negociações de paz.

Por fim sahiu de Lisboa *(23-maio)* para o Alemtejo o marechal general, e chegando a Portalegre *(28-maio)* mostrou-se pouco satisfeito com a dispersão das tropas ás ordens de Forbes, e fez logo dar novas ordens para a sua reunião nas visinhanças de Portalegre, intentando ir atacar o inimigo que sitiava Campo Maior, o que não chegou a realisar-se porque os progressos do inimigo fizeram mudar as circumstancias.

Resumidas, como ficam, as principaes medidas de defeza planeadas e ordenadas pelo marechal, e as que em cumprimento d'isso foram tomadas pelos seus generaes subordinados, resta-nos vêr qual foi o resultado d'ellas, e para isso é forçoso fazer uma rapida resenha das operações militares que tiveram logar, principiando pelas do Alemtejo, onde a guerra foi mais encarniçada.

Disposições das tropas inimigas. — Depois da retirada do duque de Frias, embaixador hespanhol em Lisboa *(19-fev.)* foi logo ordenado em Hespanha que se procedesse a um recrutamento geral de 40:000 homens, e depois de publicada em Madrid *(2-março)* a declaração de guerra contra Portugal, o valido Godoy nomeado generalissimo das tropas hespanholas e francezas suas auxiliares, poz-se em marcha para Badajoz *(5-março)*, e fez expedir as ordens para a sua concentração da seguinte maneira:

— O grosso do exercito hespanhol, constituindo 5 divisões, que chegaram á força effectiva de 34:000 homens, [3] devia reunir-se em Badajoz e suas visinhanças;

— Uma divisão seria reunida no condado de Niebla em Andaluzia sobre o Guadiana, defronte do reino do Algarve;

---

[1] *Soriano* (p. 358, 364).
[2] *Ibidem* (p. 341).
[3] O estado completo devia andar por 54:800 homens, mas o effectivo computou-se em 34:000. (*Soriano*, p. 336).

— Outra divisão reunir-se-hia na Galliza sobre o rio Minho, ameaçando a provincia do mesmo nome;

— As tropas francezas ás ordens do general *Le Clerc* [1] deviam concentrar-se entre Salamanca e Cidade Rodrigo, ameaçando a fronteira da Beira.

Por fortuna nossa a declaração de guerra da Hespanha contra Portugal foi intempestiva, por não se achar ainda o seu exercito em estado de começar as operações activas. [2] Este erro politico da côrte de Madrid seguramente nos facilitaria as primeiras vantagens da campanha, se, como o duque pretendia rompessemos resolutamente as hostilidades no territorio hespanhol limitrophe da nossa fronteira. Receando isso o governo hespanhol teve artes de illudir o portuguez, fazendo-se acreditar coacto pela imposição da França, e que permanecia nas suas antigas disposições amigaveis para com Portugal; mas na realidade só tinha por fim ganhar tempo para dispor o seu exercito do melhor modo possivel para começar a guerra.

E conseguiu-o, porque a côrte de Lisboa em logar de tirar de semelhante erro politico o partido que convinha, continuou as interminaveis negociações de paz, prohibiu as operações offensivas da nossa parte, [3] mandou suspender a marcha para o Alemtejo das tropas a que atraz nos referimos, e só a 24 de maio, quando os hespanhoes já tinham entrado no Alemtejo, é que foi feita a nossa declaração de guerra contra a Hespanha.

Operações no Alemtejo. — No dia 20 de maio de 1801 começaram os hespanhoes as suas operações, dirigindo-se ao mesmo tempo sobre as nossas praças de Olivença, Juromenha, Elvas e Campo Maior.

As duas primeiras entregaram-se vergonhosissimamente ás primeiras intimações dos seus atacantes sem darem um só tiro,

---

[1] Em maio de 1801 era apenas uma divisão fazendo parte dos 15:000 homens que ás ordens do general Le Clerc haviam passado os Pyrenéos, segundo o tratado de 29 de janeiro de 1801. — (*Soriano*, p. 315, 343, 377 e 399).

[2] D. José Maria de Sousa officiou de Madrid (*20-fev.*) ao nosso governo, dizendo que o nosso exercito se pozesse em pé de guerra, e que estava persuadido que uma resistencia séria da nossa parte seria coroada de feliz resultado, attenta a dispersão em que se achavam as tropas hespanholas na fronteira, o mesquinho provimento dos seus armazens e depositos e um desgosto universal dos officiaes e do povo para esta empreza. (*Soriano* p. 318).

[3] *Stockler* (Carta VI e Doc. n.º 29) — *Soriano* (p. 329).

devido á cobardia e infame procedimento dos seus governadores, que depois foram processados em conselho de guerra [1]

A praça d'Elvas repelliu corajosamente a intimação de se entregar, graças ao seu brioso governador, D. Francisco Xavier de Noronha, o qual mandou responder ao general atacante, «que a praça d'Elvas não se renderia, emquanto dentro dos seus muros houvesse um soldado portuguez, e respirasse com vida o official que a governava». [2] O inimigo não proseguiu no ataque contra esta praça que era a mais forte e a chave do Alemtejo.

A praça de Campo Maior recebeu a apparição do inimigo a tiros de artilharia, repelliu com energia a intimação da sua entrega, defendeu-se com valor e brio por espaço de 18 dias contra os ataques incessantes do inimigo, até que, perdendo o seu governador Mathias José Dias Azedo toda a esperança de ser soccorrido, como pedira ao general Forbes *(22-maio)*, e vendo o total desalento da guarnição e a consternação do povo, entregou-se por capitulação *(6-junho)* com todas as honras da guerra. [3]

O general Forbes tentou soccorrer a praça pelo lado de Arronches, encarregando d'isso o seu ajudante general Forjaz, que pela tarde de 24 de maio partiu de Portalegre para Alegrete e Arronches; mas já era tarde, porque os hespanhoes receando que Campo Maior fosse soccorrida dos lados de Elvas, Arronches ou Monforte, cortaram-lhe as communicações por toda a parte, indo tomar no dia 24 as povoações de Santa Eulalia, S. Vicente, Barbacena, e entrando em Monforte no dia 25 com uma força consideravel (6:000 homens).

Em vista d'isto Forjaz voltou para Portalegre no dia 26, deixando em Arronches o coronel *Carcome*, com um destacamento de infantaria e cavallaria (1:269 homens), tirado do campo de Alegrete, e com ordem de *não se comprometter na defeza d'aquella villa*, tendo só por obrigação observar d'ali os movimentos do inimigo. Este, tendo evacuado Monforte, acampou *(28-maio)* proximo de Arronches no sitio de Nossa Senhora do *Carmo*, onde as patrulhas de Carcome chegaram a ir provocal-o *(29-maio)*, do que resultou o inimigo avançar n'esse mesmo dia para o alto do *Cordão*, que domina a baixa de Arronches.

O coronel Carcome, militar valente, mas ignorante das regras que dita a arte da guerra, em logar de se retirar a tempo, vista a grande superioridade do inimigo e a ordem que tinha recebido,

---

[1] *Soriano* detalha a entrega d'essas praças (p. 348) e a expiação que soffreram os seus cobardes governadores (p. 430).

[2] *Ibidem*, (p. 350).

[3] *Ibidem*, (p. 351 a 357).

decidiu-se a dar combate; mas não teve habilidade de aproveitar as condições de terreno, indo formar-se n'um campo muito inferior á posição dominante que o inimigo occupou. O resultado foi um desastre vergonhoso, porque o inimigo procurando cortar-lhe a retirada, a cavallaria de Carcome poz-se logo em debandada ou antes precipitada fuga, em que atropellou toda a gente que achou deante de si, e que egualmente tratou de fugir. [1]

O desgraçado combate de Arronches teve a funesta influencia de fazer retirar todas as tropas das visinhanças de Portalegre.

Com effeito, a par da noticia d'essa derrota, de que só teve a certeza pelas 2 horas da tarde do dia 29 no quartel general de Portalegre, levada pelos soldados de cavallaria fugidos, outras mais noticias correram que fizeram recear o envolvimento de todo o exercito. [2]

Para decidir o partido a tomar n'estas circumstancias, o duque reuniu um conselho militar a que assistiu o general Forbes e outros generaes que estavam na cidade, e d'ahi resultou fazer-se retirar o exercito no dia 30 pela estrada de Castello de Vide em direcção a Abrantes.

No dia seguinte convocou o duque em Alpalhão um novo e mais numeroso conselho militar em que figuravam todos os generaes presentes; e assentou-se em que o exercito se concentrasse nas alturas do Gavião, para onde de facto continuou a marcha no mesmo dia 31 de maio. [3]

D'ahi expediu-se ordem *(2-junho)* ao general Dordaz para pôr á disposição do marquez de Alorna uma força de 4:000 homens destinada a uma expedição secreta. [4]

A pressa com que o exercito se retirou concorreu para que se deixasse em Portalegre a maior parte das munições de guerra e de bocca que lá havia, e para que se esquecesse mandar retirar do *Crato* e *Flôr da Rosa* a grande quantidade de trigo e farinha que ali se tinha reunido a monte para provimento das tropas em Portalegre e suas visinhanças; e como no Gavião não havia deposito de generos nem era facil havel-os, mandou-se *(3-junho)* sair um destacamento de diversas armas (400 homens), afim de conduzir para ahi aquelles generos, formando um comboio, para o que levava comsigo 60 carros, mas esqueceram os saccos para acondicionar o trigo e farinha, pequena circumstancia que muito contribuiu para malograr a empreza. A força es-

---

[1] Os pormenores d'esse combate acham-se em *Soriano* (p. 357).
[2] *Ibidem* p. 344) — *Stockler*, Carta VI.
[3] Vêr os detalhes d'esta retirada em *Soriano* (p. 364 a 368).
[4] *Stockler* (Doc. n.º 30) — *Soriano* (p. 367).

coltaria esse comboio; e para auxiliar a sua retirada se fosse atacado pelo lado da ribeira de Sôr, foi ordenado que partisse um destacamento de Abrantes para Ponte de Sòr.

Desgraçadamente confiou-se o commando d'esta pequena operação ao mesmo coronel Carcome, que tantos erros commettera na defeza de Arronches e o resultado foi ainda peor, porque em consequencia da sua impericia militar de que aqui deu novas provas, rendeu-se com toda a sua gente ao inimigo que em força muito superior (2:500 cavallos e 3 batalhões) o surprehendeu em Flôr da Rosa, quando dava descanço aos seus soldados. A cavallaria fugiu como em Arronches apenas conheceu a grande superioridade da cavallaria inimiga. [1]

Este novo desastre, junto aos antecedentes fez com que o grosso do exercito mudasse ainda de posição, retirando para Abrantes, [2] afim de defender as passagens do Tejo se o inimigo para ahi se dirigisse, como era provavel.

Felizmente o invasor conservou-se inactivo em Portalegre e outras povoações tomadas, porque a esse tempo a capitulação de Campo Maior *(6-junho)*, concorreu para que Luiz Pinto que se achava em Badajoz tratando da negociação da paz, apressasse esta, acceitando as duras condições que lhe impunham a Hespanha e a França; e d'ahi resultou uma suspensão de hostilidades até á ratificação do tratado de paz.

Operações nas outras provincias. — A esse tempo as tropas hespanholas na *fronteira do Algarve* tinham tentado passar o Guadiana nas proximidade de Ayamonte, mas o conde de Castro Marim, graças á boa disposição que tinha dado ás poucas forças de que dispunha, conseguiu impedir essa passagem e sair victorioso do combate que se travou no dia 8 de junho por espaço de 4 horas de vivo fogo. [3]

Na *fronteira da Beira* as tropas francezas nada emprehenderam, e da nossa parte tambem não se chegaram a realisar as projectadas emprezas sobre o forte da Conceição, nem a expedição

---

[1] *Soriano* (p. 370 a 375) pormenorisa o combate de Flor da Rosa.

[2] *Ibidem* (p. 376) dá a composição das tropas que acamparam em Abrantes, e os destacamentos que ainda ficaram na fronteira do Alemtejo.

[3] O barão de *Wiederhold* offereceu em 1856 ao ministerio da guerra uma carta militar que possuia ácerca d'esse facto. Representa o acampamento das nossas forças em S. Bartholomeu, entre a costa e o Guadiana, e a disposição das tropas no combate. Deve existir no Archivo Militar para onde foi mandada. É d'essa carta que *Soriano* tirou os detalhes que dá na sua obra (p. 382).

secreta, que era destinada á praça de Alcantara, afim de chamar para ahi a attenção do inimigo; mas que não passou de Castello Branco, d'onde depois retirou para Villa Velha.

Na fronteira do norte os hespanhoes limitaram as suas operações a estabelecer postos sobre a linha do Minho e fronteira de Chaves. Mas o marquez de la Rosiere resolveu tentar alguma coisa por este lado, mandando para ahi o seu quartel mestre general, Gomes Freire de Andrade, que tinha passado do Alemtejo para o corpo de tropas do norte.

Este general emprehendeu primeiro surprehender Monterey, *(9-junho)* mas foi mal succedido porque a sua força era muito inferior á do inimigo, [1] e porque o coronel Pamplona a quem confiára o commando d'uma columna que seguiu pela margem esquerda do Tamega, amedrontado pelo fogo que lhe faziam das alturas duas companhias de milicias hespanholas, abandonou precipitadamente a sua gente.

Apezar d'este desastre e desproporção de forças, Gomes Freire pôde reduzir os hespanhoes á defensiva, graças ás disposições que tomou em *Villarelho da Raia*, *Outeiro Secco* e *Villa Verde;* e ainda entrou duas vezes em Hespanha, atacando a aldeia de *Bosaens (14-junho)* onde impoz uma contribuição de subsistencias aos gallegos, e tomou a povoação de *Fezes (18-junho)*, onde os hespanhoes tinham um posto avançado, que incommodava muito os nossos. [2] Foi n'essa data que chegou a Gomes Freire a ordem para cessar as hostilidades em consequencia de se ter já ratificado *(16-junho)* a negociação de Badajoz, pela qual nos foi imposta a cessão da praça de Olivença e seu territorio até ao Guadiana, sem attenção ás importantissimas perdas já soffridas. [3]

Commentarios. — Assim findou a guerra contra a Hespanha sem gloria para o nosso paiz. As vantagens que os hespanhoes obtiveram tão facilmente na provincia do Alemtejo, por se lhes ter facilitado o ingresso com o infame e cobarde procedimento de alguns dos indignos governadores das duas praças, a imperi-

---

[1] Dispunha de 1:787 homens de cavallaria, milicias, e duas peças de 3; emquanto os hespanhoes tinham a força de 4:000 homens. (*Soriano*, p. 378).—Veja-se a respeito da expedição a Monterey os documentos ineditos publicados por *Fernando Maya* na *Rev. Mil.* de 1903.

[2] *Soriano* (p. 380, 381).

[3] Calculam-se em 8 milhões de cruzados os prejuizos da fazenda real nas terras e praças ganhas pelos hespanhoes, e 16 milhões o que os particulares perderam, com as contribuições impostas, campos devastados, e gados e subsistencias roubadas, e povoações destruidas. (*Soriano*, p. 374, 377).

cia de alguns commandantes, e o desalento das tropas que fugiam á approximação das forças inimigas superiores em numero, deram a esta campanha o caracter mais vergonhoso que nos offerece a historia patria; e excitaram de tal maneira a indignação do principe regente, do governo da nação, e dos habitantes do paiz, que todos indigitaram desde logo o duque de Lafões como o responsavel de tão desastrada campanha.

É costume muito natural lançar a responsabilidade d'uma campanha infeliz sobre o general que a dirigiu, principalmente quando este general é ao mesmo tempo o ministro da guerra. Seja ou não equitativo, o espirito humano obsecado pela exaltação e indignação mal dá ouvidos á justificação e não quer saber de circumstancias alheias a quem commanda. D'ahi resultou o infeliz duque de Lafões ser tomado pelos poderes do estado e pela opinião publica como o bode expiatorio das culpas de todos os que contribuiram para tantos revezes.

Esta doutrina está d'accordo com a que se encontra na *Historia de Soriano*, o qual parecendo á primeira vista querer lançar a responsabilidade inteira sobre o marechal general, acusa tambem ora o governo, ora o general Forbes e outros. [1] E está ainda mais em harmonia com a defeza que o coronel Stockler põe na boca do duque, a qual offerecemos na integra áquelles que queiram agitar a questão de apurar as responsabilidades da campanha de 1801, o que aqui não fazemos para evitar divagações alheias ao nosso principal assumpto.

«Não obstante as diligencias que fiz por acertar, de facto não acertei. Mas em que desacertei eu?...

«Convenho em ser julgado pelos successos, comtanto que se me mostre qual foi o desastre em que tive parte... A perda de Olivença? .. A de Juromenha?... Uma e outra d'estas praças se renderam por effeito da fraqueza ou da perfidia dos seus governadores... Os desastres de D. José Carcomo, e de Gomes Freire, e Pamplona?... Só a segunda expedição de Carcomo foi por mim ordenada . Só d'esse me tocaria responder .. Mas o mau exito de todas essas expedições foi o mau resultado de erros de execução e não de defeitos das primeiras dísposições. D'estas é que os generaes são responsaveis: d'aquellas só os officiaes a quem as operações são commettidas... Que resta portanto? Chamar desastre á mudança de posição de Portalegre para o campo de Gavião?. . O fim d'este movimento foi evitar o envolvimento completo das tropas commandadas pelo general *Forbes*, operação que os hespanhoes intentaram, e que estavam a ponto de concluir; e foi effectuar ao mesmo tempo a juncção d'aquellas tropas com a divisão britannica de *Frazer*, e com o resto da tropa portugueza, que vinha em marcha com direcção pelo Crato, a qual os inimigos pertendiam embaraçar por aquelle movimento: 14 ou 16 ho-

[1] Vide p. 308, 328, 426, 436.

ras era tempo sufficiente para elles ultímarem o seu designio. As forças com que o emprehenderam excediam talvez o triplo das que nós tinhamos em Portalegre; mas eu, não obstante esta enorme differença, e a proximidade em que ellas se achavam, consegui sem a perda d'um só homem illudir um projecto que parecia inevitavel.

«Salvei o exercito portuguez da sua quasi total ruina; reuni-o; organisei-o; e dispunha-me a tornar ganhar com elle as posições que havia sido forçoso largar: o que estava a ponto de executar quando a rendição de *Campo Maior*, veiu transtornar o meu projecto; e a paz de Badajoz poz termo a todos os meus ulteriores intentos. Se este é o meu erro, eu o confesso, ó portuguezes; mas sabei que ainda assim mesmo não foi uma determinação expontanea da minha auctoridade: foi o resultado das opiniões do general *Forbes* e dos officiaes mais acreditados que existiam na sua divisão...»

Mudança de commando e de plano. — A recusa da França em annuir á ratificação do tratado de paz com a Hespanha *(20-julho-1801)*, obrigou o nosso governo a cuidar na continuação da guerra com aquella potencia.

Já em 1800, se havia contratado para servir em Portugal o general prussiano conde de **Goltz**, que tinha sido secretario militar do grande Frederico II, que adquirira uma distincta reputação nas guerras da Europa em que fôra empregado, e que áquelle tempo se achava ao serviço do rei da Dinamarca.

Por decreto do 1.º de julho de 1800 foi elle nomeado marechal do exercito portuguez e encarregado do governo de todas as tropas e armas em toda e qualquer parte do reino, debaixo das ordens do marechal general duque de Lafões. [1]

Infelizmente, só depois da conclusão da nossa paz com a Hespanha, é que elle chegou a Portugal, e foi-lhe dado então, pela carta regia de 23 de julho de 1801, o commando em chefe do exercito com os mesmos poderes que se haviam dado ao duque de Lafões, sendo este inteiramente dispensado d'esse alto cargo em attenção ás suas molestias e avançada idade. [2]

Interessa-nos registar aqui a seguinte passagem que se lê na referida carta regia da nomeação do novo commandante em chefe:

«E em demonstração da inteira confiança que ponho ao vosso serviço, vos encarrego da direcção das operações da guerra, que regulareis segundo as circumstancias e occorrencias que se offerecerem no decurso d'ella, reunindo o exercito em um ponto que vos parecer mais proprio para melhor e mais seguramente proveres á defeza e segurança da monarchia, tendo sempre em vista a preservação da capital, que pela sua posição, pelo seu porto, e por se acharem reunidos n'ella os principaes arsenaes do exercito de terra e da marinha real armada, como por ou-

---

[1] *Synopse de Chaby.*
[2] *Ibidem.*

tras importantes circumstancias que vos são conhecidas, deve por isso merecer a vossa particular attenção na direcção dos planos e operações, que vos parecerem conducentes á defeza da monarchia.»

Deprehende-se d'aqui que a esse tempo era já bem reconhecida officialmente a *grande importancia estrategica de Lisboa*, ideia que, como vimos atraz, já não era nova. Como consequencia logica era sobre Lisboa, que deviam convergir todos os esforços da defeza; e de facto veremos que todos quantos se têem occupado do magno e complexo assumpto da defeza do paiz, são unanimes n'este principio, que se póde considerar como uma regra invariavel entre nós.

O marechal Goltz teve por ajudante general o brigadeiro marquez de *Bailly*, que apresentou em maio de 1801 um plano de defeza sob o titulo:

Aperçu sur la defense du Portugal. [1]

Este trabalho é uma breve exposição dos projectos provaveis do inimigo, da opposição que se lhe podia fazer, segundo a disposição dada ás tropas, e das modificações a introduzir no plano de defeza já estabelecido.

Começa dizendo que já não era tempo de transferir para Hespanha o theatro da guerra, e que não se conhecendo o paiz senão por cartas imperfeitas e por algumas memorias que se não podiam confrontar sobre os proprios logares, ninguem podia com confiança apresentar um plano de defeza.

Em quanto aos projectos do inimigo, attendendo á disposição das suas forças e armazens na Galliza, Zamora, Salamanca e Badajoz — *n'um extenso arco* — parecia-lhe que as alas do inimigo estabelecidas nas extremidades d'esse arco tinham por fim dividir a attenção da defeza: mas depois approximar-se-hiam do centro occupado pelas tropas francezas, e entrariam pelo *valle do Douro*, principalmente pela margem esquerda d'este rio. Por este modo podiam separar as forças portuguezas, batel-as em detalhe, conquistar o Porto e as duas provincias do norte, voltando-se depois sobre Lisboa.

Observaremos de passagem que esta opinião do marquez — *dirigir o ataque principal pelo valle do Douro* — é original, destacando-se completamente da maioria dos auctores que consideram muito pouco provavel uma invasão pelo valle do Douro em vista das grandes difficuldades do terreno, e de não ser por ahi o caminho mais curto sobre Lisboa.

---

[1] O original d'este trabalho foi depositado no *Archivo Militar* da engenharia em 1863 (Maço 6, R. 2, n.º 187.)

Para se oppôr a esse projecto d'ataque entende o auctor que se deviam estabelecer entre *Villa Real* e *Lamego* as reservas do exercito que estava ao norte do Douro *(refere-se ás tropas do marquez de la Rosiere).*

O corpo encarregado da observação entre o *Douro* e *Almeida (as tropas do marquez de Alorna)* devia ainda fazer parte d'aquelle exercito, pois que se podia presumir que o inimigo desceria pelas duas margens do rio; e eram sobretudo os meios de defeza que se deviam sempre concentrar o mais possivel. Se n'esta posição se podessem bater as columnas inimigas uma depois da outra, nada melhor sem duvida, mas o essencial seria sempre conservar as communicações com *Trancoso* para assegurar a retirada sobre *Vizeu*, no caso que se perdesse a batalha que poderia ter logar talvez entre a ribeira de *Tavora*, a margem esquerda do *Douro*, e a ribeira do *Lamegal* ou o rio *Côa*. Podia-se comtudo esperar bom successo, tendo concentrado as forças e recebendo a tempo um soccorro do corpo de tropas estabelecido entre Almeida e o Tejo.

N'este caso os progressos que o inimigo tivesse feito pela margem direita do Douro, seriam promptamente reparados; tanto mais que o corpo deixado para a defeza do Porto, auxiliado pelas ordenanças da provincia, e por obras de campanha bem dispostas teria bastante força para disputar o seu terreno passo a passo, sem arriscar acção decisiva. Era principalmente durante a marcha do inimigo n'essa parte do terreno que se regularia o momento da batalha na margem esquerda do Douro, de maneira que se assegurasse, no caso de a perder, a alternativa da retirada sobre Vizeu ou sobre o Porto.

Em seguida o marquez observa que era pouco provavel os francezes demorarem-se a *sitiar a praça de Almeida;* porque a sua tactica de então, verdadeiramente nova, procurava a rapidez dos movimentos. Nota tambem que seria illusão termos confiança n'uma defeza estendida sobre 150 leguas de fronteira, porque perde-se tudo quando tudo se quer guardar.

Como modificações ao plano de defeza faz primeiro uma proposta relativa ao modo de empregar as tropas de segunda linha.

Era juntar um batalhão de milicias a cada regimento de infantaria, para augmentar as forças destinadas ás operações. O resto das milicias seria empregado, uma parte com a artilharia nas guarnições do pequeno numero de praças que se deviam defender, e outra parte juntar-se-hia ás ordenanças de cada provincia, para formarem sobre os flancos e retaguarda dos corpos inimigos, quando marchassem para a frente, bandos de gente nas montanhas e nos bosques, a exemplo dos que se formaram em França na guerra de *Vendée.*

Emquanto ás fortificações em que se deviam apoiar as tropas de operações, propõe uma *linha de defeza* mais concentrada e mais affastada da fronteira, «representada, por exemplo, por um arco de circulo descripto de *Almada* ao *Porto*, passando por *Abrantes*». Eis *ipsis verbis* como o auctor fez a distribuição das tropas em relação a esses pontos:

1.º — Un camp volant dans les environs de *Villa Viçosa* et *Evora*, de 3 a 4 mille hommes, devant se retirer au besoin entre *Setubal* et *Aldea Gallega* pour occuper en derniére ressource une *position retranché devant Almada.*

2.º — Un corps de 18 a 20 mille hommes partagés entre *Portalegre* et *Castello Branco*, ayant leur quartier général á *Abrantes* qu'on eut fortifié sur les deux rives du Tage, pour recevoir ses defenseus.

3.º — Un corps d'evolutions de 15 a 18 mille hommes, ayant son centre mobile de *Villa Real* a *Lamego*, et ses rayons d'observation de *Chaves* a *Almeida.*

4.º — Cinq á six mille hommes destinés à observer les positions du *Minho* et à defendre *Porto.*

Quarante huit mille hommes eussent été donc la somme des moyens reguliers demandés pour la linhe de defense exigée. . . Enfin c'est principalment par le corps d'evolutions bien organisé et bien mobile, destiné à agir toujours em masse entre *Guarda* et *Lamego*, voyant mème autant que possible jusqu'á *Villa Real*, mais sans jamais compromettre sa retraite sur *Vizeu* qu'on eut voulu assurer la defense de *Porto*, et les positions de *S: Domingos* et *Abrantes*, qu'on peut regarder comme les clefs du Tage et de *l'Extremadura.*

On eut encore proposé d'organiser à *Lisbonne* et à *Coimbre* les prinpaux magasins et les dernieres reserves formés principalment des ordonances de l'Extremadura et de Beira, pour les porter de là, a *Almada*, *Abrantes*, et *Vizeu,* ou entre ces deux derniers points au besoin.

O marechal Goltz saíu de Lisboa em setembro de 1801, indo estabelecer o seu quartel general em *Abrantes*, em cujas vizinhanças ainda o grosso do exercito se achava acampado, depois da sua retirada do *Gavião*, estando assim em observação do exercito francez que ameaçava penetrar pela Beira e marchar sobre Lisboa.

Tendo-se, porém, concluido em Madrid o tratado de paz entre Portugal e a França *(29-set.-1801)* á custa de muito dinheiro, [1] o marechal Goltz mandou recolher as tropas aos seus antigos quarteis.

Assim findou a breve campanha de 1801, sem gloria, para não dizer com vergonha, para o nosso paiz.

---

[1] Foi uma contribuição de 25 milhões de francos, cinco dos quaes eram destinados a gratificar Luciano Bonaparte e outras pessoas que influiram para se effectuar o tratado. (*Soriano*, v. 2.º, p. 408 e 423).

CAPITULO V

Trabalhos topographicos e de reconhecimentos militares durante este periodo

Necessidade de os fazer. — É intuitivo que o conhecimento exacto do terreno, em que deve manobrar um exercito, é indispensavel ao general que o commanda. É tambem evidente que uma *boa carta* topographica constitue uma base constante para todos os projectos defensivos do reino, e dos estudos dos *theatros de operações*, tendo por fim fazer sobresair a importancia militar dos differentes accidentes naturaes ou artificiaes do terreno.

Sem o seu perfeito conhecimento quasi que se torna impossivel conduzir a guerra, dirigir as batalhas, estabelecer as fortificações.

O terreno é pois a base real para o estudo das applicações da estrategia, da tactica, e da fortificação á defeza do paiz.

Por essas razões devemos seguir n'este *Summario* as evoluções da nossa topographia e reconhecimentos militares nas diversas epochas.

Inicio dos trabalhos officiaes. — Foi no anno de 1788, por iniciativa da *Academia Real das Sciencias*, fundada pelo duque de Lafões em 1779, que se começou pela primeira vez em Portugal, a cuidar seriamente no levantamento d'uma *carta topographica* do paiz, em escala sufficiente, para sobre ella se formarem e se discutirem quaesquer projectos economicos ou militares.

A essa carta geral seriam addicionadas cartas particulares, mais miudamente especificadas, e com as convenientes *memorias militares*, que facilitassem aos generaes portuguezes o conhecimento das vantagens e preparação defensiva das diversas provincias, e da sua respectiva influencia na defeza geral.

Era um emprehendimento nimiamente vasto e dispendioso, que por isso carecia do auxilio do governo.

O doutor *Miguel Franzini*, mestre de Sua Alteza Real o principe D. João, conseguiu que ella fosse mandada pôr em execução por ordem emanada do throno.

A direcção d'este trabalho, bem como a determinação dos principaes pontos que deviam servir á organisação do seu esqueleto, foi encarregada ao doutor *Francisco Antonio Ciera*, socio da referida Academia. Chegou-se a levantar uma carta topographica da comarca de *Setubal*, mas não se completou sob o ponto de vista militar. [1]

Noticia de alguns trabalhos feitos até 1801. — Já vimos que o conde de Lippe, e o duque de Lafões, tiveram de remediar a falta de cartas topographicas por varios reconhecimentos feitos na occasião das operações por officiaes ás suas ordens.

Entre outros trabalhos, temos a indicar os seguintes que foram depositados no *Archivo Militar* da engenharia: [2]

1.º — *Mappa indicativo dos acantonamentos entre o* **Douro** *e* **Guadiana**, para serem occupados pelo exercito por ordem do general e commandante em chefe, em 24 d'abril de 1801.

2.º — *Carta topographica do terreno desde o* **Douro** *até ao* **Tejo**, em 1801.

3.º — *Mappa da* **fronteira da Beira** *para a intelligencia das disposições da defeza, feitas pelo marquez de Alorna, em quanto commandou em 1801 n'aquella provincia.*

4.º — *Mappa oriental da serra da Estrella para mostrar a* **posição de Porcas** *e a influencia que ella tem em todas as operações da Beira Alta e Baixa.*

5.º — *Mappa militar da* **villa e arredores de Abrantes** *com o acampamento das tropas portuguezas e inglezas em 1801.*

6.º — *Reconhecimento militar d'uma parte da* **provincia da Beira**, *feito no mez de outubro de 1801 pelo tenente coronel Augusto du Fay e major Antonio Rodrigues.*

---

[1] **Stockler**, *Cartas ao auctor da invasão geral dos francezes em Portugal.* — Sobre os trabalhos geodesicos veja-se a *Memoria de Filippe Folque* na collecção das Memorias da *Academia Real das Sciencias.*

[2] Pasta 3-C, n.os 3, 9 e 31 — Pasta 6, n.os 1, 8 e 9.

Terminamos aqui o terceiro periodo d'este *Summario*, durante o qual houve, como se viu, bastantes operações militares em 1793, 1797 e 1801. Mas a preparação da guerra foi muito descurada pelos poderes do estado, tanto no que respeita á *organisação da força armada*, como ao *conhecimento* e á *fortificação do territorio;* e comtudo este periodo foi fertil em escriptos sobre a defeza do reino.

IV PERIODO

O DOMINIO FRANCEZ EM PORTUGAL

(1801 — 1808)

IV PERIODO

CAPITULO I

Noticia bibliographica relativa á defeza do paiz em seguida á campanha de 1801

Os vergonhosos desastres da brevissima campanha de 1801, revelando a insufficiencia do nosso exercito para a defeza, e os receios de continuação da guerra com a França, fizeram com que o nosso governo olhasse com mais attenção para a defeza nacional, e começasse a promover serios estudos nas regiões officiaes para o estabelecimento d'uma «bem entendida constituição mili-«tar, que egualasse as nossas tropas ás d'aquelles estados que «mais se têem occupado do melhoramento e perfeição dos seus «exercitos». [1]

De semelhantes estudos resultaram alguns trabalhos escriptos e impressos, e varias disposições legaes, que têem relação directa com o assumpto que aqui inquirimos, e de que por isso vamos dar uma resumida noticia.

*
* *

Relatorio apresentado ao governo em 1801 pelo marechal conde de Goltz.

Terminada a campanha de 1801 o marechal conde de Goltz, percorreu o paiz em varias direcções para tomar conhecimento d'elle, e inspeccionar ao mesmo tempo os corpos do exercito.

---

[1] Decreto de 1-dez.-1801.

Foi em resultado d'esse exame que, voltando para a capital no fim do anno de 1801, apresentou ao governo um *extenso* **relatorio**, expondo n'elle o estado pouco satisfatorio em que encontrara o pessoal e o material do exercito; deduzindo d'ahi a urgente necessidade da sua reorganisação; e indicando tambem os meios que lhe pareciam adequados para a *melhor defeza do paiz.* [1]

Além d'este serviço deve-se ao mesmo commandante em chefe a diligencia que fez para remediar uma das maiores necessidades que por então havia no exercito — *a introducção d'uma severa disciplina* — em vista da grande relaxação a que se tinha chegado. Com esse fim publicou duas circulares (*março-1802*), em que censurou energicamente a total negligencia e esquecimento dos deveres militares, e ordenou que fossem estabelecidos os regulamentos em desuso do conde de Lippe, emquanto se não promulgassem novas ordenanças.

Comtudo este facto provocou-lhe grandes inimisades, e pouco tempo depois retirou-se do reino (*9-junho-1802*) para não mais voltar a elle, talvez pela consciencia que tinha de não poder levar o exercito á perfeição que desejava, posto que versão diversa attribue a sua desistencia a questões economicas.

*
* *

Memorias, escriptas e dirigidas em 1801 ao ministro da guerra, por D. José Maria de Sousa Botelho.

O auctor, muito conhecido pelo titulo de **morgado de Matheus**, o mesmo que fez a riquissima edição dos *Luziadas de Camões*, era um distinctissimo diplomata, que, antes de se votar a essa carreira publica, militara no nosso exercito. O governo querendo remover os inconvenientes que naturalmente se davam na pessoa do marechal conde de Goltz, que, como estrangeiro, desconhecia a lingua e a legislação militar portugueza, destinou o referido diplomata para servir junto d'elle, como commissario de Sua Alteza Real e encarregou-o, não só da direcção da correspondencia official do commandante em chefe para com a côrte e as tropas, [2] como tambem de averiguar o estado do exercito e dar conta do que observasse. [3]

---

[1] Não podemos, como convinha dar um extracto d'este *Relatorio*, de que nos dá noticia o barão de *Wiederhold*, porque segundo elle diz já no seu tempo o não pôde ler, constando ter sido desencaminhado do archivo onde existia guardado.

[2] Decreto de 23-julho-1801 (*Ibidem*).

[3] Consta isto das primeiras memorias do proprio D. José de Sousa.

Em desempenho d'esta ultima parte da sua missão, D. José Maria de Sousa escreveu oito memorias em tres mezes as quaes versam em geral sobre a organisação do exercito.

Indica n'ellas, a par dos abusos que encontrou as providencias que convinha adoptar para seu remedio, expondo tudo d'uma maneira tal que prova bem a sua elevada intelligencia e profunda indagação, que sempre mostrou em toda a sua correspondencia durante vinte e tantos annos.

Tentemos dar uma idéa resumida d'essas memorias. [1] A primeira escripta logo depois *(31-julho-1801)* da nomeação do auctor para este serviço, trata das medidas que o conde de Goltz podia desde logo adoptar para o exercito, ainda em presença do inimigo, as quaes eram conducentes a:

Evitar a excessiva *deserção* que havia;
Melhorar o systema de *recrutamento* em uso;
Reformar as armas de *cavallaria* e a *artilharia;*
Regular os diversos *serviços administrativos;*
Reorganisar o serviço do *expediente* do exercito, com um pessoal competente, tendo um secretario para cuidar da sua direcção.

Com relação á defeza do paiz, propriamente dita, propoz — *que se formasse um só exercito com as tropas que se achavam divididas em pequenos exercitos, para o qual se nomearia um estado maior, escolhendo os officiaes mais capazes, e que este exercito se collocasse nas fronteiras da Beira e do Alemtejo de maneira a cobrir a Extremadura e as suas cidades principaes, procurando-se ao mesmo tempo organisar e armar as massas nas provincias á maneira do que se fez na Vendée.*

A segunda memoria, escripta no mez de agosto, trata das disposições geraes que importáva adoptar em relação aos seguintes objectos: necessidade de reformar os *estabelecimentos militares* existentes, e da creação de outros; ideia para a elaboração d'uma *carta militar* do paiz; creação d'um deposito geral para a guarda e conservação de todos os trabalhos estatisticos, plantas e desenhos militares (o *archivo militar*); formação d'uma inspecção ou

---

[1] Existiam em 1863 no *Archivo Militar* a cargo da engenharia (*Março 6, Relação 1.ª, n.º 182*). A noticia que damos aqui é um extracto resumido dos apontamentos do barão de *Wiederhold.*

commissão para examinar as praças e fronteiras do reino, composta de officiaes competentes a fim de se poder adoptar um conveniente *plano de defeza;* e necessidade d'um cadastro geral para servir de base ao *plano do recrutamento*, que desenvolve.

Quatro das referidas memorias versam sobre os chamados *serviços auxiliares*, isto é: bagagens e transportes, thesourarias, administração das provisões de boca, fornecimento da etape e hospitaes.

Uma outra memoria trata dos melhoramentos a adoptar no *arsenal do exercito* para evitar os abusos que se tinham introduzido n'esse estabelecimento.

A ultima memoria *(30-out.)* é a mais importante de todas. Começa por uma *Introducção*, em que declara, que depois das considerações já feitas sobre diversos assumptos, passava a occupar-se do *painel* das tropas. Em seguida descreve o estado do exercito em 1762, e os melhoramentos que o conde de Lippe procurou introduzir-lhe para o restaurar, por meio de variadas disposições e regulamentos, sem que todavia completamente o conseguisse. Observa que desde 1777 até então parece que de caso pensado têem sido empregados todos os meios para deixar chegar o exercito a uma total ruina e desorganisação. Porquanto o systema de recrutar era vicioso; havia falta de regulamentos disciplinares, administrativos e para o serviço de campanha; a repartição de administração militar era dirigida pela *junta dos tres estados*, formada de empregados civis, que nada entendiam das coisas militares; o conselho de guerra conforme existia era mais pernicioso do que util para o exercito; não havia *estado maior do exercito;* e prosegue, historiando os abusos introduzidos em todos os ramos de serviço militar e designadamente em cada uma das diversas armas do exercito.

Em seguida a esta exposição o auctor apresenta um «*Novo plano para o Exercito*», em que faz proposições desenvolvidas a respeito de cada um dos diversos assumptos a tratar, e termina por um *resumo*, indicando os regulamentos necessarios a fazer e as principaes determinações a dar.

Estas memorias, escriptas com a clareza e elegancia do estylo em que o seu auctor abundava, revelam a sua grande copia de conhecimentos militares e a sua circumspecção no modo de os apropriar ás circumstancias de então. Muitas das suas indicações foram aproveitadas pelo governo, transformando-as em varios decretos, publicados desde 1801 a 1816, entre as quaes tem relação mais directa com a defeza do reino as que dizem respeito á *inspecção geral das fronteiras*, *ao archivo militar* e á *reducção das praças de guerra*, de que adiante falaremos.

Seria conveniente publicarem-se todas essas memorias do il-

lustre morgado de Matheus, porque ainda hoje pódem servir de modelo em trabalhos analogos. [1]

*

* *

Plano de organisação do exercito, resultante dos trabalhos do conselho militar, creado por decreto de 1.º de dezembro de 1801.

O ministro da guerra, D. João de Almeida de Mello e Castro, conde das Galvêas, impressionado com a leitura do referido *Relatorio* do conde de Goltz sobre o estado geral do exercito, e elucidado com as *Memorias* do morgado de Matheus, decidiu-se a emprehender uma reorganisação geral do exercito.

N'este proposito nomeou um conselho militar por decreto de 1.º de dezembro de 1801, [2] composto de nove generaes portuguezes e estrangeiros, que por sua posição e experiencia reputava mais competentes. Foram elles:

1.º — O marechal do exercito conde de Goltz. [3]

2.º — O marechal conde de Viomenil.

3.º — O general de artilharia conde d'Aveiras.

4.º — Dito de cavallaria conde de Sampaio.

5.º — Dito de infantaria conde de S. Lourenço.

6.º — Tenente-general, inspector geral de infantaria João Forbes Skellater.

7.º — Tenente-general marquez de la Rosiére. [4]

8.º — Tenente-general, inspector de cavallaria, João d'Ordaz e Queiroz.

9.º — Marechal de campo, inspector d'artilharia, Francisco Carlos de Quiéf-de-Ville. [5]

O presidente d'este conselho seria o proprio ministro da guerra, e o secretario foi o coronel D. Miguel Pereira Forjaz, o mesmo que mais tarde foi membro da regencia e ministro da guerra.

A este conselho foi commettido o exame e deliberação sobre todos os assumptos relativos á constituição do exercito, á sua disciplina e instrucção, na conformidade das indicações contidas

---

[1] Aproveitando esta idéa, foram publicadas na *Revista Militar* de 1904, por Fernando Maya.

[2] Encontra-se nos apontamentos do barão de *Wiederhold*, copia d'outro que existe no *Archivo Militar*.

[3] Não compareceu ás reuniões até que se ausentou do serviço.

[4] Não acceitou a nomeação.

[5] Mais tarpe foi aggregado a este conselho, o conde de *Chalup*.

n'umas bem elaboradas *Instrucções*, [1] assignadas pelo ministro da guerra, devendo o resultado das suas deliberações subir á presença do governo para conveniente resolução.

O conselho militar desempenhou-se d'esta commissão com brevidade e muito acerto. Logo nas suas primeiras reuniões *(jan-1802)* o general Forbes apresentou um *plano de organisação do exercito*, em resposta aos differentes quesitos que pelas referidas *Instrucções* se faziam aos vogaes do conselho. [2]

Este plano, tendo em consideração a população e os recursos de que o paiz podia dispõr, propunha que a força da 1.ª linha do exercito indispensavel á sua defeza constasse de 75:000 homens, sendo metade d'este numero sempre licenceado em tempo de paz por turnos semestraes. Repartia essa força da maneira seguinte:

24 regimentos de infantaria.....	60:000
12 ditos de cavallaria.....	5:200
3 ditos de artilharia.....	4:400
3 legiões de tropas ligeiras.....	6:200
24 Companhias de guarnições fixas..	3:200
Uma reserva para todas as armas....	6:000
Total.....	75:000

Propunha mais o sobredito plano que se formassem 3 divisões, denominadas do *sul*, *centro e norte*, e que as tropas fossem distribuidas por ellas, tendo cada uma:

8 regimentos de infantaria, agrupados em 4 brigadas, 4 regimentos de cavallaria, 1 regimento de artilharia, e uma legião de tropas ligeiras. Os regimentos terião uma numeração seguida em cada arma, cousa que até então não se tinha feito.

Appareceu tambem pela primeira vez n'esse plano a creação d'um *corpo de estado maior* constando apenas de 18 officiaes.

O orçamento da despesa, segundo os calculos que acompanham o plano, andava annualmente por 3:800 contos de réis.

O mesmo plano occupava-se n'outra parte das ordenanças do reino e da *leva em massa* em caso de guerra.

Tal era o trabalho que serviu de base ás discussões do conselho nas reuniões que se seguiram. Muitas das suas disposições foram impugnadas por quasi todos os vogaes presentes, os quaes

---

[1] Existe uma copia d'estas *Instrucções* nos apontamentos do barão de *Wiederhold*.

[2] Encontra-se por extenso no livro de *Fernando Maya* com o titulo: *Subsidios para a historia militar de Portugal*—Lisboa, 1904.

apresentaram algumas memorias, [1] propondo diversas emendas e substituições, parte das quaes foram acceites pelo general Forbes.

Apesar d'esta acceitação, não poude o conselho chegar a um accordo, pelo que deliberou levar tudo, *plano* e *memorias* em contrario, ao conhecimento do ministro da guerra *(março-1802)* o qual, ou por não estar ainda bem elucidado ou por outro qualquer motivo, hesitou em pronunciar-se desde logo sobre o trabalho e teve idéa de consultar maior numero de officiaes.

Para esse effeito mandou imprimir o plano apresentado pelo general Forbes com muitas das modificações produzidas pelos diversos vogaes do conselho e outras novas. A impressão foi feita em tres folhetos *(julho-1803)* com os seguintes titulos:

1.º—*Organisação provisional do exercito.*

2.º—*Instrucção provisional para o commando das divisões do exercito.*

3.º—*Regulamento paovisional para as ordenanças do reino e do Algarve.* [2]

Estes folhetos chegaram a ser distribuidos com profusão por diversos officiaes do exercito de conhecida capacidade para cada um dar o seu parecer, acompanhando-o com as alterações que entendessem conveniente serem adoptadas, e muitos d'elles satisfizeram com brevidade dentro do espaço de dois mezes.

É certo, porém, que o governo estando de posse d'estas informações demorou ainda a adopção do plano até 1806, [3] e assim mesmo foi mutilado, deixando de comprehender muitas das suas acertadas disposições.

Consta que a reluctancia em adoptar o plano proposto proviera não só da maior despeza que occasionaria *(o costumado argumento)*, mas tambem d'um falso amor proprio nacional, em regeitar tudo quanto se assimilhasse ás instituições militares francezes, que n'aquelle tempo se reputavam pouco aconselhaveis para o nosso paiz.

Uma outra causa que não deixou de ter sua influencia foi a politica, que deu logar á demissão do ministro da guerra D. João de Almeida *(24-agosto-1803)*, sendo successivamente substituido pelo visconde da Anadia *(fins de 1803)*, e este por Antonio de Araujo *(6-junho-1804)*. Pelo mesmo tempo deu-se a ruptura da

---

[1] Acha-se indicação detalhada d'ellas e das pastas em que se encontram archivadas, nos apontamentos do barão de *Wiederhold*.

[2] Não é facil encontrar algum d'estes folhetos, nem nas bibliothecas, nem na *Imprensa regia*, onde foram tirados mais de 2:000 exemplares.

[3] Decreto de 19-maio (*Synopse* e *Soriano*, E. 1.ª, V. 2.º p. 582).

paz de Amiens, que nos expunha novamente ás borrascas politicas entre a Inglaterra e a França, e para evitar isso procurou-se manter a neutralidade por meio d'um tratado com a França *(19-março-1804)*, dando-se-lhe mais dinheiro, [1] o que afinal de contas de nada nos aproveitou. As vistas de Napoleão eram tirar de Portugal todo o dinheiro possivel, para custear as despezas dos seus exercitos. Era pois melhor proceder como aconselhava o morgado de Matheus, que então estava em Paris: «*dispor-se Portugal para a guerra, calamidade que não se podia evitar, na certeza de que, se havia de preparar-se ao tarde, melhor era preparar-se ao cedo*». [2]

A grande somma de trabalhos que, como vimos, tiveram logar durante quasi seis annos, sem que as coisas militares tivessem a solução reclamada pela opinião publica, vivamente impressionada pelos desastres da tristissima campanha de 1801, póde bem servir de argumento para mostrar que — *não é d'um momento para o outro que se improvisa um plano completo de organisação militar, e que se põe um exercito em estado de entrar em campanha.* E d'ahi vem como corollario o principio — *da necessidade da preparação da guerra com constante sollicitude em tempo de paz* — hoje seguido por todas as nações que põem acima de tudo os supremos interesses da defeza nacional.

*
* *

Trabalhos da Inspecção das fronteiras e costas maritimas do reino, creada em 1802.

Depois dos desastres de 1801, o morgado de Matheus relembrou ao governo, como já dissemos, a necessidade de proceder á elaboração d'uma carta militar do paiz, base indispensavel para todos os planos de defeza.

A esse tempo estavam ao serviço de Portugal muitos emigrados francezes, alguns dos quaes conheciam bem o que se fazia no seu paiz a respeito do mesmo assumpto. D'ahi resultou naturalmente a ideia de os aproveitar n'esse importante serviço, hoje conhecido pela designação de *reconhecimentos militares.*

Creou-se pois a **Inspecção geral das fronteiras** e costas mariti-

---

[1] Foram 16 milhões de francos pagos aos mezes (*Soriano*, V. 2.º p. 561).

[2] *Ibidem.*

mas do reino, [1] com o respectivo regulamento e instrucções e em seguida creou-se o *Archivo Militar*, [2] em que se reuniriam os seus trabalhos, e bem assim todas as *memorias*, *cartas* e *planos militares existentes*.

Póde-se fazer idéa do que era essa *Inspecção* pelo seguinte resumo do seu regulamento.

O inspector geral, além da direcção superior do serviço, devia ir *pessoalmente* examinar as fronteiras e costas do reino, quando isso lhe fosse superiormente ordenado, tanto para verificar os trabalhos feitos pelos officiaes, como para elaborar os projectos de ataque e defeza do reino.

Junto do inspector geral havia para o coadjuvar: um coronel ajudante do inspector, um capitão ajudante de ordens do dito, um quartel-mestre, e um secretario.

Para a divisão dos trabalhos de reconhecimentos, foi o reino dividido em tres grandes regiões, ao sul do Tejo, entre o Tejo e o Douro, e ao norte do Douro. A cada região eram dados quatro officiaes, servindo o mais graduado de chefe ou director dos trabalhos respectivos; eram escolhidos entre os officiaes das differentes armas que estivessem sufficientemente instruidos no desenho, fortificação e tactica. Conjunctamente com elles serviriam mais dois officiaes d'engenheiros por cada região, quando o inspector geral o julgasse necessario a fim de executarem o levantamento e verificação das cartas e plantas.

Todos os officiaes recebiam soldo dobrado das suas patentes, tendo além d'isso as cavalgaduras de bagagem que lhes competiam conforme as suas graduações. O arsenal do exercito fornecia os instrumentos necessarios para levantar as cartas e plantas do terreno.

Entre o pessoal nomeado na mesma data da instituição nota-se o marquez de *la Rosière*, que foi o inspector geral, mais 10 emigrados francezes, e 6 officiaes portuguezes, figurando entre elles *Neves Costa*, *Arbués Moreira* e *Carlos Caula*.

As *instrucções* assignadas pelo ministro da guerra *(19-agosto-1802)* eram quatro: uma para o inspector geral e uma para cada chefe das 3 divisões. A primeira ordenava ao inspector que procedesse sem demora á inspecção da fronteira do sul, examinando as fortalezas de *Juromenha*, *Elvas*, *Campo Maior*, *Ouguella*, *Castello de Vide*, e outras que reparadas e postas em estado de defeza podessem vir a ser uteis. Os objectos principaes sobre que o

---

[1] Decreto de 20-julho-1802.
[2] Decreto de 4-set.-1802.

dito inspector devia dar o seu parecer eram estes: situação e importancia d'essas fortalezas: defeitos da sua situação e construcção; estabelecimentos e fornecimentos militares que se achassem dentro d'ellas; meios de as aperfeiçoar e augmentar; numero, qualidade e calibre das bocas de fogo, as munições e artilharia que exigia a sua defeza; numero de tropas das differentes armas de que era preciso guarnecel-a; provimento das subsistencias de toda a especie e provisões diarias; segurança das tropas tanto em tempo de paz como de guerra.

Em quanto o inspector era assim encarregado do exame das praças do Alemtejo, os officiaes da 1.ª divisão, que comprehendia o terreno ao sul do Tejo, foram incumbidos de examinar os meios de defender o terreno da fronteira do Alemtejo e Algarve. O chefe d'essa divisão, que era o coronel conde de *Chambors*, attendendo ás instrucções recebidas dividiu o trabalho pelos 3 officiaes sob suas ordens da maneira seguinte: um d'elles foi encarregado de estudar a parte da fronteira desde a foz do Guadiana até Juromenha; outro a parte desde esta praça até ao pico da serra de S. Mamede, e o terceiro, que era *Neves Costa*, a fronteira entre esta serra e o Tejo. N'estes reconhecimentos deviam conformar-se com os principios estabelecidos na instrucção geral, tendo em vista certas hypotheses particulares que se estabeleceram. Nas outras divisões procedeu-se d'uma maneira analoga.

Todas estas instrucções se acham expostas com bastante desenvolvimento e clareza nos originaes, [1] e ainda hoje teem merecimento, podendo servir de norma na *direcção dos trabalhos dos reconhecimentos militares*.

Não se sabe ao certo quando foi extincta a sobredita *Inspecção;* póde suppôr-se todavia que foi em 1807 por occasião da invasão de Junot, porque, sendo a maioria dos officiaes que a compunham, emigrados do exercito realista francez, tiveram que refugiar-se em Inglaterra.

Os resultados dos trabalhos a que se procedeu devem provavelmente existir ainda entre as diversas memorias, cartas e relatorios do Archivo Militar a cargo da engenharia, [2] onde os investigadores curiosos poderão procural-os e examinal-os. [3]

---

[1] Existem copias na secretaria da Direcção geral do serviço do estado maior.

[2] Assim o dá a entender o decreto de 12 de fevereiro de 1812 que organisou o corpo de engenheiros, e onde se trata do *Archivo Militar* (Tit. 2.º Art. 8.º).

[3] Nos apontamentos do barão de *Wiederhold*, encontram-se alguns extractos, ácerca da praça de *Campo Maior* e territorio do Alemtejo, d'um estudo feito por *Neves Costa* em 1804.

*
* *

Observações sobre a memoria do general Dumouriez ácerca da defeza de Portugal, com o projecto de reorganisação do exercito e um plano de defeza do paiz, pelo marquez de Alorna.

Segundo consta o marquez de Alorna escreveu este trabalho, que não chegou a ser impresso, pelos annos de 1804 ou 1805, sendo levado a isso despeitado por não haver sido nomeado para fazer parte do conselho militar. E' pena não se poder descobrir o destino que teve semelhante trabalho, que se diz ter sido muito apreciado por todos que o leram. [1]

*
* *

Ensaio sobre o methodo de organisar em Portugal o exercito, relativo á população, agricultura e defeza do paiz, por Gomes Freire de Andrade, impresso em 1806.

Os motivos que levaram o illustre general Gomes Freire a escrever e publicar esta interessante obra, foram, segundo consta, o apparecimento do trabalho sobre o mesmo assumpto, devido ao seu conhecido emulo marquez de Alorna, precedentemente mencionado; o despeito por haver deixado de fazer parte do conselho militar de 1801, despeito bem cabido n'elle, porque era já um official general d'uma aptidão bem reconhecida pelos relevantes serviços prestados em 8 campanhas dentro e fóra do paiz; e por fim os defeitos, que os seus vastos conhecimentos lhe permittiam ver na organisação elaborada pelo referido conselho.

O objecto principal da sua obra, como o proprio titulo o indica, era *a organisação do exercito*, visto ser esse o ponto em questão. Como, porém, o exercito é o mais poderoso dos meios de que o paiz deve dispôr para a sua defeza, não deixa de considerar esta, mas consagra-lhe apenas um pequeno capitulo.

Ainda que muitas das suas proposições não possam ter cabimento na actualidade, attendendo aos melhoramentos dados á viação, aos progressos da arte da guerra, e aos meios de dirigir esta, o livro de Gomes Freire contem muitas verdades em que ainda hoje se podem inspirar as nossas organisações militares.

---

[1] O marquez de Alorna apresentou tambem por escripto ao principe regente D. João uma interessante memoria sobre a reorganisação do exercito, a que deu o titulo: *Reflecções sobre o systema economico do exercito.*—Foi dado á luz por *Fernando Maya*, em 1903.

Citemos uma por exemplo. Os principios que devem reger a organisação d'um exercito e servir-lhe de base consistem em combinar a sua existencia com o exercicio dos outros ramos de administração publica, de sorte que todos os cidadãos proprios pela sua idade e constituição physica para combater, possam armar-se e estar promptos no momento necessario para defender o estado, que nas circumstancias ordinarias terá em armas só o numero de homens preciso para manter o socego do estado, podendo os restantes, «conforme as suas diversas classes, occupar-se nas differentes emprezas da republica, e particularmente em augmentar por via da agricultura o seu estado florescente». [1]

Em apoio d'esta grande verdade, em que se encerram os principios hoje designados por outros nomes — *serviço militar obrigatorio, recrutamento regional, licenceamento do exercito, instrucção ção periodica das reservas*, etc. — faz o illustre auctor citação da constituição militar dos romanos, dos gregos, e mais modernamente dos suissos.

Uma outra verdade que estabelece é a necessidade de adequar a força do exercito, a proporção das diversas armas e a sua tactica, á topographia do paiz, á extensão e qualidade das fronteiras, e á indole do povo. Eis dois trechos do auctor a esse respeito:

«Um paiz montanhoso, cortado de rios e pantanos, o qual por este motivo offerece poucas planicies extensas, e a cujo interior não se póde chegar senão rodeando varios obstaculos e atravessando desfiladeiros, carece para sua defeza de um exercito muito menos numeroso, que aquelle cujas fronteiras abertas e multiplicadas planicies pedem, para se guardar, varias praças de primeira e segunda ordem, e consequentemente corpos avultados, tanto para as guarnecer, como para segurar a sua mutua communicação com o exercito e o interior do paiz...». [2]

«O hungaro, o polaco e o cossaco, habitantes de paizes planos, são mais ageis e aptos para combater a cavallo, de que o suisso, o croato e o tirolense criados em terras montanhosas. Os primeiros estão mais costumados a lidar com cavallos, e a combater n'elles por abundar d'estes o seu paiz, emquanto os outros pelo uso da caça, a que lhe dão logar as montanhas são mais proprios para a infantaria e manejam melhor a arma de fogo.

Considerando essa differença, viremos a concluir que Portugal, por ser um paiz montanhoso, deve constituir o seu exercito de maior numero de corpos de tropa ligeira, do que de linha. Consequentemente as suas evoluções devem ser, em grande parte proprias á arma dos primeiros, e será desnecessario cançar a tropa em ensinar-lhes todas aquellas que são tendentes a desenvolver e metter em batalha 50:000 homens postos em varias columnas, e a fazer marchar no mesmo alinhamento as suas differentes divisões, pois que não só a defeza do paiz escusa a reunião de si-

---

[1] *Discurso perliminar*, p. IX.
[2] Capitulo II, p. 9.

milhante numero de corpos, mas tambem estas evoluções são pouco analogas á configuração do mesmo». [1]

Em vista d'esta grande influencia da natureza do paiz na organisação da sua defeza, Gomes Freire dá uma rapida noticia da disposição das montanhas, dos rios, e das costas maritimas do reino, tirando d'ahi a seguinte conclusão:

«Sendo esta a posição topographica, que mediante a direcção das montanhas, dos rios e do mar, a natureza deu a Portugal, acha-se que ella dispoz aquellas montanhas, que o dividem da Hespanha, de norte a sul, em varias *cordas parallelas*, de sorte que n'ellas vem a ficar a linha de defeza geral; parecendo que as collocou n'esta direcção para serem outros tantos baluartes, que deviam difficultar ao inimigo a entrada em Portugal, ao mesmo tempo que a divisão, que marcou entre as provincias por via dos rios e das montanhas, parece destinada a constituir cada uma das mesmas provincias relativamente aos pontos de ataque e de defeza, em um *theatro de guerra* separado e independente do das outras». [2]

D'ahi deduz a necessidade de haver em cada provincia um corpo de tropas differente e independente dos outros; porém que todos estes corpos devem ser calculados tanto em razão da sua população, como da sua linha de defeza, e dispostos em quarteis permanentemente escolhidos de modo que possa empregar-se a maior parte das tropas na agricultura, sem por isso deixarem de immediatamente pegar em armas quando fosse preciso, não só para defenderem a sua provincia, mas tambem concorrerem para a linha da defeza geral, reunindo-se immediatamente em qualquer ponto d'esta, sobre o qual o inimigo dirija o seu ataque.

Para isso calculava que a força armada de Portugal deveria ser de 100:000 homens, divididos em *primeira, e segunda classe*, conforme os corpos ficavam em serviço effectivo ou *promptos a marchar*, isto é da reserva, como hoje se diz. Além d'essas duas classes de corpos, as *ordenanças*, então existentes, deviam ser organisadas de modo que podessem immediatamente effectuar uma *leva em massa*.

Depois d'isto passa o infatigavel escriptor a fazer as observações necessarias para se determinar o methodo de fazer as levas que devem constituir a força do exercito *(o recrutamento)*, a considerar a proporção das differentes armas segundo os principios que estabeleceu, e a calcular a força individual d'estes, bem como o numero e quadros dos seus corpos.

Em seguida expõe-nos os principios para a distribuição do exercito ao longo das fronteiras e das costas maritimas de Portugal, o que é muito original.

---

[1] Capitulo VIII, p. 147.
[2] Capitulo II, p. 11.

«Resta-nos agora (*diz Gomes Freire a p. 86*) indagar o methodo, que devemos seguir na distribuição do exercito ao longo da linha de defeza, para que não sómente os corpos das differentes armas fiquem postados no terreno competente ao seu uso, mas tambem a posição dos seus quarteis lhes facilite, durante a paz, o poderem empregar-se na agricultura, e o exercito com poucas marchas possa reunir-se sem que os ditos corpos se affastem demasiado dos seus respectivos quarteis. Portanto deveremos organisal-os de modo, que cada villa ou cidade constitua, segundo a força da sua população, um ou mais batalhões ou regimentos pertencentes á 2.ª classe: que as aldeias e os logares mais pequenos formem por si companhias, as quaes constituem batalhões, e que, se a população das ditas aldeias ou logares fôr tão pouca que faça necessario o formar-se entre varias uma só companhia, esta fique distribuida de modo que a reunião de todos os respectivos contingentes se possa effectuar em menos de uma hora. O mesmo se observará no que diz respeito ás distancias de uma companhia a outra, pelo que devemos determinar tanto as companhias dispersas. como batalhões, regimentos e brigadas, pontos individuaes de reunião, cuja distancia já mais chegue a ser maior de legoa e meia nos quarteis de infanteria, e de duas e meia nos de cavallaria, escolhendo-se entretanto um ponto geral para toda a divisão, o qual se procurará que fique, quanto fôr possivel, em igual distancia de todos os quarteis».

Em harmonia com estes principios faz a distribuição que lhe parece mais racional, sendo de notar que a artilharia fica repartida por baterias ao longo da costa e das fronteiras.

Todo o exercito seria commandado por um marechal general, que ficaria em Lisboa com o seu competente estado maior, os commandos de engenharia, artilharia, etc. Cada uma das seis *divisões* em que repartia o exercito, constituiam, ellas mesmas, os *exercitos* das seis provincias, commandados cada um por um general em chefe. Estes seis *corpos* se subdividiam, segundo a sua força, e a extensão da sua linha de defeza, em varias divisões subdivididas em *brigadas*, ficando cada uma das divisões sob as ordens d'um tenente general e dois marechaes de campo, e cada uma das brigadas debaixo das d'um brigadeiro. [1]

Gomes Freire, notando que o methodo até então seguido para prover o exercito dos viveres e petrechos necessarios causava a ruina da agricultura, affastando por muito tempo da lavoura os braços, os carros e o gado, visto que se obrigavam a fazerem continuos transportes e uma dilatada ausencia das suas terras, trata de o substituir por outro methodo que remedeia esses inconvenientes, mediante uma distribuição bem entendida, para

---

[1] As divisões e brigadas tinham uma força muito variavel, mal correspondendo ás unidades a que hoje se dão esses nomes. As seis partes em que se dividia o exercito total, chamavam-se ora *exercitos*, ora *corpos*, ora *divisões*, o que mostra quanto estava atrazada a *philologia militar* d'aquelle tempo. (*Vide p. 36, e os mappas do capitulo V.*)

aquella epocha em que não havia caminhos de ferro, aos armazens e depositos nas differentes provincias, e annexando aos corpos e serviços os carros e bestas necessarios para o transporte das suas equipagens, como ainda hoje se faz.

Segue depois a exposição do methodo que deveriamos seguir na instrucção das tropas, combinada com o licenciamento do exercito, de modo que não só os officiaes e soldados se tornassem aptos principalmente para a guerra de postos, que é a mais adequada á defeza do nosso paiz, mas tambem que se possa restituir gradualmente a maior parte dos homens á lavoura, e consequentemente aliviar o estado da avultada despeza, que aliás lhe causaria o sustento da sua força armada.

Para conseguir isso, o que á primeira vista parece impossivel, propõe que nos deixemos por uma vez de ensinar ao soldado aquellas cousas, que só são proprias para exercicios de parada, «nos quaes se manifesta ás vezes mais aptidão do chefe para *mestre d'um baile de theatro*, do que para commandante d'um corpo militar». [1]

Propõe tambem que os corpos de primeira classe estejam sómente completos nos mezes, em que os campos carecem de menos braços para a sua cultura, que em geral são os tres mezes de abril, maio, e outubro; e que no resto do anno só fiquem com as bandeiras o numero de individuos indispensavel para a conservação dos *cascos dos corpos*, licenceando-se todos os mais segundo o methodo que estabelece.

Em quanto á instrucção dos corpos de segunda classe, isto é, *das reservas que hoje preocupam tanto os exercitos modernos*, propunha que esses corpos se occupassem pelo espaço de onze mezes na agricultura, reunindo-se em companhias todos os domingos e dias santos do mez de maio em diante, a fim de estarem aptos no de outubro a juntarem-se nos primeiros quinze dias, em batalhões, e nos ultimos em brigadas. Para esse effeito haveria nas sédes das companhias, batalhões e regimentos da segunda classe, um *deposito* para arrecadar as armas, fardamentos, e petrechos.

Tudo o que deixamos exposto constitue um plano geral completo de organisação d'um exercito de 100:000 combatentes, para o qual segundo os calculos detalhados de Gomes Freire [2] bastariam annualmente 5:452 contos de réis. Compilando o que se acha nos differentes quadros do livro, póde-se fazer idéa da composição geral d'esse exercito pelo quadro seguinte:

---

[1] Capitulo VIII, p. 149.
[2] Capítulo XI.

Divisões	Séde dos quarteis generaes	1.ª Plana	Estado maior do exercito	Engenheiros	Infant.ª: Regimentos de linha	Infant.ª: Batalhões de caçadores	Cav.ª: Regimentos de linha	Cav.ª: Reg. de cavallaria ligeira	Artilharia: Unidades: Estado maior	Artilharia: Unidades: Baterias	Artilharia: Unidades: Companhias	Artilharia: Parque: Bocas de fogo	Artilharia: Parque: Pontões	Artilharia: Parque: Pontes portateis	Artilharia: Parque: Forjas	Homens combatentes	Solipedes	Juntas de bois	Carros: De bestas	Carros: De bois	Conduct.s: Arrieiros	Conduct.s: Carreiros
1.ª—Extremadura ...	Thomar	48	18	23	6	7	3	1	39	6	10	84	36	6	8	14:760	Cavallos. 15:179 Eguas... 6:120 Bestas muares 23:288	30	383	30	–	30
2.ª—Alemtejo.	Evora	42	11	16	10	25	5	3	47	12	10	164	24	12	10	30:592		60	691	60	–	60
3.ª—Beira	Vizeu	33	8	16	9	9	–	3	69	7	10	100	18	8	6	19:528		35	498	35	–	35
4.ª—Minho...	Braga	36	8	16	6	9	2	1	29	6	10	84	12	10	5	14:586		30	311	30	–	30
5.ª—Traz-os-Montes.	Mirandella	33	8	16	3	10	1	2	39	7	10	100	10	8	5	12:116		35	383	35	–	35
6.ª—Algarve	Faro.....	23	8	16	2	8	–	1	31	3	10	44	10	8	4	8:418		15	271	15	–	15
	Sommas.....	215	61	100	36	68	11	11	254	(a) 41	(b) 60	(c) 576	110	52	38	100:000	44:587	(d) 205	2:537	205	(e) 8:260	205

Observações.—(a) Cada bateria tinha 12 bocas de fogo, sendo 4 obuses.—(b) As companhias eram: 1 de bombeiros, 1 de mineiros, 1 de pontoneiros, 1 de artifices e 6 de artilheiros.—(c) O numero total de bocas de fogo era de 720, juntando as 4 peças que iam anexas a cada regimento de infantaría de linha.—(d) Para a intendencia de viveres eram precisos mais 1:880 carros de bois, com os respectivos carreiros.—(e) Os arrieiros e os carreiros não eram contados no numero de exercito porque se chamavam e despediam arbitrariamente.

Pelo que respeita á defeza do paiz propriamente dita, o patriotico general trata de indagar os pontos de ataque que cada provincia offerece ao inimigo, e qual a defeza de que é susceptivel, o que vamos summariar na mesma ordem que elle segue:

Provincia do Minho.—Offerece dois pontos de ataque, no *rio Minho,* e no terreno que medeia de *Melgaço* a *Lindoso.* A passagem do Minho pode-se impedir mediante as baterias estabelecidas nos logares mais proprios á passagem, e guarnecendo immediatamente a sua margem esquerda, que não tem mais de 11 para 12 leguas, com a tropa competente da provincia. Ainda mesmo que o inimigo chegasse a effectuar a passagem seria obrigado a assenhorear-se das praças existentes n'essa margem, para assegurar os seus comboios na sua marcha para o interior. Se tentasse entrar entre Melgaço e Lindoso, teria que apoderar-se dos differentes postos que se estabeleceriam nas montanhas em 1.ª e 2.ª linha, e os seus comboios ficariam expostos ás continuas correrias das tropas ligeiras da provincia de Traz-os-Montes postadas entre Montalegre e Chaves. Se por tanto o inimigo tem que vencer em qualquer d'essas duas entradas tantos obstaculos, para o que será obrigado a gastar bastante tempo, póde-se concluir, que se o seu plano tiver por objecto a conquista do reino, pouco fructo poderá tirar dirigindo por este lado as operações da campanha; assim podemos estar certos que elle limitará a uma simples diversão as suas emprezas n'esta provincia.

Traz-os-Montes.—Offerece em toda a sua fronteira, que medeia de *Montalegre* a *Barca d'Alva*, varios pontos de ataque (ou para melhor dizer accessiveis), que são as estradas, que de Hespanha conduzem a *Montalegre, Chaves, Monforte*, *Bragança*, *Outeiro* e *Miranda;* d'ahi para o sul o rio Douro serve-lhe de fosso. São faceis de defender estas entradas, occupando os desfiladeiros que se encontram nas montanhas do Gerez, Marvão e Bragança, com as tropas ligeiras da provincia, constituindo assim muitas cidadellas inexpugnaveis, d'onde interceptariam continuamente os comboios do inimigo, quer este pretendesse combinar o ataque d'esta provincia com a da provincia do Minho, quer penetrar por ella até ao rio Douro, que em todo o caso não se atreveria a passar á vista das tropas da provincia da Beira. Estas circumstancias, juntas á de se achar a provincia n'um extremo de Portugal, permitte assentar com toda a certeza, que jámais a provincia de Traz-os-Montes será olhada pelo inimigo, senão como propria para algumas correrias de tropas ligeiras.

Algarve.—Acha-se tambem como a antecedente n'um extremo de Portugal, e as margens escarpadas do *Guadiana*, que o separa da Andaluzia, e a serra do *Monchique* do Alemtejo, dão-nos a certeza de que esta provincia, como a experiencia das campanhas passadas o tem mostrado, jámais poderá ser o theatro da guerra, ainda mesmo para a tropa ligeira.

Costas do mar.—O fim que o inimigo poderá ter em vista, combinando um desembarque com as operações intentadas por terra, será assenhorear-se d'algum ponto ou praça proxima da costa para d'ahi fornecer mais facilmente os viveres, petrechos e soccorros ás tropas que tiverem penetrado pelas fronteiras no interior das provincias.

N'este sentido é pouco provavel um desembarque nas costas do norte, do sul e do centro do reino porque as forças desembarcadas teriam ainda que vencer serios obstaculos naturaes defendidos pelas nossas tropas das provincias, para chegarem a estabelecer a communicação entre as costas do mar e as fronteiras por onde as tropas inimigas penetrassem. Além

d'isso era muito facil a defeza de toda a costa de Portugal, mediante a disposição dos seus fortes que existiam na entrada de quasi todos os seus portos, e das tropas e baterias que se distribuiram pelas praias intermediarias promptas a transportarem-se immediatamente para onde se intentasse o desembarque.

Esta defeza poderia ainda augmentar-se, estabelecendo-se nos differentes portos e bahias lanchas canhoneiras, e baterias fluctuantes, as quaes poderiam crusar o seu fogo com as baterias de terra, e accommetter pelo flanco as lanchas e os navios inimigos que se approximassem da costa para tentar o desembarque.

Haveria comtudo grande vantagem para o inimigo, se conseguisse forçar a entrada do Tejo e atacar Lisboa, porque sendo d'aqui que se fornece pela maior parte o exercito, de viveres e petrechos, este ficaria paralisado e inutil para a defeza de Portugal. Mas os obstaculos que a esquadra inimiga teria a vencer eram de tal ordem que não deviamos ter receio de que a capital fosse accommettida por mar.

Beira e Alemtejo.—A sua defeza é reciproca, devendo considerar-se ao mesmo tempo. Não sendo provaveis, como vimos, as invasões pelas provincias extremas de Portugal, em consequencia dos grandes obstaculos que n'ellas se encontram, e da pouca influencia que teriam sobre as operações ulteriores da campanha; e não sendo tambem os ataques pela parte do mar, cujas costas, fortes pela natureza e a arte, e guardadas pelas esquadras dos alliados, fazem duvidoso o bom successo d'um desembarque; segue-se que será pelas fronteiras da Beira e do Alemtejo que terá de preferencia logar uma invasão de Portugal.

Mas n'estas fronteiras ha tambem fortes obstaculos a vencer. Na Beira além da serra da *Estrella* com os seus ramaes que se dirigem até ao Douro e ao Tejo, encontram-se, mais proximo da raia:

—Uma linha montanhosa, que se estende desde o *Rosmaninhal* a *Alfaiates,* permittindo apenas (e ahi mesmo com bastante difficuldade) a passagem de tropas n'esses dois pontos, e em *Salvaterra;*

—O rio *Côa,* cujas margens escarpadas são fortes pela natureza;

—A praça de *Almeida*, a qual exige um sitio, e consequentemente demora a marcha e os progressos d'um exercito por esse lado.

No Alemtejo encontram-se analogamente:

—Uma outra linha de montanhas que se dirige desde *Montalvão* até *Ouguella*, e na qual se encontram apenas tres caminhos proprios para o transito de um exercito, passando pelos postos de *Pitaranha*, *Alegrete* e *S.ª da Esperança*, mas de tal modo fortificados que pódem impedir a entrada n'esta fronteira;

—O rio *Guadiana,* e o paiz que fica além d'elle entre *Olivença* e *Mertola,* offerecendo as mesmas difficuldades que se encontram nas margens do Côa;

—As praças de guerra que ficam nas planicies entre essas duas linhas especialmente a de *Elvas* e a de *Campo Maior,* tendo ainda esta na sua frente *Ouguella* que lhe serve de posto avançado, as quaes como Almeida requerem um sitio, que além de demorar a marcha d'um exercito para o interior, dividem ao mesmo tempo as suas forças.

Por outro lado o *rio Tejo,* que separa as duas provincias, e é navegavel para baixo de Montalvão, permitte a um exercito inimigo que tome posição sobre elle, interceptar as communicações das nossas tropas que se estabelecerem na Beira, no Alemtejo, e mesmo na Extremadura, e permitte tambem a conducção facil dos comboios de abastecimento d'esse exercito.

Além d'estas vantagens é costeando o Tejo que se póde marchar pelo caminho mais curto das fronteiras sobre Lisboa.

D'estas considerações deduz o auctor a conclusão seguinte: — O *Tejo vem a ser o ponto para o qual o inimigo dirigirá o seu ataque principal.* [1]

Indagando depois d'isto quaes serão as operações de ataque e defeza por esse lado, o illustre Gomes Freire, expõe que se o inimigo quizer entrar pela margem direita do Tejo, será obrigado a assenhorear-se do posto de *Rosmaninhal* para assegurar a marcha dos seus comboios, se conseguir avançar ao longo do rio.

Mas esse posto é susceptivel d'uma grande defeza, e o campo de tropas estabelecido entre Idanha e Castello Branco, na borda do *rio Ponsul*, poderá difficultar e até mesmo impossibilitar o ataque do Rosmaninhal, e atacal-o de flanco se fôr bem succedido.

No caso do inimigo para nos desviar d'esse ponto, atacar ao mesmo tempo alguns dos pontos da linha de Rosmaninhal-Alfaiates, ou pertender sitiar Almeida, o campo de tropas estabelecido entre a Guarda e Pinhel, acudiria aos pontos mais ameaçados e difficultaria a entrada dos comboios de munições e petrechos para o investimento de Almeida.

Na hypothese do ataque ser dirigido pela margem esquerda do Tejo, o inimigo precisava apoderar-se do *porto de Montalvão*, que como o do Rosmaninhal é muito forte e cobre o Tejo. Mas para isso era obrigado forçosamente a atacar a linha de postos entre Castello de Vide e Arronches, a fim de não ser continuamente accommettido no flanco ou nas espaldas pelas tropas, que ao abrigo d'ellas não deixariam de fazer continuas correrias no seu proprio paiz, e difficultariam por este modo tanto a marcha das suas tropas, como a dos seus comboios.

Á retaguarda d'essa linha de postos uma parte do exercito do Alemtejo formaria um campo proximo a *Castello de Vide*, com a sua direita apoiada n'esta praça, a frente resguardada pelo terreno cortado que ali se acha e a ribeira de Niza, e a sua esquerda coberta com reductos e abatizes. N'esta posição, não sómente a tropa se acha ao abrigo de qualquer insulto, mas até cobre o Tejo, e segura a communicação da provincia do Alemtejo com a da Beira, assim como a dos postos collocados nas montanhas.

Outra parte do exercito, destacada entre *Arronches* e *Santa Eulalia* observaria os movimentos do inimigo, relativos ás praças de Elvas e Campo Maior, e o atacaria se elle se exposesse a ser batido em detalhe, fazendo ataques simultaneos á linha de postos e a ambas ou alguma d'essas praças.

Dado que o inimigo chegasse a assenhorear-se de *Almeida*, *Elvas*, *Campo Maior*, e de todos os postos desde esta ultima praça até ás margens do Douro, era necessario, antes de proseguir em adiantar-se, guardar esses postos e as praças conquistadas, e deixar na sua retaguarda corpos, para sustar as nossas tropas, que da provincia de Traz-os-Montes, e da parte sul do Alemtejo, o poderiam atacar de flanco.

O exercito inimigo assim reduzido terá a combater as tropas portuguezas postadas em successivas posições muito vantajosas, como são: as *alturas que da Ponte de Sor se estendem para as margens do Tejo*, a propria linha d'este rio mettendo-o entre nós e o inimigo, os numerosos postos que se encontram no transito de Almeida a Castello Branco, e finalmente as montanhas que, abordando o Tejo, separam a Beira da Extremadura (*as Talhadas*).

---

[1] É a já mencionada opinião do general *Dumouriez*, depois fortemente impugnada pelo engenheiro *Neves Costa*, e agora deduzida por *Gomes Freire*.

As tropas das outras provincias retirar-se-hiam de posto em posto, protegendo-se mutuamente na retirada e approximando-se do Tejo... até que chegado finalmente o exercito a reunir-se nas *montanhas de Alemquer* faça n'esta posição os ultimos esforços para salvar a capital.

Depois d'isso era preciso ainda *reduzir Lisboa a cinzas* para se obter a conquista de Portugal.

Observaremos de passagem que nos trabalhos que temos citado até aqui, é este o primeiro em que se encontra a idéa da defeza affastada de Lisboa nas montanhas que se estendem entre o Tejo e o mar. Notaremos mais que a dispersão do exercito pelas seis provincias como dispõe o auctor não teria hoje cabimento. Observaremos ainda que são dois os pensamentos dominantes do auctor: obrigar todos ao serviço militar sem prejudicar a agricultura; defender o paiz sem recorrer ao auxilio de fóra. E não tendo aqui logar para mais commentarios, terminamos esta noticia com o seguinte elogio, como faz um illustre escriptor, [1] que egualmente se occupou do mesmo livro.

«O general Gomes Freire d'Andrade foi grande pelos recursos do seu genio, como o attesta o numero de victorias que obteve, e os relevantes serviços que prestou tanto ao paiz como fóra d'elle, já a Catharina da Russia, já ao imperador Napoleão; e como ainda mais exuberantemente o provam os seus escriptos, sempre militares, e sempre portuguezes; porém seu nome seria menos considerado, se o martirio em que ultimou seus dias o não elevasse ainda acima de todas as suas virtudes e talentos. As labaredas da fogueira que consumiram seus restos, tambem o purificaram de qualquer mancha que, como homem, poderia ter. Não foi com uma sentença de morte que se aniquilou um heroe, não é queimando seus restos que se apaga da lembrança o homem, que foi grande em quanto o deixaram viver. Acima da perseguição e da morte, está o juiso pausado dos vindouros para lhe tecer a corôa, que a ingratidão ou a inveja lhe usurpou».

---

[1] Sousa Pinto, *Revista Militar* de 1853.

CAPITULO II

Organisação militar de 1806

Apesar de muito se ter trabalhado, como acabamos de ver no capitulo anterior, para levantar a nossa constituição militar, que todos consideravam muito necessaria e urgente em vista dos resultados da tristissima campanha de 1801, só no anno de 1806 é que o governo adoptou o plano estudado e proposto tres annos antes pela commissão dos generaes que d'isso foi encarregada, fazendo-lhe comtudo grandes modificações.

Tal foi a origem da organisação militar que aqui convem resumir em poucas linhas.

Segundo as leis em vigor n'essa epocha as forças vivas da nação eram distribuidas em tres grandes classes: *exercito regular*, *milicias* e *ordenanças*. O serviço militar era obrigatorio e geral para todos os individuos dos 18 aos 40 annos de edade, capazes de pegar em armas.

O *exercito regular* [1] formava tres fortes divisões, denominadas do *norte*, *centro* e *sul*.

Cada divisão compunha-se de 8 regimentos de infantaria, agrupados em 4 *brigadas*, 4 regimentos de cavallaria, e um regimento de artilharia, exceptuando a divisão do sul, que tinha 2 regimentos d'esta arma. Havia mais uma legião de tropas ligeiras. [2]

Eis a distribuição e designação dos regimentos de cada uma d'essas divisões.

---

[1] Vide o decreto de 19-maio-1806.

[2] No plano proposto contava-se com uma *legião ligeira* para cada divisão.

Divisão do norte

1.ª *Brigada de inf.*—Reg. 3, 1.º de Olivença; e reg. 15, 2.º idem.
2.ª » » » —Reg. 6, 1.º de Porto; e reg. 18, 2.º idem.
3.ª » » » —Reg. 9 de Vianna; e reg. 21 de Valença.
4.ª » » » —Reg. 12 de Chaves; e reg. 24 de Bragança.
Cavallaria:—Reg. 3 de Olivença, 6 de Bragança, 9 de Chaves, 12 de Miranda
Artilharia:—Reg. 4 do Porto.

Divisão do centro

1.ª *Brigada de inf.*—Reg. 1 de Lippe; e reg. 13 de Peniche.
2.ª » » » —Reg. 4 de Freire; e reg. 16 de Vieira Telles.
3.ª » » » —Reg. 7 de Setubal; e reg. 19 de Cascaes.
4.ª » » » —Reg. 10 de Lisboa; e reg. 22 de Serpa.
Cavallaria:—Reg. 1 de Alcantara, 4 de Mecklemburg, 7 do Caes, 10 de Santarem.
Artilharia:—Reg. 1 da Côrte.

Divisão do sul

1.ª *Brigada de inf.*—Reg. 2 de Lagos; e reg. 14 de Tavira.
2.ª » » » —Reg. 5, 1.º de Elvas; e reg. 17, 2.º idem.
3.ª » » » —Reg. 8 de Castello de Vide; e reg. 20 de Campo Maior.
4.ª » » » —Reg. 11 de Penamacòr; e reg. 23 de Almeida.
Cavallaria:—Reg. 2 de Moura, 5 de Evora, 8 de Elvas, 11 de Almeida.
Artilharia:—Reg. 2 do Algarve e 3 de Extremoz.

Como se vê, ha já um seculo que foi organisado o exercito regular em tres fortes divisões territoriaes á semelhança das tres grandes circumscripções do *norte*, *centro* e *sul*, que hoje existem. Faz lembrar o velho adagio: *Nil novi sub sole*, nada é novo do que o sol alumia.

As *milicias* formavam 48 regimentos, uniformisados e equipados regularmente; tinham instrucção militar em periodos de tempo

determinados; e serviam unicamente no interior do reino nos logares mais proximos aos seus districtos.

As *ordenanças* [1] comprehendiam todos os individuos aptos para o serviço militar, que restavam do prehenchimento dos corpos regulares e dos regimentos de milicias. O reino era dividido em 24 *brigadas de ordenanças*, a cada uma das quaes correspondiam 2 regimentos de milicias e um regimento de linha. O Algarve comprehendia uma só d'essas brigadas; o Alemtejo duas; a Beira cinco; a Extremadura seis; o partido do Porto quatro; o Minho quatro e Traz-os-Montes duas.

Correspondiam, portanto, as brigadas de ordenanças ao que hoje se chama *districtos de recrutamento e reservas*.

Não faremos mais commentarios a esta notavel organisação, que na verdade era fundada em bases solidas, muito semelhantes ás que na actualidade se acham em voga nos principaes exercitos.

---

[3] Vide o alvará de 21-out.-1807.

CAPITULO III

Summario da invasão e dominio de Junot

Causa da invasão.—O anno de 1807 veiu encontrar o paiz sem defeza contra a primeira invasão franceza, auxiliada pelas tropas hespanholas que, em virtude do famoso tratado de *Fontainebleau (27-out.-1807)* onde se planeou a partilha de Portugal, entraram pela fronteira do Minho em direcção ao Porto, e pela fronteira de Elvas em direcção a Setubal.

O tratado de neutralidade de 1804, comprado á França a pezo d'oiro, era olhado em Portugal como uma garantia de tranquillidade, e por isso o governo portuguez não cuidára em se precaver para a guerra.

Mas Napoleão, apenas se viu desembaraçado da guerra que trazia com as potencias do norte, rompeu a neutralidade, exigindo com a mais revoltante injustiça e prepotencia, que Portugal declarasse guerra á Inglaterra, começando logo por hostilisal-a com a clausura dos portos do paiz aos navios inglezes, a prisão dos subditos britannicos que estivessem no reino, e a apprehensão das suas propriedades.

E contando já com a recusa da côrte de Lisboa em annuir prompta e completamente pela fórma que elle queria a similhante imposição, fez logo *(15-out.-1807)* entrar em Hespanha, para d'ahi invadir Portugal, o exercito de Junot, que desde agosto se começára a reunir em Bayona na força de 25:000 homens.

Marcha do exercito invasor.—A marcha de Junot, desde Alcantara, onde se reuniu a elle uma divisão de tropas hespanholas, até Lisboa, é uma operação historica comprovativa da pouca probabilidade d'uma invasão pela margem direita do Tejo, preconisada por Gomes Freire e outros auctores. Vamos por isso

extractar o que os historiadores de maior credito nos dizem a esse respeito sob o ponto de vista especial da defeza do paiz.

A escolha da linha d'operações ou de invasão não foi devida a Napoleão, como se tem querido fazer acreditar, mas sim a Junot, como nos diz o general **Foy**. [1]

«La grande route de Bayonne à Lisbonne, celle que suivent ordinairement les voitures, passe par Madrid, franchit le Tage au pont d'Almaraz dans l'Estremadure espagnole, entre en Portugal par l'Aemtejo, et travesse une seconde fois le fleuve devant Lisbonne, là ou il à *trois lieues de largeur*.

La prévoyance militaire ne permettait pas aux français de suivre une route au bout de laquelle, après avoir vaincu des obstacles de plus d'un genre, il resterait encore à forcer le passage d'une rivière enorme, ou plutôt d'un bras de mer, avant que d'arriver au but de l'expédition. D'ailleurs les corps auxiliaires espagnols étant chargés d'occuper les provinces à la rive droite du Duero, et la rive gauche du Tage, les opérations particulières de l'armée principale paraissaient devoir être centrales et exclusivement appliquées au pays compris entre les deux grands fleuves de Portugal.

Il était donc inévitable de se heurter contre l'Estrella. De ce côté, deux chemins ménent à Lisbonne. L'un est au nord, l'autre au midi de la crête de la montagne. Le premier passe par Almeida, Celorico, Ponte-Murcella et Thomar. Les charrettes étroites du pays qui sont attelées de bœufs y roulent avec facilité. On n'avait à eprouver d'obstacles considérables pour la marche de l'artillerie qu'à la descente du plateau schisteux de la Beira-Alta, dans la vallée du Mondego. Les torrens à passer à guè sont en petit nombre. Il y a des ponts sur les principales rivières, comme le Mondego, l'Alva, la Ceira. Le pays est peuplé et abondant.

Le second chemin va par Castello-Branco et Abrantes. Il traverse, pendant l'espace de trente lieues, un amas de rochers, un désert où l'industrie a fécondé çà et là quelques coins d'une terre ingrate. Les contreforts escarpés de la *serra d'Estrella* se présentent perpendiculairement à la direction de la marche. De deux lieues en deux lieues on rencontre des rivières qui n'ont ni pont, ni bateaux, et que pendant l'hiver ou après les pluies on ne passe pas sans un danger éminent. Dans un terrain si fortement accidenté, la défense la plus inerte peut déconcerter l'armée la plus aguerrie. Quand, après avoir triomphé des hommes et de la nature, cette armée arrive à Abrantes, et touche pour ainsi dire au terme de ces travaux, le Tage et le Zezere la séparent de la *Terre Promise*, et présentent une barrière impénétrable à ceux qui n'ont pu conduire avec eux ni artillerie, ni équipages de pont.

Ces détails de localité étaient ignorés de l'armée, car les cartes géographiques sont si inexactes, qu'elles ne donnent seulement pas le nom des rivières qu'on doit traverser. Les portugais eux-mêmes connaissent mieux l'Inde et le Brésil que les vallées du Traz-os-Montes et de la Beira. Ce que pouvaient en apprendre aux français les espagnols de Salamanque, ils le tenaient de muletiers ignorans.

Le général Junot se décida à prendre *le chemin d'Abrantes, parce qu'il est plus court que celui de Ponte-Murcella*. Il y gagnait aussi plusieurs

---

[1] Historia da guerra da Peninsula (t. 2.º, pag. 347).

avantages, comme d'éviter la place d'Almeida, qui probablement n'eût pas ouvert ses portes, et de se ravitailler en munitions de guerre et de bouche dans la ville d'Alcantara sur le Tage, où se rassemblait la division espagnole du général Carafta.»

Depois de descrever com vivas côres as enormes fadigas e privações que o exercito de Junot soffreu durante os cinco dias de marcha, consumidos de Alcantara a Abrantes (170 kilometros), por causa do accidentado terreno da Beira Baixa, do mau estado dos caminhos, das enchentes das ribeiras pelas continuadas chuvas que caíam a cantaros, e pela grande falta de subsistencias devida á esterilidade do paiz, á fuga dos habitantes com os poucos recursos que tinha, e á impossibilidade de levar trens e bagagens que já na marcha de Salamanca para Alcantara tinham ficado para traz, o general **Thiebault** [1] que era o chefe de estado maior do exercito, exprime-se da seguinte maneira:

«Quelque succinte que soit cette relation, elle suffira cependant pour prouver, que cette marche est sans contredit la plus affreuse que jámais une armée, s'avançant pour combattre, ait osé entreprendre et faire.»

Durante a marcha da fronteira da Beira até Lisboa, os francezes viram-se em muitas passagens difficeis, onde a menor resistencia que se fizesse, segundo elles proprios confessam, teria aniquilado o seu exercito.

Passagem das Talhadas.—Sobre a margem direita do rio Alvito levanta-se a pique uma linha de montanhas escarpadas que correm perpendicularmente ao Tejo, desde a cumeada da serra do Muradal até Villa Velha. O caminho de Castello Branco por Sarzedas a Sobreira Formosa atravessa esta linha na depressão chamada a *portella das Talhadas.* Antes e depois d'essa passagem era preciso atravessar successivamente a vau a *Liria*, a *Ocreza*, o *Alvito,* e a *Troia,* além de muitas outras correntes d'agua. As tropas viram á direita e esquerda do caminho os restos dos reductos levantados pelo conde de Lippe, quando quiz na campanha de 1762, augmentar a força d'esta forte posição. [2]

O general *Thiebault* [3] considera esta posição como inexpugnavel, visto que as montanhas que a flanqueiam são, pelo menos a uma grande distancia, inaccessiveis em quasi todos os seus pontos, e pelo menos tão faceis de defender como a propria posição.

A 1.ª divisão do exercito de Junot atravessou esta formidavel posição no dia 22 de novembro, e por essa occasião diz *Thiebault:* [4] *«et chacun fut frappé de l'idée, que, si deux mille hommes nous y avaient attendus, nous ne l'eussions point passé, et l'armée eût été perdu».*

---

[1] Relação da expedição de Portugal, p. 52.
[2] *Foy*, t. 2.º p. 359.
[3] *Obra citada*, p. 15.
[4] *Ibidem*, p. 46.

Passagem da Ocreza.—A guarda avançada e a 2.ª divisão do exercito avançaram de Castello Branco pelo caminho do Perdigão a Mação. Este caminho, que era praticavel só para homens e cavallos, atravessa a referida linha de montanhas na *portella da Milhariça.* A ribeira Ocreza, depois de romper atravez da mesma linha, corre a oeste das montanhas n'um leito profundo e não é vadeavel proximo da sua confluencia com o Tejo. As tropas passaram-a entre Venda Nova n'uma barca, que podia levar 12 homens ou 4 cavallos de cada vez, O transporte de 10:000 homens e de 800 a 900 cavallos d'uma margem á outra não se poude effectuar, senão perdendo alguns soldados, e com uma extrema lentidão, chegando a levar dois dias. [1]

Passagem do Codes.—«Après quinze heures de marche (*de Castello Branco por Sarzedas a Sobreira*), les hommes le plus ingambes et les plus vigoureux arrivèrent à Sobreira Formosa. Les français ne s'arrêtérent qu'une nuit dans ce village. D'autres torrens, d'autres montagnes les attendaient jusque près de Abrantes. Les vieux soldats qui avaient guerroyé dans les Alpes de la Suisse et du Tyrol, furent étonnés quand il fallut descendre presque verticalement dans le lit du *Codes*, et escalader ensuit le mur de rochers à la rive gauche de cet affluent du Zezere».

Passagem do Zezere.—O general Junot, apesar da grande pressa que tinha de chegar a Lisboa para lançar mão do principe regente, decidido, desde que soube da entrada d'elle em Portugal, a retirar-se immediatamente para o Brazil, viu-se forçado a consumir dois dias em Abrantes, nas providencias que era indispensavel tomar para attender ás necessidades urgentes dos seus homens (subsistencias, calçado, etc.), para dar tempo a que fossem chegando as tropas retardadas na marcha, e para apromptar os meios necessarios á *passagem do Zezere*, rio importante pela sua largura, a sua profundidade, e a rapidez das suas aguas, então consideravelmente augmentadas pela enorme cheia que levava. Foi encarregado d'isso o coronel *Vincent*, commandante da engenheria do exercito, o qual começou logo desde a sua entrada em Abrantes (*25-nov.*) a empregar todas as diligencias para o estabelecimento d'uma ponte de barcas sobre o Zezere, operação que foi muito contrariada pela violencia da corrente, de sorte que só no dia 27 chegou a estar prompta.

A impaciencia de Junot era grande. Apenas chegou a reunir 6:000 a 8:000 homens, poz-se com elles em marcha, e passou o rio em barcos sem esperar pela conclusão da ponte. O general *Thiebault* [2] depois d'uma descripção minuciosa das difficuldades d'esta passagem, exprime-se nos seguintes termos: «En voyant les redoutes et les batteries, dont la rive droite du Zezere est encore garnie, nons convinmes que si les portugais avoient placé sur ce point 3:000 hommes, nous n'y eussions pas passé».

Difficuldades na marcha desde o Zezere até Lisboa.—Passado o Zezere, os pantanos e as vallas dos campos da Gollegã offereceram, como é bem natural na estação invernosa, novas difficuldades á marcha para Santarem. A vanguarda e uma parte da 1.ª divisão atravessaram esses campos com a agua até ao joelho; as outras tropas tiveram que se desviar para Torres Novas e Pernes, evitando as inundações do Almonda e do Alviella,

---

[1] *Foy*, t. 2.º p. 358—*Thiebault*, p. 50.
[2] Obra citada, p. 63.

passando-os em pontos affastados do Tejo. [1] Estas difficuldades e a necessidade dos soldados proverem á sua propria subsistencia desorganisaram novamente a pequena parte do exercito, que Junot levava atraz de si, desfllando á maneira d'um formigueiro ao longo da margem do Tejo. Se uma voz de alarme se levantasse entre os habitantes do paiz, similhante exercito seria infallivelmente disperso e aniquilado. [2]

D'esta maneira Junot não pôde reunir em Sacavem (*29-nov.*) mais que 1:500 homens de infantaria, se tanto, estafados de cansaço. Comtudo, tendo ahi recebido algumas deputações enviadas de Lisboa, para captar a benevolencia do novo poder que se levantava, convidando-o a entrar na capital, e uma escolta de 30 soldados portuguezes da cavallaria de policia, enviada por ordem dos governadores do reino a quem o principe regente ordenára que recebessem os francezes como amigos (*Decreto-26-out.*), o general francez decidiu-se a fazer a sua entrada na capital portugueza (*30-nov.*) com esse punhado de homens extenuados, rotos e desfigurados pelos soffrimentos, excitando mais a piedade do que o terror dos espectadores. Pareciam verdadeiros espectros militares, que mais se assimilhavam a mendigos do que a soldados d'um exercito regular de Napoleão. [3]

Medidas defensivas.—O governo portuguez, desde que se resolveu a usar de *meias medidas* para abrandar a vontade imperiosa de Napoleão, limitando-se a mandar fechar os portos aos navios inglezes (*Dec.-20-out.*) e a apparentar que se dispunha a defendel-os se fossem atacados, começára a tomar medidas defensivas adequadas *á guerra maritima*. As principaes forças do exercito foram chamadas para vigiar a costa e guarnecer os seus principaes pontos, como a barra de Lisboa, Setubal e Peniche. [4]

Esta ultima praça, na opinião de Antonio de Araujo de Azevedo, então ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, podia-se tornar—*uma das praças mais fortes do mundo*. Devia-se cortar o seu isthmo de areia para assim formar um fosso aquatico, estabelecer algumas obras exteriores, completar as antigas fortificações, e construir os armazens, casernas e hospitaes necessarios para uma grande guarnição. D'esta maneira, não sendo atacavel por mar e por terra, seria uma praça segura de deposito e de retiro para a familia real, e *Portugal não se devia reputar conquistado emquanto tivesse Peniche*. [5]

Em consequencia de semelhantes medidas defensivas ficou desguarnecida toda a raia e as suas praças fortes, á excepção de Elvas, onde ficára uma pequena guarnição, que o marquez de

---

[1] *Foy*, t. 2.º, p. 396.—*Thiebault*, p. 65.
[2] *Soriano*, 2.ª E, t. 1, p. 18.
[3] *Ibidem*, p. 20.
[4] *Ibidem*, 1.ª E, t. 2.º, p. 663.
[5] *Ibidem*, 1.ª E, t. 2.º, p. 654.

Alorna, então governador das armas do Alemtejo, tivera ainda o cuidado de augmentar logo que soube da approximação dos francezes á fronteira.

Como vimos, a menor resistencia que se apresentasse ao invasor nas formidaveis posições da Beira Baixa, teria ahi consummado a sua total ruina, o que vamos ainda confirmar pela seguinte passagem do livro de *Thiebault.*

«Il est certain que sans la rapidité de ce mouvement (de *Alcantara* para *Abrantes*) .. nous trouvions le peuple en armes, les gorges, les défilés et les principales positions du Beira guardés et défendus par lui: dès lors, nous étions obligés de nous arrêter plus ou moins de temps pour nous rassembler et manoeuvrer; bientôt les milices arrivoient; les regiments de ligne ne tardoient pas à les suivre. et de les obstacles, ajoutés à ceux résultant de la saison, de l'état de nos troupes, du manque de subsistances, et du pays, auroient détruit l'armée, ou du moins lui auroient occasionné des pertes beaucoup plus grandes que celles qu'elle venait de faire: enfin, si une armée anglaise s'etoit joint à toutes ces forces, l'expedition étoit manquée, et il auroit fallu se prèparer pour l'année suivante á une lutte terrible.»

Commentarios. — Pelo que fica exposto, vê-se claramente que Junot commetteu uma grande temeridade, dirigindo o seu exercito pela margem direita do Tejo, e expondo-o assim a uma total ruina, quando encontrasse resistencia. Mas a audacia ajudou-o, encontrando apenas as difficuldades da natureza, que parece ter-se encarregado de remediar a incuria ou abandono a que foi votada pelos homens a defeza nacional.

Os povos subjugam-se muitas vezes mais pela força moral, do que pelas forças materiaes. Foi o que nos succedeu em 1807. A imaginação levava os portuguezes a reputarem *esses guerreiros formidaveis diante dos quaes a Europa inteira se humilhára, como heroes d'uma especie superior, colossos e até semi-deuses na guerra.* [1]

Se não fosse essa illusão, o paiz não estaria no deploravel abandono em que por toda a parte se achava, com relação á sua defeza; e ainda que parecessem baldados todos os esforços que para tal defeza se empregassem, [2] os nossos ministros tinham por obrigação fazer ver ao inimigo que no paiz havia alguns meios de resistencia, para não se acreditar, como geralmente se acreditou, que a saida da familia real para o Brazil e a nossa não resistencia á invasão dos francezes foi tudo obra de *fraqueza e cobardia*, e não um acto de politica. [3]

---

[1] *Foy*, t. 2.º, p. 401,
[2] *Soriano*, 1.ª E, t. 2.º, p. 647.
[3] *Ibidem*, 2.ª E, t. 1.º, p. 14.

Tal foi a maneira porque se agrilhoou no principio do seculo XIX o pulso d'uma nação valente e gloriosa, 167 annos, dia por dia, a partir d'aquelle em que os heroes de 1640 derribaram o jugo hespanhol.

Providencias de Junot para a defeza do paiz.—Logo que Junot conseguiu reunir na capital as forças do seu exercito, dispersadas pelas difficuldades que encontráram na marcha, como acabamos de ver, cuidou em assegurar o seu dominio e em guardar bem a barra do Tejo e o litoral do reino contra algum desembarque da parte dos inglezes, que bloqueavam o porto de Lisboa com uma esquadra de 8 náos de linha.

As providencias para esse fim adoptadas dão-nos uma idéa do modo por que então se attendia á defeza das costas.

A cidade de Lisboa, sendo a capital do reino, onde se acham concentrados quasi todos os recursos do paiz, tendo um magestoso porto, vastos arsenaes de mar e terra, muitas fabricas e estabelecimentos industriaes, foi naturalmente escolhida por Junot para centro das suas operações militares. [1]

As tropas portuguezas mandaram-se sair de Lisboa, onde se aquartelou a 1.ª divisão do exercito francez, ás ordens de *Delaborde*, nomeado governador militar da capital. A artilheria e a cavallaria ficaram tambem n'esta cidade.

A 3.ª divisão, sob o commando do general *Travot* que estabeleceu o seu quartel general em Oeiras, teve por incumbencia guardar a entrada do Tejo. A maior parte d'estas forças estabeleceram-se nas fortalezas de S. Julião e de Cascaes na margem direita, estendendo-se por este lado até ao cabo da Roca. Dois dos batalhões mandaram-se acampar na margem esquerda do Tejo, nas alturas de Murfacem, que dominam *o forte da Trafaria* e a *torre do Bugio*. Esta torre assente sobre um rochedo no meio do mar, na extremidade d'um banco de areia que se liga á costa da Trafaria, foi objecto d'uma activa vigilancia dos francezes, em razão de cruzar os seus fogos com os da torre de S. Julião, oppondo por este modo o principal obstaculo ás esquadras que emprehendessem forçar a barra de Lisboa. [2]

Os engenheiros francezes, sob a direcção do seu habil e activo commandante, o coronel *Vincent*, trataram de aperfeiçoar, quanto lhes foi possivel, as fortificações das duas margens do Tejo e das costas, e dedicaram-se a trabalhos cartographicos necessarios para a defeza do paiz. Altearam e engrossaram os parapeitos das baterias onde o julgaram conveniente; construiram travezes nas obras e reductos nos pontos exteriores dominantes; levantaram as plantas de todos os pontos importantes; fizeram uma carta iteneraria de todo o reino; fortificaram o castello de Lisboa; e projectaram reunir a torre de Belem á bateria do Bom Successo, estabelecendo uma fortaleza que podesse conter 2:000 homens,

---

[1] *Ibidem*, p. 242.
[2] *Ibidem*, p. 29.—*Foy*, P. 3.ª p. 6 e 7.

blindada e casamatada, e defendida do lado da terra por uma obra cornea, em toda a extensão que se acha desde a torre á bateria. [1]

O armamento dos fortes, fortins e baterias das margens do Tejo, e das costas do mar, foi entregue ao cuidado dos officiaes de artilharia, sob a direcção do general *Taviel*, commandante da artilharia do exercito, que promptamente conseguiu pol-os n'um estado respeitavel, graças aos immensos recursos que lhe offereceu o Arsenal do exercito. Os velhos e carumchosos reparos da artilheria de bater, com mais d'um seculo de duração, foram substituidos por outros novos e solidamente construidos. Tiraram-se da Fundição quantas peças e morteiros se julgaram necessarios para similhante armamento. Construiram-se fornos de reverbero para tornar as balas ardentes, por meio das quaes e das bombas os francezes se dispunham a incendiar os navios inglezes que se propozessem a forçar a barra. [2]

A marinha forneceu tambem o seu contigente para a defeza. Os navios de guerra portuguezes, que por incapazes de navegar tinham ficado no Tejo, depois da saida do principe regente para a America, pozeram-se na melhor attitude possivel, senão para poderem sair de barra em fóra, ao menos para dentro d'ella se opporem aos inglezes quando estes quizessem entrar no Tejo.

O commando d'este armamento naval deu-se ao capitão de mar e guerra, *Magendie*, que viera com o general Junot, e que no desempenho da sua commissão se distinguiu pelos seus talentos e grande actividade, pondo em estado de defenderem o porto as naus *Vasco da Gama* e *Maria I*, cada uma de 74 peças, além de mais 3 fragatas e alguns navios ligeiros. Em menos d'um mez, os francezes apresentaram assim uma pequena esquadra no porto de Lisboa. [3]

A 2.ª divisão, ás ordens do general *Loison*, foi encarregada de vigiar o litoral desde o cabo da Roca até a Figueira, na foz do Mondego. Distribuiu as suas forças por *Cintra*, *Mafra*, *Torres Vedras*, (onde ficou o quartel general de Loison e o da brigada *Charlol*) e *Peniche*, onde se estabeleceu a brigada do general *Thomiéres*. D'ahi enviaram-se destacamentos para guarnecer os portos de *S. Martinho*, *Nazareth*, e um novo forte de madeira que estabeleceram em *S. Gião*. Só algum tempo depois se mandou tambem guarnecer a fortaleza da barra da *Figueira*, ficando entretanto sem defeza toda a costa d'ahi até ao Porto. [4]

Santarem e *Abrantes* foram igualmente occupados por destacamentos de tropas francezas, por serem os dois pontos que asseguram a vinda dos generos do interior do paiz pelo Tejo abaixo. Por meio da praça de Abrantes assegurava-se ao mesmo tempo a passagem do Zezere e a linha de communicação com Setubal, Extremoz e *Elvas*, que se mandou guarnecer com um dos batalhões suissos, indo o outro para *Almeida*.

As tropas hespanholas, que debaixo do commando do general Carrafa entraram com Junot em Portugal separaram-se d'elle em Abrantes, tomando o caminho de Thomar, d'onde enviaram 4:000 homens por Coimbra para o Porto a reforçar a divisão do general Taranco, vindo as restantes para Lisboa. Juuot distribuiu-as pelas differentes localidades ao norte da capital (Mafra, Peniche, Cascaes, Santarem, etc.) tendo o cui-

---

[1] *Ibidem*, p. 176.—*Foy*, p. 16—*Thiebault*, p. 80 a 89.
[2] Os tres citados auctores.
[3] *Ibidem*.
[4] Os mesmos auctores e *Accurcio das Neves*, t. 1.º, p. 317.

dado de as entremear com os regimentos francezes, para mais tarde as poder desarmar.

As tropas que sob o commando do general Solano, entraram pelo Alemtejo estabeleceram-se na sua maior parte em *Setubal, Cezimbra, Alcacer do Sal, e Sines*, contribuindo assim para a defeza da costa ao sul do Tejo. Algumas forças ficaram em Elvas e Extremoz, e outras foram destacadas para Faro afim de vigiar a costa do Algarve, e assegurar a posse d'esta provincia.

Nas vistas de abrir uma nova communicação com a França, melhor que aquella que as tropas tinham seguido, encarregou Junot o seu chefe do estado maior general, de organisar uma linha d'etapes, por onde chegassem os destacamentos esperados, os correios, etc. *Thiebault* [1] fez passar essa linha por Villa Franca, Rio Maior, Carvalhos, Leiria, Pombal, Coimbra, Ponte da Murcella, Pinhanços, Linhares, Guarda e Almeida. Em cada um d'estes logares d'etapes, estabeleceu-se um posto de tropas, composto d'um official portuguez, fallando as duas linguas, 1 cabo e 4 gendarmes, 4 dragões francezes, e 8 cavalleiros portuguezes escolhidos para alternar o serviço com os gendarmes.

Além d'isso um official de gendarmeria tendo uma escolta de 9 homens foi encarregado de inspeccionar esta estrada desde Lisboa a Coimbra; um outro com egual escolta inspeccionaria a estrada desde Coimbra a Almeida.

Emfim, o major *Thomas*, commandante da gendarmeria, foi nomeado inspector geral da linha d'etapes, e estabeleceu-se em Coimbra, com uma escolta de 15 homens.

No numero dos officiaes distinctos que o exercito possuia, achava-se o coronel de artilheria *Foy*. (O mesmo que depois escreveu a historia da guerra peninsular). O general Junot querendo utilisar a sua capacidade, encarregou-o da inspecção geral dos *fortes e praças de guerra de Portugal*.

Esta missão tinha além d'isso por objecto conhecer bem a situação interior do reino, debaixo de muitos pontos de vista essenciaes.

A maneira por que foi desempenhada, teria sido para o exercito, e até para o paiz, da maior utilidade, se os francezes continuassem a occupal-o. [2]

Entre as medidas de Junot para consolidar o seu dominio no paiz usurpado, não devemos esquecer o *desarmamento geral dos habitantes* que decretou, chegando a ponto de prohibir a caça, e a *aniquilação do nosso exercito*, já licenceando as milicias e reduzindo os regimentos, já reunindo e expatriando para França a sua melhor parte (9:000 homens), que constituiram a celebrada *legião portugueza*, e que tanto se distinguiu ao serviço de Napoleão. No numero dos officiaes d'essa legião teve o cuidado de incluir os nossos generaes mais influentes, como os benemeritos e patriotas, marquez de Alorna e Gomes Freire d'Andrade, cuja permanencia aqui era extremamente perigosa, pois podiam formar

---

[1] Obra citada, p. 93 — *Soriano*, p. 180 — *Accurcio das Neves*, t. 1.º p. 331.

[2] Quizera dar n'este logar uma idea d'esse reconhecimento geral a que se refere *Thiebault* (p. 94); mas não foi possivel encontral-o.

um nucleo que, engrossando pelas massas populares, tivesse bastante força para castigar e expulsar os invasores na primeira occasião opportuna. E de facto veiu isso a succeder no mez de junho com Sepulveda, Silveira, Bernardim Freire, e outros chefes, que á frente de paizanos sem disciplina nem pratica da guerra, mas cheios de enthusiasmo e animados grandemente dos sentimentos de nacionalidade e patriotismo, mostraram aos francezes que Portugal não era ainda uma nação degenerada, e que não se póde impunemente tratar um paiz como elles a fizeram, durante os sete mezes que se seguiram á sua traiçoeira entrada em Lisboa, commettendo as mais inauditas violencias e atrocidades, aggravadas com as devastações e roubos praticados por toda a parte. [1]

Foi por esse tempo e no meio de taes circumstancias que o distincto coronel d'engenheria **Vincent**, escreveu algumas memorias concernentes á defeza de Portugal, de que vamos dar noticia.

*

Considérations militaires sur les frontiéres de terre et de mer du Portugal—Lisbonne le 25 Mars 1808. [2]

Apesar do titulo d'este trabalho se referir á fronteira terrestre o auctor só trata da defeza das costas.

Procura conhecer pela situação geral e natureza da nossa costa quaes seriam os pontos provaveis de desembarque dos ing,ezes, e os meios de defeza a oppor-lhes.

Attribue ao seu implacavel inimigo, que constantemeute bloqueva a costa, o objectivo de promover uma insurreição em Portugal, que auxiliasse o desembarque do pequeno exercito de que dispunha em alguma parte da costa, que fosse facil de tomar e guardar. Eis o summario d'essa memoria.

Na costa do norte, entre o Minho e o Douro acha inverosimil esse desembarque, e por isso a sua defeza não merece grande attenção.

Na porção da costa entre o Douro e o Mondego, entende que, visto a barra do Porto poder proteger-se facilmente, esse ponto devia constituir o objecto principal da defeza d'essa costa.

Do Mondego ao Tejo a costa é mais segura e mais accessivel; as pre-

---

[1] *Accurcio das Neves*, e *Soriano* que o transcreveu no que respeita a esse assumpto, pintam com vivas cores e descrevem circumstanciadamente todos esses actos a que me refiro.

[2] Esta memoria de 6 paginas acha-se publicada na *Historia de Soriano*, *documento n.º 82—D.* da 2.ª epocha.

cauções que se tinham tomado do Mondego a Peniche pareciam-lhe insufficientes. (Notemos de passagem que foi n'esta parte que desembarcou Wellesley).

O ponto mais inquietador, *Peniche*, estava convenientemente defendido, sendo perigoso mesmo augmentar a sua força, porque se caisse em poder do inimigo, seria difficil retomal-o. O pequeno exercito que ahi desembarcasse não ousaria perder de vista a sua esquadra para marchar sobre a capital atravez d'um terréno cortado por valles e ribeiras que multiplicam os meios de o deter.

De Peniche á ribeira de Carvoeira não era provavel o desembarque, mas havia ahi alguns pequenos pontos a defender.

Entre a dita ribeira e a foz do Tejo havia um grande perigo. O terreno entre a serra de Cintra, a villa de Mafra e a costa, offerece algumas praias favoraveis a um desembarque; 700 a 800 homens que desembarcassem na praia de *Collares*, e se espalhassem para a serra de Cintra, emquanto outras tropas desembarcassem a oeste da fortaleza de *Cascaes* vigorosamente atacada pela esquadra, bastaríam para fazer succumbir essa fortaleza cujas defezas do lado da terra não estão acabadas. Na enseada de Cascaes desembarcariam depois as forças necessarias para submetter a torre de S. Julião, que seria facilmente arruinada da altura de Oeiras que a domina a este. Tomadas essas fortalezas, os navios do inimigo, que constituiam a sua linha d'operações, entrariam pelo rio dentro, e não encontrariam outro verdadeiro obstaculo, senão nos navios estabelecidos no porto de Lisboa, obstaculo mais tentador para um inimigo, cuja ambição era destruir todas as marinhas da Europa.

O meio de evitar ou repellir um semelhante perigo é estabelecer um acampamento de tropas perto de Cintra, tendo ahi uma *bateria volante* com boas parelhas de tiro, de maneira que possa rapidamente dirigir-se sobre os pontos ameaçados; acabar a fortaleza de Cascaes; occupar por um reducto o ponto que domina as defezas de S. Julião; augmentar as baterias de morteiros do porto entre a torre de Belem e a Torre Velha, e entre Alcantara e a ponta de Almada.

A peninsula de *Setubal* offerece algumas facilidades a um desembarque mas este seria pouco perigoso, porque as fortificações de Setubal, a boa posição de Palmella, e as ramificações tortuosas da serra da Arrabida que fórma a peninsula, tornam muito difficil a passagem das tropas para a margem esquerda do Tejo. Um campo está estabelecido nas alturas de Palmella, algumas tropas occupam Setubal, e não ha nada a recear por esse lado; deve-se sómente insistir sobre a utilidade de occupar a *posição d'Almada*, para ahi ter uma forte bateria de bombas que defenda o interior do porto.

A defeza da porção da costa entre Setubal e Odemira não é inquietadora, apezar da praia ser plana e ás vezes accessivel.

A costa do Algarve, desde Odemira á foz do Guadiana, é accessivel em quasi todos os pontos, como prova a multiplicidade de defezas estabelecidas sobre essa costa. Effectuando um desembarque em algum d'esses pontos, seria facil ás tropas sustentarem-se ahi, apoderando-se dos pontos mais faceis de defender na serra que separa o Algarve do Alemtejo. O meio de impedir essas vantagens seria guarnecer todos os pontos da costa, e reconhecer antecipadamente algumas posições principaes, d'onde se possa proteger a chegada de soccorros, vindos do Alemtejo para o Algarve.

*

Reconnaissance d'une portion du terrain en avant de Lisbonne comprise entre le Tage et la mer, et considérations sur les attaques de terre á redouter pour la ville — Junho de 1808. [1]

Pelas observações que se acham inseridas no texto d'este reconhecimento, as quaes foram naturalmente escriptas depois d'elle porque se referem a uma data posterior, vê-se que este trabalho foi apresentado ao general Junot pelo coronel Vincent no começo de julho de 1808, e que era acompanhado por uma carta de reconhecimento. O auctor declara tambem que o fizera por iniciativa propria, aproveitando a occasião em que foi mandado por Junot *(fim de junho)* verificar um boato falso de desembarque d'um exercito inimigo perto do Mondego. Dá-nos ainda a entender que a expedição de Wellesley teria *bem difficilmente ganhado as acções de Roliça e Vimieiro*, se Junot se tivesse conformado com as suas propostas de occupar a *posição do Sobral*, e defender passo a passo as entradas de Lisboa. [2]

O objecto principal da memoria de que se trata é fazer conhecer as differentes communicações que conduzem a Lisboa, e provar quanto é facil defendel-as. Os esclarecimentos que nos dá pódem, pois, servir tanto sob o ponto de vista do ataque, como da defeza da capital. Extratemos o essencial.

Lisboa e coberta por *duas linhas naturaes de facil defeza:* a linha do Tejo, desde a barra até Santarem que póde ser facilmente mantida; a linha de montanhas quasi intransitavel que se estende desde o *Cercal* por *Montejunto* até ao cabo da *Roca,* correndo quasi parallelamente á do Tejo, a egual distancia d'este rio e do mar.

A parte mais accessivel d'esta linha de montanhas é entre o valle de *Runa e Cintra*, mas conserva ainda assim alturas sufficientes para uma vigorosa resistencia. As alturas muito pronunciadas de *Chões*, *Estira-Corda* (?) e *Sobral de Monte Agraço* offerecem as posições mais vantajosas a occupar, junto das quaes não se poderia chegar senão por um terreno dos mais difficeis a percorrer; e suppondo-as mesmo tomadas, a cumeada de *Montachique*, os desfiladeiros de *Bucellas* e posição á retaguarda, de que adiante se fala, offereceriam novos obstaculos insuperaveis.

As aguas que do ponto elevado de *Montachique* correm para N. O. entre a montanha da Senhora do Soccorro e as alturas de Mafra, descem

---

[1] Este trabalho acha-se publicado na obra de *Soriano*, de paginas 63 a 74 do referido documento.

[2] *Thiebault* (p. 127 a 130) dá noticia das conferencias reunidas em Lisboa a 26 e 28 de junho pelo general Junot, para conhecer a opinião dos seus generaes sobre o melhor partido a tomar na critica situação em que se via. Entre elles figurou o coronel Vincent, lendo esta memoria.

por depressões e valles estreitos que não deixam nenhum caminho praticavel, á excepção de duas estradas que vão de Torres Vedras a *Montachique* e *Mafra*.

As communicações entre Mafra e a costa são tão más e atravessam profundas cavidades de tal maneira que não se pôde suppor que o inimigo possa encaminhar-se em força atravez de semelhantes difficuldades.

O grande espaço de terreno entre Santarem, as alturas de Alemquer e a ponta nordeste de Montejunto, proximo do *Cercal*, onde passa a estrada de Lisboa ás Caldas, é bastante aberto, atravessado por numerosos caminhos, e apresenta poucas posições vantajosas a occupar.

Para o sul de Alemquer o terreno é accidentado pelos contrafortes da serra do Montejunto até á margem do Tejo, nos quaes se encontram posições que dominam muito bem a estrada que vem ao longo do rio para Lisboa.

Não muito distante da cumeada de Montejunto ha um mau caminho a leste, vindo da Abrigada dar ás plantações de vinhas, que começam na *Bueira*.

Estas idéas geraes do terreno mostram, que a serra de Montejunto obrigaria o ínimigo, que viesse das provincias septentrionaes, a dividir as suas forças, querendo marchar sobre Lisboa pelos dois lados da serra, ou a concentral-as para operar por um unico dos dois lados.

Não suppõe que o inimigo possa pensar em dirigir-se sobre Lisboa passando o Tejo, que será sem duvida efficazmente guardado de Lisboa a Constancia (antigamente Punhete).

Tratando dos meios a empregar para repellir estes ataques, o coronel Vincent diz que o exercito na defensiva teria a tomar para primeira posição a margem direita do Tejo nos seus pontos mais importantes; as alturas de Villa Franca e Castanheira, os postos de Santarem e Costancia, seriam solidamente occupados e reuniriam a dupla vantagem de cobrir o Tejo e de poder atacar o inimigo de flanco e retaguarda quando se mettesse pelo caminho da cumeada de Montejunto.

Do ponto importante de Constancia, a primeira linha continuaria por Thomar, Ourem, Leiria, indo d'ahi apoiar-se no mar: uma linha tão extensa seria antes uma *linha de observação* do que uma verdadeira linha defensiva.

Não se pode ter esperança de equilibrar as forças do inimigo no terreno entre Leiria e o Cercal, mas deve-se disputar esse terreno passo a passo, e depois d'isso a *primeira linha verdadeiramente forte a occupar* teria a sua esquerda apoiada na lagôa d'Obidos, d'onde, passando por uma pequena altura vizinha, se dirigiria pela Roliça, Bombarral e Cadaval, apoiando a sua direita em algum ponto inaccessivel da serra do Montejunto. D'esta linha difficil de forçar a retirada far-se-hia com ordem entre Peniche e Torres Vedras, postos muito susceptiveis de defeza, e cujas forças seriam augmentadas logo que fosse conhecido o projecto do inimigo.

O campo importante de Chões, Estira-Corda e Sobral (no qual o auctor queria pelo menos 1.500 homens) podia prestar um bom serviço n'esse caso, saindo as forças pelo valle de Runa (*Sizandro*) sobre o flanco ou a retaguarda do inimigo.

Se apesar d'isso, este conseguisse entrar pelo valle de Runa, e tornear a posição do Sobral, iria esbarrar com as posições de Mafra e Montachique, sobre as duas unicas estradas que conduzem de Torres Vedras a Lisboa. O bom successo d'esse ataque é por isso pouco verosimil.

No caso do ataque ser dirigido pela estrada principal que conduz a Lisboa pela margem do Tejo, esta estrada seria invencívelmente defendida pelas alturas de Alemquer, Villa Franca, Alverca, Povoa até Sacavem. Não é provavel que seguisse o caminho da cumeada, porque dava o flanco

ás tropas nas alturas de Alemquer e Villa Franca, e depois de muitos esforços ia dar com a posição muito defensiva do Sobral, onde encontraria novos obstaculos antes de chegar a Montachique.

Assim, é sómente depois de muitos esforços e perdas que o atacante chegará aos pontos avançados de *Sacavem*, *Bucellas*, *Montachique*, *Mafra*.

Admittindo que o inimigo chega a assenhorear-se d'essas posições, uma *nova linha susceptivel d'uma excellente resistencia* se apresenta para o deter:

Esta linha estende-se de Sacavem á Carvoeira; segue a cumeada direita da ribeira de Loures e a margem esquerda da ribeira da Carvoeira (*Chelleiros*). A altura do *Monte Cintra* bate a passagem da ribeira de Sacavem e a estrada; a *Cabeça d'Aguieira* bate o resto do valle e toda a planicie entre Friellas e Santo Antonio do Tojal, inuudada pelos mares e cortada de canaes.

Estas duas posições devem ser cuidadosamente conservadas, porque se o inimigo as forçasse, tornearia logo as outras que constituem a linha.

A *posição de Loures*, importante por virem dar ahi as estradas de Montachique e de Bucellas, deve ser defendida obstinadamente. O valle da ribeira de Loures até Almargem será facilmente defendido, occupando as alturas atraz das povoações de Pinheiro, Tojalinho e Louza.

O ponto mais fraco da linha é a parte comprehendida entre Almargem e a cabeceira do valle de Chelleiros, onde seria necessariamente o ponto de ataque. no caso do inimigo vir pela estrada de Mafra, e é indispensavel reconhecer com um cuidado particular os meios de occupar por alguns entrincheiramentos esta posição que carece dos auxilios da arte.

A povoação de Chelleiros, sobre a estrada de Mafra, será occupada com pouco trabalho, porque o valle é ahi profundo e o caminho muito escarpado. Quanto á parte da linha que se estende até á Carvoeira, basta uma vigilancia activa para livrar de todo o perigo um paiz tão facil de defender.

Resulta da descripção d'esta *linha principal de defeza,* que os principaes esforços do inimigo devem dirigir-se sobre o centro da linha, e, se chegar a forçal-a e a tomar o posto de Almargem a esquerda da linha deverá recuar sobre Cintra e as alturas do Ramalhão, e o centro sobre o Sabugo, que se tornará então o ponto essencial a bem defender, e que importaria entrincheirar com antecipação.

A parte fraca d'esta nova linha poderia ver-se tambem entre Ramalhão e rio de Mouro; mas forma ahi um reinterante consideravel em que o atacante póde ser envolvido.

Suppondo ainda que esta segunda linha muito forte cede tambem á superioridade do numero, torna-se então necessario concentrar mais a defeza, apoiando a direita na Cabeça d'Agueira, d'onde subiria a ribeira de Friellas até ao Lumiar e coroaria as alturas adiante da Luz, Bemfica, Porcalhota, e indo por Bellas, a margem esquerda da ribeira do Papel (*Barcarena*) que desagua no Tejo junto a Paço d'Arcos.

Esta notavel linha, pouco extensa, é susceptivel da melhor defeza. E' quasi inatacavel de Sacavem ao Lumiar, d'onde póde ser fortificada com pouco custo até á Porcalhota; o terreno um tanto aberto entre as alturas da Porcalhota e Queluz seria a parte mais fraca da linha e precisa ser fortificada. A posição do Lumiar, onde passam os differentes caminhos vindo de Friellas e de Loures, deveria tambem ser poderosamente guardada.

Admittindo finalmente que as forças do inimigo obrigassem a abandonar esta posicão extensa, a totalidade da cidade de Lisboa não póde mais ser defendida; mas a *posição central* da Penha de França, Senhora do Monte e Castello, dominando com toda a vantagem a parte mais pre-

ciosa da cidade, obrigaria ainda o inimigo a uma grande empreza e permittiria capitular em condições honrosas.

Temos, pois, em resumo para cobrir Lisboa por terra:

1.º Uma grande linha de observação passando por *Villa Franca*, *Santarem*, *Constancia*, *Thomar*, *Ourem*, *Leiria*, até ao mar.

2.º Duas linhas de posições avançadas, *Obidos*, *Roliça*, *Bombarral*, *Cadaval*, *Montejunto* — e *Mafra*, *Monchique*, *Bucellas*, com a importante posição de *Sobral* entre ellas;

3.º A linha principal de defeza, de *Sacavem*, por *Almargem* á *Carvoeira* podendo recuar a sua esquerda para a linha de *Cintra* ao *Sabugo*.

4.º A linha de defeza concentrada de *Sacavem* a *Paço d'Arcos*, coincidindo proximamente com a actual linha de defeza, salvo na sua esquerda.

5.º A *posição central* ou reducto da cidade na cumeada dominante da *Penha de França*, *Senhora do Monte*, *Castello*.

*

Mémoire sur la défense extérieure de Lisbonne. — Julho de 1808. [1]

Esta terceira memoria, devida tambem ao coronel Vincent, foi entregue a Junot pouco tempo depois da anterior. Ainda que seja, no fundo, a repetição da primeira, contém todavia algumas noticias mais sobre os meios a empregar para conservar Lisboa. Em alguns pontos é esta memoria mais explicita, fazendo valer muito as posições de Torres Vedras, Sobral e as alturas de Villa Franca e Alhandra. Exprime melhor as 3 direcções ou caminhos que o inimigo póde seguir sobre Lisboa, passada a linha Alcobaça-Abrantes, a saber:

1.º — Caldas, Obidos, Peniche, Torres Vedras, Runa ou Mafra;

2.º — Abrigada, Sobral, Bucellas, Loures, Lisboa;

3.º — Carregado, Castanheira, Villa Franca, Sacavem, Lisboa.

O distincto coronel Vincent escreveu ainda outras memorias sobre a defeza de Portugal, de que daremos noticia a seu tempo. Pelo summario das que ficam indicadas vê-se que se pode affirmar com certeza que — *em 1808 foram conhecidas pelos francezes as propriedades defensivas do terreno que se estende ao norte de Lisboa entre o Tejo e o mar, mais tarde chamado a peninsula de Torres Vedras ou de Lisboa.*

---

[1] Acha-se publicada no referido documento da obra de *Soriano* de p. 74 a 81. No texto acham-se inseridas muitas notas relativas aos acontecimentos que tiveram logar depois de estar escripta a memoria, como é facil de verificar, confrontando-a com outra publicada no *Spectateur Militaire*, tomo 16.º de 1833.

Memorias concernentes á defeza de Lisboa e praça de Peniche, offerecidas a S. Ex.ª o Sr. Junot, governador de Paris, etc., por Fortunato José Barreiros, major aggregado ao regimento de artilheria n.º 3. — Lisboa, 10 de dezembro de 1807. [1]

E' um opusculo manuscripto de poucas paginas, contendo a exposição geral e as instrucções di igidas ao governador de Peniche, tudo acompanhado de alguns mappas, dando a situação da artilharia e material de guerra por aquelle tempo existente na referida praça de Peniche.

A exposição sobre a defeza de Lisboa é muito resumida, contendo sómente indicações geraes.

---

[1] Estas memorias, segundo os apontamentos do barão de *Wiederhold*, devem existir no *Archivo Militar* da engenharia (Rel. 2.ª, Maço 5, n.º 114).

CAPITULO IV

A sublevação nacional contra Junot

Reanimação patriotica.— O indigno servilismo para com Junot tinha levado alguns homens pouco avisados, a proclamarem a impossibilidade de resistencia nas criticas circumstancias em que se achava o reino.

Outros portuguezes deixaram-se cahir n'um grande abatimento e n'uma lastimosa desesperança, suppondo-nos já riscados da lista das nações independentes.

O benemerito official d'engenharia *Neves Costa*, que se recusára a servir no corpo de engenheiros francezes para que fôra convidado, foi um dos poucos que resistiu a essa corrente desanimadora.

Conhecendo bem a grande influencia que o espirito patriotico d'uma nação póde ter sobre a sua defeza, procurou por meio da imprensa reanlmar em todos o verdadeieo patriotismo.

D'ahi resultou uma memoria com o seguinte e extenso titulo, que indica bem de que trata; «*Discurso preliminar d'uma memoria sobre a defeza do reino de Portugal, ou breve elogio da nação portugueza, commemoração das epochas em que o amor da indetendencia tem realçado o lustre e gloria das suas proezas; e refupação dos diversss argumentos allegados contra a* **possibilidade da defeza do reino**» [1].

E' possivel que o patriotico auctor fosse inspirado por uma outra obra que no mesmo sentido se escreveu em Londres em 1807, devida ao já citado general *Dumouriez*, e com o titulo; «*Campagnes du marechal de Schomberg, en Portugal, depuis l'anné*

---

[1] Foi publicada no *Investigador Portuguez*, em Londres, 1812.

1662 jusqu'en 1668.» [1] O motivo principal, que levou o auctor francez a escrever esta obra, foi mostrar á nação portugueza pelos factos heroicos do seu passado que a *sua salvação* estava em si propria.

«*Bravos portuguezes!* (exclama elle). *Os vossos gloriosos antepassados do fundo dos seus tumulos vos chamam ás armas!*»

Ou fosse por effeito de semelhante propaganda, ou por outras causas, é certo que os habitantes do paiz se levantaram por toda a parte contra os seus oppressores, e que foi a este *levantamento em massa* que a nação deveu principalmente o ver-se livre da invasão de Junot.

Este facto glorioso da nossa historia prova bem qne uma nação nunca deve desesperar em recuperar a sua independencia, desde que não estejam extinctos os pundonores de nacionalidade e patriotismo.

Não deixaremos por isso de lhe consagrar aqui um capitulo procurando especialmentente inquirir as principaes providencias que se tomaram para levar a effeito a libertação da patria na memoravel epocha de 1808.

Situação critica do paiz. — Havia decorrido meio anno depois que o exercito de Junot se assenhoreára de Portugal por uma traição politica para a qual se auxiliara com as tropas de Hespanha, e recorrera a falsas promessas de protecção e amisade.

Se a esse tempo era fraca a resistencia que se lhe poderia oppòr, inteiramente nulla se tornou ella depois, pelas oppressivas e tyrannicas medidas de Junot, pondo o paiz em estado de se vêr sem governo, sem dinheiro, quasi sem exercito, [2] sem armas, sem munições e sem outros recursos necessarios para lhes poder fazer guerra.

Em similhante estado parece á primeira vista que seria um acto de verdadeira temeridade, que por força havia de ser mal succedido, querer luctar contra os francezes. Mas era muito provavel que a Inglaterra, em defeza dos seus proprios interesses, se não deixasse ficar espectadora tranquilla d'uma insurreição portu-

---

[1] Ha um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde o consultamos.

[2] O exercito portuguez que era de 25.000 homens, quando Junot entrou n'este reino, achava-se por fim reduzido a 6.000 homens, dispersos e aggregados a varios destacamentos francezes, de que desertaram na sua maior parte logo que rebentou a insurreição no paiz.—*Soriano* (2.ª E, t. 1.º, p. 444). *Accurcio* (t. 4.º, p. 151 e t. 5.º p. 112).

gueza, e portanto, que nos prestasse valiosos auxilios. Tambem era de esperar que as tropas hespanholas auxiliares de Junot, acudindo ao grito da sua patria agonisante sob o mesmo jugo napoleonico, saissem ou desertassem de Portugal, e se levantassem mesmo contra os francezes, fazendo causa commum com os portuguezes no momento opportuno.

Este momento não tardou a apparecer. O espirito da formidavel revolução hespanhola, começada enthusiasticamente no mez de maio, communicou-se rapidamente ás nossas provincias do norte, onde era mais fraco o poder de Junot.

Á excepção da guarnição de Almeida, reforçada com a columna de Loison (4.000 homens) que se achava n'esta praça e suas immediações, não havia mais tropa franceza na Beira, Traz-os-Montes e entre Douro e Minho, do que um destacamento de uns 70 e tantos dragões no Porto ás ordens de Quesnel, outro de cerca de 50 homens em Coimbra, uma fraca guarnição na Figueira (100 homens), e os varios postos de gendarmes na linha de etapes de Lisboa a Almeida.

Revolução geral em todo o reino. — É do Porto que sáem as faiscas da revolução *(6-junho)*, logo extinctas pela timidez ou cobardia d'alguns que deviam ser dos primeiros a arriscarem a sua vida pela patria. Mas indo d'ahi atear o fogo em Bragança, *(11-junho)*, o general **Sepulveda**, apezar de velho e doente, não se aterrorisou no meio de tantos perigos e embaraços. Ajudado de verdadeiros e fieis patriotas, põe-se resolutamente á frente da revolução e a faz vingar na cidade; e depois successivamente em Miranda do Douro *(13-junho)*, Ruivães, Villa Real, Chaves, Villa Pouca, Moncorvo *(19-junho)*, e em toda a provincia transmontana.

Similhante procedimento honra muito a memoria do benemerito general Sepulveda. Pela sua firmeza e pelas acertadas medidas que deu, deve ser considerado como o primeiro esteio da restauração de 1808. [1]

De Bragança reverberáram as labaredas para o Porto *(19-junho)*, que d'esta vez lava pelo seu enthusiasmo a primeira nodoa de cobardia de que se manchára; e d'ahi lavram por Guimarães, Braga, Vianna e Barcellos *(20-junho)*.

No alto Minho a revolução começou em Melgaço *(9-junho)*, propagando-se a Monsão e outras terras com o apoio da Galliza.

---

[1] Não faltou quem lhe disputasse as honras d'essa primazía. *Accurcio das Neves* (t. 3.º. p. 116, 146 e 151) mostra que os seus emulos não teem razão nas suas pretenções.

Não podiam tardar as represalias de Junot. Apenas foi informado d'estes acontecimentos, ordena logo a Loison que marche sobre o Porto para obstar ao andamento e progresso da inssurreição do norte. O *Maneta*, nome porque Loison era conhecido entre o povo, sáe de Almeida *(17-junho)*, levando apenas uma fraca força *(1.800 homens)*, porque era forçoso deixar n'essa praça uma boa guarnição. É detido em *Mezão Frio (21-junho)*, na estrada da Regoa para Amarante [1] pela paizanagem mal armada, sendo obrigado a repassar o Douro *(22-junho)*. Perseguido por Lamego até Castro Daire, continuou a retirar em socego por Vizeu, Mangualde, Celorico, Pinhel *(30-junho)*, terras que depois da sua passagem, e animadas com a sua derrota, levantaram tambem o grito da independencia.

A esse tempo recebeu Loison ordem de retirar pela Beira Baixa em direcção a Abrantes e Santarem, o que logo executou, saindo com a sua divisão da praça de Almeida *(3-julho)*, onde apenas deixou uma fraca guarnição (1:200 homens).

Esta marcha de Loison foi acompanhada de grandes saques e atrocidades inauditas, commettidas nas principaes terras por onde ia passando, por terem tido o valor de acclamarem o governo legitimo. Foram principalmente victimas d'essa devastação de barbaros a Guarda *(3-julho)*, Alpedrinha e Sarzedas *(7-julho)*. As villas importantes de Covilhã, Penamacôr e Fundão escaparam a essa desgraça, passando-lhes Loison a distancia para se ver livre de tantos povos sublevados, que lhe iam dizimando a sua diminuta força.

Ao longo da costa a revolução patriotica foi seguindo rapidamente por Aveiro a *Coimbra (23-junho)*. D'esta cidade, onde se constituiu militarmente o corpo academico, que tão assignalados serviços prestou na heroica empreza da libertação da patria, seguiu por Montemór-o-Velho á Figueira da Foz *(27-junho)*, e Nazareth *(2-julho)*.

As fortalezas que os francezes occupavam n'estas localidades foram tomadas pelos sublevados, sem se atemorisarem com a proximidade das tropas de Thomieres *(2.000 homens)* que giravam por entre as Caldas, Obidos e Peniche. Uma pequena força de marinheiros inglezes (100 homens), desembarcada dos navios que vigiavam a costa, foi occupar a fortaleza que domina a barra do Mondego. Outras forças sairam das Berlengas para a costa da Nazareth e Pederneira.

---

[1] Os pormenores d'esta notavel acção pódem ver-se em *Accurcio*, t. 3.º, p. 236—*Soriano* 2.ª E, t. 1.º p. 259.—*Foy* t. 4.º, p. 211.

Mais para o interior a revolução lavrou por Condeixa, Pombal, Leiria e Thomar *(30-junho)*, já na Extremadura.

Desde a linha Abrantes-Peniche para o norte estava assim livre de invasores todo o paiz, excepto a pequena guarnição de Almeida, que todavia não tardou a ser bloqueada pelas milicias da Beira e Traz-os-Montes, logo que Loison se retirou; mas póude manter-se até á total expulsão dos francezes em setembro.

Das provincias ao norte do Douro, como uma lava ardente, veiu pois caminhando a revolta, tanto pela parte oriental da Beira, como pela zona littoral. Encontrou, porém, um grande dique nas margens do Tejo, que os francezes occupavam com a maior parte das suas forças.

Para conter essa onda revolucionaria, Junot manda sahir de Lisboa *(2-julho)* o general Margaron com uma divisão *(4:000 a 5:000 homens)*, a qual avançando por Rio Maior chega depressa a Leiria *(5-julho)*. Cérca esta cidade por todos os lados, derrota na passagem da Portella as diminutas forças (200 homens) que ahi se tinham postado, e *castiga* barbara e cruelmente a cidade e seus arrabaldes com um medonho saque «*e a mais horrivel carniceria, que póde caber na impiedade dos homens*». [1] Tudo isto era para aterrar os povos e servir de exemplo aos *rebeldes*, como se fosse *crime* um povo pugnar para reassumir os seus direitos usurpados por um governo intruso.

Deixando Leiria, o barbaro general marchou sobre Thomar *(9-julho)*. Esta cidade foi poupada por se lhe ter enviado uma deputação a pedir clemencia. Soffreu comtudo pesadas contribuições, e foi obrigada a prestar juramento de fidelidade a Napoleão. Depois d'isto Margaron, por ordem de Junot, retirou para Lisboa.

Por esse mesmo tempo tinha Loison chegado a Santarem *(11-julho)*, onde achou ordem para tomar o commando d'uma nova columna *(10:000 a 12:000 homens)* formada pela juncção das tropas d'outros generaes. Esta respeitavel força devia ir por Alcobaça conter a insurreição da costa e reconhecer os boatos de desembarque que já corriam. Chegou a saquear e destruir as povoações da costa da Nazareth e Pederneira *(14-julho)*, seguindo d'ahi até Leiria com destino a Coimbra; mas por fim recebeu contra-ordem para retroceder para Lisboa.

Nas provincias ao sul do Tejo, a sublevação contra os invasores tinha tambem principiado com lisongeiros auspicios em *Olhão* (*16-junho*) Sendo auxiliada pelos visinhos hespanhoes de Aya-

---

[1] *Accurcio*, t. 4.º — *Soriano* 2.ª E., t. p. 274.

monte e Badajoz, fazia ahi tantos progressos como fizera nas do norte, sem saberem estas o que se passava n'aquellas e vice-versa, porque estando os francezes senhores das margens do Tejo, embaraçaram as communicações entre umas e outras provincias. A ter-se communicado o norte com o sul do reino, e a poderem-se unir e combinar os seus esforços, o resultado da empreza restauradora seria de certo muito mais prompto e decisivo.

Todavia os patriotas do Algarve, tendo por chefe o general conde de Castro Marim (depois elevado a marquez de Olhão) que tinha sido esbulhado pelo governo intruso do cargo de governador das armas do Algarve, conseguiram em menos de 8 dias acossar em varios encontros os differentes destacamentos francezes (*mil e tantos homens*), que, sob as ordens do general Maurin, guarneciam a provincia.

Afinal estes, vendo-se obrigados a evacual-a completamente, retiraram-se para Mertola (*22-junho*) e d'ahi para Beja (*25-junho*), outra victima da crueldade franceza por se ter recusado a satisfazer as suas requisições.

No Alemtejo, era consideravel a força (*8:000 homens*) que por esse tempo os generaes Kerlleman e Avril tinham em Elvas e Extremoz para fazerem frente aos hespanhoes em Badajoz. Por consequencia seria arriscada qualquer tentativa de restauração n'essa fronteira. Comtudo os habitantes de *Villa Viçosa* não se assombram com isso: capitaneados por um sargento mór de milicias, Antonio Lobo Infante de Lacerda, atacam um destacamento francez que estava na villa, e arvoram as quinas nos velhos muros do seu castello (*19-junho*). Foi infeliz, porque o general Avril depressa acudiu aos seus. Mas é admiravel a sua ousadia; e não obstante o seu desastre, nem por isso esfriou nos alemtejanos o patriotismo e a pertinacia da insurreição contra os francezes.

A *praça de Juromenha*, foi tomada por Antonio Lobo e outros fugitivos de Villa Viçosa, com a auxilio de 200 hespanhoes ás ordens do brigadeiro Moretti. Resistiu denodadamente a todas as expedições que Kellerman mandou contra ella. Tornou-se um verdadeiro ponto de apoio, servindo de foco á revolução do Alemtejo: com a sua assistencia e com os auxilios enviados de Badajoz e Valencia d'Alcantara, não tardaram a declarar-se em favor do governo legitimo, as praças de Marvão (*26-junho*), Campo Maior (*2-julho*), Ouguella (*4-julho*), Arronches, Castello de Vide e Portalegre (*6-julho*).

A *praça de Estremoz* só mais tarde se restaurou (*12-julho*), depois que Junot, vendo-se obrigado a concentrar em Lisboa todas as suas forças, mandou retirar as que tinha no Alemtejo.

Para que esta provincia se podesse considerar toda livre dos invasores, faltava só libertar: *Elvas*, a principal praça de Portugal n'aquelle tempo; *Evora*, a rica e populosa capital da provincia; e a zona littoral do rio *Sado*.

A primeira ficou com uma pequena guarnição franceza (1:300 homens), reforçada por um destacamento portuguez; e não obstante a grande deserção que se deu n'esta ultima força, não foi de todo restituida ao governo legitimo, senão quando ahi chegaram as tropas inglezas que deviam occupal-a em virtude da convenção de Cintra. [1]

Emquanto a Evora, estabeleceu-se ahi (*20-julho*) o governo central da provincia do Alemtejo, sob a presidencia do arcebispo de Evora e do general Francisco de Paula Leite, que desde 23 de junho residia retirado n'uma quinta, junto a Evora. Concorreram muito para isso as diligencias e instancias de Antonio Lobo e Moretti, depois da restauração de Extremoz, e as promessas de auxilios enviados de Badajoz.

Mas teve um exito desgraçado, porque Junot fez sahir de Lisboa o terrivel Loison, conduzindo uma forte divisão (6:000 infantes, 600 cavallos e alguma artilharia), a fim de reprimir a insurreição do Alemtejo, e restabelecer as communicações com Elvas, cuja posse lhe importava muito para por ahi poder retirar para Hespanha em caso de se vêr apertado pelos inglezes.

Logo que em Evora correram boatos de que os francezes haviam passado o Tejo entre Lisboa e Cacilhas (*25-julho*), tratou-se apressadamente de organisar a sua defeza, e de juntar toda a força armada que se lhe havia de oppôr, a qual não chegava a 1.800 homens, sendo a maior parte hespanhoes, enviados de Badajoz. [2]

A defeza exterior da cidade tinha-se estabelecido nas alturas dos *moinhos de S. Bento*, posição vantajosa que domina a estrada real para Montemór-o-Novo.

Apenas Loison chegou ao alcance da artilharia ahi postada, dividiu as suas tropas em tres columnas de ataque, sendo duas destinadas a lançar um cordão em volta da cidade para não deixar sair ninguem, e a outra sob o commando d'elle proprio a atacar a posição de S. Bento. Com a approximação do inimigo, algumas forças postadas na encosta do alto de S. Bento puzeram-se

---

[1] As particularidades do que se passou em Elvas pódem vêr-se na obra de *Accurcio das Neves* (. 4.º p. 130 e t. 5.º p. 295).

[2] (*Ibidem*), t. 4.º p. 131, dá o detalhe d'essas forças, em que figuravam só 700 portuguezes, sendo 1.070 hespanhoes.

logo em debandada. Só os artilheiros e infanteria n.º 3 de Estremoz sustentou bem os seus postos até ao fim da acção, pelo que foram dignos de grandes elogios. O general Leite o a maior parte dos fugitivos retiraram-se pelas estradas de Monsaraz e de Extremoz em direcção a Villa Viçosa, Juromenha e Olivença.

Vencidas as tropas regulares, os francezes penetraram com pouco custo na cidade, em cujos muros se lhes oppoz ainda alguma resistencia, «e que de repente se tornou n'um *horrivel theatro* de sangue, de mortes, de roubos, de sacrilegios, de abominações e espantosas deshumanidades». [1]

Depois d'esta horrorosa mortandade que durou até ao meio dia seguinte, tratou o cruel vencedor de restabelecer a auctoridade franceza em Evora, e Estremoz (*que pediu clemencia*), d'onde partiu para Elvas (*3-agosto*), sem nada intentar contra Borba e Villa Viçosa, apesar de passar perto d'ellas, porque tinha pressa de entrar n'aquella praça antes que os hespanhoes o embaraçassem. Em Elvas recebeu ordem de Junot para retirar a toda a pressa para Abrantes, [2] a fim de tomar parte nas operações contra os inglezes que a esse tempo estavam desembarcando em Lavos. Seguindo por Arronches, Portalegre, Tolosa, Gavião, chegou a Abrantes (*9-agosto*), depois de ter perdido um grande numero de soldados mortos de sede e de fadiga.

Na costa do Alemtejo tinha-se já restaurado *Alcacer do Sal (26-julho)*; mas depois da desgraça de Evora, a junta de Beja, receando que Loison a atacasse, tinha feito retirar a pequena força que estava em Alcacer, ás ordens do capitão Sebastião Martins Mestre, ficando assim as margens do Sado novamente expostas ás incursões dos francezes que occuparam a importante posição de Setubal. No principio de agosto, tendo passado o perigo, voltou o capitão Mestre a occupar Alcacer (*17-agosto*) e depois Setubal (*26-agosto*), porque Junot, precisando defender bem o Tejo, mandou retirar as forças do sul para Almada, deixando apenas uma pequena guarnição (*300 homens*), no castello de Palmella.

Pelo mesmo tempo o general Manuel Pinto Bacellar com um pequeno corpo formado com alguns soldados e milicianos de Traz-os-Montes e da Beira, auxiliado por uma brigada de egual

---

[1] *Soriano* (2.ª E. t. 1.º p. 296), dá as particularidades do combate adiante de Evora, e das crueldades praticadas pelos francezes n'esta cidade.—*Accurcio* (t. 4.º p. 130) e *Foy* (4.º p. 272) comprovam tudo isso.

[2] «Accourez à Abrantes *(ecrivait Junot à Loison)* il n'y a pas un moment à perdre; abandonnez tous vos projets, quand même vous seriez sur de prendre Badajoz».—*Foy* (t. 4.º p. 300.)

força hespanholas ás ordens do marquez de Valadares operava por Vizeu e Castello Branco sobre Abrantes (*17-agosto*), a fim de observar as forças de Junot, se este tentasse retirar por ahi sobre a fronteira da Beira, e o corpo do general Bessiéres que a esse tempo operava na zona limitrophe da Hespanha, e podia entrar pela nossa fronteira em auxilio de Junot.

Entretanto o general Leite reunira em Olivença as tropas dispersas na acção de Evora, e partindo nos fins de agosto para Campo Maior, onde se lhe juntaram alguns corpos regulares, fez a sua juncção cam as tropas do Algarve, que, sob o commando do general marquez de Olhão tinham subido por Mertola para Evora.

Reorganisação dos nossos meios de defeza.— Subjugada ainda a cidade de Lisboa, e impossibilitados os governadores legitimos do reino de reentrarem no exercicio das suas funcções, não se podia dispòr dos immensos recursos dos arsenaes da capital, para a reorganisação do exercito.

Foram-se por isso reunindo os poucos qae se poderam ancontrar nas diversas provincias, á medida que estas se iam levantando, graças aos cuidados das juntas do governo, que se formaram nos fócos da revolução, especialmente em Bragança, Porto, Coimbra, Faro, Campo Maior, Estremoz.

Não obstante a falta de nexo e de harmonia que houve entre as juntas do norte e do sul do reino, e mesmo entre algumas d'estas ultimas, todos os seus presidentes se houveram com grande empenho e actividade em arranjar o mais essencial para a causa que se propuzeram fazer triumphar, a saber; *allíados*, *dinheiro*, *exercito*.

Pelo que diz respeito a *alliados* não havia difficuldades que aplanar. Tanto a Hespanha como a Inglaterra estavam, por seus proprios interesses, nas melhores disposições para nos auxilar na justa e nobre causa que defendiamos e ambas nos prestaram a mais efficaz cooperação, cedendo ás sollicitações do general Sepulveda, do bispo do Porto, e do marquez de Olhão. [1]

Emquanto a *dinheiro*, pediram-se á Inglaterra e ao paiz emprestimos avultados, crearam-se varios impostos, arrecadaram-se melhor as rendas publicas, confiscou-se tudo o que era francez ou destinado ao seu governo, e invocou-se o patriotismo de todos os portuguezes, convidando-os a concorrerem com donativos vo-

---

[1] *Accurcio das Neves* (t. 3.º, p. 149, 298. 302) — *Soriano* (2.º E. t. 1.º p. 311 e t. 5.º 57).

luntarios não só dinheiro, mas de tudo o mais que podessem offertar em auxilio da causa publica. [1]

Pelo que pertence ao *exercito* era necessario ajuntar primeiro todos os seus elementos constituintes, que consistem em soldados, cavallos, armas e munições. Era necessario depois d'isso sustentar-se, disciplinar-se e aguerrir-se a tropa. Homens appareceram facilmente, accudindo logo ao chamamento ás armas os paizanos, as ordenanças, as milicias e os soldados licenceados ou com baixa que existiam pelo paiz. Foi necessario comtudo algum tempo para se reorganisarem e reconstituiram os antigos corpos de tropas regulares. Um dos maiores embaraços que houve para esta reorganisação, foi a extrema falta de officiaes.

Valeram, porém, de muito os serviços que, com toda a dedicação e patriotismo, prestára o general Bernardim Freire de Andrade, restituido ao logar de governador das armas do partido do Porto, e o seu quartel mestre general D. Miguel Pereira Forjaz, o mesmo que depois se fez tão celebre como secretario dos governadores do reino. [2]

Os proprios ecclesiasticos seculares e regulares correram ás armas, como os mais cidadãos, para tomarem parte n'esta cruzada restauradora e deve-se-lhes muito, não só pelo valor e actividade que desenvolveram, mas tambem pelo enthusiasmo que sabiam inspirar a todos.

Era a consequencia natural da guerra que os francezes tinham feito á religião, atacando-a nos seus principios, lançando as suas mãos avidas sobre os templos e os bens do clero que assim se tornou seu implacavel e poderoso inimigo, tanto pelo numero, como pela grande influencia que exercia sobre os povos.

Assim, emquanto por um lado se reorganisaram as poucas tropas regulares que era possivel ajuntar, por outro lado reuniam-se multidões de gente [3] á voz dos parochos e dos capitães-móres nas principaes terras do paiz.

Infelizmente toda essa paizanagem, armada de chuços, varapaus, fouces, caçadeiras e sobretudo sem *educação militar*, estava longe de dar *soldados*. Chegou mesmo a ser prejudicial pelos

---

[1] *Ibidem* (t. 4.º p. 191) dá noticia das consideraveis sommas que produziram os donativos voluntarios.—Os soccorros pecuniarios da Inglaterra chegaram a milhão e meio de cruzados (p. 196.)

[2] *Soriano* dá os promenores d'essa reorganisação nas diversas provincias. (2.ª E. t. 1.º p. 257, 284, 288, 290).

[3] *Accurcio* (t. 3.º p. 244) avalia em 60:000 homens só a gente de Villa Real, Amarante e Guimarães que se reunira no Douro á approximação de Loison.

seus tumultos contra as auctoridades constituidas, sobre que recaía a menor suspeita de *jacobinismo*. Se tivessem alguma disciplina adquirida em alguns exercicios de tempo de paz, como se faz nos exercitos modernos que tratam de preparar as massas que hão de constituir a segunda linha, seriam sem duvida uma enorme e respeitavel força, dispensando exercitos auxiliares estranhos.

Com relação a armamento e munições de guerra havia, além do deposito principal em Lisboa que estava muito bem guardado pelos francezes, [1] alguns depositos d'armas em Chaves, Porto, Coimbra e sobretudo em Extremoz, [2] que foram logo distribuidas pelas tropas e pelo povo. Concertaram-se muitas armas velhas e outras inutilisadas pelos francezes. Receberam-se muitas armas e bastante polvora de Hespanha e da Inglaterra principalmente na occasião da chegada da expedição de Wellesley. [3]

Tal foi o modo porque em Portugal se poude chegar, no fim de dois mezes, a um *levantamento completo*, e a obter uma *força armada* de 16:000 a 18:000 homens de tropas de primeira linha, cuja situação geral no mez da agosto era a seguinte: [4]

O exercito de operações, chamado da Extremadura, reunido em Coimbra (*5-agosto*) sob o commando do general Bernardim Freire	7:600 hom.
O pequeno corpo de observação da Beira ás ordens de Bacellar em Castello Branco (*12-agosto*)	2:000 »
O exercito do sul, formado pela juncção das tropas de general Leite e marquez de Olhão, em Evora e Setubal (*fins d'agosto*)	6:000 »
As forças regulares empregadas no bloqueio de Almeida, guarnição do Porto e outras terras	2:000 »
Total	17:600 »

Commentarios.—Deduz-se do que temos exposto que a esse tempo os francezes achavam-se circumscriptos ás visinhanças de *Lisboa*, que muito lhes importava conservar em seu poder, á praça de *Peniche*, baluarte da costa ameaçada pelos inglezes, e ás praças de *Elvas* e *Almeida*, atalaias da Hespanha, para onde

---

[1] *Ibidem* (t. 3.º, p. 264.)

[2] *Ibidem* (t. 3.º, 139, 169, 215, 224, 234, 275 e t. 4.º p. 117.)

[3] *Soriano* (2.ª E., t. 1, p. 371).

[4] Este summario das nossas forças de primeira linha é o que resulta das informações de *Soriano* (2.ª E. t. 1.º, p. 342, 371, 375, 421) e *Accurcio das Neves* (t. 4.º, p. 177, 187).

Segundo o mesmo *Soriano* (p. 271) as milicias podiam elevar-se a 10:000 homens, e as ordenanças talvez a 15:000.

era preciso assegurar a sua retirada, bem difficil a esse tempo, em consequencia da derrota de Dupont em Baylen, e da retirada do rei José para o Ebro. Junot via-se, portanto, reduzido a um *estado critico e embaraçado*, que muito facilitou as operações do exercito auxiliar inglez, embora se considere este como a mola principal que o obrigou á evacuação de Portugal.

Em conclusão, a universal hostilidade dos portuguezes contra o exercito de Junot foi formidavel, vantajosa e gloriosa. Nada ha mais grandioso do que o enthusiasmo d'um povo inteiro pugnando pelos direitos da sua independencia. Os portuguezes de 1640 e os portuguezes de 1808 formam dois quadros gloriosos nos nossos feitos historicos.

CAPITULO V

Campanha de 1808

Plano offensivo de Wellesley.—O general inglez, sir Arthur Wellesley, depois lord Wellington, que tão celebre se tornou nas campanhas contra a França, parecendo predestinado pela Providencia para derribar o colosso napoleonico que opprimia os povos da Europa, tinha já grande reputação militar, fundada nas suas campanhas da India, quando o seu governo o nomeou pela primeira vez para vir emancipar a Peninsula da posse dos seus adversarios.

Muito habil na concepção dos seus planos de guerra e feliz na sua execução, o que era devido á grande sagacidade do seu genio, á solidez do seu juizo, á promptidão e firmeza das suas decisões depois de bem pesadas todas as circumstancias occorrentes, e além de todas estas qualidades tão raras e preciosas, dotado d'um temperamento que lhe permittia supportar toda a especie de fadigas e privações, foi um terrivel rival de Napoleão em saber militar e fortuna de guerra.

Segundo as instrucções do governo britannico, [1] Wellesley, saindo de *Corck* com 9.000 homens, devia dirigir-se para a costa occidental da Peninsula, tendo por objecto—auxiliar ao mesmo tempo a Hespanha e Portugal—na guerra que tão heroicamente promoviam contra a França.

Podia tambem, segundo as circumstancias, dispor da divisão *Spencer* (5:000 hom.) cujo primitivo destino fôra auxiliar os hespanhoes pelo porto de *Cadiz;* e foi avisado que lhe seriam enviados importantes reforços pelo general *Ackland* (5:000 hom.) e pelo general *Moore* (10:000 hom.)

---

[1] *Soriano,* documento n.º 26 (E. 2.ª, t. 5.º)

Na hypothese de começar o auxilio por Portugal, recommendava-se-lhe que tentasse o desembarque na embocadura do Tejo de combinação com a esquadra do almirante *Cotton*, e empregasse os seus esforços para repellir o inimigo de Lisboa e cortar-lhe a sua retirada para Hespanha. Todavia era auctorisado a proseguir outro qualquer objecto que melhor lhe parecesse conduzir para o bem das duas nações da Peninsula.

Durante a viagem da expedição, Wellesley communicou com a junta da *Corunha (20-julho)*, a qual desejou que as tropas se empregassem antes em expellir os francezes para fóra do reino portuguez do que desembarcarem em Cadiz ou em qualquer outro porto de Hespanha. Depois teve uma conferencia com os generaes e o bispo do Porto (*24-julho*), que lhe prometteram a cooperação das nossas tropas, meios de transporte e gado para abater, no caso de desembarcar na costa do norte do reino. A final teve outra conferencia com o almirante Cotton fundeado á entrada do Tejo (*26-julho*), para combinarem as suas operações militares.

O resultado de todas estas conferencias foi o general Wellesler assentar firmemente as seguintes bases a que devia obedecer o seu plano de campanha. [1]

1.ª Que o primeiro objecto capital para todas as tres nações alliadas era a expulsão dos francezes para fóra de Portugal;

2.ª Que nem o corpo do general Spencer nem o seu eram bastante fortes para que separados podessem aproveitar em qualquer parte, ao passo que reunidos poderiam preencher o fim desejado;

3.ª Que era muito arriscado e de mau conselho effectuar o desembarque junto á embocadura do Tejo;

4.ª Que era na bahia do Mondego que se devia escolher o ponto para desembarque;

5.ª Que effectuado o desembarque, era a posse de Lisboa e do Tejo, que se devia considerar sempre como o fim essencial da campanha, tanto para os inglezes como para os francezes;

6.ª Que para o conseguir seria necessario dar batalha, e havia boas razões para esperar que os inglezes a ganhariam;

7.ª Finalmente que o inimigo sendo vencido n'esta batalha, tentaria retirar-se pelo Alemtejo para Elvas, ou ao longo da margem direita do Tejo por Santarem para Almeida.

E' sobre semelhantes bases tão simples e solidas, que appa-

---

[1] Vide documentos n.os 26-A, 35-B, 35-D, pubicados na obra de *Soriano* (E. 2.ª, t, 5.º)

rece architectado o seu plano de campanha, cujos pontos essenciaes vamos extrahir dos documentos relativos ao seu interessante depoimento na commissão de inquerito reunida em Inglaterra depois da campanha. [1]

1.º — Desembarcar as forças da sua expedição sem perda de tempo na costa do Mondego.

2.º — Marchar immediatamente ao desembarque — sem aguardar os ulteriores reforços de que tinha sido avisado — na direcção de Lisboa, pelo caminho da costa, com a cooperação das tropas portuguezas promettidas.

3.º — Fazer seguir esta marcha por alguns dos navios da flotilha ao longo da costa, lançando em terra nos pontos convenientes as provisões de guerra e de bocca necessarias ao exercito.

4.º — Reconhecer no decurso da marcha para a frente a posição de Peniche, e se julgasse necessaria a sua occupação fazer atacal-a pelo reforço commandado pelo general Ackland, quando este chegasse á costa. No caso de isso não ser necessario, o mesmo general receberia ordem de se reunir á esquadra defronte do Tejo, com as vistas de desembarcar n'uma das bahias proximas de Lisboa, em occasião opportuna, que seria quando elle proprio Wellesley, tendo avançado pela estrada de Mafra sobre a capital, se achassem já perto d'esta para o auxiliar em semelhante operação.

5.º — Quando chegasse o corpo do general Moore, fazel-o desembarcar no Mondego e marchar d'alli para Santarem, onde se acharia ao alcance de auxiliar as operações pelo littoral — obrigando os francezes a destacar forças para o valle do Tejo — ou de cortar a retirada ao inimigo para Almeida ou Elvas.

Taes são as linhas geraes do plano que se nos afigura muito bem concebido. Abstenho-me de o criticar por mim proprio, por falta de competencia para censor de tão abalisado general. Mas parece-me muito instructivo, sob o ponto de vista especial d'este *Summario*, deixar aqui bem consignada a critica das auctoridades e escriptores competentes, bem como as considerações justificativas do proprio auctor do plano.

A escolha do sitio para qualquer desembarque de tropas na nossa costa é assumpto digno de consideração nos estudos de defeza do reino. Registemos pois as razões que levaram o general inglez a escolher a bahia do Mondego. [2]

---

[1] *Ibidem.*

[2] Documentos de *Soriano* (E. 2.ª, t. 5.º p. 88, 139 e 188).

A costa de Portugal é em geral perigosa para effectuar um desembarque. Ao mais pequeno vento do sul ou oeste levanta-se ao longo d'ella uma tal resaca das vagas que é quasi impossivel abordal-a. E' por isso duvidoso que as primeiras tropas desembarcadas possam ser protegidas a tempo por aquellas que têem de as ir sustentar, e mais duvidoso é ainda que os cavallos da artilharia e da cavallaria, bem como as previsões de toda a ordem, possam ser postos em terra por qualquer maneira.

Ainda que o exercito inteiro chegasse a tomar terra, corria-se o risco do embate das resacas impedir o desembarque das provisões necessarias.

O ataque proposto pelo governo inglez sobre a bahia de Cascaes era impraticavel, porque esta bahia se achava muito bem defendida pelo forte de Cascaes e por varias outras obras, não podendo a esquadra approximar-se o bastante para fazer calar o seu fogo.

O desembarque em Paço de Arcos não podia effectuar-se senão depois de ter feito calar o fogo da torre de S. Julião, o que pareceu impossivel áquelles que disto haviam de ser encarregados.

Havia ainda que attender ás fortalezas do Bugio, Belem, e dentro do porto ás baterias do Tejo, castello de Lisboa, Almada, e sobretudo á esquadra russa do almirante Siniavin que n'elle fundeava, e tinha promettido a Junot atacar os inglezes *no caso de forçarem a passagem do Tejo.*

Um desembarque em qualquer das pequenas enseadas na proximidade do cabo da Roca offerecia tambem difficuldades: estas enseadas são pouco amplas, e só um pequeno numero de tropas poderiam n'ellas desembarcar a um tempo; além d'isso achavam-se defendidas por obras, que se deviam igualmente fazer calar.

Estas difficuldades para desembarque de tropas em qualquer das bahias proximas de Lisboa, teriam sido ainda augmentadas pela vizinhança do inimigo, que tinha perto d'ellas todas as suas forças disponiveis, de sorte que as tropas seriam expostas a ser atacadas no critico momento de tomarem terra, e na occasião em que provavelmente se achassem n'um mau estado, e seguramente muito mal dispostas para combater.

A peninsula de Peniche apresenta uma bahia de accesso facil, e propria para um desembarque, mas o fundeadouro era defendido por um forte bem occupado pelo inimigo [1] e que seria necessario tomar por um ataque regular.

Para o norte de Peniche, a costa mais approximada de Lisboa, que offerecia maior facilidade para o desembarque, era a da bahia do Mondego.

Operando aqui o desembarque, tinha-se a vantagem de assegurar melhor a cooperação das tropas portuguezas que haviam marchado do Porto para Coimbra; e como a fortaleza da barra na Figueira estava occupada por marinheiros inglezes (desde que foi tomada pelos estudantes de Coimbra), não havia receio de resistencia do inimigo por este lado.

O projecto de desembarque na parte da costa junto ao Mondego era portanto o que parecia mais rasoavel adoptar; e convinha effectual-o antes do fim d'agosto, para evitar maiores agitações do mar, e não dar tempo á reunião das forças que o inimigo por aquelle tempo tinha dispersas.

Um outro ponto importante a considerar, e que foi objecto

---

[1] *Napier* (t. 1.º p. 247) diz que n'essa epocha havia na praça de Peniche 100 peças de artilharia e uma guarnição de 1:000 homens.

da censura dos generaes Burrard e Dalrymple, é o de *não ter esperado pelos reforços antes de se pôr em marcha para Lisboa.* [1]

Não tendo a lucidez de espirito, que era a qualidade particular e caracteristica do seu eminente collega, esses generaes, não poderam formar, como elle, uma idéa perfeita da situação relativa dos dois exercitos em presença, e por isso classificaram essa resolução como *imprudente e temeraria.* [2]

Wellesley sem querer attenuar a grande difficuldade e risco d'essa empreza defende-se perfeitamente indicando as razões que o determinaram a proceder assim, taes foram: a situação dispersa das tropas francezas em Portugal, d'onde resultara considerar a sua propria força como sufficiente para o bom successo das suas *primeiras* operações; a certeza de que os reforços chegariam em breve vindo augmentar essa força no momento preciso; a promessa da cooperação immediata do general Bernardim Freire, augmentando portanto desde logo a sua força; e a final o receio de que os portuguezes desanimariam consideravelmente, vendo que as tropas inglezas não se atreviam a desembarcar promptamente para medir as suas armas com as dos francezes.

Os factos provaram, como veremos adiante, que Wellesley não se enganou nos seus calculos, pois que em cada encontro com o inimigo teve sempre sobre elle a superioridade numerica.

A importantissima questão de fazer subsistir o seu exercito foi previdentemente resolvida por Wellesley. As tropas inglezas vinham aprovisionadas para pouco tempo, e o seu principal abastecimento era o pão. Por essa razão, quando tocou no Porto tratou de assegurar com o respectivo bispo o fornecimento de carne, vinho e forragens, tiradas do nosso paiz, e egualmente as mulas e outros meios de transporte necessarios. [3]

A flotilha seguindo os movimentos do exercito alliava-o consideravelmente da *impedimenta.*

Todavia era de receiar que a communicação com esta flotilha se tornasse muito precaria, tanto por causa do estado das resacas na costa sobre os differentes pontos designados para o encontro, como porque podia succeder ser mais vantajoso para o exercito seguir um outro caminho no interior (em logar do caminho da beiramar).

Dispuz-me, portanto, para levar com o exercito uma quantidade de artigos de primeira necessidade, sufficiente para que podesse prescindir

---

[1] *Soriano* (E. 2.ª, t. 5.º, p. 149).

[2] *Idem*, p. 152.

[3] Tudo isso foi possivel fornecer e encontrar nas localidades. (*Ibidem* pag. 97. 98, 141, 190).

da flotilha até á sua chegasa ao Tejo, no caso em que as circumstancias se oppozessem a que se communicasse com ella ou que se julgasse vantajoso separarmo-nos d'ella. [1]

O quarto e ultimo ponto a considerar, mas que deu logar a maior discussão, era a operação de *destacar o corpo do general Moore para Santarem*, o que equivalia a adoptar uma dupla linha de operações — seguindo as outras forças pelo caminho da beiramar.

A objecção do general Burrard a este respeito foi — não ser o corpo de Moore bastante forte para se oppor ao inimigo quando este se retirasse pela estrada de Santarem [2] — e ser difficil aprovisional-o para uma operação interior a tal distancia do resto do exercito. [3]

Sir Arthur respondendo a semelhante censura mostrou a grande probabilidade que havia dos francezes tentarem retirar-se em ultimo recurso para Elvas ou Almeida; e que a occupação da posição de Santarem pelo corpo de Moore estava calculada para cortar a retirada n'aquellas duas direcções; no primeiro caso, pela facilidade e celeridade com que teria atravessado o Tejo; e no segundo, porque Santarem se achava sobre a estrada que o inimigo teria necessariamente tomado.

Por outro lado tinha a certeza de que os francezes não teriam querido e mesmo não teriam podido abandonar Lisboa e o Tejo sem combater; e era permitido pensar que este combate o teria bastante enfraquecido, a ponto do corpo de Moore lhes poder servir de obstaculo. Em todo o caso é de suppor que, se este combate tivesse tido logar, elles teriam sido perseguidos por uma parte do exercito, que n'esta suposição os teria posto em derrota.

Olhara a posição de Santarem como tão pouco perigosa e ao mesmo tempo tão vantajosa, que se o reforço trazido pelo general Ackland (*metade da força de Moore*) estivesse em condições de operar isoladamente, lhes teria dado ordem para ir occupar aquella villa. [4]

Em quanto ao aprovisionamento do corpo de Moore, lembra que tinha discutido com sir Burrard as difficuldades que contra isso havia.

Não duvidava que se podessem achar carros sufficientes para esse corpo, na zona do paiz sobre as margens do Mondego, podendo mesmo formar-se um deposito de generos em Leiria, e n'esta mesma cidade encontrar meios de os transportar para Santarem, com tudo mais que necessario lhe fosse.

Pela sua parte o general Dalrymple objectou — que a linha de marcha da beiramar deixára á descripção do inimigo todas as fortes posições — ao que Wellesley retarquiu poder certificar-lhe que muito difficilmente se achará uma linha de marcha qualquer em Portugal que não forneça fortes posições a um exercito operando na defensiva. [5] Não obstante nota haver uma vantagem real ligada á linha que tinha escolhido, tal era a de tornar inutil a cavallaria mais numerosa do inimigo, e não enfraque-

---

[1] *Ibidem*, p. 142.
[2] *Ibidem*, p. 175.
[3] *Ibidem*, p. 192.
[4] *Ibidem*, p. 90 e 176.
[5] *Ibidem*, p. 151.

cer as suas proprias forças para assegurar a sua communicação com o rio Mondego, quando ella caisse sobre si. Tomando pelo contrario a linha da beiramar e dependente como se achava dos seus viveres postos a bordo dos navios, a sua communicação era tão curta que ella se defendia por si mesma.

Rematando esta critica do plano de Wellesley, apresentamos a opinião d'um distincto e muito auctorisado escriptor inglez, qual é o coronel **Napier**, cuja penna traçou excellentemente sob o titulo de *Historia da guerra da Peninsula*, uma relação completa, vastissima, e muito veridica de todos os acontecimentos d'essa memoravel guerra.

Ainda que as linhas d'operações duplas sejam realmente desvantajosas e contrarias aos verdadeiros principios, Napier [1] é de opinião que, n'esta campanha — «a dupla linha proposta por sir Arthur era estrictamente *scientifica*» — e para o provar aprecia devidamente as consequencias provaveis d'um tal movimento, como em seguida transcrevemos.

«Situada quasi na extremidade da lingua de terra que avança entre o mar e o Tejo, Lisboa é defendida ao norte por montanhas, cujas linhas successivas e quasi parallelas se confundem bruscamente em uma só, que se estende de Torres Vedras até Alhandra, sobre o Tejo. Como estas alturas não podem ser atravessadas por um exercito senão em alguns pontos, as intersecções dos diversos caminhos são outras tantas posições fortes.

«A grande massa do Montejunto parece conduzir perpendicularmente ao centro da primeira linha; mas, parando a algumas milhas de distancia, um dos seus contrafortes, chamado serra do Barregudo, dirige-se oblíquamente para Torres Vedras, de que não é separado senão por um profundo desfiladeiro.

«Resulta d'esta disposição do terreno que um exercito, marchando do Mondego para Lisboa — deve passar ao norte do Montejunto e seguir a linha do Tejo — ou caminhar pelo lado occidental d'esta montanha e chegar á posição de Torres Vedras.»

Se Wellesley tivesse escolhido a primeira d'estas linhas d'operações, seria obrigado a mandar vir do Mondego os comboios de viveres, e isso era um grande obstaculo para os movimentos rapidos do seu exercito.

Além d'isso a numerosa cavallaria inimiga teria cortado as suas communicações; e então seria preciso effectuar a sua retirada ou forçar as posições da *Alhandra*, *Alverca*, *Sacavem*.

Adoptando a segunda linha era preciso tomar Torres Vedras, e depois *Mafra* ou *Montachique*, conforme a direcção em que Junot operasse a sua retirada. Se Mafra fosse forçada — pois que nem esta posição nem a de Montachique podiam ser torneadas — o caminho de Lisboa por *Cacem* e *Queluz* ficava aberto aos vencedores; mas este caminho além de ser muito mais longo que aquelle que segue por *Montachique* e *Loures*,

---

[1] Obra referida, t. 1.º p. 329.

teria embaraçado o exercito inglez — affastando-o da sua esquadra — quando chegasse ás vizinhanças dos fortes da Ericeira, Cascaes, S. Julião e Belem.

E suppondo que a posição de Montachique era tomada, as *alturas de Bellas*, offereciam uma terceira linha de defeza.

Emfim, a cidadella e os fortes de Lisboa teriam bastado para proteger a passagem do rio, e assegurar a retirada dos francezes para Elvas.

Seguindo ao mesmo tempo as duas linhas de operações, attenuavam-se todas essas difficuldades, porque se John Moore, desembarcando no Mondego, marchasse sobre Santarem, e em seguida para Sacavem, tornearia as posições de Torres Vedras e Montachique, e então do outro lado, sir Arthur tornearia as alturas de Bellas pelo caminho de Queluz.

Tomando Junot alguma posição central, isso não impediria nada, porque a distancia entre os corpos inglezes era mais d'um dia de marcha, e porque a sua proximidade de Lisboa faria de certo rebentar aqui a insurreição contra os francezes.[1] O duque de Abrantes deveria pois abandonar esta capital, e atacar vigorosamente o general Moore para o derrotar e retirar-se com segurança, quer para Almeida, quer para Elvas; ou então deveria concentrar as suas forças, e preparar-se a atravessar o Tejo, se perdesse uma batalha ao norte de Lisboa.

No primeiro caso a força natural do paiz permittia a Moore resistir com successo, e o corpo de Wellesley chegaria depressa sobre a rectaguarda do exercito francez. No segundo, Junot teria a combater forças numericamente superiores, tendo atraz de si uma multidão exaltada que muito seriamente o inquietaria; e se, receando o resultado d'uma tal acção, tivesse passado o Tejo e marchado até Elvas, a divisão de Moore podia egualmente atravessar o rio, e acossar os francezes durante a sua retirada.

Commentarios. — Era pois acertadissima a projectada operação de fazer marchar o corpo de Moore para Santarem. E, como na guerra tudo deve servir de lição, resulta da critica que acabo de referir que a *posição de Santarem* já n'esse tempo considerada de grande importancia estrategica para ligar ou impedir, conforme os casos, as operações ao norte de Lisboa com as do Alemtejo, tem hoje uma importancia ainda mais consideravel, em consequencia da ponte do Tejo; e de futuro — quando fôr ligada pelo caminho de ferro á linha da sul e sudeste — será indubitavelmente um ponto estrategico de primeira ordem.

Pelo que fica exposto vê-se em resumo, usando da linguagem estrategica, que Wellésley estabeleceu n'este plano uma *linha de operações dupla*, tendo por *base* o mar, por *objectivo decisivo* a posse de Lisboa e do Tejo, e por *pontos estrategicos importantes* a praça de Peniche e a posição de Santarem.

Vê-se tambem claramente que este plano foi menos uma ins-

---

[1] A exposição que faz *Soriano* (E. 2.ª, t. 1.º, p. 383) ácerca das disposições em que se achavam os habitantes de Lisboa para com Junot justifica esta asserção.

piração instinctiva (que muitos só querem ver nos grandes genios) do que o effeito de seria reflexão e estudo. Apparece em tudo isso uma sabia applicação das forças disponiveis ao que se pretendia conseguir, nunca perdendo de vista as relações de tempo e de espaço nem as circumstancias do inimigo.

Attendendo á disseminação das forças de Junot por aquelle tempo, á varonil sublevação geral do povo portuguez, ás circumstancias do terreno ao norte de Lisboa, de que Wellesley tinha uma boa carta, [1] e finalmente á critica situação dos francezes em Hespapanha, este plano devia ser coroado do melhor exito.

Para conhecermos qual foi a sua execução vamos agora seguir de perto as operações que realmente foram levadas a effeito pelos dois exercitos adversos.

Operações preliminares da campanha de 1808 — Primeiro que tudo era preciso aos inglezes pôrem pé no nosso territorio. Não havendo tropas francezes para o norte de Peniche era de esperar que o desembarque da expedição na costa de Lavos não encontrasse resistencia armada, e que portanto se effectuasse sem difficuldades. A natureza não o permittiu assim, d'onde resultou tornar-se esta operação longa *(1 a 8-agosto)*, e custar a vida a alguns homens, como se lê na seguinte passagem d'um auctor de credito. [2]

«Un vent trés fort qui souflait de l'ouest, et un violent ressac rendirent l'opération du debarquement lente et périlleuse; plusieurs bateaux chevirèrent, des soldats et des matelots périrent au milieu des brisants: enfin au bout de quatre jours de perils et de fatigues toutes les troupes furent débarquées, y compris la division du général Spencer qui arrivait au moment même ou les derniers soldats de sir Arthur quittaient les batiments de transport. Toute l'armée anglaise, forte d'environ treize mille hommes, bivouaqua dans la journée du 8 août sur la plage.»

Ao terminar o besembarque teve logar a primeira entrevista, em Montemor-o-Velho *(7-agosto)*, entre o general inglez e Bernardim Freire, commandante das tropas portuguezas que chegaram a reunir-se em Coimbra (7.600 hom.) para cooperarem com os nossos alliados. Assentou-se n'essa conferencia que estas tropas marchariam unidas com o exercito inglez, e que se avançaria sem demora para Leiria, onde se tinha estabelecido um depo-

---

[1] O proprio general Wellesley gaba essa carta, accrescentando que tinha observações topographicas recolhidas por Stuart, o mesmo que em 1797 esteve em Portugal commandando uma divisão ingleza. (*Soriano*, E. 2.ª, t. 1.º p. 458.)

[2] **Londonderry**, *Historia da guerra da peninsula* (t. 1.º, p. 128.)

sito de viveres, [1] que convinha livrar de caír nas mãos dos francezes, que viessem por ahi ao encontro dos inglezes.

Tomadas todas as disposições convenientes para essa marcha, o exercito combinado poz-se em movimento em tres columnas, [2] seguindo os inglezes pelos caminhos mais proximos da costa, e os portuguezes pelo caminho de Coimbra-Pombal-Leiria, onde a vanguarda ingleza chegou a 10 de agosto, o grosso na tarde do dia 11, e a tropa portugueza no dia 12, data em que todas as forças alliadas se acharam portanto reunidas pela primeira vez.

Effectuado assim o desembarque, tomada a cidade de Leiria pelas tropas combinadas, e attentas as circumstancias da sublevação geral do reino, e da esquadra de Cotton em frente do Tejo, a situação dos francezes tornou-se uma das mais difficeis em que um exercito se póde encontrar.

«Ainsi 20.000 français, diz Foy, vont etre assaillis par la nation portugaise tout entière, par des flottes, par des armées, par 14:000 anglais que 20:000 autres vont suivre, et s'ils essayent de se réunir á leurs camarades les moins éloignès d'eux, ils auront deux cents lieues à faire dans un pays ennemi, d'epaisses montagnes et de larges rivières à franchir, des armées victorieuses à combatre. Les 10.000 grecs de Xenophon se trouvaient dans une situation moins difficil, lorsque, poursuivis par les armées du grand roi, ils essayèrent de revenir dans leur patrie à travers le pays des barbares.»

E para saír d'esta critica conjunctura Junot não se tinha preparado a mudar o theatro da sua acção para longe da capital, onde se tinham accumulado todos os meios de defeza, como centro das suas operações, o que era naturalissimo se fosse um exercito nacional que occupasse Lisboa.

«La prévoyance de Junot n'embrassa jamais le systeme d'une campagne mèthodique dans l'intérieur, et sur les frontiéres de terre du Portugal, telle qu'il pourrait un jour être contraint de la faire, soit pour attendres des renforts soit pour se retirer sur l'Espagne. Cette campagne eût été *possible*, *même facile*—(note-se bem)—si ont eût à l'avance amassé des munition de guerre e de bouche dans les places de l'Alemtejo et surtout dans *Abrantes indiqué par son admirable position, à cheval sur le Tage et derrière le Zezere, pour etre la forteresse qui commande au Portugal.* [3]

«Mais dans les idées généralement reçues, le Portugal était dans Lisbonne et Lisbonne était à elle seule tout le Portugal. A voir la nature des travaux de fortification entrepris depuis l'occupation [4] et toujours

---

[1] Documentos de *Soriano* (E. 2.ª, t. 5.º p, 96).

[2] Documentos publicados na *Revista do Ex. e Armada,* vol. XII.

[3] O grypho é nosso para chamar a attenção sobre a importancia da posição de Abrantes que vem aqui por incidente.

[4] Vimos quaes foram estes trabalhos a proposito das memorias de *Vincent.*

continués, en eût dit que les français n'y pouvaient être attaqués que par des escadres: et qu'il n'y aurait d'autre chemin pour arriver à eux, que la riviére. Cependant le moment approchait où les destinées du pays allaient être réglées sur un autre champ de bataille. [1]

A' chegada a Lisboa *(2-agosto)* da primeira noticia do desembarque na Costa do Mondego, o general em chefe francez tratou desde logo de ordenar algumas disposições para repellir e derrotar os inglezes.

A primeira medida de Junot foi chamar a toda a pressa, como vimos já, o general Loison, mandando-o retirar de Elvas para Abrantes, d'onde avançaria para os lados de Leiria.

Outra medida foi encarregar o general Delaborde de proteger a marcha de Loison e ir ao encontro do inimigo para vigiar desde logo os seus movimentos e retardar quanto possivel os seus progressos. O general Thomiéres, que por esse tempo occupava Obidos e Peniche foi posto sob suas ordens. O coronel Vincent com alguns officiaes engenheiros, seguiria a sua columna para reconhecer o paiz e organisar as posições onde o exercito devia combater.

«O ponto da *Batalha* foi indicado como sendo o melhor a occupar para observar o exercito inglez, porque era ahi que se reuniam as duas communicações principaes de Lisboa a Leiria, a saber: *estrada real* [2] que passava por Alcoentre, Rio Maior e Candieiros, e o caminho mais proximo do mar que passava por Torres Vedras, Obidos e Alcobaça. [3]

O general Delaborde seguiria o caminho do interior, Thomières marcharia á sua altura pelo caminho da costa, e Loison iria unir-se a Delaborde por Thomar e Ourem, á Batalha e Leiria.

A escolha d'este local para a juncção das tropas francezes tinha o inconveniente de estar muito proximo do inimigo para poder ser um ponto seguro de reunião com Loison. [4] E de facto vimos que a entrada do exercito luso-britanico effectuou-se n'essa cidade, antes dos francezes ahi terem chegado, o que foi já uma vantagem estrategica para os atacantes — obrigando Loison a fazer marchas inuteis, e expondo Delaborde a ser batido isoladamente por forças muito superiores em numero.

O general Delaborde saiu de Lisboa *(5-agosto)*, levando com-

---

[1] *Foy* (t. 4.º p. 283).

[2] Seria n'aquelle tempo *estrada real?* E' certo que foi por aqui que se estabeleceu a linha de etapes que ligava Lisboa, por Leíria e Coimbra a Almeida, como vimos anteriormente.

[3] *Foy* (t. 4.º p. 305).

[4] *Napier* (t. 1.º p. 336).

sigo a maior parte da divisão do seu commando.[1] Foi acampar em Candieiros *(9-agosto)*, sobre a linha interior, d'onde podia dirigir-se tanto para Alcobaça como para Thomar, conforme os inglezes se dirigissem pela costa ou para o Tejo e o Zezere. Sendo ahi informado no dia seguinte que Loison entrara em Abrantes *(9-agosto)* e que os inglezes avançavam ao longo da costa, Delaborde dirigiu-se para Alcobaça, onde se lhe reuniu a brigada Thomiéres. Os dias 11 e 12 foram empregados a fazer reconhecimentos na direcção de Leiria, pelos quaes obteve a certeza que o inimigo occupava já essa cidade com uma força muito consideravel, e por conseguinte Delaborde retirou-se então de Alcobaça para Obidos na noite de 12 para 18. Mas resolvido a disputar tenazmente ao general inglez a sua marcha para Lisboa, tomou no dia 14 uma posição defensiva junto da **Roliça**, sobre a estrada de Obidos a Torres Vedras.

Emquanto a Loison, tendo avançado a 11 até Thomar, soube tambem que os inglezes se tinham já apoderado de Leiria, em virtude do que se retirou por Torres Novas para Santarem, onde entrou e 13 com as suas tropas tão fatigadas,[2] que não pôde continuar a marcha senão a 15 em direcção de Alcoentre e Cercal, para tentar ligar-se por Rio Maior com Delaborde.

E' assim que se viu obrigado a perder um tempo precioso em marchas inuteis, a que atraz me refiro, em resultado da desacertada ordem da juncção em Leiria. Se pelo contrario se tivesse antes determinado que Loison viesse logo de Abrantes para Santarem, teria chegado á Gollegã a 11, áquella villa a 13, e dando ahi um dia de descanço, estaria a 14 em Alcoentre, a 15 no Cercal, e no dia 16 podia-se ter juntado com o seu collega para os lados de Obidos, a tempo de entrar no combate da Roliça, de que adiante falaremos.

Pelo mesmo tempo *(11-agosto)* em que os generaes Loison e Delaborde se viam obrigados a recuar, saíu de Lisboa o general Kellerman para o sul, a fim de dispersar o ajuntamento que se tinha formado em Alcacer do Sal, e retirar a guarnição de Setubal para as alturas de Almada.[3]

Parece incrivel que Junot se inquietasse ainda com as insur-

---

[1] Segundo *Napier* (t. 1.º, p. 252) esta força constava de 3:000 baionetas, 500 a 600 cavallos, e 5 peças d'artilharia.

Thiebault (p. 175) e *Foy* (t. 4.º p. 252) indicam sómente as unidades de que se compunha, sem precisar os effectivos, que parece quererem diminuir.

[2] *Thiebault* (p. 192) dá os pormenores a este respeito.

[3] *Foy* (t. 4.º p. 301).

reições do Alemtejo, quando precisava de ter reunidas todas as suas forças para se oppôr á principal massa do inimigo que vinha dos lados do norte.

Voltemos ao exercito luso-britanico que deixamos em Leiria. Vimos que se combinára marcharem as forças reunidas em direcção a Lisboa, mas durante a noite de 12 para 13 o general portuguez recebeu taes noticias ácerca das disposições do inimigo que o levaram a mudar de resolução. Soube — erroneamente sim, mas de boa fonte — que a columna commandáda por Delaborde (que já tinha passado Rio Maior) servia sómente para entreter os portuguezes a fim de Loison ir entretanto arrazar Coimbra. [1]

Além d'isso constava que os francezes faziam n'aquella epocha grandes aprovisionamentos em Santarem e Abrantes, onde conservaram guarnições, o que fazia suspeitar as suas intenções de tentarem em ultimo recurso evadir-se pelo valle do Tejo, em direcção a Almeida ou Elvas, segundo as circumstancias, para se pôrem ao abrigo d'estas praças.

O acerto d'esta previsão foi reconhecido alguns dias depois pela leitura d'uma memoria interceptada, devido ao coronel Vincent *(datada de 28-junho)*, onde se achava mencionado esse projecto de retirada. [2]

Era pois necessario observar o inimigo que ameaçava d'esse modo invadir novamente as provincias do norte, se preferisse retirar-se para Almeida. Consequentemente o general portuguez tomou a deliberação de — *não avançar para Lisboa em quanto lhe restassem francezes para o seu lado esquerdo* — o que foi approvado nos conselhos militares reunidos em Leiria, e mais tarde no Porto.

Concorreu tambem muito para semelhante resolução a falta de subsistencias e a difficuldade de achar meios de transporte. O proprio Wellesley reconheceu a necessidade de Bernardim Freire se demorar alguns dias por esta causa, como prova a seguinte passagem d'uma carta que lhe dirigiu a 13 d'agosto. [3]

«... E eu espero que V. Ex.ª adoptará algum meio efficaz para poder supprir a subsistencia do exercito que V. Ex.ª quer fazer marchar para Lisboa e ao mesmo tempo que V. Ex.ª con-

---

[1] *Accurcio das Neves* (t. 5.º p. 80) — Documentos de *Soriano* (E. 2.ª t. 5.º p. 100).

[2] *Ibidem* (p. 102) — *Napier* (t. 1.º p. 284 e 377).

[3] Documentos publicados na *Revista do Ex. e Armada*, vol. XII, p. 230.

sentirá que as tropas de S. Magestade gosem de todos aquelles recursos do paiz, que já acima nomeei que ellas precisão. [1]

«Como agora *(13-agosto)* é certo que o general Loison marchou de Thomar para a parte de Torres Novas eu *não vejo inconveniente algum—(note-se bem)—que possa resultar a V. Ex.ª fazer alto em o dia de hoje e mesmo no de ámanhã...*». [2]

No dia 13 continuou Wellesley o seu movimento offensivo, indo ficar á Calvaria, sem ser seguido pelas nossas tropas. No dia 14 avançou para Alcobaça, d'onde o inimigo se tinha retirado na tarde do dia 12, e onde achou subsistencias bastantes para todo o exercito. [3]

Em consequencia d'isso escreveu ao general Freire dissuadindo-o de seguir o vicioso plano que lhe proposera de avançar com as tropas portuguezas de Leiria para Thomar e Santarem, sendo preferivel ficar em Leiria, se não quizesse acompanhar os inglezes até Lisboa.

«... Je declare que le plan d'operation qui à été proposé est si deffectif, que je recommenderais au général *(Bernardim Freire)*, s'il ne veut pas m'accompagner, de plutôt rester à Leiria, ou de marcher ici (*Alcobaça*) ou il peut également subsister, et attendre en toute sureté le resultat de la lutte que doit avoir lieu sous peu de jours.

.....

«J'ai une proposition à faire au général Freire, qui est qu'il voudrait bien m'envoyer sa cavallerie et son infanterie legère, avec un corps de 1:000 hommes de troupe de ligne à etre employés à ma description. Je m'engage de fournir *du pain* à ses soldats et à l'égard de la viande, vin et fourrage, ils seront à parti égale pour ce qui peut étre fourni à nos troupes..» [4]

O general portuguez acceitou esta proposta e um contingente de 2.600 homens [5] marchou de Leiria para Alcobaça onde chegou na tarde do dia 14, e permaneceu com o exercito inglez durante o resto da campanha. [6]

---

[1] Refere-se a vinho e carne para os soldados, e palha e milho para os cavallos e gado.

[2] Insistimos sobre este facto, porque *Napier* (1.º p. 255) refere-se injusta e acrimoniosamente a elle e n'isso é seguido por outros auctores.

[3] Documentos de *Soriano* (p. 97, 155).

[4] Documentos publicados na *Revista do Ex. e Armada*, vol. XII, p. 360.

[5] *Soriano* (E. 2.ª, t. 1.º p. 399) dá o detalhe d'esta força portugueza, em que entravam 250 praças de cavallaria, arma de que Wellesley tinha mais falta.—*Napier* (t. 2.º p. 261) avalia este contingente apenas em 1.700 homens.—*Wellesley* na sua participação official do combate da Roliça, dá 1:800 homens.

[6] *Ibidem*, (t. 5.º p. 146.)

N'este dia houve a primeira escaramuça entre as avançadas do exercito inglez que se tinha adiantado até Obidos, occupada por um piquete francez, que foi repellido, ficando os aliados senhores da villa, o que era muito importante para o seguimento das operações. [1]

No dia 16, o general inglez não fez movimento algum, porque lhe foi preciso dar tempo a que os commissarios de viveres fossem á costa da Nazareth receber as provisões que ahi se mandaram desembarcar, [2] e as trouxessem para acompanhar o exercito no seu movimento para a frente. Entretanto Wellesley aproveitou o dia a reconhecer a posição de Delaborde e situação de Loison.

Pela sua parte, o general em chefe francez, não obstante ser informado dia a dia do consideravel aperto em que se achava Delaborde, só deixou Lisboa na madrugada do mesmo dia 16, não se tendo resolvido a sair mais cedo, porque julgava que a tranquilidade de Lisboa não era mantida senão pela sua presença ahi.

«Il venait de quitter Lisbonne pour la première fois depuis qu'il y etait entré, et il lui en avait coûté beaucoup, non qu'il hésitât devant la nécessité de se mesurer avec les anglais: au contraire, il etait décidé à les combattre. Mais une *idée fixe dominait* et modifiait ses déterminations. Il croyait fermement, et c'etait aussi l'avis des français et des portugais composent son gouvernement, que la tranquillité de Lisbonne tenait à sa présence, et qu'assitôt qu'il se serait éloigné, l'insurrection y éclaterait en même temps que l'escadre anglaise forcerait l'entrée du Tage». [3]

Esta previsão não deixava de ter algum fundamento, pois que os moradores da capital, cheios do mesmo zelo, patriotismo e valor com que os habitantes das provincias tinham sacudido o jugo que os opprimia, aproveitariam de certo a primeira occasião favoravel para um rompimento patriotico. [4]

Todavia Junot podia remover essas causas que o prendiam a Lisboa. Para conter a multidão da plebe bastava apoderar-se das familias mais importantes, ficando em refens para responderem pela tranquilidade publica, e ameaçar bombardear a cidade no caso de se sublevar, [5] para o que lhe podiam muito bem servir as baterias de morteiros que mandára estabelecer no castello de Lisboa.

---

[1] Os pormenores d'este pequeno combate de postos avançados encontram-se no documento n.º 28-B. (*Soriano*, E. 2.ª t. 5.º).

[2] Relatorio de *Wellesley* (*Ibid.* p. 146).

[3] *Foy* (t. 4.º p. 316).

[4] *Soriano* mostra desenvolvidamente quaes eram então as disposições em que se achavam os habitantes da capital. (E. 2.ª t. 1.º, p. 378).

[5] *Napier* (t. 1.º p. 335).

«On y conduisit des canons et des mortiers. Les mortiers surtout glacèrent d'effroi les portugais. Ils crurent qu'une pluie de bombes allait tomber sur leurs maisons». [1]

Pelo que toca á entrada da esquadra no Tejo seria bastante mandar uma pequena parte do exercito francez guarnecer os fortes da barra, aproveitar os navios portuguezes que Junot tinha feito reparar como outras tantas fortalezas flutuantes, e contar com a cooperação do almirante russo Siniavin, fundeado no Tejo, o qual de facto declarára que «só combateria no caso dos navios inglezes quererem forçar a entrada do rio». [2]

Affigura-se-nos pois ser infundado o temor de abandonar a capital aos insurgentes portuguezes, e por consequencia é licito pensar que—*Junot deveria ter saído immediatamente de Lisboa com todas as suas forças disponiveis para junto da costa ameaçada pelo inimigo*—querendo oppor-se-lhe com alguma esperança de successo.

Tem aqui logar registar um projecto d'operações que se encontra na excellente obra de Napier, e que nos parece merecer attenção, dada a possibilidade de algum dia nos vermos forçados a operar na defensiva contra algum desembarque, tentado em condições analogas ás de 1808, com a differença de ser contra e não em auxilio da causa de Portugal.

Depois de mostrar que Junot, em logar de perder um tempo precioso em Lisboa, em logar de se inquietar com o ajuntamento de Alcacer do Sal, e de destacar Delaborde com uma fraca divisão para proteger a marcha de Loison, devia tomar—*logo que soube do desembarque dos inglezes*—as medidas mais rigorosas para manter a tranquilidade da capital, Napier exprime-se nos seguintes termos:

«Ne laissant alors derriére lui que les faibles garnisons de la citadelle, des forts, et des vaisseaux, il aurait marché, non pas sur Leiria, dont l'ennemei était trop près pour que ce pût être un point assuré de réunion avec Loison, mais sur **Santarem**, ou les deux corps pouvaient opérer leur jonction saus danger comme sans fatigue. En même temps le général Thomiéres, mettant une petite garnison dans **Peniche**, aurait observé les mouvements du général anglais et, ainsi, dix-huit à vingt mille hommes eussent été réunis à Santarem, au plus tard vers le 13. Une seule marche les eût portés à Batalha; et, lá, on pouvait essayer sans crainte quel serait le sort des armes». [3]

---

[1] *Foy* (t. 4.º p. 282).
[2] *Ibidem* (p. 302).
[3] *Napier* (t. 1.º p. 336).

A exposição de Napier explica mais que no caso do combate ser desfavoravel aos francezes isso não compromettia a sua retirada para o Alemtejo, onde os inglezes não podiam chegar em força tão depressa; e ao abrigo da praça de Elvas já bem abastecida por Loison, podiam os francezes prolongar a campanha até receberem reforços da França.

Podia-se com effeito esperar que Napoleão, apesar de todos os esforços reunidos dos inglezes, portuguezes e hespanhoes não desistisse do seu objectivo principal — *a submissão da Peninsula* — e de facto elle transferiu mais tarde da Allemanha para a Hespanha as forças do *grande exercito* pondo-se elle proprio á sua testa.

Saíndo de Lisboa na madrugada do dia 16, como já dissemos, o general em chefe levou comsigo sómente as forças que julgou poder tirar á sua defeza. [1]

Durante a sua ausencia, o general Travot, ficou a governar Lisboa, dispondo ainda de 7.400 homens.

Junot dirigiu a sua marcha por *Sacavem*, onde foi demorada, porque os seus habitantes haviam retirado a barca que ali havia. Lançada uma ponte, [2] continuou a marcha por *Villa Franca*, *Alcoentre e Cercal*, onde encontrou Loison, na tarde do dia 17. Era por então que as diminutas forças do general Delaborde se achavam em combate com o exercito de Wellesley, ouvindo os dois generaes distinctamente o estrondo da artilharia para os lados de Obidos, sem poder acudir-lhe promptamente.

Comtudo Junot poz-se em marcha no dia 18 com as forças de Loison para Torres Vedras, e para ahi ordenou que seguisse egualmente a sua reserva que estava ainda em Otta sob o commando do general Thiebault, o seu chefe do estado maior.

Não é facil explicar, nas criticas circumstancias em que se achava Delaborde, como é que Junot perdeu *pelo menos um dia* em acudir-lhe, indo por Villa Franca, em logar de marchar directamente de Lisboa para Torres Vedras, se fosse por Monta-

---

[1] Segundo *Thiebault* (p. 190), Junot levou comsigo, como reserva do exercito: o 1.º regimento de granadeiros, um batalhão de 82.º, 10 peças de artilharia, todas as munições que pôde reunir, um milhão em dinheiro, e o 3.º regimento provisorio de dragões. *Foy* (t. 4.º p. 317) confirma isso mesmo.

Napier (t. 1.º, p. 257) avalia esta força em 2:000 homens de infantaria 600 cavallos, 10 peças de artilharia, um parque de munições, e a caixa militar contendo um milhão de francos.

[2] Esta ponte levou 24 horas a estabelecer-se, segundo diz *Napier* (t. 1.º, p. 258), e 20 horas segundo *Thiebault* (p. 190).

chique ou Mafra, caminho muito mais curto e melhor, do que atravessar a serra de Montejunto. [1]

Posição e combate da Roliça.—O distincto engenheiro Vincent, que acompanhou a divisão Delaborde desde a sua saída de Lisboa, tinha anteriormente reconhecido e indicado, como vimos nas suas memorias, uma boa linha de posições avançadas para cobrir Lisboa contra os ataques vindo pela zona da beiramar, a qual, começando nas alturas junto de Obidos, se estendia pela Roliça, Bombarral e Cadaval até á serra de Montejunto.

Foi sobre esta linha que Delaborde se resolveu a tomar posição para disputar o passo a Wellesley, dispondo algumas tropas avançadas em Obidos, destacando tres companhias para a sua direita, em Bombarral, Cadaval e Segura (?) a fim de assegurar a sua communicação com Loison, e postando o grosso das suas forças na principal posição da Roliça, cuja descripção se póde resumir no seguinte extracto. [2]

A estrada das Caldas á Roliça, na extensão de tres leguas approximadamente, atravessa um valle formado pelas ramificações da serra de Montejunto que, se estendem para oeste. Este valle é fechado do lado do sul por um planalto, em cuja frente ao norte está situada a pequena povoação da Roliça. A divisão Delaborde, postada n'um outeiro que fica immediatamente ao norte d'esta povoação dominava o terreno até Obidos; e todos os pontos favoraveis á defeza no valle, bem como todas as alturas mais vizinhas, eram occupadas por pequenos destacamentos. A uma milha (1.600 metros, á retaguarda d'esta posição e parallelamente a ella, uma cadeia de collinas escarpadas estende-se por cerca de tres quartos de milha de este a oeste, e offerece uma segunda linha d'uma grande força. A estrada atravessa, n'um profundo desfiladeiro, este escarpamento, chamado *alturas da Zambujeira ou Columbeira;* e, para o sul d'ellas, altas montanhas, elevando-se de repente, estendem-se como uma muralha desde a costa até ao Tejo.

A força total de que dispunha Delaborde n'esta posição, não incluindo as companhias destacadas e a guarnição de Peniche, andaria por 5.000 homens, dos quaes eram 500 de cavallaria, e tinha só 5 peças de artilharia. [3]

---

[1] Era tal a difficuldade d'esta marcha que Junot prometteu a gratificação de 120 réis por legua a cada praça de pret. (*Soriano*, E. 2.ª, t. 1.º, p. 407).

[2] Entre os differentes auctores é *Napier* (t. 1.º, p. 259) que melhor se exprime a este respeito.

[3] Ha uma grande divergencia entre os auctores a respeito d'esta força. *Thiebault* (p. 179 e 181) dá-lhe sómente 1.900 *combatentes! Foy* (t. 4.º p. 310) avalia-a em 2.500. *John Jones* dá-lhe 3.000. *Wellesley,* na sua participação official, calculou-a em 6.000. *Napier* (t. 1.º p. 324) computa-a em 5.000 e é o que me parece mais exacto.

As forças de sir Arthur Wellesley elevavam-se n'esse dia a cerca de 15.000 homens, sendo 13.480 baionetas, 470 cavallos, e 18 peças de artilharia. [1]

A situação de Delaborde era pois verdadeiramente critica. Loison e Junot estavam, como vimos, na tarde do dia 17 a uma boa marcha de distancia da Roliça. Se o general Delaborde se retirasse sobre a villa de Torres Vedras, a sua communicação com Loison ficava perdida. Se retirasse sobre Montachique expunha o caminho de Torres Vedras e de Mafra. Marchar para Alcoentre a reunir-se a Loison, era abrir ao exercito inglez o caminho mais curto para chegar a Lisboa—*o de Montachique*. Ficar na Roliça era preciso combater contra forças tres vezes mais numerosas que as suas.

O perigo era grande, mas animado pela força local da sua posição, fiando-se com razão nos seus talentos militares, e tendo ainda esperança na chegada de Loison, Delaborde decidiu-se a adoptar o ultimo dos partidos acima mencionados.

Sir Arthur, receando que Loison chegasse á Roliça na noite de 17 para 18, resolveu-se a atacar a posição quanto antes.

O seu plano de ataque foi o que ha de mais racional, segundo os preceitos da arte da guerra: tornear ao longe por ambos os flancos a formidavel posição do inimigo, e ameaçal-o ao mesmo tempo pela frente com a maioria das suas forças. Apesar d'isso a posição é de tal ordem, e Delaborde soube aproveital-a e defendel-a de tal modo com a sua habilidade e bravura costumada, que Wellesley só depois de muitos esforços e sacrificios de gente conseguiu tomal-a, como se vae ver pelo seguinte extracto da sua propria descripção. [2]

Levantado o campo das Caldas na manhã do dia 17, poz-se o exercito em marcha ás 7 horas para Obidos, onde se dividiu em 3 columnas.

A columna da direita sob o commando de Trant (1.200 hom. de inf e 50 de cav., todos portuguezes) dirigiu-se para oeste da Roliça e Columbeira, tendo por missão torneal-as e penetrar nas montanhas á retaguarda dos francezes. [3]

A columna da esquerda ás ordens de Fergusson (4.900 hom., dos

---

[1] *Napier* (t. 2.º. p. 330) dá a ordem de batalha d'este exercito, em que entraram só 1.400 de inf. e 250 de cavallaria, portuguezes; mas eram mais do que isso segundo Soriano.

[2] Vide a participação official do combate da Roliça, expedida para Londres por sir Arthur do seu quartel general em Villa Verde, a 17 d'agosto de 1808. *(Accurcio das Neves*, t. 5.º p. 85).

[3] Vide a planta esboço de combate da Roliça, que se acha no fim do t. 2.º da 2.ª epocha da obra de *Soriano*, na obra de *Eliot*, e outros auctores.

quaes 20 de cav. portugueza, e uma bateria de artilheria ligeira) desfilou pelas alturas que a partir de Obidos fecham o valle pelo nascente, dominando o flanco direito da posição da Roliça, que devia tornear por esse lado; e se Loison apparecesse durante a acção, devia oppor-se aos seus esforços para se unir a Delaborde.

A columna do centro commandada pelo proprio Wellesley (9.000 hom.), incluindo um destacamento portuguez (400 de inf. e 250 de cav.), e repartida em quatro brigadas, avançou directamente sobre a posicão da Roliça ao longo da estrada larga. Antes de chegar á aldeia de S. Mamede desenvolveu-se para um e outro lado da estrada, ficando 3 brigadas em primeira linha e a outra em reserva geral. Os diversos postos do inimigo foram successivamente repellidos. A's tropas portuguezas do centro coube a gloria de serem as primeiras a apossar-se d'um moinho onde os francezes apoiavam a sua esquerda. [1]

As columnas torneantes estavam a ponto de ultrapassar a posição, quando as brigadas do centro se estabeleceram em frente d'ella. Delaborde evitou o perigo, retirando-se rapidamente para as alturas da Columbeira, e soffreu muito pouco n'esta retirada por Wellesley ter falta d'um corpo sufficiente de cavallaria para o perseguir.

Foi então necessario fazer novas disposições para o desalojar d'essa formidavel posição, em que não se podia penetrar senão por cinco veredas de difficil accesso, todas bem defendidas pelas forças que sobre ellas se dispuzeram. Distribuiu-se o ataque d'estes desfiladeiros por varios regimentos, cabendo á infantaria portugueza o caminho que ficava mais á direita. A lucta foi encarniçada de parte a parte, sendo n'este segundo encontro que as tropas alliadas soffreram maior perda.

Dois dos regimentos inglezes conseguiram penetrar até ao cume da montanha, e ahi se sustentaram sós por muito tempo até as outras tropas poderem apoial-os. Felizmente a columna da esquerda, que erradamente tinha descido para o centro, [2] chegou a voltear o flanco direito de Delaborde, que, em vista d'isso, começou logo a fazer retirar as suas tropas. [3]

Esta retirada foi protegida por tres vigorosas cargas de cavallaria no planalto, e foi feita em boa ordem, principalmente por falta de cavallaria dos atacantes, e pela difficuldade de fazer chegar com presteza pelos differentes caminhos da montanha o numero de gente e a artilharia sufficiente para perseguir o inimigo.

Delaborde tomou ainda nova posição na Zambujeira, mas não podendo sustentar-se continuou a retirar-se pela estrada de Torres Vedras, sem ser perseguido por Wellesley, que tomou posição para passar a noite sobre o caminho da Lourinhã.

Posto que as tropas atacantes fossem numericamente muito superioriores ás da defeza, aquellas que na realidade entraram em fogo não excederam muito as do inimigo, e por isso sir Arthur menciona na sua participação que são merecedoras do maior elogio. Em quanto ás perdas, foram ellas proximamente eguaes de parte a parte. [4]

---

[1] *Soriano* (2.ª E., t. 1.º p. 388).
[2] *Napier* (t. 1.º, p. 264).
[3] *Foy* (t. 4.º, p. 312).
[4] Ver os detalhes em *Napier* (t. 1.º, p. 265) ou *Soriano* que o transcreveu n'esta parte.

Commentarios.—Tal foi o resultado do primeiro encontro que as armas dos nossos alliados tiveram com as do exercito francez. Vejamos o ensinamento que d'ahi se póde tirar com relação á defeza do paiz.

Em primeiro logar vê-se bem claramente que a conducta do general Delaborde é um perfeito *modelo de defeza* contra um corpo de exercito que pretenda avançar pela parte da zona litoral ao norte de Torres Vedras. A escolha da posição defensiva desde Obidos até á Zambujeira, a habilidade com que manobrou, e a resistencia vigorosa e prolongada nos desfiladeiros e planalto da Columbeira, são inequivocas provas d'um conhecimento profundo da arte militar, e Delaborde justificou bem os creditos que tinha de ser o melhor guerreiro entre os generaes que Junot tinha em Portugal.

A *posição da Roliça*, n'essa epocha considerada formidavel, tanto pelos generaes francezes como inglezes, é hoje ainda mais importante em consequencia do caminho de ferro de oeste, e das novas estradas que ahi passam, vindo juntar-se no *Bombarral*, ao SE. da Zambujeira. O valle está hoje muito coberto de extensos pinhaes que podem mascarar a approximação dos atacantes. Nas alturas que limitam o valle, a nascente e poente deveria estudar-se o meio de impedir o torneamento da posição.

Em quanto a sir Arthur, aponta a critica duas cousas que não devem passar sem reparo:

1.º A precipitação do ataque do centro, que mesmo se poderia ter evitado de todo, pois que as columnas torneantes eram sufficientes para desalojar Delaborde da sua formidavel posição. [1]

Parece que Wellesley teve pressa em conseguir isso, naturalmente para assim evitar a chegada de Loison, o que a dar-se seria realmente perigoso.

«Si cette jonction avait pu s'effectuer, la colonne de gauche de l'en«nemie succombait; toutes nos forces réunies ensuite sur son centre, le «forçaient infailliblement à la retraite, et sa colonne de droite se trouvait «coupé et enveloppée». [2]

2.º A ausencia de perseguição no fim do combate para tirar os fructos da victoria.

«Sil eût envoyé 2.000 hommes á la poursuite de Laborde, en lais«saint 1.000 pour protéger le champ de bataille, et s'il eût marché con«tre Loison avec les 10.000 que lui restaient, comme les avant-postes de «ce dernier ne pouvaient être éloignés, il est presque certain qu'il eût «été surpris et totalement défait, ou du moins qu'il n'aurait èchappé á «une entière déroute que par une retraite précipitée; et les combinaisons

---

[1] *Napier* (t. 1.º, p. 324).
[2] *Thiebault*, p. 182.

«de Junot eussent été totalement dérangées, son armée se trouvant sur «trop de points différens». [1]

Lê-se n'um outro escriptor a confirmação d'essa mesma idéa:

«Aprés le combat de Roliça, sir Arthur Wellesley pouvait marcher «au devant du géneral Loison qui arrivait par Rio Maior et Alcoentre, «l'acculer au Tage, en l'écrasant de la supériorité de ses forces, et at-«teindre le but de l'expédition, sans courir les chances d'une bataille à «forces egales». [2]

Deve porém notar-se que o dia 17 foi muito penoso para os alliados, tendo começado o movimento nas Caldas ao romper do dia, principiado o fogo pelas 9 horas da manhã, e terminado o combate pelas 5 horas da tarde. Por isso era necessario dar descanço ás tropas, adiando por conseguinte a continuação das operações para a manhã do dia 18, as quaes nos cumpre agora seguir bem como as dos dias seguintes até á vespera da acção do *Vimieiro.*

Operações immediatas á acção da Roliça.—O general Delaborde, quando se retirou da posição em que foi batido, fez alto na quinta da Bugalheira, sobre a estrada de Torres Vedras, duas leguas ao norte d'esta villa, afim de dar tempo a que viessem reunir-se-lhe as companhias destacadas para os lados do Cadaval. Effectuada essa reunião, marchou durante a noite de 17 para 18, pelo desfiladeiro de Runa para chegar quanto antes á posição da *Cabeça de Montachique*, tendo em vista repetir ahi a energica defeza que empregara na Roliça, pois que essa posição é tambem formidavel e era já conhecida de coronel Vincent.

Mas Junot, tendo marchado como vimos em direcção transversal, chegou na tarde do mesmo dia 18—*sem o encontrar*—a Torres Vedras, fel-o contramarchar para ahi, chegando a reunir-se-lhe a 19, e por fim chegou a 20 a sua reserva, que tinha ficado para traz.

N'esta data dispunha pois Junot em Torres Vedras de todas as suas forças que tinham saido ao campo (11.500 homens) que foram agrupados da seguinte maneira: [3]

---

[1] *Napier* (t. 1.º, p. 323).

[2] *Foy* (t. 4.º, p. 314).

[3] *Foy* (t. 4.º p. 320) informa que, dos 26.000 hom. que figuravam no mappa da situação do exercito referido a 15 de julho, era preciso descontar os que se achavam nas differentes situações que especifica, d onde resultava o effectivo de 11.500 homens, incluindo os não combatentes.

Thiebault, p. 193, diz que os combatentes eram só 9.200.

Os inglezes elevam esta força a 14.000 homens, além do reforço de 1.200 hom. vindos de Lisboa no dia 21. (*Napier,* 1.º, 280).

Divisão Delaborde	3.200 hom.	e	8	peças
Divisão Loison..	2.700 »	e	8	»
Reserva de Kellermann.....	2.100 »	e	10	»
Divisão de cavallaria.....	1.200 »	e	—	»
Total ..	9.200 combatentes	e	26	peç.

As divisões Delaborde e Loison, formando o corpo principal, tomaram posição na villa e pela retaguarda d'ella.

A vanguarda occupava uma forte posição adiante da villa. A cavallaria foi empregada activamente durante os dias 19 e 20, a explorar todo o paiz para a frente até encontrar as tropas inglezas. [1]

Na manhã do dia 18 estas tropas tinham pegado em armas e haviam-se dado as ordens para se dirigirem sobre Torres Vedras.

A esse tempo soube-se que tinha chegado á costa o reforço do general Ackland, o qual segundo o plano primitivo devia atacar Peniche ou desembarcar proximo a Lisboa conforme as circumstancias. Em vista porém da corajosa resistencia do inimigo no combate do dia anterior, e de terem ficado para traz as forças portuguezas que segundo o mesmo plano deviam cooperar com elle, Wellesley decidiu-se a fazel-o desembarcar e reunir as tropas ao seu exercito.

E como julgasse necessario proteger este desembaque, mudou a direcção da marcha para a Lourinhã, d'onde avançou a 19 para o **Vimeiro**, logar que lhe pareceu offerecer a melhor posição possivel para esse fim. [2]

O general portuguez, informado do successo da Roliça, da direcção que Loison tinha tomado, e da entrada de Bacellar em Abrantes *(17-agosto)*, não tinha motivo para estar em Leiria, e por conseguinte marchou a 18 para Alcobaça, a 19 para as Caldas, a 20 para Obidos, onde fez alto de accordo com os desejos de Wellesley. [3]

No mesmo dia 20 chegou o general Moore ao Mondego, e segundo as instrucções que ahi lhe forem entregues principiou logo a desembarcar as suas tropas para com ellas seguir para Santarem, operação prevista no plano da campanha. Infelizmente não chegou a effectuar-se esta operação, porque, em consequencir das ordens desacertadas e inconvenientes do gabinete de Londres, sir

---

[1] Relatorio de *Wellesley (Soriano,* E. 2.ª, t. 5.º, p. 148).
[2] *Ibidem*, 147.
[3] Defeza de Bernardim Freire, (*Soriano*, E. 2.ª, t. 5.º, p. 103).

Arthur foi substituido no commando em chefe pelo general Burrard (*20-agosto*) e Dalrymple (*22-agosto*), os quaes não se conformando com o plano do seu collega, ordenaram a Moore que viesse para a praia da Maceira, e o contrariaram ainda na execução d'outras operações, o que teria sido fatal para o successo da campanha, se não interviesse a desgraçada convenção de Cintra.

Logo que se effectuou o desembarque do primeiro reforço (*20-agosto*) Wellesley teve idéa de tornear a posição dos francezes em Torres Vedras por uma marcha rapida dirigida ao longo da costa sobre Mafra.

Sob o ponto de vista especial da defeza de tão importante posição — como é a de Torres de Vedras — julgo conveniente reproduzir apui as diversas opiniões dos generaes e escriptores militares a esse respeito.

O proprio *Wellesley* disse, [1] que teria mandado a vanguarda para as alturas de Mafra, e teria feito parar o grosso do exercito a 4 ou 5 milhas de distancia d'esta villa, manobra por que vinha a ser torneada a posição do inimigo em Torres Vedras, conduzindo assim o exercito por um paiz por elle bem conhecido e do qual tinha uma excellente carta. O inimigo ver-se-hia obrigado a retirar para a cabeça de Montachique, e d'ahi para Lisboa, onde entrariam os inglezes na mesma occasião que elles se retirassem.

A determinação do general Burrard foi motivada pelas muitas difficuldades que julgou se haviam de encontrar, taes como a impossibilidade de deixar os navios, transportes de mantimentos e a praia em distancia consideravel; o inferior numero da sua cavallaria e estado dos cavallos e mulas da sua artilharia e carros; a fortaleza do terreno por onde havia de marchar; e a pouca confiança que se podia pôr na assistencia dos portuguezes. [2]

Da obra de *Foy:* [3]

Sans avoir égard au rassemblement de Torres Vedras, le général anglais se disposait á marcher par le chemin étroit et rocailleux de Mafra, qui court l'espace de six lieues parallèlement á une côte escarpée, et forme une suite de defilés dans lesquels l'armée, allongée sur une seule colonne, eût été sans cesse attaquable en queue et de flanc, tandis qu'en aucun endroit on n'aurait pu se former en bataille.

Mais, en supposant que les français restassent spectateurs inatifs de cette *marche aventureuse*, sir Arthur Wellesley arriverait quelques heurs plus tôt à Lisbonne, et le général Moore n'aurait plus qu' á se porter rapidement sur *Santarem*, pour couper aux français leur retraite sur l'Espagne».

---

[1] Documentos da obra de *Soriano* (E. 2.ª, t. 5.º, p. 148 e 152).
[2] Documentos da obra de *Soriano* (E. 2.ª, t. 5.º, p. 193).
[3] Tomo 4.º, p. 324.

Da obra de *Napier:* [1]

«Le project de sir Arthur... etait des plus hardis; son heureuse exécution aurait forcé Junot de se replier promptement sur Montachique para Enxara dos Cavalleiros, au risque d'être attaqué en flanc pendant sa marche; ou bien, sil s'y fût rendu par la route plus lougue de Runa et Sobral, on ne saurait douter que l'armée anglaise ne fût arrivée à Lisbonne avant les français.

«Mais était-il possible de tromper assez un ennemi accoutumé à faire la guerre pour gagner dix milles sur lui dans une marche de seize milles?.....

«Une marche de nuit est le moyen qui parait le plus propre à effectuer une telle entreprise.....

«Sir Arthur Wellesley pouvait, avant le point du jour, jèter l'elite de ses troupes légéres, sa cavalerie, ses marins, les auxiliaires portugais et quelques piéces d'artilherie, à l'entrée du defilè de Torres Vedras, avec ordre d'attaquer vivement les avant-postes français, et de faire des démonstrations comme pour une attaque générale. Nul doute qu'un tel mouvement, s'il eût été habilement éxécuté, n'eut attiré toute l'attention de l'ennemi, tandis que les troupes, cachant sous leurs capotes le brillant de leurs armes, auraient pu profiter des bois et des inégalités du terrain qui bordent le chemin de Mafra, et gagner ainsi assez d'avance pour assurer le succés de l'entreprise.

«Toutefois, examinons la question de l'autre coté, et supposons que Junot instruit par ses espions et par ses éclaireurs, ou devinant l'intention du general anglais, eût tenu en echec, avec peu de monde, la division qui aurait fait une démonstration sur Torres Vedras, et qu'il eût porté le reste de son armée par Pont de Rol ou quelque autre chemin de traverse (et il y en avait plusieurs) contre le flanc des anglais, et qu'il fût tombé sur eux au moment ou ils étaient resserrés entre la mer et les montagnes, et embarrassés par les inégalites de terrain et les torrens, quel en aurait été le résultat? L'histoire répond, en montrant le grand Condé et la bataille de Senef. Toutefois on doit avouer que celui que conçut un tel project ne pouvait être um général ordinaire, et que, malgré la faiblesse numerique des armées contendantes, le succés eût placé sir Arthur parmi les plus célébres capitaines, alors même qu'il n'aurait pas fait d'autres exploits».

Em vista de taes opiniões contrarias não se póde decidir confiadamente se a operação por Mafra seria ou não efficaz. Observaremos comtudo de passagem que, quando em 1810 Wellesley se dicidiu a tomar a defensiva, não deixou de incluir nas linhas de Torres Vedras, como veremos a seu tempo, a parte do terreno que vae desde essa villa até ao mar, defendendo portanto as passagens por onde a posição de Torres podia ser torneada como elle imaginou.

Tal era a situação geral dos dois exercitos na vespera do memoravel dia 21 d'agosto de 1808, em que teve logar o seu segundo e ultimo encontro, ficando ahi decidida a sorte de Portugal.

---

[1] Tomo 1.º, p. 331.

Posição e combate de Vimeiro. [1]—A povoação do Vimeiro está situada n'um valle onde corre a ribeira de *Alcabrichel* ou *Maceira*, que vae desaguar na costa, a uma legua de distancia do Vimeiro, na praia chamada do *Porto Nono* ou da *Maceira*.

Para os lados d'esse porto, na extensão de 13 milhas, a costa é quasi toda de praias de areias, encostadas a uma escarpa quasi continua de elevados rochedos com algumas pontas salientes que dividem as praias. Desde esta costa até á serra do Montejunto o terreno é accidentado por montes de elevação media de 130 metros.

Nos terrenos d'esta natureza não faltam em geral posições fortes, e os montes em volta de Vimeiro offerecem uma d'esse genero.

Para o norte da povoação destaca-se uma linha de collinas elevadas, cuja cumeada bastante accessivel é seguida pelo caminho que vae por Fonte Lima e Ventoza, para a Lourinhã. Esta linha é limitada a leste por uma larga e funda ravina onde passa o ribeiro de Toledo.

Ao sudoeste de Vimeiro e contiguo ás casas da povoação, eleva-se um outeiro n'um planalto em parte arborisado, em parte descoberto, que domina todos os caminhos vindo do lado de Torres Vedras. A oeste, enchendo o espaço entre a ribeira e o mar levanta-se uma montanha que domina o referido planalto e é separada das collinas do norte por uma profunda depressão do valle, entre Vimeiro e Maceira.

Foi sobre esta montanha que bivacaram seis das oito brigadas de infantaria, que constituiam o exercito inglez, tendo os seus postos avançados sobre o caminho de Vimeiro a Mafra, que segue a ribeira. As duas outras brigadas de infanteriam estavam em guarda avançada sobre o dito outeiro contiguo a Vimeiro. A artilharia foi repartida em duas porções destinadas á guarda avançada e corpo principal, mas ficou no valle ao sul de Vimeiro e junto d'ella a cavallaria pela commodidade de fornecer a agua aos cavallos.

O contingente portuguez postou-se na planicie ao norte da povoação. O caminho da Lourinhã por onde nada se receava, era simplesmente observado por alguns piquetes, ministrados pelos portuguezes e algumas companhias de *riflemen*. Na praia achava-

---

[1] Para conhecer em todos os seus pormenores esta acção, convem consultar a *Participação official de Wellesley; Napier* (t. 1.º, p. 270); *Foy* (t. 4.º, p. 325); *Relatorio da commissão de inquerito (Soriano,* E. 2.ª, t. 5.º, p. 183); e ver as plantas publicadas em *Eliot*, *Soriano* e outros. Aqui limitamos-nos ás linhas geraes.

se ancorada uma fragata de guerra e uns trinta navios de transporte com barcaças fóra. [1]

A totalidade das forças que assim occupavam esta posição montava a cerca de 18:000 homens incluindo as brigadas Ackland (1:750 hom.) e Anstruther (2:400 hom.), que effectuaram o desembarque a 19 e 20. [2]

Vê-se pois que a posição era formidavel não só pela força natural do terreno, mas pela força consideravel de tropas que a defendiam.

A critica militai nota-lhe o defeito de não ter linha de retirada, de sorte que se os inglezes fossem vencidos, ver-se-hiam perigosamente entalados entre as forças atacantes e o mar. [3]

Comtudo havia poucas probabilidades de que a posição fosse forçada, como de facto não foi, visto que os francezes não podiam dispor a esse tempo da necessaria superioridade numerica de forças para o conseguir. Accresce ainda a circumstancia de que a posição não foi escolhida para ahi esperar o inimigo, mas unicamente para cobrir o desembarque durante o tempo necessario, depois do qual se continuaria immediatamente a offensiva sobre Torres Vedras.

Apesar da grande actividade da cavallaria franceza parece que a posição de Vimeiro não foi bem reconhecida. [4] Mas qualquer que fosse o numero de tropas e o local onde se achassem postadas, Junot decidiu-se a tomar a offensiva quanto antes. Todo o tempo de demora que se desse a Wellesley ia proporcionar-lhe occasião de mais se reforçar com a divisão de reserva do general Moore, e a approximação do exercito portuguez.

Consequentemente o exercito francez avançou de Torres Vedras, na tarde e noite de 20, para os lados de Vimeiro. Na manhã do dia 21 achava-se reunido ao norte da ribeira de Alcabrichel n'um ponto a legua e meia distante dos postos avançados do inimigo, mas fóra da sua vista, por causa do relevo do terreno, que adiante d'esse ponto era uma charneca de rochedos e saibros, de uma meia legua de extensão, terminando em declive tanto para a parte de Toledo, como da ribeira da Maceira. [5]

Antes de romper a manhã de 21, segundo o uso da tropa ingleza, todo o exercito pegou em armas. Pelas 7 horas descobriu-se distinctamente ao longe uma grande nuvem de poeira e pelas oito viu-se já bem a vanguarda da cavallaria franceza co-

---

[1] *Soriano* (E. 2.ª t. 1.º p. 392 e 407).
[2] Documentos de *Soriano* (E. 2.ª t. 5.º, p. 177 e 191).
[3] *Napier*, (t. 1.º p. 325).
[4] *Foy* (t. 4.º p. 327).
[5] *Foy*(t, 4.º p. 328).

roar as alturas do lado do sul, e enviar exploradores para todas as partes.

Um corpo de cavallaria passou rapidamente a ravina que está nas proximidades de Toledo, dirigindo-se para Fonte Lima e Ventoza, e logo após elle desfilou uma consideravel força de infantaria.

Apenas esta manobra foi avistada do campo inglez, Wellesley percebeu que ia ser atacado pela sua esquerda, e como esta era a parte fraca da sua posição, fez mudar immediatamente a maior parte do seu exercito, passando-o da sua direita para a sua esquerda, atravez da ribeira da Maceira.

Por volta das dez horas cumeçou a acção por meio d'um ataque sobre a guarda avançada em frente do Vimeiro, dirigido pelos generaes Loison e Delaborde. As forças d'infantaria destinadas a este ataque, formadas em columnas cerradas e apoiadas pela cavallaria na retaguarda, avançaram com intrepidez sobre as duas brigadas inglezas, Fane e Anstruther, postadas no outeiro. Um dos regimentos da brigada Fane formado em linha de batalha, recebeu o atacante com uma descarga geral de fuzilaria, precipitando-se depois sobre elles por meio d'uma carga de baioneta o que o lançou na maior desordem e confusão, emquanto outros regimentos começaram a batel-o de flanco. A cavallaria ingleza completou a sua desordem.

Ficaram no valle sete peças de artilharia que os francezes não tiveram tempo de levar na sua retirada para as alturas a leste da ravina.

O ataque feito pelo caminho da Lourinhã, sobre a esquerda dos alliados, foi quasi simultaneo com o de centro; os francezes avançaram sobre a dita esquerda com imponente denodo, commandados pelos generaes Brenier e Solignac; mas a firmeza da brigada do general Fergusson, que estava na primeira linha — em Fonte Lima — lhes moderou o impeto, demorando-os corajosamente no impulso do seu ataque. Depois d'um pertinaz e bem disptado combate os francezes viram-se obrigados a retirar, com grandes perdas, sendo perseguidos de perto na direcção de Pragança, onde conseguiram reformar-se, em consequencia d'uma ordem inesperada de sir Burrard mandando cessar o combate.

Era meio dia. O fogo só durava desde duas horas antes, e todavia o inimigo havia exgotado todos os seus meios de ataque, e soffrido perdas consideraveis. [1]

---

[1] Cerca de 2:000 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, entre os quaes alguns generaes; 13 peças de artilharia, 23 caixões de munições com 20:000 cartuchos e importantes bagagens. Os inglezes só perderam 720 homens.

Não obstante todos esses esforços os francezes não conseguiram ao menos tomar a altura em que se achava postada a guarda avançada em frente de Vimeiro.

Eis como Napier critica o procedimento de Junot n'este combate.

«Le duc d'Abrantes montra beaucoup de courage pandant le combat, mais aucun talent. Son armée était inférieure en nombre; et, pourtant, il fit deux attaques séparées; erreur évident, qui permit á sir Arthur de battre en détail et sans difficulté. Cette erreur est d'autant moins excusable que la ligne d'attaque était suffisamment indiquée, et par la nature seule du terrain sur lequel passe le chemin de Torres Vedras á Lourinhã, moins sauvage comparativement que le reste, et par la manière dont les anglais étaient amoncelés sur la droite, lorsque le général français arriva en vue de leur position. En concentrant toutes ses forces pour porter un plus rude coup, Junot aurait dû tomber sur la gauche de son adversaire. Victorieux, la mer engloutissait tous ceux qui eussent échappè á ses armes; repoussé, sa retraite était ouverte; et sa perte ne pouvait être plus grande par ce seul effort qu'elle ne le fut dans les deux attaques mal dirigées qui eurent lieu.

La rapidité avec laquelle les soldats français se ralliérent, et reformérent leurs rangs aprés un échec aussi violent, fut admirable; mais ou ne saurait louer leur méthode habituelle d'attaquer en colonne. Ce mode d'attaque peut avoir réussi avec les autrichiens, les russes et les prussiens; mail il doit toujours echouer contre les anglais, dont l'infanterie est assez ferme, assez intelligente, assez bien disciplinée pour attendre avec calme la charge de ses adversaires, et assez courageuse pour fondre sur eux à la baionette».

Em quanto ao exercito inglez nota-se aqui, como na Roliça, a falta de perseguição. Mas d'esta vez é sobre o general Burrard, que se deve lançar a responsabilidade, pois que Wellesley propoz que se fizesse um habil e decisivo movimento para tirar da victoria todas as consequencias possiveis. Consistia em perseguir os francezes de perto com cinco das brigadas que tinham tomado parte na acção, repellindo-os para além da serra de Montejunto; entretanto as outras tres brigadas se assenhorariam dos desfiladeiros de Torres Vedras, e de lá se estenderiam até Montachique, com o que cortariam a Junot a sua retirada para Lisboa.

O general Burrard, allegando a desorganisação do material da sua artilharia, a fadiga dos cavallos de tiro, a desordem da administração, a insufficiencia dos meios de transporte, o mau estado da cavallaria, a chegada de algumas tropas frescas aos francezes, e finalmente a ausencia de apoio efficaz das tropas portuguezas, não annuiu ao projecto de Wellesley, resolvendo apenas manter-se na posição de Vimeiro até á chegada de Moore á praia da Maceira, opinião com que Dalrympe se conformou. Foi ordenado depois que o exercito marchasse a 23 sobre Torres Vedras, o que não chegou a realisar-se, porque os francezes

propozeram logo a 22 a negociação de um armisticio a que se seguiu logo a convenção de Cintra para evacuarem Portugal. [1]

Commentarios.— Tendo assim havido no curto espaço de 24 horas — no momento critico do encontro dos dois exercitos — tres commandantes no exercito inglez, vindo de differentes partes com vistas e modos de pensar differentes, não admira que se perdessem as grandes vantagens que a victoria de Vimeiro lhes proporcionou.

Sentiu-se a influencia das *conveniencias ministeriaes* que tinham feito nomear tres commandantes em chefe, violando assim um grande principio militar, qual é o da *unidade de commando.*

Se a campanha, tão bem planeada e tão felizmente encetada por sir Arthur Wellesley, não viesse, na situação mais critica, a ser dirigida por outros generaes, é provavel que em logar do triste desfecho que teve, trouxesse para Junot uma sorte igual á de Dupont em Baylen.

Com effeito, se Junot fosse seriamente perseguido de frente pelo exercito inglez, emquanto a divisão de Moore fosse desembarcar em Setubal (como propoz o almirante Cotton) a fim de embaraçar qualquer evasão que os francezes pretendessem effectuar para a margem esquerda do Tejo; se além d'isso as tropas portuguezas de Bacellar e Bernardim Freire dirigidas sobre Santarem ameaçassem os francezes de flanco; e se da parte do povo de Lisboa houvesse alguma explosão, como era provavel, no momento em que pretendessem recolher-se a esta capital; era inegavel que a posição dos francezes se tornava tão critica como fôra a de Dupont em Baylen. [2]

Em logar d'isso Dalrymple, demasiadamente apprehensivo na resistencia que os francezes lhe poderiam ainda oppor na posição da Cabeça de Montachique e outras formidaveis posições que sabia existirem ao norte da capital; acreditando até que depois de batidos n'ellas, e da sua entrada em Lisboa, ainda podiam unidos atravessar o Tejo e prolongar a campanha sob a protecção da praça de Elvas, não hesitou em lhes conceder a evacuação de Portugal com armas e bagagens, a bordo dos proprios navios inglezes!

Os francezes forraram-se assim aos perigos e incommodos d'uma retirada por terra, diante d'um exercito inglez triumphan-

---

[1] *Napier* (t. 1.º p. 269 e 282).
[2] *Soriano* (E. 2.ª, t. 1.º p. 418).

te, muito mais numeroso que o d'elles, e que tinha por si o apoio d'uma nação inteira, apoio sem o qual os inglezes não teriam desemharcado, nem as suas armas teriam alcançado a primeira victoria que obtiveram no continente da Europa contra os francezes.

Em troca do exercito de Junot que partia para França, era ao menos de toda a justiça, que se incluisse na humilhante e ignobil convenção a restituição a Portugal da legião que elle mandára a Napoleão e dos portuguezes que estavam prisioneiros em França.

Nada disso importou aos nossos *fieis alliados*, podendo dizer-se que semelhante convenção foi a primeira scena dos multiplicados vexames porque o governo portuguez passou durante o longo e sanguinolento drama da guerra peninsular. [1] Quasi que se póde dizer que o inimigo foi tratado como alliado, e o alliado como inimigo. Foi portanto justissima a indignação geral que se levantou contra a vergonhosa convenção, não obstante o reino se ver libertado por ella do dominio francez; e d'ahi resultou a necessidade de se proceder em Inglaterra a um inquerito sobre o procedimento dos tres commandantes em chefe.

Em remate d'estas referencias á triste convenção de Cintra, acrescentarei para gloria do vencedor de Vimeiro que o seu nome saiu illeso d'esse inquerito, e que o parlamento inglez lhe votou os devidos agradecimentos pelos importantes serviços prestados á sua patria. Os generaes Dalrymple e Burrard foram, pelo contrario, retirados do commando das tropas inglezas, depois de S. M. britannica ter desapprovado os termos e condicções em que fizeram a convenção. [2]

Assim terminou a campanha de 1808, memoravel por ser a primeira das que abateu as aguias francezas n'este canto da Europa. Foi curta, mal chegando a durar um mez. Não offerece manobras brilhantes de talento e audacia como as que precederam os dias de Marengo, de Ulm, de Austerlitz e de Iena. Não se executou mesmo o que se havia planeado, por influencias estranhas ao primeiro director da campanha. Ainda assim é muito instructiva sob o ponto de vista em que vamos proseguindo n'este *Summario*, e muito importante pelo resultado que teve.

---

[1] *Soriano* (E. 2.ª t. 1.º p. 457).
[2] Documentos da obra de *Soriano* (E. 2.ª, 5.º, p. 211).

E' um bom exemplo entre as diversas maneiras de conduzir uma campanha offensiva no nosso paiz, entrando o exercito invasor pela costa entre o Mondego e o Tejo. Mostra-nos egualmente quanta prudencia é preciso ter no estudo e preparação d'uma campanha defensiva para não incorrer nos mesmos erros que fizeram perder a Junot a posse do reino que occupava.

Conseguido isso facil foi aos inglezes aproveitarem-se de Portugal — *como uma excellente base de operações* — para continuarem a guerra peninsular, que com razão é tida por muitos escriptores como a origem da queda de Napoleão, seis annos depois.

V PERIODO

A GUERRA PENINSULAR

(1809=1815)

O periodo em que vamos entrar comprehende as operações militares mais brilhantes que durante o seculo XIX se realisaram no nosso paiz, dirigidas por eminentes generaes, como *Soult*, *Massena* e *Wellington*. Foi n'esse periodo que mais salientemente se evidenciaram as grandes propriedades naturaes do nosso territorio para a sua defeza. Foi ainda no mesmo periodo que se escreveram memorias importantes, nomeadamente com relação á defeza especial da capital do reino.

V PERIODO

CAPITULO I

Campanha de 1809 [1]

Preparativos de guerra. — Desassombrado o reino da primeira invasão franceza, não deixou de ficar exposto a novas aggressões. Era bem de crêr que o imperador dos francezes não desistisse do seu favorito projecto — *o bloqueio continental* — e por conseguinte procurasse occupar por mais outra vez o nosso reino, expulsando d'elle os inglezes.

Em previsão de semelhante perigo a regencia do reino curou logo de *restabelecer o exercito* aniquilado por Junot. Entre as suas providencias para esse effeito notaremos as seguintes: reorganisação de todos os corpos estabelecidos pela anterior organisação de 1806, e chamamento dos officiaes e praças despedidos por aquelle general francez; [2] perdão a todos os desertores que se apresentassem nos seus corpos dentro do prazo d'um mez; convite para voltarem ao serviço a todos os officiaes, que haviam pedido a sua demissão para não servirem ás ordens do invasor; augmento do effectivo de todos os corpos, e creação de seis batalhões de caçadores. [3]

A realisarem-se todas estas medidas o exercito ficaria elevado

---

[1] Só se trata aqui d'esta campanha muito summariamente. Se algum interessado quizer mais detalhadas explicações, encontra-as na monographia que publiquei sobre esta campanha no *Exercito Portuguez* de 1889 a 1890, na *Revista do Exercito e Armada* de 1894 a 1896, e em volume separado em 1898, com o titulo *Estudo historico sobre a* **campanha do marechal Soult** *em Portugal.*

[2] Edital do governo, em 30-set.-1808.

[3] Decreto de 14-out.-1808.

a 100:000 homens, sendo metade de tropas de linha, e a outra metade de milicias.

Mas esteve bem longe d'isso. Até ao principio do anno de 1809, o exercito regular não passou de 20:000 homens. Os regimentos apenas tinham alguns officiaes e soldados e esses para nada prestavam. [1] Em quanto a armamento o exercito apenas tinha 10:000 espingardas em estado de servir. [2] As milicias não eram mais do que uma turba multa, ainda peor armada, e mais insubordinada do que as tropas de linha. Faltavam tambem cavallos, fardamentos, equipamentos, munições, [3] e sobretudo «*dinheiro, dinheiro, e mais dinheiro*», as tres cousas essenciaes, que, segundo Montecuculli, são necessarias para fazer a guerra.

Entretanto passaram-se em Hespanha successos importantes, soffrendo as tropas francezas que n'ella operavam grandes desastres, que as levou a retrogradarem sobre a linha do Ebro, concentrando-se na Viscaya e na Navarra em torno de Vitoria, onde se estabeleceu o quartel general do rei José Bonaparte.

O governo inglez, querendo tirar partido para as suas conveniencias d'estas circumstancias apparentemente favoraveis, dispoz das tropas que tinha em Portugal em favor dos hespanhoes. O general *Moore*, em quem recaíra o commando d'essas tropas depois da saída dos outros generaes para Inglaterra, foi o encarregado d'essa nova campanha em Hespanha.

As instrucções do seu governo, recebidas a 6 de outubro, prescreviam-lhe que 20:000 homens d'essas tropas deviam juntar-se a 13:000, que partindo da Inglaterra viriam desembarcar na *Corunha*, sua nova base de operações.

O exercito assim formado seria conduzido pelo general Moore para o norte da Hespanha em auxilio dos generaes hespanhoes, com os quaes combinaria as suas operações. Esses generaes dispunham de 105:000 homens, dispostos n'um extenso arco de circulo, passando por *Espinosa*, *Burgos*, *Calahorra*, e *Aragão*. Alem d'isso um pequeno corpo de 10:000 homens cobria directamente *Madrid*, e outro corpo bloqueava o general Duhesme em *Barcelona*.

O referido reforço inglez ás ordens do general *Baird* desembarcou na Corunha a 14 de outubro, e seguiu por Lugo para Astorga. O general Moore, terminados os seus preparativos para entrar em campanha, poz-se em marcha para Hespanha a 26 do

---

[1] *Soriano*, «Historia da guerra da peninsula» (Ep. 2.ª, v. 2.º, p. 91).

[2] Correspondencia de *Cradok*, sobre o estado do exercito portuguez, publicada por *Napier* (V. 2.º, p. 218).

[3] *Ibidem*.

mesmo mez, escolhendo *Salamanca* para ponto de reunião das suas forças, que seguiram de Lisboa em duas columnas, indo a artilharia com a cavallaria (por causa das difficuldades da viação d'aquelle tempo) por Badajoz, Merida, Truxillo, Talavera, e a infantaria por Coimbra, Almeida, Cidade Rodrigo. Ao passar em Coimbra o general Moore conferenciou com o brigadeiro *Wilson*, sobre as operações, que este devia fazer em seu auxilio, com a legião lusitana que se estava formando no Porto á custa da Inglaterra.

Pelo meado de dezembro chegou a Lisboa o general *Cradok* para tomar o commando dos 10:000 inglezes que cá ficaram, [1] e o ministro inglez *Villiers* para dirigir os negocios diplomaticos. Cradock, em conformidade das instrucções que tinha recebido, reforçou ainda o exercito de Moore com uma parte d'aquellas tropas, [2] e conservou as restantes principalmente em Lisboa, deixando só algumas de guarnição em *Almeida* e *Elvas*. Foi-lhe tambem recommendado secretamente que, se o inimigo entrasse em Portugal com grande superioridade de forças, se retirasse elle com as suas tropas do nosso paiz.

Custa a crêr, mas é um facto, que o governo inglez desse semelhantes instrucções a Cradock. Elle que nos annos anteriores não admittia a hypothese de que prescindissimos da sua protecção, queria agora abandonar a defeza do nosso paiz, que era de todos aquelle que mais vantagens lhe offerecia para lhe servir de *base d'operações* no continente.

Eis a confirmação d'isto, segundo um historiador insuspeito: [3]

«Poderia não haver accordo em se julgar que Portugal fosse o theatro mais proprio para as primeiras operações de um exercito inglez; mas depois de libertado o paiz da presença do inimigo, depois da sua capital e das suas praças fronteiras se acharem occupadas por tropas inglezas; depois de sir John Moore ter feito de Portugal a sua praça d'armas, deixando ahi ficar os seus hospitaes, as suas bagagens e os seus armazens, isso não era mais uma questão duvidosa. As antigas relações entre a Inglaterra e Portugal, a grandeza do porto de Lisboa, a disposição bellicosa dos portuguezes, e por cima de tudo isto a circumstancia tão singularmente feliz de não haver uma côrte, nem um monarcha que balançasse a influencia ingleza, tendo a mesma nomeação da regencia sido obra d'um general inglez *(Dalrymple)*; todas estas vantagens eram muito grandes e muito importantes para se poderem esperar n'outra parte.»

---

[1] Eram: 13 batalhões de inf., 4 esquadrões de cav., e 30 peças de artilharia, das quaes só 6 tinham cavallos. D'aquelles 13 batalhões, 2 estavam em Abrantes, 1 em Elvas, 3 em Lamego, 1 em Almeida e 6 em Lisboa.

[2] Foram os 3 batalhões de Lamego e os 2 de Abrantes, mais uma brigada de artilharia.

[3] *Napier* (Op. cit. v. 3.º, p. 139).

A campanha de Moore em Hespanha foi desgraçada, porque Napoleão depressa veiu tomar a desforra dos revezes soffridos pelas suas armas. Decidido a dar um golpe profundo e decisivo na sublevação geral da Peninsula, enviou consideraveis reforços de tropas para Hespanha, onde se elevaram ao respeitavel effectivo de 300:000 homens; e vindo elle proprio dirigir as operações d'esse formidavel exercito (*5-nov.*), desbaratou e fez debandar em differentes direcções os generaes hespanhoes que pretendiam cercal-o á semelhança do que haviam feito em *Baylen*, e entrou em Madrid (*5-dez.*), d'onde se voltou contra Moore (*23-dez.*), que havia subido de Salamanca para o norte, no intento de fazer uma surpreza ao 2.º corpo do marechal Soult.

Por fortuna do general inglez, uma tempestade de neve que tornara os caminhos intransitaveis, obstára a que o seu exercito fosse apertado n'um circulo de ferro e de fogo em que Napoleão, por uma brilhante manobra d'aquellas que só o seu grande genio sabia conceber e executar, se dispoz a envolvel-o. Mas nem por isso o general Moore pôde evitar uma retirada calamitosa para a Corunha, onde ficou morto no combate que ahi se deu (*16-jan.-1809*), para cobrir o embarque das suas tropas, perseguidas pelo marechal Soult.

O governo portuguez, terrivelmente impressionado pelas noticias que vinham de Hespanha, redobrou os seus esforços para a preparação da defeza nacional já principiada desde a saída de Junot. Ordenou desde logo o levantamento em massa da nação, incluindo os homens de 15 a 60 annos, e a fortificação das differentes terras e praças do reino; [1] a creação de dois corpos de voluntarios da cidade de Lisboa para a guarnição e policia da mesma cidade; a organisação da população da capital em 16 legiões nacionaes para melhor garantir a sua defeza; [2] a apresentação de todos os cavallos que houvesse no reino para a remonta do exercito; e a publicação d'um novo regulamento de milicias afim de que estas fossem recrutadas, exercitadas e armadas d'um modo regular. [3]

Logo que ao Rio de Janeiro chegaram as noticias da expulsão de Junot, pensou aquella côrte em animar o patriotismo dos portuguezes, e em chamar um general inglez para organisar, disciplinar e commandar o exercito portuguez. Em conformidade d'isso appareceu a *proclamação* de 2 de janeiro de 1809, convi-

---

[1] Decreto de 11-dez.-1808.
[2] Decreto de 23-dez.-1808.
[3] Alvará de 20-dez.-1808.

dando a nação, não só a progredir na sua resistencia aos francezes, mas até mesmo a que secundasse quanto possivel os heroicos esforços da nação vizinha, cuja independencia dependia essencialmente de Portugal.

Pela mesma epocha foi commettida ao nosso ministro em Londres a escolha do referido general, sendo para desejar que elle fosse muito habil e experimentado «para fazer em Portugal os mesmos prodigios que em 1762 operou o conde de Lippe, e que nunca mais, apesar dos muitos e grandes esforços que sua alteza real fez para o mesmo fim, podéram tornar a conseguir-se.» [1]

Esta escolha levou seu tempo, recaindo por fim no marechal **Beresford**, [2] que só no principio de março de 1809 chegou a Lisboa.

Entretanto o nosso governo foi tomando as disposições geraes para sustar a invasão, já concentrando as tropas e observando as fronteiras ameaçadas, já cuidando nas fortificações das duas cidades principaes do reino, como vamos agora vêr.

Disposição geral das tropas para a defeza.—*Fronteira do sul.*—Para observar a marcha do 4.º corpo do exercito francez do qual já em dezembro havia noticia de estar operando no valle do Tejo, para onde Napoleão, logo que entrára em Madrid, o enviára em perseguição do exercito hespanhol da Extremadura, e que, depois de fazer recuar este para além de *Trujillo*, devia subir de *Almaraz* por *Plasencia* a *Cidade Rodrigo*, afim de cortar a retirada para Portugal ao exercito inglez que estava em Salamanca, o general Cradock pôde levar *D. Miguel Pereira Forjaz*, então secretario do governo na repartição da guerra, «a prometter-lhe mandar para a ponte de *Alcantara* uma divisão portugueza de 6:000 homens», promptificando-se elle Cradock a «fornecer-lhe algum dinheiro, sem o qual a dita divisão não podia pôr-se em marcha. Alguns corpos chegaram effectivamente a sair de Lisboa para o Alemtejo, começando a mover-se nos primeiros dias de janeiro de 1809, taes foram o regimento n.º 1 no dia 2, o regimento n.º 13 no dia 3 e o regimento n.º 16 no dia 4.» [3] Em *Abrantes* estabeleceu-se uma ponte de barcos, e conservou-se uma pequena guarnição n'essa praça, bem como na de Elvas. O governo das armas da provincia do Alemtejo foi confiado ao general *Paula Leite*.

---

[1] Documento n.º 57 da obra de *Soriano* (Ep. 2.ª, v. 5.º).

[2] Encontra-se em *Soriano* (v. cit. p. 86) uma noticia biographica d'este general inglez.

[3] *Soriano* (v. cit. p. 64).

Fronteira da Beira. — O brigadeiro Wilson, não tendo podido organisar toda a legião lusitana até ao meado de dezembro, por causa da demora da remessa das armas e fardamentos que a Inglaterra devia enviar-lhe, partiu para Almeida em auxilio de Moore só com o 1.º batalhão da referida legião na força de 1:200 homens e duas a tres companhias de cavallaria e infantaria. [1]

Quando Wilson chegou á fronteira já o general Moore estava em retirada para a Galliza, e por conseguinte parou sobre o *Agueda*, junto a Cidade Rodrigo. Reunindo-se-lhe ahi algumas tropas hespanholas póde arranjar uma pequena divisão de 2:000 a 3:000 homens, com os quaes começou uma guerra de correrias sobre todos os destacamentos francezes que appareciam para os lados de Salamanca.

O general *Bacellar*, tendo o seu quartel general na *Guarda*, foi encarregado da defeza da Beira-Alta, recommendando-se-lhe especialmente cobrir as passagens para a *Ponte da Murcella*, por onde se devia retirar para a capital em caso de necessidade. [2]

Beira-Baixa. — Chegando no principio de janeiro a Lisboa a noticia da retirada de Moore para a Galliza, mandou-se suspender a marcha dos corpos que tinham ido para o Alemtejo, e reforçados estes com mais alguns outros, arranjou-se com todos elles uma divisão, [3] cujo commando se deu ao tenente general *Antonio José de Miranda Henriques*, a quem se commetteu a defeza da Beira-Baixa, indo estabelecer o seu quartel general em *Thomar*, ficando assim collocado entre o *Tejo* e o *Mondego*, e ao mesmo tempo vigiando a passagem do *Zezere.*» [4] Em caso de necessidade devia retirar-se para a capital, cooperando com o seu collega da *Guarda.*

Fronteira do Norte. — Por aviso do governo (*24-jan.*), recebido a 28 de janeiro á uma hora da noite pelo general **Bernardim Freire d'Andrade,** [5] que então governava as armas do partido do Porto, foi elle encarregado do commando de todas as forças da provincia do Minho e do partido do Porto, que podesse empregar activamente «para occupar aquellas posições, que julgasse mais proprias para occorrer á defeza da provincia do Minho, ou

---

[1] *Ibidem*, p. 54.
[2] *Ibidem*, p. 67.
[3] Estas forças chegaram pelos fins de março do effectivo de 20:000 homens.
[4] *Ibidem*, p. 67.
[5] Encontra-se na *Historia* de Pinheiro Chagas o retrato e a noticia biographica d'este benemerito general.

á entrada por Traz-os-Montes, tendo sempre em vista *cobrir e defender a cidade do Porto.*» [1]

O mesmo aviso mandava apresentar ao referido general algumas forças tiradas da provincia de Traz-os-Montes e da Beira, bem como as forças restantes da legião lusitana que o barão de *Eben* ficára a organisar no Porto. Porém, só parte d'estas tropas, e ainda assim muito tarde, foi reunir-se ás d'elle, que no principio das suas operações se limitaram a 2:000 homens de tropa regular, [2] e a uns oito regimentos de milicias, todos elles quasi desarmados.

Por outro aviso do governo (*25-jan.*) foi o brigadeiro **Francisco da Silveira** [3] (depois conde de Amarante) encarregado da defeza da provincia de Traz-os-Montes, dispondo para isso de uns 5:500 homens regularmente armados. [4]

Notaremos de passagem que todas essas forças assim destinadas á defeza remota do Porto, quer pelo lado do Minho quer de Traz-os-Montes, em logar de se acharem sob commandos distinctos e tão distanciados entre si, estariam mais convenientemente debaixo d'um commando unico, como parece ter sido a primeira idéa do governo. D'esse modo não teriam ellas sido batidas separadamente como se verá.

Pelo que fica exposto facilmente póde concluir-se que a maioria das forças de que então se dispunha, incluindo as tropas inglezas, foram postadas no *coração do paiz*, isto é, entre os rios Tejo, Zezere e Mondego, destinadas principalmente a cobrir e a defender a capital do reino. As forças restantes divididas pelas fronteiras e praças de *Elvas*, *Abrantes*, *Almeida*, *Chaves* e *Valença*, vigiaram a marcha dos francezes, que tentassem a entrada por qualquer d'esses lados.

Temos ahi um exemplo da *concentração* inicial a adoptar, quando Portugal se veja como n'aquelle tempo, ameaçado por todos os lados. Parece-nos que essa disposição das nossas forças

---

[1] *Extracto da sentença do conselho de guerra* instaurado em Vianna (18-nov.-1809) que se acha nas *Ordens do dia* de 1809, p. 188.

[2] Eram: 1 batalhão de inf. 9, outro do 21 com 684 praças, um destacamento dos regimentos 6 e 18 na força de 600 praças, outro de artilharia n.º 4 com 170 praças, 8 peças de seis, e 6 ditas de tres.—*Ibidem.*

[3] Encontra-se em *Soriano* (v. cit. p. 210) uma noticia biographica d'este brigadeiro, e no 8.º v. da *Historia* de Pinheiro Chagas, acompanhada do seu retrato tirado d'uma gravura rara.

[4] Eram: 2 regimentos de inf. com 2:800 praças; 5 regimentos de milicias de que só 2:500 homens estavam armados; 50 cavallos que dentro em poucos dias se inhabilitaram pela actividade do serviço; e alguma artilharia—(*Diario official* das operações do general Silveira, 21-maio-1809.)

não era má de todo, e que ainda hoje teria de proceder-se d'um modo analogo. A differença essencial a estabelecer seria mais no agrupamento das forças em grandes unidades, isto é, brigadas, divisões e grupos de divisão, do que nos pontos de reunião ou concentração.

Disposições concernentes á defeza de Lisboa.—Um dos nossos officiaes, que logo depois da saída de Junot se apresentou para o serviço, foi o prestimoso engenheiro *Neves Costa*, de quem já demos noticia. Este official sempre previdente e trabalhador deligenciou remediar a grande falta de trabalhos topographicos e memorias militares que se haviam extraviado dos archivos durante o dominio de Junot, e que eram necessarios para a preparação da defeza nacional.

Em data de 26 de outubro de 1808 dirigiu elle uma *representação* ao governo, na qual lhe lembrava a importancia de terreno proximo ao norte de Lisboa para a defeza d'esta capital; affirmava que existiam ahi *posições naturaes*, que os nossos antepassados não tinham sabido avaliar, e que permittiam grandes vantagens defensivas a um pequeno numero de tropas contra forças muito superiores; e por fim propunha a necessidade de se levantar uma carta militar do referido terreno por um methodo expedito de sua invenção, para evitar o muito tempo que exigiria semelhante trabalho pelos methodos vulgares.

Por este modo decidiu os governadores do reino a ordenar-lhe a execução do mencionado trabalho, e para o coadjuvar foram nomeados tres officiaes; o major Joaquim Norberto Xavier de Brito, o segundo tenente José Feliciano Farinha, e o tenente coronel Caula, sendo este especialmente encarregado da triangulação «ou medida trignometrica dos principaes pontos d'aquelle terreno», como diz o proprio Neves Costa. Os trabalhos de campo fizeram-se durante o inverno, desde fins de novembro de 1808 até ao fim de fevereiro de 1809.

A *carta militar* que resultou d'esses reconhecimentos foi entregue ao ministro da guerra em 4 de março, e tres mezes depois (*6-jun.*) recebeu tambem a *Memoria discriptiva das posições* que n'aquella carta se continham, elaborada por Neves Costa. [1]

Esta *Memoria* não tem por fim designar um determinado **plano de defeza,** mas sim descrever todas as *posições fortes*

---

[1] O trabalho original foi extraviado do *Archivo Militar*. Tiraram-se porém, algumas copias, uma das quaes existe na Bibliotheca do estado maior. Publicou-se tambem na *Revista do Exercito e Armada*.

pela natureza, que Neves Costa julgava poderiam aproveitar-se com mais ou menos vantagem; e que, sendo auxiliadas pela arte da fortificação, deviam permittir em qualquer tempo as diversas combinações possiveis, para formar outros tantos systemas ou planos particulares defensivos, segundo as differentes circumstancias da guerra.

Considerando o terreno ao norte de Lisboa desde o local (*serra de Montejunto*) onde elle principia a ser irregular ou difficil, e referindo-se ás diversas estradas por onde o inimigo podia dirigir as suas forças contra a capital, o auctor vae indicando o differente gráo de importancia das posições que successivamente ali se encontram, suas vantagens e defeitos, e quaes os pontos ou logares que era preciso assegurar á direita e á esquerda de cada uma para evitar o serem torneadas. D'estas indicações feitas de uma maneira generica, como é pratica seguida em todos os reconhecimentos militares, devia resultar naturalmente o conhecimento das posições mais convenientes, que se poderiam ligar entre si para formar uma ou mais linhas geraes, segundo os meios e forças disponiveis do defensor.

Embora seja muito extensa a *Memoria* de que se trata, não deixarei de aqui apresentar um succinto extracto della, necessario para o proseguimento d'estes estudos.

«O inimigo, diz Neves Costa, approximando-se a 12 leguas de Lisboa, acha a serra de Montejunto, que separa e desliga as operações offensivas que elle póde intentar fazer contra esta capital, obrigando-o a dirigir o seu principal ataque: 1.º entre a dita serra e o mar; 2.º ou entre a mesma serra e o Tejo; 3.º, ou, com muita desvantagem sua, por ambos os lados ao mesmo tempo.»

Passando a indicar as posições naturaes, mais vantajosas para disputar o terreno ao inimigo, considera separadamente as estradas que veem para Lisboa por cada um dos dois lados da serra, que eu designarei antes por *zona littoral e margem do Tejo;* e sob cada uma d'essas epigraphes faço a enumeração succinta das mesmas posições.

Zona littoral — 1.º Sobre a estrada principal — *Torres, Mafra, Bellas* — encontram-se as seguintes posições:

Torres Vedras: a villa (grande, rica e abundante de subsistencias) não se póde defender por meio d'um recinto de fortificação, porque é dominada por alturas que a cercam na distancia de tiro de canhão; as alturas do norte da villa, entre as quaes passa a estrada que vem de Obidos não são capazes de longa resistencia por ser facil torneal-as;

Serra da Villa, situada meia legua ao sul de Torres é bastante forte;

Altos do Trucifal, posição pouco forte mas aproveitavel para uma defeza passageira e provisoria;

Portella do Gradil; uma das mais fortes posições que se encontram n'esta direcção;

Logar da Murugeira, d'onde se defende o desfiladeiro da estrada real que atravessa o valle do Codeçal;

Eminencias da Tapada de Mafra, indispensaveis para evitar o tornea-

mento da posição anterior vindo o inimigo dos lados de *Freiria* ou da *Ericeira*.

Altos de Chelleiros, na margem esquerda da ribeira em frente da povoação do mesmo nome, muito fortes e com os flancos bem cobertos pelos ribeiros da Feiteira e Gargantada.

Sabugo, só favoravel para proteger uma retirada ou dar batalha.

Altos de Suimo, ao norte de Bellas que permittem bater o desfiladeiro por onde corre a estrada entre Sabugo e Bellas.

Altos sobre a margem esquerda da ribeira de Bellas, entre o *Pendão e Queluz*, só propria para occupação passageira.

Depois d'estas posições diz o auctor que não se póde continuar a defeza senão por meio das casas, muros e fazendas que n'elle se encontram até chegar ás fortificações em torno da cidade, e accrescenta aqui uma referencia á *ultima linha de defeza*, que alguns militares tinham aconselhado como mais vantajosa. [1] Era a que «desde Pedrouços pela margem esquerda do ribeiro de Algés, passa pelas *alturas de Monsanto*, e ali atravessa o valle de Bemfica, d'onde por A. da Correia segue pela direita do valle da Paiam e Odivellas, passando pelo Lumiar e Unhos até terminar no Tejo em Sacavem. E' como se vê, quasi a mesma que hoje existe desde o Alto do Duque a Sacavem.

Neves Costa nota-lhe, porém, o defeito de ter a sua parte mais saliente no terreno mais fraco, isto é, entre Monsanto e Paiam; considera-a *muito extensa* para ser defendida por tropas que suppõe batidas e desanimadas, e *asassás fraca* relativamente a outras linhas mais avançadas para haver de principiar ali a defeza, no caso em que se supponha o nosso exercito ainda em bom estado de resistencia.

2.º Sobre a estrada — *Torres Vedras*, *Montachique*, *Lumiar* — encontram-se as posições.

Portella de *Urgeiriça*, ou *Cátefica*, vantajosa para defender os caminhos que da parte de Torres e *Matacães* veem para os lados do Trucifal, e impedir consequentemente o torneamento da posição da *Serra da Villa;*

Casal de *Barbas* encostado á montanha da Senhora do Soccorro, que lhe fica na retaguarda, e occupando na frente o cabeço de *Monte Godel*, que flanqueia a estrada real e bate o caminho que vem do Trucifal pela *Melroeira;*

Altos da *Guia*, estendendo a sua direita, pela testa do valle da *Sapataria* até ás alturas que formam a sua margem direita, que o dominam e são de difficil accesso; e a sua esquerda pela testada do valle das Carreiras até ás alturas de *Juromello;*

Montachique, posição das mais fortes e vantajosas, cortando as estradas reaes que veem de Torres e de Mafra; é formada por alturas consideraveis e aprumadas que impossibilitam todo o accesso por fóra do espaço onde passa a estrada, sem deixar de permittir ao defensor o desenvolvimento de tropas de todas as armas para carregar os atacantes.

Loures, não é de grande força natural, mas é muito importante pela sua situação a respeito das estradas e caminhos que ahi vêem ter, de Torres, Mafra, Bucellas e Alverca.

Alturas do *Lumiar*, bastante fortes e aproveitaveis, sendo ligadas com as de Friellas e Sacavem.

---

[1] Vide a *Memoria* devida ao commandante do corpo de engenheiros que adiante vae citada.

3.º Sobre a estrada secundaria — *Ponte de Rol*, *Picanceira*, *Carvoeira* — que vem mais proximo da costa:

Portella de *Cambaias* e altos para a direita até Freiria e esquerda até ao mar, de mui facil defeza;

Margem esquerda do valle da *Picanceira* até ao mar atravessada pelos mesmos caminhos;

Passagem do valle de Chelleiros junto ao logar da *Carvoeira*, muito importante para tornear a posição principal de Chelleiros, e porque o inimigo póde dirigir-se d'ahi para *S. João de Terrugem* sem encontrar mais obstaculos do terreno, e ameaçar Cintra e Oeiras.

4.º Posições sobre a estrada secundaria — *Torres*, *Runa*, *Ribaldeira* — onde se bifurca para Enxara e Sobral.

Altos da *Partocheira*, na margem esquerda de Sizandro em frente de Matacães, batendo o desfiladeiro de Runa;

Portella da *Cachoeira* entre os altos de Sirol e Furadouro, só propria para proteger uma retirada;

Portella do *Furadouro* ou *Matta da Guerra*, muito vantajosa para disputar a passagem da estrada e dos caminhos para o valle de S. Sebastião, Enxara e Sapataria;

Alturas de *Dois Portos*, permittindo defender só provisoriamente e em retirada a estrada do Sobral;

5.º Posições sobre a estrada secundaria — *Malveira*, *Caneças*:

Altos da *Malveira*, d'onde se póde evitar o torneamento da importante posição de Mafra;

Alturas do logar das *Quintas*, posição importante e vantajosa para a defeza d'esta estrada;

Alvougas, de pouca vantagem excepto nos flancos apoiados á direita nas alturas das *Covas de Ferro*, e á esquerda nas do *Almargem*;

Altos ao sul de *Caneças*, posição mais concentrada e mais vantajosa de que a precedente;

Alturas do Valle da *Paiam* e *Alfornel*, onde o terreno apresenta obstaculos pouco consideraveis.

Margem do Tejo. — 1.º Sobre a estrada que segue a borda do rio, vindo pelo *Carregado*, *Villa Franca*, *Alverca*, encontram-se as posições seguintes:

Altos da *Castanheira*, de pouca força natural, exigindo por isso os soccorros da arte, mas d'uma grande importancia para a defeza da margem direita do valle da Arruda, e impedir o torneamento das posições da Alhandra;

Altos de *Povos*, entre Castanheira e Villa Franca, podendo formar uma segunda linha da precedente posição;

Alturas de *Villa Franca*, para defender esta villa, podendo a defeza combinar-se com o fogo das embarcações postadas no Tejo;

Alturas de *Alhandra* ou *Subserra*, que batem vantajosamente a planicie na borda do rio e a estrada que vem da Arruda pelo valle de S. João dos Montes.

Alverca, posição fraca e difficil de defender carecendo muitos obstaculos artificiaes, mas é preciso occupal-a por ser ao sul d'esta villa que se aparta da estrada real de Sacavem outra que vae por Vialonga e Loures a Lisboa;

Altos entre a *Povoa* e *Sacavem* de pouca vantagem pela natureza do terreno, e inuteis quando o inimigo estivesse senhor do valle de Vialonga;

Alturas de *Sacavem*, quasi aprumadas e tendo por fosso natural o rio

inadiavel, constituem uma posição muito vantajosa para a defeza. Estende-se até ao cabeço da *Aguieira*, junto a Unhos.

— 2.º Posições sobre a estrada que vae pelo sul da serra de Montejunto até à *Merceana* e segue por *Sobral*, *Bucellas*, *Loures:*

Villa do Sobral, muito importante por passarem ahi todos os caminhos transversaes que do terreno proximo ao Tejo vão para Torres Vedras; a sua defeza, porém, é difficultosa porque o terreno é de facil accesso e favoravel ao inimigo;

Serra de *Monte Agraço*, posição das mais vantajosas n'esta estrada;

Cabeço de *Albroque*, entre dois valles profundos e parallelos;

Alturas a nordeste de *Bucellas*, de pouca força, mas podendo ser occupadas provisoriamente e servir como posto avançado que mascara o desfiladeiro de Trancão.

Serra de *Servos* e *Fanhões*, ao sul de Bucellas, posições das mais inexpugnaveis e que permittem uma defeza efficaz.

— 3.º Posições sobre os caminhos transversaes que vão de *Alemquer*, *Carregado* e *Alhandra* para o *Sobral:*

Villa de *Alemquer*, não susceptivel de defeza; mas como posição provisoria e para cobrir uma retirada póde-se defender a encosta do valle deixando a villa na frente;

Altos da *Chança*, atravessando o valle de Cadafáes, e podendo servir para cobrir uma retirada das planicies do Tejo para o lado do Sobral;

Pontes de *Monfalim*, onde o valle de Cadafáes é muito estreito e vantajosamente defendido pelas alturas das suas margens;

Altos da *Cham*, onde a estrada de Cadafaes sobe com muita difficuldade, deixando o resto do valle.

Portella de *Bulhaco* ou *Cruz da Estrada*, que faz parte d'uma linha de defeza secundaria, cobrindo a testada do valle de *Calhandriz*.

A *Memoria* conclue com umas observações geraes sobre o systema de defeza d'essas posições militares, que na opinião do auctor deve ser o d'uma *defeza activa*, isto é — aquella que aproveita as posições defensivas como ponto de protecção e apoio para obrar contra as operações e movimentos do atacante.» — Por conseguinte as forças defensivas deviam ser distribuidas de modo que se podessem reunir com facilidade e promptidão nos pontos principaes de ataque, evitando sempre a dispersão do exercito, que resultaria se pelo contrario se pretendessem guarnecer todas as posições com o fim de obstar á passagem do inimigo por toda a parte.

Confrontando esta notavel e desenvolvida *Memoria* com a que escreveu o engenheiro Vincent em junho de 1808, de que em paginas anteriores já demos noticia, nota-se desde logo uma grande analogia entre ambas: o methodo de exposição, as posições mais importantes, o systema de defeza activa, são identicos n'uma e n'outra memoria. Não admira nada uma tal coincidencia, se é verdade, como *Soriano* diz [1] — ter o major Neves Costa acompanhado o coronel Vincent nas suas incursões ao referido terreno — ou o que nos parece mais certo (porque, segundo outros, Neves Costa esquivou-se ao serviço sob o dominio de Ju-

[1] Ep. 2.ª, t. 2.º, p. 527 e 528.

not) ter elle lido a memoria de Vincent que foi interceptada durante as operações militares em agosto de 1808.

Todavia deve-se observar que a memoria do engenheiro portuguez é incontestavelmente muito mais desenvolvida, mais completa e feita com muito mais precisão de que a do engenheiro francez, podendo por isso dizer-se que é o *complemento* d'esta ultima.

*

Emquanto Neves Costa trabalhava na redacção da sua memoria descriptiva do terreno ao norte de Lisboa, D. Miguel Pereira Forjaz occupava-se cuidadosamente da defeza de Lisboa, e quiz ouvir a esse respeito o major de engenheiros e lente da antiga academia de fortificação, Lourenço Homem da **Cunha de Eça**, o qual lhe apresentou em março um trabalho com o titulo:

«*Memoria sobre a linha defensiva que deve* **cobrir Lisboa**»

cujos traços geraes vamos resumir em poucas palavras. [1]

A linha defensiva teria a direita apoiada no Tejo no sitio da villa de *Alhandra* e centro em *Bucellas* e *Cabeça de Montachique*, e seguindo pelas alturas de *Mafra*, iria terminar no mar, tendo a sua esquerda no logar da *Ericeira*.

As forças a empregar na defeza d'esta linha, seriam pelo menos 10:000 homens de milicias e ordenanças, divididas em cinco divisões que occupariam as posições em que se deveria fazer maior opposição ao inimigo; todas essas divisões teriam artilharia, que deveria ser postada em certos pontos que o auctor designa.

As forças seriam reforçadas pelos corpos que viessem buscar a capital, e a reserva geral das mesmas forças seria constituida pelas tropas destinadas á defeza da cidade.

Cada commandante em particular receberia as instrucções relativas aos pontos que devia occupar e defender, para que se disputasse ao inimigo o terreno passo a passo, e se retirassem ao ponto da reunião na capital sem que fossem cortados.

Para observar os movimentos do inimigo havia um regimento de *signaes* que fazia a communicação de dia e de noite por *fachos*, devendo ser estabelecidos postos de observação nos pontos dominantes que indica.

Alem d'estas indicações geraes o auctor faz ainda n'esta memoria uma especie de *plano de operações* a executar dadas certas hypotheses dos movimentos provaveis do inimigo.

---

[1] Encontra-se publicada por extenso no documento n.º 82-B da obra de *Soriano* (E. 2.ª, t. 5.º) — Ha tambem uma copia manuscripta n'uma collecção de reconhecimentos militares existente no estado maior.

*

Em maio do mesmo anno de 1809, o marechal de campo José de Moraes **Antas Machado**, commandante do corpo de engenheiros, apresentou uma outra *Memoria* com o seguinte titulo:

Idéa do **plano de defeza da capital**, *pela qual se mostram as razões porque foram escolhidos os pontos que se andam fortificando e vão fortificar, assim como o uso que se deve fazer d'estas fortificações, e utilidade que d'ellas se póde tirar para uma rigorosa defensa.* [1]

Vê-se por este titulo que já no principio do anno de 1809 se procedia ás *obras de fortificação de Lisboa*, [2] e pelo conteudo da mesma *Memoria*, cujos pontos essenciaes vamos extractar, vê-se claramente que só trata da *defeza proxima* da cidade, e não das linhas de Torres Vedras ou *defeza remota* da capital.

O general faz primeiro referencia a uma *linha avançada*, que começando em Sacavem, circulava pelo Tojal, Friellas, Lumiar e Bellas até Cintra.

Suppondo que o inimigo nos obrigou a retirar todos os nossos postos d'essa linha, e considerando os caminhos por onde se deve recear que elle marche a atacar a cidade, agrupa-os da seguinte maneira:

1.º Vindo o inimigo dos lados de Sacavem, toma as duas estradas que vêem uma pelos Olivaes á Cruz da Pedra, outra pela Portella a Arroyos.

2.º Vindo pelo terreno entre Sacavem a Paço do Lumiar, ha a estrada que vem d'este logar buscar o Lumiar, e a estrada de Loures, que pelo Campo Grande vem dar ao mesmo sitio de Arroyos, e de lá se communica pelas do Rego e Palhavã a S. Sebastião da Pedreira, deixando entre estes dois pontos uma grande planicie toda aberta, e sómente embaraçada pelos muros de algumas quintas.

3.º Vindo pelo terreno entre o Paço do Lumiar e Bellas, não ha embaraço para que venham pela estrada de Bemfica e outros caminhos dar á estrada de Sete Rios e Arco do Carvalhão até á ribeira de Alcantara.

4.º Vindo pelas estradas que ha de Bellas até Cintra ha de precisamente vir pela estrada de Queluz buscar o sitio da Ajuda ou a estrada de Pedrouços a Belem, e de qualquer d'esses pontos a Alcantara.

Em vista d'essas communicações era de parecer que—*a primeira linha de defeza*—devia estabelecer-se em torno da cidade, desde a Cruz da Pedra a Alcantara, com os flancos apoiados no Tejo e passar pelas alturas dominantes que ficavam:

---

[1] Acha-se publicada no doc. n.º 82-C da obra de *Soriano* (Ep. 2.ª, v. 5.º).

[2] A confirmação d'isto acha-se na correspondencia de Forjaz com Beresford. *Ibidem* (Ep. 2.ª, t. 2.º, p. 525).

—Na *direita da linha* sobre o valle de Chellas até á Penha de França;

—Ao *centro da linha* desde esta ultima altura até ao alto da Atalaia, sobre a estrada de Campolide;

—Na *esquerda da linha* sobre o ribeiro de Alcantara, aproveitando n'esta parte as antigas fortificações, e designadamente os baluartes do Livramento e da Alfarrobeira.

Os pontos principaes a occupar, quer só com tropas e baterias, quer com obras de fortificações fechadas, acham-se na memoria precisamente marcados em cada uma d'essas tres frentes da linha. Sendo a do centro a mais accessivel, é sobre ella que se encontram mais obras de fortificação que deviam ser artilhadas com 83 boccas de fogo, como se vê da relação que acompanha a referida memoria, ao findar da qual, o commandante d'engenheiros declara que esta *primeira linha* tinha merecido a approvação do marechal Beresford.

Em frente da parte esquerda da linha podia-se ainda disputar a chegada do inimigo á ribeira de Alcantara, occupando as alturas que ficam sobre a pequena ribeira de Algés, desde Pedrouços até ao alto do telegrapho, e d'este ao da Pimenteira.

*

Para cobrir a *Extremadura* pelos lados das duas Beiras foram ainda ordenados outros reconhecimentos militares pelo general Miranda Henriques, commandante das forças concentradas em Thomar.

Sob as ordens d'este general estava o brigadeiro barão de *Wiederhold*, distinctissimo official allemão, de grande reputação e merecimento comprovado nas campanhas—*em que serviu como official do estado maior*—no norte da Allemanha e em Flandres contra os exercitos da republica franceza.

Como n'outra parte já dissémos este habil e intellgente official veiu para Portugal em 1797, na qualidade de ajudante de campo do principe de Waldeck. Fez em 1801 a breve campanha d'aquelle anno, debaixo das immediatas ordens de Gomes Freire, passando em 1802 ao serviço do conde de Goltz. Em 1808 poude esquivar-se a fazer parte da legião portugueza mandada para França, e a prestar serviço ao governo intruso, conservando-se em Lisboa sem emprego. [1]

O general commandante das tropas entre o Tejo e o Mondego encarregou o barão de Wiederhoh de importantissimas commissões de serviço de estado maior, em que elle era muito perito. Foram ellas:

---

[1] Constam estas commissões de serviço d'uma *carta* dirigida (27-fev.-1809) pelo brigadeiro *Wiederhold* ao general Miranda Henriques, dando-lhe conta dos seus trabalhos.—Veja-se tambem a noticia biographica nos *Excerptos Historicos de Chaby*. (V. 3.º, p. 239).

1.ª Reconhecer o intervallo entre a serra da Estrella e o Mondego, e indicar as posições vantajosas que houvesse n'esse terreno para se postar o exercito a impedir a entrada do inimigo.

2.ª Reconhecer o intervallo entre a mesma serra da Estrella e o Zezere e indicar o logar onde se poderia fechar este intervallo com obras de fortificação passageira; e mesmo propor outro qualquer meio que para isso achasse mais proprio.

3.ª Reconhecer e indicar os caminhos por onde da posição de Thomar a Alvaiazere o exercito poderia marchar e tomar posição entre a serra de Estrella e o Mondego.

4.ª Reconhecer o terreno entre a *serra de Goes* e o *Mondego* e informar se seria uma boa posição para o exercito, apoiando este um flanco na dita serra de Goes e outro no Mondego, em cujo caso a divisão de Coimbra se postaria para lá do Mondego, segundo a linha e apoiando a esquerda na *serra do Bussaco*.

Vemos aqui já uma idéa da occupação das importantes posições da *Murcella* e do *Bussaco*, que em 1810 e 1811 se tornaram tão notaveis como veremos no seguimento d'este *Summario*.

Dos referidos reconhecimentos militares resultaram algumas memorias e cartas respectivas, que bem quizeramos para aqui transcrever, mas só temos á mão a que se refere ao segundo reconhecimento, unica de que por isso vamos dar idéa summaria. [1]

O auctor deu-lhe o titulo de — *Memoria sobre o reconhecimento da* **garganta de Zezere** — chamando assim com muita propriedade ao terreno comprehendido entre a serra da Estrella e o Zezere superior desde as visinhanças de *Tortozendo* até ás alturas de *Pedrogão Grande*.

Partindo de Thomar foi por *Arega* a *Figueiró dos Vinhos*, sitio que achou muito proprio para estabelecer a reserva das forças (um ou dois batalhões com alguma artilharia) destinadas á defeza da garganta do Zezere. Seguiu para *Pedrogão*, onde reconheceu a grande importancia da ponte sobre a ribeira de *Pera*, e a antiga ponte de *Cabril* sobre o Zezere, que são dois formidaveis desfiladeiros, onde muito bem se póde disputar o passo ao inimigo, e que é forçoso occupar e fortificar para assegurar a retirada das forças empregadas na defeza tanto na garganta como no intervallo do lado opposto, isto é, entre o Zezere e a serra de *Muradal*, que se estende pelas Talhadas até ao Tejo.

Depois seguiu por *Alvâres* á *Pampilhosa*, ponto intermediario entre a saida da garganta e o exercito em Thomar ou no valle do Mondego, para onde se póde communicar por Goes; e achando na Pampilhosa dois caminhos a seguir, dos quaes um era a antiga estrada da Covilhã, e o outro um caminho de carro que conduz ao longo do Zezere, continua o seu reconhecimento seguindo o primeiro caminho até *Tortozendo*, d'onde passa a *Dominguizo* e volta pelo caminho inferior, observando as passa-

---

[1] Existe uma copia d'esta memoria sobre o *reconhecimento da garganta do Zezere*, na Bibliotheca do estado maior.

gens do Zezere. Em geral o paiz é muito cortado com muitas serras e ribeiros, e os caminhos quasi sempre pessimos.

Procurando o local onde melhor se poderia fechar o intervallo entre o rio e a serra, mostra-nos que póde ser na *portella de Maioraes* entre o Paul e Tortozendo, e muito melhor ainda no importantissimo *desfiladeiro da Cebola*, que tem sobre aquelle a grande vantagem de não poder ser torneado senão a grande distancia. [1]

O illustre auctor nota que esta passagem foi occupada na campanha de 1762, e que os habitantes das localidades estavam animados á sua defeza.

Em vista do exposto conclue — que o inimigo não póde tentar penetrar pela *garganta do Zezere* senão com pequenas forças compostas de tropas ligeiras; — que a *portella da Cebola* é o ponto essencial para a defeza de toda a garganta, sendo conveniente estabelecer ahi algumas obras de fortificação passageira; — que essas obras deviam ser préviamente estudadas pelo official encarregado da defeza de todo o terreno que se trata, o qual, além d'outros cuidados que indica, devia tambem estabelecer os signaes e fachos desde Figueiró a Tortozendo, nos sitios favoraveis que existem, para fazer os avisos necessarios de dia e de noite, afim das reservas acudirem a tempo.

Disposições relativas á defeza da cidade do Porto. — Quando o general Bernardim Freire, em desempenho da commissão para que fôra nomeado, partiu do Porto para o Minho (*30-jan.*), nomeou o brigadeiro *Parreiras* para o substituir interinamente no governo militar da cidade. Era um general mediocre, [2] e homem de caracter timorato. Tanto elle, como dois outros brigadeiros mais modernos que por então se achavam na cidade, se sujeitaram a receber as ordens do *bispo do Porto*, como se este fosse o seu general em chefe! Não queriam incorrer no desagrado d'este prelado, que era ao mesmo tempo, o presidente da regencia do reino, e tinha a mania de querer dirigir tudo por si só, incluindo as operações do exercito e as fortificações da cidade.

Em conformidade do decreto de 11 de dezembro, determinando que as praças e cidades principaes se fortificassem para se defenderem contra os aggressores do reino, e sabendo-se a 20 de janeiro que uma grande força franceza caminhava na Galliza em perseguição de Moore, começou-se activamente a tratar das fortificações do Porto.

As obras que se fizeram para cobrir essa cidade pelo lado do norte eram de natureza passageira, e constituiam uma extensa linha defensiva, apoiada d'um lado no mar, junto ao *castello do*

---

[1] Vide a disposição de terreno, que é realmente notavel, na folha 14 da carta chorographica.

[2] Diz *Soriano* (E. 2.ª, v. 2.º, p. 112): «não ter elle outros dotes de militar senão a sua respectiva farda.»

Queijo, e do outro no rio Douro, proximo á *quinta do Freixo.* [1] Em toda esta extensão d'uma legua e meia contavam-se 35 baterias e reductos de differentes grandezas, occupando convenientemente os altos dos montes que dominam as principaes estradas junto do perimetro da cidade.

Muros seteirados, algumas trincheiras e barricadas nos caminhos, fechavam os intervallos d'essas obras e completavam assim a linha de defeza.

Deve observar-se que na maior parte das baterias apenas se assestaram as peças nas cumeadas dos montes, sem se lhes levantarem parapeitos que cobrissem os artilheiros; e em frente das baterias não se limpou o terreno, até ao alcance efficaz do tiro, das muitas arvores e casas que n'elle havia. Estes dois vicios, se não foram devidos á falta de tempo, devem ser considerados como *erros de officio*, e constituiram na verdade dois pontos de accusação contra o governador militar. [2]

Prevendo-se a hypothese da cidade ser atacada pelo lado sul do Douro, havia-se levantado outra linha de meia legua de extensão, passando pelas alturas de Villa Nova de Gaia.

Uma forte bateria de 50 peças foi estabelecida no alto da *Serra do Pilar*, posição eminente que domina a cidade, o rio, e a baixa de Gaia.

A ponte de barcas, que então estabelecia a communicação entre a cidade e Villa Nova, era enfiada por duas peças postadas n'um dos arcos da Ribeira do lado do Porto.

O armamento das baterias e entrincheiramentos andava ao todo por perto de 200 peças de artilharia de calibre 12 e 3, e alguns obuzes de 18 e 9 pollegadas.

A guarnição elevava-se á somma de 24:000 homens, [3] em que apenas se contavam 4:500 que se podessem considerar como tropas de algum valor. Tudo o mais era uma massa popular sem instrucção militar, armada de piques, varapaus, roçadouras, e extremamente insubordinada e exaltada contra todas as pessoas

---

[1] **Le Noble**, intendente do exercito de Soult, nas suas *Memoires sur les operations militaires des français en Portugal*, dá uma planta das linhas do Porto.—Na novella historica de **Arnaldo Gama** com o titulo de «O sargento-mór de Villar» encontra-se uma detalhada noticia das fortificações estabelecidas em volta do Porto em 1809.

[2] *Ordem do dia*, 7-março-1810, confirmando a sentença do conselho de guerra, em que o marechal Beresford mandou metter o brigadeiro Parreiras.

[3] E' o numero que dá a *Gazeta de Lisboa* de 4-abril-1809.—*Napier* (v. 3.º, p. 245) avaliou a guarnição em 40:000 homens.—*Le Noble* eleva-a de 40:000 a 70:000 homens!

em que recaisse a mais leve suspeita de *jacobinismo*, ou affeição aos francezes.

Reconhecendo-se no Porto a insufficiencia d'uma tal guarnição para defender a extensa linha, que demandava pelo menos 15:000 homens decididos, bem armados, e bem instruidos, fizeram-se para Lisboa varias requisições aos governadores do reino, por intermedio do bispo, da camara municipal, e até do juiz do povo.

Em consequencia d'isso o marechal Beresford, já então investido do commando em chefe do nosso exercito, [1] e o general Cradock, commandante das forças inglezas, foram fortemente instados pelos governadores a fim de soccorrerem promptamente a cidade do Porto. Não recebeu, porém, reforço algum. Cradock, convidado por Beresford a decidir a questão, [2] recusou-se terminantemente a fazer qualquer movimento para o norte com as diminutas tropas de que para isso poderia dispor, [3] «porque isso deixaria Lisboa e o Tejo sem defesa, e abertos estes pontos ás invasões dos outros corpos inimigos», que perseguiam o general Cuesta para os lados de Badajoz, podendo d'ahi avançar contra Lisboa pelo Alemtejo, «onde não encontrariam outro obstaculo senão a *fraca guarnição de Elvas.*»

O bispo do Porto chamou tambem a si o brigadeiro Wilson, que expiava os movimentos de Lapisse na fronteira da Beira sobre o Agueda, mas elle recusou-se a obedecer ás ordens do *general mitrado*, conducta que foi approvada pelos governadores do reino. [4]

Em resumo: commando incapaz, fortificações ligeiras e mal construidas, guarnição regular insufficiente, tropas territoriaes numerosas, mas mal armadas e anarchicas; taes eram as condições militares em que se achava a defeza da cidade do Porto, quando o marechal Soult ia dirigir contra ella as suas operações militares, que agora nos cumpre examinar.

Plano de invasão. — Quando Napoleão ia em perseguição do general Moore, parou em Astorga no dia 1.º de janeiro, onde recebeu a noticia de que a Austria, por influencia da Inglaterra,

---

[1] Chegou a Lisboa nos primeiros dias de março. O nosso governo deu-lhe o titulo de *marechal do exercito* (Dect. de 7-março-1809).

[2] *Carta* de 29-março-1809, mostrando a conveniencia de soccorrer o Porto.

[3] Eram calculados em 12:000 homens, ficando ainda cerca de 2:000 de guarnição em Lisboa e nas praças maritimas.— *Carta de Cradock* em resposta á de Beresford.

[4] *Napier* (v. 3.º, p. 192).

se preparava para uma nova campanha, tendo já mobilisado um exercito de 320:000 homens. Julgando necessaria a sua presença no norte da Europa para dirigir a campanha contra esse formidavel inimigo, retrocedeu com metade do seu exercito para Valladolid (*6-jan.*) e d'ahi para França, deixando por essa occasião os marechaes Soult e Ney, encarregados de continuar as operações na Galliza, em quanto os outros generaes foram encarregados de varias missões nas outras provincias.

Recebendo em Paris a noticia da derrota de Moore, fez expedir (*21-jan.*) umas *instrucções* para o marechal Soult, recebidas por este a 28 de janeiro, em que se continha um novo plano de campanha. [1]

O objectivo capital d'esse plano era subjugar a Peninsula inteira, e por isso occupava-se ao mesmo tempo d'uma nova invasão em Portugal, e da submissão das provincias hespanholas, que ainda resistiam ás suas armas.

N'esse sentido continham-se no plano as seguintes indicações principaes:

1.ª O marechal *Soult* devia penetrar em Portugal pela fronteira do Minho, com o corpo do seu commando (24:000 homens) e seguir pelo litoral até á cidade do *Porto*, em que devia achar-se a 5 de fevereiro, marchando depois d'ahi sobre *Lisboa*, onde devia estar antes do dia 16 de fevereiro.

2.ª O marechal *Ney* com as divisões Marchand e Mathier, cuja força não dava mais que 16:000 combatentes, devia fazer alto na *Galliza*, afim de acabar a sujeição d'ella, impedir as communicações dos inglezes pela costa, e assegurar as do corpo expedicionario em Portugal.

3.ª No mesmo dia da entrada do marechal Soult no Porto a divisão *Lapisse* (8:000 homens) que fazia parte do 1.º corpo, e que por aquelle tempo estava em Salamanca, devia marchar por Ciudad Rodrigo a *Abrantes*, assegurando assim as operações de Soult no seu flanco esquerdo.

4.ª O marechal *Victor* com as divisões Villate e Ruffin do 1.º corpo, com 12 regimentos de cavallaria, e levando comsigo um trem de sitio (22:000 homens ao todo), devia saír de Madrid para *Merida*, e d'ahi para a Andaluzia sobre Sevilha e Cadiz.

5.ª No caso de Soult encontrar grande obstaculo para entrar em Lisboa, *Victor* deveria correr de Merida em seu auxilio, inva-

---

[1] *Instrucções de Berthier*, chefe do estado maior general, publicado por *Napier* (v. 3.º, p. 199).

dindo o *Alemtejo*, reunindo-se a *Lapisse*, e enviando uma forte columna contra *Lisboa*.

6.ª Depois de tomada a capital portugueza, *Victor* e *Lapisse* marchariam juntos (30:000 homens) para *Sevilha* por Merida.

7.ª O *rei José*, a quem foram transmittidas as mesmas instrucções; ficára em *Madrid* ainda com algumas forças para reforçar as operações conforme as circumstancias, e apoiar os outros marechaes encarregados da pacificação das provincias da Hespanha.

Notemos que n'este plano eram apenas destinados para invadir Portugal (54:000 homens), enfraquecidos de mais a mais pela sua divisão em tres columnas (*Soult*, *Lapisse*, *Victor*), os quaes deviam entrar no nosso paiz por tres fronteiras muito distantes entre si (*Minho*, *Beira*, *Alemtejo*) e convergir por operações combinadas sobre Lisboa, que era o objectivo decisivo da conquista de Portugal, depois de terem tomado o Porto e Abrantes, que eram os objectivos secundarios.

Olhado assim, esse plano parece á primeira vista defeituoso, pelo grande affastamento das tres columnas, sendo difficil protegerem-se mutuamente em caso de necessidade. Escriptores ha, com effeito, que o criticam dizendo que «imprevistos obstaculos podiam desarranjar as combinações das tres columnas tão fracas e tão affastadas entre si, e retardar, quando inteiramente o não impedissem, o concerto das operações respectivas.»

Comtudo esses obstaculos imprevistos podiam dar-se ou deixar de dar-se; e n'aquella occasião, *precisamente*, não havia probabilidade alguma de se darem. A não serem as circumstancias puramente accidentaes, como as intemperies da estação invernosa, que nunca se podem prever nos planos de campanha, só algumas tropas podiam impedir a marcha das tres columnas invasoras.

E como em Portugal não as havia em numero e qualidade sufficientes, como já vimos, o plano de Napoleão póde qualificar-se de bem calculado *n'aquella occasião*, e devía ser bem succedido, se, por fortuna nossa, a rivalidade dos seus marechaes o não fizessem falhar pela sua inacção.

Operações na fronteira do norte.—A marcha do marechal Soult desde o Ferrol até ao Porto foi assignalada por toda a ordem de obstaculos.

As perdas e fadigas das suas tropas, que eram as divisões de infanteria Merle, Mermet, Delaborde e Heudelet, os dragões de Lorges e Lahoussaye e a cavallaria ligeira de Franceschi, comprehendendo 17 regimentos de infantaria, 10 de cavallaria e 58

bocas de fogo, [1] obrigaram-no logo desde o principio a demorar-se alguns dias na Galliza para lhes dar o necessario descanço.

Para facilitar o seu abastecimento com os recursos do paiz e ao mesmo tempo a realisação da sua marcha para a frente, dispol-as vantajosamente em escalão sobre a direcção que tinham de seguir para entrar em Portugal. Assim deixou a divisão Mermet em Betanzos a guardar a retaguarda em quanto não fosse substituida pelas tropas de Ney, que vinha atrazado. Entrou em Santiago sem dar um tiro *(3-fev.)*. Fez explorar o terreno até ao *rio Minho* pela sua cavallaria, enviando a divisão Lahoussaye para os lados de Ribadavia e Salvatieira, e a divisão Franceschi para *Tuy*. A divisão Merle foi para Pontevedra afim de apoiar a cavallaria.

Pela nossa parte, o general Bernardim Freire, tratou de aproveitar as vantagens defensivas que offerece o rio Minho, na parte em que separa Portugal da Hespanha (65 kilometros), cuja travessia n'aquella epocha era difficil por levar uma grande cheia em consequencia da muita chuva que tinha caído nos primeiros dias de fevereiro.

Mesmo nas circumstancias ordinarias o rio Minho constitue uma importante *linha defensiva*, por ter os seus extremos apoiados d'um lado nas ramificações da *serra da Peneda*, e do outro no mar; por ter uma direcção perpendicular ás estradas, que constituem a linha natural de operações de Santiago ao Porto; e por ter uma largura de 300 metros junto á praça de Valença, que vae augmentando á medida que o rio se approxima do mar, chegando em Caminha a ter a largura de 2.000 metros.

Aproveitando estas circumstancias o general Bernardim Freire teve o cuidado de mandar retirar para a nossa margem todos os barcos que havia no rio, e distribuiu as suas tropas ao longo d'elle pelos postos que lhe pareceram mais vantajosos, ficando o seu quartel general ao centro da linha, em *Ganfei* (proximo de Valença).

O marechal Soult, apesar do zelo de que se achava animado e das instancias que lhe fazia o rei José para effectuar a invasão de Portugal, não poude avançar com as suas tropas antes do dia 8 de fevereiro, em que saíu de Santiago para o sul. Projectára forçar a passagem do Minho a jusante da praça de Tuy, que serviria de base ás suas operações. Mas não encontrando ali meios alguns de effectuar a passagem, e sabendo pela informações da

---

[1] O effectivo nominal de todas estas tropas andam por 46:000 homens, mas pelos fins de janeiro não se podia contar com mais de 23:000 a 26:000 homens.

sua cavallaria que havia alguns barcos na costa da povoação maritima da *Guardia*, fez transportal-os por terra para a ribeira da Tamuja, que desagua no Minho em frente da nossa povoação de Seixas, e encarregou o general *Thomiers* de organisar ahi uma flotilha em que podessem transportar-se pelo menos 2:000 homens.

Embarcando n'essa flotilha pela meia noite do dia 15 de fevereiro, os francezes tentaram passar o Minho na madrugada do dia 16, descendo o rio em direcção á praia do *Camarido*, que fica entre a Insua e Caminha.

O general Bernardim Freire, advertido anteriormente dos projectos do inimigo, fizera reforçar muito a proposito no dia 15 os postos de Caminha e do Camarido. Apenas avistaram os barcos inimigos, dirígiram um activo fogo sobre elles, mettendo-lhe um a pique; então, não podendo vencer a corrente, foi despedaçado sobre as pedras para que o rio o arrojára. Só alguns 40 homens chegaram a pôr os pés em terra, e refugiaram-se na mata do Camarido, onde depois foram aprisionados. De tudo isto resultou retrocederem os outros barcos dos francezes para a margem direita do Minho, impossibilitados de o atravessarem, tanto por causa da cheia, como pela resistencia dos nossos.

Pelo meio dia os francezes dirigiram ainda outro ataque contra Villa Nova da Cerveira, que se defendeu tão heroicamente como Caminha, auxiliada pela artilharia do forte de *Lovelhe* e da bateria da Moita. [1]

Frustados d'esse modo todos os esforços dos francezes para passarem o rio Minho, o marechal Soult não viu outro recurso senão tornear o obstaculo, isto é — *mudar a sua linha de operações* — indo passar o rio em Orense, onde havia ponte, e entrar em Portugal por Traz-os-Montes.

Para esse fim ordenou uma marcha de flanco ao longo do Minho, não se esquecendo de a cobrir bem do lado da nossa fronteira, deixando uma forte guarnição na praça de Tuy, e mandando pequenos destacamentos para alguns pontos vizinhos da raia secca.

O general Freire limitou-se a observar o novo movimento do inimigo, e foi visitar e dispôr melhor os postos da sua direita, que estavam em *Melgaço*, *Ponte das Varzeas*, *Porto de Cavalleiros*, e em outros pontos intermediarios.

Os francezes chegaram a Orense no dia 21 de fevereiro, tendo

---

[1] A descripção detalhada encontra-se em *Soriano* (v. cit. p. 118), e no *officio de Bernardim Freire* de 16-fev.-1809.

soffrido grandes perdas [1] durante essa curta marcha, em consequencia da resistencia que lhes opposeram os povos da margens do Minho, sublevados e animados contra elles pela presença das tropas do marquez de la Romana (8:000 homens) que operava para os lados de Orense.

O marechal Soult foi obrigado por isso a fazer mais uma demora de alguns dias em Orense, e tratou de se desembaraçar de tudo o que era de difficil transporte, mandando os doentes e a artilharia pesada para Tuy, onde vieram assim a ficar umas 36 bocas de fogo e perto de 2:000 homens.

Vê-se portanto que, graças ás nossas disposições defensivas sobre a linha do Minho, o general Bernardim Freire conseguiu com pouca gente impedir a sua passagem a um inimigo dez vezes superior em numero, e ganhar tempo em proveito da defeza do Porto e da organisação da defeza nacional.

Temos a convicção de que, se nos vissemos hoje em circumstancias analogas, seria muito conveniente aproveitar a mesma linha limitrophe da Galliza, como *primeira barreira estrategica* contra as ameaças das tropas vindas d'esse lado, qualquer que seja o seu effectivo.

É evidente que a concentração na Galliza d'um corpo de exercito inimigo póde hoje fazer-se muito mais rapidamente do que em 1809, em consequencia dos melhoramentos da viação. Além d'isso a via ferrea de Orense a Tuy, parallela ao rio, e algumas estradas carreteiras na mesma direcção, facilitam muito os transportes das tropas e do material de pontes para os sitios em que se pretender effectuar a passagem.

Comtudo essas vantagens dão-se hoje igualmente do nosso lado, tanto para a concentração das nossas tropas sobre a margem esquerda do Minho, como para os seus movimentos ao longo do rio.

Bastará dispor d'uma forte brigada de 9:000 a 10:000 homens, composta de 6 batalhões de infantaria, 1 de caçadores, 1 grupo de baterias e 1 regimento de cavallaria, para observar toda a linha, e acudir rapidamente aos pontos em que seja tentada a passagem.

Dado mesmo que o invasor conseguisse effectuar a passagem, poderá disputar-se-lhe o passo, e ameaçar as suas communicações de flanco, aproveitando as fortes posições das montanhas que limitam a barra do Minho, como são, por exemplo: a *Por-*

---

[1] Havia cerca de 800 doentes e feridos, e uma boa parte da cavallaria e da artilharia ficou em muito mau estado.

tella do Extremo, desfiladeiro importante onde passa a estrada de Monsão a Braga; a *montanha de Faro*, proximo de Valença, que bate de flanco a estrada d'essa praça para Ponte de Lima; a *serra do Bico* que intercepta a mesma estrada proximo a Paredes de Coura; os montes de *S. Paio*, *Arga* e *Santa Luzia*, que permittem bater de flanco a estrada do littoral e o caminho de ferro até Vianna.

D'ahi para o interior temos ainda uma serie de linhas defensivas, constituidas pelos rios *Lima*, *Cavado*, *Ave* e pelas cumeadas divisorias que as separam.

Todas estas vantagens defensivas têem levado certos auctores a considerar *improvavel uma invasão pelo Minho*, e até a deduzir d'ahi que não é preciso defender o Porto, apesar da reconhecida e comprovada importancia estrategica d'esta cidade. [1]

A conclusão que se tira, do que acima temos dito, em previsão de futuras guerras, é que devemos dispor, pelo menos, d'uma forte brigada de infantaria para cobrir o Porto pelo lado do Minho, emquanto o invasor não manifestar claramente o seu plano de ataque.

Tendo agora de entrar em Portugal pela raia secca, constituida pela linha montanhosa que se estende desde *Melgaço* a *Chaves*, o marechal Soult tinha á sua disposição seis caminhos, tres dos quaes passam nas aberturas praticadas pelos rios *Minho*, *Lima* e *Tamega*, e os outros tres nas portellas das cumeadas que os separam, a saber: a de *Castro Laboreiro* na serra da Peneda, a do *Homem* na serra do Gerez, e as de *Sendim* e de *Villar de Perdizes* na serra de Larouco.

O mais accessivel d'estes seis caminhos era o de *valle de Tamega*, cujas margens, achatando-se a partir de Verim na Hespanha, vêem formar já dentro de Portugal a extensa e fertil veiga de Chaves, d'onde segue para Villa Real, e d'aqui por Amarante para o Porto, a via mais commoda e mais facil de percorrer.

A praça de *Chaves*, que defendia esta entrada da fronteira, achava-se então n'um deploravel estado. Desde 1762, em que caíra em poder dos hespanhoes, não recebera as reparações necessarias, porque o conde de Lippe entendeu que não era susceptivel de boa defeza, devendo ser substituida por outra praça em melhor situação.

Era, portanto, muito provavel que a invasão se effectuasse pelo valle do Tamega.

---

[1] Veja o *Estudo sobre a importancia estrategica do Porto*, que publiquei no «Exercito Portuguez» em 1887.

O general Bernardim Freire, ao tempo em que as tropas de Soult se reuniam em Orense, mandou occupar a *portella do Homem* pelo 2.º batalhão da legião luzitana que sob o commando do barão de Eben chegára a Braga a 23 de fevereiro.

Fez tambem occupar *Salamonde* por um batalhão de infantaria n.º 9, mandado da Beira para Braga. E, deixando ao marechal de campo Botelho o commando dos postos da linha do Minho, que não podia retirar de todo por causa das tropas francezes que occupavam Tuy, veio estabelecer o seu quartel general em *Braga*, ponto importante estrategico por se achar situado quasi a meia distancia entre o Minho e o Douro, na juncção de todas as vias de communicação que vêem da fronteira do norte sobre o Porto, e d'onde podia melhor attender á sua defeza cooperando com o brigadeiro Silveira em Traz-os-Montes.

Este general, e o marquez de la Romana, que repellido por Soult veio com as suas tropas em debandada procurar um ponto de reunião para os lados de Monterey e de Verim, dispuzeram-se de commum accordo a defender a entrada pelo valle do Tamega adiante de Chaves.

O grosso das tropas de Silveira estabeleceu-se (*3-março*) em *Villarelho* na margem direita do rio, enviando a sua vanguarda para as montanhas que dominam a ponte de *Villaça* em Hespanha. As tropas do marquez dispuzeram-se (*4-março*) na margem esquerda, desde *Tamaguelos* até *Lama d'Arcos*, e occuparam tambem a fortaleza de *Monterey* na frente de todas as posições. Além d'isso, tendo Silveira officiado (*4-março*) ao general Freire a pedir-lhe que enviasse tropas para *Montalegre*, o batalhão que estava em Salamonde recebeu ordem de marcha para esse ponto, e o barão de Eben de fazer uma incursão na Galliza.

No mesmo dia 4 de março, em que se tomaram estas disposições da parte da defeza, o marechal Soult, tendo terminado os seus preparativos em Orense, fez avançar o grosso do seu exercito para Allariz, e no dia seguinte para Guinzo sobre o Lima, d'onde uma guarda avançada partiu sobre *Monterey* que encontrou abandonada no dia 8, bem como a margem esquerda do Tamega. O general hespanhol, faltando ao que combinára com Silveira, tinha marchado na vespera em direcção a Senabria para d'ahi seguir para Astorga com o intento de cortar as communicações do marechal Ney, que operava na Galliza, com Madrid.

D'essa maneira mal podiam as nossas forças sustentar-se na margem direita, onde depois d'uma escaramuça na ponte de Villaça, bem sustentada pela nossa vanguarda sob o commando do tenente coronel Pizarro, retiraram para Chaves, e d'aqui para a forte posição de *Santa Barbara*, a uma legua para sudeste da praça, que era impossivel defender. Resultou d'ahi um lamenta-

vel motim dos seus habitantes excitados pelos *pseudo-patriotas* que em tudo viam o *jacobinismo* e queriam a todo o risco defender a praça.

Nem o seu governador, nem mesmo o general Silveira se atreveram a cohibil-os com receio de serem assassinados, limitando-se a reunir um conselho militar no dia 9 para decidir se devia ou não defender-se a praça, conselho que não chegou a concluir-se, porque chegando n'esse dia os francezes á vista de Chaves, Silveira retirou-se immediatamente para o acampamento de Santa Barbara, sem comtudo dar ordem positiva para a evacuação da praça, de maneira que ainda ahi ficou a vanguarda do tenente coronel Pizarro.

No dia 10, já os francezes tinham bloqueado a praça por tres lados ao alcance do seu fogo, a qual não deixou por isso de lhes enviar alguns tiros de artilharia e de fuzilaria. Na manhã seguinte Soult intimou a praça a que se rendesse para poupar sangue, o que de facto teve logar na manhã do dia 12, ficando prisioneiros de guerra todos aquelles que dentro d'ella haviam pegado em armas. [1]

Logo que se viu senhor da praça de Chaves, Soult tentou, ainda no mesmo dia 12, envolver o campo de Santa Barbara, dirigindo uma forte columna sobre o *Polderado* e *Agostem*, de combinação com outra destinada a um ataque secundario sobre *Villar de Nantes*.

Silveira percebeu o perigo que o ameaçava e retirou-se para as montanhas de *Oura* e *Reigaz*, onde o caminho de Villa Real passa por desfiladeiros de facil defeza. E no dia 13, não se julgando ainda bem seguro ahi, retirou-se para *Villa Pouca d'Aguiar*, posição vantajosamente situada n'uma portella, onde tratou de fortificar-se para ahi esperar o inimigo.

Todavia Soult não o perseguiu mais; limitou-se a fazel-o observar por um destacamento d'uns 500 homens, e fez retroceder as outras tropas para Chaves, d'onde as encaminhou em direcção a Braga.

Terminam aqui as operações que se relacionam com a entrada do invasor pela fronteira do norte, e com as operações correspondentes da defeza, tanto na parte do Minho como na de Traz-os-Montes.

Vemos n'ellas uma grande *perda de tempo* da parte de Soult,

---

[1] Foram: 500 homens de tropa de linha, 2:000 de milicias e 1:200 de ordenanças. Aquelles foram convidados a seguir o exercito francez, as milicias e ordenanças foram despedidas para suas casas.

que se tivesse feito reconhecer melhor as condições em que se achava a defeza do rio Minho, ter-se-hia dirigido logo de Santiago para Orense.

Vê-se tambem que os esforços feitos pelo general Bernardim Freire para a defeza do mesmo rio fôram coroados do mais feliz exito, não obstante as suas diminutas forças estarem bastante dispersas pelo antigo *systema de cordão*. O que lhe valeu foi o inimigo não dispôr d'uma equipagem de pontes.

Outro tanto não succedeu a Silveira, que se viu forçado a retirar da fronteira, pelo abandono em que o deixou o general hespanhol, e pelo facto de a praça de Chaves não estar em condições de se defender para apoiar durante algum tempo as suas operações em torno d'ella.

Marcha de Soult sobre o Porto. — Prevendo a entrada dos francezes por Chaves, o general Bernardim Freire tomou a resolução de cobrir ao mesmo tempo as cidades de Braga e Porto.

Para esse effeito a *serra da Cabreira*, que separa a provincia do Minho da de Traz-os-Montes, offerecia-lhe uma excellente linha defensiva, com os seus flancos apoiados nos rios Cavado e Tamega.

Esta linha com a extensão de cinco leguas é forte pelo accidentado do terreno, e offerecia apenas tres passagens de facil defeza, a saber:

1.ª A passagem de *Salamonde*, onde ia dar a antiga estrada de Chaves a Braga, em pessimo estado, e atravessando um terreno cheio de precipicios que deitam para o Cavado;

2.ª A passagem de *Salto*, mais proxima da cumeada da Cabreira, onde se cruzam os caminhos, tambem de difficil transito, que vêem de Montalegre e de Chaves para Guimarães;

3.ª A antiga *Ponte de Cavez* sobre o Tamega, servindo a estrada de Villa Pouca a Guimarães, muito mais accessivel do que as outras.

O general Freire não hesitou em aproveitar semelhante linha. Apenas soube da approximação de Soult á fronteira de Chaves, fez retirar o batalhão de infantaria n.º 9, que enviara para Montalegre, e repartiu-o, bem como outras forças de que dispunha, pelos postos de *Salamonde*, *Ruivães*, *Salto* e *Ponte de Cavez*. A par d'isso mandou recolher da Galliza para Braga o barão de Eben com o 2.º batalhão da legião lusitana. Fez tambem occupar *Amarante* pelo brigadeiro Victoria com as forças que sob as ordens d'esse official o governo lhe enviara da Beira.

Tomadas estas disposições o general saíu de Braga a visitar pessoalmente os postos de Salamonde e Ruivães, e voltando no dia 15 de março, em que as avançadas francezas haviam che-

gado a esse ultimo posto, encontrou a população de S. Gens ao norte da Povoa de Lanhoso revolucionada a ponto de o insultar.

Entretanto o marechal Soult, deixando em Chaves uma pequena guarnição para resguardar dos ataques da plebe os doentes e feridos que ahi tinham de ficar por não poderem continuar a marcha, e encarregando os dragões de *Lorges* de observar Silveira, [1] fez avançar o seu exercito em direcção a Braga (*15-março*), pelo primeiro dos caminhos acima referidos, isto é, *Boticas*, *Alturas*, *Salamonde*. A marcha foi muito demorada e muito penosa, sendo preciso apear a cavallaria em varios logares, e achando-se a cada passo a artilharia a ponto de ser abandonada por faltarem aos homens e aos cavallos a força precisa para a arrancar dos desfiladeiros. As tropas foram por vezes assaltadas ao atravessar as montanhas por numerosos bandos de povo, que desciam e logo se refugiavam nos montes mais inaccessiveis.

Apesar de tudo a vanguarda do exercito francez chegou a occupar *Ruivães* no dia 15, como já se disse, e pela *meia noite* d'esse mesmo dia forçou o posto de *Salamonde*, apparecendo depois no dia 17 á vista das nossas tropas que o general Bernardim tinha disposto nas alturas de *Carvalho d'Este*, no extremo norte da linha de montanhas que contorna o rio d'Este pelo lado do nascente, muito proprio para defender Braga contra os ataques vindos d'esse lado.

Os francezes não poderam vencer a resistencia que ahi lhes foi opposta pelas referidas tropas sob o commando do barão de Eben durante os dias seguintes, senão a 20 de março, quando já tinham reunido o grosso das suas tropas, com que dirigiram então o ataque em tres fortes columnas. avançando uma directamente sobre a posição de *Carvalho d'Este*, e procurando as outras torneal-a pelos flancos. «Fez-se geral o ataque, e ás 10 horas estava tudo desbaratado», dispersando-se os defensores em todas as direcções que poderam, perseguidos de perto pela cavallaria inimiga que entrou de envolta com elles na cidade de Braga. [2]

Não admira nada que tal fosse o resultado da defeza de Braga, tentada por *uma massa popular* de 23:000 homens, [3] que estava

---

[1] As instrucções dadas ao general *Lorges* prescreviam-lhe: marchar a 14 de março pela estrada de Villa Real; enganar o inimigo, annunciando por toda a parte que o exercito ia marchar por ahi e encommendando viveres para elle; reconhecer Villa Pouca d'Aguiar, e afinal retrogradar no dia 17, reunindo-se a marchas forçadas ao grosso do exercito que a esse tempo devia estar a chegar a Braga.

[2] Sobre este combate veja-se a *parte official do barão de Eben*, datada do Porto a 26-março-1809.

[3] Eram: 2:000 de tropas regulares, 5:000 armados de más espingardas, 16:000 com piques e chuços.— *Ibidem*.

muito longe de ter o valor de tropas de inferior qualidade. Faltaram-lhes *armas* e *munições*, porque a maioria d'essa gente estava armada de chuços, piques e instrumentos de lavoura, que nenhum valor tinham contra as espingardas e canhões do exercito francez.

Faltou-lhes tambem a *educação e disciplina militar*, não sendo mais que uma massa informe de gente, insubordinada e anarchica, a ponto de assassinarem o seu proprio general em chefe, Bernardim Freire, quando este prudentemente se dispozera a retirar para o Porto, por não dispôr de forças que podessem deter o passo ao inimigo. [1]

Não é temerario suppôr que, se a defeza de Braga na referida posição tivesse sido emprehendida por uma *forte brigada* de 9:000 a 10:000 homens de tropas regulares, o invasor ver-se-hia obrigado a retroceder, procurando outro caminho para chegar ao Porto, ou ao menos o combate defensivo teria sido mais persistente do que foi, e a acção teria terminado por uma retirada ao caír da noite em boa ordem, e continuando a resistir-se successivamente na propria cidade de Braga, no rio Ave, no Leça, e por ultimo nas fortificações do Porto, onde as tropas viriam dar um importante reforço ás que já ahi estavam dispostas para a defeza d'essa importante cidade, que se devia considerar como o *grande baluarte* da defeza das provincias do norte.

Entrando em Braga os francezes ficaram desapontados por verem a cidade deserta e sem os recursos que lá esperavam encontrar, pois que os fugitivos os haviam levado comsigo ou destruido e escondido. Isto devia incitar o seu general em chefe a proseguir sem descanço a sua marcha sobre o Porto, principal objectivo da sua missão. Mas era forçoso fazer reparação na artilharia que tinha chegado em deploravel estado por causa dos maus caminhos, dar tempo a que se reunissem as forças que estavam atrazadas, e tratar de estabelecer as suas communicações com a praça de Tuy, retomando assim a sua natural linha de operações, de que Braga, era um ponto importante a conservar.

Consequentemente as tropas francezas foram estabelecidas em Braga e seus arredores de maneira a facilitar o avanço sobre o Porto pelo seguinte modo:

A cavallaria de Lahoussaye e a divisão Delaborde sobre a estrada de Famalicão; a cavallaria ligeira de Franceschi e a divisão de Marmet sobre a estrada de Guimarães; a divisão Heu-

---

[1] Sobre a morte do general Bernardim Freire, coteje-se o referido officio do barão de Eben, e a sentença do conselho de guerra instaurado em Vianna.

delet sobre a estrada de Ponte de Lima; os dragões de Lorges em Barcellos (*22-março*); e a divisão Merle, que vinha retardada, ficaria em Braga. A todos aquelles generaes se recommendou que enviassem reconhecimentos pelas estradas que occupavam a fim de obterem noticias do inimigo, tanto dos lados do Minho como do Porto.

Para remediar a falta de subsistencias, Soult evitou todos os actos de rigor, e convidou os habitantes de Braga a que voltassem para suas casas, assegurando-lhes a sua protecção, convite a que muitos accederam logo no dia seguinte, prestando-se a fornecer varios generos e calçado, que os commissarios francezes nunca deixaram de pagar em dinheiro de prompto ou em *vales* para depois serem satisfeitos.

Os reconhecimentos enviados pelos generaes deram noticia de que a guarnição de Tuy estava cercada por bandos de hespanhoes e portuguezes, que as diversas pontes do rio Ave estavam occupadas pelos portuguezes sublevados, e que no Porto um exercito de *60:000 homens* capitaneados por officiaes inglezes defendiam um campo entrincheirado!

Era verdadeira a noticia relativa á praça de Tuy, mas logo depois se soube por cartas interceptadas que o general Lamartiniére, commandante da guarnição, resistira tenazmente, até que *(22-março)* os portuguezes, tendo tido conhecimento da entrada dos francezes em Braga, repassaram o rio Minho, e os bandos hespanhoes dispersaram-se.

Com relação ao rio Ave, tambem era verdade o ter-se defendido. Os habitantes de *Guimarães*, *Santo Thyrso* e *Villa do Conde*, naturalmente levados a defenderem-se em virtude do decreto do levantamento em massa (*11-dez.-1808*), aos quaes se juntaram muitos dos fugitivos de Braga, tinham occupado e organisado defensivamente as seis pontes que então havia em todo o curso do Ave, o qual, considerado como linha defensiva, é um obstaculo pouco importante, por ser estreito, pouco fundo, cortado de açudes, e ter margens geralmente accessiveis. As referidas pontes eram, além da de *Pombeiro* no caminho de Guimarães para Amarante, as de *Negrellos*, *Santo Thyrso*, *Trofa*, *Ave* e *Villa do Conde*, nos diversos caminhos que convergem de Guimarães, de Famalicão, de Barcellos e de Espozende, sobre o Porto.

O barão de Eben, quando retirou pela estrada de Braga-Famalicão, quiz adoptar algumas disposições para demorar o passo ao inimigo na *Trofa*, mas em vista da populaça exaltada que «ora approvava, ora desapprovava as suas determinações como se por si tivesse alguma intelligencia da sciencia militar», desistiu do seu projecto e retirou-se para o Porto. Procedeu pois da mesma maneira que o general Bernardim, quando este desistiu

da defeza de Braga, mas não lhe succedeu o mesmo desastre de morrer ás mãos da plebe, talvez por ter comsigo a sua fiel legião lusitana, ou talvez por ser estrangeiro.

No dia 24 de março, estando já restaurado o material d'artilharia, o exercito francez continuou a sua marcha para a frente, avançando as tres columnas das posições que occupavam nas estradas de Guimarães, Famalicão e Barcellos, respectivamente sobre as pontes de Negrellos, Trofa e Ave.

Apesar d'isso a passagem do rio foi valentemente disputada pelos seus defensores em todas as pontes. A columna do centro viu-se detida na Trofa, tendo de esperar que a columna da esquerda passasse a vau em Negrellos, *(26-março)* e descesse pela margem esquerda sobre Santo Thyrso, e d'ahi para a Trofa. D'este logar partiu tambem um destacamento para auxiliar a passagem da columna da direita na ponte do Ave.

Foi assim que as tropas francezas forçaram as passagens do rio, e pernoitaram a 26 de março nas suas margens, ficando ainda em Braga a divisão Hendelet para lhes cobrir a retaguarda contra as tentativas dos generaes Botelho e Silveira, tendo este ultimo já a esse tempo retomado a praça de Chaves (*25-março*) e aprisionado a guarnição franceza (1:500 homens), fazendo logo depois d'isso marchar algumas das suas forças nas direcções de Braga e Guimarães. Foi realmente correcto e digno de elogio este procedimento e acção de Silveira. [1]

No dia 27 de março, as divisões francezas vieram do Ave concentrar-se nos campos de *S. Mamede de Infesta*, a uma legua de distancia dos entrincheiramentos que se haviam levantado em torno da cidade. Logo n'esse dia houve algum tiroteio de artilharia e infantaria, sem importancia.

O marechal, n'um reconhecimento que fez á linha de fortificações, viu desde logo que ella não lhe poderia oppôr resistencia solida, e para poupar a cidade aos horrores d'um saque inevitavel se fosse tomada á viva força, tentou conseguir que capitulasse.

A proposta, que para esse effeito dirigiu no dia 28 ao bispo e mais auctoridades do Porto, foi regeitada, e por isso ordenou o ataque da cidade para o dia seguinte.

O seu plano consistiu em fazer demonstrações sobre os flancos da linha defensiva, sobretudo no esquerdo, que era a sua parte mais fraca pela extensão e abaixamento do terreno; e es-

---

[1] O marechal Beresford, que sempre se mostrára pouco propicio a elogiar os feitos dos generaes portuguezes, não poude deixar de o elogiar na *Ordem do dia* de 2-abril-1809.

perando que os defensores, nada receando no seu centro que era a parte mais forte da linha, acudissem com a maioria das suas forças aos flancos, dirigir então o ataque principal sobre esse centro.

N'esse sentido foi dada a *ordem geral* [1] para o ataque começar ás 6 horas da manhã do dia 29, no qual se vê o exercito disposto em tres fortes columnas de ataque, formadas d'uma divisão de infantaria e d'uma brigada de cavallaria pelo menos, e recommendando-se aos generaes que conduzissem as tropas á baioneta sobre o inimigo, afim de poupar as munições de que havia falta.

Da parte dos defensores, o reverendo bispo da diocese, arvorado em generalissimo de toda a defeza, havia distribuido os commandos da esquerda, centro e direita da linha defensiva respectivamente pelos brigadeiros *Barreto*, *Parreiras* e *Victoria*, fixando elle o seu quartel general na bateria de S. Francisco no *Monte Pedral*, que era a mais forte de todas, e d'onde com as suas bençãos episcopaes animava o povo. Foi junto d'elle que se collocou o barão de Eben com a legião lusitana, destinada a servir de reserva.

Não obstante o ataque geral estar determinado para o dia 29, as demonstrações começaram logo na tarde do dia 28 para facilitar o successo, conseguindo algumas tropas approximarem-se dos entrincheiramentos.

Durante a noite de 28 para 29 sobreveio uma violenta trovoada, acompanhada de grossa chuva, que só pelas 3 horas da madrugada serenou. Os defensores do Porto, julgando que o inimigo aproveitaria esse incidente favoravel a uma surpreza, chamavam-se em altos gritos em todos os postos, fizeram tocar os sinos a rebate, e romperam um fogo de artilharia e fuzilaria em toda a linha, mas com pura perda, porque os francezes não se moveram.

O *generalissimo de mitra e baculo*, presentindo que a sua derrota era certa, ou deixando-se possuir do medo, apressou-se já n'essa noite a transpor o Douro, e foi para o convento da *Serra do Pilar*, não com as vistas de tentar ahi a ultima resistencia, mas para estar mais prompto a fugir para Lisboa, como depois fez.

Pelas 6 horas da manhã do dia 29, as columnas dos flancos avançaram aos pontos que lhes tinham sido marcados, lançan-

---

[1] É interessante esse documento dado no *Campo da Infesta* a 28 de março, e que se encontra por extenso no livro de *Le Noble*, transcripto na *monographia* já referida.

do-se a cavallaria ao galope sobre os postos avançados, e avançando a infantaria ao passo de carga á escalada, apoiada pelo fogo da artilharia contra as baterias da defeza. Meia hora depois, vendo Soult os progressos dos ataques do flanco, deu ordem para o assalto á bateria de S. Francisco, que foi denodadamente feito pelo regimento 47.º, entrando pelas canhoneiras e batendo os defensores, que logo desamparam os seus postos, fugindo desordenadamente para a cidade, seguidos de perto por dois batalhões e a cavallaria franceza, emquanto outras forças atacavam pela retaguarda as baterias que ainda resistiam.

O brigadeiro *Parreiras* foi um dos primeiros a fugir, indo apresentar-se na Serra do Pilar ao *general mitrado*, como digno imitador da sua cobardia.

Tomada de panico a população da cidade correu tambem ao Douro para se pôr a salvo na outra margem, atravessando o rio uns em barcos, outros a nado, e a maior parte pela ponte de barcas que então havia.

Alguem se tinha antecipadamente lembrado de interromper a ponte, [1] de sorte que as ondas de gente de todas as classes que entrando por ella se empurravam para a frente, não conhecendo o perigo senão quando já o não podiam evitar, caíram ao rio morrendo aos milhares. Para cumulo de desgraça a cavallaria portugueza que fugia dos francezes atropelava toda a gente que encontrava na Ribeira, procurando abrir passagem para tambem chegar á ponte; e a artilharia da *Serra do Pilar* fazia fogo indistinctamente sobre os desgraçados que fugiam e sobre os seus perseguidores.

O barão de Eben, que tambem tinha chegado ao rio, vendo esse fogo estupido, passou n'um bote e subiu á *Serra* para fazer calar a artilharia; mas não sendo attendido, e não vendo ahi o bispo nem o Parreiras, que já haviam fugido para Aveiro retirou-se tambem para Coimbra, onde depois veio juntar-se-lhe muita gente da sua legião.

A catastrophe foi de tal ordem que os proprios soldados francezes ficaram horrorisados, e apressaram-se a soccorrer e a tirar da agua todos os desgraçados que poderam, emquanto outros

---

[1] O *barão de Eben* attribue ao brigadeiro *Parreiras*, a ordem de cortar a ponte, acrescentando que isso só se executou em parte, tornando-se a pôr os pontões que se haviam tirado. — *Soriano* fala em *alçapões levantados* em logar de *pontões tirados*. — *Le Noble*, diz que a ponte se rompeu com o peso da multidão no primeiro pontão á entrada da ponte. — Na Historia de *Pinheiro Chagas* vem uma gravura, copia d'um painel que existe na Ribeira da cidade do Porto, em frente do logar onde se deu a catastrophe.

arranjaram pranchas para collocar na ponte. Foi por este meio que conseguiram passar o rio, e subindo logo á *Serra*, apoderaram-se da artilharia, que só então se calou.

A perda dos portuguezes durante os tres dias de ataque foi computada em cerca de 10:000 homens, não incluindo os afogados no Douro, cujo numero é incalculavel. [1]

Tal foi o desgraçado resultado da defeza do Porto, e a feliz entrada que n'essa cidade fez o exercito de Soult, facto que alguns escriptores têem apresentado como um dos mais brilhantes para as armas francezas durante a guerra peninsular, mas que esmorece muito examinando bem as circumstancias em que se deu, sendo a principal de todas a grande *inepcia e vaidade* de quem tão pessimamente dirigiu a defeza, isto é, d'um *bispo*, que com o maior descaramento se ingeriu por sua conta e risco nas operações militares, sem nada entender das coisas da guerra.

Operações secundarias em torno do Porto. — O marechal Soult tinha agora um importante problema a resolver: deveria continuar a sua marcha sobre Lisboa occupada pelos inglezes, em cumprimento das ordens recebidas de Napoleão? E, no caso negativo, deveria estacionar no Porto aguardando a determinada cooperação dos outros generaes francezes, ou pôr-se em retirada para as provincias limitrophes da Hespanha?

Para se julgar a maneira pela qual foi resolvida esta questão é preciso ponderar as novas circumstancias em que o general francez se achava.

Havia seis semanas que o dia fixado (*16-fev.*) pelo imperador para a tomada de Lisboa tinha passado, e era provavel que durante todo esse tempo tivesse mudado a nossa situação militar, como de facto succedeu, pela chegada de reforços inglezes, e pela melhoria da disciplina do nosso exercito, ao que Beresford dedicou todos os seus cuidados.

Demais, para chegar á capital era preciso percorrer ainda umas 65 leguas por um paiz bastante accidentado, e atravez de povoações sublevadas, que estavam resolvidas a defender-se com patriotismo egual ao das povoações do norte do reino, o que o obrigaria a destacar forças á medida que se fosse adiantando.

Se a operação do Minho ao Porto lhe levou mez e meio, lhe custou cerca de 3:000 homens fóra de combate, e o obrigou a deixar fortes guarnições em *Tuy*, *Chaves* e *Braga*, póde imagi-

---

[1] Uns calculam 4:000, outros 8:000, e alguns ha que lhe dão 20:000, o que è evidentemente exagerado.

nar-se a quanto ficaria reduzido o seu exercito ao chegar a Lisboa.

Tal é a triste condição de qualquer operação offensiva no meio de povos sublevados, quando estes estão bem resolvidos a defender-se.

Por outro lado Soult nada sabia das outras tropas francezas na Hespanha, porque tinha as suas communicações cortadas com a Galliza, onde Ney devia apoial-o, e com Madrid, d'onde se podia esperar soccorros.

Era forçoso tratar de restabelecel-as primeiro que tudo, e a posse do Porto, a segunda cidade do reino pela sua grandeza, riqueza e importancia commercial, situada alem d'isso estrategicamente na região limitada pelos rios *Minho*, *Tamega* e *Vouga*, proporcionava-lhe grandes vantagens para lhe servir de base solida d'operações.

Era, portanto, mais prudente não avançar, e o marechal optou pela sua permanencia no Porto, para tratar de subjugar e dominar completamente aquella região, na qual apenas possuia as duas cidades mais importantes, isto é, Porto e Braga, e de restabelecer a sua primitiva linha de operações.

As ordens necessarias para esse fim foram dadas logo na propria tarde do dia 29 de março, da maneira seguinte: a cavallaria de Lorges iria tomar *Villa do Conde*, e cooperar depois com a divisão Heudelet, que marcharia sobre o Rio Minho a abrir as communicações com Tuy; para estabelecer a ligação com essas forças seria acantonado junto á *Trofa* uma das brigadas de cavallaria de Lahoussaye com uma de infantaria da divisão Merle; para reconhecer o paiz até ao *Tamega* iria a outra brigada de cavallaria apoiada por um batalhão de infantaria, destacada da divisão Delaborde; a divisão de cavallaria Franceschi, apenas estivesse reparada a ponte de barcas do Porto, serviço de que a engenharia começou activamente a occupar-se, passaria o Douro, com a dupla missão de reconhecer o paiz até ao *Vouga*, e de procurar noticias da divisão Lapisse, enviando alguns destacamentos para os lados de *Vizeu;* a divisão Mermet apoiaria a de cavallaria; no *Porto* ficava apenas a divisão Delaborde e a outra brigada da divisão Merle.

Estas tropas, assim divididas para operarem nas direcções do norte, leste e sul, não deixaram de encontrar resistencias da nossa parte.

Ao sul do Douro, a guarda avançada da cavallaria chegou a *Oliveira de Azemeis (30-março)*, d'onde lançou patrulhas até ao Vouga. A infantaria occupou *Ovar*, *Feira* e *Gaya*, e estabeleceu o seu quartel general em *Grijó*.

Entretanto a noticia da perda do Porto, levada a Coimbra

pelos fugitivos produziu ahi uma impressão terrivel. O coronel *Trant*, governador militar d'essa cidade, dispoz-se a defendel-a com toda a actividade e decisão de que era capaz. A mocidade academica, deixando a vida tranquilla da Universidade, correu ás armas com grande patriotismo, e á profia se offereceu para servir ás ordens de Trant.

Tomadas algumas disposições para fortificar Coimbra, e augmentando rapidamente as forças de que dispunha até constituírem uma pequena divisão de 4:500 homens, [1] Trant marchou com ella sobre Aveiro e Agueda *(10-abril)*, d'onde fez occupar as posições, que mais importantes lhe pareceram para impedir ao inimigo a passagem do *Vouga*, o que de facto conseguiu durante um mez, até que foi incorporado no exercito luso-britannico, que ás ordens de Wellesley marchou a restaurar o Porto, como adiante veremos.

Commentando as operações de Trant sobre o Vouga, *Napier*, [2] diz que, «Franceschi mostrou muito respeito pela divisão de Trant», não chegando a atacal-o.

Ao norte do Porto, o general Lorges tomou *Villa do Conde* sem difficuldade, reuniu-se em Barcellos *(6-abril)* á divisão Heudelet, e marchando ambos sobre *Ponte de Lima*, encontraram ahi uma memoravel resistencia feita pelos povos da villa e seu termo, apoiados por uma pequena força de infantaria e artilharia do marechal de campo Botelho, que foi quem dirigiu a acção *(8-abril)*, tendo por fim de retirar para a serra da *Labruja*.

O general Heudelet marchou então sobre a praça de *Valença (10-abril)*, que se rendeu logo á primeira intimação por se achar arruinada e com falta de viveres. As bagagens e artilharia demoradas em Tuy foram logo transportadas para Valença e d'aqui dirigidas para o Porto, juntamente com as peças e munições que havia n'aquella praça.

Em seguida facil foi aos destacamentos francezes submetter as outras praças da margem do rio, isto é, *Monsão*, *Cerveira*, *Caminha* e a fortaleza da *Insua (13-abril)*.

Vianna rendeu-se egualmente, apesar dos preparativos que tinha feito para resistir.

Do lado do Tamega, a sorte das armas não foi tão propicia aos francezes, graças ao patriotismo dos habitantes, apoiados pelas tropas do brigadeiro Silveira.

---

[1] Eram: o corpo academico com 4 peças de artilharia, 2 esquadrões de cavallaria, 2 batalhões de inf. n.os 1 e 13, milicias de Coimbra e de Vianna, e ordenanças de varias comarcas.

[2] *Op. cit.* (v. 3.º, p. 312).

O rio *Tamega*, na parte inferior do seu curso desde Cavez a Entre Rios, onde desagua no Douro, constitue uma importante linha defensiva, por ser bastante caudaloso, com um leito de rochedos, e asperas margens formadas pelas ramificações das serras da Cabreira e do Marão. Tinha n'aquella epocha apenas quatro pontes de cantaria: a de *Cavez*, na estrada de Villa Pouca a Guimarães; a de *Mondim de Basto*, no caminho de Villa Real; a de *Amarante*, sobre a unica estrada praticavel á artilharia; e a de *Canavezes*, uma legua ao sul da precedente.

Os francezes, tendo chegado a Penafiel *(31-março)*, fizeram reconhecimentos nas direcções de *Canavezes* e de *Amarante*, cujos habitantes, dirigidos pelas auctoridades, e em observancia do decreto de 11 de dezembro de 1808, se haviam já occupado em organisar a sua defeza, abrindo fossos, levantando trincheiras, construindo baterias e reductos nas proximidades das pontes; e todos se portaram com valor e energia, repellindo sempre as forças que tentaram passar em *Canavezes;* os de *Amarante* chegaram a saír ao encontro d'uma columna inimiga que se approximara de *Villa Meã*, e a fez recuar para Penafiel.

O general Silveira, que a esse tempo tinha reunido as suas forças em Villa Real, apoderou-se de todas as passagens do Tamega, especialmente das de *Amarante*, para onde elle proprio seguiu com o grosso das suas tropas *(9-abril)*.

Entretanto as tropas francezas foram fortemente reforçadas com outras enviadas do Porto, dando-se um pequeno combate em *Manhufe* (*10-abril*), que fica a uns 12 kilometros de Amarante na estrada de Villa Meã, de que resultou os francezes terem de retirar e Silveira avançou até Penafiel. Mas apparecendo novos reforços francezes, vindos de Guimarães, e tendo já as suas avançadas perto da Lixa (*17-abril*), Silveira julgou prudente retirar-se para *Amarante* e tomar posição na margem esquerda do Tamega, o que de facto fez no dia 18, debaixo de fogo do inimigo, que o foi perseguindo até completar a sua retirada. Por tres vezes intentaram os francezes passar a ponte n'esse dia, e outras tantas foram repellidos. Finalmente desesperados com essas infructiferas tentativas, lançaram o fogo ás casas da povoação e estabelecendo as suas baterias na cerca dos frades, continuaram até ás 9 horas da noite a fazer fogo sobre os adversarios, que do outro lado do rio lhe respondiam da mesma maneira.

A *defeza da ponte de Amarante* foi então dirigida e sustentada corajosamente por Silveira durante os 14 dias seguintes, resistindo sempre com cerca de 6:000 homens na sua maioria de milicias, a forças muito superiores em numero e qualidade que se foram concentrando na villa, a saber: toda a divisão Delaborde (4:000 homens), toda a divisão de dragões Lahoussaye (1:900

cavallos), a brigada de infantaria Sarrut (2:000 homens), 10 peças de artilharia e 2 destacamentos de sapadores.

É que a posição foi muito bem entrincheirada, guardada e occupada pelas nossas forças, a ponto de ser preciso para a forçar, que um dos engenheiros francezes se lembrasse d'um meio engenhoso para destruir os entrincheiramentos da ponte, mas que não deixara de ser ao mesmo tempo tão audacioso e arriscado, que chegou a espantar os proprios generaes francezes. [1]

Tal foi a maneira pela qual o marechal Soult conseguiu abrir passagem atravez do Tamega (*2-maio*), mas ainda assim as suas tropas não avançaram para alem de Villa Real, tendo as forças que defenderam o rio dispersado em diversas direcções, principalmente para o Douro, afim de cobrir a Beira por esse lado.

Pelo que acabamos de dizer sobre as operações militares que immediatamente se seguiram á tomada do Porto, vê-se que o marechal Soult não passou ahi todo o mez d'abril em *deleitoso ocio*, como dizem certos auctores, nem tão pouco a preparar o caminho para satisfazer a sua pretendida *ambição de ser rei de Portugal*, como chegou a correr entre alguns dos seus proprios officiaes.

A demora do marechal no Porto foi evidentemente *forçada*, não só pela necessidade de chamar a si a artilharia e depositos deixados em Tuy, o que não pôde fazer promptamente por causa da sublevação geral que lavrava na Galliza, e nas nossas provincias do norte, mas sobretudo pela necessidade de se pôr em communicação com as tropas de Lapisse e Victor, que deviam cooperar com elle na continuação da marcha do Porto até Lisboa.

O marechal Victor, commandante do 1.º corpo do exercito (25:000 homens), tendo derrotado o general Cuesta na batalha de Medelim, foi estabelecer-se em *Merida (29-março)*, exactamente no mesmo dia em que Soult entrou no Porto. Podia, pois, avançar sem difficuldade para Badajoz, e entrar no Alemtejo.

Comtudo, tendo o rei José instado com elle e com Lapisse para que penetrassem em Portugal, Victor respondeu-lhe «que segundo a natureza do paiz não lhe era possivel defender as suas communicações com *Almaraz*, em quanto a divisão Lapisse se lhe não fosse juntar pela estrada de Alcantara»; e desobedecendo ás ordens recebidas, conservou-se inactivo em Merida, conten-

---

[1] Póde vêr-se a defeza e tomada da ponte de Amarante, com todas as suas particularidades no livro de *Le Noble* ou na *Campanha do marechal Soult* por nós publicada em 1898.

tando-se com enviar destacamentos para Alcantara a fim de saber o que era feito d'aquella divisão, que pela sua parte tambem não cumpriu as ordens que lhe diziam respeito.

Em logar de entrar pela Beira a fim de manter a ligação entre Soult e Victor, o general Lapisse limitou-se a fazer algumas demonstrações sobre Cidade Rodrigo, e por fim, abrindo passagem atravez do desfiladeiro de *Perales*, chegou a *Alcantara*, e foi juntar-se em Merida ao 1.º corpo de que fazia parte (*19-abril*). Apesar d'esse reforço, Victor continuou a conservar-se inactivo em Merida por todo o mez de abril.

Esta inacção foi, segundo *Napier*, [1] «o que houve de mais fatal para o successo da campanha». Encontram-se na historia das guerras, poucos exemplos de que um general dispondo de 30:000 homens de boas tropas, tenha consumido tão inutilmente um tempo tão longo.

Brialmont [2] acha que era mais equitativo imputar o mau resultado da campanha ao marechal Soult, porque não fez nenhum esforço por informar o rei José da marcha das suas tropas, á qual tudo no emtanto estava subordinado.

O que é fóra de toda a duvida é que faltou o pulso energico de Napoleão para comprimir o orgulho e a ambição ciumenta dos seus marechaes, que despresavam a auctoridade do rei José, destituido como era de conhecimentos militares.

Assim se fizeram sentir os funestos effeitos da saída de Napoleão de Hespanha, sem ter acabado de derrotar os exercitos hespanhoes e inglezes, para ir começar uma nova guerra no centro da Europa.

Napoleão não podia estar em toda a parte, nem era facil substituil-o por outro grande capitão com o mesmo pujante talento militar.

Planos de campanha offensiva contra os francezes.— Quando chegou a Lisboa a noticia da tomada do Porto pelos francezes um grito de traição se fez ouvir por toda a parte. O espirito alarmado do povo e do exercito tornaram-se assustadores contra as auctoridades.

O general Cradock, solicitado incessantemente pelo governo para marchar sobre o Porto, reuniu um conselho de guerra, [3] onde todos os officiaes se manifestaram contra essa operação, á exce-

---

[1] *Op. cit.* (v. 3.º, p. 307).
[2] *Historia do duque de Wellington* (v. 1.º, p. 235).
[3] *Napier* (V. 3.º, p. 318).

pção do marechal Beresford, o qual reconhecia todavia que ella dependia dos movimentos de Victor.

O plano de Beresford consistia no seguinte: [1]

Que o general Cradock, com as tropas inglezas, marchasse de prompto *pela estrada de Coimbra direito ao Porto*, e ali se fosse bater de frente com as tropas francezas, que não podia deixar de vencer, e obrigar a saír d'aquella cidade, emquanto que elle Beresford marcharia *pela estrada de Vizeu a Lamego, e de lá ao Peso da Regoa*, onde as iria ameaçar de flanco, por lhe parecer pela inacção de Victor, que este não estava muito disposto a entrar em Portugal tão cedo. Batido por esta forma o marechal Soult, como elle julgava que seria, ficavam depois as tropas inglezas e portuguezes habilitadas a fazer o mesmo ás do citado Victor, mallogrando-se assim esta nova invasão dos francezes em Portugal, tanto pelo norte, como pelo sul do reino.

Cradock, porém, não concordou com este plano, por causa das poucas tropas de que dispunha, e porque julgando-o baseado sómente em conjecturas, entendia ser cousa duvidosa bater Soult e libertar o Porto, ao passo que com certeza deixava Lisboa em perigo de ser tomada pelo marechal Victor, que, segundo era informado, andava em perseguição de Cuesta, tendo já mandado avançadas para as visinhanças de Badajoz. Por conseguinte parecia-lhe que por este lado não podia haver cousa que embaraçasse a marcha de Victor sobre a nossa provincia do Alemtejo, d'onde viria logo bater ás portas de Lisboa, pois que o governador militar d'aquella provincia, o general Leite, poucas forças tinha disponiveis, alem das que se achavam de guarnição em Elvas.

Em consequencia d'isso, Beresford continuou a ter as forças de que dispunha, *postadas na defensiva entre o Tejo e o Mondego*, e ordenou ao general Leite que combinasse as suas operações com as dos hespanhoes, sem que todavia faltasse ao necessario para a defeza de Elvas e do Alemtejo.

Para maior segurança de Lisboa contra os ataques por esta provincia, os governadores do reino julgaram necessario *defender Almada, e a peninsula ao sul do Tejo*, comprehendida entre este rio e o Sado, da qual se achava então commandante militar, o general Manuel de Almeida e Vasconcellos.

Com relação a *Almada*, os engenheiros portuguezes tinham já delineado algumas fortificações, [2] com as quaes Beresford não

---

[1] *Soriano* (V. cit. p. 198).

[2] *Officio de Beresford (14-abril)* ao governo portuguez, transcripto em *Soriano* (V. cit. p. 199).

se conformou, dizendo que — *era dinheiro e tempo perdido* — e escreveu a Cradock, pedindo-lhe «que ordenasse ao commandante dos engenheiros inglezes, que fizesse *um plano para cobrir a capital* por aquelle lado.»

Emquanto á peninsula, aconselhou que se reparasse o melhor possivel a fortaleza de *Palmella*, de modo a conter pelo menos 1:000 homens de guarnição, porque esse ponto forte é susceptivel de boa defeza, e poderia sempre inquietar o inimigo e servir-nos de apoio, no caso de que se apresentasse occasião favoravel para o atacármos. Aconselhou tambem que se guarnecesse de artilharia, gente, e munições de bôca e de guerra, o *forte de S. Filippe de Setubal*, que posto ser incapaz de longa defeza, era interessante guardar por todo o tempo que fosse possivel. E ácerca da *villa de Setubal*, ordenou ao seu commandante militar, que organisasse a sua defeza do melhor modo que fosse compativel com os seus recursos, e dispondo dos habitantes e das ordenanças do paiz circumvisinho.

Tendo depois d'isso desembarcado em Lisboa o general Hill com um importante reforço de 5:000 homens e 300 cavallos para a artilharia, e continuando Beresford a instar pela marcha sobre o Porto como sendo absolutamente necessaria para assegurar a obediencia das tropas portuguezas, Cradock decidiu-se a marchar até *Leiria*, indo uma parte das suas tropas por Caldas e Obidos, outra por Rio Maior, e tratou de estabelecer os seus depositos em *Abrantes, Santarem* e *Peniche*. [1]

Todavia não avançou para o norte de Leiria, onde se manteve até 24 de abril, dia em que soube da chegada de sir Arthur Wellesley a Lisboa, que o veio substituir no commando, pelos motivos que agora vamos ver.

No principio de março de 1809, este insigne general, cuja conducta a respeito da convenção de Cintra estava já illibada das accusações que lhe haviam feito, [2] tinha retomado o seu logar na camara dos communs, e sendo consultado sobre os negocios da guerra contra a França, apresentou uma *Memoria* (*7-março*), [3] em que não só sustentou a necessidade de defender Portugal

---

[1] *Napier* (V. 3.º, p. 319).

[2] A commissão de inquerito declarou (*22-dez.-1808*): «Que em vista da chegada successiva de dois novos commandantes do exercito por occasião da batalha de *Vimeiro*, não era espantoso que essa victoria não tivesse sido mais rigorosamente proseguida».— Em janeiro seguinte, a camara dos communs elogiou Wellesley pelo *distincto valor e habilidade* de que tinha dado provas na dita occasião.— *Brialmont*, «Historia do duque de Wellington» (V. 1.º, p. 193 e 195).

[3] Acha-se transcripta em *Soriano* (V. cit. p. 94).

em toda e qualquer circumstancia, mas ainda fez conhecer os meios de organisar a sua defeza, levantando o seu estado militar, e elevando o exercito inglez que cá estava.

«O estado militar de Portugal, diz elle, deve ser levado, como n'outro tempo, a 40:000 homens de milicias e 30:000 de tropas regulares, e alem d'estas forças Sua Magestade deve sustentar em Portugal 20:000 portuguezes, comprehendendo n'este numero 4:000 homens de cavallaria.

Para isso era preciso dar-lhe «um amplo soccorro de *dinheiro* e um apoio politico por parte da Inglaterra...»

«É provavel que a despeza para este objecto não exceda n'este anno a um milhão esterlino; mas se aproveitar e a guerra continuar em Hespanha e em Portugal, a vantagem que se tirar do augmento de estado militar compensará para mais as despezas que se tiverem feito.»

«O exercito inglez em Portugal, segundo este plano, não poderá ser menor de 30:000 homens, dos quaes 4:000 a 5:000 de cavallaria, com mais um numeroso corpo de artilharia, armas de que muito se estava precisando.

«Todo o exercito de Portugal, inglez e portuguez, será commandado por officiaes inglezes. O estado maior, o commissariado sobretudo, serão compostos de inglezes».

«Quanto ás medidas secundarias, recommendo reforçar-se o mais breve possivel o exercito inglez em Portugal», enviando-lhe sobretudo artilharia; e além d'isso «era preciso enviar quanto antes para Lisboa 30:000 armas, fardamentos e *sapatos* para o exercito portuguez.»

A par d'esta opinião de Wellesley fòram chegando a Londres as informações dadas ao seu governo por *Villiers* a respeito das provas de coragem e heroismo que as nossas tropas mostraram durante a invasão das provincias do norte, o que desvaneceu as calumnias que em Inglaterra se haviam levantado contra as tropas portuguezas.

Além d'isso a guerra da Austria absorvia todos os cuidados e a maioria das tropas do imperador Napoleão; e a nomeação do general *Beresford* para commandante em chefe do exercito portuguez, dava ao governo inglez a posse completa de todos os recursos militares de Portugal. «Esta judiciosa e importante medida, diz *Napier*, [1] foi a primeira base solida sobre que se podia rasoavelmente fundar a esperança de successo.» Seria, mas foi

---

[1] *Op. cit.* (V. 3.º, p. 181).

na verdade bem amarga para os brios nacionaes, e custou ao paiz muito dinheiro. [1]

Taes foram as circumstancias que venceram a repugnancia em que estava o governo inglez de arriscar novos exercitos no continente, depois do terrivel desastre do general Moore. Póde asseverar-se que não foi por dedicação a Portugal, mas sim pelo seu proprio interesse, que elle se voltou a nosso favor.

Approvou-se, pois, a proposta de Wellesley, e foi elle mesmo nomeado (*2-abril*) commandante em chefe da nova expedição, havendo comtudo bastantes votos contra essa nomeação, em razão de ser elle ainda muito novo (40 annos), e um general dos mais modernos, como se a edade e a antiguidade fossem sempre provas de grande capacidade militar.

Apenas chegou a Lisboa (*22-abril*), o primeiro cuidado do general Wellesley foi informar-se da situação em que se achavam os negocios militares na Peninsula. O ministro *Villiers* [2] depressa o poz ao facto de tudo o que se sabia a respeito dos generaes francezes, *Soult*, *Lapisse* e *Victor;* ácerca dos hespanhoes, designadamente *Cuesta;* e ácerca dos generaes *Cradock* e *Beresford*, que estavam a esse tempo, o primeiro em Leiria e o segundo em Thomar. [3]

D'ahi resultou a primeira concepção do plano que depois seguiu: «*Tenho a intenção*, diz elle, *de marchar sobre Soult, logo que tenha tomado algumas disposições, sobre as quaes eu possa contar para a defeza do Tejo, e tambem para demorar os progressos de Victor, no caso em que elle avançasse durante a minha ausencia*».

«Preferia atacar este ultimo de concerto com Cuesta, se Soult não estivesse de posse d'uma provincia fertil e da favorita cidade do Porto, de que se deve procurar prival-o, e se o tempo que demandasse um movimento ligado com os de Cuesta não devesse tambem ser empregado em desalojar Soult do norte de Portugal. Se Soult se retirasse, achava preferivel por muitas razões, que presentemente não posso deduzir, de *obrar sobre a defensiva no norte, e de marchar com o exercito inglez sobre a fronteira oriental.*»

Para bem se assegurar d'esse plano, que, como se vê, coincidia com o que anteriormente fôra concebido por Beresford,

---

[1] O marechal Beresford recebia de soldo por mez 886$666 réis, e para a sua mesa 600$000 réis tambem por mez. Depois da guerra o governo portuguez deu-lhe uma pensão annual de 16 contos de réis em tres vidas.—*Soriano* (V. cit. p. 89).

[2] É o que consta da *carta de Wellesley a lord Castlereagh*, datada de 24 de abril de 1809.

[3] *Ibidem.*

Wellesley resolvêra ter uma conferencia com este marechal e com Cradock, ao qual escreveu uma carta (*23-abril*) em que entre outras coisas lhe diz: «Penso que antes de emprehender coisa alguma a respeito de Soult será preciso tomar em consideração a situação de Victor até onde chegar a possibilidade d'elle atacar Portugal, quaes serão os meios de defeza de leste emquanto os inglezes se acharem no norte, e, finalmente, quaes serão os meios de defeza de Lisboa e do Tejo no caso em que se ataque o paiz por este lado».

«De todas estas coisas vos deveis ter occupado, e segundo creio não as tereis visto debaixo de muito satisfatorio aspecto, pois é com repugnancia que vos dirigistes para o norte.»

«Folgarei muito de profundar tudo isto comvosco, para me habilitar a julgar e a fazer diversas disposições que sómente aqui podem ser feitas.»

O resultado da conferencia foi Wellesley tomar a decisão de *atacar primeiro Soult*, attendendo comtudo á *defeza da linha do Tejo* para deter, ou ao menos demorar os movimentos de Victor. No caso da operação contra Soult ser bem succedida, ou de elle se retirar para Hespanha, deixaria algumas tropas no norte a observal-o, e voltaria para o sul a tomar a offensiva contra Victor de combinação com Cuesta.

Tal era o plano da *campanha offensiva* [1] que o insigne general inglez ia agora dirigir contra os dois marechaes *Soult* e *Victor*, entre os quaes não existia nem accordo nem communicação, emquanto que Wellesley occupava uma excellente posição central em relação a elles.

Operações offensivas contra Soult. — Ainda bem não tinha Wellesley assumido o commando em chefe do exercito anglo-luso, [2] já elle se occupava (*27-abril*) com toda a actividade das disposições necessarias á execução do seu plano, começando pela *concentração em Coimbra* das tropas que tinham de marchar contra Soult, e pela *occupação da linha do Tejo* por fortes destacamentos escalonados desde *Alcantara* em Hespanha, até *Lisboa*.

---

[1] *Napier* (v. 3.º, p. 321) justifica claramente este plano, mostra os recursos de que Wellesley dispunha, e a grande differença de circumstancias que havia em relação ao general Cradock, o qual se recusou a seguil-o apesar das instancias de Beresford.

[2] A *carta regia de 29 d'abril* nomeou-o *marechal general* do exercito portuguez, para n'esta qualidade dirigir as suas operações quando houvesse de se combinar com o exercito britannico, ficando sempre ao marechal Beresford o commando especial do exercito portuguez.

A força total d'estes destacamentos, formados de milicias e tropas regulares portuguezas subiu a cerca de 12:000 homens, [1] e estabeleceram-se principalmente na referida praça hespanhola, e em *Villa Velha*, *Abrantes*, *Gollegã*, *Santarem* e *Thomar*, onde ficou tambem o quartel general do commandante d'essas forças, que foi o general Miranda Henriques. Como reserva ou em apoio das forças assim dispostas sobre a linha do Tejo destinaram-se 4:000 inglezes ás ordens do general *Mackenzie*, que se devia entender nas suas operações com o generai Miranda. Em *Lisboa* ficaram ainda algumas tropas portuguezas e inglezas. No Alemtejo conservou-se a guarnição da praça de *Elvas*, e todas as outras tropas da provincia sob o commando do general Leite.

E' opinião de *Napier* [2] que estas disposições defensivas eram insufficientes para embaraçar a marcha de Victor sobre Lisboa.

«Se elle forçasse a ponte de Alcantara, tinha necessariamente de seguir o caminho tão cheio de difficuldades, que Junot experimentára; chegava a *Abrantes* sem artilharia, e Abrantes podia fazer bastante resistencia para que Mackenzie *(ou o general Miranda)* tivesse tempo de costear a accidentada margem do Zezere. Se, deixando Badajoz e *Elvas* atraz de si, Victor passasse pelo Alemtejo, e atravessasse o Tejo *entre Abrantes e Lisboa*, então era mais temivel; mas Cuesta tinha promettido incommodar a retaguarda d'esse corpo de exercito; e podia-se rasoavelmente suppor que Mackenzie ainda que não podesse impedir a passagem do rio, não deixaria cortar o seu caminho para a *Capital*, onde com o auxilio da esquadra e dos habitantes, saberia defender-se até que o exercito voltasse do Douro.»

A cidade de *Coimbra*, situada sobre o Mondego a pouca distancia da sua foz, por onde se podia communicar com a esquadra ingleza, e collocada quasi a meia distancia entre o Tejo e o Douro sobre as estradas, que d'ella partem para estes rios, e ainda para a Beira, foi muito bem escolhida para a concentração do grosso das tropas inglezas e portuguezas, que áquelle tempo se achavam em Leiria, Thomar e Lisboa.

Referindo-se a esta escolha encontra-se a seguinte apreciação n'uma obra recentemente publicada. [3]

«A concentração do exercito no Mondego tinha sido o primeiro passo dado com muito acerto, pois *Coimbra*, sendo o centro de um circulo d'um raio de 18 a 20 leguas, que passa pelo Douro, pela fronteira e pelo Tejo, é uma *posição estrategica importantissima*, que ainda até agora não fôra

---

[1] Vêr o detalhe no *officio de Beresford*, datado de Thomar a 1-maio-1809.

[2] *Op. cit.* (v. 3.º, p. 325).

[3] **Mesquita Carvalho**, «Guerra Peninsular. Commentarios ás operações militares, etc.»—Lisboa, 1904.

convenientemente aproveitada com relação ás operações militares que hajam de ter logar dentro d'elle, ao mesmo tempo que é um *posto avançado da capital*, base d'essas mesmas operações.»

«De *Coimbra* o general inglez observava Soult no Porto, e na área da expansão de suas forças, o marechal Victor na Extremadura e na Andaluzia, e a zona da fronteira comprehendida entre o Douro e o Tejo. A occupação de *Abrantes*, *Santarem*, e outros pontos da margem do Tejo, por fortes destacamentos, era uma medida de segurança indispensavel para se pôr a abrigo e bem assim a capital, d'uma surpreza que porventura o marechal Victor emprehendesse, quer emquanto por ali estacionasse, quer quando se tivesse dirigido ao objectivo principal das suas operações, que era o Porto.»

A concentração das tropas em Coimbra, cujas ordens necessarias foram expedidas de Lisboa a 27 d'abril para Leiria e Thomar, terminou no dia 5 de maio, elevando-se as forças ahi reunidas a 13:000 inglezes, 3:000 allemães ao serviço inglez, 6:000 portuguezes, 3:700 cavallos e muares, e 24 a 30 peças de artilharia.

Ajuntando a isso as *tropas regulares* estacionadas sobre o Vouga ás ordens do coronel *Trant*, as que estavam em Vizeu ás ordens do general *Bacellar*, e em S. Pedro do Sul ás do brigadeiro *Wilson*, [1] e finalmente as que *Silveira* tinha ainda sob suas ordens no Douro, o effectivo total do exercito anglo-luzo, destinado ás operações combinadas contra Soult, montava a 30:000 homens, 5:000 cavallos e muares, com 50 bocas de fogo.

Emquanto Wellesley esperou em Coimbra, desde o dia 2 de maio em que ahi chegára, a reunião total das forças com que ía operar sobre o Douro, deu-se um caso imprevisto, que alguns auctores suppõem ter vindo despertar-lhe a audaciosa idéa de *surprehender* Soult no Porto. [2]

Um exaltado official francez, chamado *Argenton*, veio clandestinamente do Porto a Coimbra, revelar a Wellesley a existencia d'uma vasta conspiração de que faziam parte muitos officiaes do exercito de Soult, tendo por fim desthronar Napoleão, e acabar com as guerras da Europa. Se o exercito inglez quizesse auxilial-os n'essa conspiração, comprometiam-se a entregar-lhe preso o marechal Soult, por uma revolta do seu exercito.

---

[1] Depois da partida de Lapisse para Merida, o marechal Beresford ordenára a Bacellar que occupasse Vizeu, e a Wilson que retirasse para a Beira, para melhor cortarem a communicação de Soult com Salamanca.

[2] Veja-se a respeito da *audaciosa surpreza do Porto*, os commentarios do sr. *Mesquita Carvalho*, na sua citada obra, com os quaes não concordamos completamente, em vista dos documentos em que é apoiada a nossa narrativa.

Wellesley respondeu que as suas operações militares nunca seriam reguladas sobre baixezas d'esse genero, e fel-o saír de Coimbra por caminhos desviados.

Todavia esta extraordinaria proposta fez vêr claramente ao general inglez que no exercito inimigo grassava grande discordia e descontentamento, e por conseguinte se deviam ter relaxado muito os vinculos da disciplina, e enfraquecido o valor das tropas. E um exercito em taes condições não seria muito difficil derrotal-o. Um exercito indisciplinado, não é somente fraco, mas altamente perigoso.

Havia dois modos de executar as operações combinadas contra Soult: um consistia em ser o ataque principal dirigido sobre o Porto, *atravessando o rio mesmo em frente ou proximo da cidade*, e ser secundaria a marcha torneante pelo flanco esquerdo sobre Amarante; o outro consistia em ser este torneamento a principal operação, e secundaria a passagem no Porto, depois de estar effectuada aquella operação.

O primeiro modo era evidentemente o mais difficil, porque mettendo-se de permeio um rio largo, fundo e caudaloso como é o Douro junto á cidade do Porto, a sua passagem era uma operação arriscadissima, e quasi inexequivel em frente das tropas francezas que ainda occupavam a cidade.

O outro modo era mais seguro e talvez, segundo alguns auctores, mais decisivo: «Se em logar de dirigir as suas principaes forças sobre o Porto, Wellesley não tivesse feito senão um falso ataque n'esta direcção, e se dirigisse com as suas melhores tropas sobre Penafiel, depois de *passar o Douro em Entre-Rios*, Soult teria sido separado de Loison.» [1]

O general inglez decidiu-se pela adopção do primeiro modo, e é possivel que se limitasse a isso a influencia das revelações do official Argenton.

No dia 6 de maio poz-se em marcha pela estrada de Vizeu a columna de Beresford (7:000 homens) destinada ao movimento torneante sobre o flanco esquerdo do exercito de Soult apoiado em Amarante. [2]

Na madrugada do dia seguinte poz-se tambem em marcha a vanguarda do exercito inglez, seguindo a estrada de Coimbra ao Porto. Após marchava o grosso do exercito dividido em duas co-

---

[1] Sarrazim, chefe do estado maior de Bernadotte, na sua *Historia da guerra de Hespanha e Portugal.*

[2] Eram: tropas portuguezas 6:000 homens, 2 batalhões inglezes, 5 companhias de atiradores e um esquadrão de cavallaria — *Napier* (v. 3.º, p. 337).

lumnas: uma d'ellas composta de duas divisões, tomando a estrada em direcção á ponte do Vouga; a outra, constando d'uma divisão ás ordens do general Hill, seguindo a estrada de *Aveiro*, onde devia embarcar para *Ovar*, a fim de tornear a cavallaria de Franceschi que estava em Albergaria, emquanto a vanguarda da columna principal o atacaria pela frente.

Para cobrir estes movimentos do lado do norte, o coronel Trant continuou a vigiar a linha do Vouga; na sua direita, Wilson [1] estava em Arouca e estabeleceu as suas avançadas na *Farrapa*, ponto vantajoso situado na cumeada divisoria das aguas entre o Vouga e o Douro, d'onde podiam vigiar os caminhos vindos do Porto em direcção a Arouca e Entre-Rios, onde Silveira reunira parte da sua gente; mais para a direita estava o general Bacellar em Lamego, onde as suas tropas (3:000 homens) haviam chegado por ordem de Beresford nos dias 3 e 4 de maio, para d'ahi observar as passagens do Douro proximo da Regoa.

Convem agora vêr o que se passava do lado do inimigo na outra margem do Douro.

O marechal Soult tinha sido informado de que Wellesley chegára a Lisboa com um reforço de 10 a 12:000 inglezes. Mas continuava a ignorar o que se passava em Hespanha; e convencido de que as unicas tropas de que dispunha eram insufficientes para avançar sobre Lisboa, «tinha projectado passar o Tamega a fim de que, coberto por este rio e pelo Douro, podesse seguir a estrada de *Bragança*, e entrar na provincia de Salamanca.» [2]

Foi n'estas vistas que, apenas se viu senhor da ponte de Amarante *(2-maio)*, fez avançar Loison para Villa Real e Regoa; estabeleceu uma brigada de cavallaria apoiada por infantaria em *Baltar* para vigiar a margem direita do Douro, e manter as communicações entre o Porto e Amarante; mandou dispersar pelo general Lorges os bandos de insurgentes que se levantaram em *Ponte da Barca* sobre o Lima; e determinou que fosse evacuada a polvora dos armazens que havia na margem esquerda do Douro, e arrazar as obras de fortificação que se tinham levantado na *Serra do Pilar*.

Dias depois (*8-maio*) correu noticia de que as tropas de Wellesley tinham chegado a Coimbra, e avançavam para o norte. Em consequencia d'isso, a divisão Mermet que occupava Villa

---

[1] Deu-se-lhe o commaudo d'uma *brigada ligeira*, composta dos batalhões de caçadores n.os 2, 4 e 6, com duas companhias do regimento britannico n.º 60.—*Ordem do dia*, 11-maio-1809.

[2] *Napier* (v. 3.º, p. 335).

Nova de Gaya, foi encarregada de avançar até á *posição de Grijó*, para apoiar Franceschi, e enviar reconhecimentos pela margem esquerda do Douro. Na cidade do Porto estavam por essa epocha apenas uns 4:500 homens.

Assim, a situação de Soult no principio de maio era muito arriscada. Pela sua frente ameaçava-o um general habil e poderoso; pela retaguarda reanimavam-se os insurgentes; no Porto alguns dos seus officiaes conspiravam contra elle; [1] e as suas tropas estavam espalhadas na região entre os rios Vouga, Lima e Tamega.

Todavia o marechal francez não se deixou intimidar, e tratou mais de activar a sua projectada retirada para Salamanca, do que de disputar a Wellesley a passagem do rio Douro.

Este general chegou a Agueda na tarde do dia 9, e começou sem demora a dar as ordens necessarias para o ataque da vanguarda franceza. A cavallaria ingleza e as tropas de Trant passaram logo o Vouga, indo estabelecer-se n'uns pinhaes. Seguiu-se a artilharia que teve difficuldade em passar o rio, quebrando-se muitas viaturas. A' meia noite passaram duas brigadas de infantaria. Na madrugada do dia 10, todas essas tropas avançaram para o norte contra a cavallaria de Franceschi que se postára na *gandara* entre as duas Albergarias Nova e Velha

Depois de um combate bastante renhido, as tropas francezas retiraram successivamente e combatendo sempre para *Albergaria Nova*, *Pinheiro*, *Oliveira de Azemeis*, até onde foram perseguidas pela cavallaria ingleza.

Durante a noite continuou a retirada de Franceschi para Grijô a fim de se juntar á divisão Mermet.

Por este modo ficou frustrada a intenção que tivera Wellesley de lhe cortar a retirada, concorrendo muito para isso, a bravura de Franceschi, e o embaraço da artilharia na passagem do Vouga.

No dia 11, Wellesley continuou as suas operações, seguindo a columna principal pela estrada do Porto, a divisão de Trant á sua esquerda por um caminho que vae de Madaille á *Villa da Feira*, e a divisão Hill, que chegára a Ovar no dia 10, ainda mais á esquerda pelo caminho da beira mar até ao Douro.

Chegando a guarda avançada pelas 9 horas da manhã ao logar de *Vendas Novas* entre *Souto Redondo* e *Grijó* encontrou-se com os primeiros postos avançados do inimigo, que foram des-

---

[1] *Argenton* foi preso por denuncia, mas nunca declarou os nomes dos conspiradores.

alojados, indo occupar a altura da *Bergada*, a 2 kilometros para a sua retaguarda. Era a primeira linha de resistencia da *posição de Grijó*, onde estavam dispostas para o combate as tropas francezas, abrigadas pelos pinhaes que ali abundam, por alguns entrincheiramentos nas aldeias, e pela desegualdade do terreno. O general inglez, reconhecendo que essa posição podia ser torneada pelo seu flanco esquerdo, que era o ponto fraco, encarregou d'esta manobra uma das suas brigadas, e empenhou outra no ataque do centro da linha inimiga. A maneira como estes ataques foram ordenados e dirigidos obrigou os francezes a recuarem de posição em posição, de sorte que tendo o combate começado na altura da Bergada pelas 10 horas da manhã, finalisou pelas 3 horas da tarde no cabeço d'um monte que fica a leste do logar das *Vendas de Grijó*. N'este combate, tornou-se memoravel a conducta do regimento portuguez de infantaria n.º 16, que ia incorporado na brigada ingleza destinada ao ataque do centro. [1]

Os francezes, segundo as ordens que haviam recebido de Soult, no mesmo dia 11 para o caso de serem atacados por forças superiores, continuaram a retirar-se para o Porto, sendo perseguidos de perto por dois esquadrões da cavallaria ingleza, que por essa occasião conseguiu fazer muitos prisioneiros. Chegando aos *Carvalhos*, os francezes voltaram-se contra os seus perseguidores; mas a infantaria ingleza, chegando a passo de carga, os obrigou a proseguir na retirada, o que fizeram em boa ordem e por fim tomaram posição no *alto de Santo Ovidio* até ás 8 horas da tarde, hora a que começaram a passar o Douro na ponte de barcas.

Effectuada a passagem, foi destruida a ponte por meio de barris de polvora collocados dentro das barcas, causando um estrondo formidavel pelas 2 horas da manhã do dia 12.

Tal foi o annuncio da definitiva retirada dos francezes da margem esquerda do Douro para o Porto.

Ao mesmo tempo Soult tomou todas as disposições necessarias para evitar qualquer surpreza, mandando assegurar a posse de todos os barcos do Douro, e vigiar este rio desde a Foz até ao Tamega.

Além d'isso predispoz tudo para a sua retirada sobre *Amaraute*, mandando para ahi seguir as bagagens, viaturas e parque de artilharia; ordenando ao general Lorges que deixasse o Lima e marchasse quanto antes por Guimarães para *Amarante*; recom-

---

[1] Veja os elogios que lhe foram dados na *Ordem do dia* de 27-maio-1809, e outros documentos transcriptos na *Monographia de campanha* por nós publicada.

mendando a Loison que occupasse esse importante ponto estrategico, indispensavel á retirada por Traz-os-Montes; e ordenando aos generaes que estavam no Porto que tivessem os seus regimentos promptos a marcharem.

No dia 12 pelas 9 horas da manhã chegou a guarda avançada do exercito inglez a Villa Nova de Gaia, onde pouco depois se reuniu tambem a divisão de Trant, bem como a do general Hill, tendo esta seguido pelo caminho do litoral. Todas estas tropas se occultaram quanto possivel nas casas de Villa Nova.

O grosso do exercito deixando a estrada real, foi reunir-se nos campos da *Serra do Pilar*, que pela sua elevação e disposição impede que da cidade se avistem esses campos, de sorte que semelhante concentração não foi descoberta pelo inimigo.

Observaremos de passagem que nada d'isto teria succedido se o marechal Soult tivesse sacrificado alguma gente (mesmo depois de cortada a ponte) na conservação até ao ultimo extremo da *posição da Serra do Pilar* — de tão *capital importancia para a defeza da cidade e do rio, que domina em grande extensão.*

O general Wellesley, emquanto as suas tropas se foram reunindo, tratou de fazer o reconhecimento do rio, que avistava d'essa posição quer para os lados de Avintes, quer para as bandas do mar. Observou a maneira pouco vigilante porque o inimigo se guardava, «sendo os seus postos em pequeno numero, muito affastados uns dos outros, e sem serviço de patrulhas.» [1]

A sua attenção foi principalmente attrahida para uma collina, no lado oriental da cidade, quasi em frente da *serra*, e á margem do rio que é ahi muito accidentado, onde existia o grande edificio do *Seminario* por acabar e tendo junto um vasto recinto murado. Offerecia grandes vantagens tacticas como *ponto de desembarque.*

Por outro lado notou que na margem esquerda, quasi em frente d'aquelle ponto, e junto ao logar de *Quebrantões*, o rio forma ahi um angulo reintrante de margens muito accessiveis, para onde as tropas podiam descer da *Serra* sem serem avistadas da cidade. Era um excellente *ponte de embarque* para as tropas, que tivessem de ir occupar o *Seminario.*

Não foi preciso reconhecer mais nada para o genio de Wellesley formar o seu plano de *ataque por surpreza.* Emquanto as tropas de *Villa Nova* simulariam querer effectuar a passagem por esse lado, apoiadas pela artilharia, que ao mesmo tempo seria ostensivamente disposta nos altos da *Serra*, alguns batalhões se-

---

[1] *Napier* (v. 3.º, p. 345).

riam lançados ás occultas sobre o *Seminario*. Se fossem descobertos e acommettidos pelos francezes, só quando chegassem a tomar pé na margem opposta, como era provavel pela pouca vigilancia d'elles, sustentar-se-hiam abrigados n'aquelle posto, até que, continuando a passar mais tropas, fossem sufficientemente reforçados para passarem á offensiva.

Entretanto seria emprehendida outra passagem em *Avintes por um destacamento mixto*, o qual, quer encontrasse resistencia da parte do inimigo, quer conseguisse passar sem difficuldade, contribuiria muito para facilitar a occupação do *Seminario*, e para o ataque da cidade, cuja defeza se tornaria então difficil.

Tal era o plano da passagem do Douro. Reduzia-se tudo, como se vê, a uma demonstração de passagem em *Villa Nova*, a um ataque por surpreza sobre o *Seminario*, e a um ataque de flanco por *Avintes*. E' o processo geralmente recommendado pela arte nas operações militares d'este genero: *surprehender o inimigo n'um ponto bem escolhido, emquanto se desvia a sua attenção para outros pontos.*

A execução d'este plano dependia essencialmente da possibilidade de obter alguns barcos. Para esse effeito o destacamento mixto [1] commandado pelo general Murray que partira apenas chegou á Serra para *Avintes*, devia fazer navegar rio abaixo aquellas barcas que lá encontrasse. No entretanto um coronel do estado maior inglez achou por felicidade um pequeno bote, escondido n'uma bouça e enterrado no lodo, proximo de *Quebrantões*. Mandou logo pol-o no rio, e passando n'elle com alguns homens para a outra margem trouxe de lá *quatro grandes barcos* dos que ahi estavam presos. [2]

Eram já 10 horas da manhã, quando Wellesley foi informado d'esse precioso achado, e ordenou logo «que passassem as tropas que podessem ir n'esses barcos.»

Entraram então n'um dos barcos um official com 25 soldados d'um batalhão inglez, e um quarto de hora depois já elles tinham tomado posição no *Seminario*, sem despertar a mais leve suspeita ao inimigo. Seguiu-se logo um segundo barco com a mesma felicidade, e depois um terceiro, mas quando este tinha tocado na margem direita, houve quem desse fé do desembarque. Dada a voz de alarme, os francezes accorreram sem demora ao logar

---

[1] Compunha-se de: 1 batalhão da legião allemã, 2 esquadrões de cavallaria e 2 peças de calibre seis.

[2] É o que diz **Londonderry**, *Histoire de la guerre de la Peninsule*, versão que nos merece mais credito de que outras dadas por diversos auctores.

do perigo, travando-se então rijo combate, mas os inglezes uma vez senhores do posto do Seminario, apoiados pelo fogo da sua artilharia que varria o campo exterior, e reforçados por novas tropas que a coberto da collina incessantemente desembarcaram, sustentaram corajosamente a posição occupada até á 1 hora da tarde.

A este tempo começaram a entrar na cidade pelo lado da Ribeira as tropas de Villa Nova, passando o rio nos barcos que para ahi levaram os habitantes do Porto, aproveitando a confusão e convergencia de todas as forças francezas sobre o posto do Seminario. Appareceu tambem pelo lado oriental da cidade o destacamento de Murray, que conseguira sem difficuldade passar o Douro em Avintes. O desanimo apoderou-se do inimigo ao vêr-se assim ameaçado por todos os lados, e principiou então a sua retirada no meio da maior desordem e confusão pela estrada de *Vallongo-Penafiel-Amarante.*

Esta retirada foi apenas perseguida pelos dois esquadrões de Murray até uma legua distante da cidade. A guarda da retaguarda franceza fez alto em Vallongo.

As tropas victoriosas tiveram que descançar no Porto, e adiar a perseguição para os dias immediatos, porque a artilharia e uma parte do exercito estava ainda ao sul do Douro; as provisões, munições e bagagens tinham ficado muito para traz; os homens e os animaes estavam exhaustos de forças, não tendo feito senão correr e combater durante a sua marcha de Coimbra ao Porto.

Tal foi a maneira porque se effectuou a passagem do Douro em frente do Porto, e se recuperou esta importante cidade, que havia já 44 dias estava submettida ao poder de Soult. É realmente admiravel a extraordinaria rapidez com que foi feita. Bastaram *tres horas* para reconhecer e passar esse rio caudaloso, á vista de 10:000 veteranos francezes! Não tem paridade alguma com as grandes difficuldades que os francezes encontraram em passar os rios *Minho* e *Tamega.* A passagem d'um rio, á vista d'um adversario resolvido a defendel-a, é sempre uma operação das mais difficeis na guerra. E é de crêr que, se os francezes, visto terem abandonado a *Serra* d'onde podiam observar e demorar o inimigo na margem esquerda do rio, tivessem redobrado de vigilancia e cautella na outra margem, não se teria dado semelhante surpreza, que não tem exemplo nos annaes da historia.

Vê-se assim que os francezes commetteram no dia 12 duas grandes faltas: o *abandono da Serra do Pilar*, e a *negligencia na vigilancia do rio.*

Todavia isto não attenua nada, a nosso vêr, a gloria de Wel-

lesley, [1] porque nem todos saberiam como elle aproveitar essas faltas do inimigo. A sua operação foi talvez a *mais bella, a mais ousada e a mais sabia* de quantas foram depois executadas por esse insigne general. Alcançar tão grandes objectos por meios tão simples é o caracteristico do genio.

A operação torneante de Beresford foi egualmente coroada do mais feliz exito, graças á negligencia de Loison, ainda maior que a dos seus compatriotas no Porto. Ao tempo que Beresford chegou a Lamego (*6-maio*) já o general Silveira por sua iniciativa propria tinha marchado do Douro para Villa Real, impedindo ao inimigo entrar n'essa povoação.

Beresford mandou logo occupar a Regoa, e de combinação com Silveira obrigou Loison a abandonar-lhes as posições do Marão, e a recuar para Amarante depois de alguns pequenos combates em *Ovelha*, e *Mezão Frio*. Na noite de 12 para 13 de maio, Loison abandonou Amarante, marchando pela estrada de Guimarães, suppondo que Soult se retiraria para Braga, apesar de ser intimado por um ajudante do marechal a que guardasse Amarante, pois que a retirada era sobre esse ponto e não para Braga.

O marechal Soult, sabendo na manhã do dia 13 d'essa evacuação voluntaria de Amarante pelo insubordinado Loison, viu-se n'uma terrivel situação. O seu exercito estava por assim dizer *encurralado* entre o Douro, a serra de Santa Catharina, o Tamega occupado pelas tropas de Beresford, e tendo na sua retaguarda o exercito de Wellesley que acabava de lhe dar no Porto um profundo golpe.

Para sair de semelhante aperto havia tres recursos, mas qual d'elles o peor. O primeiro era continuar a marcha para Amarante, abrindo passagem á força até Villa Real, ou voltar de Amarante por Guimarães sobre Braga ou Chaves. O segundo era retroceder de Penafiel até tomar a estrada do Porto a Braga ou Guimarães.

---

[1] «O maravilhoso da operação, diz *Mesquita Carvalho* (Op. cit. p. 190) que se tem querido attribuir ao general inglez, converte-se n'uma *operação vulgar*, quando o facto se aprecia segundo o modo como deve ser considerado, isto é, tendo em attenção as circumstancias da occasião.» Refere-se á conspiração contra Soult em virtude da qual *suppõe que foi propositada* a negligencia dos francezes na vigilancia do rio, e especialmente no *posto do Seminario* para os inglezes por ahi poderem penetrar na cidade, e obrigar Soult a uma immediata retirada. Como quer que fosse, não nos parece que isso tornasse *vulgar a operação*, classificada por outros auctores francezes como uma *temeridade inaudita*, que evidentemente podia falhar ainda que Wellesley estivesse combinado com os conspiradores, o que não acreditamos de modo algum.

O terceiro era atravessar a serra pelas veredas que havia, mas por onde era impossivel passar a artilharia e bagagens.

O tempo estava pessimo, e as tropas, extenuadas de fadiga e desanimadas, pediam em alta voz que se capitulasse á maneira de Cintra. [1]

A resolução de Soult foi prompta e digna da sua alta reputação. Ordenou que se destruisse a artilharia e tudo quanto podesse embaraçar a marcha por caminhos difficeis, e fez marchar as suas tropas por um estreito caminho subindo pela margem direita do rio *Sonsa* até *Pombeiro*, onde encontrou a divisão de Loison, seguindo então juntos para *Guimarães*. Pouco depois chegaram tambem a esta povoação os diversos destacamentos, que sob o commando do general Lorges tinham evacuado Vianna e Braga, em conformidade das ordens anteriores do marechal. O exercito francez, ao caír da noite de 13, estava pois todo concentrado em *Guimarães*.

Pela sua parte Wellesley mandou marchar na noite de 13 a brigada de Murray pela estrada de Vallongo a Penafiel, e constando-lhe á tarde d'esse mesmo dia a mudança de direcção de Soult depois da destruição da sua artilharia, suppoz que isso seria o resultado natural da chegada de Beresford ao Tamega, de quem não havia noticias, e previu que a intenção de Soult seria escapar-se para a Galliza, seguindo por *Braga-Tuy*, ou o que era mais provavel por *Chaves-Orense*.

Era, portanto, conveniente, cortar-lhe essas duas linhas de retirada, e para esse effeito enviou ordem ao marechal Beresford encarregando-o de tomar a linha de Chaves, e reservou para si mesmo assenhorear-se da outra linha, saindo as suas tropas do Porto na manhã do dia 14 em direcção a Braga e Barcellos.

A referida ordem para Beresford só chegou a ser recebida por elle na noite de 14 para 15 de maio, mas felizmente Beresford tinha-se antecipado a operar segundo as vistas do marechal general. Tendo entrado em Amarante na manhã do dia 13, recebeu vagas noticias do que se passára no Porto, e pela 1 hora da manhã do dia 14 adquiriu toda a certeza da marcha de Soult pelo valle do Souza. Deprehendeu d'ahi que o inimigo evitava a passagem do Tamega em Amarante; e vendo que o não podia alcançar, seguindo-o com a espada nos rins, pelo facto d'elle marchar sem artilharia e bagagens, tomou a resolução de lhe cortar a retirada sobre Chaves. Para esse fim ordenou a Silveira que subisse a marchas forçadas pela margem direita do Tamega e

---

[1] *Napier* (v. 3.º, p. 354).

fosse occupar as passagens da provincia do Minho para Traz-os-Montes, especialmente *Ruivães* e as *Alturas* onde passam os caminhos para Chaves e Montalegre. No caso do inimigo se dirigir para o Minho, Silveira devia marchar para *Melgaço*. E o proprio Beresford marchou na manhã do dia 14 para Chaves seguindo a estrada da esquerda do Tamega.

O marechal Soult, prevendo que Wellesley tomaria a direcção de Braga, e não lhe convindo arriscar-se a uma batalha no estado de desanimo em que se achavam as suas tropas, mandou destruir ainda a artilharia e bagagens pertencentes ás tropas de Lorges e de Loison, e metteu-se pelos caminhos das montanhas em direcção á *Povoa de Lanhoso*, onde o exercito se concentrou na tarde do dia 14, e d'ahi marchou no dia seguinte para *Salamonde*, onde soube pelos seus exploradores que a povoação de *Ruivães* estava occupada por cerca de 1:200 paizanos armados, com alguma artilharia, e tendo destruido as pontes da ribeira do mesmo nome.

O marechal francez viu-se assim pela terceira vez durante esta celebre retirada n'uma situação apertada.

Tinha já experimentado, quando entrou em Portugal, que não era para desprezar a resistencia dos transmontanos, resolvidos a defender não só esse importante desfiladeiro de Ruivães, mas todas as outras passagens difficeis, que se encontram a cada passo nas suas aridas montanhas.

Por outro lado não podia duvidar de que os inglezes o seguissem de perto, de que Beresford fosse para Chaves, e de que Silveira lhe apparecesse pela frente ou pelo flanco direito, estando já admirado de o não ter encontrado. [1] Além de tudo isso as suas tropas estavam absolutamente extenuadas pelos esforços que tinham feito durante tres marchas por caminhos impraticaveis, debaixo de chuvas continuadas, e pela grande falta de viveres, que mal se encontraram nas povoações desertas por onde passaram.

Todavia, graças ao heroico major *Dulong* commandante d'um regimento de infantaria ligeira, que conseguiu apoderar-se das pontes de Ruivães na noite de 15 para 16, e na manhã de 16 tomára a ponte da *Mizarella* sobre a ribeira do mesmo nome no caminho de Ruivães a *Montalegre*, o exercito de Soult conseguiu retirar-se finalmente por esse mau caminho, chegando a Montalegre no dia 17, d'onde passou logo para a Galliza em direcção

---

[1] Partindo elle na manhã de 14 de *Amarante* era impossivel estar no dia 15 em *Ruivães*, a não ser que marchasse de dia e de noite por pessimos caminhos e debaixo d'um grande temporal.

a Orense, esquivando-se portanto a ser alcançado por Beresford, que só poude chegar a Chaves no mesmo dia.

Pela sua parte Wellesley, tendo levado o dia 15 a concentrar as suas forças em Braga, havia seguido no dia 16 só com uma pequena columna para *Salamonde*, onde na tarde d'esse dia se travou em combate com a guarda da retaguarda do exercito francez, que repelliu e seguiu no dia 18 até Montalegre.

Tal foi a maneira indubitavelmente celebre nos anaes da historia, mas *caramente comprada*, pela qual Soult conseguiu retirar-se de Portugal, marchando por caminhos intransitaveis em que nenhum exercito poderia seguil-o, a menos que não fizesse o mesmo sacrificio de destruir ou abandonar a sua artilharia e bagagens. Foi essa, a nosso vêr, a verdadeira causa d'elle se escapar sem ser derrotado, e não como alguns auctores suppõem a *frouxidão da perseguição*, que era impossivel, nas circumstancias do tempo, do espaço e da fadiga das tropas, activar mais do que foi.

De mais estava conseguido o principal objectivo do plano concebido por Wellesley,—*expulsar Soult para fóra de Portugal*—e de tal modo o fez que este chegou a Lugo (*22-maio*) com o seu corpo de exercito muito reduzido e n'um estado tão deploravel como se tivesse sido destroçado n'uma batalha campal.

Comtudo, diz Napier, [1] não se devia considerar como uma *força paralysada*, que precisasse de muito tempo para se restabelecer e continuar a guerra na Peninsula, como de facto succedeu, vindo tomar parte nas operações do valle do Tejo no mez de agosto seguinte. Esta circumstancia tem servido de argumento a certos auctores para apontarem como grande falta de Wellesley o *ter desistido de continuar a perseguição de Soult* na Galliza até o aniquilar de todo. Mas isso não estava incluido no seu premeditado plano de campanha, de que démos noticia em paginas anteriores.

Operações offensivas contra Victor.—O marechal Victor, que, como já dissemos, se conservára inactivo em frente do general Cuesta, ainda depois de se lhe ter reunido a divisão Lapisse, abandonou repentinamente nos principios de maio as suas posições do Guadiana, conservando apenas em Merida e Trujillo algumas pequenas forças entrincheiradas, e approximou-se por Caceres e Brozas a *Alcantara*, cuja villa e ponte atacou no dia 14 de maio com 12:000 homens. Depois d'um brilhante combate, [2]

---

[1] *Op. cit.* (v. 3.º, p. 14).

[2] Para os pormenores d'este combate leia-se a *participação official* do coronel Mayne na *Ordem do dia* 27-maio-1809.

valentemente sustentado durante quasi seis horas pelas nossas tropas (1:800 homens) que ahi estavam sob o commando do coronel *Mayne*, [1] este teve afinal que ceder a tão grande desproporção de forças, e retirou-se em boa ordem por *Segura* para *Ladoeiro*, sendo perseguido por algumas partidas que entraram nas povoações da fronteira da Beira Baixa, e enviaram patrulhas sobre *Castello Branco* e *Idanha-a-Nova*.

Logo que a noticia d'este ataque chegou ao general Mackenzie, que estava então em *Abrantes*, este general dispoz tudo para ser destruida em caso de necessidade a ponte de barcas que ali havia no Tejo, e elle proprio marchou com a principal parte das forças portuguezas que guarneciam o mesmo rio, unidas ás tropas inglezas debaixo do seu commando, [2] pela estrada da *Cortiçada* para *Sobreira Formosa*, a fim de defender as passagens das *Talhadas*.

Este movimento e os boatos que já corriam de ter sido Soult obrigado a sair do Porto, levaram os francezes a retirar-se outra vez para as partes de Caceres, abandonando novamente *Alcantara*, que se mandou outra vez occupar pelo coronel Mayne.

Parece que o objecto de Victor no seu movimento sobre a Beira Baixa foi fazer uma diversão favoravel ao marechal Soult, que em parte não deixou de produzir o seu effeito. [3] Por quanto, apenas Wellesley teve em Montalegre (*19-maio*) noticia do combate de Alcantara, desistiu de continuar a perseguição de Soult na Galliza para vir desempenhar a segunda parte do seu plano de campanha, isto é — *voltar-se contra Victor*.

Foram dadas logo as ordens convenientes para que todas as tropas alliadas retrocedessem immediatamente para o sul, ficando apenas a observar a fronteira do norte uma divisão ás ordens do general Silveira. [4]

As primeiras tropas chegaram no dia 26 de maio a *Coimbra*,

---

[1] Era o commandante do 1.º batalhão da leal legião lusitana na força de 800 homens, ao qual se juntou: o regimento de milicias da *Idanha* na força de 1:000 homens; 50 dragões de cavallaria n.º 11; e 6 bocas de fogo de pequeno calibre.— *Officio de Beresford* de 1-maio-1809, publicado nos *Doc. de Soriano*.

[2] *Relaiorio de Beresford* de 21-set.-1809, publicado nos *Doc. de Soriano* sob o n.º 64.

[3] *Officio dos governadores do reino* de 31-maio-1809, publicado nos *Doc. de Soriano*, n.º 65-A.

[4] Foi composta da brigada do Algarve (inf. 2 e 14), do reg. inf. 11, do batalhão de caç. 6, e de uns 5:000 milicianos. Ficou tambem toda a cavallaria (600 cavallos) ás ordens do conde de Sampaio.—É o que consta do *Relatorio de Beresford* ao governo portuguez, publicado nos *Doc. de Soriano*, sob o n.º 64.

e sabendo ahi o general Wellesley que os francezes se haviam já retirado de Alcantara, afrouxou a marcha que tão activamente havia ordenado, não chegando as tropas inglezas ao Tejo senão de 7 a 12 de junho. [1]

As tropas de Beresford, vindo de Chaves por Lamego, Vizeu e Tondella, chegaram a Coimbra pela mesma epocha e seguiram para *Abrantes*, a reunir-se ás do marechal general, ficando assim concentrado n'esse importante ponto estrategico quasí todo o exercito anglo-portuguez. As forças que tinham marchado, como vimos, para as montanhas das *Talhadas*, reuniram-se em *Castello Branco*. [2]

O exercito permaneceu acampado no *Rocio de Abrantes* e logares vizinhos até aos ultimos dias de junho, tanto para se receberem os precisos soccorros de dinheiro, de sapatos e de outros artigos de equipamento, de que estavam necessitados os soldados, como para se dar descanço aos homens e aos cavallos depois das marchas rapidas que tinham feito para se dirigirem ás fronteiras da Galliza, e de lá voltarem para o Tejo. [3] Tambem se precisava receber alguns reforços das tropas inglezas, que tinham chegado a Lisboa, para remediar o grande numero de baixas ao hospital (4:000 homens).

Durante esse tempo foi Wellesley sollicitado pelos generaes e pela junta suprema de Hespanha para os auxiliar e combinar com elles os meios de avançar contra Victor.

Emquanto este marechal se conservou ao sul do Tejo, Wellesley, cedendo áquelles desejos dos hespanhoes, planeou ir elle unir-se a Cuesta perto de *Badajoz* ou de *Merida*, para fazer um ataque combinado de flanco e de frente contra o inimigo, e ao mesmo tempo Beresford deveria marchar com as tropas portuguezas e uma brigada ingleza, ao todo uns 12:000 homens, seguindo por *Coria* e *Plasencia* direito sobre *Almaraz* a fazer a diligencia para impedir a retirada do inimigo para o norte do Tejo. [4] Era, pois, uma entrada combinada pelos valles do Guadiana e do Tejo na Extremadura hespanhola.

Antes, porém, que o exercito luso-britannico estivesse prompto a saír de Abrantes, o marechal Victor, que sem duvida havia sido informado da sua reunião n'esse ponto, tomou o partido de se retirar do Guadiana para o Tejo, que passou em Almaraz

---

[1] *Relatorio de Wellesley* ao governo inglez, publicado nos *Doc. de Soriano*, sob o n.º 66-B.

[2] Referido *Relatorio de Beresford*.

[3] *Relatorio de Wellesley* citado.

[4] *Relatorio de Beresford* atraz referido.

(*19-junho*), indo depois occupar *Plasencia*. Por essa occasião fez approximar um forte destacamento de *Alcantara*, cuja ponte o coronel Mayne, segundo as anteriores instrucções que tinha, commetteu a imprudencia de a fazer destruir, o que depois causou grande embaraço ás operações dos alliados. [1]

Pelo mesmo tempo, pouco mais ou menos, os corpos de Soult e Ney tinham-se combinado na Galliza para destruirem o corpo de la Romana, e approximaram-se de Orense ameaçando assim novamente a fronteira do norte; e como as tropas de Beresford depois que Victor repassou o Tejo, não podiam ser de grande utilidade ao sul d'este rio, onde estava a consideravel força que formava o exercito de Wellesley junto ao dos generaes Cuesta e Venegas, resolveu-se que passassem para o norte; e Beresford pol-as effectivamente em movimento, dirigindo-as em duas columnas por *Coimbra* e *Guarda*, afim de as encaminhar ou ao Minho ou a Traz-os-Montes, conforme o ataque do inimigo mais verosimil.

Todavia pelos fins de junho soube-se que Soult estava em retirada da Galliza em direcção a Castella e Beresford mandou então fazer alto ás suas tropas nas vizinhanças de *Coimbra* e da *Guarda*. Foi depois determinado que elle passasse a fronteira do Côa, indo tomar posição em qualquer parte sobre o *Agueda*, ou nas vizinhanças de *Cidade Rodrigo* onde estavam as tropas do duque del Parque. [2]

Os motivos d'esta resolução encontram-se na seguinte passagem do *Relatorio* de Wellesley:

«Apenas o exercito inglez esteve a ponto de entrar em Hespanha no fim de junho, nada havia já que tomar no norte de Portugal, e desejava-se aproveitar a occasião que esta segurança dava para reunir a parte disponivel do exercito portuguez n'um campo onde o marechal Beresford tivesse tempo de formar e organisar as respectivas tropas.»

«Pensava-se que um campo formado sobre as fronteiras da Beira, *entre Cidade Rodrigo e Almeida*, estaria na situação a mais conveniente para este designio. Este plano tinha além d'isso a vantagem que o corpo portuguez, ao qual se devesse juntar uma brigada ingleza, sobretudo para lhe servir de modelo, *protegeria a unica parte vulneravel da fronteira portugueza*, que fosse exposta a ser atacada. Esta posição *garantia ainda a esquerda do exercito inglez*, e sobretudo isto protegia a passagem na Extremadura para *Porto de Perales*. Podia-se tambem tirar da referida posição este corpo portuguez para ulteriormente o utilisar no decurso da campanha, quando se julgasse já sufficientemente instruido.»

O plano contra Victor foi tambem modificado da maneira se-

---

[1] *Napier* (v. 4.º, p. 18).
[2] Referido *Relatorio* de Beresford.

guinte: marchar Wellesley em logar de Beresford pela margem direita do Tejo sobre *Plasencia;* effectuar a sua juncção com Cuesta que subiria para *Almaraz;* e avançarem depois ambos sobre *Madrid*, ao passo que Venegas operaria no mesmo sentido pela linha da Mancha sobre *Toledo* ou *Aranjuez*. Assim íam ferir no coração a invasão franceza na Hespanha, que era impulsionada pelo rei José em Madrid.

Eis como o proprio sir Arthur Wellesley, referindo-se á marcha do seu exercito de Abrantes sobre Plasencia, justifica este plano: [1]

«O commandante em chefe das tropas de sua magestade *(britannica)* em Portugal é o unico responsavel d'esta operação, para a qual teve muitos motivos. Em primeiro logar, quanto ao estado geral da guerra em Hespanha, bem como ao da Allemanha, julgou bem fazer um esforço na mesma Hespanha por este tempo; em segundo logar os meios não pareciam estar abaixo do objecto que se tinha em vista. O general Cuesta tinha debaixo do seu immediato commando 38:000 homens, e o general Venegas 18:000; o exercito inglez não contava menos de 20:000, não comprehendendo a brigada do general Crawfurd, que a 22 de junho desembarcára em Lisboa, e ía marchar sem demora [2] para se ajuntar ao exercito. A's tropas que se acabam de enumerar o inimigo não tinha para lhes oppôr mais do que 28:000 homens debaixo das ordens de Victor, 12:000 debaixo das de Sebastiani, e tudo o que o rei José podia destacar da guarnição de Madrid e da sua guarda. [3]»

Vê-se, portanto, que as forças dos alliados montavam a uma massa de tropas regulares para mais de 76:000 homens, os quaes se podiam levar sobre o ponto onde os francezes não tinham mais que 50:000 cobrindo Madrid. Havia pois grande probabilidade de successo e boas esperanças dos alliados entrarem victoriosos na capital da Hespanha.

Este plano comtudo podia redundar em grande desastre para Wellesley, se as tropas francezas que estavam nas provincias de Leão e Castella, montando a outros 50:000 homens, tivessem sido dirigidas a tempo para o valle do Tejo, o que não poderam fazer pelos motivos que já vamos vêr, mas que ainda assim impediram que os alliados tomassem Madrid. A marcha de Wellesley, em relação áquellas tropas, era uma *marcha de flanco*, operação pouco segura em todos os tempos, e n'aquella occasião muito arriscada porque o exercito inglez devia marchar pelo estreito e longo valle do Tejo.

Além d'essa razão as tropas hespanholas de pouco lhe poderiam servir, como Wellesley teve occasião de verificar depois,

---

[1] *Relatorio* ao seu governo atraz referido.
[2] Marchou de Lisboa a 28 de junho.
[3] Eram avaliadas em 10:000 homens as tropas do rei José.

quando as viu combater desordenadamente, devido á indisciplina dos soldados e á inepcia do general Cuesta. E as combinações dependiam ainda da exactidão dos movimentos de Venegas, que mal pôde fazer frente ao corpo d'exercito de Sebastiani, que o rei José mandára contra elle.

Quanto ás tropas francezes do norte, deve notar-se que a cadeia de montanhas, que separa as bacias do Tejo e do Douro, é impraticavel para a artilharia, a não ser nos desfiladeiros de *Perales* e de *Banhos* nos caminhos de Plasencia a Cidade Rodrigo e a Avila. Por conseguinte pensou-se em que os 20:000 homens de Beresford e do duque del Parque, apoiados nas duas praças de *Almeida* e de *Cidade Rodrigo*, seriam bastantes para proteger o flanco do exercito inglez na sua marcha de Plasencia sobre Madrid, no caso do inimigo, cuja força se avaliava em 20:000 homens extenuados e sem artilharia tentasse a passagem nos ditos desfiladeiros.

Mas este calculo era erroneo. O marechal Soult, não tendo conseguido derrotar la Romana, abandonou a Galliza, retirando-se para *Zamora* sobre o Douro (*30-jun.*). O marechal Ney, não podendo só por si subjugar a mesma provincia, retirou-se tambem para *Astorga* (*1-jul.*). Mortier, commandante do 5.º corpo d'exercito achava-se então em *Valladolid*. Como Napoleão fôra informado da falta de união entre os seus marechaes, que tão prejudicial era para a concentração das suas forças, mandou uma ordem para remediar em parte esse inconveniente, determinando que os corpos de Ney, Soult e Mortier formassem um exercito só, cujo commando supremo confiou a Soult como o mais antigo, e recommendou-lhe que os concentrasse, e operasse d'uma maneira decisiva contra os inglezes. «Wellesley, dizia Napoleão, avançará provavelmente pelo Tejo contra Madrid; n'esse caso, passáe as montanhas, caí sobre o seu flanco e retaguarda, e aniquiláe-o. [1]»

Esta ordem chegou exactamente, quando Soult entrou em Zamora, onde desde logo tratou de refazer o seu exercito com soccorros pedidos a Madrid, e depois fez concentrar todas as suas forças em Salamanca, no meado de julho.

Vendo-se á frente d'esse pequeno exercito de 50:000 homens, o marechal Soult concebeu um plano de campanha que consistia em fazer o mais breve possivel o *sitio de Cidade Rodrigo*, e logo que as suas tropas estivessem todas em estado de poder operar activamente, o que demandaria uns 15 dias, apertar vigorosamente aquella praça que então se renderia; *Almeida seria*

---

[1] *Napier* (v. 4.º, p. 88).

logo investida, e as communicações com Lisboa do exercito inglez, que Soult suppunha erradamente estar ainda na fronteira da Beira Baixa, ficariam assim cortadas e ameaçadas. O rei José, diz Napier, [1] approvou este plano, mas accrescentou que não tinha meios de satisfazer a muitos dos pedidos de Soult para refazer as suas tropas.

N'este meio tempo Soult soube (*18-jul.*), por uma das suas divisões, enviada contra as avançadas do duque del Parque em Cidade Rodrigo, que havia um grande movimento de tropas n'esta praça, e *que Wellesley estava já em Plasencia*, para onde aquelle general tratou então de pôr o seu exercito em movimento.

Passemos agora a vêr como foi executado o plano do marechal general inglez.

A marcha de Abrantes para Plasencia não encontrou a menor difficuldade. O exercito britannico levantou o seu campo de *Abrantes* no dia 27 de junho, na força de 21:000 homens com 30 peças de artilharia, [2] e seguiu em duas columnas, uma por *Sobreira Formosa* e outra por *Villa Velha* para *Castello Branco* (*1-jul.*). D'ahi continuou a marcha n'uma só columna por *Moraleja* e *Coria*, coberta por uma brigada no seu flanco direito enviada por *Zarza* que explorou o terreno até ao Tejo.

Todas essas tropas chegaram a *Plasencia* de 7 a 10 de julho, d'onde o marechal Victor se havia já retirado no fim de junho para *Talavera*, obedecendo ás ordens do rei José que queria cobrir Madrid por esse lado, emquanto Sebastiani para os lados de *Toledo* fazia frente ao corpo de Venegas, o qual, tendo recebido reforços, avançara da serra Morena para a Mancha.

Pela sua parte o general Cuesta havia avançado para o Tejo e fixára o seu quartel general em *Porto de Mirabete* que fica em frente de Almaraz, e destacára uma divisão para a ponte do *Arcebispo*.

Foi por essa occasião que Wellesley soube tambem da evacuação da Galliza pelo marechal Soult e da situação d'este em *Zamora*, «mas n'um estado tal que as suas tropas estavam inteiramente fóra de serviço, como o annunciavam as cartas interceptadas do general Franceschi. [3]»

---

[1] Op. cit. (v. 4.º, p. 92).

[2] Para os pormenores sobre a organisação d'este exercito que foi formado em 5 divisões, sendo uma de cavallaria, veja-se a obra de Napier (v. 4.º, p. 67) ou a de *Soriano* (v. cit. p. 301).

[3] Este general francez foi feito prisioneiro por uma guerrilha hespanhola, quando se dirigia de Salamanca para Madrid; a qual, passando com elle por Plasencia para o levarem á junta suprema, o apresentou a Wellesley (*Napier*, v. 4.º, p. 71).

Soube tambem que Mortier estava em *Valladolid*, mas nada lhe constou ácerca do corpo de Ney em *Astorga*, de que só foi informado no fim de julho, isto é, um mez depois d'elle ter evacuado a Galliza.

Estas noticias tenderam a confirmar a idéa errada em que estava Wellesley de não haver grande perigo a recear dos lados de Castella sobre o seu flanco esquerdo. Comtudo renovou a Beresford a ordem de observar bem os movimentos do inimigo, e de pensar seriamente na defeza do *Porto de Perales*. Quanto ao desfiladeiro de *Banhos* seria guardado por um destacamento das tropas de Cuesta, com quem foi conferenciar no dia 10 sobre as suas operações ulteriores. A discussão durou dois dias, «regressando Wellesley a Plasencia no dia 12, onde viu frustradas as esperanças que havia concebido de tirar de Cidade Rodrigo e das outras praças de Castella os meios de transporte que pedira», e de que muito precisava para levar as munições e viveres pois que saíra de Portugal «com poucos transportes e sem estabelecer deposito algum» confiado em que as colheitas no valle do Tejo forneceriam viveres em abundancia. [1]

«Entretanto não julgou dever renunciar á execução do plano de operações convencionado com o general Cuesta», em virtude do qual deviam chegar ambos a *Talavera* no dia 22 de julho, dia marcado para o general Venegas estar em *Fuenta Duenha* no alto Tejo.

Tendo-se feito as convenientes disposições, o exercito inglez poz-se em marcha a partir do dia 15, em que saíu o destacamento de Wilson para *Escalona* sobre o Alberche, onde chegou a 22 de julho, e os exercitos combinados chegaram no mesmo dia a *Talavera*, que os francezes evacuaram.

Seguiu-se uma serie de escaramuças e combates que terminaram pela celebre batalha de *Talavera* (*28-jul.*), em que o exercito inglez, estabelecido n'uma posição muito bem escolhida por Wellesley, sustentou valentemente durante todo o dia um combate muito desigual con ra todas as forças francezas, [2] que vendo baldados os seus esforços, e tendo soffrido grandes perdas, se retiraram finalmente para os lados de Madrid.

Emquanto isto se passava sobre o Alberche as tropas de Soult

---

[1] Coteje-se o *Relatorio de Wellesley* com a narrariva de *Napier* (v. 4.º p. 75).

[2] Para os pormenores da *batalha de Talavera*, que pouco nos interessa aqui, leia-se a referida obra de *Napier* ou a de *Soriano*, que a resumiu.

dirigiram-se com marchas rapidas por *Plasencia* ao Tietar, chegando as suas avançadas a *Navalmoral* (*3-agosto*).

Desde então tornou-se impossivel a Wellesley continuar as suas operações offensivas sobre Madrid; e vendo cortadas as suas communicações com Lisboa pela Beira Baixa, tratou de as restabelecer pelo Alemtejo. Com estas vistas fez retirarar o seu exercito para a esquerda do Tejo, indo tomar uma forte posição em frente de *Almaraz* (*5 a 11-agosto*).

Tendo, porém, experimentado ahi uma extrema falta de viveres por não se terem nunca cumprido as promessas dos generaes hespanhoes; e tendo Cuesta abandonado o posto de Talavera e o hospital de sangue ahi formado, contrariamente ás recommendações de Wellesley; [1] este resolveu-se afinal a retirar para a fronteira do Alemtejo, estabelecendo o seu quartel general em *Badajoz* (*3-set.*), e a maior parte das suas tropas em *Elvas*, *Campo Maior*, e varias localidades sobre as margens do Guadiana. Os armazens de Lisboa, Santarem e Abrantes forneceram-lhes os meios de reparar as perdas do equipamento e munições. [2]

Pela sua parte o marechal Beresford, quando soube da passagem das tropas de Soult pelo desfiladeiro de *Banhos para Plasencia*, resolveu-se a effectuar uma marcha parallela á fronteira, indo por *Perales* para *Moraleja* e *Coria*, afim de observar os movimentos de Soult, e tentar alguma diversão em favor do marechal general. Mas, como este o avisou da sua marcha para o sul, e lhe deu ordem para se retirar sobre *Castello Branco*, o marechal assim o fez, «começando a infantaria a sua retirada para *Zarza* a 14 á noite, e a cavallaria occupou os postos avançados que ella tinha ganhado até á noite de 15», retirando depois tambem, não nos dando o inimigo inquietação alguma. [3]»

No meado de agosto entrou, pois, o exercito portuguez no seu paiz por *Salvaterra do Extremo*, chegando no dia 20 a *Castello Branco*, «d'onde os differentes corpos passaram a occupar os quarteis seguintes: infantaria n.os 6, 9 e 18, *Coimbra;* n.os 3 e 15, *Lamego;* n.os 4, 10, 13, 7 e 19, *Thomar;* n.os 11 e 23, *Leiria;* n.os 2 e 14, *Torres Novas;* caçadores n.os 1, 2 e 3, *Tancos;* n.os 4 e 6, *Punhete;* e n.º 5, *Salvaterra.* Quatro esquadrões de cavallaria ficaram de quartel na *Idanha a Nova* e *Idanha a Velha;* a leal legião lusitana, e um outro esquadrão de cavallaria, em *Castello Branco;* e finalmente as brigadas de artilharia em *Thomar.* [4]»

---

[1] Vejam-se os pormenores a este respeito no *Relatorio de Wellesley.*
[2] *Napier* (v. 4.º, p. 167) e *Soriano* (v. cit., p. 342).
[3] *Relatorio* de Beresford.
[4] *Soriano* (v. cit., p, 328).

O quartel general de Beresford estabeleceu-se em *Castello Branco* desde 19 a 31 d'agosto, passando depois para Lisboa, até ao principio de dezembro, em que foi estabelecer-se em Thomar. [1].

Vê-se assim que ficou em observação na fronteira do Erjes a maior parte da cavallaria de Beresford e um batalhão de caçadores, tendo a legião lusitana como reserva em *Castello Branco*. Todas as outras tropas, menos a brigada que foi para Lamego, occuparam localidades no coração do paiz, isto é, entre os rios *Mondego*, *Zezere* e *Tejo*, tendo o seu centro em Thomar.

D'esta maneira podiam facilmente acudir á defeza d'esses rios ou da linha das *Talhadas*, conforme a direcção dos ataques do inimigo.

Reconhecimentos militares. — Durante o tempo que as nossas tropas estiveram n'esses acantonamentos, e antes d'isso na referida posição do Agueda entre Almeida e Castello Rodrigo, mandou-se proceder a varios reconhecimentos militares para as operações que se tinham em vista. Foram executados por uma *brigada de officiaes de engenharia* ás ordens do tenente coronel Caula, [2] e por *officiaes do estado maior* ás ordens do quartel mestre general do exercito, que era o coronel D'Urban. Existem ainda copias de alguns d'elles, [3] bem interessantes como documentos historicos d'este genero de trabalhos, e de que nos limitamos aqui a fazer a sua enumeração.

— Reconhecimento de todas as villas e logares que existem no espaço comprehendido entre a raia de Hespanha e a margem direita do **Côa** desde a origem d'este rio até ao Douro, sob o ponto de vista do *acantonamento do exercito portuguez* n'estes logares, de modo a poder juntar-se em dois dias de marcha, quer em *Almeida* quer em *Cidade Rodrigo*. — *Chapuzet* (21-julho).

— Reconhecimento das estradas que ha de **Pinhel para S. Felices** sem marchar por Almeida.— *Gorjão* (28-julho).

— Reconhecimento do terreno comprehendido entre *S. Felices*, *Ribeira de Elter*, *Martin d'el Rio e Santi Spiritus*, sob o ponto de vista do acampamento e operações militares do exercito — *Chapuzet* (29-julho).

— Reconhecimento militar da **villa de S. Felices** para se conhecer a possibilidade de fazer d'essa villa um posto que fosse capaz de cobrir e assegurar a passagem da ponte do *Agueda*, que lhe fica proxima.— *Neves Costa* (30-julho).

— Reconhecimento da porção da margem esquerda do **rio Agueda** comprehendida entre Martilhan e Valle de Espinho.— *Gorjão* (1-agosto).

---

[1] Veja as *Ordens do dia* de 1809.

[2] *Excertos Historicos de Chaby* (v. 3.º, p. 215).

[3] *Collecção manuscrita*, existente na Bibliotheca do estado maior, n.º 401.

—Reconhecimento do caminho de Villar de la Yegua para o vau da Atalaia no **rio Agueda** etc.— *Cunha* (1-agosto).

—Reconhecimento do **rio Agueda** desde a ponte de S. Felices até á sua foz com o Douro, notando todos os logares de passagem e a natureza das suas margens.— *Fusquini* (1-agosto).

—Reconhecimento do *Porto de Perales* ou **passagem da serra da Gata,** que do lado de Alfaiates communica para o valle do Tejo, assim como das estradas que d'ali conduzem até *Coria* e *Galisteo*, para os lados de *Plasencia*, e ainda as que n'este intervallo se dirigem ao longo e atravez do Tejo ao *Erges*, e para o lado de *Penamacor*.—Foram distribuidos pelos officiaes *Neves Costa, Arbués Moreira*, *Chapuzet* e *Fusquini*, e todos effectuados na primeira quinzena de agosto.

—Itinerario de *Thomar* a *Coimbru* para as diversas armas e de *Castello Branco* a *Cidade Rodrigo*.— *Murray* (12-set.).

—Reconhecimentos das passagens do rio *Zezere*.— *Dickson* (20-set.).

—Plano de acantonamento para a cavallaria em *Salvaterra de Magos* e terras visinhas.— *Povoas* (21-out.).

—Reconhecimento das margens e passagens do *Douro* desde Sam Xisto nas visinhanças da Pesqueira até ao rio Tamega.— *Clemente dos Santos* (18-nov.).

—Reconhecimento do estado das pontes sobre o *Zezere* proximo de Punhete, e da ponte do *Tejo* em Abrantes.— *Gorjão* (15-dez.).

*

Com as tropas auxiliares inglezas veio o capitão de artilharia **Eliot**, que já em 1808 fôra encarregado de conduzir um comboio de munições atravez da provincia de Traz-os-Montes para o exercito do general Moore, quando este se achava em retirada para a Galliza.

Observando sempre o terreno por onde passou, e reunindo varios esclarecimentos ácerca do nosso paiz, escreveu depois um livro, que tem por titulo:

Tratado da defeza de Portugal [1]

O prefacio do livro explica claramente a sua natureza e o fim que o auctor teve em vista. Nas diversas e numerosas obras, diz elle, que se tinham escripto sobre as expedições inglezas á Hespanha e Portugal, apenas se havia tocado ligeiramente na — *topographia do reino de Portugal sob o ponto de vista militar, suas fortificações e recursos.*

Por isso propõe-se a esclarecer esse assumpto, que lhe parece interessante para os militares e os seus companheiros que tiverem de tomar parte nas futuras campanhas de Portugal.

Como guia do seu trabalho declara, que recorreu ao *tratado*

---

[1] Ha na *Bibliotheca* do estado maior um exemplar em inglez, impresso em Londres, no anno de 1811, 3.ª edição.

do general Dumouriez, [1] o qual não obstante conter alguns erros, considera como o melhor trabalho sobre o assumpto, e d'elle extráe por vezes algumas passagens.

O capitulo I, com o titulo *descripção geral geographica do reino de Portugal*, expõe concisamente e d'uma maneira muito generica a situação, limites, dimensões, chorographia, hydrographia, clima, culturas dominantes, etc.; e divide o reino sob o ponto de vista da defeza em tres districtos: o do *norte*, o do *sul*, e o *central*, segundo a sua situação em relação aos rios Douro e Tejo.

Os tres capitulos seguintes tratam separadamente de cada uma d'essas divisões militares, sob o ponto de vista das estradas, fortalezas e defezas naturaes. Segue-se a isto um capitulo de *observações geraes sobre a defeza do paiz*, e depois outras materias que não nos importa aqui considerar. Mesmo sobre o assumpto dos referidos capitulos nos limitaremos a um succinto resumo das principaes idéas do auctor com relação ás linhas provaveis de invasão, á importancia militar das praças e pontos estrategicos do paiz, e ao systema de defeza a estabelecer.

Districto do Norte.—O rio *Minho* foi considerado nas guerras anteriores como uma linha defensiva de tal importancia, que se constituiram bastantes fortificações nas suas margens para a sustentar. Comtudo essa linha não serve completamente para a defeza da provincia Entre Deuro e Minho, pois que esta pode ser atacada por outro lado sem atravessar o rio. E' difficil torneal-a pela parte do terreno entre este rio e o Lima que é muito accidentado. Se um exercito invasor, entrar por outra parte dirigindo-se ao Porto por *Salamonde*, *Braga* ou *Guimarães*, ou atravessando o Tamega em *Cavez*, *Amarante*, *Canavezes*, o Minho cobre o flanco esquerdo do exercito destinado á defeza do Porto.

As praças do Minho são de pouca importancia, mesmo *Valença* a principal fortaleza em toda a região ao norte do Douro. Esta fortaleza está situada n'uma posição vantajosa, mas tem muitos defeitos originaes na sua construcção, que não são faceis de remediar, sendo além d'isso duvidoso se a despeza em tornar a praça defensavel compensaria as vantagens que d'ahi proviriam, as quaes se reduzem a defender a passagem do rio. Para isso é de opinião ser melhor empregar uma força de vigilancia estabelecida nos principaes postos ao longo do rio, o que tudo montaria a cerca de 4:000 homens e alguma artilharia de campanha.

O rio *Lima* offerecia outra barreira natural, ainda que não tão séria como a do Minho, a uma invasão por este lado.

O rio *Cavado* é tambem uma linha vantajosa para a defeza com respeito a um ataque ao *Porto* vindo do rio Minho ou de Traz-os-Montes.

Os valles vindos da Galliza para esta provincia offerecem mais facilidade a um exercito invasor do que a passagem do rio Minho, especialmente o *valle de Chaves*, que segundo todas as probabilidades, parece

---

[1] Refere-se sem duvida ao *Etat present du Portugal*, de que já demos noticia.

ser o preferido para uma invasão pelo norte. A *praça de Chaves* não póde ser considerada importante, nem póde ser convertida em tal por causa da sua situação dominada.

A estrada de Chaves por *Salamonde* ao Porto passa por um terreno muito accidentado de facilima defeza designadamente em *Carvalho d'Este.*

A estrada de Chaves por *Villa Pouca*, *Cavez*, *Guimarães*, defende-se perfeitamente n'essas duas primeiras posições que são excellentes e muito fortes pela natureza.

A estrada de Chaves por Villa Real, indo passar o Tamega em *Amarante* ou *Canavêzes*, além de passar tambem na citada posição de *Villa Pouca*, tem mais aquellas passagens, que são muito defensaveis.

Vindo o invasor de Bragança para o Porto iria caír em *Villa Real* e d'ahi para *Amarante*, ou iria de *Mirandella* para o Douro em *Moncorvo.*

Do que fica exposto deduz o auctor que pouco ha a recear d'uma invasão pelo norte de Portugal: um semelhante ataque teria o caracter d'uma *diversão* com o fim de desviar uma porção de tropas do ponto principal a defender, ou com o fim de obter dinheiro e recursos do *Porto.*

Districto do sul.—A provincia do *Algarve*, pela sua posição excentrica em relação á capital, não é provavel que venha a ser theatro de operações importantes.

O *Alemtejo,* provincia menos populosa e menos montanhosa que as outras, é consequentemente mais exposta a um ataque vindo do sul da Hespanha; o qual póde ser realisado sem absoluta necessidade de cercar Elvas e o forte de Lippe *(hoje da Graça)*—os *pontos mais fortes*—que podem ser torneados por *Olivença* indo passar o Guadiana, ou por *Campo Maior* seguindo por Santa Olaia, Monforte, ou *Extremoz*, *Vendas Novas*, *Aldeia Gallega;* aqui encontra-se a grande *barreira do Tejo*, que é impossivel atravessar até que seja conquistada Lisboa, ou progrida o ataque pelas outras provincias.

Em todo o caso, quando se julgar necessario defender o districto do sul, torna-se necessario guarnecer *Elvas*, com as suas dependencias Lippe e Santa Luiza; collocar algumas tropas para vigiar o Guadiana; e occupar *Arronches*, *Marvão*, *Castello de Vide* e *Portalegre* com tropas ligeiras, que poderiam retirar sobre *Abrantes*, quando fosse necessario.

Elvas é incontestavelmente a mais forte fortificação de Portugal, mas as obras da praça são muito extensas. O forte de Lippe está bem situado n'uma montanha dominando ao mesmo tempo a praça e o forte de Santa Luzia, e é um dos mais fortes da Europa. Estas fortificações carecem d'uma guarnição de 12.000 homens, sendo 9:000 para Elvas, 2:000 para Lippe, e 1:000 para Santa Luzia.

A praça de *Campo Maior* está mal construida e é dominada de diversos pontos.

Marvão e *Castello de Vide* são pontos fortificados em situação dominante, fortes por natureza e proprios para vigilancia da fronteira.

Portalegre, tambem forte por natureza, é uma posição muito boa para um corpo de tropas cobrir a margem esquerda do Tejo, e ao mesmo tempo para intimidar um exercito, destinado a cercar Elvas.

Extremoz tem obras extensas incapazes de se defenderem. Foi d'antes deposito de material.

Montemor-o-Novo é local proprio para um armazem destinado a abastecer a provincia do Alemtejo.

Em frente de Lisboa, ao sul do Tejo, tem alguma importancia para a defeza, as alturas de *Almada* á *Trafaria.*

Palmella é um ponto forte e susceptivel de se tornar ainda mais forte.

Setubal era uma praça de pouca importancia.

Districto central.—A força defensiva de Portugal está principalmente n'este districto, flanqueado pelos rios Tejo e Douro, e cuja frente comprehendendo a *serra da Estrella* e suas ramificações é muito montanhosa e offerece muitas linhas de postos.

Ha n'esta região apenas duas linhas pelas quaes o inimigo invadindo Portugal teria probabilidade de successo: uma entrando por junto d'*Almeida* outra por *Idanha a Nova*, e convergindo ambas para *Castello Branco* ou continuando a primeira para *Coimbra*.

A praça de *Almeida* póde ser evitada, e tem alguns defeitos, sendo comtudo importante para cortar as communicações do invasor; tem capacidade para uma guarnição de 10 a 12:000 homens, e é susceptivel de se tornar sufficientemente forte para resistir a um cerco regular e manter a sua defeza por algum tempo.

A *Guarda* é uma das melhores posições militares de Portugal. Acima da cidade ha uma extensa planicie onde um grande exercito poderia acampar durante o verão.

Celorico é um magnifico ponto na entrada do caminho para *Coimbra*.

Vizeu é uma posição central e abundante de recursos, propria para alojar um corpo de exercito destinado a defender a fronteira d'este districto.

Belmonte é uma excellente posição dominando o valle do Zezere.

Castello Branco póde ser fortificado, formando uma boa posição, quasi equidistante da *Guarda* e de *Abrantes*, onde a estrada chega atravez d'um paiz desolado e cheio de difficuldades de facil defeza.

Abrantes é a chave do Tejo, situada n'uma eminencia, protegida na direita por esse rio, na frente e esquerda por uma forte e montanhosa região, e correndo-lhe na retaguarda o Zezere; podia ser fortificada d'uma maneira tal a tornal-a um dos mais fortes pontos do paiz, e desde a chegada das tropas britannicas a Portugal foi consideravelmente melhorada com obras construidas para a sua defeza. Esta praça podia ser evitada pelo norte, passando de *Cardigos* para *Thomar*, mas tinha que se atravessar o *Zezere* em barcas.

Santarem é um bom posto a occupar quando o exercito invasor avance sobre Lisboa, e para um pequeno corpo observar o Tejo, caso o inimigo esteja de posse do Alemtejo.

Peniche, sendo melhoradas as suas defezas, constituiria um excellente ponto para um deposito de mantimentos e munições, d'onde poderiam ser conduzidas em pequenas embarcações para qualquer flanco.

Systema de defeza.—A melhor linha de posições que pódem ser tomadas para a defeza do theatro central, póde ser traçada atravez da serra da Estrella, começando a esquerda em *Lamego* passando por *Moimenta da Beira*, *Trancoso*, *Celorico* até á *Guarda*, fortificando as passagens proximas d'essas posições com obras de campanha.

A partir da *Guarda* a linha de defeza póde recuar para traz do *Zezere*, estendendo-se até ao Tejo, tendo os fortes pontos de *Castello Branco* e *Abrantes* em frente do seu flanco direito.

Uma linha de defeza avançada em relação á indicada *linha principal* póde ser traçada a partir de *Castello Melhor* proximo do Côa, passando por *Almeida*, *Castello Bom*, *Alfaiates*, e seguindo a linha de fronteira até ao Tejo.

Se fosse julgado necessario cobrir a provincia do Alemtejo, devia prolongar-se a linha de defeza avançada, occupando *Montalvão*, *Castello de Vide*, *Marvão*, *Portalegre*, *Arronches* e *Elvas*; mas isto não era absolutamente necessario, porque o Tejo bem defendido forma uma barreira insuperavel.

Mais deviamos temer d'um corpo que torneasse a *linha principal* pelo lado do norte, caso elle se tivesse préviamente assenhoreado do Porto. As operações destinadas a cobrir esta cidade limitar-sa-hão á defeza do rio *Minho,* da passagem de *Salamonde*, e á do rio *Tamega.* A provincia de Traz-os-Montes defender-se-hia quasi por si, e era de pequena importancia emquanto o Minho, o Tamega e a margem esquerda do Douro podessem ser protegidas.

Para se conseguir tudo isto o capitão Eliot allude, no decurso do capitulo v, ás forças de que então dispunha lord Wellington, a saber: 40:000 homens de tropas regulares portuguezas, metade das quaes bem disciplinadas e commandadas por officiaes britannicos; 30:000 soldados inglezes; e 48 batalhões de milicias, juntamente com numerosas e boas guerrilhas.

As linhas avançadas deveriam principalmente ser organisadas com tropas ligeiras e sufficiente cavallaria para guardar as communicações com o corpo principal do exercito. *Guarda* e *Vizeu* seriam as principaes estações para os corpos de reserva, e esta ultima localidade o principal deposito do exercito.

Além das mencionadas linhas, uma outra bem forte podia ser tomada para a *defeza proxima de Lisboa,* tendo a direita em *Sacavem,* passando pelo *Lumiar* e ficando a esquerda em *Alcantara.* As alturas junto de *Alhandra*, as passagens da *Roliça*, *Bucellas*, *Cabeça de Montachique* e *Mafra,* formavam ainda uma importante e forte linha de defeza mais avançada.

Tal era, segundo Eliot, o que constituia a grande força defensiva de Portugal, que os francezes não poderiam subjugar com menos de 150:000 homens; e emquanto durasse a guerra em Hespanha elles não poderiam dispôr d'uma força sufficientemente grande para a conquista d'este reino e para derrotar o exercito alliado sob o commando de lord Wellington, como já se tinha provado nas batalhas de Vimeiro e de Talavera.

Commentarios. — A campanha de 1809, da qual fica resumida a historia apenas com os traços essenciaes para bem se poder avaliar a sua importancia, sob o ponto de vista da defeza do reino, foi fecunda em ensinamentos diversos durante os sete mezes que teve de duração.

O primeiro periodo da campanha, ou seja o da marcha de Soult desde a fronteira da Galliza até ao Porto, levou dois mezes, e é caracterisado por uma serie de combates no Minho, em Chaves, Braga, Ave e Porto; em todos figuraram da nossa parte numerosas massas de paizanos mal armados *(as ordenanças)*, que apesar da sua grande insubordinação a ponto de matarem os seus chefes que suppunham traidores, contribuiram bastante para que as poucas tropas regulares do norte conseguissem demorar a marcha do invasor, que é o fim essencial a obter no principio d'uma campanha.

O segundo periodo, de mez e meio, foi o da occupação militar da região comprehendida entre os rios *Minho*, *Tamega* e *Vouga*,

na qual o exercito invasor fica como que paralisado pela mesma especie de tropas, que lhe cortaram as communicações com Hespanha.

No terceiro periodo, que durou um mez, tendo-se já decidido o governo britannico, por uma melhor comprehensão dos seus proprios interesses, a reforçar as poucas tropas que tinha deixado em Portugal, e pondo á testa d'ellas o general sir Wellesley, seguramente o melhor que se podia ter escolhido n'aquella epocha, a campanha tomou um caracter muito activo, passando o exercito anglo-portuguez da defensiva á offensiva, e de tal modo o fez que, depois da admiravel passagem do Douro no Porto, conseguiu-se expulsar immediatamente o exercito invasor para a Galliza, onde chegou n'um estado deploravel, sem artilharia, sem cavallos e sem bagagens.

No quarto e ultimo periodo, com a duração de dois mezes e meio, o exercito anglo-luso passou a fronteira oriental entre o Douro e o Tejo, indo auxiliar a nação visinha contra o inimigo commum, e voltou afinal para Portugal depois d'uma celebre batalha no valle do Tejo, que não teve o alcance que se esperava por causa da inepcia dos generaes hespanhoes, que em vez de o auxiliarem, abertamente o compromettiam. [1]

Comtudo o general inglez tinha conseguido livrar dos francezes todo o nosso reino, tinha livrado indirectamente as provincias hespanholas da Galliza e da Extremadura, que elles se viram forçados a evacuar; e tinha-os obrigado a concentrar a maioria das suas forças (100:000 homens) em torno de Madrid.

Em recompensa d'estes heroicos feitos, sir Arthur Wellesley foi nomeado *barão do Douro* e *lord visconde de Wellington*, embora a opposição parlamentar ingleza lhe fosse contraria, chegando a ponto de censurar as disposições que elle tomára na batalha de Talavera.

O plano de invasão ordenado por Napoleão, que ameaçava ser fatal ao nosso paiz, falhou pois completamente, e vê-se bem que o insuccesso deve ser principalmente attribuido, não só ao heroico levantamento em massa da nação portugueza, e á decidida intervenção e soccorros da Inglaterra, mas sobretudo á inacção dos generaes francezes, *que deixaram de entrar pela Beira e pelo Alemtejo*, como lhe fôra determinado para cooperarem activamente com o marechal Soult sobre Lisboa.

---

[1] A'cêrca da conducta dos hespanhoes veja-se o *officio* de lord Wellington para o marquez de Wellesley (a 24-agosto-1809), transcripto por *Soriano* (Ep. 2.ª, t. 2.º, p. 335).

Desde que, por circumstancias imperiosas que sobrevieram na Europa, Napoleão se viu forçado a deixar a Hespanha, faltou aqui a unidade de commando sempre indispensavel na direcção do conjuncto das operações d'uma guerra. Os marechaes francezes não obedeceram ao rei José, como teriam obedecido a Napoleão se elle tivesse continuado á testa das suas tropas na Hespanha.

Póde-se, pois, affirmar afoitamente que outra teria sido a sorte da guerra em Portugal, se aquelle grande capitão tivesse podido continuar a direcção dos exercitos que tinha na Peninsula. Estamos convencidos que, sendo assim, sir Wellesley não teria tido occasião de adquirir a fama que adquiriu, attribuida por varios auctores mais á sua *feliz estrella*, do que á sua inegavel capacidade militar e á grande circumspecção e saber com que a tudo attendia.

CAPITULO II

Noticia bibliographica de varios trabalhos preparatorios para a campanha de 1810

Pelos fins de setembro de 1809 o imperador Napoleão, informado dos revezes dos seus marechaes na Peninsula, annunciára já altamente uma nova invasão de Portugal: «Antes de um anno, escrevia elle, [1] serão os inglezes, apesar de todos os seus esforços, expulsos da Peninsula, e a aguia imperial tremulará ufana sobre as fortalezas de Lisboa.»

No intuito de se preparar essa nova invasão, foram entregues ao ministro da guerra em França alguns trabalhos devidos ao coronel *Vincent* e ao general *Thiebault*, contendo planos de operações e reconhecimentos do nosso paiz, que ambos tiveram occasião de estudar desde a primeira invasão de Junot, sob as ordens do qual vieram para Portugal em 1807.

Pela competencia dos auctores e pela importancia do assumpto, consignaremos aqui em extracto aquelles de que ha conhecimento.

*

* *

Mémoire militaire sur le Portugal, suivi d'une lettre adressée au ministre de la guerre en novembre 1809, par le colonel du génie Vincent. [2]

Como se deprehende de sobredita *carta*, esta *Memoria* foi escripta em julho de 1809, e trata essencialmente dos meios de

---

[1] *Moniteur* de 27-set.-1809.

[2] Tanto a *Memoria* como a *carta* acham-se nos documentos da obra de *Soriano* (Ep. 2.ª, t. 5.º, p. 198 a 210).

levar a effeito uma invasão de Portugal. Para melhor prestar todos os esclarecimentos necessarios, o auctor offereceu-se a servir como voluntario ou official d'estado maior, junto do general que fosse encarregado de conduzir o exercito invasor.

Na *Memoria* faz Vincent varias allusões á campanha anterior de 1808 e aos serviços importantes que n'ella prestára. [1] Dá indicação de muitos trabalhos de recoahecimentos das nossas praças, das fronteiras e da carta da *peninsula de Lisboa*, que havia remettido de Portugal para o ministro da guerra francez.

Considera-as como *preciosos documentos* auxiliares para dirigir a campanha, e a este respeito lembra ainda que seria sobretudo muito conveniente consultar o *marquez de Alorna*, o qual conhecia a fundo o nosso paiz, e que Junot, como é sabido, fizéra expatriar com a legião.

O coronel Vincent começa a sua *Memoria* por mostrar d'uma maneira geral que — *o meio mais seguro e mais simples para submetter e conservar Lisboa e Portugal é desembarcar perto da capital.*

Funda-se esta sua opinião em que Portugal pela grande falta de communicações com o continente, e tendo uma immensa costa, póde-se considerar *como uma ilha*, em que não se póde penetrar senão com muitas difficuldades, e que não póde subsistir senão com o que recebe pelos seus portos especialmente pelo de Lisboa, acrescentando aqui a seguinte passagem que mostra a *grande influencia de Lisboa sobre os destinos de Portugal:*

«... Tous les avantages locaux rendent Lisbonne le plus bel entrepôt du monde. Telle est même l'importance de ce point, telle est son influence sur les destinées du royaume qui ne peut exister sans le secours qu'y verse Lisbonne, que si l'on pouvait s'emparer de ce port en l'isolant du Portugal, se serait de beaucoup le parti le plus sage pour devenir bientôt maitre de tout le pays.»

Em apoio d'esta asserção cita o facto da invasão do duque d'Alva, que depois do desembarque em Cascaes entrou promptamente na capital, e em acto continuo todo o reino se submetteu a Felippe II de Hespanha.

Em seguida passa o auctor a considerar as circumstancias que offereciam as diversas partes da nossa fronteira terrestre afim de deduzir por onde seria melhor penetrar o exercito francez. A este respeito põe logo de parte a *invasão pela fronteira do rio Minho*, porque apresenta difficuldades insuperaveis:

---

[1] Estas passagens tiram toda a duvida que a *Memoria* foi escripta em 1809 e não em 1808 como escreve *Soriano* na sua *Historia*.

«... indépendamment du chemin immense qu'il nécessiterait pour arriver á la capitale, l'on doit également redouter le grand nombre de riviéres à passer près de leures embouchures, et des obstacles de tout genre que l'ennemi, maitre de la mer, ne manquerait pas de multiplier avec facilité, sur toute la portion de route qui longerait pour auisi dire la mer.»

A experiencia confirmou esta opinião. Em dezembro de 1808, epocha em que Napoleão se achava em Madrid e se dispoz a marchar ao encontro do exercito de Moore, o auctor (como diz n'uma nota da memoria) atreveu-se a dizer-lhe que não se podiam alcançar os inglezes correndo atraz d'elles; «*era na bacia do Côa, e na posição de Almeida e Cidade Rodrigo que sua magestade devia ter 20:000 homens para se apoderar dos inglezes e portuguezes*». O imperador não se importou com isso, fazendo-o marchar para Astorga, e depois ordenou como é sabido a invasão de Portugal pelo *rio Minho* em 1809. Porém o marechal Soult encarregado d'essa operação viu-se ahi seriamente embaraçado, e teve de ir effectual-a por Chaves.

Vincent, considerando depois a parte da fronteira entre a cadeia das Asturias e o rio Tejo, observa que ella é extremamente montanhosa, especialmente na margem direita do Douro, por onde se estendem as principaes dependencias d'essa cadeia, tornando por conseguinte mais impraticavel a *provincia de Traz-os-Montes* do que a da Beira; e attendendo a que o caminho mais curto para vir de França a Portugal é pela Beira, deduz que—*a entrada mais natural para penetrar em Portugal deve ser entre o Douro e o Tejo.*

Faz então algumas reflexões geraes sobre as difficuldades que encontraria um exercito francez penetrando no nosso paiz por essa parte da fronteira, que se podem reduzir a duas classes:

1.ª A falta de subsistencias no paiz, pelo que julga ser condicção necessaria ao exercito invasor estabelecer um deposito geral em Salamanca, e armazens de viveres em Cidade Rodrigo, *Almeida*, Zarza-la-Major e Alcantara, devendo portanto começar as operações pela tomada d'essas praças.

2.ª A difficuldade de communicações, encontrando-se apenas uma pela *Beira Alta*, desde Almeida a Coimbra, praticavel só pelas pequenas viaturas do paiz (carros de bois), e outra pela *Beira Baixa*, de Alcantara ou Zarza por Castello Branco a Abrantes, sendo extremamente difficil entre estes dois ultimos pontos, e devendo por isso evitar-se sobretudo no inverno.

«L'on doit donc, *diz o auctor*, voir le projet d'entrer en Portugal par le *bas Beira* comme extrêmement dangereux, parce que le pays manquant absolument de viveres, le corps d'armée qui serait arrêté par le Zezere, ou par les *positions extremement fortes entre Castello Branco et*

Abrantes, serait évidement exposé à y périr; et l'on pense que l'entrée du Portugal par le bas Beira, *en suivant la rive droite du Tage*, ne doit pas se tenter, surtout en hiver; il en serait peut être autrement dans la saison des secs, et lorsque le Tage est guéable auprés d'Abrantes, et sous le Zezere; des mouvements combinés sur les deux rives pourraient grandement faciliter l'entreprise d'une armée, dans le cas surtout où elle pourrait tirer des secours des entrepôts que l'on aurait eu la précaution d'établir á Zarza-la-Major et Alcantara, condition que l'on doit toujours voir inséparable du succés.»

N'esta altura da *Memoria* encontra-se uma passagem interessante, revelando claramente que o illustre engenheiro conhecia bem a importancia militar da *peninsula de Lisboa* de que levantou carta:

«Mais en supposant même qu'une armée fut parvenue à penétrer en Portugal, et eut obtenu le très difficile avantage de prendre position en avant du Zezere entre le Tage et le Mondego, occupant Coimbra, Pombal, Thomar et Tancos, il lui resterait encore de bien grandes difficultés à vaincre avant d'arriver à Lisbonne, et l'on doit voir toute la péninsule de ce nom jusqu'à la ligne entre Coimbra et Tancos, comme—*un camp retranché des plus puissants que la nature s'est plu à rendre extrêmement fort*—à raison de l'aspérité du pays prodigieusement accidenté qui couvre Lisbonne. Ce camp retranché, appuyé par ses deux extremités au Tage et à la mer, semble même devoir être, osons le dire, exclusivement la propriété du dominateur des mers, pour peu qu'il sache s'aider des localités en avant de la capitale; la *ligne entre Santarem et Peniche seul* est de nature à offrir des difficultés presque insurmontables, étant appuyée à la mer et au Tage.»

Emquanto ás communicações pela *margem esquerda do Tejo* observa Vincent que ellas teem a desvantagem de augmentar consideravelmente as marchas do exercito, e além d'isso o grande inconveniente de necessitar a passagem do Tejo, operação extremamente difficil diante d'um inimigo, que reunirá seguramente todos os meios possiveis de ser senhor do rio. Parece-lhe, pois no caso de se querer fazer uma *diversão pelo Alemtejo*, que isso só deverá ter logar na estação em que o Tejo se torna vadeavel, a fim de combinar com segurança os movimentos da margem direita do rio com os da esquerda, e apoderar-se tambem sobre esta margem do *importante ponto d'Almada*, assim como da posição da *Torre Velha*, das quaes se póde expulsar o inimigo dos seus principaes ancoradouros.

Pelo que respeita ás communicações que dão a entrada de Portugal ao sul, limita-se a indicar que a melhor é, com certeza a que atravessando a Extremadura hespanhola passa por *Badajoz* e *Elvas*, e que sem duvida devia ser seguida, se fôsse possivel tomar facilmente essas duas praças. As outras, mais ao sul, obrigariam o exercito a immensos circuitos, e mais á passagem do Guadiana, além da do Tejo.

Em harmonia com semelhantes considerações o engenheiro francez chega naturalmente á seguinte conclusão:

«Il résulte de tout ce qui vient d'être exposé sur les différents moyens de pénétrer en Portugal avec une force armée, que l'entrée la plus naturelle et la plus facile pour une armée française surtout, doit avoir lieu par les **haut et bas Beira**, en saisissant dans les temps secs la possibilité de lier les mouvemens offensifs des Beira avec ceux de la **rive gauche du Tage.**»

Passando a planear os movimentos do exercito invasor, o auctor, suppondo-o já senhor das praças de Salamanca, Cidade Rodrigo, Almeida, Zarza e Alcantara, diz que a sua direita será acampada na *bacia do Côa*, *entre Almeida e Cidade Rodrigo;* o centro do exercito, passando o Elga a secco *marchará sobre Castello Branco;* e se o Tejo fôr vadeavel a juzante de Abrantes e se fôr estabelecida nma ponte em Villa Velha, *uma forte divisão entraria no Alemtejo coroando as alturas do Sever* para se tornar senhor da margem esquerda do rio e dar as mãos ás tropas da margem direita e vice-versa.

Tomadas essas posições o exercito invasor devia necessariamente vir occupar a *posição entre Coimbra e Tancos*, procurando evitar a estrada seguida pelo exercito francez em 1807.

«Les positions militaires entre Castello Branco et Abrantes telles que *Talhadas*, S. Domingos, Mação, le passage du Codes, présentent les plus grandes difficultées, et les mouvements de l'armée doivent tendre á les tourner, ce qui serait possible en entrant par le chemin d'Almeida sur Coimbra, et par le chemin d'Alorna sur Thomar; quant à la gauche de l'armée, l'on supposera nécessairement le Tage guéable sous Abrantes et le Zezere, et l'existence du pont de Villa Velha; dès lors des marches combinées feraient arriver les divisions de droite et de gauche, de maniére à se protéger mutuellement pour *prendre la position necessaire entre Tancos et Coimbra,* aprês avoir tourné le Zezere et les difficiles positions comprises entre Castello Branco et Tancos.»

Tendo desde então o exercito invasor de atravessar a zona da *peninsula de Lisboa*, que Vincent considera limitada entre o mar e o Tejo, e a linha que une a foz do Mondego á foz do Zezere, entra o auctor n'uma rapida exposição das operações militares n'ella realisadas em 1808, e passa como se segue a indicar a maneira de avançar por ella até Lisboa.

Depois de se apoderar da foz do Zezere e deixando uma forte guarnição em Coimbra e Figueira, o exercito avançará a sua direita indo apoiar-se no porto da *Nazareth*, d'onde a linha de posições passaria então por *Aljubarrota*, *Batalha*, *Porto de Moz*, *Minde*, *Torres Novas*, *Gollegã e Tancos.*

D'esta posição, a primeira operação difficil será a tomada de *Santarem*, que o defensor terá seguramente fortificado.

Apoiando ahi a sua esquerda o exercito tomará posição em *Rio Maior*, *Tagarro*, *Cercal*, *Cadaval*, *Bombarral*, *Roliça e Obidos*. D'aqui até á posse de Lisboa é melhor deixarmos fallar o proprio auctor francez:

«C'est dans cette position que l'armée aura en avant d'elle la chaîne de Montejunto; qui courant de Cercal au cap de la Roca, rend impraticable pour les armées une grande partie de la péninsule, et ne laisse que trois routes determinées pour marcher sur Lisbonne. La première au nord suit le bord de la mer à quelque distance, et passe par Torres Vedras, Mafra, Chelleiros, Bellas e Bemfica, et au point de Roliça. Cette route en rencontre une autre qui s'élève par Runa, et va passer le Montejunto au seul point ou il s'abaisse pour se rendre à Lisbonne par Montachique et Loures.

L'ennemi occupant solidement *Peniche*, et tirant tout avantage de la mer, la route dont on vient de parler, et qui est traversée par de nombreuses difficultés, *ne paraît pas devoir être préférée pour arriver à Lisbonne*. L'on devra néanmoins occuper la *position de Vimeiro* pour observer la mer, et mettre de fortes garnisons à *Lourinhã*, *Runa* et *Torres Vedras*, pour s'opposer à tout débarquement sur la côte du Mondego.

«La seconde route qui conduit à Lisbonne, est au sud de Montejunto, et longe à peu près le Tage. Elle ne paraît point pouvoir être suivie, étant tracée sur la croupe des différents contre-forts de la principale chaîne d'où elle peut être parfaitement battue, ainsi que des bâtiments armés que l'ennemi ne manquera pas de tenir en bon nombre sur le Tage pour découvrir avec tout avantage des portions de route qui deviendraient absolument impraticables, et ne conduiraient d'ailleurs qu'aux marais de *Sacavem* qui présentent une position des plus fortes pour la defensive. *L'on ne peut donc croire que la route qui longe le Tage, doive convenir à une armée envahissante.*

«Il reste un troisiéme chemin, c'est celui qui, au sul de Montejunto, passe presqu'à égale distance de la mer et du Tage, et vient de Cercal sur Abrigada, Aldeia Gallega, Chões d'Estira-Corda, Sobral, Bucellas, Loures, etc., etc., nul doute que cette dernière route *doit être celle de l'armée envahissante qui devera toujours tenir les positions de Roliça*, *Torres Vedras*, *Runa*. *Vimeiro et Santarem*, pour observer les débarquements.

«Supposant donc l'armée en mouvement, son centre se portera sur *Abrigada*, et fera tout pour venir sur les hauteurs occuper les sommités de *Ville Franca* et *Alhandra*. L'ennemi de son côté ne manquera pas de se porter *en force sur* **Sobral**, *et le moyen de le combattre dans cette position*, sera de marcher sur lui par deux colonnes, celles du centre venant de *Cercal*, et celle du nord venant de *Roliça* par la vallé le Runa sur Sobral.

«La *position de Sobral* supposée enlevée, et c'est bien la plus importante, deux accês seront ouverts sur Lisbonne: l'un par Torres Vedras et Montachique, et l'autre par Sobral et Montachique ou Bucellas.

«Il paraît toujours que le plus grand effor doit partir du centre, c'est-à-dire de la position de Sobral; aucun torrent, aucun précipice ne s'oppose aux mouvement de l'armée dans cette partie. Il n'en est pas de même de Torres Vedras à Lisbonne par Mafra et Cheleiros; cette route présent de nombreuses difficultés locales.

«Parvenue sur les crêtes de Montachique et Bucellas, l'armée envahissante dominerait tout le terrain en avant de Lisbonne, et verrait sur sa gauche les marais de la rivière de Sacavem, dans lesquels elle deverait craindre de s'engager, ainsi que le vallon de Loures surement for-

tifié. Elle tiendrait donc les hauteurs de *Almargem* et de la *Carvoeira*, d'où elle pourrait probablement tourner les défenses établies à Loures, point de concours des deux routes venant de Mafra et Bucellas; ce mouvement sur la droite serait d'autant mieux vu, qu'il pourrait être appuyé par une colonne qui serait venue par Mafra et Cheleiros sur Almargem, redoutant toujours les troupes de débarquemant que l'ennemi introduirait par *Ericeira*, et la riviére de *Cintra*.

«En général l'on doit croire que l'ennemi sera en force sur la hauteur de *Sabugo*, au sommet des versants de la rivière de Sacavem et de la Carvoeira, et il est probable que c'est dans cette position qu'il recevra le dernier combat qui décidera du sort de Lisbonne.»

«... Arrivée sur les hauteurs de la Carvoeira... le grand objet de l'armée doit être d'envelopper Lisbonne pour intercepter tous secours qui pourrait lui être donnés par mer on par le Tage. *Cascaes* et *St. Julien* sont sous ce rapport, deux points qui doivent être scrupuleusement observés.»

«Supposant, enfin, l'armée maitresse de *Lisbonne*, et qu'elle ait atteint le terme de ses pénibles travaux, ce dont on croit toujours devoir douter, surtout à raison de l'impossibilité de lui assurer des subsistances, l'armée qui ne devra pas être moindre de 40:000 homens, éprouvera plus que jamais la *penurie des vivres*, toute communication avec la mer se trouvant intreceptée; l'on doit meme craindre le mé contentement de la population des grandes villes, et celle de Lisbonne prête à s'insurger sur nos derrières en 1808, contribua sans doute pour beaucoup *au parti que l'on jugea devoir prendre.*» [1]

Ao terminar esta exposição sobre os meios de ataque, e desenvolvendo-a melhor na alludida *carta* dirigida ao ministro, o coronel Vincent ousa manifestar uma opinião que julga *essencial*, embora isso lhe acarrete algum dissabor, porque ia de encontro ás idéas então seguidas. E' realmente uma opinião *singularissima*, consistindo em ultima analyse em — *deixar Lisboa entregue aos inglezes* — porque seria impossivel á França alimentar em Lisboa uma população de 200:000 almas e os 20:000 homens necessarios para os manter na ordem, no meio da fome. Por consequencia o exercito invasor deveria tomar posições d'onde podesse interceptar toda a communicação do reino com a capital e dominar todo o commercio do paiz, a saber: «Porto, Coimbra, Aljubarrota, foz do Zezere, Santarem, Almada, Torre Velha, Setubal, a costa do Algarve, e sobretudo Ayamonte.»

Posições das mais defensaveis, apoiadas no mar e no Tejo, separam Lisboa da linha passando por essas localidades, que não seria difficil entrincheirar, e d'ahi se poderia bater o inimigo *(os inglezes)*, evitando comtudo de o perseguir até aos arredores de Lisboa e ao seu recinto.

---

[1] Allude á capitulação de Cintra.

*

* *

Plan d'une nouvelle campagne en Portugal, par Thiebault en 1810.

No fim da sua *Relation de l'Expédition du Portugal* o auctor, ex-chefe do estado maior do exercito de Junot, juntou varias peças justificativas, entre as quaes se encontra este interessante *Plano*, que declara ter escripto em Burgos, no principio de 1810, isto é, quando já se tratava da invasão, que depois foi confiada a Massena.

O illustre general expõe ahi d'uma maneira clara e em poucas paginas, as suas idéas sobre a maneira mais segura e mais prompta de reconquistar Portugal, já duas vezes perdido por elles, e os muitos receios que tinha de encontrar durante a invasão grande penuria de subsistencias.

Começa o auctor o seu trabalho por uma observação geral sobre a importancia estrategica das capitaes, d'onde deduz que —*a tomada de Lisboa deve ser o principal objectivo da conquista de Portugal.*

Em seguida considera as immensas difficuldades que a natureza do nosso paiz e os habitantes poderiam oppôr a semelhante empreza.

«Mais aucune capitale du monde n'est mieux défendu par la nature...

«Renfermant une population de 350:000 âmes, située à l'extrémité de l'Europe, et placée au fond d'une langue de terre, que baignent et la mer et le Tage, elle est converte du côté de terre, par deux positions successives, trés militaires, et qui se resserrent à mesure qu'elles se reprochent de la ville;[1] positions à la force des quelles l'art peut facilement ajouter, et auxquelles on ne peut arriver qu'en passant un grande fleuve, ou en traversant les affreuses montagnes du *Beira*, montagnes qui indépendamment des moyens de défense qu'elles multiplient, présentent des obstacles presque insurmontables par leur élévation et leur aridité; par la rareté et la difficnlté des sentiers qu'on y rencontre; par le nombre et la force des torrens qui les coupent en hiver; par le manque presque total d'eau en été, et par l'impossibilité d'y trouver aucun moyen de nourrir une armée.

«Outre les difficultés qu'oppose te pays, les habitans en offriront. Braves, sobres, faciles á exalter sûrs d'être secourus par les anglais...»

Segue-se uma rapida avaliação das forças regulares que se poderiam oppôr á invasão—*95:000 homens*—sendo 25 a 30:000 inglezes, e os mais todos portuguezes, comprehendendo o exer-

---

[1] Ces deux positions sont: 1.º celle de Santarem, Rio Maior, Obidos et Peniche; 2.º celle de Sacavem, Montachique et Cintra. *(Nota do auctor).*

cito activo (25 a 30:000), as milicias regulares (outros tantos), e corpos de sublevados (10:000) proprios para tropas ligeiras.

Terminando o que diz respeito á defeza encontram-se observações sobre o genero de guerra a seguir pelos defensores.

«Si l'armée entend le genre de guerre qu'elle aura à faire, s'abstiendra de toutes manœuvres autant qu'elle le pourra, ne se divisera pas pour disputer des provinces dont elle n'aura besoin, ni pour son systéme de guerre, ni pour sa subsistance. Instruit de notre mouvement, elle commencera donc par nous faire harceler par les levées en masses, et elle chercera à se ménager l'avantage de ne faire aucun faux mouvement, de pouvoir défendre pied à pied le seul point qu'il lui importe éminement de conserver...»

Em consequencia de tão formidaveis meios de defeza, entende Thiebault que era preciso um exercito imponente de 100:000 homens para a conquista de Portugal.

«Cette force peut paraitre trop considérable; mais le caractère des portugais, leur acharnement contre tout ce qui est étranger, et notamment contre nous; le nombre d'hommes qu'ils nous opposeront, en masse on successivement; les bandes espagnols qui peuvent se joindre à eux; les obstacles que le pays multiplie; les secours que l'Angleterre fournira en hommes, en argent, en armes et en multions, la *justifient*...»

Estabelecidos estes principios, o sabio auctor entra então propriamente no plano de operações, o qual como se vae vêr consiste essencialmente em — *marchar ao mesmo tempo sobre Lisboa e Porto* — dividindo-se por conseguinte o exercito invasor em dois corpos, um dos quaes, o *principal*, entraria pelo Alemtejo e outro secundario pelo Minho.

O primeiro (70:000 hom.) seria acompanhado de abundantes provisões e avançaria de *Valencia de Alcantara* sobre *Portalegre* e *Ponte de Sôr*, [1] deixando assim a praça de *Elvas* á sua esquerda, para não perder preciosos dias n'um sitio inutil, pois que a praça facilmente se submetteria depois da conquista de Lisboa. Chegando ao Sôr tratar-se-hia logo dos preparativos necessarios para a passagem do Tejo, que alguns corpos flanqueantes deviam ter seguido. [2]

Emquanto este movimento se executasse, o corpo secundario (30:000 hom.) vindo da Galliza marcharia sobre o *Porto*, deixaria ahi uma boa

---

[1] No texto do auctor está *Ourem*, mas é evidentemente erro. A prova está em que, na carta que acompanha a obra, lê-se no sitio do Alemtejo em que fica *Ponte de Sôr* a palavra *Ourem*. Demais é sabido que a povoação d'este nome é do outro lado do Tejo.

[2] Não propõe que se envie uma columna do corpo do Alemtejo para as alturas d'Almada, porque seria muito arriscado e sem compensação séria.

guarnição (6:000 hom.) e avançaria sobre *Coimbra*, [1] com a força restante (24:000 hom.). Senhor d'esta cidade sustentaria a posse da linha do Mondego e enviaria reconhecimentos até Condeixa. Este movimento devia terminar quando o corpo principal estivesse já em estado de passar o Tejo, o que executaria deixando occupada *Ponte de Sôr* (5:000 hom.) e passando o grosso do exercito (65.000 hom.) no vau que existe entre a *Gollegã* e *Santarem*, ou se este vau estivesse bem defendido, em qualquer outro sitio por meio d'uma ponte volante e jangadas. [2]

Effectuada a passagem do Tejo, o exercito principal, conforme a força, posição e procedimento do adversario, faria a sua juncção com o corpo de Coimbra, e marcharia com ou sem elle sobre Lisboa. [3]

Tendo-se apoderado de Lisboa e Porto, e obrigado o exercito inglez a embarcar, o invasor seria senhor das operações subsequentes, visto que, conhecendo a situação inteira de Portugal, e não tendo mais a operar senão do centro para a circumferencia, não se correria mais o risco de comprometter corpo algum, nem de fazer falsos movimentos. Podia-se, pois, fazer dispersar os corpos inimigos que existissem ainda no paiz, tomar as praças de guerra, distribuir o exercito nas diversas provincias e estabelecer linhas de communicação com a sua patria.

Para inquietar os defensores sobre a verdadeira direcção do ataque, e facilitar a passagem do Tejo ao corpo principal, podia-se ter tirado a este uns 12:000 homens e fazel-os marchar de *Cidade Rodrigo* até *Thomar* ou sobre o *Zezere* por *Castello Branco*, ou pela *Guarda*. Mas não propõe este movimento porque teria incalculaveis difficuldades a vencer; e, se como é de presumir, o defensor reunisse todas as suas forças entre Santarem e Thomar, esse corpo intermediario estaria isolado durante muitos dias e podia ser aniquilado. E' preciso ainda observar que n'um paiz disposto á revolta quanto mais se multiplicam as columnas d'ataque, mais se expõem á insurreição.

---

[1] Nas annotações de que o plano está cheio, o auctor suppõe que a defeza reuniria as suas forças na posição de *Santarem* para defender a passagem do Tejo e cobrir Lisboa; que sendo os inglezes batidos n'esta posição, em *Montachique* e nas alturas que se levantam de *Sacavem* a *Cintra*, elles iriam embarcar no campo entrincheirado que para esse effeito tivessem estabelecido. Se, porém, se retirassem para Coimbra a fim de embarcar na Figueira, uma parte do exercito principal (15:000 homens) conteria Lisboa, e o resto marcharia em seguimento d'elles, que se veriam assim n'uma situação perigosa entre duas forças consideraveis em Coimbra (24:000) e Santarem (50:000).

[2] Thiebault nota aqui não haver probabilidade que então se defendesse o Alemtejo, apezar das vantagens que essa defeza podia ter nas montanhas de Portalegre, e as praças d'Elvas, Juromenha, etc. As razões em que se funda essa asserção reduzem-se a que nos expunhamos a perder muita gente em consequencia do clima humido, quente e insalubre do Alemtejo; a estafar as tropas antes de combaterem; e a ter de effectuar uma retirada perigosa com um grande rio como é o Tejo pelas costas.

[3] N'uma nota, o general faz observar que era conveniente que se fingisse um ataque por todos os lados ao mesmo tempo, e que por isso, durante o movimento sobre *Coimbra*, uma das divisões do exercito da Galliza devia dirigir-se a *Amarante* e a *Vimioso*, e mesmo a *Mirandella*, ao menos momentaneamente, e que uma outra força apparecesse na *Guarda*, ameaçando os valles do Zezere e Mondego.

A tomada das praças de Cidade Rodrigo e de Badajoz, assim como a occupação da Galliza deviam necessariamente preceder todas as operações contra Portugal. A praça d'*Almeida* não podia offerecer grande resistencia, e seria além d'isso inutil como a de *Elvas* para a conquista de Portugal. Entretanto podia ser observada por uma parte da guarnição de Cidade Rodrigo, que durante o ataque sobre Lisboa, poderia simular um movimento offensivo sobre *Thomar* ou *Coimbra*, pelos valles do Zezere e Mondego.

Tudo se limita n'este plano para o exercito principal:

1.º — A uma marcha que deve ser rapida e que não póde ser penosa senão por causa do calor e falta de subsistencias, que no entanto pódem trazer-se;

2.º — A uma passagem de rio, sobre uma extensão de mais de 12 leguas o que não póde ser impedido facilmente;

3.º — Ao ataque das *posições defensaveis que cobrem Lisboa*, mas o invasor tem sempre de esbarrar com ellas de qualquer lado que venha. O essencial é ter bastantes forças para não hesitar em atacal-as.

Eis ahi o plano apresentado pelo general Thiebault como sendo aquelle que então offerecia menos inconvenientes e mais vantagens para o atacante. Veremos adeante que elle não foi seguido na campanha de Massena, pois que este marechal dirigiu as suas operações pelo valle do Mondego, *exclusivamente*, devendo comtudo não esquecer que estava projectado por Napoleão ser auxiliado pela invasão do Alemtejo que não chegou a realisar-se. Pelo que respeita á defeza, as previsões de Thiebault não andaram muito longe da verdade, como se verá pelas disposições adoptadas por lord Wellington na referida campanha.

* * *

Reconnaissance militaire de la frontiére du Beira, et examen des opérations d'un corps de 25:000 hommes, qui entreprendrait d'en forcer le passage, par Thiebault en 1808 a 1810. [1]

Consta este *Reconhecimento* de tres partes essenciaes: 1.ª Descripção do terreno; 2.ª Indicação das principaes posições militares; 3.ª Operações de ataque e defeza no caso d'uma diversão pela Beira.

Segundo as declarações do proprio Thiebault, este trabalho foi elaborado sobre elementos inexactos, como são as cartas de Mentelle e Lopez, e as memorias e notas de Dumouriez, marquez d'Alorna, etc. Assim na parte descriptiva das montanhas e cursos d'agua encontram-se bastantes erros faceis de corrigir.

---

[1] E' o n.º 14 das peças justificativas de que anteriormente se falou.

As posições militares que considera como mais importantes em toda a fronteira da Beira são:

Marofa e *Castello Rodrigo*, ponto extremamente importante sobre a linha do Côa.

Villa-Velha sobre o Tejo, posição duplamente interessante, quando se considere a influencia que exerce sobre as duas margens do rio;

Guarda, ao centro da fronteira entre aquellas duas, posição muito importante, dominando todas as entradas da Beira Alta e as communicações para a Beira Baixa: mas é difficil e inconveniente fortifical-a, a não ser organisal-a como *posto avançado* coberto por algumas flexas;

Almeida, tem necessidade de ser substituida por causa dos seus defeitos, e porque o seu papel é quasi nullo, logo que seja occupada a planicie em que se acha estabelecida;

Porcas, muito forte e com communicações sempre seguras por estar encostada á Estrella; é quasi inexpugnavel devido ao forte que ahi se construiu;

Argenteira, planalto muito elevado no cume da serra ao pé dos *Cantaros*, é a verdadeira chave da Estrella, e sustenta a posição de Porcas.

Montanha de *Sobreira Formosa* (linha das Talhadas) que se estende em 6 leguas desde Villa Velha até á serra de Muradal, e cuja occupação é de uma importancia evidente.

Muradal, posição intermediaria entre a precedentemente indicada e a Estrella, e que é impossivel ser forçada;

Sortelha, que conjunctamente com a de *Porcas*, defendem todas as passagens das montanhas, desde a Guarda até ao Sabugal;

Penamacôr, n'uma situação das mais felizes, ponto de passagem de todos os caminhos da Beira Alta para a Beira Baixa pelo valle de Meimôa.

Monsanto, naturalmente muito forte, dominando todos os caminhos da fronteira da Beira Baixa, e que sendo fortificada, abastecida e bem defendida é uma d'essas praças que nunca se tomam.

Emquanto ás operações do corpo d'exercito que fizesse uma diversão pela Beira, limita-se o general Thiebault a discutir as opiniões do marquez d'Alorna, apresentadas por este n'uma memoria, de que já demos noticia a proposito da campanha de 1801.

*
* *

Documentos concernentes ao plano de defeza que convinha adoptar em Portugal, escriptos por lord Wellington em 1809 e 1810.

Até á batalha de Talavera a politica ingleza nunca teve muito a peito a *efficaz defeza de Portugal*, sendo todas as suas sympathias para com a defeza da Hespanha. Mas vendo os exercitos d'esta potencia constantemente derrotados, vendo que as provincias do sul da mesma nação seriam em breve subjugadas, e vendo finalmente o gravissimo insuccesso da dispendiosa expedição que enviára ao Escalda, o ministerio inglez esfriou consideravelmente no seu ardor pela continuação da guerra na Peninsula, e esteve a ponto de mandar retirar o seu exercito de Portugal.

Antes, porém, de dar esse passo lord Wellington recebeu (*14-set.*) um officio do ministro da guerra, [1] perguntando-lhe o que pensava da opportunidade da defeza de Portugal, das despezas que esta defeza podia trazer comsigo, do embarque do exercito inglez em caso de insuccesso na guerra, e das probabilidades da nação portugueza continuar a luctar só por si. Tal era o cuidado que por nós tinha o governo dos nossos *fieis alliados*, incapaz de conduzir os negocios da guerra nas criticas circumstancias d'aquelle tempo.

Para responder a semelhantes perguntas com perfeito conhecimento de causa entendeu o prudente general inglez, que, antes de adoptar qualquer plano de defeza, — *era necessario primeiramente examinar o paiz* — e vêr o modo porque se defenderia a provincia de Andaluzia, então ameaçada pelo exercito do marechal Soult (50:000 hom.).

No principio de outubro teve Wellington que deixar a fronteira do Alemtejo para vir a Lisboa assumir as funcções de governador do reino, confôrme fôra decidido por carta regia anterior (*6-out.*).

Aproveitando o ensejo procedeu logo aum *reconhecimento geral* do terreno ao norte de Lisboa, comprehendido entre o Tejo e o mar (*a peninsula de Torres Vedras*), não obstante ter já conhecimento de semelhante terreno, theatro especial das suas operações em 1808; e fez-se acompanhar pelo seu quartel mestre general (o coronel *Murray*) e pelo chefe dos engenheiros, que era o tenente coronel *Fletcher*.

Foi em resultado d'este reconhecimento que o nosso generalissimo naturalmente chegou á intima convicção de que o terreno se prestava magnificamente aos seus projectos defensivos; e não contente com isso, ainda procurou meios de o *fortificar*, empregando onde fossem precisos os recursos da arte. Para esse fim elle proprio elaborou umas instrucções (*20-out.*), com o titulo de *Memorandum*, [2] para servirem de guia ao dito chefe dos engenheiros nos reconhecimentos especiaes a que immediatamente devia proceder em vista das fortificações a estabelecer. Extratemos os pontos especiaes que n'ellas se acham incluidos — *referentes ao* **plano de defeza** *do paiz.*

---

[1] *Napier* (t. 5.º, p. 265) e *Soriano* (E. 2.ª, t. 2.º, p. 483).

[2] Encontra-se publicada na *Memoria sobre as linhas de Torres Vedras* por *John Jones*, e na obra de *Gurword* sobre a correspondencia de Wellington, n.º 327.

O grande objecto que se devia ter em vista na defeza de Portugal era a posse de Lisboa e do Tejo, e intimamente ligado com isso, o embarque das tropas inglezas no caso de revez.

O inimigo penetraria em Portugal provavelmente pelas duas margens do Tejo. Era sobre esta *base geral — o rio Tejo note-se bem* — que devia ser fundado o systema de defeza a adoptar.

E' por esse motivo que Wellington se demora aqui a considerar a força defensiva d'este grande rio e o procedimento a seguir, o que transcrevemos textualmente:

«Pendant l'hiver, le *Tage*, dont les eaux seront alors abondantes, deviendra, contre les entreprises de l'ennemie sur la gauche, une barrière qui necessitera peu de travail. Dans l'été, au contraire, le Tage étant guéable sur plusieurs points, entre Abrantes et Salvaterra, et même au dessous de cette dernière ville, il faut prendre des précautions pour que l'ennemi, au moyen de l'attaque qu'il aura dirigée sur la rive gauche du Tage, ne puisse pas, en passant ce fleuve, couper la route de Lisbonne à l'armée anglaise, engagée dans des opérations sur la rive droite. L'objet des alliés doit être, autant que possible d'obliger l'ennemi à exécuter son attaque en concentrant ses forces. Il faut donc qu'ils tiennent, dans toutes les positions que peut leur offrir le pays, assez longtemps pour favoriser l'évacuation des bourgs et des villages, et permettre aux habitans d'emporter avec eux ou de dètruire tous les approvisionnemens et moyens de transport inutiles à l'armée alliée; chaque corps ayant soin de conserver ses communications avec les autres, ainsi que la distance relative au point de jonction».

A isto seguia-se naturalmente indicar a disposição primitiva das forças, ou seja na moderna technologia o *desenvolvimento estrategico*. E' o que se lê nas seguintes palavras:

«Dans quelque saison que l'ennemi exécute son attaque, toute l'armêe alliée, aprés avoir fourni les guarnisons d'*Elvas*, *Almeida*, *Abrantes* et *Valença*, devra être partagée en trois corps qui seront placés; le premier, dans la *Beira;* le second, dans l'*Alemtejo;* et le troisième, composé de la légion lusitanienne, de huit bataillons de chasseurs et d'un de milice, dans les montagnes de Castello Branco (*a linha das Talhadas*). Pendant l'hivar, le corps de la Beira sera composé des deux tiers de l'armée d'opération. Dans l'été, le corps de l'armée de la Beira et celui de l'Alemtejo seront presque égaux en force».

O commandante em chefe dá-nos agora uma idéa geral do *plano d'operações* a seguir no verão *(em que o Tejo era vadeavel)*, reservando para outra memoria o plano a seguir no inverno, do qual não havia tanta pressa, porque os francezes viam-se em Hespanha na necessidade de esperar que Napoleão lhes enviasse reforços para poderem penetrar em Portugal. Eis em resumo qual era esse plano:

Se os francezes executassem o seu ataque no verão, era provavel que dividissem o seu exercito em dois corpos principaes. Um d'estes procuraria atravessar as montanhas situadas entre Castello Branco e Abrantes.

O outro operando pela margem esquerda do Tejo, trataria de tornear as posições que lhe fossem oppostas na sua frente sobre a margem direita d'este rio; e collocando-se entre elle e Lisboa poderia destruil-o por um ataque simultaneo sobre a sua frente e retaguarda.

Não se podia impedir o inimigo de obter estes resultados senão pela retirada da direita, do centro e da esquerda dos alliados, e pela sua juncção n'um ponto onde, em razão da força do Tejo, este rio não podesse ser passado pelo corpo da esquerda do inimigo.

A primeira posição que se offerecia para isso era sobre a ribeira da *Castanheira*, onde o grosso do exercito se estabeleceria para defender a grande estrada que conduz a Lisboa pela margem direita do Tejo. A planicie junto ao rio seria occupada por 10:000 homens, incluindo toda a cavallaria; a montanha da Castanheira por 5:000 homens; e as alturas de Cadafaes pelas forças restantes menos os seguintes destacamentos, destinados a evitar que esta posição do exercito fosse torneada pela sua esquerda: 5:000 homens em *Torres Vedras*, 4:000 em *Sobral de Monte Agraço*, 2:000 na *Arruda*, 400 na *Ajuda* entre Sobral e Bucellas, e 200 n'uma *altura* entre Sobral e Arruda.

Na hypothese de que o inimigo chegasse a forçar cada um d'estes tres primeiros destacamentos, elles recuariam repentinamente para *Cabeça de Montachique*, *Bucellas*, e *Alhandra*, disputando as estradas nos pontos proprios para isso. O grosso do exercito operaria a sua retirada sobre a *serra de Serves*.

Seguem-se agora na *Memoria* as instrucções propriamente ditas para o tenente-coronel Fletcher proceder aos estudos e trabalhos necessarios, indicando-lhe detalhadamente as diversas obras uma por uma. Vê-se ahi que deviam ser entrincheiradas desde logo as posições por onde se receava o torneamento da posição principal, isto é *Torres Vedras*, *Sobral* e *Arruda;* as outras obras consistindo na construcção de reductos nas montanhas, barragens nas ribeiras para produzir inundações, destruições das estradas nos pontos mais convenientes, deviam apenas ser estudadas avaliando o tempo e os trabalhos necessarios, para serem executadas na occasião opportuna. Recommenda-se tambem o levantamento d'uma *planta exacta* do terreno, [1] e fixar nas alturas os pontos proprios para o estabelecimento de postos de signaes, afim de se poderem corresponder rapidamente entre si as diversas posições.

Relativamente ao embarque do exercito inglez no caso de revez, lord Wellington dirigiu pelo mesmo tempo uma *carta ao vice-almirante da esquadra britannica no Tejo*, [2] em que depois de lhe dar uma idéa do conteudo do referido *Memorandum*, lhe pede a

---

[1] Por essa occasião recebeu uma copia da carta levantada por *Neves Costa;* e segundo *Napier* (t. 5.º, p. 208) elle trazia já comsigo as plantas levantadas em 1799 por *Carlos Stuart*, e as minutas do coronel d'engenharia *Vincent*.

[2] Publicada na collecção de *Gurword*, n.º 328.

sua opinião sobre a possibilidade de effectuar essa operação nos seguintes pontos: *Peniche*, *Setubal*, *Paço d'Arcos* e *S. Julião*, entre os quaes lhe parecia melhor este ultimo, porque, embora nos dois primeiros se podesse apoiar o embarque por muito tempo, ficariam fóra do campo de operações, e em Paço d'Arcos seria precisa uma grande força para proteger o embarque.

No principio de novembro, lord Wellington dirigiu-se a Sevilha para se entender com a junta sobre a defeza da Andaluzia, e de lá seguiu para Cadiz (*5-nov.*) em companhia do marquez de Wellesley seu irmão, ao qual expoz os seus planos de operações a seguir e declarou-lhe não os poder adoptar sem ter por si o mais franco e decidido apoio do seu governo. O marquez que em consequencia da queda do ministerio britannico ia tomar conta da pasta dos negocios estrangeiros, condescendeu com as opiniões de seu irmão e prometteu sustental-as com firmeza no meio de quaesquer embaraços.

Foi depois d'esta conferencia que o general em chefe indo para Badajoz respondeu (*11-nov.*) ao officio acima referido. [1]

Eis em resumo os pontos essenciaes d'esse documento:

1.º — Se os exercitos hespanhoes houvessem de experimentar algum grande revez, que habilitasse os francezes existentes na peninsula a virem contra Portugal, as forças alliadas que n'este reino havia *eram bastantes para a sua defeza.*

2.º — Quando a paz da Allemanha (*14-out.*) permittisse a Napoleão mandar consideraveis reforços para a peninsula, com o fim de atacarem Portugal, ainda n'este caso, não se achando a Hespanha inteiramente subjugada, ser-lhe-ia difficil, senão impossivel, assenhorear-se de Portugal, uma vez que o governo britannico continuasse a manter n'este reino o exercito inglez, que n'elle se achava destinado á sua defeza, e o exercito portuguez recebesse todos os melhoramentos de que era susceptivel.

3.º — A força d'esse exercito inglez devia ser sempre de 30:000 homens effectivos, ainda que se elevasse o exercito portuguez, cuja força regular consistia já em 39:000 homens de infantaria, 3:000 de cavallaria, e 3:000 de artilharia; [2] e a milicia se elevava a 46:000 homens, sem contar com as ordenanças.

4.º — A despeza feita com os 20:000 homens de tropas portuguezas, pagas pela Grã-Bretanha, e com os officiaes inglezes n'ellas encorporados era de 600:000 libras.

5.º — A despeza que a Inglaterra devia juntar áquella que já fazia era

---

[1] Acha-se esta resposta quasi toda transcripta em *Napier* (t. 5.º, p. 265) e em *Soriano* (E. 2.ª, t. 2.º, p. 484).

[2] *Soriano* diz que o verdadeiro effectivo segundo os *assentos do ministerio da guerra* era: 32:925 hom. de inf., 3:355 de caçadores, 6:092 de cav. e 5:586 de artilharia: total 47:958 homens com 4:357 cavallos.

o augmento do soldo dos officiaes do exercito portuguez, sem o que seria inutil esperar d'elles muito zêlo.

6.º—O soccorro pecuniario que a Inglaterra prestava ao governo portuguez para custeamento da sua despeza militar devia ser mais de 300:000 libras por anno, attendendo ao mau estado financeiro de Portugal.

7.º—Além d'isto o governo inglez devia tomar a seu soldo mais 10:000 homens de tropa portugueza, o que lhe custaria pouco mais ou menos, mais 250:000 libras por anno.

8.º—Se fosse mandado retirar o exercito inglez da peninsula, ou se fosse obrigado a isso por effeito de desastre na guerra, nenhuma duvida tinha em que o embarque se podesse fazer facilmente.

9.º—N'este caso não era de esperar que os portuguezes se podessem defender por muito tempo; a consequencia immediata d'essa retirada seria a occupação de Lisboa pelo inimigo, talvez mesmo sem combate, cousa de que se seguiria tambem uma mudança no estado de guerra, não só quanto a Portugal, mas tambem quanto á Hespanha.

Depois de largos debates, estas medidas foram afinal approvadas (*março de 1810*) no parlamento inglez, distinguindo-se a favor d'ellas lord Wellesley, provando quanto era politica a sua adopção, e lord Perceval, mostrando que—*abandonar Portugal seria o mesmo que pôr nas mãos dos francezes o melhor ponto e os mais apropriados meios de atacarem a Inglaterra.*

Um outro documento interessante a juntar aos precedentes é a *representação*, [1] dirigida por lord Wellington ao principe regente de Portugal contra a ingerencia dos governadores do reino depois da nomeação do principal Sousa como membro da regencia, nos assumptos intimamente connexos com as operações da campanha, cuja direcção era da sua exclusiva competencia como marechal-general dos exercitos combinados.

Encontra-se n'este documento a exposição dos principios em que se estribava o seu plano de defeza, os quaes são os mesmos já atraz indicados.

Lê-se tambem que esse plano foi formado de concerto e accordo com o marechal Beresford, que fôra approvado em fevereiro de 1810 pelos governadores do reino, e que só depois da mais madura e séria reflexão elle o adoptára; mas depois d'isso que tinha obrado invariavelmente em sua conformidade em todas as operações que havia dirigido até então (*30-nov,-1810*), e a experiencia diaria o havia deixado cada vez mais convencido de quanto elle era util e acertado.

O principal Sousa havia comtudo imaginado que a guerra devia ser mantida sobre a fronteira da Beira, e até mesmo se devia operar offensivamente dentro do territorio hespanhol, e dar uma batalha a todo o risco. Por effeito da influencia sobre os outros membros da regencia, esta perdeu muito tempo em discutir com elle semelhante medida que julgou

---

[1] Collecção de documentos da obra de *Soriano* (E. 2.ª, n.º 96).

sempre *ser impossivel* nas existentes circumstancias da guerra da peninsula. O resultado d'isso foi o governo esquecer-se de ordenar tudo que era preciso para a evacuação do paiz entre o Tejo e o Mondego, o que habilitou o inimigo a manter ahi a sua posição.

*
* *

Memoria sobre a necessidade da defeza de Lisboa pelo sul do Tejo, dirigida por D. Miguel Pereira Forjaz a lord Wellington em março de 1810. [1]

O fim principal d'esta *Memoria*, como facilmente se vê na carta de remessa que a acompanha, era elevar as forças da defeza a 90:000 homens, effectivo que o secretario da regencia Forjaz considerava indispensavel para se poder defender a capital, não sómente pelo norte occupando as excellentes posições que se andavam preparando (*as linhas de Torres Vedras*), mas ainda a *peninsula de Setubal*, pela grande pobabilidade que havia—de vir tambem uma força consideravel contra Lisboa pelo Alemtejo —a qual não encontrando por ahi resistencia militar podia causar grandes damnos.

Eis as proprias palavras em que se exprime tão illustrado ministro e general:

«Parece-me evidente que o projecto dos francezes, depois de terem occupado a Andaluzia, será o marcharem em grande força contra o Alemtejo, atravessando o Guadiana. A marcha d'esta força, sendo combinada com o ataque que pretendem fazer na Beira e nas duas margens do Tejo, não encontrará obstaculo que a possa demorar, e a natureza do paiz dá-lhe toda a facilidade de avançar rapidamente do lado opposto a Lisboa, no que farão consideraveis damnos: 1.º, o difficultar e quasi que embaraçar a entrada e saida do porto de Lisboa; 2.º, excitar algum tumulto n'esta grande cidade, o que lhe poderia facilitar, apezar de todos os cuidados, atravessar o Tejo, e tornear absolutamente pela direita a excellente posição que tendes escolhido entre o Tejo e o mar, ou pelo menos dariam com isto sérios cuidados ao exercito quando fosse atacado de frente sobre a margem direita; 3.º, privando-nos d'este ultimo asylo e de um logar muito proprio para um embarque seguro quando, por uma inesperada fatalidade, tivessemos de deixar Lisboa e o paiz da direita do Tejo.»

Na citada *Memoria*, o seu intelligente auctor desenvolve amplamente a alta importancia politica que havia em continuar a guerra da peninsula, e depois faz conhecer as grandes vantagens que resultariam para essa guerra em assegurar a cidade e o porto

---

[1] Collecção de documentos da obra de *Soriano* (E. 2.ª, n.º 86).

de Lisboa, o que tambem nos parece digno de ser aqui transcripto textualmente:

«*Lisboa* póde ser considerada como encerrando a maior parte dos recursos de Portugal, e a invasão momentanea de todas as suas provincias para nada servirá se d'ella o inimigo se não puder assenhorear. O seu soberbo porto, o mais amplo e seguro de toda a peninsula, e o mais commodo para entrar e sair a todo o tempo, facilita infinitamente todas as operações da marinha no mar Atlantico, para que se lhe não dê a preferencia sobre todas as outras. Se a tudo isto juntarmos as mui consideraveis vantagens que tem pelo lado de terra relativamente á sua defeza, ver-se-ha que nenhuma outra posição merecerá com mais justo motivo a preferencia, ainda mesmo sem enumerar as razões de conveniencia politica.

«As approximações a Lisboa devem ser feitas, ou pela direita ou pela esquerda do rio *Tejo*, sobre o qual se acha situada 2 leguas pouco mais ou menos distante da sua foz. Este rio conserva 6 leguas ainda acima da cidade uma largura e profundidade que nem permittem o estabelecimento de pontes, nem dão vau em estação alguma do anno. O espaço comprehendido entre a margem direita do Tejo e a costa (*do norte*) vae estreitando á medida que caminha para Lisboa, e n'este espaço duas estradas se apresentam sómente para chegar a ella, separadas entre si por uma montanha impraticavel, que se chama serra de *Montejunto*, a 9 ou 10 leguas de Lisboa. O caminho mais proximo do mar vem pelas Caldas, Obidos, Torres Vedras, Mafra, etc., e aquella que mais se approxima do Tejo passa pelo Carregado, Castanheira, Villa Franca, etc. Todos os caminhos que atravessam as duas referidas estradas são para áquem d'esta grande massa de montanhas de que tenho falado e que absolutamente as separa.

«Na esquerda do Tejo e defronte de Lisboa existe um vasto terreno quasi em fórma de ilha, cujo isthmo não se estende além de 3 leguas. Uma consideravel parte d'esta extensão é occupada pela *montanha de Palmella*, cujo castello, muito vantajosamente situado, póde muito bem tornar-se uma cidadella de grande força. O porto de Setubal forma a direita do isthmo; o rio da Mouta, que entra no Tejo na sua maior largura, forma a esquerda. O interior d'esta quasi ilha é um paiz cheio de arvoredos e cortado de pequenas ribeiras, e dá assento a uma cadeia de grandes montanhas, que se estendem até á borda do mar.

«Em similhante situação, possuindo todos os meios maritimos, parece-me que 80 ou 90 mil homens, pódem assegurar a sua posse contra todas as forças que Bonaparte poder conduzir para semilhante paiz.»

Na carta de remessa accrescenta que esta força seria assim distribuida:

— 50 a 60:000 homens para defender a *posição entre o Tejo e o mar;*

— 10:000 homens para occupar o isthmo entre Setubal e a Mouta, tendo *Palmella bem fortificada* e alguns outros pontos pela retaguarda;

— 15 a 20:000 como corpo de reserva, que podesse accudir a um ou outro lado do rio, como parecesse conveniente.

Para conseguir isto propunha que a Inglaterra reforçasse o seu exercito de 30:000 homens com mais 15 a 20:000, e nos ajudasse a ter em campo mais 10 a 15:000 além dos 30:000 a que já pagava.

Lord Wellington, concordando em geral com todas as razões apresentadas por Forjaz, de cujo merito e capacidade formava

um alto conceito, respondeu não poder annuir de todo ao seu pedido pela impossibilidade em que a Inglaterra se achava de arranjar meios para pagar e alimentar mais forças que aquellas já sustentadas na Peninsula. Entretanto modificaria o plano das posições que tinha escolhido de modo que podessem ser defendidas por tropas menos numerosas, e contava mandar occupar *o forte de S. Filippe em Setubal e o de Palmella*, para remediar os inconvenientes de vir o inimigo assenhorear-se das alturas, que vão desde Almada até á Trafaria, o que ainda assim pouco mal podia fazer a Lisboa por não lhe ser facil atravessar o Tejo nem embaraçar a sua navegação.

*

* *

Mémoire sur les lignes de Torres Vedras elevées pour couvrir Lisbonne en 1810, par John Jones, colonel des ingénieurs royaux.

Esta *Memoria*, que a alta reputação do seu auctor recommenda á attenção dos militares instruidos, deve considerar-se como a obra mais completa e mais veridica que se tem escripto sobre as memoraveis linhas de fortificação, com as quaes se pôz Lisboa a salvo de ser tomada pelo exercito invasor commandado por Massena.

O coronel Jones foi, quando era capitão, empregado no estudo e na construcção d'essas fortificações sob a direcção do tenente coronel Fletcher, e mais tarde *(julho-1810)* tendo este official superior que ir reunir-se ao exercito de operações na fronteira do Côa, foi encarregado da direcção superior do serviço de engenharia na peninsula de Torres Vedras.

Só depois da guerra da Peninsula é que o engenheiro inglez teve occasião de publicar em Inglaterra esta interessante obra. [1] Ao redigil-a, teve por fim fazer conhecer as linhas de Torres Vedras aos officiaes inglezes que não tiveram occasião de as visitar, e de contribuir para a instrucção dos novos engenheiros da sua nação, para os quaes a *Memoria* podia com effeito ser um excellente auxiliar para os estudos sobre a applicação das fortificações de campanha.

A *Memoria* em questão apresenta muito interesse, tanto sob o ponto de vista historico como em relação á arte do engenheiro.

---

[1] Em 1813 limitou-se o auctor a fazer um *elogio geral* das linhas na 1.ª edição dos *Journaux de Sièges*, o qual se encontra transcripto no principio da *Memoria*.

E' dividida em quatro partes, sendo a primeira, em que se acha a descripção das linhas, aquella que para aqui nos importa extractar o mais resumidamente possivel.

Depois d'uma rapida noticia dos motivos que levaram o general em chefe a limitar-se á *guerra defensiva* e que o determinaram a ordenar os reconhecimentos e a fortificação do terreno ao norte de Lisboa para a protecção d'esta capital, John Jones passa a indicar os objectos que principalmente se deviam ter em vista n'esses trabalhos.

O primeiro era — *assegurar o embarque do exercito inglez* — no caso de que algum revez a isso o obrigasse, como parecia provavel, á vista das grandes disposições que os francezes tomavam para invadir Portugal. O segundo era — *estabeleeer uma linha de intrincheiramentos atravez da Peninsula de Lisboa* — formando uma barreira continua, a fim de que o exercito invasor, ao penetrar n'essa zona de terreno, se visse na necessidade de forçar esta linha por um ataque de frente, antes de poder marchar sobre a capital.

Em seguida passa o auctor a descrever como se conseguiu satisfazer a esses dois objectos principaes da defeza.

Pontos de embarque. — A sua escolha offerecia difficuldades, por serem as costas de Portugal cobertas de rochedos no espaço occupado pelas linhas. Havia um unico ponto conveniente — a *pequena enseada de S. Julião na barra do Tejo.* — Os entrincheiramentos destinados a cobrir este ponto de embarque comprehendiam;

1.º Um *recinto exterior* de reductos com a direita apoiada no *forte das Maias*, e a esquerda no *forte do Junqueiro*, comprehendendo dentro do seu traçado, cujo desenvolvimento era de 2:700 metros, todo o promontorio na extremidade do qual se acha a torre de S. Julião. O exercito inglez podia-se recolher todo atraz d'essa linha no caso de que o mau tempo não permitisse o embarque.

2.º Um *reducto* formado por uma grande obra fechada, estabelecida sobre a altura immediatamente ao norte da torre de S. Julião, tendo uma extensão tal que podesse ser defendida por poucas tropas, se um temporal forçasse a demorar o seu embarque.

3.º Um *posto de retaguarda* na costa, para proteger a retirada das forças embarcadas, o que se conseguiu aproveitando a propria torre de S. Julião, pela grande altura das suas escarpas e profundidade dos seus fossos, meios estes que a punham ao abrigo de todo o ataque á viva força.

Como ponto secundario para o embarque, estabeleceu-se em torno de *Setubal*, uma linha d'obras, destinada a cobrir a margem direita d'este porto. Esta linha com um desenvolvimento de 1:350 metros, tinha a sua direita apoiada no castello de S. Filippe, e a sua esquerda em um grande declive. Uma divisão podia manter-se atraz d'ella durante o embarque, independentemente do principal corpo de exercito que operasse na margem esquerda do Tejo, e depois effectuar a sua retirada sacrificando uma pequena força de retaguarda no forte de S. Filippe.

Linha principal de defeza. — Attendendo a que as quatro grandes estradas que conduzem a Lisboa, na zona entre o mar e o Tejo, passam nos desfiladeiros de *Mafra*, *Montachique*, *Bucellas* e *Alhandra*, e que o paiz situado entre estes pontos é muito accidentado e pouco accessivel á artilharia, tratou-se de fortificar essas importantes passagens com obras muito fortes, e de estabelecer alguns entrincheiramentos nas montanhas intermediarias. A natureza do terreno era muito favoravel á execução d'este projecto, como se vae vêr, começando pela esquerda da linha em Ribamar.

1.º Desde a foz da ribeira de *S. Lourenço* (ou *Safarujo*) até *Cacheca*, proximo de Mafra, o terreno em uma extensão de duas leguas e meia apresenta ahi um profundo barranco, escarpado e impraticavel em muitos logares. Sobre os pontos salientes das alturas estabeleceram-se alguns reductos, cuja ar ilharia flanqueava e batia os poucos sitios mais accessiveis. Uma pequena força de observação era sufficiente para assegurar a conservação d'esta porção da linha, até ao momento em que fosse possivel enviar-lhe reforços.

2.º O desfiladeiro de *Mafra* foi fortificado com um particular cuidado. Ainda que o caminho principal, considerado isoladamente seja uma passagem difficil de vencer, ha sobre a sua direita para leste o extenso espaço da *Tapada real*, torneada por um outro caminho, que offerecia grande facilidade ao inimigo para manobrar e forçar a passagem por um ataque de flanco. Organisou-se a Tapada defensivamente e constituiu-se uma série de 14 reductos nos pontos mais apropriados á natureza do terreno, de modo que a sua artilharia enfiava e varejava todos os barrancos e accessos.

Sobre a frente da posição a *serra de Chypre* foi tambem coberta de reductos, concorrendo para melhor impedir a marcha d'uma columna, que avançasse pelo principal desfiladeiro de Mafra e ramaes collateraes.

Sobre a esquerda, para que a segurança das forças destinadas á defeza de Mafra não dependesse do successo da defeza da porção da linha que se estendia até Ribamar, estabeleceu se um posto secundario por meio de alguns reductos proximo da povoação da *Carvoeira*, dominando ahi a unica estrada maritima da Ericeira a Cintra.

3.º O desfiladeiro da *Cabeça de Montachique* que é por natureza d'uma grande força, tornou-se quasi inexpugnavel pela serie de reductos que se construiram nos altos que existem d'um e outro lado da estrada adiante da altura dominante e escarpada que tem o nome de *Cabeça*. Entre este e o desfiladeiro de Mafra existe uma estrada que passa por uma linha de alturas accessiveis, e por isso foi coberta na sua frente por alguns reductos destacados, que se consideraram como postos avançados d'uma vantajosa posição para batalha que se estende ao sul e parallelamente a essa estrada.

Desde Montachique até ao desfiladeiro de Bucellas não foi preciso augmentar a força natural do terreno, senão para fechar uma má vereda accessivel á cavallaria, vindo de Freixal.

4.º O desfiladeiro de *Bucellas* offerece meios de defeza formidaveis, passando ali a estrada entre duas montanhas altas e escarpadas. Ainda assim foi assegurada a sua posse construindo algumas baterias que enfiavam a estrada, e estabeleceu-se um reducto mais á retaguarda, destinado a proteger a retirada dos defensores.

5.º Na porção da linha desde Bucellas ao Tejo, junto á *Povoa*, acha-se a serra de Serves, que sendo elevada e com declives asperos até ás proximidades da *Portella*, abaixa-se depois gradualmente sobre uma planicie que margina o Tejo. A estrada atravessa esta planura em Quintella, bifurcando-se para Via Longa e a Povoa. E' a parte mais fraca da linha e por isso multiplicaram-se ahi os reductos para lhe dar alguma força; fizeram-se largas e profundas cortaduras nas marinhas que existem na frente; e enfiaram-se pelo fogo de barcas canhoneiras no rio.

Apezar de todas essas disposições resolveu-se ainda disputar por um corpo de tropas avançado a serie de collinas que lhe ficava na sua frente a cerca de legua e meia, dominando *Alhandra*. E de facto ahi se fizeram muitas obras, constituindo uma posição isolada, mas ligada á antecedente por alguns reductos que cobriam os valles de *Arruda* e *Calhandriz* por onde se podia tornear a mesma posição d'Alhandra.

Primeira linha de defeza. — Para apoio da retirada, que o exercito luso-britannico se suppunha ter de fazer para a linha principal de defeza que se acaba de indicar, e que depois se denominou *segunda linha*, haviam-se já (*nov.-1809*) construido importantes obras nas alturas de *Torres Vedras* e *Sobral de Monte Agraço*, olhando-se estas fortificações, que depois vieram a fazer parte da *primeira linha* conjunctamente com a posição de Alhandra, como outros tantos postos avançados da linha principal de defeza, destinados a bater as avenidas principaes e assegurar ás tropas o tempo necessario para retirarem em boa ordem e tomarem posição na dita linha antes que o inimigo a podesse atacar em força. Mais tarde (*julho a outubro de 1810*), como o invasor perdia bastante tempo na fronteira, resolveu-se desenvolver essas obras, fortificar a margem esquerda do Sizandro, ligar as obras de Torres Vedras com as do Sobral, e as d'esta posição com as de Alhandra, constituindo todo esse conjuncto uma outra linha de defeza quasi tão forte como a já estabelecida.

Defeza proxima da capital. — A cidade de Lisboa, um dos grandes objectivos da lucta na Peninsula, e situada como ella se acha a 4 leguas para a retaguarda de Via Longa, a 5 do desfiladeiro de Bucellas, a 4 de Montachique e a 7 de Mafra, não podia ser desprezada, não só pela sua grande extensão, como pelos meios que offerecia para a defeza e para a sustentação do exercito. Accrescia mais que as suas habitações, solidamente construidas, não podiam ser facilmente arruinadas por um bombardeamento e os seus suburbios eram particularmente susceptiveis d'uma defeza irregular. Não se julgou pois necessario fortificar o recinto de Lisboa, mas auxiliou-se a tarefa dos habitantes na construcção de barreiras e travezes nas suas principaes sahidas, no estabelecimento de postos interiores e no armamento e fortificação do castello de S. Jorge, do monte da Penha de França, e de outros pontos dominantes. Por meio d'estas simples disposições julgou-se Lisboa ao abrigo de qualquer golpe de mão, quando houvesse de ser occupada pelas forças destinadas á sua defeza.

Na epocha em que o exercito luso-britannico occupou as linhas (*out. 1810*), os entrincheiramentos e obras executadas exigiam uma guarnição de *30:000 homens* approximadamente e achavam-se armados com 247 peças de artilharia, não incluindo as obras de S. Julião da Barra, que só por si tinham 94 peças e careciam de 5:000 homens.

Para assegurar o melhor emprego d'essas guarnições, constituidas por milicias e artilheiros, e dirigir os trabalhos a fazer á primeira approximação do inimigo até que chegassem os commandantes das tropas regulares da defeza, lord Wellington ordenou a sua divisão em 6 districtos de grandeza quasi egual, cujos quarteis generaes eram respectivamente em *Torres Vedras*, *Sobral*, *Alhandra*, *Bucellas*, *Montachique* e *Mafra;* para cada um d'estes foi nomeado um engenheiro director e organisaram-se depositos de provisões de guerra, viveres e tendas para abrigar as tropas ahi collocadas. [1]

O numero das obras que comprehendia cada districto, o seu fim, a guarnição que demandava, e a artilharia com que foram armadas, acham-se indicadas com todas as minucias n'uns mappas que acompanham a *Memoria;* e a fim de melhor se perceber tudo isso o coronel Jones ajuntalhe ainda um bom mappa topographico das nossas linhas.

Taes eram as famosas linhas de Torres Vedras, cujo valor,

---

[1] Vide as notas n.º 3 e 4 juntos á *Memoria* de John Jones.

como se vê pela descripção summaria que precede provinha principalmente:

1.º Da grande força natural e rara que offerecem as alturas do terreno accidentado em que foram estabelecidas, bastando fortificar os principaes desfiladeiros para serem defendidos pelas milicias, emquanto as tropas regulares operariam nos campos de batalha intermediarios;

2.º Da sua situação entre o mar e um rio formidavel, o que tirava ao inimigo a possibilidade de manobrar sobre os seus flancos ou de os tornear, podendo por conseguinte as tropas da defeza receber com segurança todas as provisões necessarias;

3.º Da situação da serra de Montejunto na frente da primeira linha, o que obrigava o atacante a dividir as suas forças ou a fazer uma marcha longa e fatigante para passar d'um extremo ao outro d'essa linha, emquanto os defensores podiam mover-se com rapidez, graças á facilidade das communicações estabelecidas, sendo isso uma das principaes vantagens da defeza.

As memorias e trabalhos, de que temos dado noticia n'este capitulo, mostram até á evidencia qual foi a orientação estrategica e as idéas fundamentaes a que se subordinou a defeza nacional na campanha que se ía abrir. Lord Wellington, antevendo a possibilidade da defeza de Portugal, apezar das criticas circumstancias que se davam na ultima quadra do anno de 1809 a ponto do proprio governo inglez lhe levantar difficuldades, foi cuidando sempre com um *supremo bom senso*, para não dizer o genio que alguns auctores lhe negam, na defeza do nosso territorio, para n'elle se manter a todo o transe, como base d'operações das suas tropas em toda a Peninsula, no caso da Inglaterra não desistir, como elle aconselhava, de continuar no continente a sua lucta contra a França.

Para termos a comprehensão nitida do seu vasto plano de defeza, convem agora seguir, ainda que rapidamente, as operações, que realmente tíveram logar da parte do atacante e do defensor, soccorrendo-nos para isso dos historiadores militares de maior credito.

CAPITULO III

Campanha de 1810-11

Theatro d'operações. — Devendo a defeza do paiz ser conforme com a sua natureza geographica, não deixaremos de registar aqui os esclarecimentos que se encontram na obra de *Napier* [1] ácerca da nossa extensa fronteira por onde ia ter logar a invasão, com os quaes procura fundamentar as disposições que para a nossa defeza foram adoptadas por lord Wellington em 1810.

A fronteira portugueza terrestre apresenta 4 grandes divisões abertas á invasão.

1.ª — A *fronteira norte* de Entre Douro e Minho e de Traz-os-Montes, estendendo-se desde a foz do Minho até Miranda do Douro;

2.ª — A *fronteira oriental* de Traz-os-Montes, seguíndo o curso do Douro, desde Miranda até Castello Rodrigo;

3.ª — A *fronteira da Beira*, desde Castello Rodrigo até o Rosmaninhal sobre o Tejo;

4.ª — As fronteiras do *Alemtejo e Algarve*, estendendo-se sobre uma unica linha, desde o Tejo á foz do Guadiana.

Estas divisões pódem ser simplificadas sob o ponto de vista militar, attendendo ao seu grau de importancia para a defeza da capital, objectivo decisivo de toda a invasão.

Assim, podia-se considerar como parte principal da defeza o territorio comprehendido entre o Tejo, a costa e o arco descripto de Lisboa com um raio egual á distancia entra essa cidade e o Porto, o qual vae passar no Rosmaninhal e Guarda. As provincias ao norte e sul considerar-se-hiam então como as *alas* d'esse território, e podiam ser defendidas cada uma d'ellas por algum systema particular, contribuindo assim para a defeza da parte ou *zona central*, a qual evidentemente não poderia ser atacada por essas provincias das alas, sem que estas fossem primeiramente invadidas.

---

[1] *Historia da guerra da Peninsula*, tomos 5.º e 6.º.

Mas entre o Douro e o Tejo, n'uma extensão de 30 leguas, a zona central confina com a Hespanha, onde se pódem estabelecer bases d'operações na praça de Cidade Rodrigo, em Coria, ou em ambas estas duas posições. Partindo d'ahi o exercito invasor póde avançar pelo norte ou pelo sul da cordilheira que do interior da Hespanha se vem ligar no nosso paiz á massa granitica da Estrella, a qual no centro da Beira «eleva até ao ceu os seus cumes cobertos de neve», pelas direcções seguintes:

De Cidade Rodrigo: 1.º pelo valle do Douro; 2.º pelo valle do Mondego; 3.º pelo do Zezere.

De Coria: 1.º por Castello Branco e o valle do Tejo; 2.º atravez das montanhas de Sobreira Formosa (*as Talhadas*).

Para avançar pelo valle do Douro era preciso executar nm movimento de flanco em relação ás forças postadas entre os dois grandes rios, e isso atravez d'um paiz extremamente difficil, [1] como é o espaço de 10 leguas que existe entre a Guarda e o Douro. Os rios Agueda, Côa, Pinhel (*Maçoeime*), atravessam esta linha d'invasão em direcções quasi parallelas, correndo das serras de França, da Gata e da Estrella para o Douro, com a particularidade que approximando-se d'este rio, o seu leito cava-se e fórma profundos abysmos sobre os quaes se acham muito poucas pontes. Mas os principaes obstaculos para entrar n'esta linha d'invasão assim como na do Mondego eram as praças de *Cidade Rodrigo* e *Almeida*, de que seria forçoso que o inimígo se assenhoreasse, primeiro para dar á invasão uma base solida, [2] e depois seria necessario estabelecer uma nova base em *Lamego* ou no *Porto*, [3] antes de continuar a marcha offensiva do Douro sobre Lisboa. Em taes circumstancias era melhor e mais natural invadir as provincias do norte até chegar ao Douro, do que invadir a Beira, seguindo a margem esquerda d'este rio.

Para entrar pelo valle do Mondego o terreno offerece 3 caminhos principaes: 1.º o que passa por Almeida e Celorico; 2.º o que vae por Trancoso a Vizeu; 3.º de Alfaiates á Guarda.

Approveitando-os todos, um exercito invasor póde facilmente effectuar a sua concentração em Celorico, mas d'aqui por deante a continuação da marcha encontra difficuldades quer por uma, quer por outra das margens do Mondego. Com effeito, de Celorico a Penacova, n'uma extensão de 20 leguas, a margem esquerda do Mondego, seguida pela chamada estrada da Beira, é um longo desfiladeiro encerrado entre a serra da Estrella e aquelle rio. A vertente em que Celorico está assente é um contraforte da Estrella cercado pelo Mondego e fechando a entrada d'este desfiladeiro; a outra extremidade é fechada pela forte posição da serra *Murcella*, coberta pelo Alva, rio de corrente rapida e leito profundo que descendo da Estrella entra no Mondego a algumas milhas acima de Coimbra; [4] todo o intervallo entre essas duas extremidades é cortado por pequenos cursos d'agua e collinas. Todavia o terreno não era completamente fechado porque dos lados da Guarda e da Covilhã, ha caminhos atravessando a serra da Estrella que conduzem a Gouveia, Ceia e Gallizes, povoações á retaguarda de Celorico, Do outro lado, o Mondego é vadeavel no verão e tem muitas pontes, podendo atravessar-se facilmente d'uma para outra parte.

---

[1] Hoje já não é tanto assim por causa da abertura de boas estradas e a linha ferrea de Salamanca ao Porto.

[2] *Ibidem*, t. 6.º, p. 312.

[3] *Ibidem*, p. 321.

[4] *Ibidem*, 571.

A margem direita não é tambem senão um grande desfiladeiro formado por este rio e a cordilheira do *Caramullo*, que se estende do Douro a Coimbra com pequenas interrupções, separa o valle do Mondego da costa do mar, e approximando-se de Coimbra, ramifica-se transversalmente, dando origem á serra do *Bussaco*, a qual se dirige para a Murcella e fecha o caminho da margem direita da mesma maneira que a serra da Murcella fecha o da margem esquerda. Além d'isso esta estrada, chamada de Coimbra era a peor de todas as de Portugal, [1] e é atravessada por numerosos affluentes do Mondego dos quaes os mais consideraveis são o Criz e o Dão. Todavia a parte superior do valle de que se trata póde ser torneada dirigindo-se o invasor por Trancoso a Vizeu, e d'aqui póde, ou descer pela direita do Mondego até Coimbra, ou ir pelo valle do Vouga tornear a serra do Caramullo e tomar a grande estrada do Porto a Coimbra e Lisboa.

Para chegar ao valle do Zezere podia-se marchar por Alfaiates, Sabugal, Belmonte; e quer se continue d'essas localidades para o Zezere ou para o Mondego, os caminhos, ainda que difficeis, são praticaveis á artilharia. Mas entre a Guarda e Belmonte encontra-se um planalto *(Porcas)* d'onde o exercito defensor podia impedir a passagem de cada lado da serra, excepto pelo caminho de Trancoso. A posição da *Guarda* póde ser chamada o *escudo* da Estrella.

Partindo da outra base — *Coria* — um exercito invasor teria primeiro que forçar ou tornear a passagem do Elga e do Ponsul para chegar a Castello Branco, e effectuado isto, avançar sobre Abrantes pelo valle do Tejo ou atravez das asperas montanhas de Sobreira Formosa. N'esta ultima direcção o caminho é impraticavel á artilharia pesada, mesmo no verão, porque o terreno é fortemente cortado em muitos sitios pelo leito das torrentes sem agua; o paiz é por ahi um deserto; e se forem defendidas certas posições estas seriam quasi inexpugnaveis.

Quanto ao valle do Tejo, só as tropas ligeiras podem seguil-o, por causa do pequeno numero de povoações que por ahi existem; a natureza do terreno é tão difficil como na direcção da Sobreira, e a artilharia, de qualquer calibre que seja, não poderia passar.

Taes eram as linhas de invasão da Beira. Pelo que respeita ao Alemtejo, lê-se na obra de Napier o seguinte: [2]

A linha da fronteira hespanhola e portugueza, ao sul do Tejo, póde ser dividida em tres partes: 1.ª Do Tejo a Badajoz sobre o Guadiana; 2.º de Badajoz á Morena; 3.º da Morena ao mar. Cada uma d'estas divisões tem cerca de 20 leguas. A primeira, cujos dois terços são occupados por montanhas, e o outro por planicies onduladas e arvoredos espessos, é defendida por uma dupla cadeia de fortalezas que guardam as fronteiras respectivas; Alcantara, Valencia, Albuquerque e Badajoz do lado de Hespanha; *Montalvão*, *Castello de Vide*, *Marvão*, *Arronches*, *Campo Maior* e *Elvas*, do lado de Portugal. As tres primeiras fortalezas d'um e d'outro reino estão nas montanhas; as outras no paiz aberto que se estende do Guadiana a *Portalegre*, ponto central d'onde partem as estradas que conduzem ás fortalezas acima mencionadas.

---

[1] *Ibidem*, p. 372.
[2] *Ibidem*, t. 5.º, p. 228.

De Badajoz á Morena, o paiz é d'um accesso difficil e a cadeia de fortalezas contínua. Para Portugal, é *Juromenha*, *Mourão e Moura;* para a Hespanha, Olivença, Xerez de los Cavalleros e Aroche.

Da Morena ao mar, o Baixo-Guadiana separa os dois estados. Do lado da Hespanha a natureza do terreno é aspera e quasi impraticavel; as fortalezas são: S. Lucar de Guadiana, Lepe e Ayamonte. A fronteira portugueza conta *Serpa, Mertola*, *Alcoutim* e *Castro Marim*. Seguramente estas praças estão em grande parte desmanteladas, mas as suas muralhas existiam ainda; algumas havia em bom estado, e a maior parte das de Portugal tinham uma guarnição composta de milicias e ordenanças.»

Abstemo-nos de extractar o que diz respeito á fronteira do norte e nordeste, porque ficaram fóra do theatro da campanha de que aqui se trata.

Disposições geraes defensivas. — Vimos anteriormente nos extractos de varias memorias d'aquella epocha, como lord Wellington, decidido firmemente a manter-se n'uma stricta defensiva, cuidou activamente da — *defeza de Lisboa* — criando em torno d'ella um vasto campo entrincheirado, onde tencionava concentrar todas as suas forças para dar batalha campal ao exercito offensivo, e no caso de triumpho fazer d'ahi uma base e origem de futuras victorias para a causa dos alliados.

Agora vamos vêr que tratou egualmente de fazer apromptar o melhor possivel as forças vivas da nação. Requisitou á regencia que se puzessem em vigor as antigas leis militares do reino, pelas quaes toda a gente valida devia ser alistada e pegar em armas. Começou-se desde logo a chamar, armar e organisar todas as milicias e ordenanças, chegando por esse modo o nosso exercito no primeiro semestre de 1810 á seguinte força:

1.ª linha: [1]		
12 batalhões de caçadores	3:878	homens
24 regimentos de infantaria	36:356	»
12 regimentos de cavallaria	6:678	»
4 regimentos de artilharia	4:929	»
Somma	51:841	»
Milicias: (53 regimentos)	55:000	»
Ordenanças	324:000	»
Total	430:000 [2]	

[1] *Soriano* (2.ª E., t. 3.º, p. 25) segundo um mappa que se acha n'um *Almanach de Valdez.*

[2] *Ibidem*, p. 46 e *Napier*, p. 309.

Das tropas de 1.ª linha foram 30:000 armados e sustentados á custa da Inglaterra. Nos regimentos de milicias só 22:000 homens tinham espingardas. Os corpos de ordenanças eram irregularmente armados, sendo poucos os homens com espingardas.

As tropas inglezas fornecidas por aquelle tempo em auxilio de Portugal montavam a 30:000 homens, mas ficando 2:000 em Lisboa, e havendo grande numero de doentes, não se podia contar para operações em campanha senão com cerca de 24:000 homens, que foram organisados em divisões da maneira seguinte.[1]

1.ª divisão *(Spencer)*, cerca de	6:000	homens
2.ª » *(Hill)*	5:000	»
3.ª » *(Picton)*	3:000	»
4.ª » *(Cole)*	4:000	»
Divisão de tropas ligeiras *(Crawfurd)*	2:400	»
Cavallaria *(Cotton)*	3:000	»
Total	23:400	»

Juntando a esta força os 56:000 homens de tropas portuguezas regularmente armados, conclue-se que Wellington não podia dispôr senão de 80:000 homens promptos para campanha.[2]

A estes meios directos, era preciso juntar os meios indirectos de resistencia; armar as *praças de guerra* sobre que se podessem apoiar as operações na fronteira; assegurar os *abastecimentos* das nossas tropas e impedir quanto possivel os do exercito invasor; assegurar as *communicações* da fronteira para a retaguarda.

As praças consideradas então de maior importancia foram *Almeida*, *Abrantes*, *Elvas*, *Valença*, *Setubal* e *Peniche*.[3] Guarneceram-se com tropas de 1.ª e 2.ª linha, armaram-se e abasteceram-se de tudo quanto se julgou necessario para poderem oppôr resistencia durante alguns mezes aos acontecimentos que se aguardavam.

A importante questão da — *alimentação do exercito* — que em todas as epochas da guerra peninsular causou sempre muitos embaraços e inquietações, não pela falta de viveres, mas pela difficuldade dos meios de transporte, foi resolvida, recorrendo-se aos transportes por via aquatica e ás bestas de carga. Assim, *Lisboa* e *Abrantes* sobre o Tejo; *Figueira* e *Penacova* sobre o Mondego;

---

[1] *Ibidem*, p. 316.
[2] *Ibidem*, p. 310.
[3] *Ibidem*, p. 315 e *Soriano*, p. 36, dá alguns detalhes sobre as guarnições d'essas praças.

Porto e *Lamego* sobre o Douro, serviram de principaes depositos de subsistencias. Além d'isso foram estabelecidos armazens de consumo em *Leiria*, *Condeixa*, *Thomar*, *Vizeu*, *Celorico* e *Almeida*. D'estes pontos 400 carros de bois, e cerca de 1:200 bestas de carga, organisadas em brigadas de 60 cada uma, levavam ás tropas estabelecidas nas fronteiras as necessarias munições de guerra e de boca. [1] Quando tivessem de retirar para a capital todos os depositos seriam evacuados para o interior do reino e por fim se iriam reunir em Lisboa.

Pelo contrario, convindo difficultar quanto possivel os abastecimentos do exercito invasor, seriam expedidas ordens aos habitantes do paiz para abandonarem as povoações, retirarem-se com os seus haveres para a capital, e destruirem tudo o que podesse ser util ao inimigo, de maneira que este, por toda a parte por onde passasse, não viesse a encontrar senão um deserto, onde a par da resistencia das tropas tivesse de luctar com a fome e a miseria.

Esta medida, que Wellington considerava como um dos meios mais efficazes do seu plano defensivo, mas que não deu os grandes resultados que podia dar, por causa da opposição que lhe promoveram alguns dos governadores do reino, aterrados com as calamidades que acarretava para o paiz, tem sido muito criticada. [2] Eis uma opinião contraria a semelhante medida: [3]

«... Le systéme établi par lord Wellington fut cent fois plus funeste aux portugais que ne l'eussent été les *réquisitions régulières* des autorités françaises. Singulier moyen, en effet, que celui de prétendre protéger un peuple en le contraignant à dètruire toutes ses ressources, à dévaster et à fuir le toit paternel, laissant sans asile ceux qui n'avaient pas eu la force on le courage de se traîner jusqu'à Lisbonne, et les exposant à périr miserables dans quelques lieu écarté de leur propre pays.»

Emquanto ás vias de communicação foram melhoradas umas e destruidas outras, o que melhor se perceberá depois de vermos qual foi a distribuição das forças disponiveis, assumpto de que passamos a tratar.

Pelos fins do anno de 1809 a nossa fronteira via-se ameaçada desde Bragança até Ayamonte pelos corpos francezes de Junot, Ney, Reynier e Soult, que operavam nas provincias limitrophes de Hespanha, procurando aniquilar totalmente os restos dos exercitos hespanhoes que ainda lhes oppunham resistencia.

---

[1] *Ibidem*, p. 324.
[2] Encontra-se uma desenvolvida critica em *Soriano*, p. 129 a 137.
[3] **Fririon**, *Journal Historique*, *etc.*, p. 143.

Logo que o marechal Soult desceu da Extremadura para o sul com o exercito destinado á invasão da Andaluzia *(jan.-1810)* a nossa provincia do Alemtejo deixou de ser directamente ameaçada por elle.

O marechal general inglez julgou então opportuno transferir para o norte as suas tropas que até esse tempo tinham estado em observação para os lados de Badajoz, soffrendo muito por causa dos vapores pestilenciaes do Guadiana. [1]

O general Hill com a sua divisão ficou em *Abrantes*. Os regimentos de cavallaria foram escalonados sobre o rio Tejo, ficando em *Constancia*, *Gollegã*, *Torres Novas* e *Santarem*, [2] podendo por conseguinte observar ainda o que se passasse ao sul d'esse rio, isto é, no Alemtejo. As divisões de infantaria ingleza foram escalonadas na linha de operações do Mondego, desde *Celorico* até *Vizeu*, onde ficou o quartel general de Wellington (*20-jan.*), os parques d'artilharia e a 1.ª divisão Spencer. [3] As tropas regulares portuguezas, deduzindo as que se achavam de guarnição nas praças de Almeida, Elvas e Valença, estavam em *Thomar* e *Abrantes*, sob as ordens de Beresford. [4]

Emquanto ás forças de 2.ª linha, o general Bacellar, tendo sob as suas ordens Silveira e os coroneis inglezes Trant, Miller e Wilson, [5] occupou as provincias de além Douro com 21 regimentos de milicias (10:000 hom.) tendo o seu quartel general em *Lamego*. A parte da fronteira entre Penamacòr e o Tejo, era guardada sobre as linhas do *Elga* e do *Ponsul* por 10 regimentos de milicias, um esquadrão de cavallaria e a legião lusitana. Nas provincias do sul estavam 7 regimentos incluindo as guarnições das praças. Ficaram em reserva 12 regimentos, que foram distribuidos pelas margens do Tejo e Setubal.

A série de operações que, nos mezes de *fevereiro a maio*, foram simultaneamente dirigidas por Junot sobre Benavente e Astorga, por Ney sobre Cidade Rodrigo, e por Mortier e Reynier sobre Badajoz, levaram lord Wellington a modificar as disposições tomadas, para melhor poder observar todos esses movimentos. Assim, no norte, foram concentrados alguns regimentos de milicias em Bragança para guardar *Traz-os-Montes*. [6]

---

[1] Segundo *Napier*, p. 110 a 271, baixaram aos hospitaes cerca de 9:000 homens.
[2] *Ibidem*, p. 271.
[3] *Ibidem*, p. 316.
[4] *Ibidem*, p. 315
[5] *Ibidem*.
[6] *Ibidem*, p. 33.

Na Beira, as tropas do valle do Mondego approximaram-se mais da *fronteira do Côa*. A divisão ligeira foi enviada para além d'este rio, indo estabelecer-se sobre o Agueda, onde se sustentou durante 3 mezes em observação das numerosas tropas que investiam Cidade Rodrigo. As divisões Picton e Cole foram respectivamente enviadas para *Pinhel* e *Guarda*, d'onde podiam avançar facilmente em apoio da divisão ligeira. O quartel general de Wellington foi transferido para *Celorico* onde geralmente esteve. Uma brigada de cavallaria occupou *Belmonte* guardando o caminho da garganta do Zezere. As tropas de Beresford marcharam de Thomar para *Vizeu* e *Côa*. [1]

No sul, era necessario ao mesmo tempo auxiliar as tropas do marquez de la Romana (20:000 hom.) que operava nas vizinhanças de Badajoz, cobrir a nossa provincia do Alemtejo e antecipar toda a especie de movimento que Reynier tentasse sobre o Tejo ou a Beira Baixa. O general Hill foi incumbido d'essa triplice missão, para o que marchou de Abrantes para *Portalegre* com a sua divisão ingleza, outra portugueza e alguma cavallaria, (12:000 hom.).

Para não haver difficuldades na concentração das tropas regulares assim divididas, quer na Beira quer no Alemtejo, conforme as circumstancias, cuidou-se em melhorar e estabelecer as *vias de communicação* mais necessarias. [2]

Lançaram-se pontes volantes sobre o Tejo em *Abrantes* e *Villa Velha*, e outras no curso inferior do Zezere; abriu-se a estrada de Abrantes ao Mondego por Thomar e Espinhal, ligando por conseguinte Hill com Wellington áquem do *Zezere* e do *Alva*, que se prepararam para constituir uma segunda linha de defeza. [3]

Estabeleceu-se outra estrada na margem esquerda do Tejo, de Abrantes a Castello Branco por Niza e Villa Velha, e pondo em communicação Hill com as milicias avançadas sobre as linhas do Elga e do Ponsul, e permittindo-lhe passar facilmente na Beira Baixa para o Alemtejo ou vice-versa. Pelo contrario, para evitar que o invasor penetrasse facilmente entre as tropas afastadas de Wellington e Hill, foram inutilisados os caminhos que vindo da fronteira da Beira conduziam á Extremadura atravez do Zezere e das montanhas das *Talhadas*, isto é, Sabugal-Belmonte-Covilhã-Espinhal ou Thomar.

O que acabamos de expôr, combinado com o que tivemos en-

---

[1] *Ibidem*, p. 330.
[2] *Ibidem*, p. 317.
[3] *Ibidem*, p. 370.

sejo de dizer a proposito dos escriptos de Wellington, leva-nos a crêr que elle presumiu que os principaes ataques teriam logar pela *Beira Alta* e pelo *Alemtejo*, emquanto um corpo intermediario servindo para ligar aquelles movimentos, se dirigiria par *Castello Branco sobre Abrantes.*

N'esta supposição, o exercito regular, que segundo os seus planos devia esperar o invasor na fronteira, não para dar batalha, mas para demorar a sua marcha até chegar á capital, foi dividido em duas partes principaes, sendo a mais consideravel destinada á linha d'operações da Beira Alta e a outra á do Alemtejo ou Beira Baixa, conforme os movimentos do invasor.

As tropas de 2.ª linha, destinadas principalmente ás guarnições das fortalezas e a perseguir o inimigo pelos flancos e retaguarda, foram dispostas ao longo da fronteira nas *alas* d'aquellas forças e nas principaes praças de guerra em que todo o systema se apoiava, isto é, *Almeida* na Beira, *Abrantes* no Tejo, *Elvas* no Alemtejo, e as *linhas de Torres Vedras* na Extremadura.

Taes eram as disposições geraes da defeza ordenadas por Wellington, quando se ía iniciar a nova campanha contra Portugal. Pela continuação d'este estudo veremos que foram muito bem adequadas aos seus fins e coroadas do mais feliz exito. Voltemos agora a nossa attenção para as forças e disposições do inimigo.

Disposições geraes do atacante. —Desde que Napoleão se viu desembaraçado da guerra com as potencias do norte (*out.-1809*), começou a enviar da Allemanha para Hespanha muitos milhares das suas tropas disponiveis, as quaes juntas ás que se achavam já n'esse reino, montaram ao prodigioso effectivo de 360:000 homens e 80:000 cavallos. [1] Com semelhantes tropas podia seguramente empregar os mais energicos esforços, não só para a — *expulsão dos inglezes para fóra de Portugal* — mas tambem para a completa submissão da Peninsula, do que lhe resultaria o seu imaginado imperio continental.

Felizmente para os alliados, Napoleão, embaraçado pela complicação dos seus negocios politicos, não pôde vir, como desejava, commandar em pessoa os seus exercitos na Hespanha. As rivalidades entre os seus marechaes continuaram portanto a prejudicar o conjuncto das operações militares.

Para commandante em chefe do exercito destinado á invasão de Portugal foi escolhido o afamado marechal *Massena*, principe

---

[1] Vide os detalhes d'estes exercitos em *Napier* p. 291, e *Soriano* p. 28.

de Essling, que Napoleão tinha na conta de ser o mais habil d'entre os seus generaes, e que, em consequencia d'uma serie não interrompida de successos na Allemanha e n'outras partes, era appellidado — *o filho querido da victoria.* — Repugnou bastante a este velho e experimentado guerreiro acceitar semelhante commando, tendo tristes presentimentos de que não seria bem succedido em tão ardua empreza. Mas seduzido pelas lisonjeiras expressões que Napoleão empregou para o convencer, marchou afinal para Victoria e Valladolid (*12-maio-1810*), onde assumiu o commando das forças postas á sua disposição. Eram estas: [1]

O 2.º corpo *(Reynier)*	16:000
O 6.º » *(Ney)*	28:000
O 8.º » *(Junot)*	19:000
A reserva de cavallaria *(Montbrun)*	5:000
Total	68:000

Em apoio d'estas tropas, unicas que estavam promptas a entrar em Portugal, Massena seria auxiliado e assegurado nas suas communicações com a França por cerca de 80:000 homens, entre os quaes se contava o 9.º corpo ás ordens do general *Drouet* (19:000 hom.) e uma divisão ás ordens do general *Serras* (10:000 hom.) empregada como columna movel para proteger a retaguarda do exercito de Portugal. [2]

Pelos fins de maio de 1810 a situação d'estas tropas era a seguinte:

O 6.º corpo estava em Salamanca, tendo duas brigadas destacadas em torno de Cidade Rodrigo desde os fins d'abril.

O 8.º corpo estava em Ledesma sobre o Tormes, e em Zamora sobre o Douro, d'onde ameaçava as provincias do norte de Hespanha e Portugal.

O 2.º corpo estava para os lados de Merida, observando as forças hespanholas que cobriam Badajoz e outras praças na fronteira do Alemtejo.

A cavallaria de Montbrun nos arredores de Salamanca.

O 9.º corpo de Drouet estava distribuido por divisões ao longo da grande linha de communicações de Victoria a Valladolid.

Quando Massena assumiu o commando das suas tropas não

---

[1] *Fririon* dá o mappa detalhado d'este exercito, referido a 15 de setembro. As forças aqui indicadas são as promptas para o serviço, e não as registadas no papel.

[2] *Napier*, p. 292.

estava ainda decidido o plano de operações a seguir. Mas depois d'uma conferencia que teve em Madrid com o rei José, [1] parece ter ficado definitivamente assente que elle seguiria uma linha d'invasão pelo norte do Tejo sobre Lisboa, emquanto o marechal Soult, logo que se visse sem embaraços na Andaluzia, destacaria um corpo de exercito (30:000 hom.) para entrar pelo Alemtejo sobre a mesma capital. D'esta maneira vê-se em resumo que a invasão de Portugal seria feita por cerca de 100:000 homens, seguindo duas linhas d'operações convergentes, separadas pelo rio Tejo, sobre o objectivo decisivo Lisboa.

Operações iniciaes na fronteira. — Segundo as instrucções napoleonicas, transmittidas a Massena pelo major general Berthier, [2] era necessario passar o estio a tomar as duas praças fronteiras — *Cidade Rodrigo* e *Almeida* — cuja posse convinha muito aos francezes para ahi estabelecerem os seus depositos.

Conformando-se com isso o marechal deu começo ás suas operações pelo investimento da primeira d'essas praças.

Foi o 6.º corpo o incumbido d'essa empreza, marchando de Salamanca para Cidade Rodrigo (*1.º-junho*). Mais tarde foi reforçado por tropas do 8.º corpo, chegando o exercito sitiante a cerca de 45:000 homens, incluindo 7:000 de cavallaria. [3]

O governador da praça teve tempo bastante de organisar os seus meios de defeza, e contava com a coadjuvação dos alliados que observavam a praça a pequena distancia. Porém Wellington, coherente com o plano que adoptara, não quiz expôr-se ás contingencias d'uma batalha na fronteira para obrigar os francezes a levantar o cerco, sendo evidente que a perder-se, era quasi inevitavel a perda da causa da guerra peninsular.

Esta inacção dos inglezes á vista do cerco de Cidade Rodrigo é tida por alguns auctores como uma falta grave, [4] e defendida por outros com solidas razões. [5]

Abandonada á sua sorte essa praça depois d'uma bella e heroica resistencia durante 24 dias de sitio, que faz muita honra ao seu governador, teve de se entregar por capitulação (*10-julho*).

---

[1] *Ibidem*, p. 251 e *Soriano*, p. 7.

[2] «Previno-vos *(Carta de 6 de maio)*, de que o imperador não quer que se entre presentemente em Lisboa por não poder alimentar esta cidade, cuja immensa população recebe as suas subsistencias por mar. E' portanto necessario empregar o estio em tomar *Cidade Rodrigo* e depois *Almeida*.» (*Soriano*, p. 21).

[3] *Soriano*, p. 31.

[4] *Fririon*, p. 34.

[5] *Napier*, p. 338, e *Soriano*, p. 26 e 59.

Desde então Massena ordena que Cidade Rodrigo seja abastecida e posta em estado de defeza de maneira a poder servir de deposito geral para o exercito de Portugal e occupa-se dos preparativos para o sitio de Almeida. Foi um d'elles puxar mais as suas forças para a fronteira do Côa, incluindo o 2.° corpo que ainda se achava para os lados de Merida. Em consequencia d'isso Reynier passou o Tejo (*16-julho*), dirigindo-se para Plasencia e Coria. O general Hill que espiava cuidadosamente as operações d'elle, executou uma marcha parallela, passando em 36 horas de Portalegre por Villa Velha para Castello Branco (*21-julho*).

A esse tempo a divisão Loison do 6.° corpo executou um reconhecimento offensivo na direcção de Almeida. Levou diante de si as tropas avançadas de Crawfurd que recuou sobre o Côa para os lados de Almeida, tendo feito destruir o forte da Conceição.

Seguiu-se o combate da ponte do Côa (*24-julho*) que fica sobre a estrada de Celorico a Almeida, acção que não póde deixar de considerar-se uma temeridade imperdoavel da parte de Crawfurd. Lord Wellington tinha-lhe ordenado que não se empenhasse em combates além do Côa, [1] projectando no caso de retirada estabelecer a divisão na posição de *Cabeça Negra* importante para assegurar as suas communicações com a praça de Almeida. [2] Mas elle ancioso por demorar quanto possivel a entrega d'esta praça nas mãos dos francezes tomou posição deixando o rio na sua retaguarda, e affrontou ahi o ataque de forças muito superiores ás suas. O resultado foi ter sido quasi completamente envolvido pelas forças inimigas e obrigado a retirar apressadamente a sua divisão para a esquerda do Côa, debaixo de fogo, e por uma estreita ponte, sacrificando muitas vidas inutilmente. [3]

No dia immediato a esta acção do Côa a guarda avançada do 6.° corpo entrou em Pinhel, d'onde se tinha retirado já a divisão Picton, e enviou reconhecimentos na direcção de Celorico.

O grosso do mesmo corpo d'exercito e a cavallaria de Montbrun ficaram na margem direita do Côa não se apressando a sitiar Almeida, como desde logo podiam fazer. O 8.° corpo occupou S. Felices e o baixo Agueda. As divisões Serras e Kellerman operavam para os lados da Galliza. O 2.° corpo desde que chegara a Coria começou uma serie de demonstrações, dirigidas ora sobre Sabugal, ora sobre Penamacor e Salvaterra, conservando sempre um posto e alguns barcos de passagem no rio Tejo.

---

[1] Vide documento inserto no estudo de *Robinson*, publicado no jornal *Exercito Portuguez* de 1883, p. 131.

[2] *Napier*, p. 364.

[3] Encontra-se a descripção detalhada d'este combate na obra de *Napier*, p. 345, alem de outros auctores.

Estas disposições de Massena eram de natureza a não deixar penetrar aos alliados as suas verdadeiras intenções. Com effeito, a lentidão das suas tropas em investir com a praça de Almeida logo em seguida á acção do Côa, e os grandes depositos que se estavam formando em Cidade Rodrigo indicavam a intenção de desprezar aquella nossa praça. Por outro lado era provavel que o 2.º corpo não tardasse em reunir-se a Massena para penetrarem pela Beira Alta, ainda que esse corpo ameaçava egualmente entrar pelo valle do Zezere, partindo de Coria sobre Belmonte e Covilhã, ou pelo valle do Tejo avançando por Castello Branco a Abrantes, e finalmente repassar o Tejo. Uma outra hypothese admissivel era o 8.º corpo e divisão do norte invadirem repentinamente as provincias septentrionaes de Portugal, emquanto o 2.º e 6.º corpos teriam os alliados em xeque pela sua frente. A este respeito convém registar aqui a seguinte opinião. [1]

«C'etait même ce que les français avaient de mieux à faire; la prise d'Oporto, en leur procurant de nombreuses ressources, aurait frappé de terreur les portugais, ouvert la grande route de Lisbonne, et éludé toutes les difficultés du pays vers le Mondego. Il aurait fallu que le général anglais se retirât devant le 2e et le 6e corps, à moins qu'il n'attaquàt Ney, ce qui était peu prudent, vu la force de la cavalerie ennemie.»

Passados alguns dias de espectativa (*25 a 28 julho*) a ver se o inimigo desenvolvia o seu plano, Wellington julgou prudente fazer retirar a maioria das forças sob o seu immediato commando para traz do Mondego, reforçar as de Hill, e estabelecer uma reserva entre ambos. Assim, na zona entre a serra da Estrella e o Douro ficaram: a cavallaria ingleza em Freixedas, observando d'ahi os movimentos sobre o Côa; a divisão ligeira em Celorico; a 4.ª divisão na Guarda, ponto estrategico muito importante não só para impedir que os francezes se interpozessem entre os dois principaes grupos do exercito alliado, mas tambem para observar d'ahi todos os seus movimentos para ambos os lados da serra da Estrella; as outras divisões inglezas a uma marcha atraz de Celorico; as tropas portuguezas a uma marcha mais para a retaguarda, sendo tambem diariamente retirados para ahi os doentes e feridos, a fim de desembaraçarem a linha de retirada. [2] Estas forças, além da guarnição de Almeida (4:000 hom.) e as milicias do norte (10:000 hom.) que se tinham reunido no Douro para os lados de Lamego, montavam a cerca de 25:000 homens.

---

[1] *Napier*, p. 360, traduzido por *Soriano*, p. 56.

[2] *Napier*, p. 316, é *Soriano*, p. 24 e 48, não estão d'accordo sobre as localidades que foram occupadas pelas diversas unidades de tropas.

Na zona entre a serra da Estrella e o Tejo, ameaçada pelo corpo de Reynier, o general Hill tomou posição em *Sarzedas* [1] tendo a sua guarda avançada em Castello Branco, a sua cavallaria reforçada pela brigada portugueza da mesma arma ás ordens de Fane sobre o Ponsul e uma das brigadas de infantaria portugueza no Fundão d'onde se ligava com a divisão estabelecida na Guarda. Não contando com as milicias postadas sobre o Erjes e Ponsul, estas forças incluindo a cavallaria e 18 bocas de fogo, montavam a cerca de 16:000 homens. [2]

A reserva foi reunida em *Thomar*, posição central, d'onde podia marchar para os valles do Mondego, Zezere e Tejo, conforme as operações do invasor fossem dirigidas por uma ou outra das linhas d'invasão ao longo d'esses valles. Compunha-se de 3 regimentos inglezes (2:000 hom.) e as seguintes forças portuguezas (8:000 hom.): 3 regimentos de infantaria, 2 batalhões da legião lusitana, 3 batalhões de milicias e 3 brigadas de artilharia. [3]

Vê-se claramente pelo que fica exposto que as posições avançadas do exercito regular formavam uma extensa linha — *desde Almeida pela Guarda, Fundão, Sarzedas até Castello Branco* — separadas pelas serranias da Estrella em dois grupos principaes de forças. A Guarda era o ponto de ligação entre elles, e tanto um como outro grupo podiam ser apoiados pela reserva, estabelecida á retaguarda da segunda linha natural de resistencia, constituida pelos rios Zezere e Alva. O grupo do norte encostado á serra da Estrella tinha bem assegurada a sua linha de retirada sobre o Alva, e o grupo do sul, interpondo entre si e o inimigo as *Talhadas* ou o Tejo, podia tambem retirar com segurança sobre o Zezere. Os dois grupos podiam ainda operar a sua juncção pela linha interior de Thomar ao Espinhal.

Ha n'estas disposições um sabio aproveitamento das circumstancias naturaes do nosso territorio entre o Douro e o Tejo para ahi observar as entradas por onde o inimigo n'elle podia penetrar. Parece á primeira vista haver uma dispersão de forças, mas na realidade em dois dias de marcha podia-se operar a juncção da reserva com o grupo do norte (35:000 hom.) ou com o do sul (26:000 hom.), forças sufficientes para demorar o passo ao invasor emquanto elle marchasse dividido por ambos os lados da serra. Dentro de mais alguns dias podia-se tambem concentrar tudo n'uma unica massa (50:000 hom.) para luctar contra os francezes reunidos (65:000 hom.), o que de facto veiu a succeder por

---

[1] *Soriano*, p. 59, diz que foi na *Atalaia*?
[2] *Napier*, p. 358.
[3] *Soriano*, p. 25.

occasião da batalha do Bussaco, como adiante veremos. Ainda que os successos da Andaluzia tivessem permittido aos francezes invadir simultaneamente a Beira e o Alemtejo segundo o seu primitivo plano, a concentração do exercito defensor teria então logar junto da capital, conforme o generalissimo inglez tinha planeado.

Como já dissemos, Massena devia apoderar-se da praça de Almeida em cumprimento das instrucções do imperador. Acompanhado do marechal Ney e dos generaes de artilharia e engenharia fez o reconhecimento d'essa praça (*28-julho*), que n'aquelle tempo estava bem fortificada, bem artilhada, bem guarnecida (5:000 hom.) e bem abastecida, [1] sendo portanto de esperar que, apezar do defeito da sua situação adiante do Côa, podesse resistir durante seis semanas a dois mezes. [2] Escolheram como sendo mais proprio para ponto de ataque o baluarte de S. Pedro, e começaram-se desde logo os preparativos para isso, mas pelas difficuldades de fazer vir de Salamanca todo o material necessario, demoraram-se os trabalhos por algum tempo. [3]

Entretanto os francezes fizeram alguns reconhecimentos sobre S. João da Pesqueira e Foscôa para os lados do Douro, e outros para os lados do Fundão e Ladoeiro na Beira Baixa, sendo alguns d'elles batidos pelas nossas tropas. [4] No norte, Silveira conseguiu tomar (*10-agosto*) a guarnição que a divisão Serras havia deixado em Puebla de Sanabria. [5]

Wellington, sendo informado de que alguns povos da raia, illudidos com as promessas que Massena lhes fizera n'uma proclamação a 1 d'agosto, [6] haviam tratado os inimigos da sua patria d'uma maneira amigavel, fez tambem uma proclamação datada de 4 d'agosto, em que os exhortava a abandonarem as suas casas e retirarem tudo quanto podesse servir de commodidade ou subsistencia aos francezes, logo que para isso fossem avisados, sob pena de serem *castigados como traidores contra o estado.* [7]

Pelo mesmo tempo a guarnição de Almeida tentou varias sortidas para recolher os recursos dos arredores, até que por fim os francezes deram começo ao sitio em regra (*15-agosto*).

---

[1] *Fririon*, p. 32, assevera que os francezes ao entrarem na praça encontraram ainda 174 bocas de fogo, pouca polvora *(por causa da explosão)* 300:000 rações de bolacha, arroz e vinho em abundancia.

[2] Era o tempo com que contava Wellington. Encontra-se uma descripção da praça de Almeida, em *Napier*, p. 364.

[3] Acham-se pormenores curiosos sobre este ponto em *Fririon*.

[4] *Soriano*, p. 64, desenvolve estes combates.

[5] *Ibidem*, p. 62.

[6] Citada por *Fririon*, p. 26.

[7] Encontra-se essa proclamação em *Soriano*, p. 118.

Cessava desde então a incerteza em que Massena teve o general inglez; e era tal a confiança d'este na demorada resistencia de Almeida, que fez de novo approximar as suas tropas para o Côa, [1] e nas vistas de manter a sua communicação com a praça e fazer um golpe de mão se as circumstancias o permittissem, as suas ordens para se postar na *Cabeça Negra*, que domina a ponte do rio na margem esquerda, um corpo de tropas escolhidas para no caso de ser preciso forçar de improviso a passagem d'essa ponte e os vaus do Côa, lançar mão da artilharia da praça ou pelo menos salvar a sua guarnição. [2] Um desgraçado successo veiu frustrar semelhante proiecto. Apenas começado o bombardeamento contra a praça (*26-agosto*), uma terrivel explosão no principal paiol de Almeida, [3] reduziu-a a um triste montão de ruinas, e teve como consequencia a sua prematura capitulação (*27-agosto*).

Wellington não soube da perda de Almeida, senão quando com o seu oculo descobriu os francezes na esplanada da praça (*29-agosto*). Foi um contra-tempo que elle profundamente sentiu, não só pela perda da guarnição, mas tambem pelo transtorno que lhe fazia aos seus planos, porque julgava que o inimigo a não poderia tomar até ao fim de setembro, e n'esse caso a estação das chuvas não lhes permittiria realisar a invasão de Portugal até ao fim do anno de 1810. [4]

A consequencia immediata da quéda de Almeida foi o general inglez retomar novamente as suas posições no valle do Mondego, deixando em Alverca os postos avançados da sua cavallaria, continuando a occupar a Guarda com uma das suas divisões, e estabelecendo um posto em Trancoso. [5]

Durante essa retirada Massena deixou-se ficar inactivo nas vizinhanças de Almeida.

Tal foi o preludio da campanha de 1810, dando em resultado a perda das praças de Cidade Rodrigo e Almeida, perda que levantou contra os inglezes um grande clamor em Portugal e Hespanha. A critica militar feita por alguns auctores, [6] nota da parte de Massena uma *falta de actividade e vigor* nos seus movimentos não tendo aproveitado a occasião de bater separadamente

---

[1] *Napier*, p. 364.
[2] *Ibidem* e *Soriano*, p. 62.
[3] Esta explosão foi segundo uns, resultados de traição, segundo outros, d'um facto casual. (Vide *Soriano, Napier*, *Fririon*).
[4] *Soriano*, p. 115 e 118.
[5] *Napier*, p. 368.
[6] *Ibidem*, t. 6.º, p. 36.

Hill e Wellington, nem a que por fim se lhe proporcionou de perseguir este até Celorico.

Da sua parte Wellington é accusado d'uma *excessiva timidez*, ou antes circunspecção, em não querer dar batalha a Massena nas fronteiras do reino, contra o que elle proprio se defende, [1] mostrando que isso era contrario ao seu plano maduramente estudado, e que podia comprometter desde logo a causa commum dos alliados.

Operações na Beira Alta. — Não obstante Massena, com a tomada de Almeida, ficar já senhor d'um ponto de apoio para penetrar no interior do reino, viu-se forçado a perder ahi um tempo precioso pelas difficuldades que encontrou em arranjar viveres e meios de transporte indispensaveis ao abastecimento do seu exercito para os primeiros dias da sua marcha. As localidades da raia estavam sem recursos e desertas havendo-se já retirado os seus habitantes para o interior da provincia seguindo as ordens de Wellington.

Entretanto Massena havia feito occupar Pinhel pelo 8.º corpo, avançar a sua cavallaria para os lados de Alverca, e reunir as forças do 2.º corpo no alto Côa. Em consequencia d'isso, o quartel general de Wellington, que se estabelecera em Celorico (*28-agosto*), foi transferido para Gouveia (*4-set.*), onde permaneceu a observar os movimentos do inimigo, nas vistas de concentrar o exercito inglez na posição mais favoravel que encontrasse, depois do inimigo ter feito conhecer a sua linha de operações que então era ainda incerta.

E' interessante sob o ponto de vista da defeza registar aqui o que o proprio Wellington nos diz ácerca d'essa concentração: [2]

Depois de elle chamar a attenção do leitor para as duas grandes estradas de Portugal entre o Tejo e o Mondego, que corriam por um e outro lado da grande cordilheira da Estrella, e observar que nenhuma estrada havia por onde as tropas podessem atravessar as montanhas d'esta serra, partindo do valle de Zezere ou do Mondego que a circumdam, senão pela Guarda (*a Linhares*), ou a oeste do Alva (*Pampilhosa á ponte da Murcella*), acrescenta:

«Segundo esta descripção geral, vê-se evidentemente que o exercito inglez não podia concentrar-se para alguma operação a leste do Alva, sem abrir ao inimigo uma das grandes estradas do paiz.

O corpo do general Hill não teria podido fazer a sua juncção com aquelles que eu commando sem passar pela Guarda, ou a leste d'esta cidade. Reynier fazia-lhe constantemente face, e teria podido occupar immediatamente as passagens da Beira Baixa; teria, portanto, resultado que

---

[1] *Soriano*, p. 26, 29 e 59.
[2] *Relatorio de campanha de 1810* (Doc. n.º 99-G. da obra de *Soriano*).

a salvação do exercito e da capital dependeria das operações da reserva sobre o Zezere. Se a reserva houvesse de ser reunida ao exercito, esta juncção não teria ainda composto uma força sufficiente para emprehender qualquer operação importante, e um revez experimentado pelo general Hill, que não era tão forte como Reynier, teria exposto a uma ruina todos os nossos interesses. Se tivessemos reunido a reserva que consistia em 1:500 homens de infantaria ingleza e 4:000 portuguezes, o corpo do general Hill, contando uns 12:000 homens e o corpo da Beira tendo 32:000 homens, o que faria um total de 50:000 homens, ainda teriamos 7:000 homens de menos que o 6.º e 8.º corpos, excluindo as tropas de Sérras, Bonet ou Kellermann; e o 2.º corpo, composto de 16 a 17;000 homens, teria podido ou lançar-se sobre nós, ou chegar de repente a Lisboa pela Beira Baixa, sem que nenhum obstaculo achasse entre elle e a referida cidade n'este supposto caso.»

As forças com que no principio de setembro Massena podia proseguir as suas operações, em consequencía dos desfalques que o seu exercito havia soffrido nos sitios de Cidade Rodrigo e Almeida, das guarnições deixadas n'essas praças para as manter debaixo de seu poder, e ainda da necessidade de ficar ahi a artilharia de sitio pela grande difficuldade dos caminhos por onde o exercito se ia metter, montavam a cerca de 60:000 homens e 14:000 cavallos. [1]

Estas tropas avançaram por movimentos successivos (*desde 12 a 16 de setembro*) em 3 columnas: a principal, composta do 6.º corpo, o quartel general de Massena, e a maior parte da cavallaria de Montbrun marchou pelo caminho do centro, isto é Almeida-Freixedas-Maçal do Chão-Celorico; a columna da esquerda, formada pelo 2.º corpo partiu do Sabugal e Alfaiates sobre a Guarda; e a columna da direita, constituida pelo 8.º corpo de Junot, seguido por um comboio de artilharia e bagagens sob a protecção d'uma escolta de cavallaria e infantaria, marchou pelo caminho mais curto de Pinhel a Trancoso. [2]

Por estes movimentos, os alliados que até então tinham estado na incerteza ácerca das verdadeiras intenções do invasor, podiam já antever qual seria a linha d'operações preferida por Massena.

Julgou-se como mais provavel que elle avançaria com todas as suas forças reunidas pelo valle do Mondego, e por isso tomaram-se as medidas necessarias para *concentrar o exercito alliado na serra da Murcella sobre a Alva*». [3]

---

[2] *Fririon* p. 40.—Este effectivo é muito inferior ao que lhe dá a maioria dos auctores e mesmo lord Wellington.

[3] As particularidades d'esta marcha encontram-se com bastante desenvolvimento em *Fririon*, que faz toda a auctoridade no que a tal respeito nos diz.

[4] *Relatorio de Wellington*, já citado.

Mas no valle do Mondego, além da estrada da margem esquerda que ia dar a essa posição e que Wellington cuidadosamente guardava, havia os caminhos da margem direita que vêem de Celorico por Fornos e de Trancoso por Sattam convergir em Vizeu e d'esta cidade continuam para oeste atravez da serra do Bussaco em direitura a Coimbra, e pelo valle do Vouga para a estrada do Porto a Coimbra, torneando aquella serra e a do Caramullo, *circumstancias que dão a Vizeu uma grande importancia estrategica*, não fallando na abundancia de recursos da região de que é centro. Comtudo esses caminhos eram dos peiores que havia em Portugal, e por isso nunca se imaginou que os francezes fizessem por ahi a sua marcha, como de facto Massena ordenou, sendo a isso levado pelos motivos seguintes: a falsa crença que tinha de que Wellington não se atreveria a offerecer-lhe batalha senão em Coimbra para lhe impedir a passagem do Mondego; [1] a illusoria esperança de chegar a esse ponto estrategico antes da juncção de Wellington com Hill que se achava a uma distancia muito mais consideravel que a d'elle Massena; [2] o errado juizo que fez do estado dos caminhos, fundado nas informações do marquez de Alorna, do general Pamplona e d'outros portuguezes que vinham com elle, os quaes ao que parece tambem ignoravam a natureza do terreno escolhido. [3]

Comprova o que ahi fica dito o seguinte trecho em que *Napier* [4] mostra que Massena teria procedido melhor seguindo o caminho da margem esquerda.

«Si le prince d'Essling n'avait pas été sous l'influence d'Alorna et de Pamplona, dont les biens étaint situés aux environs de Coimbre, il aurait jugé que la ligne que son adversaire avait étudiée pendant huit mois et qu'il gardait maintenant avec tant de soins, devait offrir plus d'avantages aux français, que la route beaucoup plus longue de Vizeu, laquelle, en comparaison, était comme négligée. Connaisant mal le théâtre où il introduisait une armée bien plus forte, bien plus facile à faire mouvoir que celle de son adversaire, il devait le serrer de près.

«Une poursuite rapide à travers Celorico aurait porté l'armée française sur l'Alva, avant que Hill et même Leith eût pu rejoindre lord Wellington. Celui-ci aurait donc étè forcé soit d'accepter la batailhe avec moitié de ses troupes, soit de se replier sur les lignes. S'il acceptait le combat, sa position pouvait être tournée par la droite ou la gauche: à gauche, par les pentes de l'Estrella; à droite, en traversant le Mondego, car la position de Bussaco était trop étendue pour qu'il l'occupat avant l'arrivée de Hill et de Leith. Anisi, le chemin par Vizeu étant le plus long et le moins praticable, demandait une *extrême déligence* pour com-

---

[1] *Soriano*, p. 160 e 169.
[2] *Ibidem*, p. 155.
[3] *Ibidem*, p. 154 e 159.
[4] Tomo 6.º, p. 36.

penser les difficultés du traject, gagner Coimbre et forcer les alliés au combat avant que toutes leurs troupes les eussent rejoints; la rive gauche du Mondego offrait un moyen plus sûr d'atteindre ce but.»

Quer seguisse uma ou outra margem do Mondego, é um facto que lord Wellington, apenas as testas das columnas francezas chegaram a esse rio, ordenou immediatamente a concentração do seu exercito atraz do Alva. Chamou a si as tropas que haviam retirado da Guarda, Celorico e Trancoso; expediu as ordens necessarias para os generaes Hill e Leith marcharem quanto antes para o Alva; e fez recuar para ahi ao longo da margem esquerda do Mondego o grosso do seu exercito, excepto a divisão ligeira que ficou em S. Romão na serra da Estrella, cobrindo o seu quartel general que na noite de 12 foi transferido de Gouveia para Ceia.

Ao principio os francezes avançaram por ambas as margens do Mondego, mas depois passou tudo á margem direita a fim de tornear as posições do adversario. Assim, a columna do centro marchou de Celorico para a ponte de Juncaes (*17-set.*), onde foi difficil á artilharia passar o Mondego, e seguiu por Fornos, Mangualde (*18-set.*), a Vizeu (*19-set.*), cidade que com grande desapontamento de Massena se achava abandonada como as outras terras por onde já tinha passado. Á columna da esquerda tendo descido da Guarda para Celorico, onde se juntou ao 6.º corpo (*16-set.*), enviou depois parte das suas tropas para Cortiçô da Serra (*17-set.*) e Carrapichana (*18-set.*), travando algumas escaramuças com a retaguarda das forças alliadas e por fim voltou atraz para seguir o itenerario da columna do centro até Vizeu (*21-set.*). A columna da direita seguiu por Venda do Cepo (*17-set*) a Tojal (*18-set.*), marchando quasi parallelamente á do centro a que se reuniu em Vizeu (*20-set.*), ficando porém o comboio muito para traz, bem como a artilharia das outras columnas, que não pôde chegar senão pouco a pouco até ao dia 23 de setembro.

O coronel Trant soube tirar partido d'essa marcha embaraçosa dos francezes, avançando de Moimenta da Beira, onde se achava (*17-set.*) com 3:000 homens de milicias e alguns cavallos, força com que atacou o comboio da 3.ª columna acima indicada, quando passava no caminho apertado de *Decermillo* para *Rans* (*21-set.*), proxima do Tojal de Sattam, de que resultou fazer-lhe uma centena de prisioneiros e tomar-lhe algumas bagagens que levou para Lamego. [1] Esta acção ainda que pouco importante em si mes-

---

[1] *Napier* (t. 6.º, p. 6 e 9) e *Soriano* (t. 3.º, p. 158) dão os pormenores d'esta audaciosa escaramuça das nossas milicias. A *parte official* do proprio Trant encontra-se no Doc. n.º 99-B da obra de *Soriano*.

ma teve comtudo um valor real pelas suas consequencias, causando um atrazo de 2 dias na chegada da artilharia e bagagens a Vizeu.

Assim pois, desde a partida do Côa (*12-set.*) até á reunião total do exercito francez em Vizeu (*23-set.*) gastaram-se 12 dias, quando a distancia a percorrer exige apenas 5 dias. Póde-se portanto dizer com fundamento que esta marcha de Massena foi muito morosa, [1] circumstancia que para lord Wellington se tornou preciosa, dando-lhe tempo a concentrar as suas forças e a organisar a sua defeza o melhor possivel na formidavel *posição do Bussaco*, de que agora nos vamos occupar mais detalhadamente.

Posição e batalha do Bussaco.—Logo que o generalissimo inglez teve noticia da chegada das avançadas francezas a Mangualde, percebeu que o destino da marcha era Vizeu ou Coimbra, e receando que elle se apoderasse dos depositos estabelecidos n'esta ultima cidade, e depois dos grandes recursos, que havia ainda a retirar no paiz entre o Mondego e as linhas de Torres Vedras, tratou immediatamente de pôr Coimbra ao abrigo de qualquer surpreza dos exploradores da cavallaria inimiga. A brigada ingleza *Pakenham* [2] foi occupar essa cidade (*18-set.*), que se achava desviada da linha de retirada pelo Espinhal; e a brigada portugueza ás ordens de *Pack* (2:500 hom.) passou o Mondego em Fozdão (*19-set.*) indo tomar *posição atraz do Criz*, com ordem de cortar as pontes d'esta ribeira e do Dão para impedir a passagem da cavallaria inimiga. [3]

A esse tempo obteve-se a certeza de que Massena fizera avançar todas as suas forças e bagagens sobre Vizeu, nada tendo deixado á sua retaguarda [4] para assegurar as suas communicações com Almeida, o que foi tambem um grave erro, porque a perda das communicações acarreta a falta de abastecimentos como depois lhe succedeu.

Wellington decidiu-se então a cobrir melhor a cidade de Coimbra, passando o grosso do seu exercito para a margem direita do Mondego, ao passo que Hill e Leith quando chegassem ao Alva cobririam a mesma cidade pela margem esquerda. Eis como *Napier* [5] expõe esse movimento ou antes *concentração no Bussaco.*

---

[1] *Fririon* pertende desculpar Massena d'esse erro, mas não nos convence a esse respeito.

[2] *Napier*, t. 6.º, p. 7.

[3] *Napier* e *Soriano*, p. 161 e 183.

[4] *Napier*, t. 6.º, p. 6.

[5] *Ibidem.*

«Ce ne fut que le lendemain (*20-set.*) que la cavalerie, les troisième et quatrième divisions, et celle des troupes légères, passerent la rivière á Penacova, á Olivarés (*Oliveira*) et sur quelques autres points. Ces tròupes furent ainsi distribuiées: la division légère á Mortagao (*Mortagua*), soutenant Pack; la troisiéme et la quatriéme occupant les villages entre la sierra de Bussaco et Mortagua; la cavalerie, dans la plaine en avant de ce dernier lieu, liant la division légère avec la brigade de Pack.

«Mais on apercevait encore la tête du 8º corps vers la vallée de la Vouga, et on pouvait croire, que Massena voulait gagner par là la grande route d'Oporto á Coimbre. Le général Spencer, avec la primière division, marcha alors sur Milheada (*Mealhada*) et Trant eut ordre de le rejoindre á Sardão por S. Pedro de Sul, en une seule marche.

Pendant ce temps, Leith arrivait sur l'Alva, et le général Hill n'était qu'à une marche en arrière. Hill s'etait aperçu, le 12, du mouvement de Reynier; sachant qu'on avait détruit tout ce que les français possédaient de bateaux sur le Tage, par une décision des plus rapides, et quoiqu'il outrepassât ainsi les ordres de lord Wellington, il avait envoyé son artillerie pour Thomar, et mis toutes ses troupes en mouvement ce soir même. Il atteignit Espinal (*Espinhal*) le 20, et il y fut rejoint par le général Lecor qui, avec la même intelligence, avait amené de Fundão, á marche forcées la brigade portugaise. Le 21, Hill etait sur l'Alva, envoyant sa cavalerie en observation au-delá de cette rivière».

Em resumo: no dia 21 de setembro, em que as forças francezas se viam ainda demoradas em Vizeu por causa do atrazo da sua artilharia e bagagens, as forças alliadas achavam-se convenientemente dispostas a cobrir Coimbra em dois grupos, um na *posição da serra da Murcella* sobre o Alva, outro nas visinhanças da *posição do Bussaco*, ficando:

Na *Mealhada*, uma divisão observando a estrada do Porto e o caminho do valle do Vouga:

Em *Mortagua*, outra divisão e a cavallaria com avançadas até aos rios Criz e Dão;

Nas encostas orientaes da *serra do Bussaco*, duas divisões e a artilharia constituindo uma reserva prompta a marchar para qualquer d'aquelles dois lados;

No *convento do Bussaco*, o quartel general de Wellington, onde chegou pelas 9 horas da manhã do mesmo dia 21, vindo logo em seguida reconhecer toda a serra e as estradas para Mortagua, nas vistas de tomar posição para dar batalha no caso de ahi ser atacado por Massena.

«E' a serra do Bussaco (*diz o proprio Wellington* [1]) uma alta cordilheira que se estende desde o rio Mondego em direcção ao norte na extensão d'umas 8 milhas inglezas (*3 leguas*). No mais alto ponto d'esta cordilheira e perto de 2 milhas da sua terminação, está situado o convento e a matta do Bussaco. Une-se esta serra por meio d'um espaço de paiz montanhoso á serra do Caramullo, a qual se estende em uma direcção

[1] Relatorio citado.

para o nordeste até além de Vizeu, e separa o valle do Mondego do valle do Vouga. Sobre a esquerda do Mondego, e quasi em uma linha parallela com a serra do Bussaco, ha uma outra cordilheira da mesma natureza, chamada serra da Murcella, circumdada pelo rio Alva e unida por terrenos montanhosos á serra da Estrella. Todas as estradas de Coimbra em direcção para leste passam por cima d'uma ou outra d'estas serras. São mui difficultosas para a passagem d'um exercito; o accesso ao cume d'estas cordilheiras não póde ter logar para ambos os lados senão por um paiz montanhoso muito desfavoravel ao exercito atacante».

A isto accrescenta *Napier* ácerca das communicações: [1]

«Le chemin qui régnait autour de la créte de Bussaco fournissait une communication facile, et justement en arriére de l'extrémité droite se trouvait un gué, au moyen duquel il était facile aux troupes de se porter en quelques heures sur la Murcella, derriére l'Alva...»

«Quatre chemins conduisent de Mortagua à Coimbre. Le premier, etroit et non fréquenté, traverse la Caramula á *Boialvo*, village situé sur le versant occidental de cette montagne, et conduit de lá à *Sardão* et à *Mealhada*. Les autres chemins, pénétrant à travers le terrain fortement accidenté qui est en avant, passent sur la sierra de Bussaco; l'un, par un grand couvent situé à droite et sur la partie culminante; un seconde, á gauche de ce même point, par un village appelé *Sant'Antonio do Cantaro;* le troisiéme, que est un embranchement du second, suit le Mondego à *Penacova*. [2]»

Apesar da grande força natural d'esta posição, ella foi convenientemente preparada para a defeza, executando-se (*22 a 26 set.*) algumas obras e abrindo-se caminho para as tropas melhor se poderem mover em todos os sentidos. [3]

O general inglez tem sido criticado por se ter disposto a dar batalha no Bussaco, quando segundo o seu plano primitivo tinha em vista retirar para dentro das linhas da capital. *Napier* [4] rebate essa critica mostrando que a batalha lhe foi imposta por circumstancias alheias á sua vontade, que se resumem no seguinte: a necessidade de *levantar o espirito* das suas tropas, abalado pelo clamor geral de que não se fazia senão entregar o paiz á mercê dos invasores, recuando-se constantemente na sua frente; e a necessidade de *ganhar tempo* para se proceder á devastação e retirada dos depositos do paiz entre o Mondego e o Tejo, que ape-

---

[1] Tomo 6.º, p. 15 e 16.

[2] Encontra-se uma nitida planta da posição n'um folheto de *Brito Limpo* sobre a *Batalha do Bussaco*.

[3] Lêem-se algumas particularidades a esse respeito no *Diario dos acontecimentos observados no convento do Bussaco*, etc., escripto por um frade d'esse convento, que foi testemunha de tudo — Publicado na *Revista Militar* de 1875, p. 163.

[4] Tomo 6.º, p. 13 e 40.

sar das suas instantes recommendações, não foi attendida e ordenada devidamente pelos governadores do reino, receando os males que isso acarretaria á nação.

Pela sua parte Massena desde que estabelecera o seu quartel general em Vizeu (*19-set.*), fez explorar o terreno para os lados do Mondego, Dão e Vouga pela sua cavallaria, e tendo conhecimento da situação dos alliados nas vizinhanças do Bussaco, convocou n'aquella cidade um conselho militar em que além dos seus generaes, entraram os portuguezes mais notaveis que vinham no seu exercito. [1]

A questão ahi ventilada foi sobre se devia ou não atacar os alliados, e qual a estrada que lhe convinha tomar. Os generaes Ney, Reynier, e Junot foram de parecer que não devia ter logar o ataque, tanto pela facilidade que Wellington tinha de *reunir* promptamente o seu exercito, como pela formidavel posição que ia occupar na serra do Bussaco. Ney foi ainda de opinião que «*se tomasse posição em Vizeu, ou se retrogradasse para Almeida para conter a Hespanha, e se participasse para Paris que não tinham força bastante para conquistar Portugal*». Todavia Massena adoptou uma opinião contraria á do conselho: Não acreditando que Wellington se atrevesse a dar-lhe batalha, ordenou a marcha do seu exercito para a frente em direitura a Coimbra, o qual seguiu então successivamente por Tondella (*22-set.*), Santa Comba Dão (*23-set.*), Mortagua (*24-set.*), d'onde a divisão ligeira depois d'uma escaramuça com a guarda avançada do inimigo, se retirou para uma boa posição a uma legua mais para a retaguarda.

No dia seguinte (*25-set.*) Crawfurd desceu d'essa posição, parecendo disposto a renovar a imprudencia que tinha tido no Côa, visto que a cavallaria inimiga avançava em força, apoiada por tres columnas de infantaria (2.° e 6.° corpos), e estas pelo 8.° corpo de exercito que estava passando o Criz. Felizmente Wellington fez retirar a tempo essa divisão para a crista da serra do Bussaco. Os francezes seguindo-os sempre pelas duas principaes estradas que de Mortagua vão dar a Santo Antonio do Cantaro, e ao convento do Bussaco, chegaram n'esse dia a tomar as alturas que ficam em face d'esses dois pontos, — *os mais accessiveis* — de toda a posição.

Ney, cujo golpe de vista militar era prompto e seguro, viu n'um instante, que as poucas tropas avistadas na posição eram escassas em relação á sua extensa frente e moviam-se confusamente em diversos sentidos para a occuparem. Entendeu portanto

---

[1] *Soriano*, p. 159.

que o ataque devia ter logar immediatamente, mas não querendo assumir a responsabilidade d'isso, mandou avisar Massena o qual só no dia seguinte (*26-set.*) chegou a Mortagua, e avançando d'aqui para a vanguarda do seu exercito, foi pessoalmente com os generaes do seu estado maior reconhecer a posição do inimigo. Eram 2 para 3 horas da tarde. A occasião que tão favoravel ao ataque se offerecera no dia anterior estava já perdida, porque a situação dos alliados tinha melhorado muito. Na manhã de 26 chegou á posição a 1.ª divisão de Spencer, chamada da Mealhada, indo em seu logar vigiar a estrada do Porto a cavallaria retirada de Mortagua. Chegaram tambem as forças que, haviam ficado na esquerda do Mondego á excepção da brigada do coronel Lecor que ficou postada na serra da Murcella, em ordem a cobrir a direita do exercito, e a divisão de cavallaria portugueza do general Fane, postada na frente do rio Alva para observar e rebater os movimentos da cavallaria inimiga. [1]

Não obstante isso, e as objecções que lhe fizeram os seus generaes, Massena decidiu-se a atacar a posição, mas isso só no dia seguinte, porque era necessario dar tempo a que o 8.º corpo, ainda a tres leguas de distancia para os lados de Mortagua, se approximasse do campo de batalha. Este addiamento foi mais uma circumstancia feliz que deu a Wellington tempo de melhor tomar as suas disposições para a batalha.

Ao romper da manhã do memoravel dia 27 de setembro, valendo-se os francezes d'uma espessa nevoa, que de noite se tinha levantado por todo o valle, avançaram com grande impeto sobre as tropas alliadas, formadas em escalão desde meia encosta até ao cume da montanha. O 2.º corpo tomando por directriz do seu ataque o caminho de Santo Antonio do Cantaro chegou a romper a linha de defeza na portella por onde passa esse caminho.

O 6.º corpo pronunciou o seu ataque muito mais tarde pelo outro caminho do Bussaco a uma legua de distancia d'aquelle. O 8.º corpo e a cavallaria ficaram em reserva geral. Quando se dissipou a nevoa descobriu-se a grande multidão de francezes que havia chegado perto da cumeada.

A artilharia dos alliados metralha-os vivamente; parte da infantaria, firme nos seus postos, fuzila-os á queima roupa; outra parte com uma valentia admiravel carrega sobre elles á baioneta calada, obrigando-os a descer a montanha com grandes perdas. Os soldados portuguezes comportaram-se admiravelmente bem,

---

[1] *Participação official da batalha do Bussaco*, dada por *Wellington* ao governo portuguez (Doc. n.º 99 de *Soriano*).

merecendo os elogios de Wellington, de Beresford, e causando espanto aos francezes.[1]

A reserva e a cavallaria inimiga não chegaram a manobrar, e a artilharia d'elles quasi que não podia jogar contra a nossa, cujo fogo era vivissimo.

Durou o fogo de parte a parte desde as 6 horas da manhã até quasi á noite, em que os dois exercitos ficaram occupando as mesmas posições, onde antes da batalha se achavam. Wellington parecia multiplicar-se n'este dia glorioso para as armas luso-britannicas: elle apparecia em toda a parte, e com esse sangue frio e perspicacia, que caracterisa os grandes genios militares, dava as mais precisas e judiciosas ordens.

A resolução de Massena em *atacar de frente* a posição do Bussaco é um ponto que tem sido muito criticado. O barão *Fririon*,[2] depois d'uma noticia sobre o reconhecimento d'essa posição, feito pelo commandante geral da artilharia e pelo chefe do estado maior de Massena, quando com este se approximaram do Bussaco (*26-set.*), assevera que elles viram bem as difficuldades que havia em forçar semelhante posição e accrescenta:

Les généraux Eblé et Fririon crurent devoir soumettre des observations de ce genre au maréchal Massena; ils lui firent observer qu'il leur paraissait préférable de *tourner cette position formidable*, et de faire en sorte d'obliger les anglais à en descendre, plutôt que — **d'attaquer le taureau par les cornes.** — Mais l'enfant chéri de la victoire, confiant dans sa fortune, se contenta de leur répondre: «Vous êtes de l'armée du Rhin, vous autres, vous aimez à manœuvrer; c'est la première fois que Wellington parait disposé á livrer bataille, je veux profiter de l'occasion...». On verra bientôt quels furent les résultats d'une pareille obstination.

Soriano[3] exprime-se ácerca do mesmo assumpto nos seguintes termos:

«A batalha do Bussaco foi travada pelo marechal Massena com pouca unidade e madureza de combinações, parecendo que mais fôra n'elle uma questão de capricho pessoal, pela sua reciproca rivalidade com o marechal Ney, do que obra de necessidade e razão; mas quando mesmo não houvesse similhantes, a empreza quasi excedia as forças humanas, porque emfim a serra do Bussaco *difficilima é de forçar-se*, defendida que seja por um exercito regular, bravo e disciplinado, como então já era o luso-britannico.»

---

[1] Encontram-se muitos pormenores d'esta celebre batalha em *Napier*. p. 23—*Soriano*, p. 171—e nas participações officiaes de *Wellington*, *Beresford*, e *Massena*, publicadas nos documentos de *Soriano*.

[2] *Journal historique*, etc. p. 47.

[3] E. 2.ª, t. 3.º, p. 187.

Napier [1] parece-lhe, apesar do que geralmente se diz, que o ataque do Bussaco foi antes *mal executado do que mal concebido*, e accrescenta:

«A l'égard de l'attaque (*do Bussaco*), 65:000 vétérans français avaient raison de croire qu'un poste défendu par 50:000 hommes de troupes mêlées, et la majeure partie sans expérience, ne serait point inexpugnable pour eux. Et quant à leur génèral, on ne saurait le taxer de présomption, d'avoir espéré que trois corps d'armée bien placés, soutenus par une nombreuse artillerie, et conduits à l'attaque dés le premier jour (ainsi que Ney le désirait) emporteraient l'un des points de la position; mais ce fut une erreur de supposer que l'artillerie ne pouvait donner: la division légère (*Crawfurt*) fut constamment rangée sur le revers de la montagne, et trente bouches à feu employées sur ce point eussent merveilleusement secondé l'attaque fait par le 6.º corps. Mais quand un général en chef reste à plus de trois lieues (*Martagua*) du champ de bataille, donne deux jours á son adversaire pour s'etablir dans une position, ne coordonne pas ses attaques, ne les appuie pas par l'artillerie, n'a pas de réserves toutes prétes, le succés est impossible, même avec d'aussi vaillans soldats que ceux que Massena commandait».

No dia seguinte á batalha, Massena, convencido afinal de que a *posição do Bussaco era intomavel* decidiu-se a torneal-a. A sua cavallaria mandada em reconhecimento descobriu por indicação d'um paizano a existencia do caminho de Mortagua ao Sardão, atravessando a serra do Caramullo no desfiladeiro de Boialvo, pelo qual se podia tornear a esquerda da posição dos alliados, e que por fortuna para os francezes se achava desguarnecida. Durante o dia fizeram-se algumas reparações n'esse caminho tornando-o soffrivel á passagem da artilharia, [2] e para mascarar o seu movimento os francezes entretiveram um fogo bastante activo em frente das posições dos alliados, fazendo-lhes suppòr que se renovaria a acção. Mas ao cair da noite começaram a retroceder muito em silencio para Mortagua e todo o exercito se metteu desordenadamente no perigoso desfiladeiro, onde nada se lhe oppoz, sendo por isso a marcha bem succedida, a ponto de na manhã seguinte ir acampar na planicie entre o Sardão e Avellãs do caminho sobre a estrada do Porto.

Apesar do escuro da noite presentiu-se nas avançadas dos inglezes o movimento do inimigo. Wellington ordenou immediatamente a retirada do Bussaco, mandando Hill com a ala direita pela estrada do Espinhal sobre Thomar (*onde entrou a 4-out.*) em quanto o centro e a esquerda do exercito desfilaram pela estrada da Mealhada sobre Coimbra.

---

[1] Tomo 6.º, p. 38.
[2] *Soriano*, p. 193.

Pela mesma estrada se retirou a artilharia cobrindo-lhe a retaguarda a divisão ligeira, até que o parque passou para além de Fornos, sendo d'ahi por diante escoltada pela cavallaria.

Esse celebre movimento torneante que motivou a evacuação precipitada do Bussaco, como se os alliados tivessem perdido a batalha, podia pelo contrario ter sido muito funesta a Massena, cuja conducta segundo *Napier* [1] foi muito temeraria, não se conformando com as regras da arte.

«Massena n'était pas forcé de jouer si gros jeu. La conquête d'Oporto lui etait facile; *une marche par Vizeu sur la Vouga* demandait plus de temps, il est vrai, mais du moins était sûre; tandis que par Boialvo il jetait toute son armée dans une défilé étroit, à trois lieues de la position de l'ennemi, et avec un tel désordre (ainsi que nous en avons été informé par un officier d'état major du maréchal Ney), que les bagages, le commissariat, les malades et les blessés, l'artilherie, la cavalerie et l'infanterie, tout était pêle-mêle; la discorde régnait parmi les généraux, la confusion parmi les soldats, et, de plus cette marches était entreprise, pendant la saison des longues nuits ce qui ajoute toujours aux difficultés. «*Son armée n'etait donc pas en etat de combattre. Il faisait une marche de flanc á portée de l'ennemi, et abandonnait sa ligne de communication sans en avoir établi une autre*».

Taes são as faltas contra as maximas da arte da guerra a que Napier se refere. E a isso acrescentaremos que é sempre uma empreza arriscada penetrar n'um desfiladeiro proximo d'um inimigo em posição, como fez Massena.

Pela sua parte o general inglez é criticado por não ter ordenado convenientemente a occupação e defeza d'um ponto tão importante como era a passagem do Boialvo, para se poder conservar no Bussaco durante algum tempo e talvez mesmo terminar ahi a campanha.

Comtudo Wellington para estar ao abrigo de qualquer surpreza pelo seu flanco esquerdo tinha mandado a sua cavallaria para Avellãs ao sul do Sardão, observando a estrada do Porto, e tinha ordenado que um forte corpo de milicias viesse de Lamego por *S. Pedro do Sul* sobre o Sardão e desfiladeiro de Boialvo. Mas em virtude da apparição d'uma patrulha franceza para os lados de S. Pedro, o general Bacellar ordenou a marcha das milicias sob o commando de Trant pelo caminho indirecto do Porto, o que era desnecessario e deu logar a que chegasse tarde ao Sardão (*28-set.*) e só com 1:500 homens por causa das fadigas e deserção de muita gente. [2] Em taes circumstancias Trant mal po-

---

[1] Tomo 6.º, p. 39.
[2] *Napier*, p. 31.

deria defender o desfiladeiro contra a vanguarda inimiga só que fosse.

Foi pois este erro de Bacellar, a que o proprio Wellington se refere no seguinte *documento*, [1] a causa de se achar livre no dia 28 a passagem de Boialvo.

«Os murmuradores das batalhas sem utilidade virão atacar-me novamente a respeito da do Bussaco, não obstante terem as nossas perdas sido realmente insignificantes; porém, eu não teria desculpa alguma se, inteirado como estava, eu não tentasse demorar ali o inimigo, e tel-o-hia conseguido completamente *se não fosse o erro do general commandante dos portuguezes no norte*, que em presença d'uma patrulha franceza, não enviou Trant pela estrada por onde tinha sido mandado marchar. Se tivesse vindo por este caminho, não teriam os francezes podido tornear a nossa posição e teriam tido de nos atacar novamente: não poderiam ter vencido, e teriam tido de retirar...»

Não nos parece portanto justo dizer-se que houve—*um descuido imperdoavel*—da parte do generalissimo inglez, como asseveram alguns auctores. [2]

São de muito maior peso as observações criticas de *Napier* [3] sobre o que cumpria fazer para impedir a marcha do general francez por tão perigoso caminho.

«Lord Wellington était à quatre heures de marche de l'une ou l'autre extremité du défilé à travers lequel passait l'armée française. Il aurait pu envoyer la première division et la cavalerie (formant avec les troupes regulières polonaises, et la milice de Trant, une masse de 12 à 14:000 hommes) prendre á Sardão les français en tête, à mesure qu'ils débouche-raient du défilé; tandis que les seconde, troisiéme, quatrième et cinquième divisions les attaqueraient en queue. Ce ne fut point sa position politique qui l'empêcha d'agir ainsi; mais la guerre offre des chanches souvent bien malheureuses, et la *perte d'une seule brigade* pouvait dégoûter le gouvernement anglais, et lui faire abandonner la querelle. Néanmoins, sa retraite était encore plus dangereuse que ne l'eut été cette attaque.»

Tomar posição no proprio desfiladeiro de Boialvo parece que não era conveniente, segundo nos diz *Beresford* [4] no seguinte extracto relativo á retirada do Bussaco para as linhas:

«S.as Ex.as (os *governadores do reino*) saberão que o inimigo, temendo fazer outro ataque sobre a nossa posição do Bussaco, se determinou a tornear-nos pelo caminho que passa de Mortagua para o Sardão, e que a

---

[1] *Carta de lord Wellington a W. Pole*, datada de 4-out.-1810, transcripta no estudo de *Robinson*, publicado na Rev. Mil. de 1883, p. 131.

[2] *Soriano* (E. 2.a, t. 3.o, p. 190) e o general *Pamplona* na obra citada pelo mesmo *Soriano* a p. 192.

[3] Tomo 6.o, p. 40.

[4] *Participação official* da batalha do Bussaco dada aos governadores do reino, e datada de Leiria a 2-out. (Doc. n.o 99 da obra de *Soriano*).

meia distancia volta á esquerda para a Mealhada, e passa por este modo por detraz do Bussaco; e ainda que este caminho atravesse grandes alturas *não ha ali posição assignalada*, e se ali a houvessemos tomado haveria sido necessario deixar a do Bussaco, e este caminho sendo mais curto haveria o exercito sido inteiramente cortado de Lisboa.

«Lord Wellington se determinou, pois, debaixo d'essas considerações a deixar a posição do Bussaco para se approximar de outra mais proxima a Lisbaa. Elle havia bem querido tomar a *posição de Coimbra;* mas esta é só posição quando o Mondego vae cheio, e n'esta situação elle é vadeavel por toda a parte; e pelo curso que toma o rio, *passando-o um inimigo abaixo de Coimbra*, ficará sempre mais proximo de Lisboa que o exercito que se conservar na posição de Coimbra. E é este o peior modo possivel de ser torneado, porque no instante em que isto aconteça fica-se tambem cortado.

«Não é ainda certo se S. Ex.ª julgará sabio ou necessario occupar alguma outra posição antes d'aquella das nossas linhas, preparadas desde Alhandra a Torres Vedras e Mafra; mas no fim será n'esta posição que se fará o esforço para se salvar o reino. E' ali que S. Ex.ª está determinado a defendel-o e a impedir que o inimigo se adiante; emfim, é ali que será a ultima batalha.»

Operações na zona central até á chegada ás linhas da capital.—Depois da evacuação do Bussaco voltou Wellington ao seu primitivo plano de retirada para as linhas de Lisboa. A cidade de Coimbra, apenas abandonada por alguns dos seus mais ricos habitantes, começou desde a sua chegada a ser evacuada a toda a pressa. [1] Ao general Bacellar expediu-se ordem para se dirigir sobre o Vouga com todas as milicias do norte, a fim de picar seriamente a retaguarda dos francezes. O exercito alliado não se demorou a passar o Mondego (*30-set.*) e os perigosos desfiladeiros de Condeixa, retirando-se por Pombal a Leiria (*3-out.*) e ficando assim assegurada a sua retirada sobre a capital. Só a divisão ligeira e a cavallaria ficaram ainda na margem direita do Mondego a cobrir essa retirada.

Pela sua parte Massena, continuando a sua marcha pela Mealhada e Fornos, foi avisado que a sua vanguarda se encontrára com a cavallaria dos alliados entre essa povoação e Coimbra; e julgando que lord Wellington lhe offerecia ali nova batalha, fez repellir todas essas forças, que passaram então o Mondego e retiraram por Cruz de Moroiços a reunir-se ao exercito. [2]

O marechal entrou logo em Coimbra (*1-out.*) onde a sua soldadesca, desmoralisada pelos revezes e privações, praticou durante 3 dias toda a sorte de excessos e perversidades. [3]

---

[1] Toda a sua população, orçada em 14:000 para 15:000 almas, abandonou as suas casas, que os francezes acharam cheias de provisões, mas desertas de moradores. (*Soriano p. 426*).

[2] *Soriano*, p. 195.

[3] *Ibidem*, p. 196, relata com muitos pormenores este facto.

Este novo passo de Massena para a frente merece tambem a sua crit

Teria sido mais acertado, segundo *Napier*, [1] tentar interpôr-se entre Wellington e a capital, base das suas operações, para o que se lhe proporcionou occasião no dia 30.

«Si, dirigeant sa marche à travers Tentugal, le général français eût traversé les gués du Mondego au-dessous de Coimbre et poussé rapidement sur Leiria par la route qui sir Arthur Wellesley avait suivie, en 1808, contre Junot, *la communication avec Lisbonne se serait trouvée coupée;* la terreur et la confusion auraient régné dans la capitale, la faction du patriache aurait triomphé, et, avant d'atteindre les lignes, les alliés auraient dû risquer une bataille bien dangereuse.»

Esta opinião de Napier concorda perfeitamente com a de Beresford, atraz reproduzida, em que se vê ao mesmo tempo a *pouca importancia estrategica da posição de Coimbra para a* **defensiva**: não succede porém o mesmo para a **offensiva**, em cuja demonstração nos vamos aqui deter um pouco por ser um ponto muito interessante para a defeza do paiz, nosso assumpto capital, que nunca devemos perder de vista em todo este *Summario.*

Vimos que Massena, quando se resolveu a marchar de Celorico sobre Vizeu, illudiu-se imaginando que o seu adversario o esperaria na passagem do Mondego para os lados de Coimbra; era ahi que elle esperava dar batalha. Depois da acção do Bussaco e apezar da retirada precipitada do inimigo persistiu em pensar que Wellington não tinha apressado o seu movimento de retirada senão para ter a faculdade de escolher um novo campo de batalha e esperar ahi os francezes. A sua entrada em Coimbra sem opposição não o fez ainda mudar de opinião, não obstante ser ahi informado de que se haviam levantado importantes trabalhos de fortificação ao norte de Lisboa. Não podia entrar no pensamento d'este homem de guerra, *ardente e impetuoso*, que o seu adversario fosse encerrar-se n'um campo entrincheirado, antes de ter tentado a sorte das armas em campo raso. Assim, tomou as suas disposições para continuar a offensiva, depois de dois dias de descanço dados ás tropas.

Esta resolução do general em chefe encontrou contradictores. Os que como elle tinham a imaginaria crença d'uma batalha proxima, ficaram admirados d'esta demora em Coimbra, ainda que fosse por dois dias. Pretendiam que para chegar a dar batalha era necessario perseguir o inimigo a todo o transe, antes de elle ir abrigar-se atraz das linhas defensivas da capital, onde seria difficil forçal-o.

---

[1] Tomo 6.º, p. 41.

A maioria dos seus generaes pensava pelo contrario, que Wellington não tornaria a expôr-se ás eventualidades d'uma batalha antes de chegar ás linhas, porque o seu fim era cobrir Lis-Lisboa, de cuja conquista sabia muito bem que dependia a sorte de Portugal; e por conseguinte propozeram que se estabelecesse em Coimbra uma nova *base d'operações*, esperando os seus reforços promettidos, como melhor se vê pelos seguintes extractos sobre este assumpto. [1]

«Ses généraux pensaient donc qu'il eût été préferable de *s'arrêter à Coimbre:* en adoptant ce parti, on obligeait l'ennemi à se tenir hors de ses lignes et sur la défensive, nous *menacions Oporto*, où les anglais avaient de grandes propriétés et des magasins considérables. Il nous etait facile de *rètablir les cammunications avec Almeida*, et par conséquent de tirer de cette ville nos munitions de guerre et de bouche, et des canons de siège qui seraient indispensables por les opérations ultérieures. Nous faisions de *Coimbre une place de depôt* pour l'armée, nous y établissions un hôpital considérable qui contenait déjà 4:000 malades ou blessés, et qui etait destiné à en recevoir davantage; nous mettions cette ville à l'abri d'un coup de main en l'entourant de quelques ouvrages en terre fraisés et palissadés, a fin de la protéger contre les bandes portugaises qui couraient la campagne.

La rive gauche du Mondego, près du pont de Coimbre, offrait à notre armée des *positions faciles à garder;* l'ennemi étant dans l'obligation de rester en présence des français perdait ainsi l'avantage que lui offrait l'occupation de ses lignes; les difficultés pour se procurer des vivres devenait les mêmes que pour nous. Il fallait qu'il se déterminât à l'offensive ou à la défensive; s'il prenait ce dernier parti, il nous était facile de masquer nos mouvements pour l'écraser sur un point, et en cas de réussite le suivre dans ses lignes; si au contraire il se décidait pour l'offensive, nous avions la faculté de voir ses mouvements, et nous pouvions lui faire payer cher sa témérité, reprendre l'offensive á notre tour, et nous precipiter sur lui.

En outre, si le corps du *partisan Silveira*, (*aliás Trant*) eût paru vouloir se rapprocher de Coimbre, il etait facile de garder en force les positions de la rive gauche du Mondego, et d'organiser un corps de troupes peu considérable qui eût exterminé ces milices inexpérimentées que la prise de Ciudad-Rodrigo et d'Almeida avait frappées de terreur et qui n'etaient encouragées par aucum succés.»

N'outra parte lê-se: [2]

«Comment ces renseignements (*ácerca da existencia das linhas*) ne lui ètaient-ils pas parvenus plus tôt, comment l'Empereur lui-même les ignorait-il lorsqu'il ordenna la nouvelle expédition de Portugal? C'est un fait difficile á expliquer. Il est probable que si l'Empereur eût connu la difficulté d'enlever ces retranchements il eût prescrit à Massena de *s'etablir sur le Mondego au lieu de marcher sur Lisbonne.* En toute autre circonstance, dans un pays où l'armée eût pu trouver à existir et se faire

---

[1] *Fririon*, p. 73.
[2] *Idem*, p. 85.

suivre par le matériel nécessaire de pareils retranchements n'eussent pas arrêté des troupes françaises; mais ils devenaient un mur d'airain por une armée épuisée, par le manque de vivres, par la fatigue, par les maladies, et qui avait à lutter contre un ennemi trois fois plus nombreux, protégé par ses ouvrages, et qui trouvait l'abondance dans ses cantonnements.»

Napier [1] confirma d'um modo ainda mais claro as vantagens que Massena podia obter ficando em Coimbra.

«Aprés que les alliés eusent atteint Leiria, et assuré leur retraite, le sort du Portugal n'en était pas moins encore dans les mains du général français. S'il eût établi une nouvelle *base à Coimbre*, employé le 9.º corps á la *prise d'Oporto*, assuré sa *ligne de communication avec cette ville et avec Almeida* par des postes fortifiés, et qu'aprés, étendant sa position sur la gauche, il eût *attaqué Abrantes*, *et donné la main à un corps de troupes envoyé du sud* par Soult, nou seulement la campagne eût été trés fructueuse pour lui, mais encore il ne pouvait trouver un moyen plus efficace pour renverser les projets politiques et militaires de son adversaire.»

Não obstante tudo o que fica exposto, a idéa de *ficar em Coimbra* não obteve a approvação do general francez. Dominado pela ideia fixa de dar batalha, manda o seu exercito em seguimento dos alliados, marchando (*4-out.*) em duas columnas, por Ancião e Pombal sobre Leiria (*6-out.*), d'onde Wellington a marchas forçadas se retirou por Rio Maior e Alcoentre para o *Sobral e Arruda* (*8 a 12 out.*), emquanto nos seus flancos marcharam Hill de Thomar por Santarem para *Alhandra (8-out.)* e a divisão Picton por Alcobaça e Obidos para *Torres Vedras.* [2]

A cavallaria do general Montbrun que ia perseguindo os alliados a um dia de marcha, teve alguns encontros com as forças que protegiam a retaguarda de Wellington, especialmente em Pombal (*5-out.*), Leiria (*6-out.*), Alcoentre (*9-out.*), e Alemquer (*11-out.*).

Foi d'essa maneira que a totalidade das forças alliadas entrou definitivamente nas linhas (*12-out.*), e n'ellas tomou posição fazendo frente ao exercito de Massena, excepto a cavallaria portugueza ás ordens de Fane, [3] que foi enviada para a esquerda do Tejo, vigiando este rio até ao Zezere e observando os movimentos do invasor, [4] que veiu estabelecer-se entre o Tejo e a serra

---

[1] Tomo 6.º, p. 41.

[2] Os pormenores d'esta retirada dos alliados e sua perseguição pelo exercito invasor, encontram-se em *Soriano* (p, 205 a 207) e *Napier* (p. 47).

[3] *John Jones*, *Memorias sobre as linhas de Torres Vedras*, p. 59, dá a collocação das tropas nas differentes partes das linhas.—*Soriano*, p. 216 a 230, traduziu esse auctor, e accrescenta os detalhes concernentes ás tropas portuguezas que occuparam as linhas.

[4] *Napier*, t. 6.º, p. 78.

de Barregudo, occupando Sobral e Villa Franca na frente, Carregado, Villa Nova da Rainha e Otta em segunda linha, e Alemquer no centro, onde ficou o quartel general de Massena. [1]

A estas disposições do inimigo seguiram-se algumas escaramuças e reconhecimentos para segurança das posições tomadas e exame das linhas. [2]

O principal d'estes reconhecimentos, feito pelo proprio marechal Massena acompanhado do seu estado maior (*16-out.*), levaram-o á intima convicção de que — *as suas forças eram insufficientes* — para atacarem um exercito postado em tão vantajosas posições. [3] Em consequencia d'isto chamou a conselho todos os seus generaes, onde se ventilou a questão de atacar ou não as linhas, decidindo-se que se devia tomar uma posição defensiva no interior do paiz e communicar o que havia a Napoleão, pedindo-lhe soccorros, para então se tentar a tomada de Lisboa, objectivo capital da campanha.

Esta resolução tem sido assim criticada: [4]

«Apesar da respeitabilidade e competencia dos votos que em conselho militar decidiram dever o exercito francez retirar-se para uma posição no interior do paiz, *julgando por intomaveis* as citadas linhas com as forças que então tinha Massena, cremos que semelhante resolução foi mais depressa o effeito da severa licção que o marechal levara no Bussaco, do que um passo honroso para o seu exercito, pois parece incrivel que uma bala de artilharia, batendo n'um muro velho do Sobral junto de Massena, quando as observava, fosse bastante para lhes dar aquelle caracter! Cremos que a sua posição n'aquella villa era na verdade difficil, mas isto, em vez de o levar a desistir do ataque ás ditas linhas, parece que mais o induziria a dar-lh'o quanto antes, porque quanto mais tempo se demorasse n'isto, mais critica tornava a sua dita posição. Mas fossem ou não *intomaveis* as citadas linhas o certo é que nenhuma tentativa séria que os francezes contra ellas fizessem, as demonstrou como taes. Nem ellas effectivamente o eram, quando do Bussaco para ellas se retirou lord Wellington, pois desde o Sobral até Torres Vedras havia ainda uma aberta de duas leguas, sem fortificações algumas, isto além da confusão e desordem em que tudo ainda no seu interior por então se achava.»

Desde que os francezes avançaram de Coimbra para as linhas, o coronel Trant entrou audaciosamente com a sua pequena divisão de milicias n'esta cidade (*7-out.*), surprehendeu e aprisionou

---

[1] *Ibidem*, p. 60.

[2] Vide *Soriano* (p. 240, 247 e 250) e *Napier*, p. 60, ácerca d'estes reconhecimentos.

[3] A proposito d'este reconhecimento diz *John Jones* e os outros auctores que vindo uma bala de artilharia bater no muro onde Massena apoiava o seu oculo, este lhe *tirou o chapeu*, e se retirou convencido de as não poder forçar.

[4] *Soriano*, t. 3.º, p. 391.

a guarnição franceza ahi deixada (5:000 hom.), que depois conduziu para o Porto, [1] emquanto as milicias de Wilson e Miller occupavam Coimbra e avançavam até Leiria e Espinhal, ao mesmo tempo que Silveira se dirigia para os lados de Almeida, praça que bloqueou por algum tempo até á entrada do 9.º corpo em auxilio de Massena *(13-nov.)*. Estas e outras operações semilhantes das divisões milicianas constituiram, como se vê, uma parte importante do plano de defeza de Wellington, encarregando-os de fazer uma crua guerra ao inimigo, cortando-lhe as communicações com os seus depositos, e assenhoreando-se dos seus comboios.

Por esta maneira viu-se Massena apertado por tropas de todos os lados n'um pequeno espaço do nosso paiz, tendo:

Na sua *frente*, uma invencivel barreira, formidavelmente forte pela natureza e pela arte, guarnecida d'uma numerosa artilharia (247 bocas de fogo, [2]) e uma força viva de 90:000 homens. [3]

Nos seus *flancos*, as praças de Peniche e de Abrantes, [4] cujas guarnições fizeram varias sortidas sobre as forças francezas que por differentes vezes se approximaram da costa e do Zezere;

Na sua *retaguarda*, as milicias do norte perseguindo-o constantemente para lhe fazer sentir a falta de abastecimentos de toda a especie.

A situação de Massena era pois eminentemente critica, em consequencia das suas operações não terem sido dirigidas como podiam e deviam ser desde a sua marcha a partir do Côa, até que se assenhoreára de Coimbra, onde devia ter ficado, desde que teve conhecimento da fortissima barreira com que foi esbarrar ao norte da capital.

Demora de Massena na zona central em face dos alliados. — Um dos pontos essenciaes do plano de defeza de Wellington, era, como vimos, reduzir o inimigo pela fome, tornando n'um deserto o paiz por onde elle passasse, e cortando-lhe as communicações com os seus depositos na fronteira. Se as medidas que instantemente tinha sollicitado para isso, houvessem sido strictamente executadas na Extremadura — como foram na Beira, — ou se para

---

[1] Vide a *parte official do proprio Trant*, publicada na obra de *Soriano* (Doc. n.º 99 — D) e a narrativa de *Napier* (t. 6.º, p. 46).

[2] *John Jones*, p. 157.

[3] *Soriano*, p. 231, dá: 36:000 inglezes, 10:000 hespanhoes e 40:000 portuguezes de 1.ª e 2.ª linha.

[4] *John Jones*, p. 69, diz que estas praças foram consideradas como meios auxiliares da defeza da peninsula de Lisboa; e por conseguinte tratou-se de as fortificar o melhor possivel.

remediar essa falta tivesse podido conservar-se por mais tempo no Bussaco, é de crêr que Massena não teria podido ficar oito dias diante das linhas. Em logar d'isso pôde conservar-se por alguns mezes ao sul do Mondego fazendo uma especie de bloqueio na frente dos alliados e frustando assim as esperanças do general inglez.

«Le pays aux environs de Thomar, Torres Novas, Gollegã et Santarem, resta intact; les habitants continuérent leurs travaux; les moulins, fort peu endommagés, furent bientôt réparés; et lord Wellington eu la mortification de voir qu'un projet si bien calculé était déjoué par ceux-là même (*os governadores do reino*), qui avaient le plus d'intèrêt à le seconder avec zèle, et sur lesquels il avait le plus droit de compter. On pouvait croire alors que le prince d'Essling serait en état de conserver ses positions jusqu'au moment où des forces imposantes lui arriveraient d'Espagne. «*Cela dechire le.cœur* (disait amérement le général anglais) *de voir une telle obstination amener seule tant de chanses d'insuccès.*» [1]

Os dois exercitos conservaram-se, durante um mez, nas posições tomadas em frente um do outro, sem obterem nenhum resultado vantajoso, inacção que, segundo *Fririon*, [2] foi um erro de parte a parte.

Où a été la gloire de Wellington? Quelle géneral français à la tête d'une armée de 130:000 combattants, [3] bien vêtus et bien nouris, dans la position de lord Wellington, n'eût pas cherché á anéantir un adversaire faible, eloigné de ses reserves et contraint pour battre en retraite de traverser un pays ruiné, que les populations elles mêmes avaient abandonné?

Em quanto a Massena lê-se: [4]

«La position de l'armée etait évidement vicieuse. Après être venue jusqu'à Sobral et Villa Franca, et s'être assuré de la difficulté et du danger d'attaquer l'ennemi dans ses lignes, elle devait faire un mouvement de retraite et se placer, la gauche à *Santarem*, et la droite vers *Alcoentre*, pour couvrir la route royale; reprendre *Coimbra*, dont l'abandon avait pu être justifié par le desir de faire rembarquer les anglais; mais qui nous devenait nécessaire pour les opérations ulterieurs; attirer les anglais hors de leurs lignes et chercher de nouveau à leur livrer bataille, pour la raison qu'ils paraissaient l'eviter».

Durante o primeiro mez de inacção a preoccupação principal de Massena foi prover por todos os meios possiveis á alimentação do seu exercito, organisando depositos de subsistencias em

---

[1] *Napier*, t. 6.º, p. 80.
[2] *Journal Historique*, etc., p. 112.
[3] Ha aqui exagero. As tropas combatentes de *1.ª linha* eram apenas 70:000 homens. (Vide *Soriano*, p. 231).
[4] *Ibidem*, traduzido por *Soriano* a p. 255.

Santarem e permittindo aos seus soldados o affastarem-se dos seus corpos para procurarem viveres a grande distancia, o que muito prejudicou a disciplina do seu exercito, e contribuiu para mais depressa ficarem exhaustas todas as localidades em volta dos seus acampamentos.

Comtudo encarregou o general d'artilharia do estabelecimento d'uma ponte sobre o Tejo e outra no Zezère para o que foi muito difficil encontrar barcos e material; enviou o general Foy a Paris, pedir soccorros ao imperador; e ordenou se fizesse um reconhecimento sobre a *praça de Abrantes (5-nov.)*, ponto estrategico, a que Napoleão, Massena e Wellington ligaram grande importancia [1] com justificado motivo, tendo-a como a chave das communicações da Beira para o Alemtejo, sendo de facto por ella que os alliados podiam mais facilmente cortar a linha de communicação dos francezes da Extremadura para a Beira Baixa atravez do Zezere, e impedir que estabelecessem uma nova linha d'operações pela esquerda do Tejo, indo dar a mão ás forças do marechal Soult. Convinha pois muito a Massena apoderar-se de Abrantes, mas o reconhecimento convenceu-o que era impossivel tomal-a por um golpe de mão, e que o seu assedio em regra exigia que se mandasse vir d'Almeida a artilharia de grosso calibre, por pessimos caminhos, atravez d'um paiz montanhoso e no pino do inverno, o que era evidentemente impraticavel e arriscado por causa da perseguição das nossas milicias e ordenanças. O general francez teve portanto que desistir d'uma tal empreza.

Por uma obstinação inflexivel aos conselhos dos seus generaes, Massena conservou a sua perigosa posição junto das linhas, até que o paiz a bastantes leguas para traz de si ficou exhausto de recursos. Só então (*14-nov.*), cedendo com pezar á necessidade de procurar um novo campo onde pudesse achar subsistencias, e lhe permitisse ao mesmo tempo resistir aos ataques dos alliados, retirou de noite para Santarem.

Wellington, descobrindo este movimento retrogrado na manhã seguinte, mas ignorando ainda a verdadeira intenção do inimigo, fel-o seguir só por duas das suas divisões, deixando a maioria das tropas ainda nas linhas; e para impedir que os francezes passassem o Tejo, enviou logo depois a divisão do general Hill para a margem esquerda d'esse rio, que passou em barcos na Vallada (*18-nov.*).

Não nos deteremos nas particularidades [2] d'estes movimentos,

---

[1] Vide *John Jones*, p. 70—*Napier*, p. 176—*Soriano*, p. 259.
[2] Podem vêr-se em *Napier* (t. 6.º, p. 82 a 88) e *Soriano*, p. 261.

em que tanto Massena como Wellington procederam como habeis capitães; mas é interessante para a defeza do paiz deixar aqui registado o que se encontra nos diversos auctores ácerca da *importancia militar de Santarem.*

Eis como se exprime *Fririon*: [1]

«La position choisie par le maréchal Massena était trés forte. *Santarem qui en ètait le point central* est en effet situé sur la crête d'une chaine de collines élevées et presque perpendiculaire, précédèes d'une autre chaine un peu plus basse, sur laquelle s'étandaient les avant-postes du 2.º corps. Au pied de ces hauteurs coule le *Rio Maior* et une branche du Tage. Le terrain qui avoisine ces cours d'eau est marécageuse: il n'était possible de le traversser que par deux chausées qui, ainsi que le pont sur la rivière étaient battues par notre artillerie. Lord Wellington ètait trop prudent pour attaquer les français dans une paraille position, il ne l'essaya même pas et préféra temporiser».

O coronel *Napier* desenvolve e completa essa descripção: [2]

«*Santarem* et situé sur une montagne, qui semble s'élancer des eaux du Tage: la saillie qu'elle fait dans les terres est d'une lieue environ. Sur le front de la ville, une rangée de hauteurs secondaires forme comme un ouvrage avancé couvert par le *Rio Maior*, nom donné à deux ruisseaux coulant l'un aprés de l'autre à un mille du fleuve, et se reunissant ensuite pour suivre pendant l'espace de quelques milles une direction parallélle au Tage, dans lequel le Rio Maior, va se perdre. L'espace renfermé entre ce ruisseau et le Tage est sans ondulations, et forme une plaine dite de Santarem.

«En s'avançant par la route royale de Lisbonne, les alliés remontèrent le Rio Maior jusqu'á Ponte-Seca (*ponte de Asseca*), chaussée élevée d'environ quatre cent toises de long, et menant au pied de la position française. A leur droite et jusqu'au Tage, un marais plein de joncs et fort difficile à traverser à cause des profondes coupures qui y sont pratiquées, couvrait la gauche de cette position. De l'autre côté, les deux courans du Rio Maior étant débordées, formaient une vaste nappe d'eau et des marécages qui protégeaient la droite des français. Au centre la chaussée, qui d'ailleurs ne laissait qu'une ligne d approche fort étroite, était barré du côté de l'ennemi par un abattis, et une batterie, placée sur une petite éminence, voyait ce retranchement dans toute sa longueur. Forcer ce passage dangereux n'etait pourtant qu'une mesure préliminaire; il fallait emporter la seconde rangée de collines avant d'atteindre la haurteur de Santarem, derriére laquelle la ville, avec ses vieilles murailles, offrait encore un quatrieme point de resistance.»

Eis agora qual foi a disposição estrategica do exercito francez tendo por principal ponto de apoio a posição de Santarem: [3]

---

[1] *Journal Historique*, etc., p. 121.
[2] Tomo 6.º, p. 93, traduzido por *Soriano*, t. 3.º, p. 268.
[3] *Ibidem*, p. 88 a 93, traduzido por *Soriano*, p. 264.

«En outre de cette position farmidable, le 2e corps couvrait la riche plaine de *Gollegã*, occupée aussi par la division Loison du 6e corps, laquelle observait le Tage et maintenait la communication avec *Punhete (Constança)*. Le 8e corps etait posté, à la droite de Reynier, dans le pays coupé de collines qui separe Santarem du *Montejunto* et de la *Sierra de Alcobertas* (*Rio Maior*). Ce corps ne formait point une ligne continue avec le 2.e corps; sa droite etait poussé sur *Alcanhede* (*a 3 leguas de distancia*), son centre à *Pernes*, et la gauche se repliait en arrière sur *Torres Novas*, où Masséna avait fixé son quartier-générál. La cavalerie s'étendait à droite d'*Alcanhede* jusqu'à *Leiria*, et le 6e corps était en reserve à *Thomar*, ayant préalablement forcé les milices de Wilson à se retirer du Zezere sur Espinhal.

«De cette sorte, Masséna veillait une grande étendue de terrain très fertile; la plaine de Gollegã lui fournissait du mais et des légumes; la Sierra d'Alcoberte, du bétail. Il présentait aux alliés un front redoutable du côté de Santarem; commandait, par Leiria, le chemin de Coimbre avec le 8e corps et la cavalerie, celui de Thomar á Coimbre par Ourem, avec le 6e corps, et, au moyen de ses ponts sur le Zezere, ouvrait une ligne d'opérations vers la frontière espagnole, soit par Castello Branco, soit par l'Estrada Nova et Belmonte. Conservant la possibilité de l'iniciative, puisqu'il pouvait passer le Tage à gauche, ou tourner le *Montejunto* á droite, il paralysait nécessairement une grande partie des forces alliées, et tout en se retirant, il semblait encore prendre l'offensive.

«Ainsi, sans trop disséminer ses forces. Masséna trouva moyen de menacer divers points et de rester maître de deux lignes de retraite distinctes l'une de l'autre. Il est vrait qu'ici les circonstances l'aidèrent. Il attendait à tout moment l'arrivée du 9e corps ajouté à son commandement, et celle d'un grand nombre de détachemens. Sa position touchant à Leiria et au Zezere, lui permettait de donner la main à ses renforts et à ses convois, soit par la ligne du Mondego, soit par celle de Belmonte et l'Estrada Nova; en même temps il était prêt à communiquer avec tout ce qui viendrait d'Andalousie à son secours.»

Napier faz ainda varias considerações para provar que Massena fez bem em não ceder o terreno aos alliados, o que é largamente comprovado por uma Memoria do coronel de engenharia *Vincent*. [1]

Em resumo: a vasta posição dos francezes na fertil zona marginal do Tejo entre Santarem e o Zezere, com a sua frente n'uma *linha de defeza atraz de Rio Maior*, [2] foi muito acertadamente escolhida por Massena, podendo ahi esperar por muito tempo os soccorros promettidos pelo imperador seu amo.

Pela sua parte Wellington, desejando conhecer qual era a verdadeira intenção do inimigo mantendo-se na posição de Santarem, tomou as suas medidas (*19-nov.*) para atacar as forças que ahi estavam, suppondo não serem mais que uma guarda da re-

---

[1] *Reflexions sur la situation de l'armee de Massena près de Lisbonne après l'affaire de Bussaco.* (Doc. n.º 99-E da obra de *Soriano*).

[2] **John Jones**, *Linhas de Torres Vedras*, p. 69 e 75.

taguarda do exercito em retirada, do que ficou desenganado pela forte resistencia que os francezes lhe oppozeram, e ainda mais pelos seus movimentos alguns dias depois, o que o decidiu a tomar a defensiva, como elle proprio nos diz: [1]

«A 22 de novembro o inimigo mandou vir da sua retaguarda as tropas do 8.º corpo, e com ellas accommetteu os nossos piquetes da parte de lá da ponte de Calhariz (*Zambugeira*). Esta circumstancia e outras de que tivemos conhecimento quasi ao mesmo tempo, nos fez claramente vêr que todo o exercito inimigo estava entre Santarem e o Zezere. Agitou-se então a questão *se conviria atacal-o em Santarem*—idéa que se abandonou, tanto porque este plano era n'aquelle momento impraticavel, por causa do estado dos caminhos e ribeiros, como por ser evidente que o inimigo tinha reunido todo o seu exercito na *posição certamente a mais forte de Portugal*. Não nos podiamos, portanto, sair bem d'isto sem experimentarmos consideraveis perdas, e não teriamos podido fazer esta tentativa em similhante epocha sem corrermos o risco de termos alguns dos nossos destacamentos isolados e cortados de toda a communicação com outros.»

Opiniões houve de pessoas competentes que lhe censuraram esta resolução, dizendo que em consequencia d'ella, poude Massena demorar-se muito tempo e ser reforçado na sua nova posição; prolongou os soffrimentos dos 50:000 habitantes que da Beira e Extremadura se recolheram á capital; inflamou mais contra si as iras da opposição, tanto por parte de alguns portuguezes como do parlamento inglez; e tornou bastante duvidoso o triumpho dos exercitos que commandava.

Wellington conheceu muito bem tudo isto, mas as razões que o levaram a persistir na defensiva pareceram-lhe ainda mais attendiveis, de que resultou não mudar de systema, tendo por seguro o seu pleno triumpho com os males que o tempo forçosamente havia de trazer ao seu inimigo.

Como esta *conducta expectante* de Wellington, em que se funda todo o bom exito da sua campanha, é muito importante, copiemos mais, para que fique bem esclarecido esse ponto, os seguintes argumentos de *Napier* [2] em sua defeza:

«Quoique lord Wellington, y compris ses derniers renforts, comptât plus de 70:000 hommes *sous les armes* quand l'ennemi n'en avait que 50:000, si on analyse la composition et la situation de ces deux armées, on trouvera que, par l'avantage de leur position, les français pouvaient mettre plus de soldats en ligne que les alliés...

«Tant que les hauteurs d'Almada n'etaient pas fortifiées, il fallait au moins 12:000 hommes pour surveiller la rive gauche du Tage. Le chemin

---

[1] *Relatorio da campanha de 1810*. (Doc. n.º 99-G da obra de *Soriano*).
[2] Tomo 6.º, p. 95.

d'Alcanhede á Torres Vedras étant moins long que celui de Cartaxo, deux divisions anglaises étaient postées sur ce dernier, afin de proteger les lignes; et comme Reynier pouvait sortir de Santarem pendant qu'on attaquait Pernes, il fallait encore 10:000 hommes pour le tenir en échec. Ainsi, il n'y avait guère plus de *45:000 hommes disponibles pour la bataille* [1] même en comptant tout, soldats et recrues. Lord Wellington n'etait pas alors aussi expérimenté que son adversaire dans ces grands mouvemens d'armée; et, de plus, l'attaque dévait être faite à travers un pays difficile dont les chemins sont profondément creusés, et où l'Alviella, l'Almonda et d'autres rivières, grossies par des pluies continuelles, formaient á l'ennemi *une succession de lignes défensives* et les moyens d'épargner les deux tiers de son armée. La victoire pouvait couronner l'entreprise, mais l'enjeu n'était point égal: si Masséna perdait même un tiers de ses forces, le 9e corps réparait cette perte; si lord Wellington échouait, les lignes étaient enlevées et toute la Péninsule tombait avec elles.

«Il jugea donc *necessaire de rester sur la défensive;* de fortifier encore plus les lignes; de faire avancer suffisament les ouvrages d'Almada, etc.»

Decidido pois á defensiva a collocação do exercito anglo-luso foi a seguinte: [2]

«La division légère, soutenue par une brigade de cavalerie, occupa Valle (*de Santarem*) et les hauteurs dominant le marais et l'inondation. L'arche de la chaussée, du côté des anglais, fut minée. Un mamelon qui s'élevait tout auprès, et presque perpendiculairement, fut couronné d'artillerie placée derrière des embrasures, ayant en avant un chemin couvert en zigzag, contenant 500 hommes d'infanterie; la chaussée étant ainsi bloquée, les français, tant que durerait l'inondation, ne pourraient effectuer des sorties de leur position de Santarem.

«A la gauche de la division des troupes légères, les postes s'étendirent le long de l'inondation jusqu'á *Malhorquija* (aliás *Malaqueijo*); de lá ou Rio Maior, sur une chaîne de collines. En arrière du Rio Maior, la cavalerie d'Anson observait les chemins de Pernes et d'Alcanhede, et derrière lui, á *Alcoentre*, une position retranchée, fut occupée par une division d'infanterie. Toutes les routes conduisant aux lignes, entre le Tage et le Montejunto, furent assurées par des têtes de cantonnemens, sous la protection desquelles les autres divisions furent placées: la 1e division et le quartier-général à *Cartaxo*, á quelques milles en arrière de Valle; les autres á *Alemquer* et *Sobral*, *Torres Vedras* fut occupé en force, de peur que l'ennemi ne tournát rapidement le Montejunto.»

Durante os tres mezes de inverno os dois exercitos permaneceram nas mesmas situações em frente um do outro, por causa do mau estado dos caminhos e das cheias das ribeiras.

Comtudo as tropas francezas não deixaram de ser bastante incommodadas pelas milicias e ordenanças, juntas a algumas tropas regulares, e capitaneados por Silveira, Bacellar, Trant, Wilson e Madden, aos quaes ficou confiada a defeza do resto do paiz.

---

[1] Eis ahi a que ficam reduzidos os *130:000 homens* que lhe dá *Fririon*.
[2] *Napier*, t. 6.º, p. 97.

Operações provenientes das novas ordens de Napoleão. — Desde que o general Foy chegou a Paris (*12-nov.*) e expoz ao imperador a verdadeira situação das coisas na Peninsula, fôram dadas novas ordens tendentes a reforçar e apoiar as tropas de Massena.

«Ce fut alors, *diz Napier*, [1] que l'armée du nord eût ordre de soutenir celle du Portugal; que le 9e corps fit partie intégrante de cette dernière; qu'il fut enjoint au prince d'Essling de tenir ferme entre Santarem et le Zezere, d'assiéger Abrantes, et de compter sur l'appui du duc de Dalmatie, auquel on avait déjá commandé plusieurs fois de se porter á travers l'Alemtejo. Il semble que l'Empereur ait eu alors le projet d'évacuer l'Andalousie et de *concentrer l'armée du sud sur le Tage:* projet qui eût fortifié les français dans la Péninsule, plutôt qu'il ne les y eût affaiblis, puisqu'il était bien plus important d'anéantir toute guerre régulière en Portugal, que de tenir aucune province particulière.»

Por esta maneira seriam empenhados mais ou menos directamente na conquista de Portugal oito corpos d'exercito francezes, no effectivo total de 240:000 homens, contra redonda. [2] Estes corpos eram o do marechal Bessières, que pela parte do norte cobria o exercito invasor, [3] os quatro corpos de que este mesmo exercito invasor se compunha, incluindo o de Drouet, e os tres corpos do exercito de Soult, competindo a uns atacar Portugal pela parte de leste, devendo os outros auxiliar a invasão por meio de diversões, executadas ao mesmo tempo. Não era mal imaginado pelo grande genio de Napoleão, todavia na realidade parece que foi uma illusão. Os seus marechaes não quizeram ou não poderam executar completamente essas disposições.

Com effeito, o exercito do norte nunca chegou a approximar-se das nossas fronteiras a tempo de soccorrer Massena. O 9.º corpo, que soffrera muitos atrazos na sua marcha de Salamanca para Almeida, passou o Côa (*17-dez.*), deixou uma divisão (7:000 hom.) na *Guarda* para conter as milicias de Silveira que se achava então para os lados de Trancoso, [4] e avançou com as forças restantes (10:000 hom.) por Gouveia e ponte da Murcella para Leiria (*26-dez.*), cortando assim as communicações que os alliados até então haviam mantido com as provincias do norte por meio

---

[1] Tomo 6.º, p. 139.

[2] *Soriano*, p. 402.

[3] *Ibidem*, p. 319, dá o effectivo de 70:000 hom. a este corpo chamado o *exercito de norte*.

[4] *Napier* (t. 6.º, p. 102 a 105) dá noticia das operações de Silveira contra a divisão de Gardanne e depois de Claparêde, que afinal o perseguiu até ao Douro na Regoa.

das milicias de Trant em Coimbra, e Wilson no Espinhal. Massena, como já vimos, não podia sitiar Abrantes, e nada tentou para isso depois da recommendação de Napoleão.

Pela sua parte o marechal Soult, já por vêr baldados todos os seus esforços para se assenhorear da Andaluzia n'uma occasião em que estava proximo a conseguil-o, já pela repugnancia que tinha em prestar efficaz assistencia ao marechal Massena n'uma empreza em que, a ser feliz, a maior parte da gloria d'ella havia de recaír certamente sobre este ultimo general, sentiu dolorosamente vêr-se compellido a mandar saír d'aquella provincia muitas das suas forças, á frente das quaes elle mesmo tinha de se collocar. [1] Representou a Napoleão que correria grande risco se antes de se internar no Alemtejo, não effectuasse o cerco das praças de *Olivença*, *Badajoz*, *Elvas* e outras, e se não derrotasse, ou ao menos afugentasse as tropas hespanholas que operavam na Extremadura, ao que o imperador accedeu. Por este modo conseguiu Soult eximir-se a auxiliar de prompto o seu collega Massena, sendo talvez este o verdadeiro fim da sua proposta. Forçado comtudo a marchar, deixou parte das suas forças na continuação do cerco de Cadiz, e subiu no fim de dezembro com as restantes (24:000 hom.) para a fronteira do Alemtejo, onde se demorou até ao principio de março nas indicadas operações. [2]

Em vista d'estes movimentos dos francezes, que claramente ameaçavam uma diversão pelo Alemtejo, afim de facilitar o ataque das linhas ao norte da capital, estabeleceu-se uma nova linha de defeza ao sul do Tejo, desde as alturas de *Mutella* até ás da *Rapozeira*, banhadas pelo mar, e poz-se em estado de defeza o castello de *Almada* para lhes tirar a possibilidade de inquietar Lisboa e a navegação do Tejo. [3]

Lord Wellington projectou tambem mandar construir uma outra linha de defeza desde *Aldeia Gallega* a *Setubal*, na conformidade da *Memoria* de *Forjaz* de que anteriormente demos noticia, além d'uma serie de fortes entre *Almada* e a *Trafaria*.

Não contente ainda com estas precauções defensivas mandou reforçar até o effectivo de 15:000 homens as tropas empregadas na vigilancia das passagens do Tejo por onde se podia effectuar a juncção dos dois marechaes francezes.

---

[1] Segundo *Napier* (t. 6.º, p. 142) eram 16:000 de inf., 4:000 de cav., 54 bocas de fogo, um trem de sitio, um comboio de provisões, e outros petrechos de guerra. A este effectivo juntaram-se depois 3:000 inf. e 500 cavallos do exercito do centro. (*Soriano*, p. 325).

[2] Pode vêr-se a narração d'estas operações em *Napier*, p. 143 e *Soriano*, p. 325.

[3] Vide os pormenores em *John Jones*, p. 72, ou *Soriano*, p. 272.

O marechal Beresford, encarregado do commando d'essa forte divisão, quando em janeiro Hill teve de retirar-se por doença para o seu paiz, recebeu instrucções para se reunir ao grosso do exercito por *Vallada*, no caso de se vêr forçado a retirar, e por *Abrantes* se o exercito avançasse. O mesmo Beresford, fixando o seu quartel-general na *Chamusca*, *poz em escalão as suas tropas ao longo do Tejo desde Almeirim até á foz do Zezere*, onde fez construir baterias para dominar a ponte sobre o Zezere, que os francezes tinham construido junto a Punhete, e embaraçar a passagem dos barcos para Santarem. Além d'isso abriu uma communicação segura e rapida com *Elvas* e outras praças da fronteira, e estabeleceu meios de ser informado pelos seus postos do que se passasse do outro lado do Tejo. [1]

E' innegavel que semelhantes precauções de Wellington para a *defeza ao sul do Tejo* são muito prudentes e acertadas, mas para tirar toda a duvida accrescentemos a seguinte observação critica do barão Fririon. [2]

L'esprit positif de Wellington avait mesuré toute l'étendue du péril; le général anglais était résolu à s'opposer de tous ses moyens au *passage du Tage*. Il avait eu, dés le principe, connaissance des travaux entrepris par le général Eblè, il en avait deviné le but, et s'etait empressé d'envoyer le général Béresford, qui avait remplacé le général Hill, avec 15:000 hommes sur la rive gauche du fleuve afin de surveiller nos mouvements; ce général n'avait pas perdu le temps, il s'etait occupé á faire élever des retranchemens vis-á-vis tous les points qui pouvaient offrir quelques chances de succés á un passage de vive force. A la moindre démonstration de Masséna, lord Wellington était en mesure de lui opposer plus de 60:000 hommes pour la concentration des quels il lui fallait bien moins de temps qu'au général français pour rassembler son armée tout entière.»

E' interessante ainda mencionar aqui que Wellington, antes da batalha do *Xevora* (*18-fev.*) proximo a Badajoz, [3] perdida pelo general hespanhol Mendizabal por não se ter conformado com os conselhos que lhe dera, [4] pensára em bater os marechaes Soult e Massena separadamente, como se póde julgar pelos seguintes extractos.

---

[1] *Napier*, p. 100 e *Soriano*, p. 344.

[2] *Journal Historique*, etc., p. 139.

[3] Vide a descripção detalhada d'esta batalha em *Napier*, t. 6.º, p. 153 ou *Soriano*, p. 330.

[4] A *posição de Xevora* era excellente pela sua força natural e optima para manter as communicações entre Badajoz e Portugal. Wellington aconselhára aos hespanhoes que a occupassem e augmentassem a sua força natural por meio de entrincheiramentos para a defenderem a todo o transe, e que retirassem para Elvas a ponte de barcas estabelecida no Guadiana, afim de servir ás operações dos alliados, que não tardariam

«A derrota de Mendizabal, diz o proprio Wellington[1] é a maior e a mais imprevista desgraça que até aqui temos experimentado. A minha intenção era, logo que me tivessem chegado os nossos reforços, enviar um destacamento inglez para Badajoz, para pôr os hespanhoes em estado de *bater Soult, e obrigal-o a levantar o cêrco.* Sem que isto expozesse as cousas ao risco d'uma acção geral em posição escolhida pelo inimigo, traria ainda assim as mais importantes consequencias para toda a peninsula. No estado actual não posso destacar forças sufficientes para conseguir semelhante fim precisando fazer uma outra cousa em que haverá mais risco a correr, sendo mais duvidoso o seu resultado.»

Esta outra cousa era tomar, quanto antes, a offensiva contra Massena, como nos diz *Napier:* [2]

«Il résolut d'attaquer l'armée de Masséna de front, du coté de *Tremez*, pendant que Beresford, passant le fleuve á *Abrantes*, tomberait sur ses derrières; il esperait ainsi forcer le centre et la droite des français, couper la gauche et la refouler sur le Tage. Néanmoins on ne pouvait rien entreprendre avant que les troupes venant d'Angleterre ne fussent arrivées, et les jours se passaient dans une vaine attente.»

Retirada de Massena e sua perseguição por Wellington. — Pelos fins de fevereiro o exercito de Massena não podia demorar-se por mais tempo na posição que tomára sem risco de se perder inteiramente. Todos os armazens formados com os generos encontrados no valle do Tejo estavam inteiramente exhaustos. Os forrageadores, embora enviados a mais de 20 leguas de distancia, já nada achavam que trazer para os acantonamentos. Os seus depositos na fronteira estavam longe e com as communicações cortadas. De dia para dia o exercito ia soffrendo notaveis perdas de homens, victimas da miseria, da fome, das enfermidades, ou mortos pelos paizanos portuguezes quando os apanhavam desgarrados. Uma terça parte da cavallaria estava já morta, e a que restava via-se n'um grande estado de fraqueza. [3]

A obstinação de Massena em esperar pelos promettidos soccorros, devia ceder perante esta accumulação de difficuldades, e as previsões de Wellington viam-se emfim realisadas, tendo sido apenas uma questão de tempo o apparecimento dos effeitos do

---

em soccorrel-os. Não o tendo feito, Soult tomou a posição por surpreza e desde então facil lhe foi cercar e tomar Badajoz (*11-março*), no proprio dia em que se participava de *Elvas* ao seu governador que Massena se retirára de Santarem, e que Badajoz seria em breve soccorrida pelos alliados.

[1] *Officio de 23 de fevereiro*, dirigido a seu irmão, e citado por *Soriano* a p. 334.

[2] Tomo 6.º, p. 176.

[3] Encontra-se em *Soriano*, p. 346 e 395 uma desenvolvida descripção das deploraveis circumstancias em que os francezes se achavam.

seu systema devastador que, contra sua vontade, não foi rigorosamente cumprido pelos governadores do reino.

Começou pois a celebre retirada do exercito invasor, em que o marechal Massena se mostrou digno da sua alta reputação pela habilidade das suas operações, sem nunca desanimar no meio dos perigos e difficuldades em que se viu.

Um dos pontos mais interessantes da historia d'essa grande operação, que convém aqui considerar sob o ponto de vista especial da defeza do paiz, é a escolha da *linha de retirada* que foi adoptada por Massena.

Senhor como elle estava da passagem do Zezere pelas pontes que n'elle fizera estabelecer proximo de Constancia e Martinchel, podia retirar-se *sobre Castello Branco* ou *Sabugal*, e abrir uma communicação com Soult por Alcantara ou com o rei José por Plasencia. Mas este modo de retirada era difficil de executar por causa da natureza accidentada do terreno (*a linha das Talhadas*) e era arriscado porque a divisão de Beresford podia flanquear o inimigo por Abrantes, emquanto Wellington com o grosso do exercito o perseguisse pela retaguarda.

Massena podia tambem concentrar facilmente o seu exercito em Thomar e passar pela estrada do Espinhal ao valle do Mondego, subindo ao longo d'este rio até Celorico, e d'aqui voltar para as immediações de *Almeida* d'onde partíra, ou seguir para *Castello Branco*, recaindo assim no caso anterior.

Tendo ficado intactas do systema devastador de Wellington as provincias do norte, Massena retrogradando para *Coimbra*, podia sem difficuldade ir d'aqui assenhorear-se do *Porto*, apenas coberto pelas milicias de Bacellar, e viver ahi por bastante tempo com os recursos d'aquellas provincias, operando depois conforme as circumstancias. Era este seguramente o melhor meio que Massena tinha para saír das apuradas circumstancias em que se via, e foi aquelle que se dispoz a seguir. Mas afinal viu-se obrigado a mudar de resolução, retirando de facto pela margem esquerda do Mondego em direitura á Guarda, como se vae vêr, passando a analysar a traços largos as medidas adoptadas pelos dois grandes generaes n'essa historíca retirada.

As primeiras disposições de Massena (*3-março*) consistiram em destruir uma parte da sua artilharia e bagagens que não podia levar comsigo por falta de cavallos de tiro, [1] o que concorreu muito para aligeirar a marcha das suas columnas.

---

[1] Em *Santarem* inutilisaram-se 12 a 14 peças de artilharia e 300 carretas e carros. (*Soriano*, p. 392).

Em seguida fez tudo quanto era possivel para illudir os alliados sobre a verdadeira direcção da sua marcha, mostrando indicios de querer passar o Tejo em Constancia, ou retirar-se para traz do Zezere, e ordenando reconhecimentos de Leiria na direcção de Alcobaça e Torres Vedras.

Afinal fez reunir por um habil movimento concentrico (*5 a 11 de março*) todas as suas tropas em Pombal, excepto o corpo de Reynier que seguiu a estrada de Espinhal para cobrir o flanco direito da principal linha de retirada — *Torres Novas*, *Leiria*, *Pombal*, *Coimbra* — e uma divisão do corpo de Ney que ficou á retaguarda em Thomar para destruir as obras e as pontes do Zezere. [1]

O general inglez, suppondo pelos primeiros movimentos do seu adversario que este tinha a intenção de juntar uma força consideravel em Thomar, fez marchar sobre essa cidade (*8-março*) o grosso do seu exercito. [2]

Adquirindo porém a certeza que Massena se retirava para as bandas do Mondego dirigiu todas as suas tropas sobre Pombal (*11-março*), menos uma brigada que seguiu de Thomar para Espinhal em perseguição de Reynier, e as forças (22:000 hom.) que sob o commando de Beresford destacou para o Alemtejo na direcção de *Portalegre* em auxilio de Badajoz.

Ao general Bacellar expediu-se ordem para que vigiasse sobre a segurança do Porto e aos coroneis Wilson e Trant que abandonassem o Mondego e o Vouga, logo que estes dois rios se torneassem vadeaveis, devendo-se em tal caso retirar para além do Douro, destruir os caminhos durante a sua marcha, e levar comsigo ou queimar todos os barcos que encontrassem.

Por estas disposições de parte a parte, vê-se claramente que o marechal francez realisou em 7 dias uma operação de guerra das mais difficeis, como é uma retirada á vista do inlmigo, sem ser por elle inquietado, pondo o exercito francez fóra do alcance dos alliados com um avanço de 4 dias de marcha, e organisando completamente a sua retirada.

Era, porém, indispensavel para a continuação do seu projecto de retirada occupar previamente o *importante ponto de Coimbra*, o que elle de facto ordenou se fizesse, enviando para ahi uma brigada do corpo de Ney (*10-março*), a qual tendo-se retardado

---

[1] Os pormenores d'estas disposições pódem vêr-se em *Soriano*, p. 350 e *Napier*, p. 180.

[2] *Parte official da retirada de Massena* (Doc. n.º 99-A da obra de *Soriano*), dada pelo proprio Wellington ao governo portuguez.

foi substituida n'essa missão pela cavallaria de Montbrun. [1] O coronel Trant, vendo em Coimbra apparecer os exploradores d'esta cavallaria, e ouvindo o estrondo da artilharia para os lados de Pombal no dia 11, suppoz justamente que o exercito luso-britantannico vinha em perseguição do inimigo e apezar da ordem que tinha de retirar para o Douro, deliberou oppôr-se á passagem do Mondego, o que facilmente conseguiu (*12-março*) só com as diminutas tropas de que dispunha. [2]

Segundo se crê, parece que Montbrun se persuadiu que os reforços inglezes (*7:000 hom.*), chegados ao Tejo nos primeiros dias de março, haviam sido mandados por mar para o Mondego, sendo por elles que Coimbra se achava por então defendida. Foi este erro que embaraçou a realisação do projecto de Massena, decidindo-se este em tal caso, a mudar a sua linha de retirada para a *importante posição da Murcella*, que já tinha mandado occupar pelo corpo de Drouet para se assegurar em caso de necessidade das passagens do Alva. Com os movimentos necessarios [3] para esta mudança perdeu 2 dias do avanço que levava sobre os alliados, e desde então Wellington considerou-se bastante forte para o perseguir de mais perto.

Se na realidade Coimbra se achasse occupada por uma forte divisão, a passagem do Mondego, quando o exercito anglo-luso apertasse fortemente a retaguarda dos francezes, havia de lhe ser difficil senão impossivel, sendo portanto muito racional desistir de o atravessar como resolveu Massena. Sendo, porém, essa occupação de Coimbra uma illusão devida a quem fez o reconhecimento, o general Pelet diz com muita razão que Massena não deve ser d'isto o responsavel. Em todo o caso é certo que ficou inteiramente mallograda a parte essencial do seu plano de retirada para o norte do reino, e teve de se internar por caminhos difficeis [4] entre o Mondego e as altas serras da Estrella, paiz já devastado, e onde poude ser muito incommodado pelas milicias operando com segurança no seu flanco do lado do rio, [5] ao passo que o grosso do exercito continuou a perseguil-o pela retaguarda.

Comtudo em toda essa parte do paiz existem vantajosas posições para um exercito em retirada, e os francezes souberam

---

[1] *Napier*, p. 186 e *Soriano*, p. 361.

[2] *Soriano*, p. 359, dá curiosos pormenores a respeito d'esta defeza de Trant em Coimbra.

[3] *Napier*, p. 193, e *Soriano*, p. 361.

[4] Para poder marchar por elles e tornar mais agil a marcha das tropas, encravou-se uma grande quantidade de peças de artilharia, e inutilisaram-se cavallos, munições e bagagens. (*Soriano*, p. 365, 368 e 373).

[5] *Napier*, p. 207, *Soriano*, p. 363, 373.

muito bem aproveita[1]-as para cobrir a sua retaguarda e demorar a marcha dos seus perseguidores. [1]

E' justo notar-se n'este logar que foi devida á pericia e talento do marechal Ney, [2] commandante da guarda da retaguarda do exercito francez, a boa escolha d'essas posições em que habilmente disputou o terreno aos alliados, dia a dia, desde o *Pombal* (*11-março*) até que o exercito francez se viu outra vez senhor de *Celorico* e *Guarda* (*21-março*), d'onde logo abriu uma communicação com Almeida.

Essas posições de combate das quaes mal póde fazer-se idéa clara pelas vagas noticias dos diversos historiadores da guerra peninsular [3] forem successivamente: *Pombal*, *Redinha*, *Condeixa*, *Casal Novo*, *Foz d'Arouce* e *Ponte da Murcella* sobre o Alva. Lord Wellington por uma serie de movimentos de flanco bem combinados, reunidos com vigorosos ataques de frente, conseguiù repellir dia a dia os francezes de todas essas posições, não obstante elles para difficultarem a sua approximação lançarem o fogo a todas as povoações por onde passaram, e cortarem as pontes do *Eça*, *Ceira* e *Alva*.

Todavia, depois que passou este ultimo rio, Wellingtou viu-se forçado a suspender a marcha do grosso do seu exercito, na *serra da Moita* por alguns dias (*21 a 26 de março*), não por causa da resistencia dos francezes que n'esse tempo estavam já para os lados da Guarda e Almeida, mas pela grande falta de viveres, a ponto dos soldados caírem no chão de fraqueza e até morrerem alguns de fome.

Temos aqui um notavel exemplo da grande influencia que o serviço de subsistencias exerce nas operações da guerra. Se os fornecimentos do commissariado portuguez tivessem sido regularmente feitos, é de crêr que a perseguição de Massena tivesse sido mais prompta e mais funesta para os francezes do que realmente foi. Wellington queixou-se varias vezes do commissariado e até da regencia a respeito das privações que faziam soffrer ás tropas portuguezas.

Eis uma prova curiosa d'isso: [4]

«A idéa favorita de alguns membros do governo é a de que as tropas portuguezas só precisam de pouco alimento, podendo até mesmo *passar*

---

[1] *Parte official da retirada de Massena* (*por Wellington*), atraz citada.

[2] *Soriano*, p. 357, diz que Ney tinha fama de ser um dos mais habeis generaes na arte das retiradas.

[3] Seria por isso conveniente que d'ellas se fizessem reconhecimentos especiaes.

[4] Extracto d'uma *carta de Wellington*, citada por *Soriano* a p. 372.

inteiramente sem elle. No numero das boas qualidades que ellas têem sobresáe particularmente a de supportarem as privações com paciencia; mas *não se póde cumprir com as obrigações de soldado sem comer.* Tres homens da brigada do general Pack morreram de fome hontem (*19-março*) no caminho, e uns 150 pouco mais ou menos, cairam no chão de fraqueza, e muitos d'estes têem morrido por similhante causa.»

Em consequencia pois da falta de subsistencias a perseguição continuou no dia 20 só pela divisão de tropas ligeiras, auxiliadas pelas forças de milicias de Trant e Silveira, que a esse tempo estavam em Fornos e Trancoso.

A ultima parte da retirada de Massena, desde que se viu livre dos desfiladeiros do Mondego até que entrou em Hespanha, foi um erro que podia ser muito funesto ao seu exercito, se Wellington não se visse forçado a parar antes de chegar a Celorico, como se vae vêr.

O caminho mais curto d'essa villa a Hespanha era o de *Almeida* e *Cidade Rodrigo*, praças que estavam ainda em poder dos francezes, constituindo a sua primitiva base de operações, e onde podiam chegar em 3 a 4 dias de marcha sem difficuldade nenhuma. Era isso o que ardentemente desejavam os seus generaes, officiaes e soldados extenuados com as privações e fadigas da sua penosa retirada. [2] Massena decidiu-se, porém, a demorar-se em Portugal o maior tempo possivel, procurando dar á sua retirada a apparencia d'uma simples mudança de posição. Seria humilhante para tão insigne marechal da França repassar precipitadamente uma fronteira que tão felizmente havia atravessado ha cerca de meio anno.

Não lhe dando cuidado algum as referidas praças que os alliados não poderiam tomar por falta de artilharia de sitio, concebeu o plano de passar para a Beira Baixa, onde tinha esperança de achar recursos, estabelecer-se na fronteira do Erges, e retirar-se em caso de necessidade para Coria e Plasencia a ligar-se com as outras tropas francezas sobre o valle do Tejo.

Uma vez assentado este seu novo plano deu as ordens necessarias (*22-março*) para fazer recolher ao abrigo das duas praças os feridos e doentes e para o exercito se dirigir sobre a *Guarda* e *Belmonte*, a fim de deixar lord Wellington incerto sobre os seus projectos.

Estas disposições surprehenderam o marechal Ney, que julgou do seu dever fazer-lhe uma representação em sentido contrario, [3] em que lhe mostrava a urgente necessidade de pôr quanto

---

[1] *Fririon. Journal Historique.*
[2] *Ibidem*, p. 165, dá por extenso essa representação.

antes o seu exercito ao abrigo das praças de *Almeida* e *Cidade Rodrigo*, para lhe dar descanço, abastecel-o, reorganisal-o e finalmente vestil-o e calçal-o, o que não se podia fazer continuando as operações em Portugal. E como Massena não desistiu do seu projectado movimento, Ney recusou-se formalmente a cumprir as suas ordens, em virtude do que lhe foi retirado o commando do 6.º corpo e dado a Loison por ser então o general de divisão mais antigo.

Napier [1] classifica o ultimo plano de Massena como *muito importante:*

«De Guarda à Zarza Maior et Coria, il y avait deux jours de marche de plus que de Guarda à Ciudad-Rodrigo, mais l'armée française de Portugal aurait eu l'air, en ce portant sur ce dernier point, d'une armée battue que cherche un refuge et du secours dans ces forteresses et dans ces réserves; au lieu qu'en atteignant *Coria*, un grand mouvement de guerre se trouvait exécuté, et ôtait à la retraite tout apparence d'avoir été forcée. Une direction concentrique et rapprochée aurait été donnée aux trois armées, du sud, du centre, et de Portugal; et une forte démonstration contre Lisbonne aurait infailliblement ramené lord Wellington sur le Tage. Les conquêtes de la campagne, *Ciudad-Rodrigo*, *Almeida*, *Badajoz* e *Olivenza*, eussent été conservées, pendant que l'armée du nord aurait protégé la Castille et menacé la frontière du Portugal. Masséna, après avoir mûri ce plan, donna les ordres, le 23, pour le faire exécuter; *mais Ney fit avorter ce plan.*

Em vista dos factos, que dentro em pouco se seguiram, parece-nos pouco justa esta accusação feita a Ney.

Um d'esses factos foi *o precipitado abondono da Guarda* pelo corpo de Reynier (*29-março*), sem oppôr a minima resistencia aos alliados, n'essa *posição quasi inexpugnavel*, quando elles se dispozeram a atacal-a. [2]

Outro facto foi *a perda do combate do Sabugal* (*3-abril*), em que o exercito francez occupou uma *excellente posição atraz do Côa*, [3] mas onde tambem não pôde sustentar-se.

Outro, finalmente, foi *a retirada para Cidade Rodrigo* e d'aqui para as immediações de Salamanca, onde Massena deu então ás suas cançadas tropas o repouso e a reorganisação de que tanto precisavam.

O tal plano de Massena ficou portanto reduzido a um inutil rodeio pelo alto Côa, cujo resultado final foi precisamente o mesmo, a que Ney pretendia chegar sem mais sacrificio de gente.

Não podemos pois deixar de ter por falso e calumnioso para

---

[1] Tomo 6.º, p. 210.
[2] *Soriano*, p. 377.
[3] *Napier*, p. 214.

este general appellidado — *o bravo dos bravos* — o que Napier nos diz no fim da passagem acima transcripta. A verdadeira causa que fez abortar o projecto de Massena foi, a nosso vêr, o grande estado de miseria e fraqueza a que tinha chegado o seu exercito, o que se acha confirmado por *Fririon*, [1] como se vê no seguinte extracto:

«La marche de Celorico par Guarda, Sabugal et Alfaiates pour revenir ensuite à Ciudad-Rodrigo, retarda l'armé de plusieurs jours, et *ne contribua qu'à augmenter considérablement ses fatigues*. Si le prince d'Essling s'était rangé à l'avis du duc d'Elchingen (*Ney*), qui voulait qu'on se dirigeât directement de Celorico sur la province de Salamanque, les troupes eussent trouvé le *repos qui leur etait indispensable et les vivres nécessaires* dès le 25 ou le 26 mars. Mais des motifs puissants que nous avons déduits plus haut s'opposaient au plan preposé par le maréchal Ney. Il faut néanmoins reconnaitre que le détour par Alfaiates *acheva d'epuiser l'armée* au point que le maréchal Masséna crut nécessaire de la faire séjourner dans les environs de Ciudad-Rodrigo avant de lui faire prendre des cantonnements dans la province de Salamanque».

Plano offensivo de Wellington. — A esse tempo (*abril de 1811*) o generalissimo inglez pensava já em transferir para Hespanha o theatro da guerra, tomando a offensiva: [2]

Por dois modos podia então dirigir as suas operações para esse fim:

1.º Suppondo que Massena não podesse por muito tempo fazer tentativa alguma séria contra Portugal, Wellington podia n'este caso conservar-se em posição defensiva na fronteira da Beira, e marchar com as forças destacadas no Alemtejo (22:000 hom.) contra Soult, para o obrigar a levantar o cêrco de Cadiz, retomada que fosse a praça de Badajoz.

2.º Sitiar as praças de Almeida e Cidade Rodrigo, e logo que fossem tomadas, marchar de repente para o interior da Hespanha, abrindo uma communicação com Valencia e o exercito da Sicilia. Esta vasta concepção livraria de inimigos a Andaluzia com tanta certeza como uma operação directa, porque em tal caso Madrid, o grande deposito dos exercitos francezes, cairía nas mãos dos alliados, o exercito do norte ficaria separado do exercito do sul, e a base das operações militares dos inglezes fixar-se-ía momentaneamente nas costas do Mediterraneo; por conseguinte concentrar-se-iam n'uma massa todas as forças hespanholas e luso-britannicas, podendo decidir-se então n'uma ou duas batalhas a sorte da Hespanha.

---

[1] *Journal Historique*, p. 190.
[2] Vide a este respeito *Napier*, p. 227, traduzido por *Soriano*, p. 407.

Preoccupado lord Wellington com este segundo plano, pediu reforços ao seu governo, e entretanto adaptou a direcção das suas operações ás circumstancias que tiveram logar, sem nunca perder de vista esse plano.

Havendo noticia de que a praça de *Almeida* tinha viveres só para uns 10 a 15 dias, mandou bloqueal-a (*9-abril*) a fim de fazer render pela fome a sua guarnição (1:500 hom.) e tomou com o grosso do exercito uma posição de observação entre os rios Côa e Agueda, ficando o seu quartel general em *Villar Formoso*.

Alguns dias depois (*15-abril*), Wellington teve por necessario dirigir-se a Badajoz, para pessoalmente vêr as operações de Beresford, que tinha facilmente retomado aos francezes a nossa praça de *Campo Maior* [1] (*24-março*), e estava então tratando de sitiar Badajoz.

Massena havia pela sua parte reunido a si as forças que pôde, e dispunha-se a soccorrer Almeida com o maior empenho, havendo-se para este fim dirigido de Salamanca para Cidade Rodrigo logo que soube da ausencia de Wellington. Mas este, avisado a tempo, voltou promptamente ao Côa (*28-abril*), e teve então logar a batalha de *Fuentes de Oñoro* (*5-maio*), que se pode dizer foi ganha pelos alliados, ainda que os francezes reclamam tambem para si a victoria. [2]

Massena retirou-se então definitivamente das margens do Agueda para Salamanca, fazendo avisar o general Brenier, governador da praça de Almeida, da impossibilidade que havia em poder ser soccorrido, e que por conseguinte fizesse saltar aos ares as fortificações, salvando-se elle e a guarnição como lhe fosse possivel. Esse general teve a fortuna de sahir-se bem de tão temeraria empreza na noite de 10 para 11 de maio.

Commentarios. — Assim terminou a terceira e ultima invasão dos francezes em Portugal, oito mezes e meio depois que, por effeito d'outra explosão, se haviam apoderado da mesma praça.

Massena foi vencido, não pela força das armas que destruisse o seu exercito, mas sim pela fome ou escassez de subsistencias e pela falta de soccorros para forçar o grande campo entrinchei-

---

[1] Sobre esta operação e a heroica defeza de *Campo Maior* pelo major *Talaya* póde vêr-se a *Revista Militar* de 1853, p. 364, alem da obra de *Soriano*.

[2] Os pormenores d'esta batalha podem vêr-se em *Napier*, p. 248 a 261 — *Soriano*, p. 411 — *Fririon*, p. 201.

rado da capital, o que o obrigou a retroceder para Hespanha, perdendo ao todo uma terça parte do seu exercito. [1]

Eis a apreciação final da conducta de Massena, feita por *Fririon:*

«L'armée échoua parce qu'elle manqua de moyens; parque qu'elle ne fut pas secondée; parce que, trop sûre d'elle même, elle s'aventura sans précautions dans un pays difficile et dévasté, marchant droit devant elle, bien persuadée que la conquête qu'elle était chargée d'entrependre se resumera dans la prise d'une capitale.

«On a pu se convaincre que pour réussir en Portugal, il était indispensable de réunir des approvisionnements considerables, de former des magasins pour plusieurs mois, et d'échelonner ses ressources à mesure que l'armée envahissante pénétrait dans le pays, s'avançant lentement, le mauvais état des chemins ne permettant pas une marche trop rapide. Ces sages précautions ne purent pas être prises. Les vivres étaient rares; la mauvaise saison approchait et le temps manqua. Il ne fut pas possible de rassembler le moyens de transport suffisants; on compta peut-être un peu trop sur les ressources du pays . .

«Quoique la bataille de Bussaco fut inconsidérément livrée, quoique Masséna ne se soit pas arrêté à Coimbre plutôt que de franchir le Mondego, et de ne s'arrêter que devant des remparts inaccessibles sans canons de siége, il etait encore dans toutes les conditions de succés sous les murs de Lisbonne et dans ses fortes position de Santarem, *si la cooperation du 5.º corps se fût effectuée.* Nous avons cherché à demontrer que le Portugal était à nous si les bataillons français qui étaient vers la Guadiana sussent marché franchement sur le Tage, culbutant la Romana ou son successeur, et pénétrant dans les murs de Badajoz . Mais les jours, les semaines et les mois s'écoulérent en vain: l'armée était épuisée, et ni les français de la rive gauche du Tage, ni ceux que le duc d'Istrie avait été chargé de rassembler, ne lui venaient en aide... En vain il s'arrête á Guarda, Alfayates, dans l'espoir qu'il pourra tenir encore quelques jours en Portugal; serré de prés par l'ennemi, auquel le général Reynier oppose une sublime résistence à Sabugal, il se décide à rentrer en Espagne; il y rentre, et se prépara bientôt à livrer une bataille décisive à l'adversaire qui le suit depuis si long-temps. Mais il lui faut des hommes, des chevaux, des canons. . Quoique faible, le prince d'Essling attaque les anglais à Fuentes de Oñoro. On sait que les efforts de l'armée de Portugal y furent admirables, mais que les fautes de quelques uns de ses généraux les rendirent impuissants...

«Enfin, Masséna, vieux, degouté, remplacé, quitta sans regrets cette armée où ses rivaux disaient qu'il avait enseveli sa gloire... Pour être juste, il faut reconnaitre qu'*il fut malheureux, mais non pas inhabile.*»

Ficou assim eclipsada a brilhante estrella do *filho querido da victoria.*

Pela sua parte lord Wellington, não se arriscando a receber o inimigo com batalhas campaes na fronteira; escolhendo para segura base das suas operações militares, não só em defeza de

---

[1] *Napier* avalia esta perda em 30:000 homens. O calculo de *Soriano* p. 397, mostra que essa perda foi apenas de 25:000 a 26:000 homens.

Portugal mas em futuro auxilio da Hespanha, o promontorio entre o mar e o Tejo em que assenta Lisboa, o qual transformou n'um vasto campo entrincheirado pela construcção das celebres linhas de Torres Vedras; e contemporisando sempre até que o axercito francez reputado invencivel fosse reduzido pela fome e pela miseria, como se tivesse sido derrotado n'uma batalha, pôde com o *inexperiente exercito* anglo-luzo zombar triumphantemente de todas as tentativas d'um exercito de veteranos acostumados ás victorias, e zombar egualmente do saber militar dos mais afamados marechaes da França que o commandáram. Foi, como diz *Pinheiro Chagas*, [1] um dos planos mais gigantes, que um homem de guerra póde imaginar.

Inglezes e portuguezes que até então censuravam o prudente *systema contemporisador* do commandante em chefe do exercito luso-britannico, tiveram de confessar a uma voz que só elle havia bem comprehendido nos seus profundos calculos o genero de guerra que no meio de taes circumstancias mais convinha oppôr aos francezes na Peninsula.

O credito de lord Wellington subiu com justificado motivo a grande altura, tendo-se como o unico general capaz de cambater vantajosamente o proprio Napoleão. O governo britannico submetteu-se desde então aos seus dictames, depositando n'elle e no seu saber militar a mais justa e illimitada confiança.

Em apoio d'isso vem aqui a proposito o seguinte trecho de Napier: [2]

«Sir Arthur Wellesley tinha experimentado a fraqueza dos seus amigos, a força dos seus inimigos, e conhecera a fundo a *jactancia hespanhola*. Prevendo que, se a lucta continuasse, não poderia ser senão em *Portugal*, e que, a não ser elle proprio que sustentasse a causa da Peninsula, esta devia succumbir, mudou a sua norma de proceder na continuação da guerra. Redobrou de prudencia sem nada perder do seu vigor; teve de luctar com as melhores tropas francezas e resistiu-lhe. Fez-se insensivel tanto ás intrigas da *regencia de Portugal*, como ao odio não disfarçado do *governo hespanhol;* e, quando algum dos seus generaes accusaram a sua temeridade, e predisseram a ruina do exercito, elle *venceu com um vigor sem exemplo os obstaculos que os ministros inglezes queriam então oppôr-lhe;* e, proseguindo a sua conducta com um passo seguro, mostrou-se egualmente habil para sustentar ou para conquistar reinos.»

As consequencias resultantes da mallograda empreza de Massena foram da mais transcendente vantagem para a guerra da Peninsula. As nações da Europa, oppressas como n'aquella época estavam sendo pelo forte jugo da França, viram que se fossem

---

[1] *Historia de Portugal*, v. 8.º, p. 46.
[2] Op. cit. (v. 4.º, p. 192).

lançadas outra vez na tremenda lucta que a Inglaterra ainda sustentava contra essa formidavel potencia, poderiam tambem a seu turno vencer igualmente os seus exercitos até ali reputados invenciveis. Levantada assim a sua força moral facil foi á politica ingleza leval-as a uma nova colligação contra o imperador Napoleão, que desde então se viu na impossibilidade de reforçar as suas tropas da Hespanha. Wellington pôde por conseguinte operar com mais facilidade n'esta nação, para onde, depois da libertação de Portugal, transferiu o theatro da guerra, levando sempre os francezes adiante de sí de victoria em victoria até ás fronteiras do seu proprio paiz.

D'esta maneira póde dizer-se que o insuccesso da invasão de Massena annullou o colossal poder da França para effectuar novas expedições contra Portugal, onde de facto não voltaram mais.

São muito elucidativas, a nosso vêr, para a boa e racional direcção superior da defeza do paiz, as operações dos dois insignes generaes Wellington e Massena n'esta campanha. Vê-se ahi claramente pela licção ineludivel dos factos quaes foram as linhas e os pontos estrategicos que então se reputaram da maior importancia.

Salvo um ou outro, todos esses elementos materiaes da defeza têem, passado quasi um seculo, a mesma, senão maior importancia estrategica, attendendo ás vias de communicação modernamente construidas em todo o theatro d'operações d'essa campanha.

Assim, a concentração das forças da defeza sobre a linha estrategica marcada pelas posições da *Guarda*, *Celorico*, *Trancoso*, ou sobre a linha das *Talhadas* na Beira Baixa, ou ainda sobre ambas essas linhas, a exemplo do que fez Wellington, é hoje consideravelmente muito mais facil e importante, graças ás duas linhas ferreas que vão convergir na *Guarda*, circumstancia que engrandece muito a antiga importancia militar d'esta cidade, tornando-a um ponto estrategico de primeira ordem.

Pelos mesmos motivos a linha d'operações da Beira Alta, hoje bem caracterisada pela linha ferrea de Villar Formoso á Pampilhosa, e abrangendo um feixe de boas estradas ao longo d'essa linha, tanto na direita como na esquerda do Mondego, já não tem as difficuldades com que Massena esbarrou na sua marcha até *Vizeu* e *Coimbra*. E desde que o inimigo esteja senhor d'estes importantes pontos, póde com grande facilidade dirigir d'ahi as suas operações quer sobre o *Porto*, quer sobre *Lisboa*, os dois objectivos essenciaes de todo e qualquer plano para a conquista de Portugal. E' pois uma *linha d'operações interior* muito perigosa para a defeza, o que não succede nas linhas de invasão

pelo Alto Alemtejo, que muitos consideram como mais provavel por ser mais curta em relação a Lisboa, embora tenha de atravessar o grande obstaculo constituido pelo rio Tejo, e não ameace ao mesmo tempo o *Porto*.

E' egualmente muito mais facil hoje, do que foi a Wellington em 1810, *ligar as operações da Beira com as do Alemtejo*, se fôr bem assegurada a posse da linha ferrea da Beira Baixa, e a das pontes do Tejo em *Villa Velha*, *Abrantes* e *Constancia*, para o que póde vantajosamente concorrer qualquer defeza que se organise sobre a linha das *Talhadas*.

Os bons serviços prestados pelas milicias portuguezas n'esta campanha, são um exemplo notavel da grande utilidade que se pode tirar das tropas de 2.ª linha, cuja organisação se acha hoje entre nós tão desprezada.

O systema devastador do paiz, que constituiu um dos pontos fundamentaes do plano defensivo de Wellington, será bom para exercitos estrangeiros a quem pouco importa acarretar calamidades para aquelles que depois da guerra têem de ficar no paiz. E' impossivel ser seguido por exercitos nacionaes, devendo em logar de tal systema, adoptar-se um outro mais racional que consiste em estudar e preparar cuidadosamente em tempo de paz a maneira de retirar methodicamente para as bases d'etapes e para os grandes armazens da capital todos os recursos do paiz.

O grande sacrificio dos habitantes das provincias da Beira e Extremadura, sujeitando-se a cumprir as duras ordens de Wellington, deve pois considerar-se apenas como um notavel facto nos annaes do patriotismo da nação portugueza.

Não será fóra de proposito deixar aqui consignadas as diversas opiniões que se teem apresentado sobre a questão da *gloria das linhas de Torres Vedras*, que começou a ventilar-se logo depois da retirada de Massena.

Começou a questão pelo facto do major d'engenheiros *Neves Costa* ter feito um requerimento, pedindo uma recompensa pela grande importancia dos serviços que prestára no estudo e indicação das posições que podiam auxiliar a defeza da capital, dando-se por conseguinte como o *iniciador das linhas de Torres Vedras*.

Este requerimento veiu remettido do Brazil para informar aos governadores do reino, os quaes julgaram necessario consultar a esse respeito lord Wellington. O resultado de semelhante consulta foi uma contestação formal, escripta nos seguintes termos: [1]

---

[1] *Officio de Wellington a Forjaz*, (25-abril-1812). — Acha-se publicado na collecção dos *Despachos do duque de Wellington* por *Gurword*, p. 612.

«Nunca tive por habito deixar de elogiar os officiaes que estão debaixo das minhas ordens, quando o merecem, ou de os recommendar á lembrança e generosidade dos seus superiores e do seu soberano; mas protesto solemnemente contra a pretensão do major Neves Costa e do coronel Caula, de se arrogarem a *formação do plano, ou a concepção do systema que se seguiu para a salvação de Lisboa*, debaixo da minha direcção. V. Ex.ª deu-me em 1809 um *plano do paiz* em questão e uma memoria feita pelo major Neves. [1] Todavia sou forçado a declarar que apenas examinei os logares, achei o plano e a memoria por tal maneira inexactas, que nenhuma confiança pude ter n'ellas. E' um facto que, tendo-me referido n'uma occasião ao citado plano e memoria, sem ter reconhecido os logares, vi-me obrigado a fazer uma segunda viagem a Lisboa no mez de fevereiro de 1810, de que resultou mandar destruir as obras que se tinham começado, levantando-se outras em seu logar.»

Não se conformando Neves Costa com esta informação de Wellington, fez em 1814 umas annotações á *Memoria* que tinha escripto em 1809, pelos quaes procura demonstrar que os engenheiros inglezes adoptaram muitas das posições por elle indicadas, que justificaram outras cuja importancia militar critica, e que é injusta a censura do generalissimo inglez. [2]

Em 1816, depois da paz geral, Neves Costa renovou o seu requerimento, sendo então mal informado pelo marechal *Beresford*.

Esta manifesta opposição dos dois generaes inglezes poderá ser tida como suspeita, por não lhes convir offuscar em cousa alguma a gloria que lhes competia pelo bom exito da guerra peninsular. Mas se realmente elles se tivessem aproveitado dos trabalhos do official supplicante é de crêr que o não negassem tão terminantemente perante D. Miguel Pereira Forjaz, amigo e protector de Neves Costa, e que devia saber tão bem como elles até que ponto era ou não verdadeira a pretenção d'este official.

O coronel *Napier*, [3] seguindo a opinião dos generaes inglezes, affirma categoricamente que a iniciativa das linhas pertence a lord Wellington, como se vê pelo seguinte extracto:

«Il était nécessaire de trouver une position qui couvrit Lisbonne, et dans laquelle les forces alliées ne pussent être ni tournées par les flancs, ni forcées sur leur front par un nombre supérieur, ni réduites par la famine, et conservassent une libre communication avec les troupes irregulières réunis autour de l'ennemi. Les montagnes qui couvrent la langue

---

[1] E' aquella de que anteriormente demos noticia; e o *plano* quer evidentemente dizer *planta ou carta* e não *plano de defeza*.

[2] A *Memoria annotada* encontra-se no documento n.º 82-B da obra de *Soriano*. Foi tambem publicada com a respectiva carta na *Revista das Sciencias Militares* no anno de 1884.

[3] Tomo 5.º, p. 308, traduzido por *Soriano*, t. 2.º, p. 526.

de terre sur laquelle Lisbonne est bâtie, donnaient le moyen de résoudre ce probléme. Lord Wellington possédait les plans que sir Charles Stuart en avait fait dresser en 1799, ainsi que les minutes du colonel du génie français Vincent; ces documents précieux montraient comment on devait profiter des montagnes pour défendre la ville.

On y trouva aussi *l'idée des fameuses lignes de Torres Vedras;* toutefois, ces officiers n'avaient envisagé lá défense que comme devant être entreprise par une armée en mouvement, et ayant à résister à des forces égales ou supérieures aux siennes.

Ce fut lord Wellington qui, le premier, conçut le project de transformer ces vastes montagnes en une immense et inexpugnable citadelle, dans laquelle serait renfermèe l'indèpendance de toule la Pèninsule.»

Em 1821, quando Beresford já tinha sido expulso de Portugal pela revolução liberal, o major *Neves Costa* insistiu na sua pretenção, dirigindo a S. M. o Senhor D. João VI, uma outra memoria sobre a questão. [1] Intitula-se:

«*Exposição dos factos pelos quaes se mostra ter sido portugueza a iniciativa do projecto proposto em geral para a defeza de Lisboa, que precedeu e continha as bases do projecto particular, posto depois em pratica no anno de 1810.*»

O auctor allega ahi ter sido elle quem promoveu e executou os trabalhos de *reconhecimento militar do terreno*, em que depois se estabeleceram as linhas, e ter indicado na respectiva memoria descriptiva muitas das posições, que depois foram comprehendidas nas mesmas linhas. Julgava portanto ter sido o seu iniciador, e como tal ter dircito a uma recompensa.

O general *Palmeirim*, [2] cuja opinião é de grande peso n'este assumpto, não só pela sua alta reputação e merito, como por ter examinado todos os documentos relativos a esta questão, [3] é de parecer que — «*os trabalhos de Neves Costa effectivamente serviram de base ao levantamento das linhas de Torres Vedras*, cujo pensamento os inglezes se adjudicaram, e que tão virentes louros tem valido a lord Wellington.»

O tenente coronel d'engenheiros, *Moreira de Bergara* é de opinião semelhante á do referido general: [4]

«Todos conhecem a importancia do que foram para a defeza de Lisboa, em 1810, as celebres linhas, denominadas de Torres Vedras, diante

---

[1] Encontra-se em *Soriano* (E. 2.ª, t. 2.º, p. 519 a 535).

[2] *Ineditos militares portuguezes*, artigo inserto na *Revista Militar* de 1849.

[3] O barão *Wiederhold* diz que estes documentos se extraviaram das mãos do general Palmeirim em 1865.

[4] *Linhas de Torres Vedras*, Rev. Mil. de 1849, pag. 201.

das quaes parou a invasão franceza, originando depois a retirada do exercito do marechal Massena; mas nem de todos é sabido, que houve um official portuguez, o fallecido brigadeiro Neves Costa, que antes do estabelecimento d'aquellas linhas, reconheceu e recommendou as posições, que por ellas foram occupadas, e executou os trabalhos topographicos, de que depois se utilisaram os engenheiros inglezes, quando o duque de Wellington ordenou a sua construcção. E' possivel, acreditamos mesmo, que o duque, em quem todos os militares instruidos não podem deixar de vêr um habilissimo general, observando por si mesmo a topographia do terreno existente ao norte da nossa capital, possuindo já algumas plantas d'aquelle terreno, e ignorando até que *outrem houvesse imaginado a possibilidade da defeza de que se trata,* concebesse a formação das linhas, que tanta gloria lhe deram; nem aquella *ignorada iniciativa* diminue cousa alguma a essa sua gloria; mas é de certo muito lisongeiro para o brigadeiro Neves Costa vêr confirmado por tão distincto general, o bom juizo estrategico que formara das alturas que em parte circundam Lisboa, alguns annos antes, o que prova os conhecimentos que possuia da arte da guerra; assim como não é menos provavel, que os trabalhos topographicos por elle executados devem ter concorrido bastante para facilitar a realisação d'aquellas linhas. Este *ponto de honra nacional* parece-nos digno da attenção publica.»

Claudio de Chaby, [1] n'uma noticia biographica de Neves Costa, diz o seguinte ácerca do facto em questão:

«O que é certissimo é que aproveitados ou não por lord Wellington os trabalhos do nosso compatriota, elles existiram e foram presentes ao conspicuo lord; e que, se por mais de uma razão importaram para os creditos do engenheiro portuguez invejavel honra, não menos denunciaram o ardente e exemplar amor da patria, pelo qual durante a vida inteira foi animado e estimulou a pratica dos muitos e valiosos serviços por elle prestados á causa publica.»

Soriano, [2] examinando minuciosamente a citada *Exposição* de Neves Costa, e rebatendo uma por uma as allegações que ahi faz, conclue dizendo:

«A honra e louvor do *levantamento das linhas* de Torres Vedras não podem com justiça ser negadas a lord Wellington, por haver sido obra das suas proprias concepções e plano, embora a lembrança d'ellas e a confecção de algum outro plano, que para a defeza de Lisboa tivesse anteriormente havido e fosse por elle visto, pertença a quem quer que fôr.»

N'um interessante artigo, [3] devido á penna do capitão de engenharia *Antonio Sarmento da Fonseca*, lê-se:

«John Jones attribue a lord Wellington a idéa e aos engenheiros inglezes o delineamento das linhas de Torres Vedras; documentos da epo-

---

[1] *Excerptos historicos*, vol. III.

[2] Epocha 2.ª, t. 2.º, p. 519 a 535,

[3] *A engenheria militar portugueza no seculo XIX*, artigo inserto na *Revista de Engenheria Militar*, dezembro de 1909.

cha demonstram, porém, á evidencia que foi ao tenente coronel Neves Costa que se deveu a concepção d'este *grandioso plano de defeza*, que depois foi levado a effeito, em grande parte, por muitos dos nossos mais prestimosos officiaes, sob a direcção do coronel Fletcher.

A gloria do grande general inglez não perde nada do seu brilho, com esta justa reivindicação da nossa historia.»

Pinheiro Chagas [1] destrinça claramente a parte da gloria que cabe tanto a Wellington como a Neves Costa e outros engenheiros:

«Tem-se travado ultimamente lucta entre varios escriptores para se saber se a gloria da idéa das linhas de Torres Vedras se deve attribuir a lord Wellington, se ao major engenheiro portuguez Neves Costa. Depois de attento estudo, viemos á conclusão de que os auctores que discutiam o assumpto, taes como o sr. Luz Soriano, não tinham formado a minima idéa da *verdadeira importancia militar das linhas de Torres Vedras*. E' certo, é certissimo que não foi lord Wellington que descobriu que os pontos que formaram a linha entrincheirada de Torres Vedras eram excellentes para a defeza de Lisboa. Já muitos engenheiros antes d'elle, não só Neves Costa, mas outros portuguezes, francezes e inglezes tinham reconhecido o terreno, e indicado os pontos que foram exactamente aproveitados depois pelo general inglez. *Mas o que ha de grande nas linhas de Torres Vedras é a concepção estrategica de lord Wellington, é a idéa de retirar com as suas tropas para aquelle campo entrincheirado*, que dando-lhe todos os recursos de uma grande cidade proxima, lhe facilitava ao mesmo tempo o embarque seguro e independente do destino de Lisboa.

Como defeza da capital não era a primeira vez que as linhas de Torres Vedras se indicavam, mas *Wellington, mandando-as construir não tratava de defender Lisboa, tratava de fazer uma cidadella que lhe assegurasse a sua persistencia no terreno peninsular.*

«Não merece portanto a pena discutir se a Neves Costa cabe ou não a gloria de ter adivinhado a importancia das posições de Torres Vedras. Elle encarou-as debaixo do ponto de vista da defeza de Lisboa, Wellington debaixo do ponto de vista estrategico. A gloria do general inglez consiste na *concepção do plano de campanha*, a gloria dos seus engenheiros na *habil construcção das linhas* com relação ao fim que tinham a preencher, o de *servirem de campo entrincheirado a um grande exercito.*»

Tendo em vista o que fica exposto, e attendendo a que uma coisa é fazer o *reconhecimento do terreno*, outra é aproveitar esse reconhecimento para um fim determinado, póde affirmar-se que a gloria das linhas de Torres Vedras compete a mais de que um individuo. Assim:

A *descoberta* da importancia militar do terreno em que foram construidas as linhas deve-se ao engenheiro francez *Vincent*, como se prova pelo seu estudo apresentado em 1808.

---

[1] *Historia de Portugal*, v. 8.º, p. 47.

O *reconhecimento circumstanciado* do mesmo terreno, completando o trabalho d'aquelle engenheiro, é a parte que compete ao patriota e benemerito Neves Costa.

A *escolha das posições a fortificar*, constituindo um vasto campo entrincheirado para servir de base ao grandioso plano de defeza concebido por lord Wellington, pertence indubitavelmente a este insigne general, como se vê no seu *Memorandum* de 1809.

A *direcção das obras* de fortificação sobre as posições determinadas por Wellington compete ao engenheiro inglez *Fletcher*, e aos engenheiros inglezes e portuguezes sob suas ordens.

CAPITULO IV

Campanhas de 1812 a 1814

Libertado o reino de Portugal da invasão do exercito de Massena, que foi batido por Wellington na batalha de Fontes de Honor (*3 a 5-maio*), e mallograda a invasão do exercito de Soult pelo Alemtejo, batido por Beresford na batalha de *Albuera* (*16-maio*), planeára aquelle marechal general, como já vimos, transferir a guerra para Hespanha, passando a tomar a offensiva com o fim de libertar tambem esta nação do jugo das tropas francezas.

A empreza não era nada facil, porque havia uma grande desproporção entre a totalidade das suas forças (70:000 hom.) e as dos francezes na Hespanha que montavam a cêrca de 370:000 homens com 52:000 cavallos, [1] mal podendo contar-se com o auxilio das tropas hespanholas, que haviam sido derrotadas por toda a parte.

Porém a firme crença de lord Wellington na proficuidade dos planos que ideára e a sua intima convicção quanto ás vantagens que para a Inglaterra e Portugal resultariam do proseguimento da sua lucta contra a França, levaram-no a não se aterrorisar com similhantes circumstancias, a par das quaes havia outras de ordem politica muito favoraveis áquelle plano.

Desde janeiro de 1811 já se previa a probabilidade de Napoleão ter que sustentar uma guerra contra a Russia, que não queria submetter-se ás suas exigencias para levar a effeito o bloqueio continental contra os inglezes.

Por outro lado as successivas derrotas de Junot, Soult e

---

[1] A situação da Hespanha e das tropas francezas a esse tempo encontra-se na obra de *Soriano* (E. 2.ª T. 4.º P. 1.ª, p. 3).

Massena em Portugal, haviam patenteado ao mundo inteiro a illusoria fama da invencibilidade das armas de Napoleão, o que devia animar as outras nações da Europa a levantarem-se tambem contra a sua omnipotencia, como de facto fizeram em 1813, constituindo a sexta e última coalisação.

Para realisar o seu plano, Wellington julgava indispensavel apoderar-se primeiro que tudo das praças de *Cidade Rodrigo* e *Badajoz*, que estavam em poder dos francezes, e eram pontos estrategicos importantes, tanto para estes invadirem novamente Portugal, como para os alliados executarem qualquer movimento offensivo em Hespanha.

A situação d'essas fortalezas nos dois caminhos principaes, que ligavam a Hespanha a Portugal, dava-lhes com effeito grande importancia estrategica. «Eram, por assim dizer, as portas por onde deveria passar qualquer exercito que operasse de Hespanha contra Portugal, ou vice-versa; pois emquanto o inimigo se conservasse senhor d'ellas nenhum movimento poderia ser executado para alem de qualquer das duas, a não ser que se deixasse uma força sufficientemente grande para as cercar e conter dentro de suas muralhas as guarnições; e a não se deixar uma tal força, como acabamos de dizer, cercando-as, não passariam reservas e abastecimentos a salvo pelos caminhos que seguem por junto d'ellas »

«Por isso, emquanto os francezes estivessem senhores d'estas duas fortalezas, Wellington, que não commandava um exercito muito numeroso, *estava impossibilitado de executar qualquer movimento offensivo sobre a Hespanha*, e emquanto se não podesse operar um tal movimento, era evidente a impossibilidade de libertar a Peninsula.»

«Alem d'isso os francezes, occupando as duas praças, achavam-se em posição de poderem *tentar ao mesmo tempo uma invasão por duas linhas differentes;* e os alliados não eram em força sufficiente para se lhes oppôrem convenientemente nas duas referidas linhas ao mesmo tempo. Assim, se o marechal Soult concentrasse o exercito do sul (55:000 hom.) sobre Badajoz, e ameaçava avançar sobre *Elvas* (e d'ahi pelo Alemtejo sobre Lisboa). Wellington vêr-se-hia obrigado a deixar *Almeida* e a dirigir-se para o sul, deixando de cobrir assim a estrada que passa por esta fortaleza contra Marmont, que occupava Salamanca e Valladolid com 50:000 homens, ou contra Dorsene (48:000 hom.) nas provincias do norte da Hespanha.»

«Do mesmo modo se Marmont ou Dorsenne avançassem sobre *Almeida*, e ameaçassem Portugal com um ataque por este lado, Wellington teria de se lhes oppôr, e portanto o corpo de Hill (10:000 hom.), que observava a fronteira do *Alemtejo*, e a

praça de *Elvas* ficariam sem ter quem lhes prestasse apoio contra Soult.»

«Por outro lado eram por si bastante fortes estas praças, e offereciam bons depositos para reservas.»

«Egualmente, toda a equipagem de sitio do exercito de Marmont havia sido depositada em Cidade Rodrigo, e os francezes não possuiam outra mais proxima senão em Madrid. A sua preza tornaria portanto impossivel por um longo periodo o pôr cêrco a *Almeida.*»

«Tambem é facil de vêr que não seria sufficiente para Wellington tomar *unicamente uma d'estas praças*, porque a posse de uma sô d'ellas não o habilitaria a emprehender com vantagem qualquer operação contra os francezes.»

«Por exemplo, se tomasse Cidade Rodrigo e d'alli avançasse para a frente contra Dorsenne ou contra Marmont, um movimento offensivo de Soult operado de Badajoz sobre *Elvas* obrigal-o-hia a retroceder para vir salvar *Lisboa.* Do mesmo modo, se tomasse sómente Badajoz, não poderia avançar para a frente contra Soult, pois que um ataque sobre *Almeida* obrigal-o-hia a retroceder novamente para o norte.» [1]

Taes eram as razões por que era necessario a Wellington tomar *Cidade Rodrigo* e *Badajoz*, e já no segundo semestre de 1811 fizera tentativas para isso, mas com mau exito, porque os francezes vieram em soccorro das duas praças com forças consideraveis.

A empreza ficou adiada para o principio da seguinte campanha de 1812, tendo entretanto Wellington feito os preparativos com muito segredo afim de occultar a sua intenção e surprehender o inimigo.

Foi assim que, tendo-se preparado em Lisboa um poderoso trem de sitio com a sua equipagem completa, foi tudo ostensivamente embarcado como tendo destino a Inglaterra. No mar, porém, foi esse trem passado para barcos mais pequenos, e dirigido para o *Porto*, e d'ali pelo Douro acima, e por terra, para *Lamego.* D'este ponto foi depois transportada a salvo para *Almeida;* e com tanta reserva foi esta operação dirigida, que nem o exercito inglez nem o francez suspeitaram que estivesse em projecto qualquer cêrco, imaginando-se que a artilharia era unicamente destinada para armar e tornar forte a praça de *Almeida*, que cobria os acantonamentos occupados pelas tropas de Wellington sobre o Côa.

---

[1] **Robinson**, *A guerra da Peninsula*, publicada no *Exercito Portuguez*, annos de 1883 a 1884.

Depois d'isso foi ordenado ás tropas que preparassem fachinas e cestões nos seus acantonamentos, e arranjou-se a occultas dentro da praça de *Almeida* uma ponte de cavalletes, que havia de ser lançada sobre o rio *Agueda*.

Pelos fins de dezembro estavam estes preparativos acabados, e o exercito prompto para começar as operações. Foi ordenado ao general Hill que avançasse para a Extremadura hespanhola, afim de attraír a attenção de Soult, emquanto Wellington, saindo dos seus acantonamentos do Côa, passou a toda a pressa o Agueda (*9-jan.-1812*) e começou o *cêrco de Cidade Rodrigo*. Depois de 12 dias de cêrco, chegou a formar-se uma brecha praticavel, e deu-se então o assalto (*19-jan.*) com ousadissima coragem, caíndo a praça em poder do exercito anglo-luso. Marmont não teve tempo de vir em soccorro da praça. Wellington assegurou a sua posse e fez retirar o exercito para os anteriores acampamentos nas margens do Côa.

Conseguida assim a primeira parte da empreza que procurava, voltou então a sua attenção para a tomada de *Badajoz*, praça muito mais forte que Cidade Rodrigo; e como os francezes estavam agora prevenidos era preciso proceder nos preparativos com redobrado segredo.

Assim, estabeleceram-se depositos de mantimentos em *Celorico*, e outros preparativos a que haveria de se recorrer se se intentassem operações para alem de *Cidade Rodrigo*. Ao mesmo tempo foi enviado do Tejo, de *Lisboa* até *Abrantes*, um trem de pontes destinado á passagem do *Guadiana*, dando-se ordem para d'ali seguir em carros para *Elvas*. Foi tambem embarcada em Lisboa uma equipagem de sitio, ostensivamente com destino para o Porto, mas que, mudando de rumo no mar, foi desembarcar em *Setubal*, e d'ahi transportado em barcos pelo rio Sado até *Alcacer do Sal*, d'onde seguiu em carros para *Elvas*.

No principio de março estava tudo prompto e o exercito em movimento do norte para o sul, ficando Wellington á retaguarda com o seu quartel general no Côa, até ao ultimo momento, com o fim de illudir o inimigo.

No dia 17 de março foi investida a praça de *Badajoz*, e a 7 de abril foi tomada de assalto, depois de uma horrivel carnificina.

Soult não pôde soccorrer a praça, e Marmont, para fazer uma diversão, investíra *Cidade Rodrigo*. Mas Wellington, deixando Hill com 10:000 homens para reparar e guarnecer *Badajoz*, voltou immediatamente para o Côa, e Marmont retirou-se para *Salamanca*.

Ambos os exercitos permaneceram então por algumas semanas em acantonamentos.

São estas as operações que nos offerecem mais algum interesse por terem tido logar na fronteira de Portugal. Vê-se por ellas que não é difficil combinar ao mesmo tempo as operações de ataque e defeza pela *Beira* e pelo *Alemtejo*. E' realmente admiravel como Wellington pôde n'aquelle tempo, em que havia difficuldade de communicações, apparecer opportunamente com a maioria das suas forças ora nas proximidades de *Almeida*, ora de *Elvas*. Hoje isso é evidentemente muito mais facil com a existencia das linhas ferreas e de varias estradas ordinarias que ligam a Beira ao Alemtejo.

As outras operações que tiveram logar no decurso das campanhas de 1812 a 1814, realisaram-se no territorio hespanhol e no sul da França, pouco nos interessando portanto sob o ponto de vista da defeza de Portugal. Por essa razão limitar-nos-hemos aqui a fazer uma rapida synopse das principaes operações, em que o nosso exercito tomou sempre parte importante, e que lhe faz muita honra.

Projectando lord Wellington dirigir-se no interior da Hespanha contra Marmont de preferencia a Soult, tratou primeiramente de cortar as communicações que havia entre esses dois marechaes pela ponte de *Almaraz*, estabelecida e fortificada sobre o Tejo. Ordenou pois ao general Hill que a tomasse por surpreza, o que, apesar de ser muito difficil, foi habilmente conseguido *(18-maio)* [1].

Pouco depois *(13-junho)* Wellington passou o Agueda e dirigiu-se sobre *Salamanca*, onde entrou a 17 de junho, tomando em seguida por assalto os fortes que os francezes ali tinham construido, empreza a que por fim se seguiu a famosa *batalha de Salamanca (22-julho)*, ganha pelos alliados [2]. Marmont foi ferido n'esta batalha, e o seu exercito derrotado retirou-se por *Alba* e *Valladolid* sobre *Burgos*.

Wellington seguiu-o, chegando a Valladolid no dia 30. Tomou ahi muitas peças de artilharia e grande quantidade de provisões, que os francezes haviam deixado para traz na rapidez da sua fuga. Pouco depois, sabendo que o rei José saíra de Madrid *(24-julho)* em auxilio de Marmont, marchou contra elle, que logo voltou a toda a pressa para Madrid, e d'ahi retirou-se na direc-

---

[1] A maneira por que foi conduzida a surpreza de *Almaraz* encontra-se em *Soriano* (v. cit. p. 156).

[2] Como foram realisadas estas operações sobre Salamanca póde vêr-se em *Soriano* (v. cit. p. 168), *Napier* (v. 9.º p. 202) e *Robinson* (op. cit. p. 178).

ção de Toledo, o que facultou a Wellington entrar triumphante n'aquella capital (*8-agosto*).

Soult, por ordem do rei José, levantou o cêrco de Cadiz (*26-agosto*) e evacuou a Andaluzia, indo reunir-se ao rei para os lados de Valencia.

O general Hill, não lhe sendo mais necessario observar Badajoz e o Alemtejo, marchou para leste, tomando uma posição que cobria Madrid pelo sul.

No principio de setembro, Wellington viu-se obrigado a saír de Madrid, marchando novamente para *Valladolid* contra os exercitos francezes, que começavam a concentrar-se para o atacarem. Mas em vista da sua resolução retiraram outra vez para *Burgos*, a cujo castello Wellington pôz cerco, julgando importante a sua tomada.

Este cêrco não foi bem succedido. As defezas do castello eram bastante fortes, o material á disposição de Wellington para o reduzir muito limitado, e a resistencia feita pelos francezes desesperada. Por todas estas causas foram mal succedidos cinco differentes assaltos dados ao castello [1]; e por fim, depois de uma perseverança de 30 dias, e reunindo-se e avançando Soult, José, e o exercito do norte contra elle, viu-se obrigado a levantar o cêrco, começando, no dia 21 de outubro, a retirada conhecida pelo nome de *retirada de Burgos;* e apertado de perto pelos francezes, retirou sobre o Carrion, proximo de Palencia, e depois atravez do Douro para Salamanca, onde se lhe foi reunir o general Hill (*18-nov.*).

O exercito anglo-luso continuou a retirada para *Cidade Rodrigo*, indo pouco depois para os acantonamentos junto do *Côa* e do *Agueda*.

Os francezes foram obrigados a dividir os seus exercitos pelo paiz, occupando pontos distantes, afim de obterem subsistencias.

Assim, posto que no fim do anno de 1812, Wellington se achasse mais uma vez na fronteira de Portugal, e os francezes se conservassem na Hespanha, comtudo muito se havia conseguido. Derrotára um grande exercito n'uma batalha brilhante, libertára a Andaluzia, e a capital da Hespanha; e havia-se ganho um grande prestigio moral para as armas das forças alliados.

Referindo-se a esta campanha, diz *Napier*, que «ella poderá ser sempre considerada como o mais bello feito de guerra de Wellington.»

---

[1] Vêr os pormenores a este respeito em *Soriano* (v. cit. p. 228), e *Robinson* (op. cit.).

O governo britannico, animado com esses successos, e com os desastres de Napoleão na fatal campanha da Russia, enviou a Wellington novos recursos pecuniarios (100:000 libras) e mais gente (25:000 milicianos) para augmentar o estado effectivo do exercito.

Pela sua parte o marechal Beresford tratou de elevar ao seu estado completo o effectivo dos corpos portuguezes, de fortalecer a sua disciplina, e desenvolver a sua instrucção com incessantes exercicios nos campos, durante a quadra invernosa de 1812 para 1813.

«Por esta fórma, diz *Soriano* [1], se levaram as tropas portuguezas a um estado tal de perfeição militar, que desde então não pôde haver exercito algum francez, que com egualdade de forças as podesse vencer em campo.»

Preparou-se tambem um trem de pontes, renovaram-se as equipagens da artilharia, e reuniram-se bastantes tendas para abrigo das tropas nos bivaques.

Na primavera de 1813 chegou-se assim a dispôr de um bello e soberbo exercito, que contava 78:000 homens, em que entravam 6:000 de cavallaria, e 30:000 portuguezes, encorporados com os inglezes, como nas anteriores campanhas.» [2]

«Juntando a estes numeros uns 20:000 homens das tropas da Galliza, que estavam a cargo do general Castanhos, com todas as mais forças hespanholas que lord Wellington tinha debaixo do seu immediato commando, computadas umas e outras em 40:000 homens, vinha o total das forças alliadas, destinadas a aggredirem os francezes no norte da Peninsula, a ser de uns 120:000 homens.» [3]

As forças francezas nas provincias do norte da Hespanha andavam então pelo mesmo numero.

Era da mente de lord Wellington, ao iniciar a campanha de 1813, tornear as defezas que o inimigo tinha feito sobre as margens do Douro. Para esse effeito, entendeu que a melhor linha de operações a seguir era marchar pela sua esquerda, e portanto atravez da provincia de Traz-os-Montes. Uma parte do seu exercito, constituindo a sua ala esquerda, deveria pois atravessar o Douro dentro do nosso territorio, subir até *Bragança* e *Miranda* dirigir-se pela margem direita do mesmo rio até *Zamóra*, e finalmente passar o *Esla*, e ir-se depois unir ás forças da Galliza,

---

[1] Op. cit. p. 379.
[2] *Ibidem*, p. 381.
[3] *Ibidem*, p. 439.

emquanto o resto do exercito, avançando do *Agueda*, forçaria a passagem do *Tormes*.

Para constituir a sua ala direita, Wellington chamou a si o general Hill que passára no Alemtejo os quarteis de inverno com a 2.ª divisão, á qual andava annexa a divisão portugueza do conde de Amarante.

Estas tropas entraram em Hespanha por Valencia de Alcantara (*29-abril*), seguiram por Membrio á ponte de Alcantara (*1-maio*), Zarça la Maior, Moraleja, Chileiros (*4-maio*), e *Terbejo*, onde fizeram alto até ao dia 18 de maio, passando depois para *Alba de Tormes* (*22-maio*).

A esse tempo entrou em Hespanha partindo de *Bragança*, onde se reunira, a ala esquerda (40.000 hom.) sob o commando do general Graham, immediato a lord Wellington, que pela sua parte levantou o seu campo de *Freineda* (*22-maio*), e avançou sobre *Salamanca* juntando-se-lhe Hill durante a marcha.

Todas estas operações se effectuaram sem achar grande resistencia da parte dos francezes, que foram retirando adiante dos alliados até Burgos, e d'aqui até *Vitoria*, onde se travou (*21-junho*) a famosa batalha d'esse nome, em que Wellington tomou ao inimigo toda a sua artilharia, bagagens, e thesouros, obrigando-o ainda a passar para além do Bidassoa. [1]

O dominio dos francezes em Hespanha ficou desde então reduzido ás praças de *Pamplona*, e de *S. Sebastião*, e alguns postos na Catalunha e Valencia.

O grande fim da guerra peninsular estava, por este modo quasi realisado , mas a tarefa ainda não estava concluida, pois que era preciso assegurar os fructos das victorias já alcançadas esmagando o poder de Napoleão. Com este fim se resolveu proseguir a guerra dentro da França, para auxiliar os soberanos alliados na lucta travada com o imperador dos francezes, na Allemanha.»

«Primeiro que Willington podesse aventurar-se a executar este plano, era essencial reduzir as duas fortalezas de *S. Sebastião* e *Pamplona*.»

O marechal general mandára sitial-as ambas, dando o sitio de Pamplona logar a que Soult viesse da fronteira da França em seu soccorro, circumstancia que motivou a *batalha dos Pyrenéos*, [2] na qual os alliados ficaram vencedores, depois de uns oito dias de successivos combates.

Seguiu-se depois d'isso o assalto e tomada da praça de *S. Se-*

---

[1] A descripção, planta, e pormenores da batalha de *Vitoria* encontam-se em *Soriano* (v. citado p. 467) e *Napier* (v. 10.º pag. 256).

[2] Vide os pormenores em *Napier, Soriano* e *Robinson*.

bastião (31-agos.), commettendo-se por esta occasião incriveis horrores no saque porque passou essa praça, que resistira heroicamente durante 73 dias.

A ala esquerda do exercito alliado passou depois o *Bidassoa (7-out.)*, opareção a que se seguiu a capitulação da praça de *Pamplona (31-out.)* e as batalhas das passagens dos rios *Nivelle* e *Nive (13-dez.)*, de que resultou terem os francezes de tomar posição na margem direita do rio *Adour*, terminando assim a campanha de 1813.

A má estação que corria e as enchentes dos rios impediram a continuação das operações militares até o meiado de fevereiro de 1814, em que se tratou de obrigar Soult a abandonar *Bayonna*, para cujo fim se effectuou a passagem do *Adour*, mandando-se a da esquerda contra *Bayonna*, e a ala direita atacar o exercito francez concentrado em *Orthez*, onde teve logar a batalha d'este nome (*27-fev.*), depois da qual Beresford se dirigiu com 12:000 homens para *Bordeaux*, onde os realistas o receberam muito bem, declarando-se pela causa dos Bourbons (*12-março*).

Entretanto os exercitos das potencias colligadas do norte conseguiram, apesar da opposição de Napoleão, entrar em Paris (*31-março*); e em vista do procedimento do Senado n'essa capital e de ser abandonado por alguns dos seus generaes, Napoleão viu-se obrigado a abdicar (*11-abril*), e partiu para a ilha de Elba cuja soberania se lhe deixou.

No dia 10 de abril, ignorando-se ainda no sul da França as occorrencias da capital, Wellington atacou Soult nas posições em que se estabelecera e fortificára junto a *Tolosa*, dando-se a batalha d'este nome, onde portuguezes e inglezes se bateram com extraordinaria valentia contra os francezes que tinham por si as vantagens do numero, da artilharia, e do terreno. Soult retirou-se de Tolosa na noite de 11 para 12, e no dia seguinte soube-se positivamente a tomada de Paris pelos exercitos alliados, e a deposição absoluta de Napoleão.

Suspenderam-se então as hostilidades, e durante o mez de maio os plenipotenciarios das nações alliadas entraram em conferencias secretas com a França, de que resultou o tratado de paz de 30 de maio de 1814.

Findára portanto a guerra em que as differentes nações da Europa se achavam ha tanto tempo empenhadas contra a França. A principal causa d'esta conclusão é assim expressa por um dos nossos mais abalisados diplomatas d'aquelle tempo. [1]

---

[3] **Duque de Palmella**, *Quadro Politico*, escripto a 20 de junho de 1814, e transcripto na obra de *Soriano* (E. 2.ª T. 4.º P. 2.ª, p. 309).

«Todos concordam agora em pensar que Bonaparte n'estes ultimos dois annos havia perdido muito d'aquella intensa actividade e promptidão de espirito, que caracterisou o principio da sua carreira; e é mesmo de crer que houvesse um verdadeiro desmancho no seu cerebro, pois a não ser assim, não poderia explicar-se a extrema cegueira e a serie de desatinos, que por fim o precipitaram de um throno onde os seus mesmos inimigos trabalharam pelo sustentar.»

Depois de recapitular a largos traços os ultimos actos do imperador, accrescenta:

«Um erro militar que Napoleão commetteu, e a marcha rapida dos alliados sobre Paris, decidiram n'um instante a contenda, e apenas os exercitos tocaram aquelle ponto fatal, o imperio de Napoleão se desvaneceu, como uma illusão sonhada, e deixou o mundo attonito ainda mais da facilidade com que elle perdêra a corôa, do que da immensa fortuna que lh'a havia dado.»

No principio do mez de junho começaram as tropas inglezas, hespanholas e portuguezas a dirigirem-se para os seus respectivos paizes. As primeiras embarcaram em Bordeaux, dirigindo-se parte para Inglaterra e parte para a America. Lord Wellington foi para Paris, e Beresford embarcou, indo com licença ao seu paiz. A volta das tropas portuguezas, que desde o meado de abril estiveram em acantonamentos na margem esquerda do Garonna effectuou-se por terra, atravessando novamente a Hespanha, onde as marchas se seguiram com extraordinaria regularidade, até que em fins de julho avistaram as fronteiras de Portugal, entrando umas das tropas pelo lado da Beira e outras por Traz-os-Montes, e sendo recebidas em toda a parte com enthusiasticos festejos e grande regosijo publico, devido aos seus gloriosos e relevantes serviços. [1]

Por occasião da chegada das tropas os governadores do reino fizeram uma *proclamação*, [2] em que exaltaram com toda a justiça o seu heroismo. Eis um trecho d'esse documento:

«Sim, portuguezes acabou-se a campanha: e os nossos illustres guerreiros voltam finalmente a seus lares, coroados de louros immortaes, que o seu intrepido valor, constancia e disciplina colheram desde as margens do Tejo até ás do Garonna. Commandados pelo invicto duque de Vitoria, formados pelo infatigavel zelo do valoroso marquez de Campo Maior, e tendo á sua

---

[1] *Soriano* dá a relação das localidades para onde foram aquartellar-se as tropas, e a descripção dos festejos (v. cit., pag. 382).

[2] Tem a data de 6-agosto-1814 e acha-se por extenso na obra de *Soriano* (v. cit. pag. 460).

frente generaes de primeira ordem de uma e outra nação, elles combateram nas mesmas fileiras com os seus camaradas inglezes e hespanhoes, e realçaram a gloria do nome portuguez, mostrando-se dignos successores dos antigos heroes, que nas quatro partes do mundo arvorou o estandarte das quinas lusitanas.»

O marechal Beresford, quando voltou de Inglaterra, assegurou publicamente em ordem do dia (*27-agosto*) que os serviços prestados pelos officiaes e soldados do exercito portuguez não podiam ser demasiadamente louvados e realçados em feitos de armas e disciplina. [1] Remata assim:

«Soldados! Depois de vos terdes mostrado em campanha iguaes aos melhores soldados da Europa, haveis patenteado, durante uma marcha de tres mezes por paiz amigo, que sois capazes de excedel-os em boa conducta, ordem e disciplina; e esta marcha vos faz como homens tanta honra, quanta durante a guerra tendes adquirido como militares. Acceitae por isso os agradecimentos do vosso commandante em chefe.»

Wellington e Beresford, a quem compete com o mais justo titulo uma grande parte do triumpho alcançado n'esta porfiada e sanguinolenta guerra, foram galardoados com a maior generosidade pelo governo britannico, dando-se ao primeiro o titulo de duque e de marquez do *Reino Unido*, com uma pensão de 400:000 libras, além do que já anteriormente se lhe tinha dado. A Beresford deu-se o titulo de lord e uma annuidade de 2.000 libras. [2]

Pela sua parte o governo portuguez presenteou o duque de Wellington com uma magnifica baixella de prata lavrada, constando além do serviço de mesa, d'um *plató* composto de symbolos e de figuras, allusivas aos triumphos ganhos pelas tropas alliadas debaixo do seu commando, desde o levantamento de Portugal em 1808 até á entrada dos alliados em Paris e a paz geral em 1814. [3]

A Beresford deu-se a patente de marechal general com uma pensão annual de 16:000$000 réis em tres vidas, [4] e continuou a exercer o commando em chefe do nosso exercito.

Para remate d'este resumo historico da guerra peninsular, transcrevemos agora dos nossos historiadores, [5] o quanto ella nos

---

[1] Encontra-se em *Soriano* (v. cit. p. 331) a relação de todas as acções da guerra peninsular em que entraram tropas portuguezas, e o seu effectivo.

[2] *Ibidem*, p. 431.

[3] *Ibidem* (p. 422) dá a descripção minuciosa do plató e peças principaes da baixella.

[4] *Ibidem* (E. 2.ª T. 2.º p. 89).

[5] **Arriaga**, *Historia da Revolução Portugueza de 1820*, (v. 1.º p. 539).

custou, não contando com a *perda de Olivença* e os milhares de habitantes e soldados que falleceram.

«Com os emprestimos para as primeiras campanhas de 1793 a 1797, com as perdas por nós soffridas até 1801, com a contribuição de guerra imposta por Junot, e com os damnos causados com o aprisionamento dos nossos navios pelos *fieis alliados*, Portugal perdeu a bagatella de réis 63.900:000$000!

E não falamos dos impostos lançados para se sustentar a primeira, segunda e terceira invasão; as perdas que soffremos com ellas; os navios aprisionados pelos francezes e hespanhoes, e a perda de territorios que tivemos de ceder por meio de violencía.»

«São incalculaveis os prejuizos soffridos por Portugal desde 1793 até á paz de Vienna d'Austria. Excedem, sem exaggero, a 200.000:000$000 réis!»

E passou muito acima d'essa enorme quantia, o que a Inglaterra dispendeu em semelhante lucta, «que, segundo se diz, lhe custou para mais de 100.000:00 de libras esterlinas, não comprehendendo os consideraveis subsidios, que forneceu aos governos de Portugal e Hespanha, estimando-se a despeza annual do exercito inglez em 17.000:000 de libras por anno, sendo o subsidio prestado a Portugal computado em 2.000:000 e o prestado a Hespanha em 1.000:000.» [1]

Taes foram os males causados por uma guerra, cuja ferocidade, despesas, e devastações, não teem exemplo nos annaes da historia patria.

---

[1] *Soriano* (v. cit. p. 301).

CAPITULO V

Noticia das providencias officiaes e alguns escriptos concernentes á defeza do paiz durante este periodo

Fortificações do reino.—Depois da evacuação de Portugal pelo exercito de Massena, continuaram ainda com actividade varias obras nas linhas de defeza de Lisboa ao norte e ao sul do Tejo; procedeu-se tambem á reedificação da praça de *Almeida*, que ficára em pessimo estado depois da ultima explosão em 1811, e fizeram-se importantes reparações nas fortificações de *Valença*, *Elvas*, *Campo Maior*, *S. Julião da Barra*, *Peniche* e outras praças.[1]

Pelo decreto de 12 de fevereiro de 1812, que organisou o real corpo de engenheiros e approvou o regulamento do seu serviço, foi determinado que continuasse a pertencer a esse corpo «a direcção de todos os trabalhos relativos á fortificação permanente e de campanha; ao ataque e defeza das praças, postos destacados e quaesquer entrincheiramentos.» O commandante geral dos engenheiros procuraria adquirir o mais exacto conhecimento do estado em que se achassem as fortificações do reino, «para que podesse informar a todo o momento assim o ministro da guerra como o commandante em chefe do exercito.»

Determinava tambem que nenhuma obra militar permanente se emprehenderia sem que primeiro precedesse o seu projecto, acompanhado dos desenhos, que desenvolvam os planos e perfis da mesma obra; todos estes projectos deviam ser dirigidos ao ministro da guerra pelo marechal commandante do exercito.

No fim do mesmo anno de 1812 foi determinado (*portaria de 5-nov.-1812*) que deviam reputar-se *regularmente guarnecidas* só

---

[1] Vide a este respeito a *nota* que vem no fim dos «*Estudos sobre a defeza do paiz*», por **Osorio de Vasconcellos.**—Lisboa 1869.

as seguintes praças de guerra: *Valença*, *Almeida*, *Marvão*, *Forte de Lippe*, *Elvas*, *Juromenha*, *Abrantes* e *Peniche*.

Todas as mais que se mencionam na mesma portaria tinham governadores de differentes postos, todos sem direito a accesso, e algumas praças de pret reformadas.

Reconhecimentos militares.—Como então succedia em França e outros paizes, onde o estudo do terreno para os usos militares estava a cargo dos *engenheiros geographos*, foi tambem pelo referido decreto de 1812 confiado ao nosso corpo de engenheiros «o reconhecimento das fronteiras e provincias; o levantamento de plantas particulares, cartas geographicas e topographicas, a configuração de terrenos, projectos, planos, e memorias militares.»

Ao commandante geral do corpo de engenheiros ficou pertencendo, debaixo das ordens immediatas do ministro da guerra, a inspecção do *Archivo militar*, creado por decreto de 4 de setembro de 1802. «N'este archivo se guardariam todos os mappas, cartas, planos, projectos, memorias, e instrumentos relativos á profissão do real corpo de engenheiros; os quaes se conservarão sempre na melhor ordem e resguardo; não podendo nenhum dos referidos objectos saír do dito archivo, nem no seu original, nem por copia, sem uma ordem expressa e por escripto do mesmo ministro da guerra. [1]»

Em cada uma das praças de guerra, que tinham guarnição, o official engenheiro de maior graduação que n'ella houvesse, guardaria n'um deposito todos os papeis e instrumentos da sua profissão, inventariados em forma de catalogo para que a todo o tempo se podesse fazer entrega d'elles sem desvio de nenhuns; deviam remetter ao *Archivo Militar* em Lisboa copias exactas dos desenhos, e memorias depositadas, bem como copias dos sobreditos inventarios.

Entre outros estudos do terreno realisados n'este periodo, citaremos os seguintes:

—Reconhecimento militar da fronteira do Minho, principiando em Valença—*Martinho Azedo* (1812);

—Reconhecimento do terreno da Galliza e raia do Minho, entre Monsão, Orense, Monte Rei, Chaves e Montalegre—*Ibidem* (1813).

—Carta topographica militar da peninsula de Setubal.—*Neves Costa* (1811 a 1816).

---

[1] Apesar de tudo consta que se extraviaram varios documeutos em diversas epochas, tendo sido pedidos pelos proprios ministros e não os restituindo.

[2] Existe um exemplar na direcção geral do serviço do estado maior.

Reducção do exercito. — Passados que foram os enthusiasticos festejos, tributados ao nosso valoroso exercito por occasião da sua chegada á patria, foi elle reduzido ao pé de paz, attendendo-se n'esta reducção ás seguintes considerações: [1]

1.ª Proporcionar a força do exercito á população, agriculrura, industria e rendas publicas, por um systema tal que pegando em armas o numero de homens que as circumstancias occorrentes exigissem, este mesmo numero se podesse augmentar progressivamente até achar-se a nação toda em armas.

2.ª Distribuir os corpos das diversas armas por quarteis situados dentro dos districtos do seu respectivo recrutamento, a fim de que os individuos que o compõem, ficando proximos dos seus lares, possam com mais commodidade empregar-se alternativamente nos trabalhos de agricultura, sem o menor prejuizo da disciplina militar, conservando-se assim o mesmo exercito sempre apto para a guerra.

3.ª Diminuir a força dos corpos de linha sem alterar o systema geral da organisação do exercito.

Para este ultimo fim os effectivos das unidades foram fundados nas seguintes bases:

Regimento de infantaria a 10 companhias de 90 homens; batalhão de caçadores a 6 companhias de 70 homens; regimento de cavallaria a 4 esquadrões de 40 filas; regimento de artilharia a 10 companhias de 80 homens, e 1 companhia de artilheiros conductores a 100 muares; e batalhão de engenharia a 3 companhias de 100 homens.

Recapitulando a força de todas as unidades, que então constituiam o exercito, vê-se que este se compunha de:

	Homens	Solipedes
24 regimentos de infantaria	24:264	
12 batalhões de caçadores	6:012	
12 regimentos de cavallaria	6:372	5:220
4 regimentos de artilharia	3:568	
4 companhias de conductores	276	400
1 batalhão de engenheiros	348	
Total geral	40:840	5:620

Os officiaes e sargentos, que sobraram depois de effectuada a prescripta reducção continuaram a servir como supranumerarios

[1] *Portaria* de 29-out.-1814.

com os vencimentos que lhes competiam estando no effectivo, e isto como recompensa dos relevantes serviços prestados na guerra que felizmente ultimaram.

*

Reflexões militares sobre as campanhas dos francezes em Portugal [1]— Por **João de Souza Pacheco Leitão.** *(Official do corpo de engenheiros)* —*Rio de Janeiro, 1812.*

Descreve as principaes operações estrategicas de que é susceptivel o territorio de Portugal, e analysa os erros de Massena e Wellington. Eis alguns trechos d'essa obra que dão idéa do seu merecimento.

Portugal é um paiz de tal modo constituido pela natureza, que as suas forças activas combinadas com as difficuldades locaes, serão sufficientes para o defenderem contra grandes potencias.

A conquista de Portugal será sempre uma empreza difficil, quando o inimigo a emprehender por uma só linha de operações, porque a defeza será muito mais activa, e poderá concentrar todas as suas forças, oppondo maior resistencia ao inimigo, e procurando até incommodal-o de flanco.

Para exemplo, veja-se o que aconteceu em 1810 e 1811 ao exercito invasor do general Massena.

Quanto ao ataque que poderá ser feito por duas, ou mais linhas de operações ao mesmo tempo, nota o auctor, que as duas provincias extremas da linha defensiva, *Algarve* e *Traz-os-Montes*, precisam ser inteiramente separadas d'este plano, que se deve reduzir a uma *defeza central:* entregues essas provincias aos seus meios defensivos—*praças e milicias*—elles se conservarão em attitude de rebater as incursões, quando por ellas não fôr dirigida a principal linha de ataque do inimigo.

E sendo a configuração do terreno de natureza a convidar o inimigo a vir pelas duas linhas do centro, para depois cooperarem sobre a capital, o systema defensivo egualmente deve ser central, e de modo que obstando successivamente aos progressos das duas linhas de operações separadas, embarace o mais que poder a sua juncção, procurando destruir uma depois da outra.

Para esse fim a topographia do paiz offerece-nos o *rio Tejo*, como eixo da linha movel, que o auctor considera estendida desde a serra da *Estrella* ás montanhas de *Portalegre: Trancoso* e *Castello Branco* seriam as chaves das operações da esquerda; *Almeida* e *Idanha a Nova* fortificada, os postos avançados da esquerda; *Extremoz* e *Portalegre*, as fortes barreiras da direita; *Campo Maior*, *Elvas*, *Juromenha*, já que estão fortificadas, os postos avançados da direita; *Coimbra* e *Evora* os dois grandes depositos de fornecimentos e de reservas; a *juncção do Tejo com o Zezere* —**o ponto central dos movimentos**;—*Peniche* e *Santarem* a ultima linha de concentração das forças activas para cobrir a capital em caso de insuccesso no decurso da campanha.

---

[1] Não nos foi possivel encontrar este livro nas bibliothecas, e por isso nos limitamos á noticia que d'elle dá o barão de *Wiederhold.*

Não considera o grupo de praças, *Campo Maior*, *Elvas*, *Juromenha*, como chaves da provincia do Alemtejo, e n'isto se affasta da opinião de quasi todos os escriptores militares, porque a sua situação no angulo reintrante que forma o Guadiana com o Xevora na fronteira, rios que offerecem frequentes pontos de passagem para se entrar na provincia, sem ser necessario atacar as ditas praças, depõe muito contra a sua importancia estrategica. Estas praças não podem ser consideradas como as chaves do reino; porque tomada uma, e postas as outras em bloqueio, ou todas tres, por uma forte divisão formando a retaguarda do exercito, que fique em observação aos movimentos das suas guarnições e proteja os seus comboios, as operações estrategicas podem-se fazer livremente em toda a provincia do Alemtejo, sem ser necessario emprehender os seus sitios. Segue-se que estas praças são mais prejudiciaes de que uteis, porque além de consumirem uma despeza attendivel para se conservarem em pé de importancia, enfraquecem o exercito pelas guarnições que é necessario dar-lhes, e caíndo em poder do inimigo, este achará ahi quantidade de munições que empregará para atacar os defensores.

Parte d'estes defeitos se evitam em *Extremoz* e *Portalegre:* as suas posições locaes são excellentes sob o ponto de vista da topographia militar; a primeira, sendo fortificada, é um ponto que merece toda a attenção do inimigo, inhabilita-o a poder continuar as suas operações offensivas, ou seja marchando a *Evora* para invadir toda a provincia e chegar até defronte de *Lisboa*, ou para ir ao *Crato*, *Ponte de Sôr*, e passar o *Tejo* abaixo do Zezere.

Esta segunda direcção (mais critica para os defensores, e pela qual pretenderia atacar-lhes de flanco as suas operações, e cooperar com o outro exercito atacante) se tornaria absolutamente impossivel, sendo *Portalegre* fortificado, que é o apoio das operações defensivas, que se estendem ao sul do Tejo, e que protege todos os movimentos que é necessario fazer para defender esta provincia.

O defensor, depois dos preludios de campanha em algum dos flancos da linha defensiva para observar as principaes operações do inimigo, e conhecer qual é o seu systema de ataque, restringindo-se á *disposição central* que propôz, tem a facilidade de poder manobrar entre as duas linhas de operações offensivas, pelas quaes o inimigo tentará dirigir-se á capital; este não poderá manobrar de certas posições em diante, sem temerariamente lhe offerecer o flanco em qualquer d'ellas; a necessidade o obrigará a atacar de frente, o que lhe é summamente difficil por ser coberta de serras e desfiladeiros, ou a tentar desalojal-o por algum dos flancos.

*

Coup-d'oeil militaire sur le Portugal.—Extrait de mémoires inédits sur la campagne de Portugal, en 1810 et 1811, par Pelet, aide-de-camp du marechal Massena. [1]

Esta obra é semelhante á do capitão *Eliot*, de que em paginas anteriores demos uma sufficiente noticia.

---

[1] Este trabalho foi publicado em 1827 no *Spectateur Militaire*, t. 2.º, p. 413 a 445. Pelas relações que tem com a campanha de Massena, e por ser feita sobre memorias d'essa epocha não podemos deixar de a incluir aqui.

Depois d'umas noções geraes sobre as circumstancias geographicas de Portugal, o general Pelet divide o nosso territorio em cinco partes, e passa a considerar successivamente cada uma d'ellas sob o ponto de vista militar. Segue-se a isto uma rapida exposição sobre o *systema geral d'ataque e defeza de Portugal.* De tudo vamos extrahir o que nos parece mais interessante e original para confirmar ou ampliar as opiniões d'outros auctores.

Territorio ao norte do Douro.—E' muito montanhoso e cortado de contrafortes elevados e valles profundos. Os rios dirigem-se em parte para o Douro e em parte para o mar, indicando assim a principal direcção dos caminhos que são sempre difficeis, e apresentam frequentes desfiladeiros impraticaveis.

Estes caminhos formam 3 linhas de operações tendo por objectivo o *Porto*, cidade bem situada na confluencia do Douro com o mar. A melhor d'essas linhas d'operações é a do littoral, isto é a *de Tuy ao Porto.*

As praças de *Valença* e *Monsão* situadas sobre esta linha na fronteira do *Minho* são pequenas e mal fortificadas.

A linha de operações de *Verim ao Porto por Chaves e Braga ou por Villa Real* atravessa muitos desfiladeiros de facil defeza. A praça de *Chaves* tinha largas brechas em 1809, mal podendo oppor resistencia.

A linha d'operações de *Miranda por Moncorvo* encontra grandes obstaculos nos numerosos valles e ribeiras que tem de atravessar. A parte do rio *Douro* que forma a fronteira oriental de Traz-os-Montes não é facil de atacar. A partir de Moncorvo o Douro é navegavel até ao mar, mas o seu leito tem pouca profundidade, e por isso constitue *uma linha pouco susceptivel de defeza.*

Miranda, *Outeiro* e *Bragança* têem antigas fortificações, dominadas de todos os lados.

As invasões pela provincia de Traz-os-Montes têem sido sempre infelizes!

Territorio entre o Douro e o Tejo.—E' dividido em duas zonas de operações pela grande serrania da *Estrella*, cujos ramaes se estendem até ao Tejo e ao Douro e abrangem os valles do *Zezere* e *Mondego*, que levam pouca agua no verão, mas são grandes obstaculos no inverno.

As estradas da Beira formam tres linhas d'operações, partindo *duas de cidade Rodrigo sobre Coimbra* por uma e outra margem do Mondego, e a terceira de *Coria ou Alcantara* por *Castello Branco sobre Thomar ou Punhete* (*Constança*).

O rio *Côa* é a verdadeira fronteira militar da Beira Alta, e não o Agueda. Corre n'um valle estreito e profundo, difficil de passar, apresentando poucas pontes, e defendido pelos antigos castellos e fortificações de *Sabugal*, *Castello Rodrigo* e especialmente *Almeida.* Comtudo esta praça cobre mal as duas pontes do Côa de que está muito affastada.

A posição da *Guarda*, sobre as duas linhas do Mondego, foi muito recommendada n'uma memoria de lord Galloway, e occupada por lord Wellington em quanto os francezes se empenharam nos sitios de Cidade Rodrigo e Almeida.

A ribeira de *Erjes* na fronteira da Beira Baixa não permitte oppôr o menor obstaculo. Não serve para linha de defeza. Propoz-se fortificar *Castello Branco*, cuja influencia se pretendia em vão estender-se sobre as duas margens do Tejo. Os mesmos projectos existiram para *Sobreira* e as *Talhadas*, o que seria mais conveniente porque estes pontos, que ficam muito proximos, cortam um maior numero de caminhos. Seria muito van-

tajoso *fortificar em Punhete a confluencia do Tejo e do Zezere nas tres margens.* Este ponto estrategico é d'uma alta importancia para a defeza ou a occupação do reino, por irem ahi dar muitas estradas que conduzem da Beira e da Extremadura para o Alemtejo e por ser a testa da navegação do Tejo, interrompida a montante d'este ponto por numerosos açudes. *Abrantes* é praça inutil e má, dominada da margem opposta.

As linhas de operações das Beiras ligam-se por caminhos que conduzem d'uma á outra em Hespanha, de *Cidade Rodrigo a Coria e Alcantara*, e em Portugal de *Almeida a Idanha por Sabugal*, *Penamacor e Monsanto*, que conservam antigos castellos susceptiveis de alguma resistencia.

A Beira é a parte de Portugal mais exposta aos ataques, e a que conduz mais facilmente sobre Lisboa; é tambem a parte mais facil de defender. O atacante póde estabelecer os seus depositos em *Cidade Rodrigo*, *Coria* ou *Alcantara*. O principal é Cidade Rodrigo d'onde se póde avançar directamente para a bacia do Mondego, e por uma rapida marcha de flanco para a do Tejo. O exercito defensivo deve limitar-se a occupar, sobre esta fronteira, dois campos, um na *Guarda*, outro em *Salvaterra* para observar as concentrações do atacante em *Cidade Rodrigo* ou *Coria*.

A melhor maneira de defender a Beira, e mesmo Portugal, é a que foi adoptada pelos inglezes em 1810. Emquanto o exercito de Massena esteve dividido (os 6.º e 8.º corpos diante de Cidade Rodrigo e Almeida, e o 2.º corpo além do Tejo) lord Wellington esteve em frente do marechal, e o general Hill diante de Reynier. Quando este se approximou de Massena, Hill passou o Tejo e dirigiu-se a Castello Branco. Mas a base verdadeira da defeza tinha sido levada para traz das fronteiras, de maneira a poder reunir, sobre a linha d'operações que fosse ameaçada, a maior parte das forças anglo-portuguezas. Tinha-se notado que as posições do *Bussaco*, da *Ponte da Murcella* e das *Talhadas* achavam-se sobre uma mesma linha que se estende desde o Tejo até ao Vouga. A primeira é uma montanha muito escarpada, cortando os caminhos de Vizeu a Coimbra, e podendo ser defendida por um exercito. Na margem esquerda do Mondego a posição da *Ponte da Murcella*, sobre o profundo valle do Alva, assegurava uma grande resistencia que tinha sido augmentada por entrincheiramentos. Do outro lado da Estrella e do Zezere a *posição das Talhadas*, egualmente fortificada, tendo por reserva a da *Sobreira*, interceptava as estradas que vinham de Castello Branco. Sobre a esquerda algumas obras levantadas no *Muradal* fechavam a estrada nova.[1] Os corpos da Beira Baixa deviam communicar com os do Mondego pela ponte de *Pedrogão Grande* e pelo caminho do *Espinhal*.

E' sobre esta linha de posições e sobre a facilidade de movimentos que podiam operar-se d'uma para outra, que os inglezes tinham estabelecido o seu systema de defeza. Esta linha estende-se além do Tejo sobre a posição de *Ponte de Sôr*. A defensiva era completada por alguns entrincheiramentos levantados em *Punhete* sobre a margem direita do Zezere e pelas *linhas de Lisboa*.

Quando o movimento retrogrado do exercito inglez começou, o corpo de Hill retirou-se primeiro para as Talhadas. Dirigiu depois toda a sua artilheria para Thomar e veiu por Pedrogão formar a direita de Wellington durante a batalha do Bussaco. Parte das tropas de Hill ficaram inutilmente na Murcella para guardar esta posição que nada ameaçava.

---

[1] Esta estrada, aberta pelo marquez de Alorna em 1801, vinha do Fundão por *Enchabarda* e *Castellejo* a *S. Simão* e *Cardigos*, d'onde havia caminhos para Abrantes e Thomar.

Territorio entre o Tejo e o Guadiana. — O Alemtejo é um paiz geralmente plano e insalubre, fertil na parte oriental e esteril para o sul e para o lado do mar.

As serras de *S. Mamede* e de *Ossa* que o atravessam são pouco elevadas comparando-as ás montanhas da parte septentrional. As suas ribeiras têem um curso prolongado com pouco declive e deixam muitas aguas estagnadas.

Duas linhas de operações se offerecem n'esta parte do paiz (*Alto-Alemtejo*). Uma é sobre a grande estrada de Madrid a Lisboa; atravessa as praças de *Badajoz*, *Elvas*, *Extremoz*, e termina em *Aldeia Gallega*, em frente de *Lisboa*, podendo tambem ir dar a *Santarem*.

A outra partindo de Alcantara ou de Caceres passa em *Portalegre* e *Ponte de Sôr*, e conduz a *Abrantes* e *Punhete* ou aos mesmos objectivos da precedente. Um ramal se approxima do Tejo em *Montalvão* e segue até *Abrantes* a margem esquerda do rio. Uma *linha de operações dupla*, seguindo por esta e a outra margem do Tejo apresentaria ao atacante graves inconvenientes; porque o exercito defensivo, tendo as suas pontes no Tejo preparadas com antecedencia, poderia cair sobre o corpo mais fraco.

Os portuguezes têem amontuado as fortificações sobre á fronteira do Alto-Alemtejo. Acham-se ahi:

Elvas, a principal praça de Portugal, e os fortes annexos de *Santa Luzia* e de *la Lippe* (*da Graça*), que apesar d'alguns defeitos póde sustentar um longo cêrco;

Extremoz, cercada de alturas que a dominam;

Juromenha, *Villa Viçosa*, *Arronches*, *Ouguella*, *Castello de Vide* praças de pouca importancia;

Portalegre, cercada apenas por uma antiga muralha, conta-se no numero das fortalezas do reino, por se achar no meio d'um cruzamento de collinas, d'onde os caminhos e as aguas se repartem em todas as direcções, sendo assim um *ponto favoravel á defeza*. As vantagens para fortificar esta posição, que não se encontram n'ella propria, existem um pouco mais para oriente no local de *Tres-Lagares*, que se reconheceu ser conveniente para um bom campo entrincheirado.

Estas praças situadas n'um espaço de 7 a 8 leguas, onde o acaso estabeleceu as primeiras povoações, são extranhas a todo o systema d'operações defensivas, e absorveriam pelas suas guarnições a maior parte das forças do reino. Não interceptam mesmo todos os caminhos; fica um inteiramente livre ao longo do Tejo por *Membrio e Montalvão*. São além d'isso de natureza a serem facilmente tomadas, a servir de deposito e de escalão para o exercito atacante. Uma vez ultrapassada esta linha de fortalezas não se encontra nenhum obstaculo, e as tropas pódem estender-se á vontade pelo Alemtejo. Por estas razões, apesar da opinião em contrario geralmente seguida, o general Pelet julga que — *esta provincia apresenta a verdadeira via para conquistar Portugal* e *mesmo Lisboa*.

Para o ataque d'esta fronteira o exercito offensivo póde estabelecer a sua *base d'operações de Alcantara a Badajoz*, onde estarão os principaes depositos. Deixando a primeira d'essas praças marchará para o Tejo inferior por *Montalvão e Portalegre*. Se avançasse pela estrada de Badajoz dirigir-se-hia para *Santarem*, depois de ter passado *Arraiollos*. Um forte destacamento de cavallaria com artilheria ligeira avançaria d'este ponto para as alturas de *Almada*, para lançar granadas sobre Lisboa e seu porto; este bombardeamento incommodaria a capital, e forçaria os navios a abandonarem o rio. O exercito não teria mais que passar o Tejo para marchar sobre Lisboa. Mas a passagem d'um rio que, n'uma extensão de 12 leguas, entre Punhete e Villa Nova, apresenta muitos vaus e muitos

pontos favoraveis á passagem de tropas, não póde ser uma *operação bem difficil.* Não seria mesmo impossivel mascarar esta marcha e passagem do Tejo ao exercito defensivo, se com habilidade se souber atrail-o para os lados de Almeida ou do Erjes.

O systema de defeza do Alemtejo combina-se com o da margem direita do Tejo e com o de Lisboa. Deve-se ter o maior cuidado de não se deixar antecipar sobre a capital e sobre as posições qne a cobrem.

Se as forças principaes do ataque forem reunidas em torno de Alcantara é preciso *estabelecer uma ponte em Villa Velha*, fortifical-a e estabelecer as forças defensivas a cavalleiro sobre o Tejo.

Se o atacante acantonar entre Alcantara e a serra de S. Mamede convem collocar as tropas defensivas sobre a *posição de Montalvão* estendendo-se para a foz do Sever e para a direita ao longo d'esta ribeira. Uma columna de tropas estará sempre prompta a passar pela ponte de Villa Velha para as Talhadas, afim de deter algum corpo que queira ganhar terreno sobre a margem direita do Tejo.

Se o invasor reunisse o seu exercito em Badajoz o defensor tomaria *posição em Portalegre*, tendo uma dupla linha de communicações: uma sobre a ponte de *Villa Velha* para observar a margem direita do Tejo, outra sobre *Ponte de Sôr*. Esta posição, atraz da ribeira do mesmo nome offerece um cruzamento de estradas que seria conveniente occupar. E' um bom escalão entre a posição de Portalegre e as pontes de Punhete ou de Santarem.

N'um e n'outro caso o exercito defensivo deve ser reunido em massa, e não ter senão fracos destacamentos ou corpos volantes de milicias para as provincias extremas.

Territorio meridional.—Apresenta a mesma natureza do precedente, excepto nos limites entre o Alemtejo e o Algarve, onde a serra de *Monchique* se levanta, estendendo-se do mar ao Guadiana. Este paiz póde servir de passagem a uma linha de operações partindo da Andaluzia e dirigindo-se pelo caminho de Sevilha a Lisboa.

Teria a atravessar pequenos obstaculos como o rio Chança e o Guadiana, sobre o qual se acham as desmanteladas praças de *Moura* e *Serpa*. Mas não ha nenhuma probabilidade que a guerra venha a estabelecer-se n'esta região. Se um corpo avançasse da Andaluzia contra Portugal dirigir-se-hia provavelmente para a grande estrada de Badajoz e para o Tejo inferior.

Territorio em torno de Lisboa.—Desde a confluencia do Zezere, o Tejo toma uma direcção quasi parallela á costa, e fórma com ella uma especie de peninsula (*poche*) que termina em Lisboa. As linhas de operações do norte e da Beira vêem reunir-se n'este terreno, passando entre a costa e o Zezere. As linhas de operações do Alemtejo, quer por *Ponte de Sôr*, quer por *Arraiollos* vêem dar a essa parte inferior do Tejo.

Póde-se estabelecer uma linha defensiva passando pelas posições de *Leiria*, *Ghão de Maçãs*, *Thomar*, *Punhete* e *Ponte de Sôr*. Manobrando d'uma para outras, as tropas defensivas poderiam reunir-se em quantidade superior ou pelo menos egual ás que atacarem qualquer d'essas posições. Para levar as forças sob a posição de *Sôr* podem aproveitar-se as pontes estabelecidas em *Punhete*, que seria o centro d'essa linha de defeza, e da constituida pelo Tejo inferior. Sobre esta ultima devia-se estabelecer uma ponte em Santarem com uma testa bem protegida pelas alturas da margem direita. Em *Villa Nova da Rainha* póde estabelecer-se outra quasi com as mesmas vantagens. Sustentando estas duas testas de ponte e a de *Punhete*, e guardando os vaus, seria preciso que o exercito

de invasão fosse bem superior em numero para ahi operar a sua passagem á viva força.

Se *Punhete* tivesse fortificações permanentes, a parte das tropas reunidas na esquerda do Tejo podia abrigar-se na praça, depois que a passagem do rio fosse forçada a juzante. Estas tropas poderiam tambem retirar-se para Torres Vedras, ou pelo menos para Peniche, onde embarcariam para a foz do Sizandro, indo abrigar-se atraz das linhas de Lisboa.

De *Santarem a Rio Maior e Peniche* acha-se uma faxa de collinas e de grandes planaltos, que apresenta posições de retirada a um exercito.

Ao sul de Rio Maior, o *Montejunto* levanta-se como um pico arredondado e isolado. A linha de alturas que d'ahi se dirige para *Cintra* abaixa-se em *Sobral*, onde quasi se reunem as testas de duas torrentes profundas que se precipitam para *Torres Vedras* e *Arruda*. Em face da garganta muito estreita do Sobral levanta-se o *Monte Agraço* quasi verticalmente como um muro de rochedos que se prolonga até ao mar, da direita e da esquerda ao longo das torrentes. A uma legua mais para o sul levanta-se outro contra-forte transversal que se estende do mar ao Tejo, por *Mafra* e *Bucellas*.

Tal é o terreno vantajoso onde se estabeleceram as *linhas inglezas* cobrindo a capital pelo lado do norte.

A costa do mar proxima a Lisboa era coberta de baterias que se oppunham aos desembarques. *Cascaes*, *S. Julião* e a *Torre do Bugio* defendiam bem o accesso da barra. A *Torre de Belem* e a *Torre Velha* offereciam uma segunda defeza contra um ataque do lado do mar. Os inglezes tinham completado a defeza de Lisboa e seu porto, levantando entrincheiramentos sobre as alturas de Almada, em face da cidade, onde o Tejo se aperta.

Emprehenderam tambem alguns trabalhos desde *Palmella* ao *mar da Palha* para os lados da *Moita*, na distancia de 3 leguas. Era preciso ainda ligar Palmella com o importante porto de *Setubal* para pôr completamente a capital ao abrigo d'um corpo avançado pelo Alemtejo.

Systema geral d'ataque e defeza de Portugal. — Um pensamento principal deve presidir tanto ao ataque como á defeza d'este reino. *Lisboa*, capital e coração de Portugal, sob os pontos de vista do territorio, do governo, da administração e do commercio, torna-se o objectivo constante das manobras do atacante e do defensor. Tudo o que está fóra da sua esphera de acção tem pouca importancia. Emquanto os exercitos de terra não tiverem occupado Lisboa, não terão feito quasi nada; emquanto os senhores do mar conservarem este ponto importante podem esperar tudo. As linhas de operações contra as partes septemtrional e meridional de Portugal só dão conquistas isoladas, uma rica no Porto, outra inutil no Alemtejo. Se o inimigo dirige para ahi uma parte das suas forças, as que empregar na operação principal serão diminuidas outro tanto. Não estando a capital senão a 7 ou 8 marchas das fronteiras da Hespanha as disposições offensivas e defensivas devem ser combinadas com a mais exacta precisão porque basta uma ou duas marchas ganhas para decidir da sorte de Portugal.

E' pela parte media da fronteira oriental que Portugal deve ser atacado. *Cidade Rodrigo*, *Coria*, *Alcantara* e *Badajoz* são os pontos de partida das linhas d'operações do inimigo e onde serão estabelecidos os seus depositos.

Se as tropas atacantes tiverem uma superioridade sufficiente sobre as que lhes forem oppostas, ellas podem partir de qualquer d'estes depositos, segundo a sua conveniencia. Mas seria preferivel reunil-as em Badajoz. D'ahi tomariam *Elvas* e *Extremoz*, seguiriam a estrada de *Arraiol-*

los a *Santarem*, e chegariam em 5 ou 7 marchas ao Tejo inferior, enviando um destacamento sobre *Almada*.

Se os portuguezes se estabelecerem n'aquellas fortalezas serão torneados, e terão de correr depois atraz do exercito invasor. Se estiverem n'uma posição não fortificada o atacante dará batalha. Quando tiver alcançado a victoria que a sua superioridade numerica deve fazer-lhe esperar, perseguirá os vencidos e passará o Tejo com as equipagens de ponte de que deve ser acompanhado. Em 10 ou 12 dias póde estar em frente de Lisboa.

Se as forças forem approximadamente eguaes, a offensiva será menos vivamente conduzida. Partindo de *Alcantara*, o atacante avançaria sobre *Santarem* pela margem esquerda do Tejo, tendo um corpo volante sobre a outra margem para facilitar a occupação de alguns pontos no momento da passagem. Este destacamento, ficando um pouco á retaguarda não seria compromettido; teria a sua retirada assegurada pela ponte de Alcantara.

Se a confluencia do Zezere no Tejo estiver bem fortificada assim como Almada, seria talvez vantajoso, na opinião de Pelet, *dirigir a linha d'operações pelo Mondego sobre Coimbra*. Avançar-se-hia d'ahi para Lisboa, depois de ter assegurado por obras de fortificação a posse de Coimbra e da sua ponte sobre o Mondego.

Como se vê, este systema d'ataque depende da relação das forças combatentes, e deve depender ainda da estação. Será vantajoso entrar em campanha durante o verão, quando a maior parte das ribeiras e o Tejo levam pouca agua. Tendo de operar no tempo das chuvas é preferivel avançar pelas estradas do Mondego. Mas em qualquer caso as forças atacantes devem marchar concentradas. Apenas se devem permittir linhas secundarias muito proximas.

Pelo que respeita á defeza, esta deve ser concentrada. Portugal póde abandonar ás difficuldades do terreno e ao valor experimentado dos seus paizanos a defeza das provincias extremas.

A primeira base de resistencia ou antes de reunião das forças defensivas será nas posições da *Guarda*, *Salvaterra* e *Montalvão ou Portalegre*.

A segunda base de defeza, aquella em que se póde combater, é a formada pelas posições do *Bussaco, Murcella*, *Talhadas* e *Portalegre*. Deviam-se estabelecer fortificações permanentes sobre estas tres ultimas posições e mesmo na ponte de *Pedrogão Grande* sobre o Zezere se o terreno a comportar. Seria então indispensavel tornar a ponte de Pedrogão e o seu caminho praticaveis á artilharia.

A terceira base de defeza é determinada pelas posições de *Leiria*, *Chão de Maçãs*, *Thomar*, *Punhete* e *Ponte de Sôr*. Punhete que será o centro da defeza de Portugal ou da sua occupação deve sobretudo ser fortificado.

Emfim, quarta base de defeza consiste nos *entrincheiramentos de Lisboa* sobre as duas margens do Tejo.

Deve notar-se que as tres primeiras bases se ligam entre si, de maneira que sendo forçada uma das suas partes a que resiste se liga á base seguinte.

Cada uma d'estas bases diminue de comprimento á medida que se approxima da capital. Apoiam-se em bons obstaculos, interceptam todas as estradas e sustentam-se pela combinação dos movimentos das forças passando d'umas para outras posições. De tudo isto resulta primeiro uma concentração gradual e por fim *uma concentração total das forças defensivas em volta da capital*, emquanto que as forças dos atacantes são successivamente separadas pelo Mondego, pela serra da Estrella, pelo Zezere, e por fim pelo Tejo.

Ahi ficam summariadas as principaes idéas do illustre ajudante de campo de Massena ácêrca do ataque e defeza de Portugal. Confrontando este systema com o de lord Wellington nota-se uma grande semelhança nos pontos capitaes, como são a defeza concentrada junto de Lisboa, as batalhas no interior do reino, a simples observação das forças inimigas na fronteira da Beira e do Alemtejo pelas tropas regulares, e nas fronteiras do norte e sul pelas milicias e ordenanças. Ha porém um ponto em que Pelet se torna saliente e original: é a *fortificação na confluencia do Zezere com o Tejo*, a que liga uma enorme importancia para a defeza e occupação de Portugal, desprezando por inutil e má a praça de *Abrantes* que foi aproveitada pelos inglezes.

Vemos aqui a concepção primaria do *campo entrincheirado de Tancos*, que tem sido modernamente proposto por Osorio de Vasconcellos e outros auctores portuguezes, como a seu tempo veremos, na segunda parte d'esta obra

---

FIM DA PRIMEIRA PARTE

INDICES

INDICE GERAL

Pag.

Dedicatoria da 2.ª edição 5
Dedicatoria da 1.ª edição 7
Introducção..... 11

I PERIODO

A restauração da independencia portugueza

CAPITULO I — *Guerra da acclamação de D. João IV.*

Preparativos de guerra 15
Fortificação do reino 19
Planos de defeza do reino..... 23

CAPITULO II — *Guerra da successão á corôa de Hespanha.*

Causas da guerra..... 31
Operações militares..... 32
Reducção do exercito 36

II PERIODO

A gerencia pombalina

CAPITULO I — *Campanha de 1762.*

Preparativos de guerra 39
Operações militares..... 45

CAPITULO II — *Noticia bibliographica concernente á organisação militar do conde de Lippe e á defeza do paiz.*

Aperfeiçoamento das nossas instituições militares 59
Noticia de varios projectos do conde de Lippe..... 60

Pag.

Noticia de alguns trabalhos de outros auctores 64
Extractos d'uma obra de Dumouriez 65
Decadencia militar 69

III PERIODO

A guerra á França revolucionaria

CAPITULO I — *Campanhas do Roussillon e Catalunha.*

Politiça europeia 73
Auxilios á Hespanha 75
Soccorros á Inglaterra 76

CAPITULO II — *Negociações de paz mallogradas.*

Mediação da Hespanha 79
Preparativos de guerra em 1796 80
Negociações directas com a França 82
Preparativos de guerra em 1797 83
Ultimas tentativas de pacificação 86
Commentarios 91

CAPITULO III — *Noticia bibliographica de varios planos de operações.*

Plano de defeza em 1796 93
Annotações do mesmo plano 95
Mémoire sur la conduite de la guerre en 1797 96
Plan de défense en 1798 97
Plano de defeza da cidade e porto de Lisboa 99
Memoria sobre o ataque e defeza de Portugal em 1800 101
Analyse critica da mesma Memoria 105
Plano de defeza geral em 1800 111

CAPITULO IV — *Summario da campanha de 1801.*

Forças disponiveis 121
Disposições defensivas 122
Disposições das tropas inimigas 133
Operações no Alemtejo 134
Operações nas outras provincias 137
Commentarios 138
Mudança de commando e de plano 140

CAPITULO V — *Trabalhos topographicos e de reconhecimentos militares.*

Necessidade de os fazer 145

Pag.

Inicio dos trabalhos officiaes 145
Noticia de alguns trabalhos 146

IV PERIODO

O dominio francez em Portugal

CAPITULO I — *Noticia bibliographica relativa á defeza do paiz.*

Relatorio do conde de Goltz em 1801 151
Memorias do morgado de Matheus 152
Plano de organisação do exercito elaborado em 1801 155
Trabalhos da Inspecção das fronteiras 158
Organisação do exercito e defeza do paiz pelo marquez de Alorna. 161
Organisação do exercito e defeza do paiz por Gomes Freire..... 161

CAPITULO II — *Organisação militar de 1806* 171

CAPILULO III — *Summario da invasão e dominio de Junot.*

Causa da invasão..... 175
Marcha do exercito invasor 175
Medidas defensivas..... 179
Commentarios..... 180
Providencias de Junot para a defeza do paiz..... 181
Considérations militaires par Vincent 184
Reconhecimento da peninsula de Torres Vedras 186
Défense extérieure de Lisbonne 189
Defeza de Lisboa e praça de Peniche..... 190

CAPITULO IV — *A sublevação nacional contra Junot.*

Reanimação patriotica..... 191
Situação critica do paiz..... 192
Revolução geral em todo o reino..... 193
Reorganisação dos nossos meios de defeza..... 199
Commentarios 201

CAPITULO V — *Campanha de 1808.*

Plano offensivo de Wellesley..... 203
Commentarios 210
Operações preliminares da campanha..... 211
Posição e combate da Roliça..... 220
Commentarios 223
Operações immediatas á acção da Roliça 224
Posição e combate de Vimeiro 228
Commentarios 232

V PERIODO

A guerra peninsular

CAPITULO I — *Campanha de 1809.*

Preparativos de guerra 237
Disposição geral das tropas para a defeza 241
Disposições concernentes á defeza de Lisboa 244
Disposições relativas á defeza do Porto 253
Plano de invasão 255
Operações na fronteira do norte 257
Marcha de Soult sobre o Porto 264
Operações secundarias em torno do Porto 271
Planos de campanha offensiva contra os francezes 276
Operações offensivas contra Soult 281
Operações offensivas contra Victor 294
Reconhecimentos militares 303
Commentarios 308

CAPITULO II — *Noticia bibliographica de varios trabalhos preparatorios para a campanha de 1810.*

Mémoire militaire par Vincent 311
Plan d'une nouvelle campagne par Thiebault 318
Reconhecimento militar da fronteira da Beira 321
Documentos concernentes ao plano de defeza de lord Wellington . 322
Defeza de Lisboa ao sul do Tejo por Forjaz 328
Memoria sobre as linhas de Torres Vodras por John Jones 330

CAPITULO III — *Campanha de 1810-11.*

Theatro de operações 335
Disposições geraes defensivas 338
Disposições geraes do atacante 343
Operações iniciaes na fronteira 345
Operações na Beira Alta 351
Posição e batalha do Bussaco 355
Operações na zona central até á chegada ás linhas da capital 364
Demora de Massena na zona central em face dos alliados 369
Retirada de Massena e sua perseguição por Wellington 379
Plano offensivo de Wellington 386
Commentarios 387

CAPITULO IV — *Campanhas de 1812 a 1814* 397

CAPITULO V — *Noticia das providencias officiaes e alguns escriptos concernentes á defeza do paiz durante este periodo.*

Fortificações do reino 409
Reconhecimentos militares 410
Reducção do exercito 411
Reflexões militares sobre as campanhas dos francezes em Portugal 412
Coup-d'œil militaire sur le Portugal 413

INDICE DAS OBRAS CITADAS [1]

A

Pag.

Abel Botelho. A divisão auxiliar portugueza á Hespanha 73
Academia Real das Sciencias. Collecção de memorias..... 112, 146
Accurcio das Neves. Historia geral da invasão dos francezes em Portugal e da restauração d'este reino 112
Alorna (*Marquez de*). Projecto de defeza da Beira *..... 126
—Observações sobre a Memoria do general Dumouriez.... 161
—Reflexões sobre o systema economico do exercito 161
Antas Machado (*José de Moraes*). Idéa do plano de defeza da capital * 250
Archivo Militar. Noticia de varias memorias, cartas e reconhecimentos..... 146, 160, 410
Arnaldo Gama. Sargento mór de Villar (contendo uma nota sobre as fortições do Porto em 1809) 254
Arriaga. Historia da Revolução Portugueza de 1820..... .. 407

B

Barreiros (*Fortunato José*). Memorias concernentes á defeza de Lisboa e praça de Peniche..... 190
Brialmont. Historia do duque de Wellington 276
Brito Limpo. Batalha do Bussaco... 357
Bruno. Historia de Portugal..... 32

C

Calderon. De la Conquista y Pérdida de Portugal..... 19
Castello Branco (*Antonio do Couto*). Memorias Militares e politicas * 19
Chaby (*Claudio de*). Synopse dos decretos 16
—Excerptos historicos..... 73
Christovão Ayres. Historia organica do exercito portuguez..... 19
Collecção de reconhecimentos (manuscripta)..... 303
Cunha de Eça (*Lourenço Homem*). Memoria sobre a linha defensiva que deve cobrir Lisboa * 249

---

[1] O signal * indica que a obra foi extractada.

D

Pag.

Dumouriez. État présent du royaume de Portugal * 65
—Memoria sobre o ataque e defeza de Portugal * 101

E

Eliot. Tratado da defeza de Portugal * 304
Ericeira (*Conde da*). Portugal restaurado * 27
Exercito Portuguez. Varios artigos (Citados em diversas paginas)

F

Fernando Maya. Subsidios para a historia militar de Portugal..... 156
Forjaz (*D. Miguel Pereira*). Memoria sobre a necessidade da defeza de Lisboa pelo sul do Tejo * 328
Foy. Historia da guerra da Peninsula 176
Fragmentos d'um inedito de Historia militar (Anonymo) 33
Fririon. Journal Historique, etc..... 340

G

Goltz (*Conde de*). Relatorio apresentado ao governo em 1801 151
Galloway. Varias memorias..... 67, 69
Gouvêa Pinto. Memoria Estatistico-Historico-Militar 17
Guillon. Nos ecrivains militaires 66

L

Lafões (*Duque de*). Plano de defeza * 111
Latino Coelho. Historia militar e politica de Portugal..... 40
—As operações da campanha de 1762 e as reformas militares do conde de Lippe 40
Leitão (*João de Souza Pacheco*). Reflexões militares sobre as campanhas dos francezes em Portugal 412
Lippe (*Conde de*). Mémoire de la campagne en Portugal l'an 1762 *. 45
—Outros escriptos sobre organisação militar e defeza do paiz ..... 60 a 64
Lloyd. Memoire en the present state of Portugal..... 65
Londonderry. Historia da guerra da Peninsula 211, 289

M

Manesson Mallet. Travaux de Mars..... 22
Manuel Homem. Memoria da disposição das armas castelhanas * ... 24
Matheus (*Morgado de*). Memorias diversas em 1801 152
Mendes Leal. Elogio historico do duque de Lafões 85
Mesquita Carvalho. Guerra Peninsular. Commentarios ás operações militares..... 282
Monterroyo Mascarenhas (*Jose Freire de*). Viagem militar 31

N

Napier. Historia da guerra da Peninsula..... 209

Pag.

Neves Costa. Analyse critica da Memoria de Dumouriez * 105
—Memoria discriptiva das posições do terreno ao norte de Lisboa *..... 244
—Exposição dos factos pelos quaes se mostra ter sido portugueza a iniciativa do projecto para a defeza de Lisboa..... 393
—Varios reconhecimentos militares 105, 303, 410
Noble (*Le*). Mémoires sur les operations militaires des français en Portugal..... 254

O

Ordens do dia dos annos de 1809 a 1814. (Varios documentos)..... 409
Osorio de Vasconcellos. Estudos sobre a defeza do paiz..... 409

P

Palmella (*Duque de*). Quadro Politico da Europa em 1814..... 405
Palmeirim. Alguns factos militares portuguezes no seculo XVIII 60
Pinheiro Chagas. Historia de Portugal, popular e illustrada 40
Pelet. Coup-d'œil militaire sur le Portugal *..... 413

R

Rainsford. Observações topographicas relativas á Beira Baixa e Alemtejo 64
Rebello da Silva. Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII 22
Revista do Exercito e Armada. Varios artigos. (Citados em diversas paginas)
Revista Militar. Varios artigos (Citados em diversas paginas)
Revista das Sciencias Militares. Varios artigos. (Citados em diversas paginas)
Robinson. Lições de Historia militar..... 399

S

Sarrazin. Historia da guerra da Hespanha e Portugal 284
Soriano. Historia de El-Rei D. José..... 31
—Historia da guerra civil, etc. 62
—Collecção de documentos. (Citados em diversas paginas)
Sousa Pinto. A Campanha de 1801 e o duque de Lafões..... 111
Stockler. Annotações a um plano de defeza feito em 1796 *..... 95
—Cartas ao auctor da historia geral da invasão dos francezes em Portugal (com documentos) *..... 112

T

Taveira. Campanha do marechal Soult em Portugal..... 237
—Estudo sobre a importancia estrategica do Porto 261
Thiebault. Relação da expedição de Portugal..... 177
—Plan d'une nouvelle Campagne en Portugal *..... 318
—Reconnaissance militaire de la frontiére du Beira * .. 321

V

Pag.

Vilhena Barbosa. Estudos historicos 17
Vincent. Considérations militaires sur les frontiéres *..... 184
—Reconnaissance d'une portion du terrain en avant de Lisbonne *..... 186
—Mémoire sur la défense extérieure de Lisbonne *..... 189
—Mémoire militaire sur le Portugal * 311

W

Waldeck (*Principe de*). Réflections interminales et sommaires sur un plan de défense pour le Portugal em 1798..... 97
Wiederhold (*Barão de*). Ordens expedidas pelo quartel general do conde de Lippe em 1762-63..... 54
Wiederhold. Apontamentos para a defeza do reino. (Manuscripto).. 61
—Noticia historica do Archivo militar 64
—Notas sobre algumas manobras do exercito portuguez 74
—Crise do exercito portuguez no anno de 1801 e sua organisação em 1806..... 74

INDICE REMISSIVO

DOS

ASSUMPTOS MAIS ESSENCIAES

I — Preparação da defeza nacional

Necessidade de não descurar a defeza do reino, pag. 91, 158.
Incuria habitual dos nossos governos a esse respeito, 39, 69, 111, 180.
Estado deploravel a que se tem chegado nas occasiões de guerra por falta da necessaria preparação em tempo de paz, 39, 69, 105, 151, 154.
Falta de formação de generaes habeis, supprida pela importação de generaes estrangeiros em tempo de guerra, 18, 42, 85, 90, 123, 140.
Baldados tratados de paz e de neutralidade com as nações poderosas, 41, 74, 79, 82, 84, 53, 92, 158, 175.
Confiança que se póde ter nas allianças, 41, 76, 81, 82, 90, 233, 327.
Exemplos notaveis da possibilidade da defeza nacional, mesmo nas circumstancias mais criticas, 16, 40, 184, 192, 199, 201, 308.

DIRECÇÃO DOS TRABALHOS DE PREPARAÇÃO DA GUERRA:

— Conselho de guerra creado em 1640, pag. 16.
— Inspecção das fronteiras creada em 1802, 158.
— Commando geral de engenheiros em 1812, 409.

II — Estudo estrategico do paiz

Necessidade de estudar militarmente o nosso paiz, 119, 141, 145, 158.
Antigas tentativas a esse respeito, 146, 159.
Noticia de varios reconhecimentos militares, 60, 64, 66, 69, 85, 101, 146, 160, 182, 184, 186, 189, 190, 244, 251, 303, 304, 321, 323, 410.
Necessidade de catalogar e archivar cuidadosamente os trabalhos dos reconhecimentos e estudos da defeza, 62, 64, 81, 153, 159, 160, 244, 410.
Divisão estrategica do nosso territorio sob o ponto de vista da sua defeza, 115, 156, 159, 163, 305, 335, 414.

Theatro d'operações do norte

Observações geraes: pag. 23, 67, 94, 115, 123, 134, 167, 261, 305, 412, 414.

Linhas de invasão mais naturaes sobre o Porto:

Pela provincia do Minho (*via ferrea de Tuy ao Porto*), pag. 23, 122, 312, 414.
Pela veiga de Verim a Chaves, continuando por Braga, Guimarães ou Amarante, 46, 123, 261, 305, 414.
Pela parte central da provincia de Traz-os-Montes, 115, 306, 313.
Pela margem direita do Douro (*de Zamora a Miranda-Moncorvo*), 115, 129, 306, 313, 414.
Pela margem esquerda do Douro (*via ferrea de Salamanca ao Porto*), 125, 129, 141.

Linhas de defeza principaes:

Rio Minho, pag. 20, 115, 124, 167, 258, 260, 305.
Serra de Castro Laboreiro, 20, 115.
Rio Lima, 261, 273, 305.
Serra do Gerez, 20, 115.
Rio Cavado, 261, 305.
Rio Ave, 261, 267.
Rio Tamega, 264, 272, 274, 305.
Serra do Marão, 115.
Serra de Rebordãos, 123.
Rio Douro, 45, 125, 167, 284, 414.
Rio Côa (*curso inferior*), 116, 142.
Rio Vouga, 272, 273.

Pontos estrategicos e posições militares mais importantes:

Valença, 20, 61, 68, 273, 305, 414.
Caminha, 20, 68.
Braga, 94, 96, 124, 262, 265.
Montalegre, 20.
Chaves, 20, 45, 46, 61, 115, 122, 261, 305.
Salamonde, 115, 124, 262, 264, 293, 306.
Villa Pouca d'Aguiar, 263, 306.
Ponte de Cavez (*sobre o Tamega*), 264, 306.
Amarante, 125, 264, 274, 306.
Villa Real, 123, 124.
Bragança, 20, 45, 68, 124, 403.
Mirandella, 115, 123, 124.
Miranda do Douro, 20, 45, 68, 403.
Moncorvo, 115, 414.
Castello Rodrigo e serra da Marofa, 20, 47, 116, 126, 127, 414.
Lamego, 125, 143, 307.
Porto, 21, 66, 96, 98, 122, 143, 266, 268, 306, 319, 362, 414.

Factos notaveis e operações militares realisadas n'este theatro:

Campanha do conde do Prado na fronteira do Minho — (*Vide obra referida a pag. 27*).

CAMPANHA DE 1762:

— Observação e defeza da fronteira do Minho pelo marquez de Marialva, 47.
— Entrada dos hespanhoes pela fronteira de Chaves, 45, 46.

— Invasão pela fronteira de Bragança a Miranda, 45.
— Tentativa de passagem do Douro no Pocinho, 46.

CAMPANHA DE 1801:

— Instrucções do duque de Lafões para a observação e defeza da fronteira d'este theatro, 122.
— Concentração de forças inimigas na Galliza, 134.
— Disposições da defeza, feitas na fronteira do norte pelo marquez de la Rosière, 123.
— Diversão offensiva de Gomes Freire, partindo de Chaves sobre Monterey, 138.

INVASÃO DE 1807–1808:

— Entrada pelo Minho da divisão hespanhola do general Taranco, 175, 182.
— Sublevação contra o dominio de Junot, iniciada no Porto e promovida em Bragança, 193.
— Movimento de Loison, partindo de Almeida sobre o Porto, 194.

CAMPANHA DE 1809:

— Observação da fronteira do norte por Bernardim Freire e Silveira, 242.
— Operações offensivas de Soult, 257, 262.
— Defeza do rio Minho, 260.
— Defeza do valle do Tamega, 262.
— Entrada de Soult em Chaves e sua marcha sobre o Porto, 264.
— Defeza de Braga, 264.
— Defeza da linha do Ave, 267.
— Defeza da cidade do Porto, 268.
— Operações secundarias em torno do Porto, 271.
— Defeza da linha do Vouga, 272.
— Occupação do Alto Minho pelos francezes, 273.
— Defeza da linha do Tamega, e especialmente da ponte de Amarante, 274.
— Movimento offensivo de Wellesley, partindo de Coimbra sobre o Porto, 281, 283.
— Idem de Beresford por Lamego sobre Amarante, 284, 291.
— Tomada do Porto por surpreza, 288.
— Retirada e perseguição de Soult para a Galliza, 291.

CAMPANHA DE 1810–1811:

— Observação da fronteira do norte pelas tropas de milicias, 211.
— Diversão offensiva de Silveira partindo de Bragança sobre Puebla de Sanabria, 218.

Theatro d'operações oriental

(*ou entre Douro e Guadiana*)

Observações geraes: 23, 33, 67, 98, 101, 103, 125, 133, 137, 168, 176, 306, 330, 401, 412, 414, 416, 417.

Linhas de invasão mais naturaes:

Pela Beira-Alta (*via ferrea de Salamanca a Coimbra*), 49, 106, 125, 176, 353, 419.
Pela Beira-Baixa (*via ferrea de Salamanca a Abrantes*), 23, 107, 125, 177

Pela margem direita do Tejo (*de Coria ou Alcantara a Abrantes*), 23, 32, 67, 176, 180, 417, 419.
Pela margem esquerda do Tejo (*ramal de Caceres*), 23, 67, 109, 103.
Por Elvas a Abrantes (*via ferrea de leste a partir de Badajoz*), 23, 98, 315.
Por Elvas a Evora e Montemor (*via ordinaria e ferrea*), 103, 182, 315, 418.

Linhas de defeza principaes:

Rio Côa, 20, 47, 128, 168. 414.
Rio Mondego (*curso superior*), 48.
Serra da Estrella, 67, 116, 128, 168, 307, 412, 415.
Rio Alva, 49, 415.
Linha da Murcella-Bussaco-Caramullo, 415.
Rio Mondego (*desde Penacova á Figueira*), 205, 353, 415.
Ribeira d'Erjes (*ou Elga*), 20, 116, 117, 125, 128, 414.
Rio Ponsul, 00.
Linha das Talhadas, 32, 33, 51, 93, 95, 103, 107, 116, 169, 295, 322, 415, 419.
Linha de montanhas ao norte de Abrantes, 55, 178.
Rio Zezere, 23, 55, 108, 116, 178.
Rio Tejo (*desde o Erjes ao Zezere*), 33, 51, 53, 67, 106, 131, 168, 324, 412, 417.
Rio Sever, 51, 117, 131.
Linha de montanhas de Castello de Vide a Arronches, 20, 307, 412, 417.

Pontos estrategicos e posições militares mais importantes:

Almeida, 20, 33, 47, 48, 49, 61, 67, 68. 95, 97, 125, 127, 128, 142, 239, 307, 321, 322, 349, 414.
Posição da Cabeça Negra (*sobre o Côa*), 346.
Guarda, 48, 55, 103, 125, 126, 143, 307, 322, 385, 390, 414, 419.
Posição de Porcas, 126, 322.
Celorico, 48, 49, 67, 307.
Trancoso, 97, 142, 307.
Vizeu, 48, 94, 97, 125, 307, 353,
Posição da Murcella (*sobre o Alva*), 252, 336, 355, 382, 415, 419.
Posição do Bussaco, 252, 355, 361, 415, 419.
Coimbra, 98, 128, 282, 320, 364, 366, 369.
Belmonte, 55, 102, 307.
Portella da Cebola (*garganta do Zezere*), 253.
Serra d'Alpedrinha, 97, 128, 194.
Salvaterra do Extremo, 20, 48, 50, 61, 116, 125, 419.
Segura 20, 50, 116, 125.
Rosmaninhal, 20, 116, 169.
Monsanto, 20, 33, 116, 127, 322.
Castello Branco, 20, 32, 56, 95, 97, 102, 108, 414.
Sarzedas, 54, 102, 108.
Portella das Talhadas, 50, 116, 127, 137, 414, 4 5, 419.
Villa Velha, 33, 49, 51, 53, 95, 116, 125, 126, 417.
Abrantes, 20, 25, 48, 50, 93, 95, 98, 103, 108, 119, 137, 143, 212, 295, 296, 307, 414, 420.
Montalvão, 33, 103, 108, 168, 416, 417, 419.
Castello de Vide, 20, 33, 61, 110, 117, 169, 306.
Portalegre, 20, 33, 49, 56, 109, 118, 129, 132, 306, 319, 337, 381, 413, 416, 417, 419.
Campo Maior, 20, 36, 56, 61, 68, 129, 135, 168, 306, 387, 413.
Elvas, 20, 28, 34, 61, 68, 97, 109, 129, 135, 168, 196, 239, 306, 416.
Juromenha, 20, 61, 118, 130, 196, 413, 416.
Extremoz, 20, 28, 33, 34, 98, 109, 132, 196, 306, 416.

Ponte de Sôr, 169, 319, 413, 415. 417, 419.
Evora, 20, 28, 119, 197, 413.

Factos notaveis e operações militares realisadas n'este theatro

Invasão do duque d'Alva pelo Alemtejo sobre Setubal em 1850, 24.
Campanha do conde de Villa Flôr no Alto Alemtejo em 1663, 28.

GUERRA DA SUCCESSÃO:

— Operações do duque de Berwick nas margens do Tejo em 1704, 32.
— Diversão offensiva do conde das Galveias, partindo de Extremoz sobre Valença de Alcantara em 1705, 33.
— Diversão offensiva do marquez das Minas, partindo de Elvas sobre Badajoz em 1705, 34.
— Invasão da Hespanha pelo marquez das Minas, partindo de Elvas sobre Alcantara-Plasencia-Madrid em 1706, 34.
— Defeza da praça de Campo Maior sitiada pelo marquez de Bay em 1712, 36.

CAMPANHA DE 1762:

— Disposição das forças do conde de Lippe para a defeza simultanea da Beira e do Alemtejo, 47.
— Operações na Beira Alta, 48, 49, 55.
— Diversão offensiva partindo de Abrantes sobre Valencia d'Alcantara, 48, 49.
— Operações na Beira Baixa, 49, 50, 51, 54.
— Mudança d'operações da Beira para o Alemtejo, 53, 56.

CAMPANHA DE 1801:

— Instrucções do duque de Lafões para a defeza commum da Beira e do Alemtejo, 131.
— Operações no Alto Alemtejo, 131, 132, 134.
— Disposição das forças do marquez d'Alorna para a defeza da Beira, 126.

INVASÃO DE 1807–1808:

— Marcha de Junot de Alcantara sobre Abrantes, 175, 177.
— Entrada da divisão do general Solano pelo Alto Alemtejo, 175, 183, 193.
— Operações de Loison para subjugar os povos da Beira e Alemtejo, 194, 197.
— Disposição das forças regulares portuguezas contra Junot, 201.

CAMPANHA DE 1809:

— Occupação da linha do Tejo desde Abrantes a Alcantara, 281.
— Concentração do exercito anglo-luso em Coimbra, 282.
— Diversão offensiva do marechal Victor na Beira Baixa, 294,
— Concentração das forças de Wellington em Abrantes, 295.
— Concentração das forças portuguezas na Beira Alta, 297.
— Movimento offensivo de Wellington, partindo de Abrantes sobre Talavera, 302.
— Occupapão da fronteira do Alemtejo pelas suas tropas em retirada, 302.
— Marcha de Beresford da parte norte para a parte sul da fronteira da Beira atravez do territorio hespanhol, 302.
— Disposição do nosso exercito entre os rios Mondego, Zezere e Tejo, 303.

CAMPANHA DE 1810–11:

— Disposição do exercito anglo-luso para a observação da fronteira d'este theatro, 338, 348.

— Operações na fronteira da Beira Alta, 345.
— Operações do general Hill no Alemtejo e Beira Baixa, 346, 348.
— Marcha de Massena desde o Côa a Vizeu, 351.
— Retirada e concentração do exercito defensor atraz de Alva, 351, 354.
— Batalha do Bussaco, 355.
— Occupação de Coimbra pelos francezes e milicias, 364, 367, 368, 381.
— Perseguição sobre as communicações do invasor pelas tropas milicianas, 384.
— Retirada e perseguição de Massena pela Beira Alta, . 384
— Operações de Beresford na fronteira do Alemtejo contra Soult, 378. 381, 387.

CAMPANHA DE 1812:

— Operações na fronteira da Beira e do Alemtejo, 397.

Theatro d'operações do sul

Observações geraes: 23, 68, 118, 137, 167, 338, 412, 417.

Linhas de invasão mais naturaes:

Pelo Baixo Alemtejo (*via ferrea de sud'este*), 118.
Pelo Algarve (*via ferrea do sul*), 167.

Linhas de defeza principaes:

Rio Guadiana, 20, 118, 167, 168, 417.
Costa do Algarve, 20.
Serras do Caldeirão e Monchique, 119, 417.

Pontos estrategicos e posições militares mais importantes:

Mourão, 20, 118, 417.
Serpa, 20, 118, 417.
Mertola, 20, 118, 130.
Beja, 20, 98, 196.
Alcoutim, 20, 118.
Castro Marim, 20, 118.
Faro, 20, 183.
Lagos, 20, 61.

Factos notaveis e operações militares realisadas n'este theatro:

Diversão offensiva do conde de Schomberg pelas terras de Niebla em 1666, 28.

CAMPANHA DE 1801:

— Instrucções do duque de Lafões para a observação da fronteira d'este theatro, 129.
— Concentração de forças hespanholas no condado de Niebla ameaçando a fronteira do Algarve, 133.
— Defeza da passagem do Guadiana pelo conde de Castro Marim, 137.

CAMPANHA DE 1807-1808:

— Sublevação dos povos das provincias do sul contra Junot, 195.

Theatro d'operações occidental

(*ou da Extremadura*)

Observações geraes: 103, 169, 187, 189, 209, 245, 317, 332, 417.

Linhas d'operações mais naturaes sobre Lisboa:

Pela zona littoral desde o Mondego ao Tejo (*via ferrea de oeste*), 189, 209.
Pela margem direita do Tejo (*via ferrea do norte*), 189, 209.
Pelo valle do Sado e peninsula de Setubal (*via ferrea do sul*), 123, 329.

Linhas de defeza principaes:

Linha de Santarem—Rio Maior—Peniche, 186, 218, 316, 418.
Linhas de Torres Vedras, 170, 186, 209, 249, 330, 333, 391, 418.
Linha de Sacavem—Almargem—Carvoeira, (*ou Sabugo-Cintra*), 189.
Linha de Sacavem—Caxias, 189.
Linha da Cruz da Pedra—Carvalhão—Alcantara, 250.
Rio Tejo (*desde a foz do Zezere até ao mar*), 187, 247.
Linha de Setubal—Palmella—Moita, 329.
Linha de Almada—Rapozeira, 330.

Pontos estrategicos e posições militares mais importantes:

Leiria, 119.
Posição da Roliça, 214, 220, 223.
Posição de Vimeiro, 225, 228.
Peniche, 20, 120, 190, 307, 316.
Torres Vedras, 227, 325, 330, 391.
Mafra, 188, 332, 418.
Almargem, 126.
Chelleiros, 188.
Cascaes, 20, 185.
Tancos (*e Constancia*), 187, 412, 414, 419, 420.
Thomar, 189, 348, 419.
Santarem, 25, 119, 208, 210, 218, 307, 315, 372, 374.
Sobral, 186, 316, 325, 333, 418.
Montachique, 186, 332.
Bucellas, 186, 332, 418.
Castanheira (*Villa Franca*), 187.
Alhandra, 332.
Sacavem, 316.
Palmella, 120, 306, 329.
Setubal, 25, 120, 183, 185, 306, 330, 418.
Almada, 25, 185.
Lisboa, 20, 26, 66, 101, 106, 140, 170, 181, 186, 204, 312, 318, 329, 412, 418, 419.

Factos notaveis e operações militares realisadas n'este theatro:

Invasão do duque d'Alva, indo de Setubal desembarcar em Cascaes, 24.
Desembarque do prior do Crato em Peniche, 27,

INVASÃO DE 1807-1808:

—Occupação de Lisboa e seus arredores pelas tropas de Junot, 181, 182.
—Occupação de Setubal pelas tropas hespanholas do general Solano, 183.

— Disposições de Junot para a defeza de Lisboa e seu porto, 182, 218.
— Sublevação dos povos contra Junot e operações d'este para os conter, 193,
— Desembarque dos inglezes na costa de Lavos, 211.
— Marcha do exercito anglo-luso por Leiria e Obidos sobre Lisboa, 215.
— Operações da divisão do general Delaborde contra esse movimento, 213.
— Defeza e ataque da posição da Roliça, 220, 223.
— Concentração das forças francezas em Torres Vedras, 224.
— Defeza e ataque da posição de Vimieiro, 225, 228.

CAMPANHA DE 1809 :

— Concentração de forças entre o Tejo e Mondego, 278.
— Observação da linha do Tejo durante a offensiva contra Soult no Porto, 281.

CAMPANHA DE 1810-1811 :

— Movimento retrogrado do exercito anglo-luso do Mondego sobre Lisboa, 364.
— Occupação das linhas de Torres Vedras, 367.
— Reconhecimento e observação das mesmas linhas por Massena, 368.
— Defeza da posição de Santarem, 371.
— Occupação da zona marginal do Tejo entre Santarem e o Zezere, 373.
— Disposição do exercito anglo-luso em frente de Santarem, 374.
— Vigilancia da linha do Tejo até ao Zezere *(margem esquerda)*, 377.
— Retirada de Massena e sua perseguição por Wellington até ao Alva, 379.

III — Organisação dos elementos materiaes do paiz

Fortificações:

Noticia das antigas fortificações do reino, dispostas pelo systema de cordão, 20, 43, 68, 412.
Papel das nossas praças fronteiras nas passadas campanhas, 21, 27, 50, 57, 66, 68, 114.
Reconhecimentos das praças, 60, 160, 183, 416.
Providencias para pôr as praças em estado de defeza, 61, 339, 409.
Fortificações e praças a que se tem ligado mais consideração:
— Fortalezas de Lisboa e seu porto, 21, 22, 26, 29, 63, 99, 182, 186. 189, 250.
— Porto de Setubal, 21, 25, 120, 185, 339.
— Praça de Peniche, 21, 27, 61, 120, 179, 185, 190, 205, 339, 410.
— Linhas de Torres Vedras, 170, 186, 323, 338, 419.
— Praça de Elvas, 20, 59, 61, 94, 98, 179, 339, 410, 412.
— Praça de Abrantes, 20, 25, 339, 410.
— Praça de Valença, 20, 61, 94, 339, 410.
— Praça d'Almeida, 20, 61, 94, 98, 339, 410.

Subsistencias *(organisação dos recursos do territorio)*:

Influencia decisiva da sua falta nas operações da guerra. 49, 136, 339, 383.
Exemplos do modo porque se têem assegurado, 130, 132, 207, 278, 339.
Methodo a seguir (*proposto*), 63, 98, 113, 340.

Vias de communicação:

Sua preparação para facilitar a defeza e difficultar os ataques, 127, 342.

IV — Organisação das forças vivas da nação

Principios geraes a que deve obedecer a constituição militar, 112, 154.
Effectivos a que se tem chegado em tempo de guerra, 17, 32, 34, 44, 46, 89, 121, 338.
Providencias para pôr esses effectivos em pé de guerra (*mobilisação*), 43, 80, 122, 200, 338.
Organisação militar do conde de Lippe, 44, 59, 154.
Propostas do morgado de Matheus em 1801, 152, 155.
Organisação proposta pelo conselho militar de 1801 (*realisada em 1806*), 155 a 158, 171.
Organisação proposta por Gomes Freire em 1806, 161 a 167.
Necessidade de armadas para a defeza das costas, 26, 182.
Organisação das forças auxiliares, 32, 55, 76, 88, 183.

V — Planos d'ataque e defeza

Planos geraes propostos ou delineados por officiaes distinctos :

— Conde de Lippe (*simples noticia*), 64.
— General Dumouriez (*extracto*), 65, 101, 106.
— Duque de Lafões (*summario*), 111, 122.
— Principe de Waldeck (*extracto*), 97.
— Marquez de Bailly (*extracto*), 141.
— Marquez de Alorna (*noticia*), 161.
— Gomes Freire (*extracto*), 167.
— Coronel Vincent (*extracto*), 311.
— Duque de Wellington (*summario*), 202, 276, 322, 386.
— Capitão Eliot (*extracto*), 307.
— General Thiebault (*extracto*), 318, 321.
— General Pelet (*extracto*). 413.

Planos realisados nas campanhas do passado :

— Campanhas da guerra da acclamação, 27.
— Campanha de 1762, 45, 47.
— Campanha de 1801, 122, 134, 137.
— Invasão de 1807, 175.
— Invasão de 1809, 255.
— Invasão de 1810, 343.

Planos particulares á defeza da capital:

— Defeza exterior ao norte de Lisboa, 170, 186, 189, 190, 209, 227, 244, 249, 314, 316, 325, 331, 412, 418.
— Defeza interior ou immediata á cidade de Lisboa, 250, 333.
— Defeza do porto de Lisboa, 22, 26, 84, 94, 99, 181, 331.
— Defeza ao sul do Tejo defronte de Lisboa, 185, 277, 328, 377.

Planos particulares á defeza do Porto: 122, 243, 253.

Planos de concentração para observação das fronteiras: 123, 126, 130, 131, 241, 302, 351, 352, 415.

Diversões offensivas sobre a fronteira hespanhola: 28, 33, 34, 48, 104, 110, 113, 126, 138, 261.

Planos particulares ao ataque e defeza das costas:

— Observações geraes, 120, 167, 179, 181, 184.
— Plano da expedição ingleza em 1808, 203, 211, 220, 223, 228.
— Propostas do coronel Napier, 218.

CORRIGENDA

PAGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
11	24	de por si	de *per* si
29	3	Beriengas	Berlengas
29	4	em 1886	em 1686
31	4	seculo XXIII	seculo XVIII
36	17	peças	praças
36	28	e 2 em Traz-os-Montes	2 em Traz-os-Montes, *e 2 no Algarve*
36	40	de 1714	de 1715
114	21	guerra seguir	guerra *a* seguir
119	25	se me é licito explicar-me	se *lhe* era licito explicar-*se*
170	13	todos ao	todos *os homens validos* ao
224	17	Rollça	Roliça
227	8	assez	ainsi
228	29	infanteriam	infantaria
248	1	inadiavel	invadiavel
258	11	Salvatieira	Salvatierra
259	15	então	outro
260	40	barra do Minho	*bacia* do Minho
282	14	insufficientes	sufficientes
306	26	Santa Olaia	Santa *Eulalia*
319	10	chercera	cherchera
319	21	multions	munitions
360	35	similhantes,	similhantes *faltas*,
405	5	opareção	operação
407	5	arvorou	arvoraram
407	36	agora dos nossos	agora *de um* dos nossos

E outros de facil compre hensão.

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
A 000 081 027 5

University of California
SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
Return this material to the library
from which it was borrowed.

PREÇO, 1$200 RÉIS